This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

SA 6126.6

Harvard College Library

THE GIFT OF

EDWIN VERNON MORGAN

(Class of 1890)

AMERICAN AMBASSADOR TO BRAZIL

PANTHEON MARANHENSE

I

PANTHEON MARANHENSE

ENSAIOS BIOGRAPHICOS

DOS

MARANHENSES ILLUSTRES JÁ FALLECIDOS

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

... nam domesticis exemplis abundamus: cogitasse quidquam putamus indita sibi explendum, nisi quid laudabile esse, et proclarum videratur?

(CICER. PARAD.)

TOMO I

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1873

3-1

S-15,226.5

HARVARD COLLEGE LIBRARY
GIFT OF
EDWIN VERNON MORGAN
OCT. 22, 1915.
(4 vols)

AO ILL.^mo E EX.^mo SR. SENADOR

LUIZ ANTONIO VIEIRA DA SILVA

Offereço-vos este trabalho, não que o tenha na maior conta litteraria. Maus ou bons, os primeiros fructos são para as oblações, assim vol-os dedica

O Auctor.

I

MANUEL ODORICO MENDES

II

VISCONDE DE ALCANTARA

(JOÃO IGNACIO DA CUNHA)

III

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

IV

JOSÉ CANDIDO DE MORAES E SILVA

(O PHAROL)

V

SEÑADOR ANTONIO PEDRO DA COSTA FERREIRA

(BARÃO DE PINDARÉ)

ADVERTENCIA

Antes que alguem percorra estas paginas, haja por bem de ler o que ora aqui consigno com a abundancia de um coração agradecido.

Aos meus bons amigos, os srs. José Manuel Vinhaes, Themistocles da Silva Maciel Aranha e Martinus Hoyer sou devedor d'efficassissima coadjuvação; por isso que tomaram sobre si e com prestadia quão affectuosa espontaneidade sollicitar assignantes para o *Pantheon Maranhense*. Sem fazer distincção que mingúe minha gratidão para com estes cavalheiros, especialisarei comtudo o sr. José Manuel Vinhaes, que instava commigo ha mais de um anno para que escrevesse alguma obra; que elle se encarregaria da penosa e ingrata tarefa de promover sua venda.

Desalentado de todo em todo, e despersuadido de poder permanecer na Europa até que recobrasse a perdida saude, negava-me a isso, e só esperava monção asada para tornar-me á terra natal, quando veiu surprehender-me a agradavel noticia de que por influição do ex.mo sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva, com quem entretive na mocidade estreitas relações, fôra encarregado pelo ministerio da agricultura de uma importante commissão em Portugal.

Reanimou-se-me desde logo o espirito, e readquirindo ás subitas disposições para trabalhos mentaes, escrevi-lhe, debaixo de tão grata impressão, declarando-lhe que se porventura chegasse a emprehender alguma obra de folego, pertencia-lhe de direito. No primeiro affogo do enthusiasmo fiz imprimir e distribuir prospectos: tractei de colher apontamentos sobre as vidas dos que pretendia incluir no *Pantheon*, e metti mãos á obra. Veiu depois com a calma a reflexão, e com esta os receios e vexame proprios de quem se conhece pequeno. Comprehendi o que havia de arduo n'este commettimento, mas o passo imprudente já estava dado e recuar d'elle seria mais desairoso. Não esquecia, tambem, que

ía prestar a meu torrão natal um serviço não de todo improficuo.

Estava já em via de realisação o monumento que havia projectado levantar á memoria de Gonçalves Dias; não era, portanto, fóra de proposito, ajunctar-lhe como complemento a commemoração dos principaes lances das vidas dos benemeritos cidadãos que illustraram minha provincia. Se não tem esta obra nenhum merito, servirá ao menos d'impedimento a que se oblitere de todo a memoria das virtudes e feitos d'elles, ao mesmo tempo de espelho e incentivo ás novas gerações.

A alguem parecerá talvez demasiado pretencioso o seu titulo, não que o assumpto deixe de corresponder a ella e quadrar-lhe, mas em rasão de quem a concebeu e delineou. Sou o primeiro a reconhecel-o e teria adoptado outro, se o acanhado circulo a que circumscrevi-me e a obrigação que corre a todo o cidadão de venerar e honrar os preclaros varões que viram a luz sob o mesmo céu, me não desculpassem o atrevimento. Demais, se o soberbo condor desprende seus arrojados vôos por sobre os alcantis da nossa America em quanto a diligente abelha zumbe terra a terra, nem por isso

deixa cada um d'elles de cumprir seu fado na esphera que a Providencia lhe assignou. Alteiem-se muito embora os genios ás regiões onde só elles pódem chegar; que eu de longe os admiro e contento-me com honrar, do modo que cabe em minhas posses, estes que me são chegados pelo berço. Não ha que reparar nem motejar a quem, limitado a bosquejar os traços biographicos d'alguns dos illustres filhos d'uma provincia de quarta ordem, escondida em um recanto do norte do Brasil, contenta-se com isso. Não passam minhas aspirações do simples intento de indicar a meus comprovincianos a senda que devem trilhar, tomando por norma tão bons exemplos de casa, e aprendendo n'elles a se não desalentarem ante as agruras da vida e a persistirem desvelada e desinteressadamente no patriotico empenho de bem servirem a nossa mãe commum, fugindo com egual esforço os despenhadeiros onde outros precipitaram-se de abattidos e descrentes.

Reconheço que escrevendo sobre factos de nossos dias, irei acordar paixões sopitadas e offender melindres de quem talvez não suspeitasse tel-os; mas diz-me a consciencia que, sem affastar-me da mais

restricta imparcialidade e justiça, evitei juizos que parecessem gerados pela politica ou pelo desejo de cortejar opiniões e individuos. Maior escolho foi por certo o das repetições de factos de que me não pude eximir; porque os homens, cujas vidas escrevo, figuraram quási todos na mesma epocha, tomando parte nos mesmos acontecimentos, e isto em estreito circuito, tendo todos elles traços semelhantes uns aos outros, como de familia abrigada no mesmo tecto.

Se além do utilissimo fim a que me propuz com estas biographias, que andam já por umas vinte, vingar a fama d'alguns dos biographados do recinto da provincia do Maranhão, onde haverá leitores que se não enfadarão de tão insulsas narrativas, e lograr conhecidos fóra d'elle e d'extranhos, dou-me por bem pago. Oxalá que vá ao menos despertar em minha patria a idéa da construcção, na capital do imperio, de um templo que guarde as cinzas dos nossos homens eminentes por suas virtudes ou saber e lettras; ou fornecer a algum abalisado escriptor dados que lhe prestem para obra immorredoira.

A este dou de barato estas pedras toscamente lavradas para com ellas levantar edificio regular e soberbo já que me não consentem fazel-o as fôrças

bem mingoadas ainda em saude, e limitadissimas hoje em dia. Approveito comtudo as horas feriadas, que se me antolham breves, para pagar este humilimo tributo de homenagem e respeito a tão insignes conterraneos, e abrasado no sagrado amor d'esse torrão querido, venho depositar em joelhos e cheio da mais entranhada compuncção sobre suas campas estas agrestes e mal ennastradas capellas de saudades.

Lisboa, 28 de julho de 1873.

I

MANUEL ODORICO MENDES

Manuel Odorico Mendz.

Homme d'une modestie singulière et d'un désintéressement antique, n'attachant aux choses que le prix du devoir; fuyant les honneurs qui l'allaient chercher, simple de mœurs et de manières .....

(Cormenin — *Liv. des orateurs*, vol. I, pag. 155.)

I

Arrojado commettimento é de certo o meu em vir com inhabil mão respigar em seára, onde ceifaram com intelligencia e felicidade dois brilhantes e superiores engenhos [1]; ficaria porém manca e incompleta esta galeria, se não precedesse aos demais quem, como o fiel interprete de Virgilio e Homero, foi entre nós o iniciador do bom gôsto litterario e do esmerado cultivo da vernaculidade e das lettras classicas.

É sem contestação a esse benefico e vigoroso impulso, que deve o Maranhão o primar n'este ponto ás suas irmãs, e merecer de alguns escriptores o mui lisongeiro epitheto de Athenas brazileira.

[1] Vej. Francisco Sotero dos Reis, *Curso de litteratura portugueza e brazileira* (Maranhão, MDCCCLXVIII), vol. IV, de pag. 289 a 307; João Francisco Lisboa, *Obras*, vol. IV, de pag. 491 a 503.

Destinar-lhe-ía tambem este logar a prioridade do nascimento, se relevantes serviços á patria lhe não dessem a primazia entre os que vão comprehendidos n'esta obra.

Desculpa-me por outro lado tal arrojo a idéa de que, se os opulentos apresentam offerendas de subido valor e preço, não é menos bem acceite o minguado obulo do desajudado da fortuna.

Levado d'estas considerações que influiram-me no animo timorato e acanhado, e desculpam-me a ousadia, tentarei bosquejar a vida do maranhense, que, assegurando a prosperidade da patria com tamanha abnegação e civismo antigo, dignos de imitação, soube afama-la com suas lettras, que a abrilhantam e dão-lhe a elle justificado renome.

II

Ía apenas em dez annos de existencia politica o novo imperio brazileiro, e ainda não de todo desassombrado de vãos receios por sua independencia e autonomia tão recentes, quando sobre elle desencadeou-se tremenda e ameaçadora a procella das revoluções.

D. Pedro I, no fogo da juventude, não tinha para comprimirem-lhe a violencia das paixões mais do que o coração generoso e a indole liberal. Educado nas idéas absolutistas, com os exemplos maternos, e as discordias e solturas que íam pelos paços reaes, inexperiente e vacillante no tracto governativo, não tinha guia, que lhe apon-

tasse os escolhos, e o aconselhasse no manejo difficil e estranho para elle do officio de reger povos.

Cercado de aulicos, que só lhe recordavam o passado; se volvia para traz os olhos, oito seculos de obscurantismo negrejavam tetricos, deixando-lhe lobrigar entre trévas os cadaveres do conde d'Andeiro, dos Tavoras e do duque de Aveiro, gotejantes de sangue, e dominando este lugubre espectaculo a inquisição com suas fogueiras, e todo esse horrivel apparelho de oppressão e tortura da consciencia. Se encarava o presente, que era de hontem, deslumbrava-o a luz da liberdade por demasiado intensa.

Faltando-lhe portanto as normas da experiencia e da rasão calma e exercitada, que se adquirem com a practica dos negocios e a lucta incessante das idéas e dos interesses humanos, não soffria o joven monarcha contrariedades, e nem tinha animo para esperar que as vencesse a paciente e demorada acção do tempo.

O povo por sua parte, desconhecendo ainda seus deveres e direitos, alheio inteiramente das practicas constitucionaes e representativas, carente sobreposse de homogeneidade de pensamento, de vontade e de raças, cioso em extremo de sua liberdade, ainda havia tão pouco conquistada, e com o espirito de nacionalidade exaltado ao ultimo ponto, tudo eram para elle duvidas, temores, ameaças, de onde se originavam queixas, que se desafogavam com impeto, e algumas vezes de um modo tumultuario.

Em vez de se darem as mãos e de se entenderem estes dous poderes soberanos, para nascerem do mutuo ac-

cordo e auxilio a confiança e a harmonia, temiam-se e hostilisavam-se. D'este antagonismo reciproco, que se repellia de dia a dia, crescendo e se desenvolvendo sempre até a final tocaram-se, rebentou o 7 de abril de 1831.

Soçobrou assim o primeiro imperio, tombando despedaçado pelo tufão das iras populares o throno do fundador da dynastia brigantina na terra de Sancta Cruz, libertada do jugo e tutela da mãe-patria. D. Pedro I, refugiado a bordo de uma nau ingleza, confiou, como derradeira salvação da d'ella, seu filho, ainda menor, á honradez dos proprios motores da revolução, em que figurava entre os primeiros, não tanto pelas ousadias como pela cordura da indole e sensatez das idéas, Manuel Odorico Mendes.

Se o Brazil se não desmembrou n'essa hora e conservou a fórma politica e o systema por que ainda hoje se rege, deve-o, mais do que a qualquer outro, a elle que immolou no altar da patria os seus mais caros principios democraticos. Não o fez sem presentir, que para salvar a integridade do imperio, o monarcha ia perder a popularidade, e comtudo praticou-o com louvavel desassombro e perseverante desinteresse.

Outros que não tinham os meritos e serviços de Odorico Mendes, ou o emparelhavam n'elles, foram-se todavia acrescentando em honras e proventos, e galgando posições até o ultimo fastigio, emquanto que elle, modesto nas suas aspirações politicas, como sempre o foi nas litterarias, occultou-se na penumbra que projectavam os ambiciosos felizes. Quem o visse simples e affectuoso

no tracto, sem ostentação nem honras e beneficios, que o engrandecessem e o galardoassem, não suspeitaria nunca, que ali estava um homem, de quem já dependeram os destinos de uma nação.

III

Nasceu este preclaro cidadão em San'Luiz, capital da provincia do Maranhão, na casa de seu avô materno, Manuel Correia de Faria, sita na rua Grande, aos 24 de janeiro de 1799, vindo por seu pae, o capitão-mór Francisco Raymundo da Cunha, fazendeiro das margens do Itapecurú, de Antonio Teixeira de Mello, illustre restaurador do Maranhão do poder dos hollandezes; e por sua mãe, D. Maria Raymunda Correia de Faria, de Thomaz Beckman, irmão do infeliz Manuel Beckman, ou Bequimão, como o appellidavam os coevos e naturaes da capitania, e o escreveram os chronistas do seu tempo, manchando-lhe a memoria, que foi em nossos dias rehabilitada com muito talento e saber pelo distincto escriptor João Francisco Lisboa [1].

Não o acalentaram os affectos maternaes, que de nascença o tomou para si Manuel Mendes da Silva. Como este não tivesse filhos, o adoptaram, elle e sua mulher, por seu proprio, e como tal o amaram, e cuidaram com

[1] Vej. *Obras* de João Francisco Lisboa, tomo III, de pag. 181 a 284.

muita solicitude de sua educação. Foram elles, alem d'isso, que o levaram, a 2 de fevereiro, á pia baptismal, onde lhe pozeram o nome do orago do dia — o beato Odorico; mas elle de puro reconhecimento antepoz ao de baptismo o de Manuel, adoptando o appellido de Mendes para assim testemunhar ainda mais quanto sabia ser grato á memoria do seu bemfeitor.

Escoaram-se-lhe felizes os dias da infancia, repartidos entre os carinhos que lhe prodigalisavam os seus e a familia do irmão de seus paes adoptivos. Foi na casa d'esta onde mais se comprazia folgar com os da sua edade, e tambem onde se lhe desabrocharam na alvorada de sua primavera o estro poetico com os rebates e enlevos de um primeiro amor.

Foi seu mestre de primeiras lettras o virtuoso Sebastião David, em cuja aula mostrou taes disposições e aptidão ao estudo, que não foi preciso muito tempo para que ficasse habilitado para passar ao latim, disciplina esta regida então por fr. Ignacio Caetano de Vilhena Ribeiro, genio assomado, que se tomava de colera e rompia em excessos á menor contrariedade, mas que disfarçava esse defeito com o muito que sabia dos segredos de Virgilio e Horacio, e com a justiça que costumava fazer aos diligentes cultores do idioma do Lacio. Para com os discipulos applicados e que aproveitavam suas lições era todo brandura e indulgencia, e por isso Odorico Mendes era um dos que elle mais distinguia e poupava ás torturas da despotica palmatoria. Foi tambem elle seu mestre de rhetorica.

Quando andava nas aulas de latim, compoz Odorico seus primeiros versos, e o motivo que lhe inflammou a phantasia muito honra e exalta seu coração bem formado. É o caso: passava um dia pelo largo do Carmo, caminho da aula, quando deu de rosto com um escravo, a quem açoutavam no Pelourinho, em cumprimento de sentença judiciaria. Alguns mancebos empregados no commercio, que presenceavam o acto, mofavam do pobre suppliciado, respondendo com gargalhadas a seus afflictivos lamentos.

Não pôde conter-se o animo condoïdo do menino, cujo estro precoce incendeu-se de indignação á vista de semelhante espectaculo, produzindo este soneto, admiravel em quem contava só treze annos:

Despido em praça publica, amarrado,
Jaz o misero escravo delinquente:
Negro gigante de animo inclemente
Na mão tem o azorrague levantado.

A rir em torno, um bando encarniçado
Ao verdugo promette um bom presente,
Se com braço mais duro ao padecente
Rasgando for o corpo ensanguentado.

Homens, não vos assiste a menor pena
Dos sentidos seus ais, d'angustia sua?
Rides, perversos, d'esta horrivel scena!...

A sua obrigação, oh gente crua,
Faz o recto juiz quando condemna;
Tu, deplorando o réu, cumpres a tua.

Apesar de um verso errado e de outro frouxo guardava o auctor esta poesia tal qual a escrevera então, julgando

uma profanação alterar essa reliquia de sua infancia, e se a faço hoje conhecida, é apenas como auspiciosas primicias de um feliz engenho.

Leu-o fr. Ignacio, e achando-o muito superior á edade e aos conhecimentos de seu alumno predilecto, mostrou-o ao dr. Sabino, então secretario do governador do Maranhão, e auctor de obras poeticas mui bem reputadas na republica das lettras, taes como as tragedias *Bollivar* e *Ignez de Castro*. O poeta provecto o mandou chamar e animou-o, dizendo-lhe que perseverasse em cultivar as musas, que havia de ser um dia uma das glorias litterarias do Brazil: não andou errado no vaticinio.

Com o florejar da mocidade começou-lhe o coração a expandir-se, e elle familiar com as demazias das descripções amorosas dos poetas latinos, entregou-se sem reserva aos seus primeiros amores dedicados a uma das sobrinhas de seu pae adoptivo.

E podera, que tinha ella prendas e formosura para taes incitamentos e pagava ao seu adorador com não menos castas provas de correspondencia.

Nos dias feriados passavam as duas familias em uma casa de recreio que possuiam nas margens do Bacanga, e que ainda hoje está de pé, conservando o sitio o nome de *Alegre*. Ali, nas alpestres e rescendentes moitas, ou nas margens pardacentas e melancholicas do rio, sombreadas pelos mangues que as orlam com sua espessa folhagem verde-negra, recolhia-se o poeta horas descuidosas e perdidas a scismar amores e a conversar com as musas. Quadra de illusões é essa na vida do homem, e sobretudo

na do poeta! A exaltada phantasia vagueia sem norte, arrebatada pela paixão que a povoa de imagens seductoras; e os idyllios, as eclogas, as odes, os sonetos, generos então em tanta voga, resoaram da lyra do novel cantor. Não ha, comtudo, memoria d'essas producções, senão nas reminiscencias, aliás mui infieis, d'alguns dos contemporaneos da mocidade de Odorico Mendes.

Destinando-o seu pae adoptivo para a carreira da medicina, e completádas as poucas disciplinas de humanidades que se liam por esse tempo na capital do Maranhão, embarcou-se para Lisboa com destino a Coimbra, cuja universidade era, e o foi até ha pouco, quasi que o unico centro scientifico para onde convergiam as aspirações dos brazileiros com bens da fortuna que os habilitassem a frequentar estudos superiores.

IV

Chegado o nosso estudante a Lisboa, foi entregue pelo negociante encarregado de supprir-lhe os meios e de velar sobre seu comportamento, como então era de uso, aos cuidados e vigilancia de um dos almocreves, unicos conductores de malas do correio, de cargas e de passageiros, entre a capital e a cidade de Coimbra.

Começára para elle desde esse momento a iniciação dolorosa dos neophytos das sciencias. Aos incommodos da longa jornada por estradas intransitaveis vinha ajuntar-se o martyrio da má andadura das cavalgaduras e as

peças e zombarias grosseiras dos arrieiros, precursoras das troças, tributos a que os veteranos sujeitavam os novatos. Não ficava só aqui o atroz noviciado dos profanos; que as estalagens, onde descansavam para comerem e darem repouso aos pisados membros, ahi estavam para lhes pôr a provas a paciencia. Lá se descobre no meio de tudo isso seu lado picaresco com alguns sainetes picantes, e foi este em resumo o modo de transportar até 1850 os estudantes de toda a parte do reino para a Lusa-Athenas. Hoje, porém, com os caminhos de ferro tudo está mudado: o viver airado e ruidoso da mocidade que habita Coimbra, tão celebrado, perdendo o seu colorido sui generis, vae sendo invadido e modelando-se pelos habitos chatos e prudentes do burguez. Mais alguns annos, receio que ninguem comprehenderá o *Palito Metrico* sem glossas e commentarios, e a batina será talvez um anachronismo, como já o é o gorro, vencido pela cabelleira annelada e bem penteada. Mas já que a juventude da universidade de Coimbra vae reformando seus usos e costumes, até na parte economica, e tem certo tracto social, obrigada dos gozos e confortos da epocha, era de certo muito mais acertado e civilisador que tambem o fizesse no acolhimento que dá aos que buscam pela primeira vez a luz da sciencia. Faça hospedagem de irmãos, como lhe está pedindo o facto em si mesmo, aos que, curtidos de saudades da familia e do torrão ausente, que deixam pela vez primeira, ahi chegam receiosos e acanhados por saberem que sahem-lhes ao encontro só rudezas e maus tractos.

Pedem arrimo e guia aos mais adiantados e são, em

mal, recebidos por inimigos que têem por si o prestigio da força, o conhecimento do terreno e todas as armas em summa!

Se entre os povos, ainda os mais broncos e intractaveis, é bem-vindo o estrangeiro e hospedado com extremos de jubilo e afagos, como é que esses mancebos, na quadra toda de impulsos generosos e fraternos, com maior peculio de illustração e com essa convivencia, que pule as asperidades de indole e dão brandura e amenidade aos mais rusticos, commettem elles sem pejo actos da mais inqualificavel selvageria contra seus pares na edade e nos estudos, e para quem tudo é sombras e receios do desconhecido?

Em vez de lhes servirem de interpretes e protectores na difficil iniciação dos mysterios scientificos, tornam-se executores desapiedados d'essa estranha justiça, os ensurdecem com estrepitosas assuadas, os offendem com palavras e os ferem no physico, pondo-lhes mãos culposas! E o mais é que essa tyrannia só tem paradeiro com o acto do primeiro anno para aquelles que logram ser approvados.

Sobe-me a côr ao rosto quando considero que nós brasileiros, que procurâmos imitar os paizes mais adiantados no que ha n'elles de bom e util, adoptassemos no emtanto nas nossas faculdades scientificas essas carunchosas e estultas usanças de Coimbra! Já é pois tempo, estudiosa e intelligente mocidade do Rio de Janeiro, da Bahia, de San'Paulo e do Recife, de dardes de mão para todo o sempre a esses barbaros costumes!

Ainda tenho bem vivos na memoria os apertados transes por que passei em 1848 na faculdade de medicina do Rio de Janeiro, e comtudo ahi vão decorridos vinte e quatro annos! Eramos oitenta e tantos primeiranistas, e foi tal o acolhimento que recebemos por occasião dos exames preparatorios dos poucos veteranos residentes na côrte, que augurámos mal para nós da abertura das aulas. Não nos enganámos: foi um verdadeiro pandemonio! Ás pateadas, aos assobios e gritos discordes e imitativos de quantos animaes se lembraram, seguiram-se consoantes, ou antes acompanharam esse infernal arruido, as vias de facto. A uns cortaram as abas do paletot, a outros tiraram-lhes as gravatas, a este obsequiaram com um pontapé, áquelle com boa meia duzia de puxões de orelhas, e nenhum ficou incolume. A mim, cortaram-me um punhado de cabellos, mesmo na frente e tão cerce á epiderme que não tive outro remedio senão mandar rapar a cabeça! E ai do rebelde que se quizesse furtar a esses pesados e violentos tributos! Um, homem reforçado, filho de Minas Geraes, e entrado nos seus trinta annos, porque resistisse a dois imberbes, malhou-o a bom malhar uma turma de veteranos, e se não lhe reduziram os ossos a sopa, deveu-o á intervenção de uns quintanistas, que, condoïdos d'elle, o arrancaram das mãos dos encarniçados collegas.

A nossa mocidade academica que se congrega de improviso e em um só corpo quando atacam seus direitos ou a offendem, ou quando tracta de promover alguma acção nobre e generosa, tome a deliberação humanitaria e civilisadora de pôr termo de vez a essas deploraveis

antigualhas, e siga rumo contrario, tendo por norma as corporações scientificas da França, da Allemanha, da Italia, e da Inglaterra, e por timbre afagar de braços abertos aos que franqueiam os umbraes das nossas academias.

Ponderaram já o que ha de despotico e violento n'esses actos descommunaes?!..... Dois campos adversos, armados e impellidos pela vingança e ruins paixões, odeiam-se e dão-se pelejas mortiferas, accommettendo-se e defendendo-se: os prisioneiros de guerra, os criminosos detidos pela justiça, até os proprios escravos são em geral bem tractados pelos senhores, e não soffrem castigos se cumprem com suas obrigações e procedem bem; e todavia aquelles que, sedentos de saber, buscam as nossas faculdades, serão repellidos d'ellas e aggredidos por seus irmãos e collegas, quando lhes corria indeclinavel obrigação de os agazalhar e encaminhar na senda das lettras, das artes, e das sciencias, desfolhando-lhes n'ella flores para que não divulgassem os espinhos que ahi abrolham.

Se estas poucas considerações calarem no espirito da nossa mocidade estudiosa, cujos corações estão ainda isentos de todo o vicio, abandonará ella sem duvida alguma esses habitos tão improprios, ao menos assim o espero.

Não percamos, porém, de vista com esta digressão o nosso estudante.

Vinha elle na sua jornada de companhia com mais dois estudantes brazileiros e outros dois portuguezes. Estes para se livrarem da troça de certos veteranos que encontraram em uma das estalagens da estrada, foram

logo declarando que Odorico era poeta. Convergiram, pois, todas as attenções para este, a quem deram os veteranos como castigo o seguinte mote da *Marilia de Dirceu*.

Desfallece, cáe, urra, tréme e morre.

que elle glosou n'este soneto:

Sae Minotauro com feroz bramido
Pelo intrincado labyrintho horrendo,
Os passos multiplica a Theseu vendo,
Cego de fome em colera accendido.

Sem perturbar-se o moço destemido,
Mede o biforme atroz que vem correndo;
Ariadne bella dentro n'alma tendo,
Fica ainda mais que elle embravecido.

Que vae perdel-a, se na lucta expira,
Cheio de ancia e de amor o heroe discorre,
E esta lembrança mais lhe augmenta a ira:

Em furia o Minotauro tambem corre,
Preme-lhe o peito; o monstro a lingua tira,
Desfallece, cáe, urra, treme e morre! [1]

(Caminho de Coimbra, 1816.)

Em Coimbra, depois de frequentar as aulas de philosophia racional e de grego no collegio das artes, hoje enfeitado á grega com o appellido de lyceu, matriculou-se no curso de philosophia como voluntario, prestando exame no cabo das materias que constituiam os primeiros annos da faculdade medica e constituem em outras universidades da Europa materias accessorias.

[1] Este e o precedente soneto são ineditos.

Foram para Odorico Mendes esses dois annos de ausencia da patria bem angustiosos e repassados de saudades e melancholia.

Com o espirito inclinado desde a puericia ás musas, como já disse, vieram-lhe ainda mais incitar a phantasia seus tristes pensamentos e os poeticos e encantadores campos de Coimbra, com o sussurrante Mondego a espreguiçar-se por elles, soluçando plangente entre os alamos e sinceiraes, a quem beijam suas limpidas e serenas aguas. E quem deixará acaso n'essa terra tão louçã e formosa de ser poeta? E quando se o é de vocação, não ha n'ella tantos encantos a provocar e exaltar a imaginação para se ella desentranhar em cantos sonorosos?

Foi ahi, foi n'esse tempo tão placido e descuidado que Odorico compoz com todo o viço e ardor da mocidade. É n'essa primavera, que nunca volta, que o pensamento vôa nas azas das ficções doiradas pelas regiões dilatadas do ideal; é então que as crenças puras e a fé viva ainda não sentiram o halito frio do scepticismo a murcharem até as iniquilar as nobres aspirações e o enthusiasmo! N'essa quadra maravilhosa faz-nos a esperança entrever um mundo risonho de fagueiras illusões, e no futuro amplos horisontes, que, como as miragens deslumbradoras do Egypto, nunca encontrâmos depois na prolongação da existencia.

Nas horas que furtava aos estudos, entregava-se todo ás recordações da patria e da deusa de seus sonhos, traduzindo em estrophes esses favoritos devaneios. Foi então que escreveu uma excellente collecção de versos que,

por mal das lettras, perderam-se em uma das suas frequentes viagens do Maranhão para o Rio, quando de passagem na Bahia esteve n'uma hospedaria, onde lhe roubaram o bahusinho, em que a encerrava.

Por mais diligencias, que fez, nunca pôde rehave-lo, e nas constantes agitações politicas em que esteve sempre envolvido, não lhe sobrou tempo nem paciencia para recompo-las emquanto a memoria juvenil o podia ajudar. Pelo *Hymno á tarde,* que escapou d'esse lastimoso desastre, póde-se fazer idéa do muito que perdeu a nossa nascente litteratura.

Estava o poeta n'esse enlevo d'alma e na intima convivencia dos melhores engenhos que então ahi floriam, taes como Almeida Garrett, que o frequentava e respeitava a elle e a Manuel Alves Branco como os primeiros latinistas dos que, n'esse tempo, cursavam a universidade, quando veiu dolorosamente surprehende-lo a fatal noticia dobramente excruciante para elle da morte de seu pae e da do bemfeitor e pae adoptivo. A tão negro pesadume chegaram-lhe tambem, para mais exacerba-lo, terminantes ordens para se tornar á terra natal por falta de recursos que o podessem manter até conclusão de seus estudos.

V

Aportou ao Maranhão em 1 de dezembro de 1824; mas só tres dias depois pôde desembarcar, por ter sido o navio, em que vinha, aprisionado por lord Cochrane.

Ainda encontrou Odorico Mendes os espiritos de seus conterraneos mui agitados, que era de hontem a conquista da nossa emancipação, e o povo, não de todo confiado na sua força, duvidava do triumpho, e receiava-se de tentativas da metropole para restabelecer seu perdido dominio. Foi por esse tempo de tumultos e de manifestações enthusiasticas que chegou o poeta ao Maranhão. Se estremecia pelo futuro da patria, que tanto o preoccupava, anceava ainda mais por seus amores. Encontrava aquella no ardor explosivo do seu resurgimento ao sol da liberdade; mas a dama de seus pensamentos, aquella musa que lhe inspirára no céu estrangeiro tantos carmes, achava-a elle outra do que deixára: esquecida dos juramentos, dedicava seus affectos a outrem.

Na ausencia de Odorico, o confidente de seus amores, que lhe fôra companheiro dos folguedos, insinuando-se no animo fraco d'essa donzella, já por intrigas, já fazendo-a persuadir de que o amante longe d'ella por tantas leguas e por muitos annos havia de esquece-la por outra e pelos estudos, logrou senhorear-lhe o coração.

Com a chegada inesperada do amante, viu-se de improviso impellida de um para outro sentimento opposto, e vacillante entre ambos. Reviveram-se-lhe ardentes as lembranças do primeiro amor, os castos e eloquentes colloquios do poeta, seus desvelos e constancia, e ahi estava o outro que ainda na vespera a acariciava, mutuando-se na embriaguez da paixão promessas de perenne amor! Lucta horrivel se passou então na alma da mesquinha donzella, que na sua fragilidade, e sem resolução, entre-

gou-se toda a tão anciadas hesitações, d'onde lhe proveiu uma enfermidade que a fez succumbir dentro em pouco.

Não foram só tamanhas maguas que lhe pungiram o coração; que tinha mais de cuidar da mãe viuva e mais sete orphãosinhos que tomou a sua guarda e cargo.

Principiavam pois a desfazer-se as illusões do poeta, diluidas em abundantes e acerbas lagrimas!

Se perdeu o pae e o amor da mulher que adorára tanto, e sobrevinham-lhe os cuidados e encargos de uma familia, ahi estavam tambem os da patria que o enfeitiçavam, e lhe estavam a aconselhar afogasse n'elles suas dolorosas recordações.

Para espairecer e esquecer-se da mallograda paixão, dedicou-se Odorico com activo fervor á vida publica; mas com ella e com as pensões domesticas varreu-se-lhe o proposito de tornar-se a Coimbra, regularisados que foram seus negocios, e de formar-se ali em medicina.

Não ha carreira que encante mais, quando se deseja prestar serviços ao seu paiz, do que é a do jornalista. É n'essa tribuna universal que se desafogam os sentimentos que borbulham no peito do verdadeiro patriota, é d'ahi que se falla ás turbas, que se lhes inoculam as idéas, forma-se-lhes a opinião, se as inflamma e impelle para uma determinada meta. Negaciava ao inexperiente mancebo esse Protheu, e tanto pôde com elle que a 7 de janeiro de 1825 veiu á luz o 1.º numero do seu *Argos da Lei*[1].

[1] Era esse jornal impresso na Typographia Nacional em folha de papel almaço de tamanho regular, e em duas columnas; tendo quatro

VI

Arremessou-o na arena jornalistica, não só o meritorio designio de ser util ao paiz, como tambem animarem-n'o as instancias e conselhos de muitos concidadãos, «desejosos, diz elle, de que appareça pela primeira vez um periodico publicado por filho d'esta provincia...»

Dedicava uma parte de seu jornal á publicação dos actos officiaes, noticias nacionaes e estrangeiras, destinando, como elle por modestia o accrescenta, « uma *nesga* de papel para artigos de sua lavra, em que tracte de reformas na administração ou na moral publica, e de assumptos instructivos, resumidos dos publicistas europeus ».

Defrontou-se na lice com o *Censor* e o *Amigo do Homem*, redigidos, aquelle por João Garcia Abranches, e este por Chrispim, ambos portuguezes e que se mostravam

paginas, e sahia com muita regularidade ás terças e sextas feiras de cada semana.

Trazia como frontespicio no topo da primeira pagina o seguinte:

O

ARGOS DA LEI

N.º

Boas são leis, melhor o uso bom d'ellas.
A. Ferreira.

Do n.º 38 em diante foi modificado este frontespicio, tendo a numeração aos lados e por cima do titulo a corôa imperial.

Terminou sua publicação a 10 de julho d'esse mesmo anno com o n.º 45.

desbragadamente infensos á independencia e a toda a liberdade.

Como era natural em quem tinha amor entranhado pela patria e pelas instituições livres, o joven escriptor perdeu a calma das discussões graves, e por muitas vezes deixou-se arrastar para o terreno onde o provocavam estes adversarios, e degladiando-se com as mesmas armas dos doestos e das injurias, não se deixou vencer por elles, envolvendo com os imprudentes redactores todos os portuguezes que pensavam e obravam na mesma conformidade de pensamento. Alcançou com isso immensa popularidade, que se manifestou com toda a evidencia nas eleições de deputados á primeira legislatura de 1826–1829, depois da constituinte, e em que elle obteve votos para deputado por sua provincia natal quasi que por unanimidade.

Estava então na interinidade da administração da provincia seu amigo Manuel Telles da Silva Lobo, cujos actos, se os não louvava a todos, tambem não os censurava. Succedeu-lhe, porém, Costa Barros. No conflicto que se travou entre essa auctoridade e lord Cochrane, que não consentira que tomasse posse da presidencia, inclinou-se Odorico a este parecer e deffendeu o acto do almirante. É digno de notar-se o desassombro com que o joven escriptor esposou a questão, analysando com calor e energia os officios que se trocaram por essa occasião entre Pedro da Costa Barros e lord Cochrane. No n.° 23 do *Argos da Lei,* de 25 de março (1825), entre outras verdades duras a respeito do presidente, diz: «A correspondencia com lord Cochrane me tem feito conhecer que,

pelo menos, o nosso presidente nomeado é imprudente, e por isso pouco feito para governar povos, mórmente em crises tão arriscadas».

Em outro periodo, referindo-se á allusão que faz Costa Barros á pouca honradez de seu antecessor, averba-o de pouco siso, e «isto não indica senão muita ambição e raiva por se não ver logo e logo empossado do governo».

Valeram-lhe estas e outras censuras a má vontade do presidente, tanto que, por occasião de pleitear sua reeleição, encontrou-a em campo a combatter-lhe com toda a força a candidatura, empregando para frustrar-lh'a os elementos poderosos de que sóe valer-se o governo n'essas conjuncturas; mas ainda estava mui recente a nossa alforria para que o povo se deixasse corromper e abatter ante a ameaça e o suborno. A vontade do presidente foi quebrar-se de encontro á dos cidadãos que deram ganho de causa a Odorico Mendes, saindo seu nome das urnas eleitoraes victorioso e por uma brilhante maioria.

N'esse tempo de civismo e hombridade era assim que respondiam os maranhenses aos mandões que ousavam pôr mão sacrilega nas instituições, e pretendiam attacar seus direitos e suffocar suas consciencias.

VII

Sigamo'-lo agora em theatro maior, e onde vae elle representar importantissimo papel. Ei-lo na côrte do nascente imperio, n'esse fóco onde se congregam os repre-

sentantes da nação e se condensam as ambições, e d'onde dimanam tambem as graças e as mercês. Como centro do organismo social irradiam d'elle não só a acção do governo, como as mais tremendas manifestações da soberania popular.

Odorico era por esse tempo todo actividade e enthusiasmo: não trabalhava só nas sessões legislativas, como secretario da camara dos deputados, em todas as legislaturas em que tomou parte, havendo-se constantemente n'essa funcção com muito zêlo e circumspecção, senão que iniciou, entre outros projectos, o da abolição dos morgados, collaborou na lei eleitoral, e fez importantes emendas na de amortisação, de instrucção, e n'outros projectos de egual utilidade. Se o seu tempo não era ahi perdido para o paiz, repartia-o ainda com proveito não menor, auxiliando efficazmente os campeões da imprensa; e associado depois com Vergueiro, Feijó, Costa Carvalho (depois marquez de Montalegre), Paula e Sousa, e João Braulio Moniz, fundou a *Astréa,* jornal que tanta voga e prestigio teve em todo o imperio.

No intervallo da primeira sessão da legislatura de 1826 a 1829 foi para San'Paulo com Costa Carvalho, e ahi estabeleceram, a expensas d'este, a primeira typographia que houve na provincia.

Redigiram então ambos o *Pharol Paulistano,* que teve para logo muita acceitação nas provincias ao sul do imperio, e preponderou depois nos futuros destinos do Brazil.

Que de contrariedades e trabalhos se não antepozeram a elles n'esta empreza! Não poderam obter mais que um

typographo, e esse natural do Rio da Prata, que com a sua confundia a nossa lingua. Por esse motivo e para não demorar-se a saida regular do periodico, Odorico Mendes reunia ao trabalho da redacção de artigos, em que era quasi só, pouco produzindo os collaboradores, o de operario, aprendendo a arte typographica e servindo de ajudante ao typographo.

Alem dos artigos de polemica, ha n'esse jornal um apologo d'elle — *Os castorés*,— satyra engenhosa e pungitiva ás occorrencias d'aquella epocha. Começada, porém, a nova sessão em maio, deixou os collegas na redacção do *Pharol;* que mais graves negocios lhe estavam apparelhados nà côrte, e reservada para elle mais alta e melindrosa missão.

VIII

Começava o anno de 1831 turvo e agitado para o Brazil. O throno de D. Pedro I, abalado e oscillante, depois da infelicissima e mallograda campanha do Rio da Prata, estava prestes a derruir-se, precipitando-se no abysmo que lhe haviam cavado os erros administrativos. Queixavam-se os brazileiros, sobretudo os da classe militar, da protecção que o monarcha dispensava aos refugiados portuguezes, que esquivavam-se das suspeitas e atrocidades de D. Miguel ou das de seus fanaticos partidarios.

Vinham aggravar o exagerado espirito de nacionalidade alguns actos do imperante, nascidos de seus impe-

tos de mancebo. Conhecendo que o terreno movediço do favor popular tremia sob seu throno, quiz assegura-lo, tentando uma segunda excursão á provincia de Minas-Geraes, onde fôra recebido em 1820 com as mais significativas demonstrações de estima e respeito. Não colheu d'ahi senão dissabores, tornando-se para os paços de San' Christovam desanimado e abattido, e tendo já exprimido no decurso da jornada desejos de abdicar a corôa. Os disturbios da noite de 13 para 14 de março, conhecidos na historia por *noite das garrafadas,* vieram precipitar a quéda de D. Pedro I, que nem a mudança do ministerio pôde suster. No dia 7 de abril foi lavrada a sentença pelo proprio punho imperial, sem que precedesse ao acto da abdicação consulta a seu governo. Ao chegar o major Frias (hoje fallecido no posto elevado de general) aos quarteis do Campo de Sanct'Anna, achou reunidos ao general Francisco de Lima e Silva, a quem entregou o decreto, Odorico Mendes, o major José Joaquim Vieira Souto e o sr. conselheiro José Ribeiro da Silva, nosso actual ministro na Russia.

Triumphou assim a revolução sem encontrar resistencia nem custar uma gota de sangue, graças á resolução do imperador. Urgia depois da sublevação das massas estabelecer a ordem no campo victorioso, reprimir os desmandos da exaltação e conter as ruins paixões nos limites do honesto e do justo. Odorico Mendes e o sr. José Ribeiro da Silva escreveram n'esse intento aos representantes, que se achavam na côrte, no intervallo das sessões legislativas, convocando-os extraordinariamente. Reunidos que

foram os deputados e senadores presentes, foi nomeada por influição de Odorico Mendes a regencia provisoria, composta de Vergueiro, de Francisco de Lima e Silva e do marquez de Caravellas.

Era Odorico a alma e um dos principaes promotores de todos estes acontecimentos, desenvolvendo então espantosa actividade, de modo que se achava presente em toda a parte, já nos clubs a dirigi-los e anima-los, já nos quarteis, como emissario do partido de acção, para concertar com os militares os planos do movimento revolucionario.

Quantas vezes e com que esforço não teve elle de combatter aquelles que pretendiam derribar as instituições, fazendo sair da revolução a republica federativa!

Foi na loja maçonica da rua de Vallongo (hoje da Imperatriz) onde as discussões ácerca da mudança do nosso systema politico tornaram-se mais calorosas e renhidas. Oppoz-se elle com sua auctorisada opinião a essas tentativas radicaes, sustentando resoluta e energicamente a necessidade de conservar-se, no caso de abdicação do imperador ou do triumpho da revolução por outro qualquer meio, a monarchia constitucional. Bastava, segundo elle, a reforma da constituição, dando ás provincias mais franquezas, para que o Brazil endireitasse desafogadamente pela estrada larga da civilisação e da liberdade para sua prosperidade, e por isso instava para que se tomassem todas as medidas n'este sentido durante a menoridade. Compartilhava sua opinião e auxiliou-o n'esse proposito o celebre Evaristo da Veiga, redactor da *Aurora flumi-*

nense, e Odorico teve mais ǫ desvanecimento de logra-la apoiada por todos os militares, á excepção de quatro, que depois têem figurado tanto n'este reinado, recebendo favores mui assignalados do actual imperante, a quem entretanto desejaram com tamanho empenho tirar a corôa, substituindo-a pelo barrete phrygio!

E o que mais ennobrece e acrisola o patriotismo de Odorico, aliás nunca abalado, e honra assás sua immaculada memoria, é que, republicano de convicção e de principios, sendo essas as idéas politicas que sempre professou, e com que morreu, não as manifestava comtudo nem as alardeava e propagava, como querendo angariar proselytismo, impor-se ás massas e tornar-se notado; mas ao inverso d'isso, conhecendo que era um mal para o Brazil esse systema, attentos a falta absoluta de instrucção, o atrazo moral e material da população e sua divisão profunda, originada das condições sociaes e da diversidade de raças, sacrificou-as sempre e com o mais admiravel desprendimento no altar da patria, e ainda quando teve ensejo de ve-las vingadas, foi quem mais esforçou-se por contrasta-las.

Não está sómente n'estes factos o seu louvor e unico merito.

Quando José Clemente Pereira, depois senador e grande do imperio, e por tantas vezes ministro, quiz annullar a constituição de combinação com a *Sociedade das columnas,* de Pernambuco, indignou-se Odorico, e foi violento e sem misericordia na aggressão aos adoptivos e portuguezes que se ingeriam na politica do paiz e proclama-

vam o absolutismo. Enxergava n'essas propagandas e nos tramas occultos que as auxiliavam, as instituições periclitantes, e é por isso que rebellava-se-lhe o espirito contra a indebita e ousada intervenção de estrangeiros nos negocios do paiz, que tão pouco ainda havia saccudido o jugo da mãe patria.

Quem assim procedeu, quando a patria corria perigo, foi o unico a vir no dia da victoria com o manto de misericordia a implorar perdão e esquecimento para os inimigos. Quando elle viu espalhados pela cidade do Rio de Janeiro grupos da populaça, furiosos e armados, ameaçando os portuguezes, principalmente os apontados por influentes nas idéas de restauração do antigo regimen, foi sua voz a que se levantou a reprehender e aconselhar os exaltados, nos clubs, nas praças, e até no recinto do parlamento brazileiro, onde proclamou as mesmas doutrinas, dizendo com eloquencia e commovido: «perdoassemos os illudidos, lembrando-nos só de que elles eram nossos parentes, casados com as nossas irmãs, e que não fosse tal dia consagrado a vinganças!»

O povo brazileiro, sempre inclinado á brandura, e tão bom de coração e de indole, não póde conter-se que ao saír o orador do senado não o acclamasse enthusiasticamente, victoriando-o com applausos e derramando flores na sua passagem. Corridos de vergonha os mal-intencionados, deram de mão a todo o genero de perseguições, ficando assim burlados os turvadores das aguas revoltas.

Pagou, porém, Odorico bem caro tão esplendido trium-

pho, grangeado por tão extraordinario rasgo de magnanimidade.

Não é que lhe não acudisse de antemão o presentimento de que esse discurso ia acabar com a sua popularidade; mas nem por isso vacillou, e seguindo n'essa occasião os impulsos de seu bem formado coração, não o detiveram um momento considerações, e affrontou com todo o valor os delirios da opinião publica mal encaminhada.

Não se fez esperar o reverso da medalha. Reproduzamos para aqui suas proprias palavras: «Os que desejavam uma republica impossivel, passado o enthusiasmo publico, deitaram fel nas minhas intenções, e os meus ataques ao partido portuguez na sua força e poderio foram representados como contradicção com o perdão que pedi para elles abattidos!»

Com raras excepções é este o desfecho e o resultado das revoluções. É que a ninguem é dado, senão á Providencia, assignalar-lhes o caminho e os limites. São ellas na sua marcha qual rochedo que, impellido dos pincaros, vae arrastando na sua quéda tudo quanto se lhe oppõe; e ai do imprudente que ousa rete-lo, que ficará esmagado!

Quiz o patriota convicto e sincero impedir que sua obra se desacreditasse por excessos, e fosse além do fito, e propendeu para o lado dos moderados, uma das divisões politicas estabelecidas desde então na familia brazileira: *exaltados* e *moderados*, taes foram as denominações d'esses lineamentos dos dois grandes partidos constitucionaes que se combattem no Brazil no campo das idéas, e são chamados a governar alternadamente o paiz.

Tomando depois diversos nomes de guerra, conforme as transformações, as necessidades das luctas eleitoraes e os mesquinhos interesses individuaes, quer se chamem *luzias* ou *saquaremas,* liberaes ou conservadores, vão rastrear-se n'esses variados cambiantes das facções, que nas suas ambições variam de disticos, na côrte, e principalmente nas provincias, os principios oppostos, — uns que querem a immutabilidade dos preceitos constitucionaes, a centralisação e o enfraquecimento do elemento municipal, e aquelles que tendem para as idéas novas e progressistas, amam as grandes conquistas do entendimento, e prégam a descentralisação administrativa e franquezas provinciaes. Foi n'este que filiou-se Odorico desde 1834.

O nosso systema vae comtudo falseado por falta de perfeita descriminação d'estes principios, aliás tão necessaria á manutenção do equilibrio dos poderes do estado. Não caminham elles bem extremados, como convinha; porque as ambições desregradas tomam-lhes a dianteira, confundindo tudo para seus fins, e d'ahi são as instituições que padecem, imperando e invadindo tudo o poder executivo, sem que a responsabilidade ao menos o venha refrear ou contrabalançar este excesso.

Reconhecendo Odorico serenados os animos na côrte, e restabelecida a ordem em quasi todo o imperio, retirou-se para a sua provincia natal, onde ainda as paixões fermentavam com força, e pediam a sua presença e conselho para as applacarem.

Já haviam passado os tumultos de 13 de setembro,

dirigidos por seus amigos e compartidarios, e de que saíram-se vencedores. Achou-os Odorico no emtanto complicados na abortada tentativa de novembro, a maior parte d'elles homisiados, e José Candido de Moraes e Silva, seu antigo collega de Coimbra e seu irmão na communhão de idéas, mas chefe ostensivo dos tumultuosos, fugindo á prisão de que estava ameaçado, e como fosse perseguido com muita insistencia, vivia inquieto de esconderijo em esconderijo.

Procurou-o Odorico, e com lagrimas brotadas de tamanha desgraça, o lastimou. Se bem que improvasse esses excessos, entendeu que devia compartilhar a sorte do amigo, convidou-o para sua casa, e ahi o teve occulto até que José Candido retirou-se d'ella, por saber que lhe haviam descoberto o homizio. Não ficou o poeta só n'esta protecção; mas instou para a côrte pelo perdão dos indiciados n'este tumulto, obtendo a final por sua influencia um decreto de amnistia para os culpados.

Estes acontecimentos, que tanto o magoavam, não o demoveram todavia do proposito com que viera da côrte. Advogando no Maranhão as mesmas idéas de brandura e perdão aos vencidos, collaborou para o *Constitucional*, jornal que então redigia seu amigo e antigo condiscipulo Francisco Sotero dos Reis.

Paladino do esquecimento e da generosidade, veiu em artigos successivos prégar tão sãs doutrinas, embora desgostasse tão nobre e desinteressado proceder a amigos e correligionarios politicos, que pensavam de outro modo, e pozesse em risco suas relações com José Can-

dido, por sahir-lhe ao encontro das idéas por elle apregoadas no *Pharol Maranhense.*

Logrou o seu intento, abatteu por sua propaganda e conselhos a exaltação dos animos; mas a ingratidão e o esquecimento de seus conterraneos foram-lhe a recompensa de tanta abnegação e de serviços tão relevantes quão gratuitos. Victima de seu patriotismo, não foi reeleito deputado, como por essa occasião se propozera, e ainda é maior vergonha para nossa terra, que, em tantas eleições que se succederam até 1864, nunca mais foi incluido seu nome nas chapas que se disputavam os suffragios populares, nem fez parte de uma só lista triplice, em oito vezes que appellaram os maranhenses ás urnas senatoriaes n'esse tão longo periodo.

Não buscou tambem por sua parte a protecção do governo ou dos chefes dos partidos para que o impozessem candidato eleitoral, no que são tão useiras e vezeiras as mediocridades que por todo este Brazil medram aos centos; porque entendia que para cargos taes a escolha deve vir da maioria dos cidadãos espontanea e livre, que nunca obrigada e imposta. Este grande cidadão nunca mostrou-se arrependido do que fizera, antes satisfeito de si por haver offerecido em holocausto á felicidade da patria suas mais caras idéas democraticas, declarava muitas vezes que eram essas as mais gratas recordações que lhe restavam do tempo em que andára envolvido na politica militante; poisque tinha por extemporanea e arriscada a proclamação do systema republicano, principalmente quando via á testa dos negocios do

seu paiz um principe tão patriota, circumspecto e esclarecido.

Ainda ha mais um facto na vida de Odorico Mendes, alem de outros que não vieram á publicidade, que sobredoira e ennobrece suas raras excellencias, e dá mór relevo aos traços biographicos d'este insigne maranhense.

Quando o presidente do Maranhão, Manuel da Costa Pinto, mandou a 8 de agosto de 1828 prender violentamente e assentar praça no corpo de artilheria a José Candido de Moraes e Silva, redactor do *Pharol,* Odorico, que se achava então ahi no intervallo das sessões legislativas, tomou a peito o negocio, esposando a causa do perseguido, e não só dirigiu-se ao governo, representando contra esse acto, como tractou logo de publicar um jornal em deffeza do denodado escriptor; mas não conseguiu fazel-o imprimir na unica typographia que havia na provincia, que sendo de propriedade nacional, o presidente a mandou fechar a pretexto de que dava prejuizo! Não foi isto embaraço que demovesse Odorico de seu generoso intento, e recorrendo á typographia de Torres, no Rio de Janeiro, publicou um numero avulso do projectado jornal — *O Despertador Constitucional* — que fez distribuir por toda a provincia.

... «o bem do Maranhão, diz elle n'esse jornal, com data de 14 de agosto, exige de mim um sacrificio: devo consagrar-lhe a minha penna, e lhe consagrarei a vida, quando o despotismo ou a força m'a queira tirar. A minha opinião é immutavel: sou livre; professo as doutri-

nas que n'esta epocha trabalham escriptores abalisados por arraigar em todos os povos.»

Nobres e bellas palavras são estas!

Desculpando elle um pouco adiante o ter de tomar parte no jornalismo, sendo representante da nação, assim se expressa: «Talvez haja quem leve a mal que eu, sendo representante da nação, me entregue hoje á tarefa de escrever uma folha; mas, além de ser isso em geral de muita honra, é glória, uma vez que se tenha em vista a verdadeira utilidade.

«Se eu visse as auctoridades no Maranhão seguindo o caminho da lei; se eu visse que ellas, em vez de dar ouvidos á calumnia, e fomental-a, só tractavam de promover a felicidade publica, de certo guardaria inteiro silencio.»

Analysa em seguida com energia e calor o acto arbitrario do presidente, verbera-o com vehemencia e muita logica, e para dar mais authoridade a este escripto pozlhe a suà assignatura.

Considerae o denodo, a philanthropia e a dedicação com que veiu de abundancia de coração e de proprio moto interpor-se n'este negocio, excitando as iras e chamando sobre si a vingança de tão despotica authoridade. Tal procedimento está acima de todo e qualquer louvor, e é documento irrefragavel da sua independencia de character e nobreza d'alma.

Com a entrada de Antonio Pedro da Costa Ferreira (depois barão de Pindaré) para o senado, em 1834, occupou Odorico o logar d'este na camara electiva como supplente, que era, por mui poucos votos. Convem aqui ob-

servar que n'esse tempo votava cada provincia em tantos nomes quantos eram os representantes que lhe cabia, e eram os immediatos em votos supplentes para o preenchimento das vagas deixadas por ausencia ou morte dos membros da camara temporaria. Acha-se hoje abolida esta praxe por se lhe terem reconhecido os vicios e abusos.

Foi no mais acceso das luctas do agitado anno de 1831 que Odorico fez a traducção da *Merope,* de Voltaire, tirando-lhe as provas typographicas entre as brevissimas pausas das frequentes conferencias com os principaes personagens da conjuração, e nos intervallos das discussões nos ajunctamentos populares. No meio de tão estrondosos acontecimentos politicos foi que sahiu da Typographia Nacional do Rio de Janeiro esse trabalho em um folheto de 86 paginas em formato 16.°, producção de certo informe pelos erros typographicos, alguns dos quaes deturpam o sentido e contrariam as regras grammaticaes; postoque a fidelidade da traducção, a vernaculidade da linguagem e a harmonia dos versos deixam esses senões, meramente materiaes e prevenidos em *errata,* postos á banda.

Dedicou-o á sua mãe n'este sentido e singelo trecho:

«A ti, minha querida mãe, que me tens dado mil provas de ternura, que tens por mim padecido tantas penas, chorado tantas lagrimas, este saudoso filho te offerece a traducção da *Merope,* da tragedia mais grata, mais suave aos corações maternaes. Sei que, lendo estas palavras, teus olhos hão de banhar o meu pequeno livro: eis uma grande paga do meu trahalho.» M. O. M.

IX

Desgostoso das discordias que lavravam entre seus amigos, e por outro lado resentido da ingratidão dos conterraneos, retirou-se em 1834 com a mãe e irmãos para o Rio de Janeiro, não tornando jamais a ver a terra de seus amores, e por que sempre suspirou.

Quem esquivou-se a fazer parte da regencia trina, indicando para o substituir na lista, que triumphou, a João Braulio Moniz, seu amigo e comprovinciano; quem recusou uma das pastas do primeiro ministerio organisado pela regencia, volveu no emtanto pobre e contente á vida privada, e passaria por grandes privações se o não nomeassem inspector da thesouraria geral do Rio de Janeiro; mas ainda n'isto mostrou elle seus melindres de honestidade, porque, apezar de se acharem na suprema direcção dos negocios do estado seus amigos e correligionarios, teve escrupulos de acceitar tão modesto cargo, e só assumiu seu exercicio quando soube que não fôra re-eleito deputado; porque entendia que para desempenhar esse mandato popular com toda a independencia, como para deixar no publico pleno convencimento que dava seu voto com inteira liberdade e consciencia, devia assim proceder.

Que licção pouco vulgar encerram em si estes dois factos, e que sensivel contraste entre esse nobilissimo character e os dos ridiculos pygmeus de hoje, que enxameiam ás avenidas do poder, distanciando-nos tanto d'essa epocha por um tremedal immundo de servilismo e ignominia!

Retiremos penalisados a vista do quadro hediondo de miserias e impudor politicos que hodiernamente espanejam com ostentação e sem o menor pejo n'esta feira pintalgados arlequins. Não deploro tanto o enfraquecimento progressivo do espirito nacional, como a cegueira inconsciente com que muitos dos nossos homens publicos mostram-se satisfeitos de si, e apontam com sorriso mofador aquelles que esforçam-se por conservar seu nome e consciencia puros de qualquer pécha!

O que não vae de mercancias, de intrigas e de traições entre essas insaciaveis ambições, que se degladiam na nossa liça politica!... Não são as habilitações para os cargos, senão creados para serem dados aos mais favorecidos de padrinhos, e d'elles preferidos quasi sempre os mais ousados e servis, a despeito de supinamente ignorantes e madraços. Para esses taes são não raro os suffragios populares, passando da cadeira curul alguns d'elles a ter assento nos conselhos da corôa!

Não succede isto sómente no Brazil; mas por toda a parte que se rege pelo systema representativo, e até na propria Inglaterra, berço d'elle, e onde a indole do povo adapta-se e se lhe affeiçoa; lá mesmo já se vae manifestando a senilidade precoce do governo mixto, e como que as necessidades publicas exigem a sua reformação.

Ao observador calmo e imparcial afigura-se que vae elle esphacelando-se ante-sazão, e que tomado de diathese gangrenosa, desapparecerá um dia para imperarem sós os governos simples — soberania do povo ou do rei, direito da nação ou direito divino, e talvez não esteja para

muito tarde; que a marcha dos acontecimentos caminha rapida para uma tal solução.

Não era o patriota imperterrito para taes manejos, e o empregado de provincia, que rejeitára subir á mais elevada magistratura do seu paiz, via-se reduzido ao ordenado annual de 2:800$000 réis, e assim obrigado para poder manter com decencia a si e á sua numerosa familia a recorrer á improba tarefa de ensinar a meninos o francez e mathematicas elementares.

Em 1836 passou pelo desgosto de perder a mãe; desde então concebeu a idéa de tomar estado, e no seguinte anno casou com D. Heliodora Perpetua de Seabra, sua comprovinciana e da familia dos Moraes Rego; mas não decorreram muitos annos que se não visse privado de sua extremosissima companheira, que veiu a succumbir de uma rebelde enfermidade, em 1843, deixando perenne saudade ao poeta, que correspondia na mesma afinação a seus sentimentos amorosos. Ficaram d'este enlace cinco filhinhos[1], a quem serviu de mãe desvelada e amantissima a ex.ma sr.a D. Militina Jansen Muller, irman de Odorico, e que entrou para sua companhia aos dezeseis annos

[1] D'estes falleceu um, sobrevivendo ao pae quatro: o mais velho Manuel Odorico Mendes, hojé casado e com seis filhos, D. Leonilla Mendes, casada em Paris com o habil medico, filho de Henrique Cros, escriptor francez bem conhecido pela ousadia e franqueza de suas opiniões philosophicas, tendo d'este consorcio tres filhos; Alfredo Odorico Mendes, casado com uma prima, filha de Theodoro Jansen Muller, e Reinaldo Odorico Mendes, casado com uma filha do dr. Antonio Martins Pinheiro, da qual tem um filhinho. Vivem elles no Rio de Janeiro e todos occupando empregos publicos.

de edade para nunca mais separarem-se emquanto elle viveu, ainda mesmo em suas viagens.

X

Com os extraordinarios acontecimentos politicos em que tomára parte tão activa, e depois com os algarismos para o atordoarem de todo, ficaram as musas postas de lado, e aindaque o poeta lhes quizesse dedicar seus ocios, se lhe mettiam de permeio as linhas do *Deve* e *Ha de haver,* para lhe seccarem a veia poetica. Ainda assim não morria de todo n'elle o fogo sagrado, vindo a revezes despertal-o, se bem que raras vezes, do profundo lethargo em que o traziam engolfado os lançamentos, collectas e orçamentos.

É d'essa epocha a sua traducção do *Tancredo,* tragedia de Voltaire, que foi impressa no Rio de Janeiro na officina de Henrique e Eduardo Laemmert, em 1839, in-8.° pequeno de 169 paginas, e com o original francez ao lado. Foi reimpressa na collecção do *Archivo Theatral,* empreza litteraria de J. Villeneuve, proprietario e fundador do *Jornal do Commercio.*

São tambem d'esse anno uns versos que lhe pediram para com elles abrilhantarem a recita de grande gala que levaram no theatro por occasião do anniversario de Sua Magestade o Imperador, mas que não chegaram a recitar por taxarem-n'os de nimiamente democraticos.

Reproduzindo aqui essa ode, avaliar-se-hão melhor os escrupulos monarchicos dos cortezãos da epocha:

Á S. M. O SR. D. PEDRO II NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1839

A quatorzena vez (Brazil, exulta!)
O alvo dia volveu que amigo genio
Das mãos avaras arrancou do Tempo
Apenas reluzia sobre o horisonte,
Um porvir despontou de paz e de ordem,
A Independencia verdadeira ergueu-se;
Nutou em seus projectos a Anarchia,
Monstro infecundo, estragador do germen
Da nacional grandeza, o influxo estranho
Com riso amargo (hypocrita!), o saúda...
Filho da America, immortal carreira
Traça, Principe Augusto; acaba a empreza
Que infeliz Pae consolidar não poude!
Herdeiro das virtudes que a mãe terna
Do peito no sacrario agasalhava,
Sê com teu povo compassivo e brando.
Já se approxima a inesperada aurora
Em que a Lei d'este Imperio magestosa
Te convida a reger com braço herculeo
O esperançoso americano sceptro:
Então, sangue de Reis, não te deslumbre
O encanto do poder; ama, aprecia
Ser Brazileiro mais que ser Monarcha.
Vejo o engano sagaz lançar-te a rede:
Ah! não te colha nas traidoras malhas!
Pela orla do vaso mel suave
Te ministra a Lisonja; o fel da angustia
No fundo jaz. O intento que te anime
Seja o firmar teu solio sobre a larga,
Do amor do povo, indestructivel base.
Rodeia os olhos pelo Imperio immenso:
Que vês, que escutas, Principe sublime?

O almo terreno por colonos brada;
Pede o senhor dos rios que o navegues,
Ricas areias os demais te offertam;
Querem florestas em baixeis trocar-se,
Que a fé mantida, o orgulho do estrangeiro,
Auri-verde bandeira alçando abattam.
As bellas-artes teu bafejo esperam,
E as musas te preparam mil grinaldas;
Por desenvolver sob teu mando
Arde veloz commercio, industria sabia.
No tempo de paz tens de erigir-nos;
Neto de Affonsos brandirás a espada
Quando nos provocar á guerra insana;
Da honra zelador, dos bons costumes,
Serás o esteio da abalada crença!...
Quem, quem fará, Senhor, prodigios tantos?
Teu coração magnanimo, sustendo
A liberdade e o throno em laço eterno.

Querendo Sua Magestade conhecel-os depois, e ouvindo-os da propria bôcca do auctor, declarou-lhe que não continham elles cousa alguma que fosse contraria ás leis; «de sorte que os aduladores, como bem ponderou Odorico, queriam ser mais monarchistas que o proprio monarcha do Brazil!» Acham-se estes versos publicados na *Liga Americana*, jornal que então redigia conjunctamente com o seu amigo Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, ministro por varias vezes, já da pasta do imperio, já da dos estrangeiros, e que acabou visconde de Sepetyba. Os artigos mais notaveis que n'elle publicou Odorico, são uns em que combattia com mui bons argumentos as pretensões da França ao nosso territorio da Guyanna.

Das poesias manuscriptas, que perdeu na Bahia, considerava elle como pre-excellente uma epistola dirigida ao seu velho amigo, o conselheiro e senador José Cesario Ribeiro, hoje fallecido. Tinha toques verdadeiramente poeticos e arrebatadores, muita imaginação e riqueza de metro, segundo a opinião competentissima de quem m'o affirmou e ainda se recorda da impressão agradavel que lhe deixou sua leitura.

De tantas preciosidades litterarias só escaparam, por tel-os refeito o poeta de memoria — *O Hymno á tarde,* impresso em 1832 por Ignacio Pereira da Costa (o *Papeleta),* proprietario da Typographia Americana, e que foi reimpresso em diversas provincias, e no *Parnaso Brazileiro,* do ex.^{mo} sr. dr. Pereira da Silva, porém muito incorrecto, tambem no *Parnaso Maranhense* (1861, por B. de Mattos, Typographia do Progresso), e ultimamente reproduzido, já expurgado de erros, no *Brésil Littéraire* do sabio professor allemão Fernando Wolf; o *Sonho,* impresso igualmente pela primeira vez no Rio de Janeiro, e reimpresso depois em diversas collecções, já com este titulo, já com o de *A Morte,* como se acha no *Parnaso Maranhense* (pag. 214); e o *Meu Retiro,* dedicado ao seu amigo, o conselheiro Ernesto Ferreira França, e publicado na *Minerva Brasiliense.*

Acontece com os formosissimos versos de Odorico, como com certas obras de arte, que nunca envelhecem e nem perdem nunca o viço e a novidade, embora muito vistas e admiradas, antes se lhes descobrem, cada vez que se as observa, mais bellezas e perfeições.

Composto o *Hymno á tarde* em Coimbra, como já disse, respira em todo elle recordações saudosas, deixando transluzir, aqui e ali, a melancholica imagem da patria ausente.

Se por muito conhecida, escuso reproduzir por inteiro essa notabilissima ode; não succede o mesmo a estes trechos; porque retratam fielmente o que hia por essa alma tão candida e placida, onde não tinham guarida as paixões desordenadas, nem havia excesso no enthusiasmo com que manifestava suas idéas:

.....
Longe dos patrios lares, quem não sente,
Os arreboes da tarde contemplando,
Um subito alvoroço? Então pendiamos
Dos contos arroubados, que vertêrão
Propicios deuses nos maternos labios;
E branda mão apercebia o berço
Em que tenros vagidos affagava,
Infausto annuncio de vindouras penas.
Sobre o poial sentada, a fiel serva,
Que vezes attentei, chamando ao pouso
A ave tão util, que arrebanha os filhos,
E adeja e canta, e pressurosa acode!

Co' a turba de innocentes companheiros,
Agora sobre a encosta da collina,
A casta lua como mãe saudavamos,
E supplicando que nos fosse amparo
Em jubilosa grita o ar rompiamos.
Mas da puericia o genio prazenteiro
Já transpoz a montanha; e com seus risos
Recentes gerações vae bafejando:
Áquem ficou a angustia, qùe moderas,

Ó compassiva tarde! Olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pezadumes:
Ao som dos ferros o instrumento rude
Tange, bem como em Africa adorada,
Quando (tão livre!) o filho do deserto
Lá te aguardava; e o ecco da floresta,
Da ave o gorgeio, o trepido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras,
Tudo em cadencia harmonica lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida.

.....
.....
.....

Oh! venha a feliz hora que, da patria
N'essas fecundas, dilatadas veigas,
Tu mais suave a lyra me temperes:
Da singela Eponina acompanhado,
Na escura gruta que nos cava o tempo,
Hei de ao valle ensinar canções mellifluas:
Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,
Nos alvos pomos, no ademan altivo,
Irei tomar as côres que retratem
Da natureza os intimos segredos:
Do ardor da esposa, do sorrir da filha,
Do rio que espontaneo se offerece,
Da terra que dá fructo sem o arado,
Da arvore agreste, que na densa grenha
Abriga da pendente tempestade,
A sobreolhar aprenderei haveres,
A fazer boa sombra ao peregrino,
Ao dar quartel ao errado viandante.
Lá estendendo pelos livres ares
Longas vistas, nas dobras do futuro,
Entreverei o derradeiro dia...
Venha; que acha os despojos do homem justo.
Ó esperança, toma-me em teus braços;
Com a imagem da patria me consola!

Sente-se com a leitura d'estes versos as dulcissimas impressões que nos deixa o suspirar queixoso da brisa vespertina por entre a folhagem dos espessos arvoredos que sombream os nossos rios.

Com a morte da esposa adorada, seguida pouco depois da de uma filhinha, vieram segredar-lhe tristes e pavorosas idéas, que o acabrunhavam em extremo.

Pensando no fim da humanidade tão perescivel, tomou do pincel, e n'aquelle estylo e suaves tons com que traçou e coloriu as imagens tão amenas do crepusculo, diznos:

O furacão da morte
Entra medonho os campos da existencia,
Perdoa a seccos troncos,
Leva comsigo florescentes plantas,
Cuidados do colono esperançoso.

Sobre o meu leito pobre
Se debruça a cruel, fita-me os olhos;
Um perfido sorriso
Lhe torce os beiços pallidos... já vejo
As magoas, as saudades da partida,
Da patria o doce ninho,
Da mãe (tão terna!) as lagrimas sentidas,
Dos irmãos, dos amigos,
O ultimo adeus; e em Lethes ensopado
O negro manto, que me cubra a campa!

Quão triste a final scena!
Mas o quadro da vida ainda é mais triste!
As breves alegrias
N'um só ponto apparecem mal distinctas,
E sombream-lhe o fundo os infortunios.

. . . . . .
. . . . . .

No circulo afanoso
De meus juvenis annos nada tenho
Que agradeça ao destino.
Da velhice os pezares me aguardavam!
Contente apararei o extremo côrte [1].

Seu estro que na infancia se inflammára na presença do castigo inflingido a um pobre escravo, na edade madura, quando as peripecias do grande drama politico o traziam todo preoccupado, acudiu-lhe juvenil e vigoroso ao saber que o velho general Manuel Jorge Rodrigues fôra destituido do commando das armas do Pará pouco depois de haver perdido o filho no campo da honra, em que ambos se distinguiram briosamente a combatter em prol da patria! Tomado de indignação, e fallando pela bôcca do general, stygmatisou o poeta n'este soneto tão clamorosa injustiça:

Sempre a teu mando prompto obedecendo
Hei com meu sangue minha fé sellado;
Arrostei firme, ouvi desassombrado
«Da marcial trovoada o ruido horrendo.»

Hoje que á triste campa vou descendo
Queres-me ver, ó patria, deshonrado?
Dás-me este premio, quando nobre e ousado,
O ultimo bocejar te voto e rendo!

Ah! bem que estou no inverno tenebroso,
A minha espada é cortadora e forte,
O braço duro, o coração brioso!

Mas nem se me permitte, indigna sorte!
Que após meu filho intrepido e ditoso
Alcance ao menos uma illustre morte.

[1] Vej. nota A no fim do tomo.

Se morrêra para as illusões e deixára estalarem-se-lhe as cordas de oiro de sua lyra, nunca abandonou a que lhe vibrava energica ao menor perigo da patria; que a penna do publicista estava sempre aparada para acudir a sua deffeza. Foi assim que auxiliou seu amigo de eschola, F. Sotero, na redacção do *Constitucional,* e, de volta ao Rio de Janeiro, collaborou para o *Sete de Abril,* quando ainda era em formato pequeno, e onde de envolta com os artigos de polemica, publicou muitos versos satyricos e alguns artigos em prosa, no mesmo genero, que fizeram rir a todos a bandeiras despregadas e tiveram immensa voga no Rio pelo chiste e propriedade da critica.

Depois de retirado da politica por mais de sete annos, lembraram-se os habitantes de Minas-Geraes do zeloso e incansavel patriota, e foi Odorico, sem o sollicitar e menos ainda sem o esperar, eleito deputado geral por aquella generosa provincia na legislatura de 1844, e ainda achava-se com assento na camara temporaria, quando em setembro de 1847 retirou-se com os filhos e a irman para França.

Emprehendia essa viagem não tanto para abandonar de vez a politica, d'onde só colhêra desenganos e dissabores, sendo o menor d'elles o rumo, que seguia o partido, tão contrario aos verdadeiros principios da legitima liberdade, como para cuidar da educação dos filhos, não que na côrte do nosso imperio se lhe não proporcionassem meios de os instruir e tornal-os cidadãos dignos de prestarem serviços á causa publica, mas por economia. Parecerá de certo isto bastante singular a quem ignora o

animo liberal e bondoso de Odorico. Quem vinha de sua provincia sem recursos, ou os queria poupar, não carecia batter repettidas vezes para abrir-se a porta d'aquella casa e receber n'ella hospedagem gratuita, e isto sem mais ceremonia e nem grandes rodeios e rogativas; que sabia a gente que o hospedeiro não o aposentaria de má sombra: á colla d'esses hospedes vinham os convivas d'elles, e como se todos os dias houvesse ahi banquetes, enchia-se a mesa de Odorico, posto que despida de manjares exquisitos; mas onde, a vacca e o riso de fr. Bartholomeu dos Martyres eram infalliveis, que os labios se lhe não descerravam para dizer *não* aos necessitados e aos que valiam-se de sua complacente protecção.

Foi tambem parte para que se resolvesse a vir residir em França o achar-se já ali seu amigo Paulo Barbosa com a esposa. Odorico, amigo inseparavel e extremoso d'aquelle par, em cuja casa e sincera convivencia espalhava suas maguas e abria-se com a franqueza de quem sabia encontrar n'elles almas afinadas pela sua, e que lhe faziam esquecer-se das contrariedades e injustiças dos homens, sentiu tão dolorosamente esse apartamento, que no dia da despedida acudiu-lhe ao estro commovido esta poesia aprimorada e correcta, como tudo quanto saia d'aquella penna adestrada nas lições dos grandes mestres da antiguidade, como os leitores por si melhor o avaliarão:

Partis, adeus amigo, adeus senhora,
Cá fico um secco tronco em soledade:
Tam sincera sollicita amisade
Onde, oh! meu Deus, encontrarei agora?

Tantas finezas cada dia e hora!
Nas maguas—terno pranto e piedade!...
O peito se me alaga de saudade,
O coração de dôr suspira e chora.

Sei bem que ides gosar da culta França;
Que de inimigos alcançando a palma,
Cumpris vossos desejos e esperança:

Mas em mim a tristeza não se acalma;
Esta cruel ausencia, esta mudança,
Não é morte da vida, é morte d'alma!

(Rio de Janeiro, 1846.)

Mudou de clima, de relações, de scenario, do mundo emfim a que se affeiçoára, que não de habitos e costumes, cuja severidade e pureza não teve posse de destruir, ou ainda modificar esse torvelinho de mil distracções e perigos, que abala na moderna Babylonia a mais de uma robusta consciencia. Testemunha das peripecias que se succederam em Paris desde 1848, assistiu á acclamação da republica sobre as ruinas do throno de Luiz Filippe, aos delirios de junho e ao golpe de estado de Luiz Napoleão, que o seu espirito democrata e vidente já previa; e embora evitasse ingerir-se nos negocios do paiz, quando se lhe offerecia ensejo e acontecia fallar-se ao pé d'elle nas eleições de presidente da republica, não lhe soffria o animo que não aconselhasse se abstivessem de votar n'aquelle ambicioso; porque, sem a fortuna e as glorias do tio, tinha não somenos sede de dominio, e procuraria permanecer no poder por meio da oppressão

e da corrupção: a facção de 2 de dezembro de 1851 veiu dar razão ás suas bem fundadas previsões!

Vivendo retirado e estranho a tudo quanto não era seus trabalhos litterarios e seus livros, só levantava mão d'essas uteis e innocentes occupações para distrahir-se com os negocios e conchego domesticos, ou com as palestras dos poucos affeiçoados que frequentava, e cujo circulo quasi que se limitava ao dr. Caetano Lopes de Moura, a Paulo Barbosa, a Menezes de Drummond, nosso antigo diplomata, e sobretudo ao dr. Joaquim Caetano da Silva e a Gonçalves Dias, quando este por mais de uma vez residiu em París, e além d'elles a mais um ou outro brasileiro adventicio; preferindo d'entre os naturaes cultivar as relações de M. Ferdinand Denis.

Nas suas horas de recolhimento e trabalho não descurava a traducção da *Eneida*, que já o preoccupava desde o Rio de Janeiro, e que em 1854 deu á luz, sahindo dos prelos de Rignoux. Foi de certo bem memoravel acontecimento para as lettras patrias a publicação d'esse volume; e que de preciosidades de todo o genero não encerram de feito essas 392 paginas em typo compacto? A cada um dos livros do poema ajunctou o *fidus interpres* annotações que assaz abonam os conhecimentos do nosso poeta em philologia, archeologia e litteratura.

Apesar de consistirem suas rendas no pouco que lhe dava o producto dos bens que realisára em moeda antes de sua retirada do Maranhão e no exiguo ordenado da aposentadoria; pois que o titulo de addido de segunda classe era meramente honorifico e para fazer jus a perceber por

Londres seus vencimentos, ainda assim fazia milagres de economia para poder satisfazer sua paixão archeologica, e se bem que com sacrificios, emprehendeu varias excursões a sitios celebrados pela historia e pela poesia.

Assim fez de Paris uma digressão a Turenne, e d'ahi passou-se a Amboise na intenção de visitar Abdel-Kader; mas as auctoridades francezas, que detinham o audaz principe arabe, não consentiram que o visse! Percorreu em Tours todos os logares dos singulares feitos de Luiz IX, ficando enthusiasmado em Chambord por achar-se no theatro onde representaram-se as primeiras tragedias de Voltaire, e onde Molière serviu de actor nas suas immortaes comedias. No castello de Chenonceaux examinou, entre outras cousas, o quarto da celebre Diana de Poitiers, onde deparou o retrato d'ella com os attributos de *Diana Caçadora*, e á cuja vista, voltando-se para a ex.ma sr. D. Militina, que o acompanhou em todas as suas peregrinações e a quem devo estes apontamentos, exclamou: «Olha, mana, como os homens são miseraveis quando se tornam servis, que até das amantes dos reis fazem deusas!»

Tendo seu filho mais velho concluido os estudos em 1854, mandou-o para o Rio de Janeiro, onde foi vantajosamente empregado. Em 1856, depois de haver effectuado o casamento da filha, foi-se para a Allemanha, onde estavam estudando os outros filhos.

Depois de visitar algumas cidades d'aquelle paiz, voltou com a irman para Paris, onde publicou em 1858 a traducção de todas as obras de Virgilio com o patriotico titulo de *Virgilio brasileiro*. Consta ella de um volume em 8.º gran-

de formato do precedente, com 800 paginas, e impresso tambem em Paris, na typographia de Ranquet & C.ª

Preçedem a esta obra alguns juizos criticos a respeito de sua traducção da *Eneida,* e uma noticia da vida do poeta latino, escripta por Odorico. N'estas duas obras vem o latim ao lado do portuguez para confronte, acompanhando as *Bucolicas* notas mui importantes, e a cada livro das *Georgicas* e da *Eneida* outras não menos valiosas pelo conceito e merito litterario e scientifico.

A despeito do esmero com que o traductor reviu as provas, não saiu a obra tão expurgada de erros typographicos, como era seu maior empenho, mas mui factiveis em officinas estrangeiras e sem operarios que tenham luzes da lingua portugueza, sendo tambem para notar, que os auctores não são os mais competentes revisores de seus escriptos, como é bem conhecido de todos quantos teem lidado com a imprensa.

Por occasião de mimosear o celebre maestro Rossini, de quem era amigo e admirador, com um exemplar do seu *Virgilio,* enviou-lh'o acompanhado d'este soneto:

Vejo-te, não me illude a phantasia,
No Empyreo entrando, e pela mão saudoso
Teu Bellini a guiar-te radioso
Ao Creador eterno da harmonia.

Nos anjos logo excitas alegria,
No severo Moysés intimo goso,
Tu que, sublime, terno e religioso,
Nos inspiraste as maguas de Maria.

Fitando a mãe, o Redemptor exclama:
Este em sagrado musico se eleja,
Pois a mulher cantou que Deus mais ama:

Elle os meus córos alternado reja;
Elle despreze a vil terrena fama:
Juncto ao propheta-rei seu posto seja.

Tinha pois chegado ao termo de duas grandes tarefas que se havia imposto: concluíra a versão do seu auctor de predilecção, pagando esse brilhante e publico tributo de homenagem ao genio portentoso do fecundo e glorioso tempo de Augusto, e seus filhos achavam-se todos com os estudos completos e aptos para seguir a vida publica. Tendo-os feito partir com destino ao Rio de Janeiro, e sem mais pensões de familia que o retivessem em Paris, onde soffria na saude, mais ou menos, desde que teve em 1852 uma febre gastrica, que poz em risco seus preciosos dias, e de que o tractou seu particular amigo o dr. Caetano Lopes de Moura, cuidou em mudar-se para clima mais temperado. Desde aquella enfermidade que entrou a sentir accessos de dyspnea, e cansaço quando subia ou fazia qualquer excesso, capitulando uns facultativos a esses symptomas de lesão organica do coração e outros, com seu genro, de ataques asthmaticos. Por conselhos medicos transferiu-se em principio de janeiro de 1861 para a Italia, elegendo para sua residencia habitual a cidade de Pisa, onde começou a passar tão bem, que metteu peito a commettimento muito maior, como fosse a trasladação para a lingua portugueza dos poemas de Homero, em cuja lingua era tão versado como na latina.

Trabalhava Odorico n'esta obra como o operario que traz contado o tempo da empreitada, e curvado á mesa do estudo desde as seis horas da manhan, e no verão muito mais cedo, só a abandonava ás oito e nove horas da noite, empregando o fervor de quem presente o fio da existencia prestes a ser cortado e deseja ter tudo em ordem e disposto para a viagem eterna, e não havia rasões e conselhos que o demovessem d'este laborioso empenho. Parecendo á sua desvelada irman que tanta fadiga lhe fizesse mal, observou-lh'o por varias vezes, no que a acompanhava a dona da casa onde moravam, accrescentando esta que seu hospede trabalhava mais que um escravo, ao que objectava Odorico: «Não me importa que me faça mal, com tanto que eu acabe o Homero!»

Achava-se na Italia, no paiz de seus sonhos litterarios, das maravilhas da arte, e onde o bello se nos apresenta com todas as suas galas, seu esplendor e magestade, e enebria o espirito com as obras primas da pintura, da architectura, da estatuaria, da musica e da poesia, escripta n'essa lingua toda harmonia e doçura. Para dar treguas ao seu porfiado labor, emprehendia com a irman frequentes digressões em devotissima romaria, não lhe escapando sitio notavel por algum accidente ou circumstancia, que não visitasse.

Assim assistiu em 1862 á Semana Sancta em Roma. Foi grande a impressão que teve ao entrar em San'Pedro e em outros monumentos; mas sobretudo no Colliseu. Sua physionomia alterou-se e não pôde conter-se que não exclamasse com os olhos marejados de lagrimas: «Estamos

pisando esta terra ensopada de sangue de nossos irmãos!» Demorou-se quarenta e oito dias na cidade eterna, e ao retirar-se para Napoles, repettia muitas vezes que se tivesse ali um parente ou amigo, ficaria pelo menos um anno, tamanho era o prazer que experimentára entre aquellas maravilhas. O que o levava a esta cidade era o tumulo de Virgilio, e logo que chegou ali, foi ao Pausilippo, ficando indignado ao ver o abandono e desleixo em que tinham os napolitanos aquelle logar sagrado! Ahi depositou uma corôa, indo em seguida visitar todos os sitios cantados por seu poeta, examinando com muito cuidado a gruta da Sybilla, que achou conforme á descripção de Virgilio, apesar dos seculos transcursos sobre ella.

Depois de visitar Pompea e Herculanum, foi a Puzzolo, onde San'Paulo desembarcou, e na tornada á Pisa passeou por varias cidades da Toscana, enthusiasmando-se em Florença com os primores de Miguel Angelo, como já lhe tinha acontecido em Roma, sem saber decidir entre este e Raphael a qual cederia a palma, tão sublimes achava-os ambos!

De volta á Pisa continuou com a sua traducção, evitando travar alli conhecimentos que o viessem distrahir de seu trabalho, de modo que dava-se apenas com uma familia italiana, que frequentara de antes em Paris, e em cuja casa passava algumas noites.

Acabada a *Illiada* nos primeiros dias de janeiro de 1863, deu logo começo á traducção da *Odyssea,* deixando n'esse mesmo mez sua residencia para emprehender novo passeio. Foi a Genova e d'ahi a Bolonha e a Ferrara,

em homenagem a Tasso e a Ariosto, e d'esta ultima cidade chegou até Veneza, onde examinou as lagunas, San'Marcos e tudo quanto havia de mais recommendavel na cidade dos doges. No cabo d'esta visita disse elle á sua inseparavel companheira: «É admiravel, mana, ninguem póde fazer uma idéa exacta do que é Veneza, é mais do que se imagina, vae alem da mais exagerada concepção». Deteve-se ahi alguns dias, passando-se depois a Mantua no proposito de ver o logarejo onde nasceu Virgilio. Lá bebeu agua de um regato que julgou ser o decantado pelo poeta e trouxe do campo algumas flores agrestes. Seguiu para Milão, onde o lago di Como e o celebre Duomo o maravilharam. Na sua intima satisfação repetia com um de seus poetas favoritos:

«Vi Roma, vi Veneza, vi Milão»

Pensou então na Grecia e na parte da Troada, onde figura Homero passadas as acções de seus heróes, e para isso sollicitou do governo imperial o logar de encarregado de negocios em Constantinopla para assim ter meios com que podesse realisar tão justo designio; mas deram-lhe o consulado com 4:000$000 de réis fracos, que reunidos aos vencimentos de sua aposentadoria perfaziam a somma de 6:400$000 réis da nossa moeda. Ora com tão mesquinha quantia não era possivel fazerem-se viagens dispendiosissimas como essas; por isso tomou tal nomeação como um descarte e burla, e recusou-a, explicando a Sua Magestade Imperial em uma respeitosa carta os motivos por que a não podia acceitar. Por muitas vezes lastimava-se

de não poder fazer por si as investigações archeologicas com que pretendia enriquecer a obra em que se aprimorára e tinha por ultima!

Quando estava a ponto de concluir as suas traducções, tractou de deixar Pisa, e partindo para Niza, d'ahi passou-se para Paris, onde chegou em julho de 1863, e dentro de um anno acabou a *Odyssea*, sendo esse dia festejado pela familia.

Dera já a ultima demão a esses trabalhos, e os havia polido quando veiu a morte colhel-o inopinadamente, e roubar-lhe o prazer de gosar da justa avaliação d'esses relevantissimos serviços prestados ás lettras e á lingua vernacula, cujo estudo constituio seus principaes desvelos e delicias.

Os breves ocios que furtava a tão meditado trabalho, empregava-os utilmente, já discutindo com os amigos, já elaborando um tratado de orthographia portugueza, que não chegou a concluir, ou escrevendo ao correr da penna um opusculo, em que revindicou para Portugal e para Francisco de Moraes os direitos de nacionalidade da *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*, que a posteridade lhes tinha até-então negado, dando a obra como de origem hespanhola e seu legitimo auctor como um mero traductor d'ella.

Odorico, ardente enthusiasta e incançavel investigador da litteratura portugueza, tanto com ella se familiarisára, que, no seu longo e assiduo manusear os classicos, imitava como recreio, mas com toda a propriedade, o estylo e donaires de qualquer dos escriptores da edade aurea da

lingua portugueza. Mas de tudo isso nada o maravilhava tanto como o poema de Moraes. Quanto mais o lia, mais se convencia que era de origem portugueza e não descançou no proposito de restituir ao escriptor portuguez a herança de que fôra defraudado, ia já em tantos annos! E de feito o conseguiu sem que possa ficar a quem ler attentamente o *Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu auctor* (folheto em 8.º com 79 paginas, impresso em Lisboa, em 1860, na typographia do *Panorama),* a mais leve sombra de duvida de que Moraes é o legitimo auctor da *Chronica do Palmeirim.* Por elle conhece-se o amor e profundeza com que perqueriu tão intrincado e obscuro assumpto. Não é menos para admirar a logica e apurada critica com que illumina e resolve os pontos contestes, destrinçando todas as duvidas, e de modo a deixar-nos inteira convicção da paternidade d'essa primorosa obra de cavallaria.

Alem d'estes escriptos litterarios, encontram-se muitos artigos seus espalhados por diversos jornaes, entre outros na *Aurora* do famoso patriota Evaristo da Veiga, no *Jornal do Commercio,* etc.; porém o mais importante e de maior tomo veiu no *Iris,* periodico que foi redigido pelo sr. conselheiro Paranhos (hoje visconde do Rio Branco), em refutação ás calumnias assacadas contra o nosso imperio e escriptas pelo conde de Susenet, debaixo do pseudonymo de Chavannes, na *Revue des Deux Mondes,* que tem sido franco pelourinho onde açoitam ingratos levianos a nossa reputação como povo civilisado. Foram estes artigos de Odorico reproduzidos no *Correio*

Mercantil, e lidos com avidez e applauso por todos quantos prezam esse torrão favorecido por Deus.

XII

Satisfeita sua ambição de educar os filhos, e rendido preito ao genio da antiga Grecia, pensou em tornar-se para o seu berço natal. Sentia já tropeçarem-lhe os passos caminho da sepultura que os annos lhe estavam a cavar, e vieram saudades d'aquelle céu esplendido e d'aquella luxuriosa natureza, onde na sua primavera devaneára amores e poesia. Escreveu-me então por mais d'uma vez, assegurando-me que era seu maior desejo cerrar os olhos e descansar os ossos, onde passára os dias mais felizes e tranquillos da sua trabalhada existencia. Rever os sitios, os rios e os bosques, beber n'aquelle ar purissimo do seu Maranhão viço e robustez, taes eram os pensamentos que mais o preoccupavam.

Alvoroçava-o essa risonha idéa, e como que rejuvenescia ao rememorar lances passados! Fazia mil projectos e phantasiava já o teor de vida que pretendia levar, seu commodo, seus passeios, etc.; e a París não chegava maranhense, a quem não procurasse para indagar sobre as pessoas do seu tempo, e as cousas e factos modernos, trazendo-o assim enlevado antecipadas alegrias do coração.

Ia deixar a França, sem saudades d'ella, e menos ainda de París, cujos costumes detestava; sendo das

muitas cousas que desadorava d'esse paiz, o regimen napoleonico o que mais remordia. Desabafava sua opinião a tal respeito não só nas conversas de amigos, como tambem fez tres sonetos, em que estygmatisava o procedimento do oppressor da França para com a Italia. Eis esses versos ignorados de todos:

O TRIO DA GUERRA DA ITALIA

SONETO I

LUIZ NAPOLEÃO

Medroso ante a miserrima Veneza,
Depois que em Solferino triumphaste,
A Italia, que accendeste, abandonaste;
Infamia eterna, perfida baixeza!

A teu carro a Sardenha atada e presa,
Com todo o continente a malquistaste,
Austria illudiste, Roma atraiçoaste,
E tens a Europa toda na incerteza.

Mentes ao Papa, mentes á Inglaterra,
Que já nos paroxismos da amisade,
As queixas guarda e se apparelha á guerra.

Desprezas, Bonaparte, a humanidade,
Volves do inferno, Luiz Onze, á terra...
Oh! poço de fallacia e de maldade!

SONETO II

VICTORIO EMMANUEL

Ir soccorrer a nobre Italia escrava,
Subtrahil-a ao dominio do estrangeiro,
Era por certo, egregio cavalleiro,
A digna empreza que te mais honrava:

Cálculo vil, condescendencia ignara,
Murchar-te veiu os louros de guerreiro,
Succumbiste ás astucias do Embusteiro,
Que a principes e a povos enganára.

Empeçonhado o copo da victoria,
Nos horisontes do porvir te cegas;
Ella caminha a cercear-te a gloria.

Hoje ao Demonio vida e alma entregas;
Surdo aos pregões da velha ou fresca historia,
O heroico amigo e teus avós renegas.

SONETO III

GARIBALDI

Do Saboyano e Garibaldi ao grito
A Italia ergueu-se: o heroe ia adiante,
O rei, com braço e intrepidez pujante,
De arduos perigos resurgia invicto.

Se um era baluarte no conflicto,
O outro marchava—estrella fulgurante;
A italiana mocidade ovante
Na patria e n'elle tinha sempre o fito!

Mas ai! fiel nizeno mallogrado!
Em Niza perdes quanto havias ganho:
Que pezadumes te amontoa o fado!

Da honra em paga e de valor tamanho,
Vai ser da Italia o nome teu riscado,
Ou no paiz natal serás estranho!

Com serem os reparos e censuras ás cousas da Europa ditos á puridade, entre intimos e em lingua portugueza, não escaparam comtudo á suspicaz policia do oppressor da desgraçada França; tanto que um dia foi elle advertido

por um commissario de que se comedisse a menos que não quizesse passar por algum vexame; desde então cuidou Odorico em aferrolhar no fundo de seus bahús estes versos que seriam um corpo de flagrante delicto para o criminarem.

Completarei a collecção dos versos ineditos de Odorico, que tenho a ventura de possuir, com este epitaphio que foi collocado sobre a urna funeraria dos despojos mortaes da mulher e filhos de um de seus amigos:

Aqui, juncto da mãe, cortada em flôr,
Jazem, caros irmãos, cinco pimpolhos;
Do pae vos mova o mallogrado amor
— Magua no coração, pranto na dor!

Chegado o nosso poeta em 7 d'agosto á capital da Gran-Bretanha, na companhia de sua irman, entregou-se á discreta direcção de seu antigo condiscipulo de Coimbra, o sr. Ribeiro Saraiva, que residia em Londres, para onde se tinha voluntariamente expatriado desde a convenção d'Evora Monte.

Refrescaram os dous memorias passadas nos annos de 1822–1823, e tornando-se inseparaveis percorreram tudo quanto havia de mais notavel n'essa grande cidade, fazendo Odorico essas visitas com aquella individuação e aturado exame, só proprios dos espiritos estudiosos e reflexivos.

«Tinha determinado, com a precisão, diz o sr. Ribeiro Saraiva[1], que punha em todas as suas cousas, partir de

[1] Vej. a *Nação* de janeiro de 1865.

novo para França no dia 19 d'agosto, e a isso se preparára».

Foi a 17 passar o dia com sir Alexandre Reid, seu antigo conhecido do Rio de Janeiro, á casa d'este em Norwood, perto do palacio de crystal. Ao jantar, a que tambem estiveram presentes sua irman e o sr. Ribeiro Saraiva, mostrou-se satisfeito e de muito bom humor, mantendo á mesa a reputação de bom conversador, que o era, com reparos e ditos chistosos, e com anecdotas não menos engraçadas. Ás 7 horas da tarde partiram emfim os convivas para a estação do caminho de ferro de Croydon, que era obra de duzentos passos da residencia de sir A. Reid. No trajecto entrou Odorico a queixar-se de suffocação no peito, symptoma que desapparecêra emquanto viveu na Italia; mas que depois que se tornára a París voltou, e por ultimo com alguma frequencia. Descansou um pouco, seguindo depois para a estação onde se enfiou com certa precipitação no primeiro trem, sem se embaraçar com ser de terceira classe, quando o bilhete de retorno designava um de primeira, tão commodo e agasalhado como o é na Inglaterra. É que o mal se lhe ía aggravando e já lhe não dava tempo para mais demoras! Em toda a jornada foi sempre gemendo e expectorando; e perguntando-lhe D. Militina se lhe doia o peito, redarguiu impaciente: *doe-me tudo,* e foram estas suas ultimas palavras! D'ahi a pouco, seriam 8 horas, chegou o comboio ao seu termo, e indo ajudar-se Odorico a descer do trem, acharam-n'o encostado, como que se dormisse. Voára a alma serena e sem mácula do christão

intemerato aos pés do Creador, tal como o desejára no seu *Hymno á tarde:*

Venha que acha os despojos do homem justo.

Chamado ás pressas o medico, confirmou que Odorico estava morto, e pelo inquerito e exame a que se procedeu, verificou-se que a lesão organica do coração fôra causa efficiente d'aquelle triste desfecho.

Só a muito custo e depois de duas horas de objurgatorias e mui cordatas demonstrações da parte do sr. Saraiva e da familia de nosso secretario da legação, em Londres, o sr. Aguiar d'Andrade, é que a ex.ma sr.a D. Militina se apartou do corpo do extremoso irmão, que lhe fôra pae e de quem nunca separou-se desde 1824.

Na manhan do dia 20 seguiu o feretro, acompanhado do dr. Cros, genro de Odorico, da ex.ma sr.a D. Militina e de todos os brasileiros e portuguezes, residentes então em Londres. Fez-se o enterro no cemiterio catholico de *Kental Green*, pondo-se á cabeceira e aos pés do jazigo lapidas tumularias, com esta inscripção:

MANUEL ODORICO MENDES
NASCEU EM
S. LUIZ DO MARANHÃO
A
24 DE JANEIRO DE 1799:
MORREU EM LONDRES
A
17 DE AGOSTO DE 1864
SOB OS TITULOS DE
VIRGILIO BRASILEIRO
E
HOMERO BRASILEIRO
TRADUZIU EM VERSO PORTUGUEZ
OS DOUS GRANDES POETAS.

Aguardam as cinzas do famoso patriota e não menos excellente poeta que o Maranhão, dando cumprimento á lei[1], pague-lhes a sagrada divida de as trasladar para a terra do seu nascimento, cuja lembrança trazia sempre viva e gravada no coração. Oxalá que seja em breve saldada para que se não diga que, ao passo que a patria recebe tão opulento legado com a publicação do *Homero Brasileiro*, cujo manuscripto foi até hoje religiosamente conservado pela ex.ma sr.a D. Militina[2], mostra-se a provincia desconhecida do muito que lhe é obrigada.

XIII

Hojè que começa a posteridade para Odorico Mendes, póde-se fallar com todo o desassombro do homem particular, e desfiar com animo imparcial suas qualidades

[1] Consegui, como deputado provincial, que se decretasse a lei n.º 809 e se consignasse na do orçamento para 1868–1869 quantia para trasladarem-se d'Inglaterra e depositarem-se na capella-mór da egreja de N. S. do Carmo os restos mortaes de Odorico Mendes e do dr. Joaquim Gomes de Sousa ao pé dos de João Francisco Lisboa, Francisco Sotero dos Reis e Trajano Galvão de Carvalho. Estava quasi a realisar-se a minha idéa, quando a enfermidade veiu impedir-me de frequentar a camara municipal, de que era membro, e obrigou-me mais tarde a abandonar a patria, e nem sei o motivo por que tem estado até hoje em olvido negocio de tanta monta.

[2] Dois dias depois da morte do irmão, voltou de Londres para Paris, onde arrecadou todos os papeis de Odorico, e de lá partiu para o Rio, onde aportou em 17 de novembro do mesmo anno, indo para a companhia de seu irmão Theodoro J. Muller, unico que lhe resta de tantos que eram.

moraes; que a campa não consente constrangimentos nem resguardos humanos. Não que em vida tivesse a lisonja cabida para com elle; mas é que os louvores que lhe fossem tributados então, poderiam ser levados á conta d'amisade ou de respeito.

Pertence aos vindouros julgal-o como homem politico; «porque seu nome, como bem disse o sr. dr. Joaquim «Manuel de Macedo, não póde riscar-se jamais da nossa «historia, que saberá proclamar a pureza de suas inten- «ções, a inabalavel firmeza de seus principios, e ha de «resumir o seu elogio, chamando-o — o Dupont de «l'Eure do Brasil.» (*Rev. Trim.*, tom. XXVI, 2.ª parte, pag. 426. — *Discurso* do sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo.)

Não serei eu, cujas palavras poderiam ser dictadas pelo espirito de bairrismo, que virei apregoar as excellencias que ornavam a grande alma d'aquelle varão exemplar por tantos predicados moraes, quando tenho para n'ellas louvar-me ás do ex.mo sr. commendador Manuel d'Araujo Porto Alegre, que sobre ser testemunha presencial e insuspeita, viveu na intimidade do poeta.

Embora venham apontados na carta com que acaba de honrar-me sua extrema bondade muitos dos factos já referidos n'esta noticia, não quiz omittil-os, reproduzindo na sua integra este escripto que tem aquelle cunho de originalidade despretenciosa, como tudo quanto sahe da penna do festejado cantor de *Colombo:*

.....

«Como artista, eu o admirava recitando o seu *Hymno*

á tarde, e como joven, a sua coragem na lucta politica que já subia de ponto pelos annos de 27 a 29.

«Um capitão de engenheiros, filho do Maranhão, chamado Ferreira[1], levou-me um dia á rua hoje de *Gonçalves Dias,* e apresentou-me a Odorico Mendes, que devia ler n'esse mesmo dia a seus amigos uma traducção do poema de Bitaubé — *Joseph,* — cujo manuscripto se perdeu.

«Odorico era d'àquella pleiade de liberaes que salvaram o Imperio em 1831, composta de Evaristo Ferreira da Veiga, Paula Sousa, Vergueiro, Costa Carvalho (visconde de Mont'Alegre), Limpo de Abreu (marquez d'Abaeté), Feijó, Vasconcellos, Rodrigues Torres (visconde d'Itaborahy), e outros. O caracter sincero e brando de Odorico, nunca o desviou das raias de uma opposição grave e respeitosa para com o governo, porque era a doutrina que elle prégava no *Pharol Paulistano,* jornal fundado por Costa Carvalho, em S. Paulo, e a politica seguida pelo grande Evaristo na sua *Aurora Fluminense.*

«Por esses tempos se fundára no Brasil a *Sociedade das Columnas,* que tinha chefes em todas as provincias, e aspirava o restabelecimento do governo absoluto, governo desejado por todos os inimigos da independencia, com quem pelejava a opposição, e Odorico fortemente com a penna e a palavra.

«Foi depois da *noute das garrafadas,* na rua da Qui-

[1] Provavelmente o sr. Fernando Luiz Ferreira, hoje coronel da mesma arma.

tanda, e á vista do sangue derramado pelos portuguezes, que se achavam reunidos em um sobrado, e prohibiam o toque do hymno da independencia ao coreto que os patriotas tinham armado em frente á casa de um tal Vianna, que o nosso Odorico se manifestou ardente e implacavel opposicionista. Foi elle quem redigiu a representação que fizeram os deputados que estavam no Rio, vendo a inercia da policia a respeito d'este crime.

«Seguiu-se a abdicação, e foi Odorico quem levantou a voz a favor dos portuguezes, bradando á tropa e povo no campo de Sancta Anna: *Moderação, senhores, moderação; são nossos irmãos!* D'estas palavras tiraram os anarchistas o alcunha de *Moderados* aos que não queriam sangue, nem violencias, cabendo ao liberal desde então o nome de *Moderado,* que elle acceitou como honra e gloria, ficando senhor da situação politica.

«Nas combinações que se fizeram para a nomeação da regencia permanente, appareceu com grande maioria o nome do nosso Odorico; mas elle o desviou, porque era pobre e consciencioso, propondo em seu logar Braulio Moniz, seu amigo, e homem de extrema moderação.

«Perdi de vista Odorico, porque parti para a Europa em Julho de 1831, e só o vi em 1837 quando voltei ao Brasil. Frequentava-o, porque o amava; e nossas relações muito se estreitaram depois do anno de 1840, pelas frequentes juncções que faziamos no Paço da cidade ou em casa de Paulo Barbosa, mordomo do Imperador, com quem eu trabalhava nos preparativos para a sagração do Senhor D. Pedro II.

« Ao chegar da Europa, encontrei Odorico fóra da politica, exercendo pela manhã o alto emprego de Inspector da Thesouraria da provincia do Rio, e á tarde o de professor de latinidade, para cobrir o *deficit* que lhe deixaria o ordenado, se assim não praticasse.

« N'uma manhã, recebi um bilhete de Odorico, em que me dizia: — « Preciso de um amigo; tenho a alma espedaçada; venha ver-me e quanto antes ».

« Achei-o com uma filha morta nos braços!

« Mal havia convalescido moralmente d'esta ferida, fui novamente chamado, e vi morrer sua esposa, tendo igualmente por guarda o meu amigo dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, hoje barão de Araguaya.

« Quando accordámos Odorico do abatimento em que se achava, correu logo ao leito de sua finada esposa; sentou-se na cama, agarrou-lhe nas mãos, beijou-as; e entre lagrimas dirigiu-lhe a palavra de uma maneira tão sentida e tão simples, que nós e sua irmã choravamos, como ainda choro ao recordar-me de tão notavel ensejo. « Coitadinha! Como me amaste e quanto por mim soffreste no meio de minhas illusões e dos perigos a que me expuz... » e assim por deante, e com uma voz tão calma e tão dorida, e um tom de tanta resignação, que nossos corações gemiam de pena e se elevavam de admiração.

« Os grandes espiritos são mais sublimes na dor do que nos outros lances da vida, porque sobem para o ceu, asylo de todas as desgraças e esperanças decepadas.

« Por este tempo já havia elle começado a sua traducção de Virgilio.

«Um dia que o fui ver, e estava a sua pobre casa cheia de hospedes, disse-me: «Estou aposentado, vou para a Europa, porque não posso aqui viver com tanta despeza; é o unico meio que tenho para deixar de pôr na frente da minha casa uma taboleta com esta inscripção:—HOTEL GRATIS.—Não tenho um canto para escrever nem um logar para guardar meus papeis; durmo n'esta marqueza; e que fazer com gente que não quer ver o meu encommodo?... Vou-me embora, não posso viver aqui.»

«Assim era, e mezes depois se embarcou n'um navio de véla, deixando para sempre o Brasil.

«Quando eu o acompanhava ao cáes dos *Mineiros*, disse-me elle:—«Quero recobrar o tempo perdido. Os amigos politicos são temporarios. De todos os homens com quem vivi na politica, só um conheci bom, não fallando do nosso grande Evaristo, que, se vivesse, talvez estivesse encantoado por aquelles que elle ajudou, se não os fez grandes! A modestia, a firmeza, e a probidade, sem uma cega ambição, de nada valem. O unico d'estes amigos que é capaz de vir aqui abraçar-me, é o Costa Carvalho!»

«Mal pronunciava este nome, parou juncto de nós uma carroagem, e d'ella desceu o marquez de Mont'Alegre.—«Que lhe disse eu! voltou Odorico.»

«A despedida foi digna dos dous amigos.

«Odorico era inimigo implacavel de Napoleão I, como o foi depois de Napoleão III. Discipulo de Madame de Stael e de Chateaubriand, detestava o genio das batalhas; e liberal, aborrecia o grande perjuro, o estragador dos elementos poderosos que deixou o reinado de Luiz Phi-

lippe ainda mal avaliado em nossos dias. O meu saudoso amigo, pertencia em litteratura, á escola eclectica: adorava os classicos antigos, detestava os classicos da decadencia, os da litteratura imperial da França, e amava sobretudo Madame de Stael, Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand e Lamartine.

«Deixou-nos poucas poesias suas; e o seu methodo de compor era proprio. Compunha de cór, fazendo ás vezes um verso ou dous por dia; e logo que tinha a composição prompta, a escrevia sem emenda. Quantas vezes, depois de jantarmos em casa de Paulo Barbosa, e caminhando a pé e á noite pelo Aterrado, eu lhe perguntava em que altura estava o soneto, e elle logo o dizia, recitando-me o que já estava feito.

«Em 1862, estando eu em Berlim, pedi licença por 15 dias, e fui a Paris com a intenção de visitar a nobre cidade que não via ha um quarto de seculo, e de visitar os meus amigos que lá estavam. Tinha Odorico partido para a Italia, para eu nunca mais vel-o. O sr. dr. Joaquim Caetano da Silva mostrou-me uma bella photographia, de maior dimensão, a qual tornei a ver no Rio de Janeiro, que é o unico retrato bom de Odorico, retrato que me levou os olhos. O que sahiu na *Revista Contemporanea* não presta[1].

[1] Refere-se ao retrato d'Odorico Mendes que vem no n.º VII da *Revista Contemporanea de Portugal e Brasil*, do mez d'outubro de 1862, acompanhando a biographia d'esse illustre maranhense, escripta por João Francisco Lisboa.

Quanto ao retrato que illumina esta noticia, temol-o por mui semelhante ao original, por ser a reproducção de uma photographia, pertencente á irman do nosso poeta e que asseguram-me ser fiel.

« Odorico era de pequena estatura, tinha a fronte larga, o nariz meio adunco e grosso, a bôca engraçada e regular, o olhar vivo, a voz sonora, o fallar ligeiramente cicioso, e o corpo cheio, mas não deforme. Caminhava com nobreza e rapidez, e vestia-se com muita simplicidade e limpeza. Era engraçado, tinha dictos agudos, e amava a conversação boa e a boa mesa. A sua probidade era igual á sua firmeza de caracter; tudo n'elle era natural e espontaneo.

« Rematarei este ligeiro apontamento, dizendo-lhe que Odorico não sabia o que era mentira, odio nem inveja.

« Lisboa, 10 de janeiro de 1873. »

MANUEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Peço venia a meu illustre amigo para accrescentar a este perfil tão bem acabado que Odorico Mendes era bastante trigueiro, tanto assim que um dia perguntou o Imperador D. Pedro I ao visconde d'Alcantara: — « Este seu comprovinciano é mulato? — Não, senhor, obtemperou o visconde. Pelo lado paterno é meu sobrinho; portanto de origem hespanhola, e sua mãe descendia de uma das mais illustres familias da provincia. »

Esses costumes tão puros e singelos, esses desejos e aspirações modestissimas, como nol'-as acaba de descrever o author das *Brasilianas,* nunca desmudaram, quer no fogo da mocidade, na effervescencia e tumultuar da vida publica, ainda nas epochas mais tempestuosas d'ella; quer mais tarde, na velhice, no fóco e requinte da ci-

vilisação européa:—repartia elle o seu tempo com os estudos, com a familia, e com os amigos, a quem visitava com frequencia, convivendo com elles na mais doce e cordeal intimidade. Ainda ha pouco confirma essa norma tão regular do viver do nosso litterato o ex.mo sr. barão de Porto-Seguro na sua recente obra já atraz citada:—«Odorico Mendes, com quem, pouco antes de escrever o *Opusculo ácerca do Palmeirim d'Inglaterra e de seu author*, convivi muito em Paris (encontrando-nos quasi todas as noites em casa do nosso commum amigo Joaquim Caetano da Silva, na rua St. Dominique): era grande enthusiasta do *Palmeirim*, que sustentava ser, como o *Telemaco*, um verdadeiro poema, em muitas partes superior ao do *Orlando* e ao dos *Martyres de Chateaubriand*, que elle considerava como a primeira epopêa d'este seculo, e com cuja leitura se deleitava, na traducção em verso de Filinto. (F. A. Varnhagen—*Da Lit. dos Liv. de Caval.*—1872, pag. 30.)

Ajunctemos aqui o que sobre elle escreveu Ferdinand Wolf no *Brésil Littéraire*:—«Comme homme d'état il s'acquit une réputation méritée de disciple des anciens et d'une fermeté de caractère vraiment antique. Pour ne pas renier ses principes il refusa le poste de ministre et même, en 1831, celui de régent! Élu deputé par sa province, Odorico se distingua par sa probité.» (*Obr. cit.*, pag. 196.)

João Francisco Lisboa, homem seguro em suas opiniões, e que se não deixava arrastar por considerações e respeitos para violar a verdade, mas que o conhecia muito

de perto, assim se exprime a respeito do character de Odorico na biographia que d'elle traçou e foi publicada na *Revista Contemporanea de Portugal*, e eu reproduzi nas suas *Obras*:—«... inflexivel ou menos habil no caminho que preferiu, Odorico Mendes tem visto sem pezar todas essas grandezas (refere-se ás imminencias a que chegaram seus companheiros de lucta), e que lhe não couberam em sorte, pago e satisfeito de haver atravessado a vida, conservando-a immaculada, até da menor suspeita que lhe podesse levemente marear o lustre.» (Vol. IV, pag. 530.)

Accrescenta adiante:—«Homem moldado á antiga, sua velhice socegada e digna passa-se na practica de todas as virtudes e na effusão dos sentimentos de amisade, indulgencia e brandura, que sempre characterisaram a sua alma affectuosa. Essa placidez porém nem é inerte e egoista, nem esteril. Se a occasião se depara, e as idéas, e as palavras, e os successos vibram as cordas que tocam no amor da patria e da liberdade, ou no odio do crime e do vicio, vel-o-heis inflammar-se como nos dias da primeira mocidade e das grandes luctas.» *(Ob. cit.*, pag. 532.)

Citando Francisco Sotero dos Reis estas eloquentes palavras do illustre biographo, ajuncta que:—«O maior elogio que se póde fazer a um homem de bem que recusou um dos maiores cargos do imperio, e que tendo muitas occasiões de engrandecer-se, sempre desprezou as honras e a riqueza, para viver contente em honrada mediania, acha-se consignado no que d'elle diz J. F. Lisboa.» *(Curso de Litteratura*—Vol. IV, pag. 295) ..... «sua

vida inteira, como bem pondera o sabio biographo, honra a terra que lhe deu o berço.» *(Ob. cit.,* pag. 533.)

Quem nunca ambicionára nem poder, nem gloria ou fortuna, pagava-se largamente do nunca interrompido remanso de paz d'espirito em que vivia, comprazendo-se dos gozos do lar domestico e de seus authores d'eleição. Fazia consistir n'isso toda a sua felicidade, e era esse o limitado horisonte onde descançava os olhos.

Quaes foram os galardões de tão inexcedivel dedicação? A satisfação intima de nunca ter sido pezado ao governo de seu paiz nem a seus concidadãos, e de baixar á sepultura honrado, aindaque pobre de bens da fortuna e d'essas vaidades mundanas, que outros, para ensanefar-se com as suas lantejoulas, abaixam-se soccorrendo-se não raro para obtel-as a empenhos e a falsos documentos de serviços fabulados, comtantoque pavoneiem anchos de si essas galanias com que affrontam a opinião publica.

Inventariando o pouco que lhe fizeram sem sua intervenção, eis ao que se reduz: — foi deputado á assembléa geral, em duas legislaturas por sua provincia natal, e em uma pela de Minas-Geraes; deputado provincial á assembléa do Maranhão, e depois á do Rio de Janeiro; membro do Instituto Historico e Geographico do Brasil; ultimamente socio da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, por proposta do sabio hellenista, o sr. conselheiro Antonio José Viale, mas cujo diploma nunca recebeu, ou que ficasse retido por desidia na secretaria da nossa legação, em Lisboa, ou que o barão d'Itamaracú, por inveja e ciume, que tinha de Odorico, não lh'o enviasse.

Quanto a titulos honorificos só tinha o de commendador da ordem de Christo, quando em 1840, por occasião da maioridade de Sua Magestade o Imperador, foram condecorados todos os inspectores de thesourarias.

A ninguem, no emtanto, melhor do que a elle, cabia repetir com o rosto erguido esta phrase de Sheridan:— «Eu podia ser ministro e ter empregos rendosos se quizesse pertencer ao partido reptil que segue seu caminho coleando e rojando por terra para depois saltar.»

XIV

Já vimos o cidadão antepondo a patria a todos os demais affectos; o varão puro, o pae de familias, honesto, previdente, e amantissimo dos filhos, dos irmãos e dos amigos a ponto de sacrificar-se por elles. Julguemol-o agora por suas producções como homem de lettras e erudito, que era.

Nas versões das tragedias de Voltaire offerecia-lhe o original francez toda a amplitude para usar da concisão, uma das virtudes de escriptor em que primava, e que tinha como uma das sobrexcellentes qualidades do nosso idioma, e foi n'esse molde que vasou seus versos harmoniosos, cadentes, e perfeitos na metrificação e dicção; mostrando ahi com todo o explendor e galhardia seu mirifico talento; sem que para isso fosse preciso desviar-se uma linha sequer da fidelidade. Se na traducção da *Merope* são frequentes os erros typographicos, postoque de

facil emenda, na do *Tancredo*, descansado o traductor da insana lide politica, póde esmerar-se na revisão das provas, de modo que sahiu limpa d'esses senões materiaes, tanto quanto póde conseguir-se das officinas typographicas do Brasil, sem revisores idoneos e com operarios que no geral mal sabem ler!

Tinha Odorico estes trabalhos na conta de meros ensaios para abalançar-se depois a emprendimento mais arrojado. Cuidava já por esse tempo na traducção da *Eneida*, da melhor obra de seu poeta querido, que é tambem um dos maiores engenhos da antiguidade.

Não entrarei no exame dos escriptos d'Odorico, toda a vez que tiver ante mim authoridades insuspeitas e de tanta respeitabilidade com que escudar-me, não só porque assim o deva fazer, como porque qualquer juizo que désse, por mais explanado e maduramente pensado, só attestaria da minha parte sobeja vaidade.

Assim, diz da versão da *Eneida* Ferdinand Wolf a pag. 196 do seu conceituado *Brésil Littéraire* que «*é a melhor traducção portugueza do poema latino*».

O sr. conselheiro Viale, reconhecido geralmente, com bem fundada razão, como muito sabido nas litteraturas classicas e nas linguas latina e grega, assim se expressa em um parecer citado pelo nosso sabio comprovinciano João F. Lisboa: — «De quantas versões poeticas eu conheço, nenhuma faz vantagem a esta em fidelidade, e nenhuma talvez a iguala em concisão. Verdade é que a severissima adstricção a competir em brevidade com o original (e com o original latino!) não póde deixar de quando em quando

de empecer algum tanto á perspicuidade do estylo, e á melodia do verso (risco de que se preservam cautelosos os paraphrastas). Comtudo n'esta novissima e optima traducção de Virgilio, o mais rigido Aristarcho *rarissimos* versos achará que mereçam a censura de menos claros ou de menos cadentes.»

Referindo-se mais adeante o illustrado professor de litteratura á traducção das *Bucolicas* e das *Georgicas*:— «Que direi da pureza, propriedade e copia da licção da *Bucolica, Georgica,* e *Eneida* portugueza do sabio poeta brasileiro e das excellentes notas de que são seguidas? Estou persuadido de que na sua leitura *muito aprenderão os mais eruditos philologos das duas nações* que fallam a mesma lingua «com pouca corrupção» quasi latina. Pela minha parte, em beneficio dos meus alumnos no curso superior de lettras, nas minhas prelecções associarei frequentes vezes ao nome immortal do grande vate romano o illustre nome do eximio traductor brasileiro, ponderando-lhes *o muito que lhe devem* os cultores das musas, e os estudiosos amadores da litteratura nacional.»

(Obras de J. F. Lisboa, vol. IV, pag. 523.)

Não só assim o declarou o illustre litterato, como tem posto em pratica nas suas doutas licções no curso superior de lettras, collacionando o original latino com a versão de Odorico Mendes, e não cessando de elogiar as felizes phrases e fiel interpretação d'este, como os muitos termos com que veiu enriquecer o idioma portuguez, já de si tão opulento.

Não lhe fica a dever em justos e merecidos louvores a

estas versões de Odorico Mendes o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, mui distincto professor de poetica e de litteratura classica no lyceu de Coimbra.

«N'esta aprazivel traducção achei *fielmente* trasladados em a nossa lingua os conceitos, as paixões e os sentimentos do epico latino, e *sem diminuição nem accrescimo,* repostas as suas mesmas imagens, e ainda muitas das suas figuras. Bem sabia o sr. Odorico Mendes, que o verdadeiro traductor não deve ser paraphrasta, senão fiel copiador e retratista — *fidus interpres.* — Ali appareceram postos em luz clara varios passos da *Eneida,* onde illustres commentadores não haviam atinado com o genuino sentido, mas que o eximio traductor pôde alcançar. ....

.....

«Elegante, limitada e polida é a sua phrase, e seus versos correm quasi sempre com facilidade; são de ordinario cadentes e numerosos. A perspicuidade, a precisão, e ainda a *concisão bem entendida,* a *propriedade dos termos,* o gosto delicado; todas estas virtudes lá offerecem seu agradavel donaire. Esse grande segredo dos mestres, a harmonica imitativa que ora pinta pela onomatopêa as qualidades sensiveis dos objectos, ora emprega a analogia dos numeros ou rythmos com as idéas ou com os sentimentos; essa bella harmonia, a que nenhuma das linguas modernas se presta porventura tanto como a nossa, em innumeraveis phrases e versos a descobrirá o leitor de fino tacto .....

.....

..... Em forjar palavras novas alguem

quizera que tão bom traductor fosse mais sobrio. *Dubitur licentia sumpta pudenter.* Quem souber todavia que, só nos *Luziadas,* Camões introduzira duzentas palavras latinas, e que depois d'elle em todas as eras quasi todos os bons poetas as foram innovando, não estranhará tanto a sobejidão dos neologismos em todas as paginas d'esta traducção. Para estas innovações tinha o traductor pedido venia, e tem a sua principal descarga na necessidade; sendo que, como elle em suas notas mostra, só por aquell'arte podia guardar a precisão, que tão justamente ama, e copiar a justeza das idéas e força dos pensamentos do seu prototypo .....

.....

..... Eu antevejo que a authoridade de tão abalisado philologo, que já estimo, amo e respeito, ha de achar quem abrace os seus neologismos; ver-se-hão elles, correndo tempo, entrar no dominio do uso. Assim se ha seguido o exemplo de outros; assim se tem enriquecido e hão de enriquecer as linguas. Puristas haverá de sentir menos conforme ao meu; embora: outros sentirão comigo. *Grande serviço,* que á nossa litteratura fez o traductor. Longe de mim o rebaixar as traducções que já possuimos de Virgilio, inteiras ou em fragmentos, como a do canto IV da *Eneida,* admiravelmente traduzido por Manuel Mathias; mas das traducções completas é opinião minha, e não só minha, senão de dois respeitaveis litteratos, que esta *traducção a todas leva a palma.*» (*Loc. cit.* — pag. 520.)

A estas censuras de neologismos responde o apontado

biographo: ..... «os nimiamente escrupulosos, que se não pagam de juizos alheios, não teem mais que examinar a traducção, e as copiosas notas que a acompanham, e onde o poeta, fazendo a apologia dos notados defeitos de sobejidão de neologismos, de obscuridades, e durezas da versificação, demonstra victoriosamente já a necessidade da adopção dos termos novos que introduziu, já que os mais dos vocabulos de origem latina, que se lhe arguem como innovações, de ha muito tinham fôro de nacionaes, introduzidos, naturalisados por outros grandes mestres; já finalmente que, em certos logares, a apparente dureza da metrificação, aliás facil de tornear em cadencia especiosa, era mui de industria procurada para verter com toda a energia e propriedade as bellezas do original.»

O nosso bem conceituado philologo e latinista F. Sotero dos Reis, encanecido no profundo meditar sobre os authores latinos, analysando estes trabalhos de M. Odorico Mendes, depois de abundar em mais de uma passagem do seu *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira*, principalmente a pagina 296 do volume IV, em enthusiasticos e bem cabidos encarecimentos á fidelidade, feliz interpretação, vernaculidade de linguagem e concisão de phrase com que foi traduzida a *Eneida* pelo insigne poeta maranhense, continúa na pagina 300 *(vol. cit.)*:— «O poeta brasileiro vestiu tambem com primor as demais obras de Virgilio.» .....

.....

.....

«N'este trecho da traducção:

Á voz da cara mãe, depondo as azas,
Finge agora o Amor de Iulo o porte.
Ella em somno abebera o neto amado;
No collo amima, e o sobe ao luco Idalyo,
Onde mole e suave mangerona
Entre flores o abraça e fresca sombra.
E obediente os regios dons de Cupido
Leva aos Tyrios, folgando após Achates.

«Que iguala em numero de versos, suavidade e belleza ao trecho correspondente do original, o poeta brasileiro, grande mestre em poesia imitativa soube tão ajustadamente combinar as consoantes liquidas com as vogaes mudas, que tirou d'ellas em portuguez a mesma vantagem que Virgilio em latim, como se vê do admiravel effeito harmonico d'estes quatro versos portuguezes em nada inferiores aos latinos:

Ella em somno abebera o neto amado:
No collo o amima, e o sobe ao luco Idalyo,
Onde mole e suave mangerona
Entre flores o abraça e fresca sombra.

«Para traduzir por esta fórma reproduzindo-nos o original sem a menor quebra de seus primores, era preciso que o traductor se houvesse em certa maneira identificado em espirito com o proprio author do poema, que tão superiormente vertia.» *(Loc. cit.* — pag. 304.)

Reproduzindo F. Sotero o trecho da catastrophe de Priamo, exclama: — «Quem ao ler este bello trecho de traducção não reconhecerá n'elle a admiravel pintura

que faz Virgilio da catastrophe de Priamo? São as suas *mesmas* figuras, as suas *mesmas* imagens, a sua *mesma* poesia onomatopica, até com as *mesmas pausas nos versos!* » (*Loc. cit.* — pag. 305.)

Termina F. Sotero o exame da traducção de Odorico n'estes termos:

«Nenhuma das versões da *Eneida*, que tenho lido, iguala a esta na verdade com que exprime a poesia imaginosa ou simplesmente imitativa do original, como podeis, senhores, certificar-vos, abrindo qualquer dos respectivos livros, e fazendo d'ella leitura comparada, pois não ha *um só verso* de Virgilio notavel por alguma belleza, que não se ache *trasladado com toda a sua valentia ou graça*. Citar-vos tudo o que ha de melhor na versão, impossivel é n'um só discurso.....»

«Com ser tão bem acabada, não deixa esta traducção de ter defeitos, como tudo o que nos vem dos homens, e os d'esta obra provém de uma de suas maiores virtudes — a concisão — que levada ao extremo em certos casos, foi parte para que o traductor, uma ou outra vez alatinasse a phrase portugueza com frequentes elypses.»

«Mas estes raros e aliás desculpaveis defeitos em trabalho de tão difficil execução, qual a versão do poeta mais perfeito da antiguidade, são compensados por tanta phantasia e vigor de imagens, e tanto arrojo e felicidade de figuras, tanta viveza e verdade de colorido, tanta riqueza e propriedade de linguagem, tanta poesia imitativa e onomatopica, que o illustre poeta brasileiro podia bem di-

zer ao concluir sua obra:—*Non ego paucis offendar maculis.*»

E eu ajunctarei com desvanecimento, que Odorico Mendes em todas as suas versões veiu desmentir o corrente proloquio italiano:— *traduttore, tradittore.*

A posteridade pela eloquente bocca do sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, d'esse engenho fecundo e bem sorteado em todos os generos litterarios, que todos tem estreado com applausos, falla assim das traducções de Odorico, e em especial da da *Eneida:*

«Emfim, depois de longo e aturado labor, o nosso illustrado consocio apresentou ao mundo civilisado a *Eneida Brasileira,* traducção do immortal poema de Virgilio em versos endecasyllabos portuguezes, e em 1858 o *Virgilio Brasileiro,* contendo a segunda edição da *Eneida* com aperfeiçoamentos consideraveis, e as *Bucolicas* e as *Georgicas* vertidas para o portuguez com igual mestria. Não ha duas opiniões, especialmente sobre a *Eneida,* que é considerada por todos os litteratos e criticos os mais respeitaveis como a mais fiel e perfeita de quantas traducções teem feito Virgilio fallar a lingua de Camões. Mas n'esta obra monumental Odorico Mendes não se mostrou sómente consummado latinista e distincto poeta: elevou-se a avantajado archeologo pelo trabalho de annotações repletas de vastissima erudição.» (*Rev. Trim.* do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil— tom. XXVII, parte 2.ª, Disc. Inaugural, pag. 426.)

O sr. Innocencio Francisco da Silva, com aquella escrupulosa e paciente curiosidade, e singular memoria que

todos lhe admirâmos, apresenta na pag. 74 do VI tomo do seu nunca assaz admirado *Diccionario Bibliographico Portuguez*, monumento colossal e imperescivel «um quadro comparativo de numero de versos hendecasyllabos portuguezes que, na traducção dos livros da *Eneida*, correspondem aos hexametros de original latino. No *Virgilio Brasileiro* leem-se annotações «repletas de erudição de toda a especie, que manifestam, não só a sua vasta instrucção e o profundo conhecimento do idioma vernaculo, mas justificam o conceito que d'elle formam como o escriptor *mais conciso* entre os seus actuaes contemporaneos de Portugal e do Brasil.»

Apresenta elle esse quadro para dar uma prova, como o diz em outro logar, «d'essa concisão e o exemplo da prudente sobriedade com que dispõe dos recursos da linguagem quem d'ella possue um *riquissimo thesouro* accumulado á custa de talento e estudo.....»

Empóz o quadro comparativo accrescenta o mesmo reportado author: — «Seriam aqui superfluos todos os commentarios para o leitor intelligente na materia. 9:901 hexametros convertidos em 9:944 (apenas mais 43 versos) hendecasyllabos portuguezes!!! E note-se que nos ultimos cantos a versão é por tal modo cerrada, que comprehende cada um *menor numero* de versos que o respectivo original virgiliano!»

«Levei adiante a minha curiosidade, e comparei entre si as duas versões da *Eneida*, pelo sr. Odorico Mendes e pelo dr. Lima Leitão.»

«Tem a primeira menos que a segunda 1:913 versos!!!»

Esse enthusiastico empenho, levado quasi á exaggeração, fez com que elle quizesse vencer em primazias de concisão a lingua latina, já de sua indole tão apropriada a ella e em que sobresahe tanto o estylo virgiliano. E o mais é que o conseguiu, embora ás vezes com o emprego de ellipses que estorvam seu tanto ou quanto a clareza da phrase; e se Odorico, arcando com tamanhas difficuldades, sahiu vencedor de tão estranho e gigantesco pleito, em honra da boa linguagem portugueza, e a enriqueceu com tantos vocabulos novos, não logrou, comtudo, impunemente essa brilhante e assignalada victoria!

Sahiram-lhe ao encontro, pretendendo aguarentar-lhe os louros, os srs. Antonio Ribeiro Saraiva e M. Pinheiro Chagas. Aquelle na sua obra—*Saraiva e Castilho—A proposito de Ovidio* (Londres, 1862) aponta dous versos na versão das *Bucolicas* e *Georgicas* que entende deveriam ser interpretados de outro modo, encarando os termos latinos sob aspecto differente. Mas o que se lhe não póde perdoar é que traga, sempre que falla na traducção, a qualificação de brasileira como remoque, fazendo assim distincção impropria e como que se o traductor não escrevesse em puro portuguez! Vae elle tão adiante na sua má vontade ao Brasil, a seus naturaes e a suas cousas, só por ter sido o imperio fundado por D. Pedro I, que taxa tambem de *brasileira* a traducção dos *Amores de Ovidio* do sr. visconde de Castilho, e acha-a inçada de *brasileirismos* só por ter sido impressa no Rio de Janeiro!

Ainda bem que o illustre exilado legitimista não en-

contra nenhum cheiro de *brasileirismo* no dinheiro com que a nossa legação, em Londres, retribue-lhe as traducções de contractos e de outros documentos de que o encarrega para ajudal-o a manter-se.

O sr. Manuel Pinheiro Chagas nos seus *Novos Ensaios Criticos* (de pag. 131 a 134), foi muito mais injusto e parcial; porquanto alem de pôr no *Virgilio Brasileiro* a pecha de infiel, apoda essa versão de *pae-velho*, propria d'um estudante do 3.º anno de latim, e ainda o que é mais para pasmar, é que elle conhecedor por experiencia propria dos embaraços com que se lucta na parte material dos productos do engenho humano, venha aproveitar-se dos numerosos erros typographicos, postoque de facil correcção para o leitor entendido, e que, como bem diz o sr. Innocencio Francisco da Silva, é «difficuldade insuperavel com que teem de luctar os que se propõem a imprimir em França livros em lingua portugueza», para descobrir-lhe erros de grammatica e acoimal-o de incorrecto!

Incorrecto Odorico Mendes, que era senhor de todos os segredos, bellezas e estranhezas da lingua de Camões e de Ferreira, elle o innovador de tantas locuções e modos de dizer dentro da indole da lingua, o descobridor de outros ignorados e esquecidos; elle finalmente a quem o sr. conselheiro Viale appellida com muita justiça *(Miscellanea Hellenico-Litteraria*, pag. 68), de *doutissimo academico* brasileiro, e qualifica no seu parecer, que vae atraz, a essas versões de *fieis, levando vantagem ás demais em propriedade e concisão!* «Que direi (são

suas palavras textuaes) da pureza, propriedade e cópia da dicção da *Bucolica, Georgica* e *Eneida portuguezas* do sabio poeta brasileiro?»

Ao juizo apaixonado e pouco reflectido do critico portuguez contraponho este e mais os dos srs. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, Innocencio Francisco da Silva, Francisco Sotero dos Reis, e o que ainda não ha muito disse a respeito d'ellas o illustrado professor de hebraico do lyceu de Coimbra, o sr. Joaquim Alves de Sousa: — «... a qual (traducção) é tambem no meu humilde entender *a melhor* de quantas traducções do mavioso poeta latino possuimos em lingua portugueza[1].»

Escolheu o illustre critico para verberar com tanto rigor o nosso poeta o parallelo entre a versão das *Georgicas*, feita pelo principe dos poetas portuguezes contemporaneos, e a de Odorico, e para isso cita trechos de uma e outra.

Creio que não venero e admiro menos do que elle o raro engenho do sr. visconde de Castilho, que dispensa-me tambem sua benevola estima; mas não irei jamais deprimir o merito de quem quer que seja para dar mór realce ás admiraveis qualidades litterarias de quem já tem harto brilho no seu diadema, para que lh'o queiram acrescentar com o de outrem. Demais, essas producções não soffrem confronto entre si, sendo de generos diversissimos: a de Odorico approxima-se do original o mais que póde, e a do

[1] Vej. a biographia de Francisco Sotero dos Reis, a terceira d'este tomo, onde vem por extenso o parecer do erudito professor.

sr. visconde de Castilho é uma paraphrase. O grande poeta portuguez apropria-se das idéas de Virgilio, consubstancia-as, e sem arredar-se da fidelidade, dá largas ao seu estro e urde uma téla magnifica e como só elle a sabe tecer, nas amplitudes do alexandrino e n'aquelle estylo tão seu e tão magnifico.

Odorico, pelo contrario, traçou para si um limitadissimo circulo de ferro, e dentro n'esse molde, apertado e restricto, vasou a sua obra. Um teve plena liberdade de acção, e com os excellentes instrumentos, que todos lhe invejam, architectou um monumento grandioso, mas por um modelo proprio. O outro com a tyrannia despotica da concisão na phrase, oppoz verso a verso, o portuguez ao latino, e sem ceder uma linha de terreno ao original virgiliano, competiu com o auctor em primores de belleza.

Ambos os traductores prestaram serviço real e de inestimavel preço ás lettras, e bem merecem d'ellas e de seus cultores. Não são, porém, rivaes n'este campo, não ha craveira por onde possam ser medidos; que são differentes as fórmas, sendo a estatura de um e outro muito acima da vulgar dos que os precederam em identicos trabalhos.

Se é infundado o defeito que lhe assacam do abuso de neologismos, quando não fez mais do que revocar termos, aliás propriissimos, do esquecimento em que estavam, e os mais d'elles authorisados por Filinto, ainda é mais clamorosa a de infidelidade.

Para demonstrar quante foi Odorico feliz na interpretação das obras de Virgilio, basta que eu abra á ventura

o seu *Virgilio Brasileiro,* no principio do liv. II da *Eneida* por exemplo:

> Promptos, á escuta, emmudeceram todos,
> Ao passo que exordia o padre Eneas
> Do tóro excelso: — Ordenas-me, ó rainha,
> Renove a dôr infinda; o como os Danaos
> De Illio a pujança e o reino lamentavel
> Derrocaram, desgraças que eu vi mesmo
> E em que fui grande parte.

Confrontae-o com o original e dizei se a victoria não fica indecisa.

E este verso:

> Em que terra, em qùe mar, onde um refugio?
> (Liv. II, pag. 255).

não vence por ventura ao latim em concisão, energia e belleza?

> Heu! quæ nunc tellus, inquit, quæ me æquora possunt
> Accipere?

E este hemestichio que se lhe segue:

> Ai que me resta?

que no original virgiliano diz:

> ..... aut quid jam misero mihi denique restat?

Não é essa, nem as versões de francez e as poucas poesias originaes, os unicos serviços que fez Odorico Mendes á litteratura de ambos os paizes onde se falla este formosissimo idioma. Ahi está o seu *Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e do seu auctor, no qual se prova*

haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez (Lisboa, 1860, typographia do *Panorama),* onde, como já o disse, Odorico esclarece com a luz da critica, e destroe completamente esse erro secular e acceito por naturaes e forasteiros, apresentando argumentos irrespondiveis, firmados em testemunhos e documentos insuspeitos, e acima de toda a excepção, e de uma maneira que não deixa a mais leve duvida sobre o assumpto.

Não foi de certo a menor gloria e satisfação que coube ao author o saber que suas apreciações levaram o convencimento ao espirito do sr. Innocencio Francisco da Silva, e de feito esse acurado e consciencioso trabalho fez com que o erudito author do *Diccionario Bibliographico Portuguez* confessasse com aquella isenção e franqueza, que são apanagios do merito real, o erro em que cahira, como todos os seus predecessores, declarando na pag. 75 do tom. VI da sua obra, sem rival no seu genero, que deve essa retractação ás robustas provas e allegações do abalisado escriptor brasileiro, e em outro logar: «A originalidade portugueza do *Palmeirim d'Inglaterra,* assim diz elle a pag. 349 do tom. VIII, tem servido nos ultimos annos para exercicio de critica, e assumpto de vivas discussões entre eruditos contendores. Depois que em 1859 publiquei o tom. III do *Diccionario,* appareceu no anno seguinte impresso em Lisboa um opusculo ou memoria do illustrado brasileiro Odorico Mendes *(Dic.* tom VI, n.° M, 1148) sustentando aquella originalidade com *argumentos e rasões taes e tão convincentes, que me levaram a mudar da opinião,* que seguira por algum tempo, mais

fundado na authoridade alheia que em exame proprio. Nem foram esses argumentos e rasões menos efficazes para obterem pleno assentimento do judicioso philologo e honrador benemerito das lettras portuguezas, o sr. Ferdinand Diniz (que no artigo — FRANCISCO DE MORAES — da *Nouvelle biographie générale*, tom. XXXVI, impresso em 1831) se declara abertamente defensor da originalidade portugueza (pag. 349).

«Indignado, diz J. F. Lisboa, contra esta expoliação (a da paternidade do *Palmeirim*), Odorico Mendes escreveu um opusculo simples, conciso, substancial; e com argumentos irrefragaveis e concludentissimos, não só reivindicou para a litteratura portugueza este malbaratado fructo do engenho de Francisco de Moraes, mas suscitou á memoria obliterada dos contemporaneos, a fabula do poema, os seus mais imaginosos episodios, e as graças de estylo e locução que tanto o recommendaram sempre á admiração dos homens de gosto apurado, desde Cervantes até Walter Scott e Southey.»

«Este opusculo fe-lo imprimir, vae em dois annos, sem outro estimulo e interesse mais que o de servir á gloria da lingua em que falla e escreve.» (*Obras* de João Francisco Lisboa, tom. IV, pag. 497.)

O ex.mo sr. barão de Porto-Seguro (F. A. Varnhagen) tambem o affirma na sua recente obrinha *Da Litteratura dos livros de cavallaria* (Vienna d'Austria, 1872): «Temos, porém, hoje argumentos mui fortes e concludentes em favor da nacionalidade portugueza do *Palmeirim de Inglaterra*.

«Ao meu defunto amigo, o illustre maranhense Odorico Mendes, *coube a gloria de ser o primeiro a apresentar esses argumentos.*» *(Obr. cit.)*

De seus versos originaes, já porque perdeu na Bahia os que compozera na força da juventude, já porque tantas e tão serias preoccupações lhe tomassem o tempo, quer finalmente por encolhimento natural e desprendimento de tudo quanto eram vaidades que lhe não permittia divulgar o que concebia nas horas de ocio; o certo é que poucas producções poeticas originaes temos d'elle[1].

«Não possuindo, diz elle de si com aquella modestia que o distinguia, o engenho indispensavel para emprehender uma obra original ao menos de segunda ordem, persuadi-me todavia de que o estudo da lingua e a frequente lição da poesia me habilitavam para verter em portuguez a epopéa mais do meu gosto»..... «Só abrigado sob as azas de tão sublime escriptor durarei na memoria dos nossos concidadãos ainda uns annos depois da sepultura.» (Prologo da 1.ª edic. da *Eneida Brasileira.)*

«Suas poesias originaes (F. Wolf, *Brésil littéraire,* pag. 196) distinguem-se tambem por essa limpidez serena, exactidão e dicção modelo que só nos antigos se depara. O pensamento que inspirou o *Hymno á tarde* é com effeito tão ameno e tão claro como uma bella tarde estiva; respira toda essa peça um perfume de melancholia similhante ao céu doirado pelos raios do sol poente!

[1] Alem das que reproduzo no corpo d'esta biographia, vej. as que pude colligir e vão na nota A.

E então que harmonia de mistura com os sentimentos que exprime!»

«As raras poesias que appareceram com o nome de Odorico Mendes fazem-nos lastimar que não seguisse elle mais vezes suas proprias inspirações, preferindo pôr seu talento ao serviço de traducções de uma *belleza tal* que só um poeta poderia alcançar.»

«Estas poesias (confirma seu illustre biographo) são de grande merecimento e dignas em tudo de um engenho, filho da mesma terra privilegiada e feliz que deu o berço a Gonçalves Dias, a Sotero dos Reis, a Trajano Galvão, a José Pereira da Silva, a Antonio Franco de Sá, e a tantos outros favorecidos do dom divino.»

«A patria e a sua gloria, a independencia e a liberdade, a virtude, a familia, os castos amores, os pezares e amarguras da vida, são assumpto predilecto d'esses canticos, onde reina um tom de candura e melancholia serena e resignada, cheia de suavissimos enlevos.»

«Linguagem correcta, pura, e portugueza de lei, estylo simples, mas não sem elevação e decoro; a versificação facil, branda e harmoniosa, são dotes que os caracterisam em summo grau.» (Obras de João Francisco Lisboa, *loc. cit.*, pag. 316.)

«Manuel Odorico Mendes, diz tambem por sua vez o sr. dr. Joaquim Manuel de Macedo, foi um poeta de consciencia e de estudo.....

«Estreou na poesia com um canto admiravel, o *Hymno á tarde*, delicada inspiração da musa classica, doce, suavissima, que será em todos os tempos estimada por aquel-

les que sabem apreciar o merecimento de um poema pela excellencia do pensamento e pela belleza da fórma, e não o medem pelo numero das paginas de que consta. Alguns sonetos e odes completam a pequena collecção de poesias originaes de Odorico: reunidas todas, não excedem talvez a dez ou doze; não ha, porém, uma só de entre ellas que não traga o cunho de uma obra de mestre.» *(Rev. Trim., loc. cit.,* pag. 427.)

Não tinha já a imaginação ardente e vigorosa dos verdes annos, que inspira, avassalla o espirito, altea-o e o transporta nas azas da imaginação para o engolphar n'esses sonhos todo encantos, todo amores e doces chimeras, exaltando a mente febricitante que devaneia perdida pelas infinitas regiões do ideal. Era alem d'isso de tardia e difficil concepção: produzia pouco e a longos intervallos; devoto da litteratura classica no que ella tem de mais correcto e bello, o que sahia da sua penna era sempre perfeito na idéa e bem cinzelado na fórma. Como esses genios da antiga Grecia, sublimes na esthetica e não menos admiraveis na plastica, sabia modelar suas producções com o mesmo esmero e correcção com que aquelles sohiam harmonisar as linhas geometricas com a expressão e attitude verdadeiramente artisticas dos seus quadros e estatuas, suavisando os contornos e polindo as asperezas com muita segurança e arte.

Desambicioso de tudo e sem aspirações litterarias, não fazia cabedal de seus versos originaes, nem dava ao engenho, tão felizmente dotado pela natureza, as expansões que pedia, consagrando o tempo, que tinha livre, a es-

tudar e a trasladar para aquella boa linguagem portugueza, em que, ninguem melhor do que elle, sabia exprimir-se, as producções dos dois mais insignes engenhos poeticos que produziu a antiguidade; e n'esse proposito tomou a si e verteu as obras de Virgilio, pondo remate á sua gloriosa carreira com a traducção da *Illiada* e da *Odysséa* de Homero, que lhe completam o brilho e lhe realçam sua aureola litteraria, segundo informa-me quem é versado em ambas as linguas e teve a dita de ler ainda ha pouco, esses preciosos manuscriptos[1], com o fino tacto e depurado gosto litterario que lhe reconheço.

[1] Pretendia o author publicar esse trabalho de volta ao Brasil, e para auxilial-o na impressão d'elle tinha a assembléa provincial do Maranhão na sua legislatura de 1864 decretado a lei de 14 de março (n.º 575), consignando fundos para esse fim. Não foi, porém, esse favor solicitado por elle. Gonçalves Dias, seu amigo e admirador, escreveu-me lembrando a idéa, e eu não descancei até que consegui de amigos prestadios e influentes, que tinha n'essa corporação, uma remuneração aliás diminuta a quem tanto fizera pela patria.

É com prazer que posso assegurar aos amantes das lettras que os herdeiros do poeta vão em breve satisfazer a anciosa curiosidade dos cultores da boa litteratura e admiradores de Odorico, dando á estampa essas obras, cujo manuscripto fôra examinado por Sua Magestade o Imperador que o restituiu á irman do poeta ha mais de um anno. Para comprovar esta agradavel noticia, ajunto o que diz o *Paiz*, do Maranhão, no seu n.º 14 de 1.º de fevereiro do corrente anno:

«*Homero brasileiro.*—Estarão lembrados que por occasião da viagem de Sua Magestade o Imperador pela Europa, correu o boato de que deixára elle a imprimir-se em Leipzig esse monumento erguido pelo illustre poeta maranhense ás letras patrias. Não passou isto de pura invenção, como depois se verificou. Agora, porém, podemos afiançar que os herdeiros de Odorico Mendes estão mandando imprimir no Rio de Janeiro a traducção da *Illiada* e da *Odysséa*, e tanto é isso mais certo que o sr. dr. Antonio Henriques Leal deu ordens

Tenho mais á vista uma carta que dirigiu-me Gonçalves Dias, a 20 de dezembro de 1863, e da qual extraio estes trechos em que o immortal cantor dos *Tymbiras*, referindo-se a Odorico Mendes e a esta traducção, assim diz: «...Pois aquelle bom velho, verde n'alma, no corpo, e nas illusões, levára a tarde de seus dias a trabalhar com o ardor do jornaleiro, que porque quer e por força ha de acabar a tarefa e sente o approximar da noite, e votara-se ao estudo e reaprendizagem do grego como uma creança, como nem o Alfieri se atreveria, se tivesse a mesma idade, e sahe da lucta glorioso e triumphador! Lucta grande e maior que grande—homerica. A lingua mais harmoniosa que os homens nunca fallaram,—o maior poeta que Deus creou no meio das mais favoraveis circumstancias preparadas e como predispostas para o seu apparecimento, é d'este grande poeta a obra por excellencia. Áquella linguagem, filha da patria dos deuses, d'essa terra eternamente joven, como a sua Hebe, terra que se abre e de to-

a seu procurador n'esta cidade, o sr. Luiz Antonio Vieira, para levantar da casa commercial dos srs. Manuel Nina & Irmão a quantia que da assembléa legislativa de 1864 alcançára para auxiliar essa impressão, e recebêra do thesouro provincial.

«Remette o sr. Luiz Antonio Vieira ao sr. Antonio Henoch dos Reis no vapor *Cruzeiro do Sul*, que sahe hoje para o Rio da Janeiro, essa quantia que monta a 6:595$268 réis, e vae ser entregue á irman e filhos do nosso venerando litterato. O saque é pela casa do sr. José Moreira da Silva no valor de 6:590$268 réis deduzidos da quantia retro 6$000 réis para o sêllo da letra.

«Folgâmos, pois, de annunciar aos amantes das boas letras que dentro em breve poderão recrear-se com a leitura da primeira traducção portugueza das obras de Homero, feita sobre o original grego.»

das as partes se esborda sobre o oceano, como uma flôr, para beber todas as brisas e respirar todos os perfumes— opponha-se lá a nossa lingua, que, apesar de ter aspirado os odores das florestas virgens da America e de se ter largamente perfumado com as essencias balsamicas do Oriente, resente-se ainda do ciciar dos ventos nos cabos alcatroados, do gosto penetrante do sal das ondas e d'aquellas machinas rudes e pesadas, que se moviam com a magestade tardia de um elephante a carregar a camilha de uma princeza, e lançavam enormes balas de pedra para defender as custosas especiarias de Ceylão e de Ormuz! E luctem essas duas linguas; e luctem esses dois poetas!»

«E luctou! Ao través dos seculos os grandes espiritos de Homero acharam um que os comprehendeu; venceram os dous, sem duvida. Mas o arrojo da lucta já não era pequena gloria; e nas alternativas do combate, mesmo o vencido poude colher mais do que uma palma immorredoura.

«E havia o poeta de ficar com a sua obra nas mãos, a reler o seu trabalho, a deslaval-o á força de correcções, quando o gosto se fosse embotando com a velhice! E morra sem ter coragem sequer para imaginar uma nova occupação! Era duro e triste.»

Venham breve essas joias litterarias engastar-se explendidas na opulentissima corôa artistica das duas nações irmans; dando ao mesmo tempo irrefragavel testemunho de que sob aquellas neves, que lhe branqueavam a cabeça, ardiam frementes o amor ao trabalho e o desejo de ser util, e que n'esse inverno tão adiantado espanejavam-se ainda serodias flores de donosa e festiva primavera.

II

O VISCONDE DE ALCANTARA

(JOÃO IGNACIO DA CUNHA)

«And to live great, is better than great born»
(B. Johnson.— *Epig.* 66.)

I

Nascer povo e subir gradual e suavemente ás cumiadas do poder e das honras, e isto em tempos em que não era aquelle de facil accesso, nem barateavam-se estas ou andavam ás rebatinhas e em almoeda, é muito para admirar, e ainda mais o é, quando para lograr-se tal fortuna, não houve quebra dos brios e da dignidade, ou que os agraciados se rojassem, ou que emfim as urzes e espinhos lhes rasgassem as carnes n'esse caminhar difficil de tão baixo a taes alturas, ou a poeira dos carros dos grandes os ennodoasse. Para isso é força que ao merito acompanhe constante a boa sorte. Foi o que succedeu a João Ignacio da Cunha que, na magistratura chegou ao supremo tribunal de justiça; na carreira administrativa a ministro d'estado por mais de uma vez, e a conselheiro da corôa; na eleição popular a senador do imperio; nas honras e mercês a visconde com grandeza, condecorado com

varias ordens nacionaes e estrangeiras; e nas sciencias e lettras a socio de mais de uma corporação bem reputada n'ellas.

Filho legitimo do dr. Bento da Cunha e de D. Marianna Mendes da Cunha, nasceu João Ignacio na cidade de San Luiz do Maranhão a 23 de junho de 1781.

II

Era o desvanecimento dos paes a applicação aos estudos e o desenvolvimento intellectual de João Ignacio. Desde a eschola de primeiras lettras auguravam-lhe um brilhante futuro e libravam n'elle suas mais lisonjeiras esperanças, promettendo-se um avantajado representante do justo renome de que gozava entre os maranhenses o dr. Bento da Cunha. Apezar de ter João Ignacio estudado as poucas disciplinas de humanidades, que se ensinavam n'aquelles tempos coloniaes no Maranhão com a presteza propria do fervor com que entregava-se á cultura das lettras, só em 1801 pôde seguir para a Europa onde ia continuar a illustrar-se.

Assim como os artefactos e generos alimenticios estranhos não podiam ser importados no Brasil sem ser por via de Portugal, tambem as sciencias eram cultivadas pelos brasileiros na universidade de Coimbra, resumidas para nossos paes, então colonos, as corporações scientificas n'esta e a Europa na mãe-patria.

Sem nunca desmentir o alto conceito que formaram

d'elle desde os seus primeiros passos na carreira das lettras, viu João Ignacio em Coimbra premiados seus esforços na faculdade de direito; sendo ao mesmo tempo bemquisto de mestres e de collegas pelo seu comportamento irreprehensivel, character firme e austeridade de principios.

N'aquella edade de paixões violentas em que tantos mancebos desvairam-se em demasias, era apontado por sua sensatez, bom porte e maneiras nobres e delicadas; por isso tambem grangeára geraes sympathias, e tudo quanto havia de bom e illustre n'aquella mocidade academica era da intimidade do estudante exemplar, dando, porém, elle preferencia n'ella ao futuro patriarcha da nossa independencia — o immortal José Bonifacio de Andrade e Silva. Essa amisade cultivada com egual reciprocidade e que em nenhuma circumstancia da vida foi sequer alterada, estreitava-se ainda mais pela mesmidade de sentimentos, pela mutualidade de affectos e d'idéas, e nunca mais desatou-se senão pela morte.

Cursando o joven maranhense com bons creditos e muita applicação as aulas de direito, logrou tomar em 1806 o grau de bacharel formado.

Foi tambem a esse bom nome adquirido desde os bancos da universidade que deveu sua nomeação de juiz de orphãos de Lisboa logo ao terminar o curso juridico[1].

Era por esse tempo ministro das justiças um descendente do marquez de Pombal e herdeiro de seu titulo.

[1] Por despacho de 25 de fevereiro de 1807.

Não foi comtudo a escolha bem acceita por mais de um cortezão, que a estranhou por ter recahido cargo tão importante e cubiçado em um bacharel que entrava apenas na carreira publica e de mais a mais *brasileiro!* Era mais que muito natural esse reparo, attendendo-se sobretudo á qualidade de colono do nomeado. Quando muitos outros compatriotas consumiam debalde annos, cabedal e paciencia nas ante-salas dos ministros a requererem logares não já para a metropole, para as capitanias da colonia natal, sem nunca obterem deferimento ás suas não raro bem fundadas sollicitações, teve este a ventura de ser despachado magistrado, e com exercicio na propria capital do reino!

Quem estava debaixo de estrella tão propicia e perto das vistas e exame do governo, era proseguir na practica das virtudes e boas acções, que desde a juventude tanto o distinguiram, para que fôsse desempedida e rapidamente accrescentando-se em cargos. Assim o vamos encontrar no seguinte anno despachado desembargador da Relação da Bahia com exercicio na Casa da Supplicação[1], sendo que d'este cargo tomou posse por procuração em março de 1809.

III

As aguias do imperio francez, que já suspendiam de suas garras sempre victoriosas tantas corôas, esvoaçavam

[1] Decreto de 29 de novembro de 1808.

sobre o pequeno reino da Peninsula Iberica, ameaçando a dynastia de Bragança de exterminio certo. Foi isto motivo cogente para que o principe, vacillante e medroso, tomasse afinal o conselho do governo inglez e procurasse refugio na sua colonia da America Meridional.

Com o atropello e assodamento, que lhes incutia o terror, embarcaram-se confusa e furtivamente no dia 27 de novembro de 1807 no caes de Belem o principe regente, sua familia, a rainha D. Maria I, que havia perdido as luzes da rasão, os ministros e empregados, a côrte e a aristocracia com o seu sequito de clientes e criados, e tambem com seu cortejo de vicios e defeitos. Transportavam-se prófugos das plagas européas e traziam para o solo virgem do Brasil tudo quanto havia de funesto e ruim, nos preconceitos e velharias do systema absoluto; mas de mistura com o mal nos levaram os germens de onde abrolharia dentro em pouco a nossa emancipação politica e com ella a liberdade. Essas idéas latentes nos espiritos, só esperavam calor e luz bastantes para vingarem com força e chegarem a fructear, e foi o que succedeu.

Entre o numeroso sequito da familia real e os que buscavam com ella terras do Brazil, vinha o desembargador da Relação da Bahia, João Ignacio da Cunha, que, ao chegar ao Rio, não tardou em realisar o seu consorcio com D. Violante Luiza de Vasconcellos, filha legitima do capitão Filippe Nery de Vasconcellos e de D. Antonia da Cunha Vasconcellos.

A 14 de dezembro de 1814 foi elle confirmado em um logar ordinario de desembargador da Casa da Supplica-

ção, em que foi empossado a 11 de janeiro do seguinte anno.

Não limitaram-se seus prestadios esforços á causa publica só no exercicio activo e intelligente da magistratura, contentando-se de repartir justiça a quem de direito a tinha. Foram-lhe tambem confiadas por D. João VI outras commissões mui delicadas e trabalhosas, taes como, entre outras, a de juiz privativo de todas as causas concernentes á arrecadação do dizimo, havendo-se sempre n'estes negocios com tanta inteireza e rectidão, que foi galardoado pela corôa em reconhecimento de tão relevantes serviços com a insignia de cavalleiro da Ordem da Torre e Espada[1], o que era n'esses tempos mercê honrosissima e que a poucos se concedia. Não ficaram, porém, unicamente nas honras as mostras de gratidão do monarcha, a quem dava o desembargador João Ignacio tão sobejas provas de sua probidade e zêlo, mostrando-se digno da confiança do governo. Os cargos como que vinham á competencia procural-o:—a 11 de maio de 1821 foi nomeado desembargador de aggravos da Casa da Supplicação, de que tomou posse onze dias depois, sendo que desde 6 de abril exercia interinamente o logar de Intendente Geral de Policia, em cuja effectividade foi confirmado a 20 de maio de 1822. A 10 de junho do mesmo anno foi nomeado desembargador do Paço, encargo de que foi empossado a 17 do seguinte mez.

Tornando-se D. João VI em 1819 do Rio de Janeiro

[1] 13 de maio de 1820.

para a metropole, deixou seu filho primogenito, o Duque de Bragança, como seu logar-tenente, na gerencia do governo do Brasil, então já elevado a reino. O desembargador João Ignacio, a quem já prendiam ao nascente estado americano tantos laços, e que no seu patriotismo descortinava bruxolear nos horisontes a ante-manhan da independencia da sua patria, ficou-se no Rio de Janeiro, fixando ahi sua residencia, onde a fortuna, que nunca o abandonára, continuou a favorecel-o.

Creada a Ordem de Cruzeiro em o 1.º de dezembro de 1822, foi João Ignacio honrado com a chancellaria d'essa nobilissima e até hoje não barateada distincção.

Ganhára tal confiança no animo do principe reinante, que na primeira combinação ministerial (em 28 de dezembro de 1822) foi convidado para a pasta da fazenda, ao que se recusou obstinadamente, sendo depois nomeado para um logar na mesa do Desembargo do Paço[1], accumulando este com o cargo de Intendente Geral de Policia.

IV

Raiou emfim para nós o sol vivificador e esplendoroso da liberdade! Com o grito *de independencia ou morte,* soltado valorosamente a 7 de setembro de 1822 pelo proprio principe D. Pedro d'Alcantara, começou para o Brasil a era da sua resurreição e prosperidade. Sacudimos

[1] 23 de dezembro de 1822.

sem custo nem abalo o jugo cada dia mais insupportavel da mãe-patria e tomámos logar entre as demais nações: de colonos e vassallos, que eramos, fomos cidadãos de um grande imperio livre, cuja historia com ser de hontem já tem mais de uma pagina gloriosa e invejada de certo dos primeiros estados do mundo.

João Ignacio adheriu com o maior enthusiasmo e dedicação á causa da nossa emancipação, e com suas luzes e experiencia auxiliou efficazmente os patriotas que se pozeram á frente d'este movimento regenerador. Nem por isso esqueceu o patriota o magistrado; antes continuou com toda a hombridade e fervor nas suas funcções, exercendo-as de modo que suas sentenças serão louvadas emquanto d'ellas durar memoria.

D. Pedro I, apreciador dos merecimentos de João Ignacio da Cunha, deu-lhe o titulo de conselho por carta imperial do 1.º de fevereiro de 1823, e depois a insignia de cavalleiro da Ordem de Christo; e a 8 de abril de 1824 nomeou-o chanceller da Casa da Supplicação[1], que, como outras machinas da decrepita monarchia portugueza, foi extincta com a proclamação do nosso pacto constitucional.

Tendo o marquez de San'João da Palma concluido o seu tempo de regedor da justiça, ficou vago esse logar, o mais importante por certo de quantos havia então na magistratura. Consultando o primeiro Imperador ao conselheiro João Ignacio da Cunha sobre quem devia ser nomeado

[1] Tomou posse d'esse novo cargo a 4 de maio de 1824.

para elle, indigitou-lhe o marquez de Sanct'Amaro. Applaudiu o monarcha a lembrança e assentaram ambos n'essa nomeação. Não a quiz, porém, o marquez acceitar por fórma alguma, e indo agradecel-a a D. Pedro I instou para que fosse dada a regedoria ao conselheiro João Ignacio, allegando que ninguem conhecia com mais titulos e merecimentos para o bom desempenho d'esse encargo do que o illustre maranhense. Travaram então entre si estes dois honrados cidadãos uma lucta de desinteresse e abnegação, desfiando n'ella á porfia melindres de delicadeza de sentimentos, que por si sós bastariam para captar-lhes boa reputação, se os precedentes de sua vida lhes não déssem preeminencia entre os magistrados que illustraram a patria no primeiro reinado.

Não dando-se nenhum d'elles por vencido, decidiu D. Pedro I a contenda, nomeando o conselheiro João Ignacio da Cunha[1], que exerceu esse cargo até que foi supprimido pela Constituição.

Se merecia a confiança e estima do soberano por seu character e serviços, não devia contar menos com ellas da parte de seus concidadãos; porque estavam muito mais no caso de o aquilatarem, nas frequentes occasiões que se lhes offereciam para as apreciar; portanto o suffragio popular por mais de uma vez o considerou, escolhendo-o representante da provincia onde tivera a dita de nascer. Fora antes eleito deputado á Assembléa Constituinte pelo

[1] Nomeação de 15 de outubro de 1824, e posse a 22 do mesmo mez e anno.

Maranhão (1823), mas não chegou a tomar assento n'esse corpo deliberante por não ter ainda a provincia adherido á independencia quando se ella installou, e por chegarem as actas e o diploma depois da sua dissolução.

Por decreto de 20 de outubro de 1825 teve a mercê do titulo de barão d'Alcantara, que o veiu surprehender no meio de suas occupações e assim ennobrecel-o ainda mais aos olhos do vulgo.

Creado o Senado, foi o barão d'Alcantara eleito senador pelo Maranhão e escolhido por carta imperial de 19 de março de 1826.

Não desmentiu ahi seus creditos, e nem tiveram seus comprovincianos motivos de arrependimento por semelhante eleição. Folheem-se os *Diarios das Camaras* do tempo em que teve elle assento no nosso parlamento, que hão de admirar os discursos do representante maranhense pela sobria e succulenta eloquencia, pelo muito saber e juizo prudencial que n'elles sempre revelou, quer se tractasse de questões de jurisprudencia, quer de fazenda ou de politica geral. Conhecendo que lhe iam faltando as forças para lidar com processos judiciarios, terminou a honrosissima carreira de magistrado, alcançando a 18 de agosto de 1828 ser aposentado como membro do Supremo Tribunal de Justiça. Seus bons serviços foram ainda reconhecidos e premiados, com ter sido agraciado com o titulo de visconde de Alcantara a 27 de agosto de 1829, seguindo-se-lhe a 10 de junho de 1830 a nomeação de conselheiro d'estado.

Quem de si dera tão claros testemunhos na magistra-

tura, e como representante da nação, estava talhado para na administração e governo do imperio mostrar todo o seu amor á patria, prestando-lhe serviços de outra ordem e cuja benefica acção ía interessar em geral a toda a população brasileira. Foi ministro dos negocios do imperio por duas vezes e uma vez dos da justiça[1].

Quando D. Pedro I conheceu imminente a revolução, que o havia de despenhar do throno, quiz, no desespero de causa, e para salvar sua dynastia, fazer concessões ao povo, e assim organisou a 6 de abril novo gabinete, de que fez parte o visconde de Alcantara, na pasta da justiça: já era, porém, tarde, e no dia seguinte, chegado o momento decisivo, e vendo o nobre visconde que o remedio estava na abdicação do Imperador, obteve d'elle lavrasse sua demissão antes d'esse acto, para que não fosse nomeado regente interino do imperio.

Entre os actos administrativos que honram a sua memoria, como ministro d'estado, sobresahe o da fundação da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, que ainda hoje dura, correspondendo aos intuitos do fundador e ao seu titulo d'ella. Foi tambem o visconde de Alcantara seu presidente honorario em quanto viveu. Deve-lhe por egual sua provincia natal um bom serviço, qual o da no-

[1] Foi nomeado a primeira vez para a pasta do imperio a 2 de agosto de 1830, retirando-se d'ella a 14 de outubro do mesmo anno, de novamente chamado para occupal-a a 24 de dezembro tambem d'esse anno, retirando-se com seus collegas a 18 de março de 1831.

A 4 de dezembro de 1830 começou a accumular a pasta da justiça, exonerando-se d'ella a 19 de março de 1831.

meação do ex.mo sr. desembargador Candido José d'Araujo Vianna (hoje conselheiro e marquez de Sapucahy), para seu presidente.

Na edade de cincoenta e tres annos, aos 14 de fevereiro de 1834 baixou á sepultura este virtuoso cidadão, sendo seus restos mortaes guardados na egreja da Ordem de San'Francisco de Paula do Rio de Janeiro. Deixou na carreira pública um vasio difficil de prehencher-se, e á sua desolada familia, com o exemplo de suas acções, um nome respeitado por sua honradez e estimado por suas nobres e excellentes qualidades, e a pobreza—legado certo e esperado de quem, nascendo sem haveres e sem nunca os ter herdado, contenta-se com as remunerações de seu trabalho honesto nos empregos que exerce, sem que d'elles se sirva para locupletar-se em detrimento dos particulares ou do Estado. É essa quasi sempre a riqueza dos benemeritos da patria—riqueza que nobilita e ufana aos que a têem de addir. Se elles encontram os cofres vasios e não recebem palacio sumptuoso, acham no emtanto um peculio que se não consome com o tempo, antes se apura e augmenta com a sentença imparcial da posteridade.

V

Foi nitido e transparente crystal a vida pública do visconde de Alcantara, a despeito das mui frequentes occasiões em que lhe foi por certo difficil evitar mareal-a, já pelos differentes encargos, que occupou, todos elles me-

lindrosos, cheios de responsabilidade e de escolhos, de que outro, a não ser tão prudente e experimentado piloto, não saberia desviar-se, indo á pique de encontro a elles. Se a inteireza e zêlo com que soube sempre manter-se no cumprimento de seus deveres foram estimados e recompensados, não o deveu tanto á sua muita felicidade, como á rectidão e independencia de seu procedimento. A carreira da magistratura não foi sempre desempedida e lisa para quem tinha por norma a justiça extreme de considerações e interesses. Entre outros factos que muito abonam sua hombridade e espirito de justiça, citarei para exemplo um que, se nos nossos dias era para censurar-se por não ter tido o magistrado coragem bastante para lavrar a sentença, n'aquelles, e com quem foi, dá realce ao magistrado que ousou tomar conhecimento do facto. As discordias e desordens que traziam os paços reaes em confusão e desharmonia, reflectiam de um modo deploravel no lar dos cortezãos e da aristocracia, denunciando-se muitas vezes por escandalos e crimes. No tempo em que estava a côrte portugueza no Rio de Janeiro foi alli assassinada a viuva de Fernando Carneiro Leão (conde de San'José), indigitando a voz publica como mandataria d'esse homicidio a propria rainha D. Carlota Joaquina. Tendo sido nomeados diversos juizes para tirarem devassa do crime, excusaram-se todos sob futeis pretextos, sendo o unico e verdadeiro motivo — o receio de comprometterem-se. Dirigiram-se por ultimo ao desembargador João Ignacio da Cunha que, se não fazendo de rogar, instaurou afouto o processo, conheceu do crime, e prose-

guiu com tanta actividade nas indagações judiciarias que, em breve tempo, deu os autos por conclusos. Conhecida e provada pelas peças do processo que a verdadeira criminosa era a rainha, appresentou-o elle a D. João VI, dizendo-lhe:—«Senhor, a ré merecia uma sentença correspondente ao crime de homicidio; porém, como está tão altamente collocada, entrego a Vossa Magestade todos os papeis para deliberar como a justiça o pede e aprouver melhor a Vossa Magestade». Foi este processo abafado e depois consumido. Seria um curioso e singular documento para a história contemporanea, e o mais cabal testemunho dos sentimentos do nobre e probidoso visconde d'Alcantara.

A gratidão e a amisade occupavam grande espaço na alma do honrado visconde de Alcantara, e eram ornamentos que sobredoiravam os demais dotes moraes d'este insigne varão. D'ahi lhe advinham principalmente a estima e a admiração que lhe tributaram seus coetaneos e tambem parte das agruras que soffreu no ultimo quartel da vida. Entretinha com o primeiro Imperador mais do que as relações de simples cortezia official: o reconhecimento pelos favores e pelas provas de consideração que recebêra de D. Pedro I, foram retribuidos por elle com a mais sincera affeição, não de cortezão, mas de fiel e constante amigo. Decahido e desterrado o monarcha, não lhe torceu o visconde de Alcantara o rosto, nem occultou a magoa que sentia por esse infortunio, antes fortalecendo e estreitando com a ausencia e a desgraça as relações que tinha com o imperador, appresentou-se decidido partidario

da restauração. Tornou-se o cheffe dos que seguiam essa opinião sem que nunca lhe quebrantasse o animo ou o demovesse de tão leal proposito a tibieza e a má vontade dos que dominavam a situação; supportando, pelo contrario, com resignação e serenidade os revezes que lhe acarretou seu leal procedimento. Grato o duque de Bragança a tamanha dedicação, nunca deixou de corresponder-se com elle quer no exilio, quer durante a guerra civil de 1833 em Portugal, ainda nas peripecias mais assombrosas d'esse drama, ou na enfermidade de que veiu a succumbir, communicando-lhe suas esperanças, seus planos, seus triumphos e os desgostos que com elles se travavam.

Considerados hoje este louvavel acto e tão bella qualidade com a calma que o tempo e o arrefecimento das paixões trazem comsigo, hoje que estão apagadas as recordações das luctas politicas que precederam e seguiram a revolução de 7 de abril de 1831, ninguem talvez deixará de admirar e applaudir tão nobre proceder.

Ao passo que outros, que foram arrancados da miseria e da nullidade por D. Pedro I, e o ajudaram a cavar o abysmo onde se precipitou, o abandonaram e trahiram, e quando lembravam-se d'elle era para fazerem côro com seus inimigos, vimos o visconde de Alcantara seguir rumo opposto. Elle que lhe não era devedor senão de justiça; pois que por taes se devem considerar esses favores — antes pagamento dos valiosos e leaes serviços do funccionario probidoso, incançavel e austero — mostrou-se nos dias do perigo e da desgraça dedicado e franco partida-

rio de uma causa perdida e odiada pela maioria de sens concidadãos.

Se para o vulgo dos que julgavam então em perigo a nacionalidade foram um erro, antes um crime, essas idéas, devemos hoje, na grandeza e seguridade, laurear quem, para sustental-as, não se pesou de perder a popularidade e arrostar de frente com a reprovação de muitos, com a animadversão dos patriotas exaltados, e com a perseguição e má vontade, emfim, do poder, para ser grato a quem não lhe podia já valer, senão acarretar-lhe males com sua amisade.

Tornemo'las, pois, bem patentes, essas excellencias de seu coração, que o merecem e são os melhores brazões de nobreza do visconde de Alcantara, e tambem a recommendação mais poderosa á veneração e estima dos venturos.

III

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

Francisco Sotero dos Reis

Fanciullo, amava ed ammaestrava i fanciulli. Uscí giovanetto agli studi... Dileggiavano in prima il suo fervore taluni, che poi vedutolo de'dileggi, non curante, lo presero ad imitare.

NICOLÒ THOMASEO, *Sull'Educazione* (1851), pag. 81.

I

Deixa-se a maioria dos homens arrebatar e illudir, fascinada por tudo quanto a deslumbra com seus fulgentes raios, a electrisa por actos temerarios ou enebria e conturba-lhe o espirito com o arruido que produz em derredor de si; seja elle um feliz aventureiro, que pelas armas e pelo exterminio escravisa povos e devasta cidades, deixando após si com os triumphos uma esteira de sangue, e por toda a parte ruinas por monumentos e a morte por tropheus; seja um caudilho audaz nas entrepreзas, ou um tribuno eloquente que pelo prestigio de sua palavra incapelle as ondas agitadas da revolução. Sejam muito embora para esses as preferencias dos laureis e dos applausos dos contemporaneos, e a apotheose dos posteros. Outros curvem-se no afogo do enthusiasmo

ante esses genios malfazejos, que eu, pensando com Chateaubriand, e sentindo pulsar-me o coração de entranhavel reconhecimento por aquelles que conspiram para o bem da humanidade, consumindo os dias e as vigilias na indagação e vulgarisação da verdade, e na conquista d'inventos uteis, com elles sympathiso.

Que missão ha 'hi porventura mais nobre e sancta do que a d'aquelles que se votam corpo e alma a amparar e guiar tudo quanto são fraquezas? O medico, o parocho e o mestre, eis-ahi tres entidades venerandas, que quando se dedicam desinteressados e fervorosos a estas trabalhadas vocações, e prehenchem com abnegação e charidade o sagrado sacerdocio que tomaram sobre si, são dignos de todo o louvor, acatamento e gratidão.

Dispensae-lhes, felizes da terra, galardões e homenagens, que os bem-merecem elles mais que todos!

Obscuros e desapercebidos passarão sua vida cheia de cuidados, de sacrificios e de enfado sem conta. Na apparencia é ella ingloria; mas inquiri o desgraçado que na hora extrema recebeu do cura o perdão e o pão da Eucharistia— esses balsamos vivificadores da nossa religião—; e o desvalido pae de familias que vê na doença á cabeceira do seu pobre catre de dôres ess'outro desvelado sacerdote—o medico—que lhe escuta os gemidos, sonda e pença as feridas, mitiga-lhe as dôres, restabelecendo-lhe por ultimo e com grande esforço e assiduidade a perdida saude, e certificar-vos-hei de quanto amam-n'os elles e quanto lhes são reconhecidos. E que outra recompensa ha 'hi que possa soffrer confronto com a que lhes fornece a pro-

pria consciencia pelo bem que obraram em beneficio da humanidade paciente? Não os remuneram assaz as orações que erguem ao Altissimo em acção de graças? Quando não os extraviam as paixões, nem oblitera-lhes tão pouco a sordida especulação esses nobres sentimentos,e se consagram devotamente a seus ministerios, é grande, é nobre, é sublime a missão do medico, que anda de par com a do verdadeiro e honrado sacerdote.

Tão desconhecida e ainda em menos é avaliada a profissão do mestre-eschola. Pobre educador dos ignorantes, tu que preparas as gerações futuras, que lhes imprimes o primeiro cunho social e lhes descortinas a pristina luz da alvorada intellectual; que faceias com intelligente paciencia esses diamantes; que curas com mimo paternal d'essas florinhas ainda botões para um dia fructearem ao sol da vida; que vaes desbravando a estrada do progresso e da civilisação, e alumias tantas cegueiras, com que te pagas de teu lidar insano, quanto não é augusta, quanto respeitavel tua missão na terra? Basta-te a intima satisfação de veres mais tarde alguns d'esses, outr'ora germens que foram cultivo teu, vingarem e prosperarem frondentes e robustas arvores!

Quereis admirar o mestre-eschola, esse missionario da propaganda intellectual, ide observal-o na sua operosa e fatigante lide. Eil-o n'essa mal guarnecida sala, cercado de tantas cabeças doudejantes e inquietas, e elle a deliciar-se com esse desatinado papear infantil, com esse constrangimento dos que preferem os folguedos aos livros, com o vozear dos que se rebellam contra tudo o que é op-

pressão e rigor, e em summa com o arruido descompassado e confuso que vae pelas classes. É musica dulcissima a seus ouvidos conformados a ella. A experiencia e o coração fazem-lhe desculpar essas explosões passageiras, que irrompem ás subitas do regorgitamento de seiva em edade em que tudo é movimento, vivacidade e inconstancia.

E elle que conhece e sente a enorme responsabilidade que pesa sobre seus hombros, espreita, como cultivador solerte e attento, os vicios e achaques de que adoecem essas tenras plantinhas que estão a seu cargo, e vigilante acode a todas: a esta para endireitar-lhe uma vergontea, áquella para podal-a; já á outra extirpa uma parasita, rarea-lhe as folhas que lhe ensombram a haste, e áquell'outra tira-lhe em volta as plantas ñocivas.

Ponderae bem no que vae de fadiga, d'enfado e apoquentações na existencia d'esse homem, que se concentra e faz do ensino seu ideal, limitando suas ambições aos acanhadissimos ambitos de sua escñola, que é o seu eden e o seu estado, cujos vassallos os discipulos são. Curvae respeitosos a cabeça ante esses apostolos da instrucção, esses esforçados operarios do futuro, primeiros iniciadores da verdade no animo rude e maleavel d'esses que hão de um dia continuar a obra da civilisação.

D'elle já dizia D. Francisco Manuel de Mello, author da *Carta de guia de cazados* e de outras obras de merecimento, em tempos aliás tão atrazados: — «A dignidade de mestre eguala-se com a de pae, acaso se lhe avantaja,

porque o mestre regenera os discipulos por mais alto modo que os paes geram os filhos», e assim é.

Sei que são, infelizmente, mui raras essas vocações privilegiadas que se consagram generosas e com admiravel enthusiasmo a instruir seus semelhantes, e é por isso que ainda mais os venero e amo. Francisco Sotero dos Reis foi um d'esses. Na edade em que outros se entregam aos devaneios e passatempos da juventude, elle dedicava utilmente suas horas a reger uma cadeira de ensino público, e só deixou de dar lições a seus conterraneos quando a vida se despediu d'elle.

II

Quem de entre nós deixará nunca de recordar-se com extrema e saudosa gratidão d'aquelle ancião que, caminho do Lyceu ou d'outros estabelecimentos de instrucção, cruzava com passos tardos e incertos, em differentes horas do dia, as ruas da nossa capital? Abstracto e alheio de si, sem prestar attenção ao que o rodeava, e todo absorto em suas cogitações quando não o despertavam seus estudos ou as licções de seus discipulos, parecia reconcentrado em seus pensamentos a ruminar o que havia lido. Eil-o avergado pelos annos, denunciando-lhe os seus estragos, senão os cabellos, que os tinha pouco grisalhos, as rugas do rosto, a flacidez dos tecidos que lhe traziam as faces, já de si grossas, pendentes e em dobras. De baixa estatura, secco de carnes, de tez clara, palpebras

superiores demasiado espessas, como que velando-lhe habitualmente os olhos, não que se doessem da claridade, ou se occultassem d'industria para que não lhe prescrutassem o que lhe ia pela alma, antes para furtarem-se ás distracções do mundo exterior e deixar a mente espairecer forra e sem peias [1].

Singelo no trajo e no porte, não destoava no tracto intimo d'esse aspecto de bondade que o fazia estimado de todos quantos uma vez o houvessem conversado e ganho suas sympathias.

Venerando patriota, incansavel evangelisador, não foram baldados os sacrificios que fizestes com prodigalisar teu tempo a espancar as trevas de quem te procurava para illuminal-o com a muita luz que possuias; que bem mereceste da patria, mas tambem o pedestal, onde se ergue vivedoira a tua memoria, firma-se em nossos corações agradecidos! Tres gerações quasi inteiras de teus conterraneos passaram pela fieira de teu ensinamento e se apuraram no crysol de teu espirito esclarecido, ouvindo tuas conceituosas e sabias licções, e são os melhores pregoeiros de teu nome.

Não te impozeste só essa tarefa, que quando sentiste avizinhar-se o termo final de teus productivos dias, sem dares de mão á tua utilissima postoque obscura tarefa, roubaste no socego da noite horas ao repouso e ao somno

[1] Tanto o retrato d'este, como os de M. Odorico Mendes e do barão de Pindaré, que veem no principio de suas biographias, estão mui semelhantes, cabendo aqui render justos louvores ao artista que os gravou, o sr. Pedroso, pelo bem executado de seu trabalho.

para junctares ao ensino oral o escripto. Revelando n'essas obras o teu merito e o muito que enceleiraste nos teus longos e occupados annos com o teu engenho investigador e tão perspicuo, quizeste continuar, mesmo depois do teu desapparecimento de entre os vivos, a ser guia e mestre dos que estão por vir, perpetuando entre elles tão sans e verdadeiras doutrinas!

Francisco Sotero dos Reis, como João Francisco Lisboa, foi mestre de si mesmo, estudou e accrescentou-se em saber, guiado unicamente por sua clara e robusta intelligencia: nunca frequentou cursos superiores, nunca bebeu em mananciaes de sciencia que lhe ministrassem outros, nem sequer sahiu alguma vez de sua cidade natal. Apprendendo n'esse limitado recanto os rudimentos de humanidades nas poucas e mal regidas aulas que o zêlo suspicaz da metropole concedia com muito custo e parcimonia ás capitaes das capitanías de suas conquistas do ultramar, se adestrou elle para dar-nos tão brilhantes documentos de seu engenho.

Nasceu este illustre varão na cidade de San'Luiz, capital da provincia do Maranhão, em 22 de abril de 1800, sendo seus paes—Balthasar José dos Reis e D. Maria Thereza Cordeiro, ambos fallecidos, e esta vae em mui poucos annos.

A instrucção pública não está ainda no nosso paiz assentada em largas e bem desenvolvidas bases, como era para desejar, e o estão a exigir a civilisação e as necessidades da nossa epocha, de modo que aquelle que se entrega ás lettras ou sciencias, se não póde sahir do imperio

tem de vencer serios e não raro insuperaveis tropeços. Vêde-me agora o que poderia conseguir quem tivesse sêde de saber no Brasil, ainda colonia de Portugal, e no começo d'este seculo! A metropole, como é sabido, no empenho de a trazer subjugada a seu dominio, tractou sempre de condensar as trevas que envolviam a America Portugueza. Para que não conhecesse suas forças e assim podesse quebrar as ferropêas que a manietavam, não só lhe interceptava a luz intellectual, como anniquilava as aspirações dos colonos, desvanecendo-lhes as esperanças de seguirem suas naturaes e legitimas inclinações. Não era ainda tudo: vedava aos brasileiros o exercicio de certas industrias para d'ess'arte favorecer as do reino, donde tudo procedia até que a invasão franceza veiu abrir-nos os portos ao commercio da Europa culta.

Entrou Francisco Sotero dos Reis em tenra edade para uma d'essas escholas de instrucção primaria, tão rudimentares e mal favorecidas de disciplinas regulares, que eram-nos dispensadas pela munificencia real. Não gastou pois os bancos n'ella; que a sua applicação e prompta comprehensão fez com que dispensasse em pouco tempo as licções do mestre-eschola; porque sabia já tanto como elle.

III

Tinha então F. Sotero doze annos, e seguiria a vida commercial, entrando de caixeiro para a loja de um parente, ou iria para a fazenda dos paes, em Guima-

rães, para tornar-se um d'esses agricultores rotineiros, como tantos outros, a não ter-se dado uma circumstancia, que decidiu da sua carreira, inclinando-o ás lettras. Era seu systema nervoso de uma tão exquisita sensibilidade, que resentia-se á menor commoção exterior ou moral. Brincando uma vez com um dos visinhos, travaram-se de razões, e este, mais crescido e robusto, puxou-lhe as orelhas, cousa de que tinha particular embirração. Ficou atordoado e com dores de cabeça tão fortes, que o obrigaram a estar de cama. Succedeu poucos dias depois que, tendo um preso de nome Campello assassinado um companheiro dentro na propria cadêa pública, então no pavimento terreo da Casa da Camara [1], no Largo de Palacio, resistiu á guarda de Palacio, e quando presentiu inevitavel a prisão, deu em si duas facadas no baixo ventre. Ia Sotero a recado da mãe em direitura á egreja de Nossa Senhora do Carmo, quando deu de rosto com a padiola que conduzia para o hospital o desgraçado criminoso, banhado em sangue e com os intestinos de fóra. Causou-lhe tamanha impressão esse horroroso espectaculo, que d'ahi a pouco estava com febres que se tornaram quotidianas, acompanhadas de fastio e d'insomnias, e entretidas pela

[1] Em 1855 foi transferida a cadêa publica d'esse local impropriissimo para o edificio onde hoje se acha, e que tem todas as condições hygienicas de commodos e situação. Realisou-se tão convinhavel melhoramento, que a moralidade pública, e a saude dos presos estavam a reclamar com instancia, na vice-presidencia do sr. commendador José Joaquim T. Vieira Belfort, e por indicação do sr. dez. Viriato Bandeira Duarte, então cheffe de policia, que para isso ouviu meu parecer medico.

constante lembrança do lugubre quadro que vira, até que d'idéa fixa tornou-se-lhe ella em rematada mania. Eram já n'elle evidentes os symptomas de loucura, tanto que um dia tentou precipitar-se da varanda da casa, tolhendo-o de realisar esse intento suicida os principios religiosos que bebêra com o leite materno. Lembraram-se então os paes que a mudança de sitio influiria no seu restabelecimento e o mandaram para sua fazenda d'elles em Guimarães. Ahi, com effeito, passados alguns dias, começou a procurar distracção na leitura, e tal gôsto tomou pelos livros que, voltando á casa paterna, pediu que queria continuar com os estudos, no que consentiram elles, entrando F. Sotero para a aula pública de latim, estabelecida no convento de Nossa Senhora do Carmo, onde teve por amigo e émulo a Odorico Mendes. Dedicou-se com tal ardor ao estudo, e taes progressos fez na lingua latina, e tanta confiança depositava n'elle fr. Caetano de Vilhena Ribeiro, que entregou-lhe a regencia das classes mais atrasadas, e nos seus impedimentos deixava-o fazendo suas vezes.

Vem de molde aqui notar que quando frequentava o latim teve occasião de conhecer que a palavra—*æruind* (desgraça, infortunio)—que inventára na sua mania e repettia nos delirios, era puro latim, e como que um feliz presagio de quanto havia de ser entendido n'esse difficil e rico idioma. Passados muitos annos quiz experimentar-se, e foi assistir a uma execução capital; mas tal abalo lhe causou, que desde então evitava toda e qualquer scena que o commovesse e ainda a vista de sangue, e d'ahi por deante, em tendo alguma cousa que o mortificasse,

agarrava dos livros e assim espairecia e recobrava-se, esquecendo-se da idéa que o amofinava. Quando tambem sabia de alguem que soffria do espirito, aconselhava-lhe com insistencia que se applicasse a estudar alguma cousa séria; que era remedio seguro e efficaz.

Foi com essa applicação tenaz que logrou vencer em menos tempo que os mais dos companheiros o curso de latinidade, passando depois a aprender a rhetorica e a philosophia com o mesmo professor, e dado que não houvesse classes públicas de outras disciplinas, nem por isso deixou de estudar o francez e a arithmetica, que recorrendo á obsequiosa condescendencia de particulares, assim veiu a conhecer.

Completados os estudos preparatorios e prestes a partir para França, onde pretendia frequentar uma das faculdades de medicina, veiu a morte do pae frustrar-lhe o intento, cortando-lhe sem regresso a projectada carreira.

Nem por isso quebrantou-se-lhe o animo, antes, não querendo ficar ocioso nem ser pesado á sua excellente mãe, procurou dar honesto emprego á sua actividade e habilitações, abrindo, na propria residencia [1], aula de latim e de francez. Contava n'essa epocha apenas dezoito annos, e desde então dedicou-se ao professorado.

Tendo Thiago Carlos de la Rocca, italiano de nação, fundado por aquelle tempo um collegio d'instrucção na quinta das Larangeiras, propriedade depois do barão de

[1] Na casa de seus paes á rua Nazareth, esquina da do Giz (hoje *Vinte e oito de julho*). Pertence ora a outro possuidor.

Bagé, apressou-se o tenente-general e governador do Maranhão, Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, a auxiliar esse estabelecimento litterario, e acolheu benevolamente seu fundador, por ser sobretudo este o primeiro de tanta importancia que se creava na provincia. O animo generoso e progressista, como hoje em dia se diz, do governador não pôde resistir ás justas allegações do director do collegio, e estribando-se nas disposições da carta regia de 10 de agosto de 1700, nomeou a 20 de julho de 1821 F. Sotero para reger n'esse collegio a cadeira de grammatica latina, e d'ahi a tres dias estava o joven professor de posse e no exercicio d'ella.

Em 1823, vagando a cadeira pública de latim por morte do serventuario, entrou elle em concorrencia com outros, e foram suas provas tão superiores ás dos mais candidatos, que logrou ser n'ella provido, e substituir assim seu antigo mestre.

Foi essa cadeira o limitado theatro de suas humildes funcções, e onde adquiriu os melhores direitos ao nosso reconhecimento.

Seu espirito infatigavel e todo inclinado á missão de preceptor da mocidade não se satisfazia só com a aula pública, onde se lhe iam muitas horas: nas tardes ensinava em sua casa, e á noite tomava como agradavel desenfado leccionar grammatica portugueza e francez a suas parentas e a outras meninas de familias de sua amisade, revezando essas licções com outras, tambem não remuneradas, ás educandas do Asylo de Sancta Thereza, cujo director foi de junho de 1864 a 1870, até que essas asyladas passa-

ram para o Recolhimento de Nossa Senhora dos Remedios, a cargo da mitra.

Abro um parenthesis para observar aqui de passagem, que esta instituição, creada pelo bemfazejo e illustradissimo presidente dr. Olympio Machado, foi praguejada e aguarentada desde principio pelos adversarios d'esse administrador, vindo por ultimo a entregar-se ao ex.^{mo} sr. bispo diocesano, que nos seus planos de tornar a instrucção do dominio da egreja, vae matando a concurrencia particular, que não póde luctar com o clero, que absorverá de todo o ensino, se os poderes competentes não o desviarem d'esse caminho tão infesto á civilisação e á liberdade.

Não indagarei as razões que levaram a nossa assembléa provincial a entregar essa casa d'educação á direcção do clero; mas o que importa censurar é a imprevidencia de semelhante resolução. É força que o legislador seja vidente e tenha sempre em vista que não delibera só para o presente, e que se hoje coube-nos um prelado virtuoso e despreoccupado, é elle perescivel como todo o homem, e não podemos antever quem o substituirá na diocese, e se um dia não virá a empunhar o baculo um sacerdote intolerante e fanatico como o bispo de Pernambuco, o do Rio de Janeiro ou o do Pará, que imbuidos de coração e filiados occultamente na companhia de Jesus, minam uns solapadamente, outros ás claras, e procuram todos desmoronar o edificio social, relegando de novo a humanidade para obscurantismo e supersticiosas practicas de calamitosas éras. Com o pequeno Seminario das Mercês

e o Recolhimento, possue o clero dous internatos com os quaes não pódem os mais entrar em competencia; por isso que téem casas e parte do pessoal gratuitas, mestres pagos pelos cofres publicos e subsidios da provincia, constituindo por isso um monopolio de facto o primeiro e mais importante ramo administrativo, que póde vir a ser no futuro instrumento nefasto, pelo predominio que exercerá o padre na familia, pela mulher preparada no Recolhimento, e pelos mancebos que sahirão do Seminario contrafeitos, com o espirito apoucado, enfezado e aleijado pelo rachitismo moral.

Tirar a secularisação ao ensino e entregal-o ao clero é mais que contrasenso e erro capital, é a abdicação de tudo quanto tem ensinado a experiencia e a história de todos os povos e de todos os tempos. Paremos porém aqui, que já é tempo de reatarmos o fio de nossa narrativa.

A sancta Casa da Mizericordia tambem mereceu os desvelos de F. Sotero. Foi em varios annos nomeado, já definidor, já mezario, e n'esta qualidade prestou bons serviços, como mordomo dos expostos. Os desvalidos rejeitados por mães descaroaveis e acolhidos pela instituição pia de San'Vicente, acharam por egual como as asyladas de Sancta Thereza o sollicito patrocinio de Francisco Sotero dos Reis.

Achava este diligente missionario ainda assim léo para applicar-se ás lettras, manuseando com assiduidade os authores latinos, gregos, portuguezes, francezes e italianos, em cuja lingua era muito versado, tendo-a aprendido com de la Rocca, quando ensinava latim no collegio d'este. Não

lhe prendia só a attenção a litteratura, conhecia tambem o nosso direito constitucional, e nem lhe eram extranhos os publicistas de nomeada, e um ou outro economista.

IV

Veiu o acto addicional revogar, entre outros, os artigos 74.º e 84.º da Constituição, e concedendo ao mesmo tempo algumas franquezas e tal ou qual vida propria ás provincias a modo de estados federados, copiou n'esta parte, dado que imperfeitamente, a constituição nort'americana. Creavam aquelles artigos um corpo consultivo, que, com o nome de Conselhos Geraes, auxiliava os presidentes, propondo-lhes medidas e resoluções que as tomavam elles na conta que lhes aprazia. Era ainda reminiscencias do antigo regimen, que ficaram radicadas no nosso systema politico como damninhas parasitas. Essa entidade, inutil para impedir o mal, não tinha fôrça para o bem.

Fez parte F. Sotero dos Reis dos Conselhos Geraes de nossa provincia, e foi um dos seus mais conspicuos membros até que em 1832 começaram de funccionar as assembléas legislativas provinciaes, sendo elle eleito deputado da do Maranhão, e depois reeleito em varias legislaturas incluindo a de 1862–1864, em que occupou a cadeira presidencial.

Não tinha os raptos vigorosos e felizes da eloquencia espontanea, nem esse enthusiasmo na voz e nos gestos que commovem o auditorio e abalam convicções; mas seus dis-

cursos, pautados pelo raciocinio e pela boa razão, convenciam pela fôrça e lucidez dos argumentos. Era sua opinião authorisada ouvida com respeito pelos correligionarios, cuja bandeira adoptára, e seus pareceres attendidos e adoptados, como nascidos de uma consciencia recta e pura.

Viram-n'o sempre nas primeiras legislaturas ao lado de Manuel Gomes Belfort (depois barão de Coroatá), de quem foi poderoso auxiliar, medindo-se e enrostando contendores da estatura dos Lisboas e Francos de Sá.

No jornalismo foram tambem esses os athletas esforçados com quem justou, até que em 1840, retirando-se J. F. Lisboa da arena, offendido da negra ingratidão dos seus; que o outro, campeão adventicio, deixára o campo em 1836 levado por destinos mais altos, permaneceu F. Sotero por muito tempo na estacada sem compettidor de sua egualha. Foi desde então desproporcional a lucta, sobrelevando o decano jornalista aos mais, e sahindo vencedor das refregas; postoque fossem raras, por esquivar-se elle a adversarios que se compraziam e faziam consistir a essencia de suas polemicas em doestos e convicios pessoaes, terreno lodacento onde infelizmente muitos contendiam, mas que nunca foi pisado por F. Sotero dos Reis. Uma vez estabelecidas as discussões na altura onde só dominavam a razão, a logica e a sciencia, contassem com esse denodado paladino, que acudia logo intemerato ao repto, e não se retirava do campo senão depois de bem ferida e terminada a contenda. Assim o vimos em 1848 analysando com calma e proficiencia o trabalho do sr. dr. Domin-

gos José Gonçalves de Magalhães (visconde d'Araguaya)— *Memoria historica da revolução da provincia do Maranhão desde 1838 até 1840,* — confutando muitas proposições, repondo alguns factos na sua verdadeira luz, e dando com toda a isenção e franqueza a palma da victoria a quem elle entendia que era d'ella merecedor, sem guardar considerações mais do que á verdade historica vista pelo prisma de suas opiniões. Assim tambem o admiramos nas discussões que travou em 1850 com o *Argos Maranhense,* sahindo ao encontro do distincto engenheiro sr, dr. João Nunes de Campos, sem perder um palmo de terreno na parte propriamente do direito constitucional e na analyse do nosso systema, e ficando d'ahi a victória indecisa.

Por seus estudos e indole era F. Sotero dos Reis em politica conservador. Entendia que no respeito pelos principios contidos na nossa constituição é que residia a liberdade, e na fôrça e prestigio da authoridade a manutenção da ordem e da segurança individual. Foram sempre essas as suas idéas e por ellas lidou, sem nunca afastar-se d'esse estadio. Posto ao serviço do partido que arregimentou-se sob esse pendão, e onde tambem estavam arrolados seus parentes e amigos, fundou na imprensa o seu orgam e sustentou-o desde 1825, até que em 1841 vieram novas combinações e ambições mais soffregas confundir os principios politicos na provincia e desvirtual-os. Inverteram-se os papeis, tresmalharam-se os antigos companheiros, e as reliquias da sua cohorte foram reforçar outras; Sotero foi com seus penates para onde via o pro-

gresso moral e material da provincia, para onde achavam-se congregados muitos cidadãos notaveis por seu patriotismo, moralidade e luzes. Aquelles, que o acoimarem ao de leve de versatil, reflictam por um momento n'estes factos e circumstancias especiaes, e esmerilhem com attenção seus artigos politicos, como seus discursos, que n'elles encontrarão sempre um mantenedor do principio da authoridade e da liberdade na ordem. Que importam os individuos? que importa que se encontrassem hoje no mesmo campo e nas mesmas idéas aquelles que hontem feriam-se e hoje dão-se as mãos, aconselhados pelos interesses do momento? As ondas da opinião moviam-se como os ventos da fortuna as impelliam, e quando por acaso vinham até onde quedava o varão integro e respeitador de si, achavam-n'o no seu posto: — dispensava affeição aos homens que o procuravam e estimavam; mas na região das idéas tinha um norte para onde inclinava o seu rumo.

Censuravam-n'o por deffender os actos dos presidentes da nossa provincia que tinha por bons, e d'ahi davam sem razão alguma taes louvores á conta de lisonja. Contesto-o e commigo todos quantos o conheceram a fundo. Quadrava isso aos seus principios de respeito e prestigio ao encarregado de manter as leis e sustentava-o com todas as véras de uma convicção robusta e sincera. Senão que apontem-me quando o viram nunca apoiar ou desculpar os desmandos e violencias de alguns presidentes, cujos nomes calo; e demais qual o interesse que poderia movel-o a transigir com a consciencia quando em todas as vicissitudes da

vida deu sempre provas de desambicioso e desinteressado, sem que nunca requeresse nada para si?!

Nunca aspirou nem se apresentou candidato á deputação geral ou á senatoria, antes quando em 1838 quiz seu partido, então dominante, elegel-o deputado ao parlamento, fez substituir seu nome, pelo do dr. Leocadio Belleza, nem jamais aspirou ou solicitou suffragios para a senatoria, ao passo que auxiliou muitos a subirem a taes alturas e a outros cargos d'eleição popular.

No principio da sua carreira pública, além de deputado provincial, foi tambem eleito vereador da camara municipal da sua cidade natal, exercendo esse cargo popular por um quatriennio sómente.

Com a reforma da instrucção publica, em 1838, que augmentou as disciplinas e reuniu as diversas cadeiras d'instrucção secundaria já existentes em uma só instituição — o Lyceu Maranhense — installado no seguinte anno no pavimento inferior do convento de Nossa Senhora do Carmo, onde ainda hoje conserva-se, foi nomeado Francisco Sotero dos Reis seu primeiro inspector.

Vieram com o andar do tempo, com a experiencia e com as exigencias politicas, outras reformações n'esse ramo de serviço, sendo uma d'ellas que os professores não podiam accumular as funcções de inspector, pelo que o destituiram d'ellas; mas nem por isso deixou de exercel-as muitas vezes, nos impedimentos dos serventuarios, desempenhando-as sempre a aprazimento dos collegas e dos alumnos.

Eis ahi tudo quanto mereceu do governo; e quando

pois o viram jamais acrescentar-se em mercês ou beneficios? Desde moço até á sepultura, tiradas estas raras e breves intermittencias do bafejo da fortuna que nunca procurou, foi só professor e nada mais.

No nosso paiz, onde abundam os agaloados e vêem-se tantos peitos ensanefar-se com fitas, conferiram-lhe apenas, vae em muitos annos, o habito de Christo, e depois que começou a publicar suas producções, o da ordem da Roza, com que o distinguiu a munificencia imperial por seus serviços ás lettras e á instrucção publica.

V

Jornalistas das grandes cidades, que saboreaes não poucas delicias e sois amplamente remunerados do vosso trabalho n'esses centros populosos e civilisados, não calculaes o que ha de responsabilidade, de labor insano e de mortificações para o pobre redactor do jornal politico das nossas provincias! Vós que calçaes luvas de pellica para vos degladiardes com aquella bizarria e lealdade que sóem usar cavalheiros que se prezam, conservando boa correspondencia no meio mesmo de crueis retaliações, e apertando as mãos quando vos encontraes em público, não terieis de certo pulso para invergar as armas com que elles se ferem! Para os partidos ha momentos de repouso, não para elles, que condemnados ao supplicio de Sysipho, rolam sem descanço e sem alegrias o rochedo desde o cimo da montanha até o fundo do abysmo! Para o redactor de jornal politico são todas as pensões e todos os desgostos

junctos: escreve os artigos principaes, as noticias locaes, emenda e refunde as correspondencias particulares e os communicados que lhe trazem os amigos, redige os annuncios para este, as cartas de convite para as reuniões do partido, os discursos que n'ella tem de proferir por sua conta propria, e os que hão de ser recitados por alguma das influencias de campanario. É tambem revisor, em parte entregador e cobrador, e na expedição dos jornaes para o correio é elle quem carrega com quasi toda a tarefa.

Corre tambem com as despezas quando os correligionarios não são tão generosos e harto ricos para custearem a folha; e os odios e as imprecações dos contrarios recahem sobre elle, não só pelos artigos de sua lavra; mas ainda pelos anonymos, e até pelos assignados por outros! Bode emissario de tudo quanto de mau concertam e executam as facções nos seus desvarios de crise eleitoral, é o precito e o leproso de quem todos fogem, a quem maldizem e apedrejam a cada momento.

Ainda bem quando o movel de tantas canceiras e dissabores é o interesse, e logra-se o premio d'ellas no termo de tamanhos sacrificios, e se não colhe d'elles só a ingratidão e indifferença! Mas quem se entrega a esse martyrio de cada hora sem outra ambição mais que a de servir uma causa em proveito dos amigos, esse padece com intensidade as torturas excruciantes de tão misera situação, e bebe até as fezes o calice de amargura que lhe preparam n'essa Gehenna; pois quando triumpha e domina o seu partido, cabe-lhe só espinhos, que os fructos são para os mettediços. Na opposição é o jornal leito de

Procusto, onde se revolve o pobre escriptor sem achar allivio, nem alma piedosa que lhe derrame balsamo de consolação sobre tantas feridas!

Foi essa a vida jornalistica de F. Sotero: sua penna, suas affeições, seus pensamentos e horas de lazer foram todos malbaratados em proveito alheio; quando na fôrça dos annos os teria melhor empregados como veiu testifical-o na cançada velhice.

Resenhemos rapidamente os jornaes politicos que redigiu F. Sotero dos Reis, que o acharemos sempre na brecha, pondo termo a este para substituil-o por outro, ou mudando-lhe o appellido, ao sabor das circumstancias, e das combinações e necessidades politicas da epocha.

Começou para elle as lides da imprensa quasi ao mesmo tempo que as do professorado: eram as duas fôrças parallelas que actuavam no seu espirito e o dominavam.

Havia apenas surgido a nossa Constituição dos paços de San' Christovam quando o imberbe escriptor annunciava no *Argos da Lei* do mez de março (1825) a publicação de um periodico com o titulo de *Miscellanea Politico-Litteraria,* em cuja empreza se associára com Raymundo da Rocha Araujo; mas como não obtivesse numero de subscriptores para os gastos da impressão, desistiu d'ella para criar outro jornal, *O Maranhense,* que correu por sua conta, apparecendo hebdomadariamente e ainda n'esse mesmo mez. Distinguia-se pela prudencia e dignidade com que era escripto, apesar da verdura dos annos do seu redactor.

Substituiu-o em 1831 pelo *Constitucional*, de que foi collaborador seu particular amigo Manuel Odorico Mendes, e em que ambos advogaram as idéas de moderação e esquecimento de passadas contenções; já em 1836 redigia elle *O Investigador Maranhense*, impresso na typographia de F. S. N. Cascaes, e que desappareceu em 1839 para dar logar em janeiro de 1840 á *Revista*, tambem impressa no primeiro anno n'essa typographia. Orgam das idéas conservadoras e um dos jornaes mais bem escriptos que temos tido, era digno émulo e competidor em tudo da *Chronica* de João Francisco Lisboa, distanciando-se ambos do *Legalista*, do *Amigo do Paiz*, da *Chronica dos Chronistas*, do *Sete de Setembro*, e de outros periodicos que por esse tempo representavam tambem no Maranhão a imprensa jornalistica.

Terminou a *Revista* com o anno de 1850 sua gloriosa carreira, e d'ahi a pouco, em 1851, escrevia para o *Correio dos Annuncios*, cujo nome foi no seguinte anno trocado pelo de *Constitucional*. Estes ultimos, impressos, como o fôra a *Revista*, na typographia da Temperança, de Manuel Pereira Ramos [1], correram por conta do proprietario da officina.

Acabou F. Sotero essa tarefa para em 1854 tomar a seu cargo a redacção do *Observador*, jornal que tinha sido crea-

[1] Nunca escreveu para a *Moderação*, como vem erradamente consignado n'uma necrologia que sahiu no *Publicador Maranhense*, pouco depois da sua morte. Esse jornal foi a principio redigido pelo sr. dr. José Joaquim Ferreira Valle (hoje visconde do Desterro), e depois pelos srs. dr. Caetano José de Sousa, Antonio B. Jorge Sobrinho, João Juliano de Moraes Rego e outros.

do em 1847 pelo ex.mo sr. senador Candido Mendes de Almeida, e era impresso em typographia propria. Deixou-a em 1856 para passar a redigir a folha official — *O Publicador Maranhense* — de que é proprietario o sr. major Ignacio José Ferreira, como tambem o é da typographia onde é elle impresso[1].

Com a redacção d'esse diario finalisa a bem das lettras a longa e operosa carreira jornalistica de Francisco Sotero dos Reis. Em novembro de 1861 teve de abandonar a penna politica coagido pelas exigencias intempestivas do presidente major Primo d'Aguiar, para tomar a de litterato e philologo. Acto violento e reprovado foi esse; mas benefico em seus resultados para as lettras, e seja isto levado em desconto dos peccados d'esse administrador, dado que nem por sombra antolhasse elle o que felizmente derivou d'ahi.

De tantos jornaes que redigiu F. Sotero, especialisarei a *Revista*[2], que consubstancia todos e sobreleva-os em predi-

[1] Isto até 1871, passando d'ahi em deante a ser impresso no excellente estabelecimento do sr. José Maria Corrêa de Frias, hoje co-proprietario d'este diario e que lhe veiu transfundir novo sangue, conseguindo que não morresse d'inanição.

[2] Como curiosidade bibliographica reproduzimos aqui o titulo-frontespicio d'esse jornal:

N.º	DIA	ANNO

A REVISTA

Folha politica e litteraria

Subscreve-se a 2$500 réis por trimestre (13 numeros).
Vende-se cada folha avulsa n'esta typographia.

Maranhão. Typographia Imparcial Maranhense. Impresso por Manuel Pereira Ramos na Rua Formosa n.º 2.

Publicava-se uma vez por semana, quasi sempre aos sabbados, com

cados. Escripto em estylo elegante e levantado, conservou-se sempre na altura em que a havia uma vez collocado seu redactor, sem descer, ainda no meio das mais odientas e energicas contestações. Quando ao derredor d'elle zumbiam importunos os zangãos da imprensa, ia sempre calmo e erradio dos mais jornaes da sua parcialidade sem os acompanhar nas provocações injuriosas, nem quebrar lanças com outro adversario que não fosse o redactor da *Chronica,* afrontando impavido o futuro *Timon Maranhense,* com quem por isso mesmo contendia quasi sempre no campo unido e franco do raciocinio.

Fazia-se não raro echo das injustas apreciações dos seus correligionarios, que procurando desconceituar os liberaes e perdel-os na opinião pública, davam-n'os como responsaveis e instigadores da revolução de 1839 *(a balaiada),* apontando como principal motor d'ella a João Francisco Lisboa[1]; mas remiu Sotero essas exaltações de uma quadra excepcional, e em que as paixões não tinham freio, pelas attenções de mutua cordealidade e estima que depois reinaram entre ambos, como elle é o proprio a confessar em varios trechos da serie de artigos que fez sahir no *Publicador Maranhense* de 2 de janeiro a 26 de fevereiro de 1861, sob o titulo de—*Imprensa Provincial,* em especial nos do n.º 38, de 16 de fevereiro, em que respondeu assim ás arguições de um collaborador da *Mode-*

tres columnas cada pagina e em folha de 30 centimetros de comprimento.

[1] Veja-se na biographia de João Francisco Lisboa as razões que produzo em deffesa d'elle e dos liberaes da provincia.

ração: «Accusa-nos o articulista por não esquecermos os que nos combatteram ha vinte annos. É verdade! mas foi para honral-os, como practicamos com o sr. João F. Lisboa. E quem nos feriu mais profundamente do que elle que melhor manejou a penna entre nós? E o atilado *collaborador* viu qual foi a maneira por que nos lembramos d'elle!» Voltando de novo á carga o *collaborador* da *Moderação*, mostra ainda F. Sotero os quilates de seu ánimo generoso e como sabia fazer justiça ao talento e meritos dos adversarios: — «Pois não é ainda hoje o sr. J. F. Lisboa uma de nossas primeiras capacidades jornalisticas, como o attestam não só os seus escriptos serios, mas até aquelles inimitaveis retratos em que rivalisa com Cormenin, que os não faz de certo *melhores, ou uma verdadeira notabilidade litteraria,* para dizer tudo?»

A *Revista* não era só politica, senão, como seu titulo bem o dizia, litteraria: — litteraria no estylo portuguezissimo, no castigado da phrase, no culto aos preceitos da boa grammatica, alliados a muita nobreza d'expressão e de sentimento. Quando se lhe deparava ensejo, não deixava passar uma obra litteraria de cunho sem dar d'ella notícia, assignalando-lhe as bellezas e reproduzindo trechos das originaes brasileiras ou portuguezas, ou traduzindo-os, das que eram em lingua extranha. Se tinha conhecimento de um talento superior, era o primeiro a affagal-o, a animal-o, e a dal-o a conhecer ao público. Assim foi que antes de todos, por umas tres poesias que Gonçalves Dias havia publicado em 1845 no *Jornal d'Instrucção e Recreio,* pequena revista de jovens estudantes

do nosso Lyceu, previu elle ao justo o genio poetico que despontava apenas, e louvando essas poucas estreias, proclamou-o desde logo poeta abalisado, prognosticando-lhe um brilhante futuro de glória[1].

Mais de um escriptor, além do nosso poeta, deveu-lhe bondoso acolhimento e louvores superiores talvez aos seus merecimentos; mas que serviram-lhes d'estímulo e alento para se confiarem em suas proprias fôrças e exclamarem tambem — *Sonno pittor anch'io!*

Mais de uma memória honrada recommendou elle tambem á posteridade. Quando em 1855 falleceu entre nós o presidente dr. Eduardo Olympio Machado, que prestou alguns bons serviços á provincia, escreveu elle a sua *Biographia;* que corre impressa em folhetos e foi transcripta de paginas 607 a 614 do tomo XXIX da *Revista Trimensal* do Instituto Historico. Se um dia algum odio politico (e de que não é elle capaz!) arrancar a lapide que a assembléa provincial, em nome da provincia agradecida, mandou erguer na capella-mór da cathedral sobre seus restos mortaes, esse padrão ficará incolume para attestar o que foi o dr. Olympio Machado.

Entre os relevantes serviços que prestou F. Sotero dos Reis no jornalismo, ensinando a estrada do decente e honesto nas discussões sem personalidades nem injúrias, é muito digno de reparo o procedimento que teve em uma

[1] Veja-se na biographia de A. Gonçalves Dias, e ainda melhor no vol. VII das suas *Obras Posthumas*, onde se achará transcripto — *O desabrochar do talento* — da *Revista* de 26 de julho de 1845.

das crises mais calamitosas por que passou a nossa imprensa provincial.

O instrumento da perfectibilidade humana pelo progresso e civilisação, que á Providencia aprouve conceder-nos, esse maravilhoso invento de Guttenberg serve a um tempo de laboratorio onde geram-se tantas maravilhas uteis ao genero humano, e tambem de vehiculo e valvula por onde resfolgam impetuosas a calúmnia, a injúria, as offensas de todo o genero, e por onde tambem irrompem as idéas subversivas da moral e da ordem. Postos, porém, na balança os beneficios e os males, que derivam da imprensa, aquelles pezam muitissimo mais e compensam amplamente os damnos originados d'estes, senão que os assoberbam e expungem. Além de que, a licença do jornalismo acha seu proprio correctivo no excesso, no desprezo e condemnação da parte sensata da sociedade que a repelle e abomina.

Quando em 1846 era a provincia administrada pelo vice-presidente Angelo Carlos Moniz (depois senador do imperio) appareceu com espanto e asco da população uma verdadeira praga de pequenos jornaes, torpes no conceito e na linguagem. Creados e mantidos pelos odios e rivalidades que dividiam algumas familias preponderantes na politica, trouxeram á tona da publicidade tudo quanto havia de mais secreto no lar domestico, não poupando nas suas retaliações opprobriosas as inoffensivas mães de familias, o sacrario do leito conjugal, a virgindade das donzellas, até o mais recatado do gyneceu domestico; que elles na sua insania de tudo macularem arrastavam para

essa gemonia de lama e podridão onde molhavam as pennas assalariadas e corrompidas com que ennodoavam a pureza e sanctidade d'elles. N'essa louca contenda, em cujo campo immundo e infecto revolviam-se em todos os sentidos esses gladiadores de nova especie, desciam elles até onde as fezes eram mais corruptas, para virem arrojal-as ás faces dos contrarios. Não pôde mais conter-se o honrado escriptor que se não interpozesse entre esses canibaes da honra e da moralidade; e assim o vimos concitar intemerato as iras e as pedradas d'essa turba-multa das *Malaguetas, Cacetes, Arre-irras, Matracas, Carurús* e quejandos pasquins d'egual jaez e denominações não menos esquipaticas, para n'esta sensata e prudente objurgatoria verberar taes desvarios, descobrindo-lhes os erros e chamando os transviados á razão:

«A mulher, ente delicado e fraco, que está como fóra da protecção da lei, por isso que a sociedade a poz debaixo da protecção immediata do homem, que deve responder por ella, não tem outro poder para domar-nos senão as suas graças, nem outras armas para resistir-nos que a sua mesma fraqueza. Negar-lhe a protecção devida já é, sobre injustiça, grande falta de generosidade. Mas atacal-a sem respeito ao sexo, e isto para vingar-nos do homem com quem se acha ligada pelos laços de parentesco, não sabemos que nome tenha, porque é, além de cobardia, cega brutalidade. N'isto não ha partidos nem politica, senão frenesi e demencia.....

«Ter-se-ha accaso calculado bem o alcance d'esses fataes escriptos? Quantas lagrimas terão elles feito derra-

mar e em quanto sangue se podem converter essas lagrimas? Se não pretendeis barbarisar-nos, se tendes algum fim politico em vossas dissensões, limitae aos homens a guerra sem generosidade nem quartel que vos estaes fazendo. Mas poupem-se os innocentes, e sejam respeitadas, como cumpre, as nossas mães, as nossas esposas, as nossas filhas, as nossas irmans.» (Da *Revista* de 4 de julho de 1846.)

Admiro, com o author do *Jornal de Timon*, a elevação e nobreza de sentimentos e de linguagem d'este trecho, que por si só faria a reputação do nosso bem conceituado e estimavel escriptor.

VI

Este systema de proceder uniforme e egual do singelo e despretencioso cidadão reflectia-se todo inteiro no theor de vida do homem particular.

Na flor da edade, quando outros mancebos dissipam tempo e cabedaes em frivolas distracções, empregava-os elle, com vantagem sua e da mãe, como já disse, na diligencia de aligeirar os encargos d'esta.

Uma mocidade assim aproveitada pouca folga lhe podia deixar para libar de corrida e ás furtadellas o dulcissimo mel que n'aquella donosa sazão offerecem as flores da vida humana.

Admirador da mulher como obra prima do Creador, feita para enflorar delicias nos enfados da nossa existencia, pagou elle tambem tributo de homenagem ao bello

sexo, e como lhe não eram esquivas as musas, mais de um soneto e algumas odes affeiçoadas pelas de Horacio foram-lhe inspirados por uns olhos feiticeiros. Tinham então muita voga e eram moda os improvisos: reinava Bocage, e seus admiradores, imitando-o, achavam assumpto a cada passo e na menor circumstancia para glosas. Não eram completos nem deixavam de si agradaveis recordações as festas de familia ou regosijos publicos, em que não fosse glosada ao menos uma decima. Na nossa cidade substituia os outeiros dos conventos de freiras o theatro—era ahi que justavam os *Elmanos,* e descantavam suas Marcias e Anardas.

Nas alegrias de um banquete campestre, onde houvesse rosto que lhe accendesse o estro; nas noites de espectaculo por motivo de festejo nacional, era sabido que F. Sotero dos Reis estava com a lyra afinada para taes certamens.

Antes de começar a *opera,* como nossos avós appellidavam as peças theatraes, ou nos intervallos dos actos, cruzavam-se os motes offerecidos dos camarotes pelas deidades da epocha, e era para ver o fervor com que os apaixonados desentranhavam-se á competencia em decimas e sonetos! N'esse torneio innocente ninguem levava a melhor ao nosso repentista. Ainda ha um ou outro coetaneo seu que repete com enthusiasmo uma quadra, ou um terceto d'esses improvisos de F. Sotero.

Recorrendo á reminiscencia do nosso estimavel tio, o sr. dr. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, residente em Pernambuco, pude obter d'elle estes dous sonetos

improvisados por F. Sotero quando solemnisava-se no theatro União (hoje San'Luiz), o feliz exito da revolução de 7 d'abril de 1831:

Á campa de Melciades outr'ora
A Grecia em pranto se acolhia,
E a liberdade vendo que partia,
E a patria escrava — brama, desadora —

Da liberdade em Roma nasce a aurora,
Do Capitolio as cimas alumia;
De lá Catões e Marcos influia,
E na cidade eterna um tempo mora.

De Roma escrava arranca o véo esquiva;
Remonta os Alpes, corta o ar profundo
E na grata Albion descança altiva.

Enfia os mares, corre ao Novo-Mundo,
Na America se aprás, e hoje mais viva
No Brasil se levanta e assombra o mundo.

OUTRO

Triumphou, triumphou a liberdade!
Pelos Céos do Brasil — eil-a, descorre
Mais serena, e gentil, e o véo se corre
Que do rosto lhe encobre a claridade.

Da celeste mansão da Divindade
Qual a setta veloz á plaga acorre
Que Cabral viu primeiro, onde o sol morre,
E alli se mostra em toda a magestade.

Venceste, ó patria! Salvè, chão fecundo
Onde hoje a lei triumpha florescente
E impera um filho teu — Pedro Segundo.

Salvè! O louro arredando, verdecente,
Heroes de Roma, heroes do Novo Mundo,
Inclinam-te do Elyseu a laureada frente.

Por mais diligencias que fiz, não pude alcançar cópia de uma ode sua *Á Virtude*, de que tenho avantajada notícia e que por estes fragmentos deixa ver que em nada desmerecia das de Filinto e Garção:

Á VIRTUDE

Do throno de Saphyra a fronte augusta
A nós, Virtude, inclina;
Parece que estou vendo o teu sorriso
Roseo, frechando as nuvens,
Vir o peito abrazar-me, e de doçura
Banhar-me a lyra, as vozes.
Ah! como em chão mais grato o germen tenro
Desabrocha, arborece.
.....
.....

É para lastimar que o author nunca as tivesse impresso e que quando acaso cahiam-lhe nas mãos algumas cópias que tinham d'ellas seus amigos, as consumisse, envergonhado, como dizia, de taes producções que tinha em menos preço [1].

Perderam-se tambem as traducções de Tibullo, dos *Annaes* de Tacito, da *Atala* de Chateaubriand, e outra em verso da *Phedra* de Racine, de que felizmente escapou o episodio da morte de Hypolito que foi publicado não ha muito no *Parnaso Maranhense* (Typ. de B. de Mattos — 1861).

A desapparição d'estes importantes manuscriptos não foi devida tanto á desidia de seu author, como ao pouco ca-

[1] Vej. nota B — onde vem transcripta uma ode, que deparei no *Pharol Maranhense*.

bedal que fazia de tudo quanto era seu, não zelando o que escrevia, nem se esforçando em rehaver o que dava de emprestimo a ler a curiosos que nunca mais lh'o restituiam.

Não levava este desprendimento só aos fructos de sua intelligencia, como aos bens materiaes, vindo d'isso a resentir-se sua fazenda. Casando-se a 30 de março de 1826 com D. Anacleta Candida Compasso, que lhe trouxe em dote alguma fortuna, foi esta desapparecendo, até que pouco antes do fallecimento d'elle, teve de vender a casa da rua da Paz, unica que lhe restava, e onde residira a maior parte da sua tão occupada existencia, e lhe nasceram e crearam-se-lhe os filhos[1].

[1] Teve de seu consorcio nove filhos, dos quaes falleceram tres em tenra edade, e o de nome Luiz, annos antes do pae, já homem feito e pae de familia, e a 19 d'agosto de 1872 succumbiu n'esta cidade de Lisboa, victima da repetição de um attaque cerebral, de cujas primeiras consequencias vinha tractar-se aqui, Francisco Sotero dos Reis Junior, modelo de filho e d'irmão, estimado e admirado de todos quantos o conheciam como empregado e parente desvelado pelos seus. Não só os jornaes das provincias, onde serviu, lastimaram sua morte, como os de Lisboa, *(Jornal do Commercio, Diario de Noticias* e o *Brasil)*, renderam-lhe louvores noticiando, no dia seguinte ao de seu passamento, tão triste successo.

Companheiro de Sotero Junior no lyceu, abro aqui um parenthesis para consignar em breves linhas alguns apontamentos de sua nobre e exemplar vida:

Nasceu em 1.º de fevereiro de 1833 na cidade de San'Luiz do Maranhão. Depois de cursar com muito aproveitamento as aulas do Lyceu, entrou a 12 de setembro de 1854 para a thesouraria de fazenda, como practicante, sem que devesse a nomeação a empenhos, senão ao optimo concurso que fez. Devido tambem aos seus mere-

Leal para com os amigos, de uma boa fé extrema, sacrificava-se por elles sem nenhum cálculo, e não raro via-se compromettido pela inteira confiança que depositava em alguns.

Hoje que está decahida de seu prestigio e luzimento a

cimentos, comportamento illibado e zelo, foi obtendo successivos accessos na repartição, como o de 4.º escripturario em 19 de janeiro de 1856, 3.º a 22 de setembro de 1858, 2.º a 24 de maio de 1859, 1.º em 13 de setembro de 1862, official maior em 13 de abril de 1868, e chefe de secção em 4 de maio de 1872.

Serviu antes diversas commissões importantes, em cujo desempenho foi muito além do que se podia esperar de um joven, dado que de reconhecida intelligencia, cordura e honradez. Quando 1.º escripturario, occupou o logar d'inspector commissionado na thesouraria do Piauhy, durante um anno, e da da Parahyba do Norte anno e meio.

Foi deputado á assembléa provincial de sua provincia natal na legislatura de 1866–1867, e prestou bons serviços á Sancta Casa da Misericordia na qualidade de consultor no trecho de dous annos em que alli serviu, e na guarda-nacional onde tinha o posto de capitão. Nos primeiros annos da juventude escreveu alguns versos não de todo despidos d'imaginação e bem metrificados; mas depois com o tempo todo empregado nas occupações do cargo e a leccionar particularmente em collegios o francez e latim, para engrossar os cabedaes com que manter-se, á irman e sobrinhos com decencia e sem privações, deixou-se das musas.

Restam hoje dos filhos do nosso philologo apenas o sr. Americo Vespucio dos Reis, empregado da secretaria do governo e hoje casado com uma prima, e a ex.ma sr.a D. Maria Thereza dos Reis, não menos estimada que o irmão por seus dotes pessoaes, e que foi remunerada pelos relevantes serviços prestados por seu pae á instrucção e ás lettras patrias com uma pensão annual de 600$000 réis, graças á munificencia imperial, que a lembrou ao governo logo que soube que tão bom cidadão deixára uma filha, solteira e na pobreza.

bella instituição das assembléas provinciaes, já pelos abusos e irregularidades que se teem dado no seu seio, já pela má escolha de seus membros, não se póde bem avaliar a importancia e influencia que gozaram esses corpos legislativos, quando em San'Paulo honraram seu recinto os Andradas, os Paula Sousas, Vergueiros e Feijós; e tiveram no Maranhão e em outras provincias assento n'elles seus melhores engenhos. Compenetravam-se elles do mandato de que os haviam encarregado seus comprovincianos, e pesando a importancia d'elle, punham peito em bem desempenhar seus deveres: era F. Soterò um dos que sobreexcediam-se n'esse empenho, não descurando um apice do que lhe cumpria como deputado, e d'est'arte usava da palavra e do voto com a consciencia pura e convicta. E ninguem ousasse extorquir-lhe seu consenso áquillo que reputava um mal para a sua provincia!

Entre outros exemplos trago um que illustra esta asserção: — discutia-se em 1862 na assembléa um projecto reformando a instrucção pública, ao que oppoz-se F. Sotero com todas as fôrças da sua dialectica, analysando-lhe os vicios e imperfeições. Corria no emtanto que era obra da lavra do proprio presidente da provincia, que havia incumbido a um de seus intimos de apresental-o ao corpo legislativo. Com esta opposição prudente, aindaque tenaz, do professor de latim, irritou-se o major Primo d'Aguiar, e não houve promessas nem ameaças de que não lançasse mão para obrigar o deputado provincial a arripiar carreira; mas a hombridade do cidadão honesto não se acurvou nem cedeu da sua resolução.

Fallavam á bocca pequena em decretar a maioria da assembléa a sua jubilação, como arrhas á presidencia, que o não podia demittir da cadeira vitalicia de professor; tambem dizia-se que lhe seria retirada a redacção do *Publicador Maranhense*, diario que, além de um noticiario mui simples e de transcripções de outros jornaes, cingia-se á publicação dos actos officiaes. Não ficou porém só n'isto: o despeitado presidente mandou chamar um dia á palacio o revel deputado. Como fosse recado por quem pouco merecia a F. Sotero e com geitos de intimação, não lhe deu ouvidos, e nem correspondeu a desejos manifestados com tanta insolencia. Uma manhan, porém, em que se achava no escriptorio da redacção do *Publicador*, no pavimento terreo do palacio do governo, veiu convidal-o uma ordenança do major Primo d'Aguiar para que houvesse por bem subir; que s. ex.ª tinha muito empenho em fallar-lhe. Annuiu elle então ao convite do presidente que, depois dos cumprimentos do estylo, passou a tractar do projecto em discussão, na assembléa, mostrando-se desejoso de ouvir tão conceituada opinião para esclarecer-se e poder explicar-lhe seu pensamento. Sotero analysou-o com toda a individuação e desassombro, indicando-lhe as lacunas, defeitos e absurdos. Depois de o escutar com vehementes signaes de impaciencia, declarou-lhe o presidente que era aquillo obra sua e por que se empenhava em extremo, accrescentando mais: — «Fique o sr. F. Sotero na certeza de que, apesar de toda a opposição, será convertido em lei, e o advirto mais que não venha a arrepender-se da discussão e voto em contrário!» A esta

ameaça o venerando ancião de seu natural tão pacifico e fleugmatico, erguendo-se desorientado, batteu com a caixa de rapé na meza, como soïa fazer para chamar á ordem seus discipulos, e bradou-lhe: «Creia v. ex.ª que me não acobarda com suas ameaças, e nem me fará, como ninguem o tem feito até hoje, mercê de Deus, transigir por preço nem por interesse algum no mundo com a minha consciencia!» Terminando, sahiu arrebatadamente do gabinete da presidencia.

Da dilatada carreira d'escriptor público não logrou elle senão os precalços, ferindo-se nos espinhos; que os louros foram para ennastrar as corôas dos ambiciosos felizes. Ao passo que via outros mais novos e sem direitos e serviços, apenas entrados no jornalismo, remunerados com uma cadeira no parlamento, ficava elle esquecido, sem nem ao menos, como por descuido, figurar seu nome em uma chapa eleitoral! Já é peccado nosso velho e sem remedio; que vem elle de detraz. Deixâmos commummente á margem os nossos mais bem aquinhoados pela intelligencia e patriotismo para elevar algumas vezes os menos proprios e só por serem apresentadiços. Quanto ao cargo de professor do lyceu, não o deveu, torno a repettir, a favores, senão ao seu saber e intelligencia, em boa hora aproveitados e reconhecidos.

Novo Prometheu acorrentado ao prelo typographico desde a acclamação da nossa liberdade politica, não lhe deram descanço nem refrigerio as polemicas jornalisticas. Paladino da imprensa, só tirou a couraça e abandonou-a quando em 1862 fecharam-lhe a liça: o lidador infatiga-

vel passou então para outro campo mais solido e sereno.

Em 1861 fundára o sr. dr. Pedro Nunes Leal um collegio — *O Instituto de Humanidades* — que sem desdizer do titulo, pódem seus estatutos servir de modelo, como já teem servido, pela boa disposição, ordem e conjuncto das doutrinas que promettia ensinar, e dos bons preceitos disciplinares e hygienicos observados n'esse internato. Com taes proporções, agremiando numeroso e escolhido pessoal docente, ainda assim teria resistido aos azares da fortuna, se seu director conciliasse com as agigantadas idéas e desinteresse pecuniario que o animavam n'esta grandiosa empreza, a actividade e vigilancia que a parte economica do estabelecimento lhe pedia. Ao lado dos bons desejos de dotar sua provincia natal com um Gymnasio affeiçoado pelos melhores dos paizes cultos, faltou-lhe a prudencia no despender, e a cautella no guardar; de modo que teve de baquear, decorridos poucos annos da installação do festejado Instituto.

O que havia de mais habil e instruido nos diversos ramos do ensino formava o corpo cathedratico de tão promettedora instituição. Foi ahi que pela primeira vez se fez entre nós do estudo da lingua materna, não um mero degrau para as outras disciplinas, mas um estudo aturado e profundo d'essa primeira base de uma boa e esmerada educação litteraria, para o que foi dividida a materia em tres grandes classes ou cursos, cabendo o primeiro a um professor paciente e caroavel da primeira infancia, o segundo e terceiro ao sr. Luiz Carlos Pereira de Castro, que com uma esclarecida e prompta intelligencia, e não

menos meditado estudo, tem investigado tudo quanto ha de melhor em lingua portugueza e philologia, devassando segredos e enthesourando as riquezas e difficuldades da lingua de Camões, de que possue farto cabedal. Faltava para esse curso uma grammatica, principalmente na parte da syntaxe, no que respeitava analyse e construcção. Francisco Sotero leccionava latinidade n'esse collegio e tinha por uso junctar á explicação das regras da grammatica latina aquillo em que as da portugueza divergiam d'aquella. Seus discipulos tomavam notas e formavam assim umas como postillas.

Penetrou logo o sr. dr. Pedro Nunes Leal o que havia de proveitoso para as lettras, se ampliadas essas explicações, fossem impressas. Empregou instancias para com F. Sotero, e não acabou comsigo até que conseguiu do illustre professor a promessa de organisar esses preceitos em um adequado e desenvolvido plano, e assim o fez. Á medida que ia elle apresentando ao director do collegio os cadernos manuscriptos, este os remettia a imprimir. Foi este o meio de obrigal-o a levar a obra ao cabo.

Em 1862 sahia com effeito dos prelos de Bellarmino de Mattos — o nosso Firmin Didot — o suspirado volumesito: *Postillas de grammatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos* — Dedicados ao sr. dr. Pedro Nunes Leal, etc. — S. Luiz, Typ. de B. de Mattos—1852, 16.º grande de XIV–246 paginas. Tráz no fim um juizo critico do dr. Trajano Galvão de Carvalho, avaliando as excellencias d'esse trabalho, e tecendo-lhe

justificados louvores. Fez-se d'elle segunda edicção, revista e muito accrescentada pelo author, e que foi impressa em 1868 no mesmo formato e typographia. Contém 267 paginas, e na opinião do sr. Innocencio Francisco da Silva *(Dicc. Bibliogr.*, vol. IX, pag. 380) é muito preferivel á primeira já pelos accrescentamentos notaveis que foram n'ella introduzidos, já pela melhor distribuição das materias.

Seguiu-se a esta obra a — *Grammatica Portugueza accommodada aos principios geraes da palavra, seguidos da immediata applicação pratica. Dedicada ao sr. dr. Pedro Nunes Leal, etc.* Maranhão — Typ. de B. de Mattos — 1866 — 8.° gr. de XI-274 paginas. São ambos estes compendios mui estimados e procurados dos estudiosos, tanto que, apesar da grande cópia d'exemplares que d'elles se extrahiu, já o anno passado foi necessario fazerem seus filhos uma segunda edicção d'ella, que foi impressa na typographia do sr. Ramos d'Almeida, revista e annotada pelo sr. Luiz Carlos Pereira de Castro, que com aquelle profundo conhecimento que tem da boa linguagem e dos preceitos da grammatica soube delir os senões que se notavam na primeira edicção, devidos ao pouco tempo de que dispunha o author para corrigil-a, e ao descuido com que revia provas typographicas.

Outra obra concorreu por esse tempo com aquellas — *Os Commentarios de Caio Julio Cezar, traduzidos em portuguez.* S. Luiz do Maranhão — Typ. de B. de Mattos — 8.° gr. de XV — 533 paginas. Começou a ser publicada em 1863 em cadernetas periodicas, sendo a sexta e

última em 1869. Abrange tão sómente o que é da penna do grande conquistador romano e o livro oitavo attribuido a Hircio.

Foi elogiada, como as obras anteriores, por toda a imprensa, especialmente pelo *Correio Mercantil* (n.° 324 de 25 de novembro de 1863) e pelo *Diario do Rio* (n.° 342 de 12 de dezembro de 1863), e tenho mais um parecer do ex.mo sr. conselheiro Viale, que aprecia esse escripto na conta em que vale.

Curso de Litteratura portugueza e brasileira, professado no Instituto de Humanidades da provincia do Maranhão, dedicado pelo author ao director do mesmo Instituto, o sr. dr. Pedro Nunes Leal, é o seu derradeiro trabalho e de mais folego que os anteriores. Sahiram em vida de F. Sotero dos Reis os tomos I, II, III e IV (Maranhão — Typ. de B. de Mattos — 1866–1868, 8.° gr.), regulando cada um por 350 paginas pouco mais ou menos. Em 1868 mandou reimprimir o primeiro volume no intuito de introduzir-lhe algumas correcções e accrescimos; mas como observa o sr. Innocencio Francisco da Silva (*Dicc. Bibliogr.* vol. IX, pag. 352) foram ellas incompletas e menos felizes.

Quando estava F. Sotero n'esse conceber fecundo, postoque serodio, veiu dar-lhe a mão a assembléa na sua sessão de 1866, decretando um augmento de gratificação proveitoso só para elle, e um homem intelligente e cultor egualamente das boas lettras concorreu tambem da sua parte para isso, appoiando a idéa. O sr. dr. Lafayette Rodrigues Pereira, então presidente da provincia, espi-

rito liberal e mui illustrado, que entendeu era fôrça proporcionar a esse operoso velho remanso para applical-o ás obras que estava escrevendo, sanccionou a lei e jubilou-o a 16 de junho de 1866 com todos os vencimentos do logar que exercera por quarenta e tres annos quasi ininterruptos; pois que desfructando uma robusta e inalteravel saude, só abandonava as funcções do magisterio durante os mezes de sessões das legislaturas de que foi membro.

Nem por isso despediu-se de vez do seu posto para entregar-se todo a trabalhos litterarios. Continuou com a aula em casa, como de antes, e quando fechou-se o collegio do sr. dr. Pedro Nunes Leal, passou a leccionar a lingua latina no do sr. dr. Fernando Pereira de Castro Junior.

Era F. Sotero, com effeito, de uma saude tão vigorosa e tinha tanta fé em que attingiria a uma edade avançada que se não apressava na conclusão dos trabalhos que trazia começados. Por muitas vezes, instando eu com elle para que empregasse quasi todo o seu tempo na composição do *Curso de Litteratura* e de outras obras, redarguia-me com toda a segurança: «Não tema que as deixe por concluir; que tenho muitos annos adeante de mim!» Quasi que realisou-se essa previsão, não que lhe corressem sempre placidos os dias da existencia; pois que veiu por mais de uma vez annuvial-os a perda de entes que lhe eram caros: assim finaram-se poucos annos antes d'elle sua velha mãe, sua esposa, e um dos filhos já crescidos, Luiz Augusto dos Reis, deixando ao desamparo esposa e filhos,

a quem F. Sotero agasalhou e tomou a seu cargo, como tambem o fez de boa sombra e com desinteresse ás sobrinhas, filhas do tenente coronel Torquato Coelho de Sousa.

De todas as perdas, nenhuma lhe foi tão sensivel como a da mulher, e na sua occulta e sentidissima dôr segredaram-lhe as musas passadas memorias de tempos mais felizes, e acordaram-lhe a phantasia. Um dia que o amarguraram mais as saudades de sua companheira, escreveu este soneto, imitado de um dos de Camões:

«Se lá na eterna gloria a que voaste,
A lembrança do mundo se consente,
Acceita, alma piedosa, a dôr pungente
De tudo quanto aqui idolatraste:

O esposo, a filha, os filhos que deixaste,
Em mágoa e saudade permanente,
Vivem na terra vida descontente
Dês'que as corporeas vestes tu largaste.

Ao seio de Deus tornas radiante
De virtude e bondade, qual sahiste
Immaculada de nascer no instante:

A nós queixosos n'este valle triste
Volve-te como foste sempre amante,
Porque entre nós só amargura existe.»

Era de uma constituição tão forte que desde os vinte annos nunca teve incommodo que o obrigasse a estar de cama por muitos dias; mas accommettido desde novembro de 1870 de uma dysenteria pertinaz, nem por isso deixava de trabalhar, de ir ao collegio e de dar aula em casa. Oito dias antes de fallecer ainda sahiu á rua para

dar á tarde o seu passeio hygienico, e que era n'elle hábito antigo e constante, e até os derradeiros dias andou pela casa e tomou licções a seus discipulos. Só no dia 15 de janeiro é que não pôde mais levantar-se; mas ainda na vespera ouviram-lhe elles pela última vez suas doutas explicações; postoque ditas com voz fraca e quasi imperceptivel. No dia 16 de janeiro de 1871, pelas 4 1/2 horas da madrugada, rendeu os espiritos com aquella imperturbavel serenidade que appresentára sempre em seus actos. O operario infatigavel trabalhou até á última hora sem abandonar sequer por um instante o instrumento, e amortalhou-se com elle como esses guerreiros da India, em cujas sepulturas tambem são depositados suas armas e tropheus de guerra!

Ao saber-se tão desconsoladora noticia, parecia que a população toda tomava-se de dó: os discipulos, os conhecidos, os admiradores do sabio mestre acudiam á casa da inconsolavel familia de Francisco Sotero dos Reis para certificarem-se do succedido e manifestarem-lhe a magoa que por egual os opprimia.

Ás 5 horas d'essa tarde sahia de sua habitação o prestito funebre, caminho do cemiterio da Santa Casa da Misericordia. Foi numeroso o concurso, reinando respeitoso silencio n'essa immensa mó, que tinha estampados nos rostos indicios da tristeza e compuncção que a pungia: é que todos comprehendiam e sentiam a perda irreparavel e enorme que a provincia do Maranhão, que o Brasil, acabavam de soffrer[1].

[1] Vej. nota C *in fine*.

Deixou os filhos na pobreza de bens de fortuna; mas ricos de uma herança, que os ha de sempre ennobrecer — a honradez de seu character, e seus escriptos, que levarão o nome de Sotero á posteridade: esse dobrado legado está na sua vida toda inteira, immaculada e activa, e nas obras que deixou publicadas, está no quinto e último volume de seu *Curso de Litteratura*, nas vinte e seis licções de *Litteratura Romana* e nas seis de *Litteratura Biblica*[1], que ficaram escriptas e coordenadas para verem a luz pública, aguardando sómente a gratidão e generosidade de uma assembléa provincial, bastante illustrada e patriotica para render esse derradeiro preito a quem tan-

[1] Acharam seus filhos, entre seus papeis, os seguintes trabalhos, limados e promptos para serem publicados: o quinto volume constante de 19 preleeções, duas sobre as *Obras Posthumas* de A. Gonçalves Dias, duas sobre as *Maximas* do marquez de Maricá, duas sobre as *Obras Oratorias* de Mont'Alverne, cinco sobre as *Obras* de João Francisco Lisboa; seis sobre as do Visconde d'Almeida Garrett, e uma sobre o *Eurico* d'Alexandre Herculano. Pretende seu filho, o sr. Americo Vespucio dos Reis, formar outro volume com os mais notaveis artigos, publicados por seu pae em differentes jornaes e em varias epochas, enfeixando n'elle os versos do mesmo que puder colher.

Nas prelecções de litteratura biblica occupa-se de Job, David, Salomão, Isaias e Jeremias, e nas de litteratura romana tracta, nas quatro primeiras do progresso e decadencia por que passaram a lingua e lettras latinas, desde a fundação de Roma até a quéda do Imperio. Analysa os principaes poetas e oradores do seculo de Augusto, dedicando a Lucrecio uma prelecção, a Virgilio 7, a Horacio 3, a Ovidio 5, a Cicero 6; mas d'estas, duas illegiveis pelos estragos das traças. É de crer que se vivesse mais tempo iria adeante, segundo dava a entender, completando seu curso com a analyse de outros authores e com a da litteratura grega, italiana e hespanhola.

to nos mereceu, e de quem nos honramos, os maranhenses, como uma das nossas glórias [1].

VII

Não procureis nas obras de Francisco Sotero dos Reis as imagens e flores de uma phantasia rica das galas da primavera, nem essas figuras d'eloquencia arrebatadora que inflamma e embriaga os sentidos, e menos ainda os arabescos e filigranas que, sob color de alindarem e opulentarem o estylo, escondem as mais das vezes a pobreza das idéas e falta de conhecimentos no vasio e deslumbramento da fórma.

Ponderae no proposito por que escreveu e para quem escreveu, que descobrireis o merito e virtudes d'ellas. Os horisontes de suas aspirações d'escriptor chegavam apenas ao estreito ádito da sua aula: o mundo para elle acabava ahi, seu público eram os discipulos. N'este empenho não lhe importava a fórma, compunha á medida que lhe acudiam as idéas, como se lhe ellas apre-

[1] A Assembléa provincial, na sessão do anno passado e por indicação do deputado, o sr. Antonio Telles de Berredo, consignou na lei do orçamento a quantia de 500$000 réis para auxiliar a impressão do 5.º tomo do *Curso de Litteratura*, que já está a imprimir-se na typographia do *Paiz*.

Quando não fizesse outros serviços á provincia, bastaria este para recommendar a presente legislatura provincial á gratidão de nossos comprovincianos.

sentavam e como se estivesse a conversar com os seus jovens ouvintes.

Se lhe faltam elegancia, pompa e brilho, sobejam-lhe predicados que em mais de uma parte compensam áquelles. Quem ha que maneje com mais firmeza e mestria a boa linguagem; quem observe com mais rigor os preceitos grammaticaes; quem empregue com mais propriedade e sobriedade os vocabulos, usando d'elles quanto lhe bastam para dar fôrça e clareza a seus pensamentos conceituosos e ás sans doutrinas que preceitua? São estas as excellencias por que realçam os escriptos do douto professor. Sacrificou a popularidade ao aproveitamento dos indoutos—trocou dar agradavel pasto aos leitores frivolos por ensinar os curiosos—os applausos dos salões perfumados e luzidos pelos das escholas modestas e sedentas de saber.

Nas suas *Postillas de Grammatica Geral* ha muito que aprender, muita novidade, regras seguras e exactas de analyse, de construcção, de vernaculidade da nossa lingua. Fixou a boa intelligencia dos complementos; os adjectivos e pronomes são descriminados com muita lucidez. Attentando-se nas regras, que estabelece esta obrinha, ninguem mais vacillará no emprego do infinito pessoal ou impessoal e n'outros pontos egualmente duvidosos. Esmerilha com proficiencia todas as particularidades de construcção, explana difficuldades grammaticaes e idiotismos, e tracta tambem com igual superioridade e clareza da estructura do periodo grammatical e das figuras de construcção.

Condensou n'este brilhante quadro tudo quanto havia de são e melhor espalhado aqui e alli, ajunctou-lhe o que havia com infatigavel disquisição e longa experiencia joeirado na sua perspicaz intelligencia, e veiu offerecer aos estudiosos de ambas as nações, onde se cultiva o idioma portuguez, um guia seguro para com elle caminharem desempeçados pela escabrosa vereda da phrase e do periodo da linguagem pura, e para cujo desbaste tanto contribuiram Camões, Ferreira, Fr. Luiz de Sousa, Vieira, Lucena e Garrett. Não sou eu só que o digo, dizem-n'o todos os que teem lido este incomparavel tractadosinho, pregoam-n'o as edicções que se esgotam, e confirmam-n'o com mais profundo conhecimento de causa os pareceres de alguns abalisados escriptores. Do juizo critico do sr. dr. Trajano Galvão de Carvalho, que põe fecho á primeira edicção d'essa notavel obra; reproduzirei, pois, alguns trechos, que dizem bastante:

«Resumida, diz elle, no volume, porém grande no alcance litterario-scientifico, opulenta dos thesouros de uma erudicção vasta e recondita — bebida em leitura mui d'espaço e variissima, é vasada nos mais puros e elegantes moldes do estilo terço dos Classicos. Tal é o livro, marcado com o cunho do vigoroso talento do sr. Francisco Sotero dos Reis .....»

.....

«E com effeito, quando passamos d'aquelle estilo pesado, confuso e embryonario do professor de Coimbra (Jeronymo Soares Barbosa) para leitura das amenas paginas amimadas pelos toques magistraes do estilo cheio,

firme e egual do eximio escriptor maranhense, quando d'aquelle cahos grammatical passamos para este primor de ordem, methodo e perspicuidade, parece-nos que subimos de um labyrintho subterraneo e tenebroso para a orvalhada e frescura de uma manhan rica de fragrancias e esplendores.»

.....

«Não concorre pouco para tornar amenas e perspicuas as questões grammaticaes — de si tão aridas e rebarbativas — a esplendida exemplificação, constando dos melhores trechos ou lances dos mais eminentes d'entre os escriptores mais puritanos, com que o sr. Sotero tanto enriqueceu e authorisou o seu trabalho. Assim no meio d'aquelle concerto olympico e divinal, em que os sons guerreiros da tuba epica de Camões se confundem com as arrojadas harmonias da lyra sonorosa de Filinto, e com as graves e religiosas notas do psalterio biblico de Sousa Caldas, os preceitos e regras grammaticaes vão-se incutindo e encarnando suavemente no animo, e bracejam, sem custo nem demora, fundas raizes na memoria dos que aprendem.»

.....

«..... o valor do serviço prestado pelo sr. Sotero á lingua portugueza sobe de ponto, e as suas modestas *Postillas* tomam as proporções de um livro verdadeiramente novo, precioso, e de alcance practico incalculavel, — pois parecem destinadas a operar a regeneração d'ella.....

«Á mingua de um bom tractado de construcção portu-

gueza é que a lingua franceza—admiravel instrumento aliás vehiculo da moderna civilisação, á qual devemos, a outros respeitos, impagaveis serviços,—foi lavrando e embebendo-se, como nodoa de oleo cheiroso em em tella setinada, no nosso formoso idioma, que mais e mais se barbarisa e abastarda.»

.....

«O sr. Sotero, pois, conclue elle, com a publicação das suas *Postillas*, fez um relevantissimo serviço ás lettras patrias, á instrucção pública, e, especialmente, aos amantes estudiosos da lingua vernacula, que possuem agora uma bussola, com que se guiem na leitura tantas vezes aparcellada e naufragosa dos classicos.» (Pag. 10 *in fine* da 1.ª edicção das *Postillas.)*

Na *Grammatica Portugueza* esforçou-se o author por adaptal-a ás intelligencias pouco adextradas da segunda infancia, e temol-o para nós que o conseguiu em parte. Não entra nas questões philosophicas e de philologia abstracta, adstringindo-se, pelo contrário, ás regras essenciaes e á doutrinação commum de uma boa grammatica, compendia-as e as preceitua com perspicuidade e de modo a esclarecer de sobejo os leitores para quem dedica este trabalho. Preencheu o seu louvavel fito, se bem que, como diz o sr. visconde de Castilho: «pontos ha, tenues sim, mas ha-os, em que as minhas theorias sobre a linguagem algum tanto discrepam das d'elle». *(Folha dos Curiosos,* n.º 12—março de 1869.)

Na segunda edicção, ha pouco publicada, desapparecem alguns d'esses *pontos*. As nossas escholas d'instruc-

ção primaria possuem agora o seu codigo, e com elle poder-se-ha estudar sem custo a arte de escrever com graça e correcção, e entregar-se a gente á leitura dos classicos portuguezes da edade de ouro da lingua.

Na versão dos *Commentarios* sem se apartar da fidelidade, reproduzindo as imagens e valentia do estylo do grande escriptor latino, acha-se alli o portuguez oiro de lei no mais elevado quilate. Quem se quizer convencer d'este asserto, tem ao lado da traducção o original para collacional-os, e conhecer a verdade de minha succinta apreciação, se não a podesse reforçar com um testemunho, como o do ex.^mo^ sr. conselheiro Viale que todos respeitamos, pelo muito que vale e sabe, e ainda mais por que não baratea louvores a quem não lh'os merece:

«Darei junctamente conta da impressão que me ficou de tal leitura, em que empreguei agradavelmente algumas horas successivas. A versão portugueza dos *Commentarios de Cesar* a que me estou referindo, parece-me dever ser contada no numero das mais fieis e melhores traducções de classicos latinos de que tenho conhecimento. Igual fidelidade, releva dizel-o, seria quasi impossivel, se se tratasse de verter um poeta grego ou latino, ainda que a traducção fosse em prosa; e seria *absolutamente* impossivel, se a traducção houvesse de ser feita em verso, embora não rimado, e se o traductor aspirasse a ser lido não só com indulgencia, mas tambem com agrado. Com effeito, por nimiamente litteraes, são frouxas, deslavadas, ensossas, a versão das *Georgicas* por Leonel da Costa, e a da *Eneida* por Barreto Feio. Quem por mero

gosto as lerá nem ainda uma só vez? Outro tanto não póde dizer-se das boas traducções poeticas, mais livres ou paraphrasticas, taes como, por exemplo, a das poesias de Ossian por Cesarotti, a de Homero por Pope, as de Anacreonte, Moscho, Ovidio e Virgilio, pelo principe dos poetas portuguezes contemporaneos, o Visconde de Castilho? São lidas e relidas sempre com prazer.»

«Voltando ao ponto: Sotero tinha restricta obrigação de ser fiel: quiz sel-o, e conseguiu-o perfeitamente. Sem cahir no vicioso extremo de trasladar palavra por palavra, bem póde chamar-se *fidus interpres* no genuino sentido horaciano. O estylo da versão corresponde precisamente ao original latino; nem magnifico nem redundante; nem baixo e trivial, senão singelo, natural, sobrio, corrente, ou como hoje é costume dizer-se, *fluente*. Pelo que diz respeito á dicção, será difficil poder exprobrar ao traductor o delicto de lesa-vernaculidade. Se o accusarem de alguns descuidos n'este particular, leves serão elles, por certo, e merecerão aquella venia que todos os cultores das lettras, sendo escriptores, estão expostos a dever implorar para si, e são obrigados a conceder aos outros.»

«Emquanto ás demais obras de Sotero dos Reis, já sobre ellas expuz verbalmente a V. Ex.ª a minha humilde opinião. Com effeito, o *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira* é um perduravel monumento de erudição e de critica litteraria. *As Postillas de Grammatica Geral* são uma obrinha preciosa para as aulas primarias e para as secundarias. O assumpto não exigia rigorosamente o *bello*, o *aureo:* o auctor poz principalmente a mira (como

devia) no *util;* mas nem por isso se tornou enfadonho; amenizou quanto poude a aridez da materia. Entre o talento de *ouro,* e o talento de *chumbo* de que falla o propheta Zaccharias, que differenças não ha!»

. . . . . .

Pateo das Vaccas, 4 de dezembro de 1872.

ANTONIO JOSÉ VIALE.

De todas as obras, porém, do eximio latinista e philologo, a de mais tomo, a que remata e engrandece a herança do mestre de nós todos — é sem contestação alguma o seu *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira.*

A todas as boas qualidades por que se distinguem os seus escriptos, reune elle n'este critica judiciosa, apurado gôsto litterario e muito e variado ensinamento e erudicção.

Nas primeiras sete licções em que se occupa da origem, formação, progressos, aperfeiçoamento, explendor, e depois decadencia e renascimento da lingua e da litteratura ha muito que aprender, muito que admirar, e valem por si sós um bom tractado a respeito do assumpto, se a analyse detida dos poetas e prosadores, se a boa escolha dos trechos dos mais afamados escriptores não fizessem d'esta obra, além de um *Curso de Litteratura,* uma como *Selecta* para uso da mocidade.

Com que critica e apurado gôsto entra pelas obras de Bernardim Ribeiro, de Sá de Miranda, de Fr. Luiz de Sousa, do padre Antonio Vieira, de Garção, de Filinto, de Sousa Caldas e de todos os bons engenhos de ambas as nações?

Além dos muitos predicados que deixo de ennumerar e que por si sós recommendam á posteridade a memória de Francisco Sotero dos Reis, cabe-lhe tambem a glória de ter sido o primeiro que tractou de um modo completo e largo assumpto tão vasto quanto difficil. Tenho que servirá de padrão a quem para o futuro quizer escrever a história litteraria dos dois paizes. O solo está agora explorado e a estrada aberta: outros mais felizes e com menos annos procurem desbraval-o e aplanar, alinhando e aformoseando ao mesmo tempo o que já está feito.

Áquelles que o arguirem de ter andado muito terra á terra no seu *Curso de Litteratura*, e notarem-lhe as frequentes repettições, responderei que seu maior empenho n'esta obra foi o ensino da mocidade, e por isso, entendia que importava ferir bem e mais de uma vez os pontos que queria gravados na memória dos alumnos. Não escreveu, por tanto, obra para deleite senão para ensinamento e proveito dos estudiosos.

O sr. Innocencio Francisco da Silva, embora os bem cabidos reparos que faz no tomo 9.º do seu *Diccionario Bibliographico* (Pag. 382), dá a obra como de *reconhecida importancia, e recommendavel igualmente* a brasileiros e portuguezes, e para isso appresenta um elencho das materias contidas nos quatro tomos já publicados.

Outro juizo de escriptor não menos respeitavel, é o do sr. dr. Lafayette Rodrigues Pereira, que em uma serie d'artigos publicados no *Diario do Povo* (n.ºs 164 e 166), vem abonar a obra de Francisco Sotero dos Reis, e d'elles dou estes trechos:

«O *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira* do sr. Sotero é um commettimento litterario de proporções ousadas; vasto em seus designios.....

.....

«Pois bem, se é licito prejulgar da execução da obra pelas desesete licções publicadas, não ha que recear d'excepções: o sr. Sotero não se mostra inferior ao trabalho emprehendido, seus hombros, para usar de uma phrase do elegante habitador dos Sabinos, são bastante robustos para aguentar o peso do fardo.»

«A critica litteraria do professor maranhense é larga e profunda á maneira dos grandes mestres. O methodo e os processos, que emprega, lembram por vezes os modelos de Villemain. O sr. Sotero pertence á nova eschola: comprehende a critica como uma arte nobre e elevada, que vive da inspiração divina.»

.....

«O distincto professor maranhense applicando ao seu ensino, repito, o methodo de Villemain, funda entre nós a verdadeira crítica litteraria e preenche uma lacuna de ha muito sentida. As lettras de ambos os paizes estavam ainda á espera de seu historiador. Abundam em Portugal, é verdade, artigos parciaes, alguns ensaios escriptos com talento superior e com perfeito conhecimento do assumpto, temos mesmo um resume insigne — *A Historia da lingua e poesia portuguezas* — de Almeida Garrett, obra de genio, traçada com aquella mestria, vigor de toques, profundidade de juizo e perspicuidade de estylo que sellavam tudo quanto sahia da assombrosa penna do

auctor do *Fr. Luiz de Sousa*. Mas faltava-nos um estudo methodico, de longo folego, completo, desenvolvido, que, tomando a litteratura portugueza em seu berço, a acompanhasse em todas as vicissitudes, e guardando a filiação logica e historica de todas as epochas, marcasse-lhes todas as variações.»

«Ao sr. Sotero estava reservada a honra de emprehender este arriscado trabalho; a elle caberá, nós o esperamos, o glória de condignamente leval-o ao cabo.....

.....

«Depois de ter delineado em elegantes quadros a historia da lingua portugueza, entra o eximio professor na materia propriamente dita do *Curso*.»

«As licções publicadas (1866) abrangem o periodo que se estende dos fins do seculo XIII aos começos do seculo XVI. Os poetas e prosadores, em cujas composições se resume esta epocha de trabalho lento e fecundo, são analysados e aquilatados com summo criterio e com aquelle fino gosto, proprio dos espiritos formados na contemplação dos grandes modelos antigos e modernos.»

«Agradou-nos singularmente o estudo da vida e autos de Gil Vicente. Desenhou o sr. Sotero com extrema delicadeza a physionomia litteraria — tão mobil e curiosa — do chistoso poeta da côrte de D. João III.»

«Foram apanhados com fidelidade os raros dotes do genio profundamente sympathico de B. Ribeiro, o poeta sem ventura.»

«Sá de Miranda, o philosopho que dava bons conselhos

em maus versos, é reduzido a seu justo valor.....

.....

«Quizeramos acompanhar o sr. Sotero no desenvolvimento d'esta parte de seus interessantissimos estudos; mas .....

é melhor que o leitor percorra com os seus proprios olhos as bellas paginas, em que, com a luz serena e calma de uma razão superior o abalisado mestre illumina o assumpto por todos os aspectos e em todas as sinuosidades[1].»

Ao que vae dicto, ajunctarei as opiniões de juizes não menos competentes, que imparciaes. É o sr. Joaquim Alves de Sousa, homem de muito saber, professor de Coimbra e com justos e merecidos fóros de entendido na materia quem agora falla:

«Eu principiei a conhecer e a estimar o sr. Sotero dos Reis, cujo fallecimento ignorava e sinceramente deploro, como uma grave perda para as lettras portuguezas e brasileiras; a conhecel-o, digo, e a estimal-o, desde a primeira vez que li a analyse magistral, pelo mesmo feita, da excellente traducção de Virgilio do seu chorado patricio, Manuel Odorico Mendes; a qual é, tambem, no meu humilde entender — a melhor de quantas traducções do mavioso poeta latino possuimos em lingua portugueza. N'essa analyse, profunda, conscienciosa, já o sr. Sotero dos Reis ostentava grande cabedal de conhecimentos, especialmente nas duas linguas, latina e portugueza; juizo esclarecido e seguro, gosto sempre delicado. A analyse era,

[1] Vej. no appendice a nota C já citada na pag. 165.

sob todos os respeitos, digna da obra sobre que versava.»

«Li depois as *Postillas;* não tudo absolutamente, nem com o acento e pausa que tanto desejava; mas o principal, aos poucos, e segundo o permittiam minhas occupações e saude bastante attenuada: e firmei-me, ainda mais, na opinião em que já estava da erudicção, do discernimento e do fino tacto do author.»

«As *Postillas* são livro de proveitosa leitura, não só para discipulos, mas ainda para mestres. Não poucos d'estes apprenderão alli cousas que ignoravam, muitos outros ficarão intendendo mais a fundo as que já sabiam, e todos gostarão de achar alli explicadas com a devida clareza e critica judiciosa, sobre trechos extensos e numerosos, escolhidos dos melhores escriptores, nos diversos periodos por que tem passado a lingua, muitas miudezas de grammatica, assás importantes para o conhecimento reflectido do patrio idioma, e para a analyse completa das obras escriptas n'elle; miudezas que, se não faltam de todo, vêem só muito rapidamente tocadas n'outras grammaticas portuguezas.»

«E se alguem, olhando para o titulo da obra, pensar que alli se tractam pontos meramente grammaticaes, engana-se: o author fez mais e melhor. Nos diversos trechos que reproduziu e analysou grammaticalmente, não se esqueceu de notar tambem suas bellezas; ou algum defeito, quando lá escapasse. Em presença d'esses trechos mostra as modificações que o idioma portuguez, desde os tempos mais remotos até os nossos dias, tem

soffrido em palavras, phrases, construcção, orthographia e pronúncia; e em especial, nota a influencia, a certos respeitos nociva, que a leitura dos livros francezes tem exercido na lingua portugueza. De quando em quando intromette juizos criticos, breves e frizantes, sobre alguns de nossos melhores escriptores, prosadores e poetas, etc. De maneira que o livro póde ser de muita vantagem não só para o grammatico, mas para o philologo e litterato; em summa para quem quizer obter um conhecimento rasoado da lingua portugueza, e habilitar-se para escrever n'ella com correcção e primor.»

«Muito sympathiso tambem com o modo de dizer do judicioso author. Apraz-me sobre maneira aquella perspicuidade, concisão e fluidez, aquella naturalidade, elegancia e numero com que tece os seus escriptos. Bem se vê que é um digno companheiro do illustre Odorico Mendes, e ambos discipulos da nobre eschola, a que pertenceram Camões, Garrett, Garção, Filinto, Caldas e outros escriptores insignes e de apurado gosto; inimigos d'esse dizer *turgido estapafurdico* (segundo lhe chamava Garrett) ou *piegas, palavroso* e *chôcho,* com que, ainda hoje, não poucos nos quebram os ouvidos e a paciencia.»

«O *Curso de litteratura* já o abri, espero lêl-o na primeira occasião que me deixarem minhas occupações e saude. Da sua leitura estou certo que hei de tirar, alem de muita instrucção, muito prazer; tanto, senão mais, do que tirei da leitura das *Postillas.*»

O illustre professor de rhetorica e poetica do lyceu de Coimbra, o sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo,

bom conhecedor da lingua e da litteratura portugueza assim se expressa:

«Quando em 1858 li o juizo critico de Francisco Sotero dos Reis sobre a *Traducção da Eneida,* affigurou-se-me ver n'aquelle breve escripto o dedo d'um philologo gigante, de mim ainda desconhecido, por outros porém já então assás louvado. Não me enganou a impressão que logo senti. Porque tendo agora, pela liberalidade d'um generoso amigo, a fortuna de possuir, d'entre os escriptos d'aquelle distincto professor maranhense (já hoje fallecido), o seu *Curso de litteratura portugueza e brasileira,* assim como as suas *Postillas de grammatica geral,* ao ler, postoque *oculo properante,* aquellas obras, alli se me deparou o brilhante vulto d'um escriptor insigne em humanidades.»

«Sem fallar agora da sã doutrina das *Postillas,* em que elle com tanta perspicuidade offerece os principios de grammatica geral, applicando-os á analyse das composições de uma e outra lingua; limito o meu sentir ao que me occorre sobre o *Curso de litteratura,* tocando-o só em geral e concisamente; porque mais me não permittem o meu estado valetudinario e o peso de oitenta e um annos já incetados. Bem traçado e primorosamente executado me parece o plano que o auctor concebêra. É de observar a exacção bastante com que elle discorre sobre a origem da lingua e litteratura portugueza, percorrendo todos os periodos e vicissitudes desde a infancia d'ella até a sua phase hodierna; expondo e apreciando as causas do progresso, esplendor, decadencia e regeneração

d'aquella litteratura; e indicando já o que tem que dizer ácerca da filha d'ella, a brasileira.»

«Notavel é tambem o fino tacto com que o auctor avalia o merito dos principaes poetas e prosadores d'ambas as litteraturas, sem omittir, antes desinvolvendo muito abundantemente, o que respeita á biographia de cada um dos escriptores que cita.»

«E pelo que toca á fórma quem não vê a riqueza e copia da sua expressão? Por toda a parte a sua phrase se ostenta corrente, casta, agradavel e singela; como de quem sabe que este é o estylo mais accommodado aos discursos didacticos. Quando porém ou a exposição de certos factos historicos ou a apreciação do merecimento dos melhores escriptores demandam elevação de estylo, elle o exalça então com o explendor devido. Assim varia elle magistralmente a dicção segundo a natureza e qualidade dos objectos conforme os characteres dos individuos.»

«Que não possa eu, pelas indicadas circumstancias, comprovar analyticamente o que deixo tocado! Ingrata sorte que me nega esse gôsto!... Aquelles escriptos porém não carecem da minha recommendação, ainda que ella podesse ter algum pêso. Com mais sentida perda da republica litteraria, já não existe a pessoa do eximio escriptor; vive porém e viverá seu nome illustre na memoria da posteridade.»

Estes juizos tão competentes quão authorisados honram assaz os trabalhos do illustre escriptor maranhense, e enchem de orgulho e prazer seus admiradores e disci-

pulos. Vêem tambem pôr meus comprovincianos na obrigação de mostrarem-se gratos a quem contribuiu para a reputação de sua terra natal; por isso seus conterraneos erigiram no primeiro momento de impulso de saudade uma singela lapide sobre sua sepultura para assignalar o logar aonde repousam as cinzas de tão benemerito varão; mas nem por isso deixa de ficar em aberto a divida que contrahimos com uma de nossas glórias [1].

1 Tracta com admiravel esforço de desobrigar-se o Maranhão d'essa divida, e isto por lembrança do sr. Themistocles da Silva Maciel Aranha, redactor do *Paiz*, e sob proposta do sr. dr. Felgueiras, que em uma sessão da assembléa provincial, que aventou a idéa de remover-se o Pelourinho do Largo do Carmo, collocando ahi um monumento á memória de F. Sotero dos Reis. Desde então metteram hombros a esta sancta e boa empreza os referidos cidadãos e o sr. Raymundo José Pereira de Castro; e é de crer que não tardará muito que se veja erguido este segundo testemunho do apreço que sabem dar os maranhenses a seus vultos mais conspicuos, attentos, principalmente o ardor e enthusiasmo com que o sr. Themistocles emprehende qualquer commettimento por difficil que seja, comtantoque d'elle advenha lustre e nome á nossa commum provincia, como tenho d'isso documento irrefragavel no modo por que tem desempenhado a commissão das obras da erecção do monumento ao poeta Gonçalves Dias de que o encarreguei.

IV

JOSÉ CANDIDO DE MORAES E SILVA

(O PHAROL)

AO SENHOR

THEMISTOCLES DA SILVA MACIEL ARANHA

Bras, tête, cœur, tout était peuple en lui.
.....
.....
L'ambition n'effleurait point sa vie.

(*Chansons* de Béranger, tom. II, pag. 199.)

I

Seguir com vista prescrutadora a genesis de um povo na sua phase embryonaria e nas successivas transformações por que passa até chegar ao aperfeiçoamento e virilidade — é deleite e estudo convidativos. No começo da sua existencia tudo são dúvidas, incertezas e receios de mistura com temeridades inconscientes, repentinas, sofregas e pasmosas. N'esse progredir incessante das parcellas da humanidade, appellidadas nações; n'esse conquistar incessante; n'essa elaboração e movimento activo, não ha innovações, não ha as mais das vezes systemas nem seitas que triumphem, senão fecundados e cimentados pelo sangue de seus iniciadores e apostolos.

Todo progresso tem o seu Gehenna. Vêde-me a doutrina sancta de paz e de fraternidade evangelisada pelo

proprio Homem-Deus e expiada nas gemonias do Golgotha! Descei d'essa radiosa glorificação, perfumada pela justiça absoluta e pela charidade sem limites, para essas reformas plagiadas do verbo divino, para as doutrinas philosophicas, inspiradas nas paginas sagradas, que as não achareis radicadas e reverdecentes se não foram selladas pelo martyrio e regadas pelas lagrimas dos seus propagadores.

É lei providencial e necessaria: os obstaculos fazem engrossar os mananciaes, e as correntes das idéas novas uma vez caudaes precipitam-se, e no seu curso violento arrastam aquelle que ousou romper o dique da immobilidade para lhes dar sahida.

Os passos mal seguros e titubantes de um povo que se regenera tem tambem isso de fatal comsigo. O povo na sua infancia, como a criança que por isso que é fraca e ignorante, compraz-se em tudo que é extranho e perigoso, afronta com o desconhecido e atreve-se a tentamens impossiveis. Acompanhae-o nos delineamentos primitivos de suas instituições: — indecisos, fugidios e incertos, só tomam vulto e consistencia, bracejam e firmam-se no sólo á custa de muito lidar, de muita dedicação e fadiga ás vezes infructiferas, de muito esboço incompleto, de muito plano mal succedido ou desprezado, de muito patriotismo ignorado e mal comprehendido.

É assim que se formam, robustecem-se e opulentam-se as nações. Chegadas ao maior fastigio de sua grandeza e poderio desconhecem os que conspiraram para sua prosperidade, deixando jazer no limbo do esquecimento os sa-

crificios, as luctas, a abnegação d'esses que se exposeram sem outro fito senão o amor da patria.

Não foi o Brasil isento de pagar tributo a esse periodo genesico, e bem que soffreu então de desfallecimentos e convulsões, ainda que parciaes e ligeiros, antes que o systema representativo fosse comprehendido e executado em todas as suas partes por authoridades e subordinados!

Nos paroxismos do antigo regimen politico, que battia em retirada, vencido e extincto pela luz redemptora da liberdade, não lhe cedeu elle de todo o campo sem que reagisse e lhe estorvasse os passos. As idéas liberaes invadiam com aquelle vigor e precipitação que não admitte demóra nem plano, e no seu empenho de demolir os edificios carunchosos do despotismo, não tiveram os agitadores methodo nem persistencia no seu trabalho. O camartello do progresso e da civilisação feriu tudo, e ao mesmo tempo, para deixar este de pé, aquelle meio alluido, e inteiros os alicerces de muitos.

N'essa peleja irregular do que começava com o que acabava, ganhavam apparentemente estes: as violencias dos que se não podiam accommodar com a nova ordem venceram um dia e manifestaram-se furiosas contra aquelles que, confiados na liberdade e fanatisados pela independencia do Brasil, occupavam-se em aniquilar e estirpar o absolutismo do nosso solo: foram essas as victimas expiatorias da nova doutrina.

É bem de ver que foi laborioso, incerto e não sem tropeços o tirocinio da liberdade no nosso paiz, e isto sobretudo n'algumas das provincias do norte do imperio

que não gozaram, nos annos mais proximos ao da acclamação da nossa independencia, dos direitos garantidos pelo pacto fundamental. Fosse que o governo se arreceiasse das agitações que começaram de surgir empoz o livramento do jugo da metropole, ou reminiscencias do regimen colonial, o certo é que a maioria dos presidentes foi escolhida da classe militar:—era uma continuação dos tenentes-generaes das antigas capitanias, nem mais nem menos. Consistiam para elles a liberdade e as leis no severo regulamento do conde de Lippe. Affeitos á disciplina, obedeciam ás ordens dos superiores, e exigiam de seus subordinados cega observancia ás que d'elles emanavam por seu turno, e assim não soffriam contrariedades ou ainda reflexões: para taes authoridades eram — a provincia a seu cargo um vasto aquartelamento, e os habitantes soldados bisonhos. Esteve o Maranhão debaixo d'esta dictadura até que em 1829 veiu acabar com ella o ex.^{mo} sr. desembargador Candido José d'Araujo Vianna (hoje marquez de Sapucahy) que, tomando as redeas do governo a 14 de janeiro, data para nós memoravel, porque foi quando se nos desannuviou o sol vivificador da liberdade, inaugurou-se o regimen constitucional em toda a sua plenitude, e restabeleceu-se o imperio da lei.

Se outros favores não devessem os maranhenses á moderada e prudente gerencia de tão illustrado e honesto presidente, só isso bastava para recommendal-o ao nosso reconhecimento e estima, e tornal-o benemerito para todos os que sabem presar a liberdade com a ordem.

II

Tempos de boa fé e de candura politica foram esses! Na innocencia e ainda com as crenças puras e vivas era para os bons cidadãos a patria o primeiro dogma de sua fé; porque tambem ainda essa palavra sagrada, e que sôa tão doce, não tinha um sentido vão—não era uma senha de convenção só propria para illudir os ingenuos quando se apropinquam as luctas eleitoraes, mas um sentimento sublimo e natural, que se acariciava e desvelava com amor, com todas as illusões, com todos os affectos e estremecimentos das almas puras e devotas de nossos paes; e essa religião tinha suas aras, seus sacrificios, seus sacerdotes e seus martyres. As theorias e doutrinas de João Jacques Rousseau, de Mably, de Benjamin Constant e de outros publicistas então em voga, não eram, para os lidos ficções engenhosas que perdem de merecimento na práctica. A história da Grecia e de Roma antiga eram os catechismos supplementares áquelles e não poucos reconstruiam de pura imaginação as sociedades preteritas, o Forum e o Monte Aventino, Athenas e o Agora, e prefiguravam os Catões e os Demosthenes, preludiando os feitos de seus originaes e presumindo-se actores n'elles.

D'esta ebullição e encontro de idéas originaram-se no paiz conflictos mais ou menos graves, já do espirito aventuroso e ignorante das massas, já de zelos e melindres nacionaes levados á exageração; se bem que motivados pela ingerencia audaciosa de imprudentes estrangeiros

que se não queriam resignar á idéa de hospedes em terra que ha pouco lhes era sujeita, e por isso conspiravam contra a independencia do Brasil em seus conventiculos e em conversas, e mais de um em jornaes, onde sem rebuço proclamavam seus intentos e desejos de verem um dia restaurada á sua metropole a colonia rebelde!

Quando no Rio de Janeiro, em Minas-Geraes, em San' Paulo, centros e baluartes da nossa recente nacionalidade, erguiam-se vigorosos a impedir tão ousadas demasias *A Aurora Fluminense, A Astréa, O Pharol Paulistano,* não se acharam só em campo os Evaristos da Veiga, os Costa Carvalhos, os Vergueiros, os Feijós e Odoricos Mendes; que a seus brados patrioticos responderam-lhes os echos acordes do *Pharol Maranhense,* d'esse luminar esplendoroso que espancou tambem as trevas com que o velho regimen obscurecia esta porção do sólo livre da livre America, e prégou aos povos a boa nova e os sãos principios da verdadeira doutrina. Não foi só luz para todos, senão tambem escudo para proteger pequenos contra os abusos das authoridades e dos poderosos;—appoio aos fracos;—flagellação aos mal-intencionados, aos partidarios da recolonisação e aos estrangeiros mal-agradecidos. D'ahi não houve nunca jornal que exercesse ascendente mais decidido sobre a população, nem tribuna que attrahisse mais ouvintes, ou grangeasse com a sua immensa popularidade tão freneticos e expontaneos applausos. Podia d'elle dizer-se que ao seu mando a provincia agitava-se, palpitando todos os corações afinados

pelo seu e bradando todas as vozes unisonas; porque o seu pensamento era o de todos que n'elle confiavam!

Redactor e jornal eram uma dualidade indivisivel, resumiam e exprimiam um só individuo. A quem pronunciava — *Pharol* — acudia-lhe logo á mente o nome e a figura sympathica e insinuante de José Candido de Moraes e Silva. E o nome do jornal propagou-se e perpetuou-se na familia, e é isso ainda hoje para nós, geração hodierna, um mytho; e as irmans do ousado liberal são conhecidas até hoje pelas — *Pharoes.*

Mas quem era essa entidade singular, tão querida de nossos avós e paes, e que é hoje em dia para nós como que uma lenda? Levantemos respeitosos a campa que cobre essa sepultura, e sacudâmos cheios de amor o pó d'esse jornal — d'esse representante do verbo fremente do missionario da primeira epocha da nossa organisação politica — e perquiramos de um e outro o que foram, o que representava este, os exemplos que nos legou aquelle, e que beneficios herdaram ambos á nossa sociedade.

III

Ás sete horas da noite de 21 de setembro de 1807 [1], em uma segunda feira, nasceu José Candido de Moraes e Silva no sitio Jussára, do districto hoje do Itapecurú-mirim,

[1] Dizem uns apontamentos que tenho debaixo dos olhos — 1816 o que é menos exacto. No mesmo erro cahiu a *Selecta Nacional.*

e então do Rosario. Assim tambem foram embalados e adormeceram ao som das aguas sussurrantes do tão formoso e opulento manancial da mór parte da riquesa da provincia do Maranhão, outros illustres conterraneos.

Foram seus paes Joaquim Esteves da Silva, natural de Lisboa, pharmaceutico estabelecido e com estudos regulares, e D. Maria Carolina de Moraes Rego, natural do Maranhão e oriunda de uma das mais respeitaveis e numerosas familias d'elle.

A 9 de outubro do mesmo anno recebia o innocente menino as aguas baptismaes das mãos do reverendo padre Leandro Alves Pereira de Abreu, sendo-lhe padrinhos José André de Moraes Rego, seu avô materno, e D. Joanna Pereira de Abreu, mulher d'este e madrasta da mãe de José Candido.

Aos nove annos de edade estavam elle e mais cinco irmãos sós no mundo. Seu pae, que abrira botica na cidade de San'Luiz do Maranhão, para onde se mudára, falleceu repentinamente a 16 de março de 1816 de um ataque apopletico, e sua mãe, joven ainda e amantissima do esposo, não tendo fôrças para resistir aos abalos de tammanha dôr, succumbiu treze dias após aquelle cujas saudades pungiam-n'a com tanta agrura.

As orphãsinhas foram recolhidas por parentes e amigos da familia, e elle no seu desamparo e orphandade encontrou o commendador Antonio José Meirelles, negociante portuguez, que o agasalhou e no seu disvello quasi paternal, fel-o estudar primeiras lettras na cidade de San'Luiz, e reconhecendo sua aptidão e intelligencia man-

dou-o depois para França, para onde partiu a 10 de janeiro de 1818, e frequentou um collegio da cidade do Havre até junho de 1821, estudando as disciplinas necessarias para tornar-se um negociante illustrado. Mostrando, todavia, quéda decidida pelas lettras e muito aproveitamento nos estudos, destinou-o seu protector á carreira médica e n'este proposito seguiu elle em julho para Lisboa e d'ahi em setembro para Coimbra, onde o encontrâmos, pelos livros de matricula da universidade, cursando no anno lectivo de 1821–1822 a aula de grego, sob o numero 12, com o nome de José Candido da Silva, e no seguinte anno, sob o n.º 45, o primeiro de mathematicas, que, como é ainda hoje preceito dos estatutos da universidade de Coimbra, faz parte ali do curso medico.

IV

Com separar-se o Brasil da mãe patria, sacudindo o jugo oppressor, que tolhia-lhe o desenvolvimento, e tornando-se nação livre e independente, alvorataram-se os animos aos brasileiros que frequentavam a universidade de Coimbra e os mais exaltados compromettteram-se de tal maneira, que, para evitarem a prisão que os ameaçava, tiveram de evadir-se d'ali muito ás occultas. Aquelles que não estavam ameaçados pela justiça, tinham todavia demasiado enthusiasmo patriotico e não se deixaram ficar longe do theatro onde se estava representando o drama brilhante da reconstrucção do nosso paiz. Preoc-

cupados unicamente dos destinos da patria, cujas saudades recrudesciam violentas e incessantes com as noticias dos extraordinarios acontecimentos que de dia a dia iam apparecendo no imperio, abandonaram os estudos com risco de cortarem a carreira e se partiram sem demora com os corações a regorgitarem de alegria, e os pensamentos no torrão natal, onde já imaginavam-se mitigando no serviço d'elle o fogo patriotico que os abrasava. Foi um d'elles José Candido, que abandonando a vida escholar, no principio d'ella, quando se lhe antolhava auspiciosa, lá se foi a 15 de julho de 1823 do porto de Lisboa em busca do Maranhão, que era seus cuidados e feitiço.

V

Que de risonhos projectos lhe não illuminaram então a accesa phantasia! que de amplos e infinitos horisontes não descortinava ella n'esse desatinado pensamentear dos vinte e um annos — baixel sem rota nem destino lançado ás incapelladas ondas dos alheios interesses! Bem asinha aguardava-o ahi a realidade para lhe murchar todas essas flores louçans e ephemeras da juventude, dando-lhe a tragar a longos sorvos o envenenado fel da desventura.

Ao entrar a 2 de setembro de 1823 a barra de San' Luiz do Maranhão avistou o pavilhão auri-verde a tremular com galhardia no topo do mastro da nau de lord Cochrane, ancorada havia pouco no nosso porto. A este espectaculo novo e inesperado para elle, sentiu vibrarem-

lhe de júbilo todas as cordas do coração, e nunca jámais teve outra sensação de prazer que se assemelhasse a esta, como elle proprio o confessava. Rebentaram-lhe copiosas e voluntarias as lágrimas, e foram estas as primeiras, e ainda mal que não as unicas, que derramou aquelle insigne patriota pela terra a que votou seus cuidados e a propria vida!

Ao desembarcar soube que seu protector se havia retirado para o Rio de Janeiro por causa de seu pronunciamento contra a proclamação da independencia na provincia, vindo-lhe a elle d'ahi malquerenças, e sendo mal visto dos populares. Por isso julgou prudente uma ausencia temporaria e assim a levou a effeito. Deixando na direcção da sua casa commercial e como administrador d'ella, seu guarda-livros José Gonçalves Teixeira, recommendou-lhe instante e expressamente seu protegido como a filho, e logo que fosse chegado á provincia o applicasse no serviço da escripturação mercantil.

José Gonçalves, porém, como portuguez que acreditava ainda na restauração do dominio da mãe-patria, e sobreposse sectario do rigor para com os subordinados, não via com bons olhos a quem professava idéas de todo o ponto oppostas ás suas, e demais a hombridade e modos francos e rasgados do mancebo destoavam do servilismo e submissão que eram então exigidos pelos patrões e a que submettiam-se, humildes e calados aquelles que principiavam a carreira commercial.

A civilisação, que tudo muda, e destróe muitos preconceitos, já operou felizmente entre nós completa transfor-

mação nos usos e costumes da classe commercial. Ainda não vae, todavia, muito longe que um caixeiro correspondia a um servo da gleba; trabalhava desde o sol nado até as horas mortas da noite, sem exceptuar os dias sanctificados e domingos, e com o afan de quem tem uma tarefa marcada. Se lhes era concedida uma ou outra tarde de domingo para distrahirem-se, ao toque das nove horas da noite deviam estar já recolhidos. Pertenciam-lhes tambem os serviços braçaes que respeitavam ao asseio e arrumação dos armazens e escriptorios. Tão ríspido e acanhado regimen não se limitava sómente a isto: estendia-se tambem ao trajo—a gravata e o chapéu eram banidos, e a jaqueta de riscado, principal recommendação do bom caixeiro. Fosse um rapaz apresentar-se pelas ruas de paletot e todo apurado, como vemos hoje em dia, que por mais habilitado, nem uma porta commercial, a não ser de casa ingleza, se lhe abriria; que trazia estampado no vestuario o estygma de extravagante, de esperdiçado, fidalgo e madraço!

A melhor carta de recommendação para ser bem acceito e ter facil ingresso em um escriptorio ou balcão era um todo alambasado e besuntão, trepado em uns tamancos. Boa estampa de caixeiro estava ahi n'essas premicias de um futuro ricasso! Não era tambem muito para estranhar nos patrões taes exigencias quando estavam elles longe de perceber o que havia de obnoxio e estulto n'esses usos e rigores. N'essa lei tinham vivido e enriquecido —tudo quanto os cercava, abonava-lhes tal proceder; quiz o despotismo que por toda a parte isto lhes

dictava: — no lar, nas ruas, pará onde quer que descançassem a vista deparavam o escravo com o ferrete do azorrague, do aviltamento, da tyrannia. Quem estava habituado ao servilismo do infeliz africano, que muito era exigir dos mais subordinados estas e quejandas demonstrações de passiva obediencia?! Accrescia a tudo isto para com José Gonçalves Teixeira o odio reservado que tinha aos brasileiros, a quem considerava como rebeldes a seu legitimo soberano. Havia portanto da parte do socio de Meirelles uma vingançasinha a exercer, certo prazer em abater um caracter que se lhe mostrava isempto e nobre e em curval-o ás regras e normas do serviço commercial por elle estabelecidas.

Desprezando o procurador da casa commercial de Meirelles as instantes recommendações d'este, procurou esmagar com todo o peso da severa e restricta disciplina mercantil os brios de José Candido. Não se satisfazendo só com trazel-o sopeado, pol-o tambem a exercer os mais baixos misteres de caixeiro principiante — a varrer o escriptorio, a limpar os moveis, a despejar os vasos!...

Imagine-se agora como se não havia de rebellar aquella natureza altiva e nobre por indole e pela educação tão esmerada e polida, que recebêra nos collegios de França e a que vieram accrescentar-se habitos airados e livres de Coimbra!

Outro que estivesse nas condições de José Candido, embora menos pundonoroso, certo que se revoltaria e reagiria contra tão affrontoso tractamento. Elle no emtanto supportou-o e calou-se, que assim lh'o aconselhava a gra-

tidão — sentimento que n'elle podia mais que os outros: mas a prudencia e a longanimidade têem limites. Comprimiu, pois, dentro em si os impetos de justa indignação que lhe estavam a referver em caixões de furia no peito, reconhecido a quanto devia ao commendador Meirelles. A despeito de poder mais n'elle a gratidão, venceram afinal a systematica rispidez e os continuos desabrimentos de José Gonçalves Teixeira, que chegaram um dia a taes extremos que não pôde o mancebo conter os impulsos proprios da edade e estalou violenta a colera que havia muito soffreava. Empoz calorosas altercações entre ambos e em que José Gonçalves deixára transparecer o espirito de nacionalidade que o dominava, não teve José Candido outro remedio senão retirar-se da casa de Meirelles, e valer-se da hospedagem de seu avô materno, em cuja casa estavam tambem aposentadas suas irmans.

Entenderam os brios de José Candido que estando elle na fôrça da vida, não devia ser pesado a quem os annos pediam completo descanço e tranquillidade de espirito, e n'este designio foi a 15 de dezembro (1823) residir na *Palmeira Torta,* á margem do Itapecurú perto do sitio Jussára, onde nascêra e tinha um pequeno estabelecimento agricola.

VI

A vida placida e retirada de fazendeiro não convinha, nem quadrava á indole de José Candido: estava elle ahi fóra de seu elemento. Via-se em um mundo extranho, e como que segregado da sociedade, que frequentára até pouco, para vir definhar de enfado e tristeza na soledade e no ermo das nossas campinas, condemnado á inactividade e ao embrutecimento da vida rustica! Martyrio maior era sentir em si tanta superabundancia de fôrça a querer expandir-se-lhe nas manifestações da vida febricitante da politica que já o namorava, segredando-lhe o verbo ardente da patria!

Veiu dois annos depois tiral-o d'essa situação tão avessa ao seu temperamento e inclinações o fallecimento do avô (1825). Ficaram as irmans de José Candido sem esse arrimo e gasalhado. Correu elle sem detença em auxilio d'ellas, e em maio de 1826 já se achava residindo com ellas na capital da provincia.

VII

Aos dezenove annos, n'essa edade descuidosa e das alegrias para muitos, já lhe corriam os dias turvos e cheios de preoccupações e cuidados! em vez das distracções proprias da mocidade, via-se a braços com o encargo d'uma numerosa familia. O amor fraternal, virtude

que n'elle tanto resplandecia e tornava-o ainda mais digno da nossa admiração, não tinha limites; tomando a pobreza como accidente transitorio, procurou no trabalho honrado a manutenção d'aquellas que tinha como obrigação proteger e sustentar.

Não o desalentavam as difficuldades da sua triste e precaria posição; que não era de seu ánimo forte o abatter-se ante quaesquer contrariedades! Recorreu, pois, ao primeiro meio que se lhe afigurou mais prompto e facil: abriu na sua propria casa aula de primeiras lettras, e ensinou francez e geographia por casas particulares, e no quartel aos cadetes. Ahi estava em contacto e relacionado com os filhos das principaes familias; sendo então numerosa e importante essa classe, porque a mocidade d'esse tempo gostava de alistar-se na tropa de linha, já por moda e por ter em muita conta a carreira das armas, já por ficar até certo ponto independente do patrio dominio, sem que os mais d'elles, por abastados, tivessem o onus das rondas, sentinellas, e outros serviços pesados, que eram feitos pelos sargentos a quem cediam os soldos.

Estas aulas do quartel, creadas pelos conselhos geraes, dependentes da approvação do corpo legislativo, que lh'a negou, foram depois supprimidas e José Candido privado d'esse recurso. Não o desacoroçoou esse revez da fortuna. Estabeleceu em casa um modesto internato, onde estiveram João e Roberto Bruce, Joaquim e Raymundo Cantanhede, Gustavo da Costa Ferreira, João Juliano de Moraes Rego e outros que figuraram depois na carreira

pùblica e que já não pertencem aos vivos. Querendo dar a esta instituição mais desenvolvimento e maiores proporções, associou-se a Manuel Pereira da Cunha, seu amigo e antigo collega de Coimbra, e assim fundaram ambos na casa onde se estabelecêra a primeira typographia que houve na provincia, e hoje serve de hospital de charidade, o segundo collegio de instrucção e de educação que contou a nossa provincia[1], e onde ensinava José Candido as linguas portugueza e franceza e geographia, e Manuel Pereira da Cunha arithmetica e geometria.

Que tres sublimes e sanctas instituições cobriram successivamente os tectos d'esse edificio, tão respeitavel e venerando por isso! A imprensa, poderoso instrumento de civilisação e de liberdade; o collegio que allumia os entendimentos rudimentares; o hospital que recolhe os necessitados que enfermam e esmolam o pão e o remedio!

Com os recursos de sua intelligencia, sem servir de gravame á sociedade nem dar molestia a quem quer que fosse, pôde grangear José Candido subsistencia para sua familia e viver sempre com toda a independencia e modesto decoro. A vida tranquilla e regular do professorado foi, porém, cedo perturbada pelas inquietações e effervescencia da politica para onde o impellira seu destino.

A cadeira de mestre foi substituida pela tribuna da fo-

[1] Foi o primeiro o do italiano de La Rocca. Vej. Biographia de Francisco Sotero dos Reis, pag. 131.

lha periodica que falla ao espirito, que commove, que dirige a multidão, e assim transfigurado o professor em escriptor público, e chefe de partido, em caudilho popular, não pertenceu elle mais a si. Sigamos José Candido de Moraes e Silva n'essas rapidas e breves peripecias da sua carreira pública.

VIII

Com a administração excepcional do tenente-coronel Pedro José da Costa Barros, que em menoscabo das leis e das garantias dos cidadãos, practicou toda a sorte de arbitrios, e que sem o menor decoro de si e do cargo descia a actos degradantes e inconcebiveis, comprehenderam os pacificos habitantes do Maranhão a necessidade indeclinavel d'ingerirem-se nos negocios publicos, e desde então começaram a manifestar tal ou qual opinião. Foram de certo precisos fortes estimulos para os arrancar da apathia e terem veleidades de usar de seus direitos de cidadãos! Os mais exaltados e offendidos iam até a soltar queixas e a censurar em secreto os actos irregulares do presidente, ou quando muito a pregar alta noite pasquins escriptos com lettra disfarçada ou a vulgarisar um soneto ou quadra, repetido de ouvido a ouvido, e n'isto cifrava-se toda a opposição dos nossos timidos avós. Já não foi pouca ousadia a do poeta José Pereira da Silva em recitar do alto da muralha da Rampa do Palacio quando se embarcava Costa Barros, já destituido da governança, aquelle célebre soneto improvisado por esse feliz repen-

tista, e que fez tanta sensação, que é ainda hoje rememorado com enthusiastico espanto por aquelles que tremeram pela sorte do poeta ao ouvil-o vibrar com furia e indignação contra o despota tão vehemente anathema [1].

Póde-se bem aferir quammanho não foi o ousado commettimento de José Candido em publicar um jornal, quando ainda era a Constituição lettra morta, e a vontade dos presidentes — lei suprema. Para abalançar-se a tanto sem temor dos odios e vinganças d'esses irritadiços proconsules, d'esses senhores de baraço e cutello, que gozavam, e por nosso mal, gozam até hoje de immunidades, sem que os altos poderes lhes venham nunca á mão e os responsabilisem, era forçoso mais do que valor e dedicação; cumpria que fosse dominado por esse grande e nobre sentimento do patriotismo que faz com que o homem se esqueça de si e affronte imprudente e intrepido os pe-

[1] Por curiosidade e para conhecimento dos modernos reproduzo aqui esta peça poetica:

Vae-te, monstro cruel, prole do Averno,
Implacavel açoite da virtude,
Profano adorador do vicio rude,
Dos patrios lares inimigo eterno.

Um Deus Omnipotente, um Deus Superno
O doce riso em lagrimas te mudę,
O mar em furia o lenho te desgrude,
Os louros colhas nos jardins do inferno.

Teu cadaver hediondo as ondas levem
Onde negros abutres revoando
A dura fome pressurosos cevem.

Este seja o teu fim, monstro execrando:
Os maranhenses, pelo que te devem,
Taes destinos aos Céos te estão rogando.

rigos, tendo só presente, a patria, a defeza dos direitos e das garantias de seus concidadãos.

Mediu elle intemerato a enormidade e extensão do sacrificio e consagrou-se deveras, sem pensamento algum reservado, á causa pública, entrando na lucta com todo o enthusiasmo, com toda a lealdade e dessassombro de quem tinha a consciencia de que ia practicar uma acção benemerita, grande e louvavel.

IX

Tinha então as redeas do governo o vice-presidente Romualdo Antonio Franco de Sá. Sua gerencia foi branda, conciliadora e regular, como de quem, nascido na provincia e ligado a ella por todos os laços do interesse e do sangue, não deseja ver sua memoria mareada ou o nome que tem de legar aos descendentes execrado pór seus conterraneos. Foi portanto essa quadra, postoque breve, um balsamo que acalmou as dores, e guareceu as feridas abertas por seu desmandado predecessor, e ensejo propicio para a estreia de um facto tão estranho e novo, como a publicação de um jornal não official, que ia ser impresso na typographia do governo, unica existente na provincia até 1830.

De algum tempo que José Candido affagava essa idéa até que a final publicou o *Pharol*, esse clarim que fez resoar por toda a provincia e com espantosa alacridade a alvorada da liberdade; sendo cada numero d'elle uma faisca electrica que fazia vibrar de enthusiasmo os cora-

ções da passada geração. Desfraldado esse estandarte das idéas liberaes com bizarria e aos ventos da opinião, vieram alistar-se n'elle a ardente mocidade e os patriotas de todas as edades, a maioria em summa dos brasileiros da provincia, constituindo assim o poderoso partido que se arreava com o nome da propria nacionalidade. ¿E como poderia deixar de assim succeder a quem primeiro levantava com independencia e arreganho a voz em prol da liberdade, dos direitos de seus concidadãos, dos fracos, dos humildes, dos abattidos, dos perseguidos, com fé viva nas instituições que apenas começavam de fundar-se? Esse doutrinador do povo e sentinella vigilante da carta constitucional, cujos escriptos scintillantes de amor da patria tinham o desalinho e os affectos de uma paixão entranhada e despretenciosa, deve de ser relembrado com respeito e saudade pelos maranhenses, e archivado seu jornal como um dos mais gratos padrões das glorias de nossa provincia.

No dia 27 de dezembro de 1827 sahiu o primeiro numero do *Pharol Maranhense*, que tambem foi o primeiro orgam liberal que teve o Maranhão [1].

Eis o seu programma:

[1] Apresento aqui como curiosidade bibliographica o frontespicio d'este jornal.

N.°

(Corôa imperial)

(Logar da venda.) 1$200 por trimestre

FAROL MARANHENSE

Les pays où la domination du souverain est plus absolue, sont ceux où les souverains sont moins puissants.

(FÉNÉLON. — Avent. de Télém. — Liv. VI.)

«Eis-nos a escrever para o publico: conhecemos quão ardua é a tarefa que sobre nós tomámos, comtudo, como amamos sinceramente o nosso paiz, faremos a elle todo o sacrificio possivel, sem importar-nos que sôbre nós recáia o rancor d'alguem ou o odio de muitos.....
.....»

Tinha no alto e centro da pagina, por cima do titulo, a corôa imperial e ao lado d'esta a numeração. Era impresso em papel almaço um pouco trigueiro, tendo 29 centimetros de comprimento sobre 20 de largura. Publicava-se ás folhas de 4 paginas e a 2 columnas, e quando affluiam materias sahia com 6 paginas. Era hebdomadario a principio, sahindo commummente ás quartas feiras da typographia nacional, que depois de 10 de junho de 1828, accrescentou ao nome o de Imparcial.

Desde o n.º 14 (14 de março de 1828) mudou de frontespicio, tendo a numeração ao lado esquerdo e a data á direita, ambas por cima do titulo, sem a corôa e já com est'outra epigraphe:

Toujours dans mes écrits courageux et sincère
Je crains de vous flatter et de vous déplaire
(Revue Européenne. — Tom. I.)

Sempre afeito e sincero em meus escriptos,
Só vos temo adular, não desprazer-vos.

Começou desde então a sahir duas vezes por semana, ás terças e sextas feiras, elevando seu preço a 2$400 réis por trimestre.

Do n.º 40 (17 de junho do mesmo anno) para o diante, conservando o mesmo formato e frontespicio, mudou de novo a epigraphe para esta:

De circumloquios nada sei,
O caso conto, como o caso foi:
Na minha phrase, da constante lei,
O ladrão é ladrão, o boi é boi.

Ao lado d'esta vinha transcripto o paragrapho 4.º do artigo 179.º da constituição do imperio.

«Fallaremos com aquella franqueza propria a cidadãos livres, sem medo de expormos com coragem nossas opiniões, e de combattermos quanto em nossas fôrças couber os excessos contra a constituição, a liberdade, a segurança individual, e a propriedade dos cidadãos brasileiros. Apontaremos as infracções da lei e da constituição, commettidas pelos empregados publicos, qualquer que seja o logar que occupem: e bem assim referirêmos tudo quanto nos parecer concernente ao bom andamento dos negocios do nosso paiz...../.....

.....

«Se não conseguirmos o fim que levamos em mira, teremos sempre a satisfação de o haver intentado.»

Nunca desmereceu do conceito que desde logo formou-se d'elle, nem nunca o arredaram d'este programma quaesquer considerações pessoaes ainda de ordem superior, nem perseguições, nem doestos pungentes ou applausos dos colluviões das praças, nem sequer o desvario das idéas conturbadas pelas paixões momentaneas.

Quereis agora apreciar suas theorias de liberdade e as doutrinas que prégava?

No numero 31 do seu jornal (16 de maio de 1828), no artigo que tem por titulo—*Liberdade*—diz: «Uma liberdade illimitada só traz comsigo a anarchia, a desordem e todos os males que podem succeder aos homens em sociedade».

«A liberdade, dirão todos comnosco, é a primeira felicidade da vida, a unica glória da ordem social: não seria a história tão brilhante aos nossos olhos, se não fosse or-

nada com as virtudes dos povos livres; os nomes que com prazer repettem de seculo em seculo as almas generosas — são os d'esses capitães que tanto amaram e pugnaram pela liberdade!!! .....

«Nenhum membro da sociedade póde ser privado da sua liberdade, sem que esta privação seja considerada como um ataque formal aos direitos mais sagrados e mais caros da maioria.» (*Pharol*, n.º 31.)

.....

«A soberania é a eleição voluntaria e unanime do povo. Elle não póde subsistir sem que o seu poder se concentre n'um só corpo.»

«Logo que os homens elegem um soberano, devem prestar-lhe obediencia: o respeito a elle devido cumpre ser um dos mais sagrados para os homens. Se o soberano não fôsse inviolavel, se aos homens ficasse o direito livre de o depor sem que elle se houvesse opposto á felicidade de seus concidadãos, a essa sociedade não caberia outro nome senão o de um ajunctamento de amotinados, cujo fim era a desordem e a anarchia.»

«O soberano pois é obrigado pelas leis divinas e pelo pacto social a ser justo, a conservar a liberdade dos membros da sociedade, a proteger a propriedade do cidadão e a promover quanto em si couber a felicidade d'aquelles que o elegeram soberano.»

.....

«O governo absoluto deve ser abominado de todos os brasileiros: elle é uma fonte perenne de males: os povos vivem sempre debaixo da oppressão dos empregados do

Principe, que jamais póde ser bom, logo que se declara querer dominar só sobre os destinos de seus similhantes.»

.....

«..... não é legitimo o soberano que uzurpa os melhores dos bens do povo: o seu dominio é sustentado pela fôrça, e essa jamais constitue direito.»

«O soberano absoluto e despotico viola o pacto fundamental da sociedade, faz curvar os direitos de seus membros ao seu capricho, e a sua unica vontade constitue a lei, que decide da fortuna, destino e vida do resto da sociedade que elle escravisa.»

.....

«Deve ser considerado como inimigo da felicidade e da conservação da maioria aquelle que quizer oppor-se ou roubar a liberdade politica e individual á sociedade.»

«O absolutismo não é legitimo, é contrário á natureza humana, é consequencia da barbaridade de um mau soberano e da corrupção da maioria, e é finalmente a violação de todos os direitos da humanidade! Amêmos pois a liberdade do fundo da nossa alma; pois que uma liberdade bem entendida torna o homem venturoso, e faz com que elle exercite todas as virtudes de que o dotar a natureza.»

.....

«O governo liberal é o que é verdadeiramente legitimo e conforme ao pacto social, é ao que o homem tem obrigação de se submetter no estado civil, e a nenhum mais se deve sujeitar, sem se degradar o character de homem

e sem se tornar o mais desprezivel e infimo de todos os entes!! A sociedade, que sacode o jugo de um despota, cumpre com a obrigação que lhe é imposta pela natureza, que lhe ordena a conservação do genero humano.»

(Idem, n.º 32.)

No numero 34 (29 de maio) tractando do mesmo assumpto, mostra n'estes termos a obrigação que incumbe ao escriptor público de vigiar e censurar os actos irregulares da primeira authoridade.

«O escriptor que injustamente calumnia um empregado, não deve merecer confiança alguma, e mais ainda, deve ser considerado como um inimigo do estado; por isso que pretende destruir o credito e deprimir a honra de um cidadão prestante e util.»

. . . . . .

«Devem-se apontar os erros dos empregados, sem atacar o seu melindre; que é a melhor fórma de os convencer do seu injusto proceder e de os emendar.»

. . . . . .

«Nem se diga que poderemos censurar qualquer acto da primeira authoridade de uma provincia, sem sermos para logo victimas do seu resentimento. Não devemos por isso emmudecer-nos, antes teimar, lembrados de que um dia conseguiremos que sejam fieis observadores das leis e da constituição do imperio.»

«Se um escriptor público não advertisse o empregado do seu mau proceder, se lhe não dissesse todas as verdades que respeitam ao interesse geral, a existencia do

seu escripto seria inutil, e o ferrete da falta de patriotismo seria sem dúvida alguma seu justo castigo! É um dever do escriptor público a censura dos maus empregados publicos: d'ahi depende em grande parte a felicidade da nação.»

O que ha n'estas proposições que destoe dos preceitos estabelecidos pela nossa Constituição? Não são pela ventura os verdadeiros principios da liberdade dentro nos limites do nosso systema representativo? E no emtanto, por querer sustental-os, advieram-lhe d'ahi só males, e desencadearam-se contra elle os odios e vinganças dos que incorreram nas suas justas censuras, ou que se temiam d'elle por merecerem-n'as!

Na imprensa não encontrou adversarios da sua altura e sentimentos. Os redactores da *Minerva* e da *Bandurra*[1], orgams do partido reaccionario, que com a denominação de *corcunda* adoptava e deffendia os velhos preconceitos, as idéas absolutistas, e trazia arregimentados os sectarios do regimen decahido e os portuguezes imprudentes, e pagavam-se de injúrias e calúmnias contra José Candido, já que lhes falleciam argumentos para destruirem os seus. Temiveis e fortes adversarios eram decerto esses, que empregavam armas tão desiguaes. Entretanto, elle, só, arcava peito a peito, em todos os terrenos, discutindo com elles pontos de nacionalidade, sem se temer das celeumas e coleras que ia levantando em campos tão irritadiços e melindrosos.

[1] Eram estes os jornaes que se publicavam então, alem do *Pharol*, cahindo em erro ainda n'este ponto a *Selecta Nacional*.

Folhee-se, porém, a collecção d'esse jornal, que lhe descubrireis muito merito e interesse nos artigos de fundo, nas collaborações, nos extractos de outros jornaes, nas transcripções de alguns trechos de obras uteis, no noticiar o que se passava na côrte do imperio e pelos paizes estrangeiros, esforçando-se em todas estas partes por instruir o povo e desaggraval-o.

X

Não correu o anno de 1828 até seu termo sem que o redactor do *Pharol* entrasse n'essa via dolorosa que conduz o homem forte á glorificação dos grandes sacrificios e dedicações — ao martyrio!

A 28 de fevereiro d'esse anno tinha terminado a pacifica interinidade de Romualdo Franco de Sá, e eram primeiras authoridades da provincia, o marechal Manuel da Costa Pinto,e o conde d'Escaragnolle, aquelle presidente e este commandante das armas d'ella.

Passados poucos mezes de estudada imparcialidade e moderação, deixaram ambos cahir essa mascara para se lançarem com todo o despejo nos braços do partido retrogado ou recolonisador. Não podiam portanto ver com bons olhos o orgam das idéas liberaes, cujo redactor era sobreposse o cheffe do partido, que se appellidava como contraste ao outro — de *Brasileiro*.

Procuraram a princípio contrarestar e impedir a publicação do *Pharol*, tentando para isso fechar a typogra-

phia, e influindo ao mesmo tempo no espirito do dr. Joaquim José Sabino, para que como promotor público, processasse José Candido, e elle com effeito o levou por diversas vezes aos tribunaes por suppostos delictos de abusos de liberdade d'imprensa.

A despeito dos esforços do presidente, que se empenhava com os jurados para que condemnassem o intrepido escriptor, foi este sempre absolvido, sahindo da cadeia ainda mais bemquisto e popular do que havia entrado para ella.

Vendo-se elles assim frustrados nos seus planos, e obcecados pelo desejo de vingança, tiveram a leviandade de publicar, o commandaute das armas — uma proclamação, e o presidente um avulso — *Aos honrados maranhenses* — em fórma de manifesto, concitando os animos contra o redactor do *Pharol,* diffamando-o e condemnando suas doutrinas.

Esses escriptos abstrusos e ridiculos, que vinham datados (12 de junho) e assignados por seus authores, fariam hoje rir até as lagrimas aos modernos governadores das provincias do norte pela simplicidade, desazo e falta de traquejo politico de seus antigos antecessores, que accommettiam o inimigo tão a descoberto! Não atemorisou-se José Candido com as ameaças de quem tinha a fôrça por si e o podia perder sem regresso; nem irritou-se com o regosijo e modos altanados de seus adversarios que o chasqueavam, e promettiam-se fazel-o breve calar-se. Nem por isso mudou elle de tom ou deixou de pugnar pela felicidade e direitos de seus concidadãos, e pelas

leis quebrantadas por aquelles a quem competia observai-as e guardal-as. Essas informes peças officiaes serviram-lhe de pasto á bem cabidas censuras e fina zombaria, detendo-se n'esta analyse nos n.os 40, 41 e 42 do *Pharol*. Referindo-se no primeiro d'esses numeros aos meios empregados para reduzir o *Pharol* ao silencio, diz que «a despeito das caballas, desprezando as invectivas de escriptor que procuram informar-nos, e respeitando as leis e as conveniencias sociaes continuaremos a publicar este jornal em quanto virmos que nossos compatriotas são infelizes; tomâmos sobre nós a honrosa tarefa de deffender os brios nacionaes, o character e segurança individual, uma vez atacados; e sem temermos o poder, accusaremos intrepidamente os delirios, as perseguições e as prevaricações d'este ou d'aquelle empregado, seja qual fôr o grau de superioridade do seu emprego».

(Pharol, n.° 40.)

«Quanto a nós, termina elle, esforçar-nos-hemos á medida de nossas fôrças para conseguirmos a felicidade de nossos concidadãos, desprezando as ameaças do poder: encarando-as de frente e com indefferença, iremos, firmados na lei, continuando a nossa marcha emquanto estivermos convencidos que ella é util a nossos concidadãos.»

«Desenganem-se, pois, os *corcundas* de uma vez para sempre que jamais largaremos da penna emquanto os brasileiros bem intencionados nos protegerem .....»

(Idem.)

Tanto denodo e tranquillidade de espirito foram exacerbando cada vez mais os animos das duas authoridades. No seu despeito e desejo de vingarem-se de quem desprezava-lhes as ameaças e arrostava suas iras, perderam a calma e soccorreram-se desatinadomente á violencia.

Comparecendo José Candido pelas sete boras da manhan do dia 8 d'agosto (1828) em palacio por intimação do presidente Costa Pinto, este, depois de breve interrogatorio, e sem que lhe servisse d'estorvo as instrucções de 10 de junho de 1822, e em especial o artigo 6.°; pois que o redactor do *Pharol* tinha a seu cargo prover a subsistencia de trez irmans orphans e de uma tia, todas pobres, de quem era o unico arrimo e amparo, mandou-o prezo para o quartel com ordem de se lhe assentar praça no corpo d'artilheria. Ao meio dia já estava consummado este acto violento, tanta pressa se deram os acostados do presidente em executal-o!

Sem se condoer de tanta miseria, antes requintando de perversidade, carregou Costa Pinto a mão, entregando seu adversario á mercê de um commandante, inimigo pessoal de José Candido. Afigurava-se já na mente apaixonada do presidente que á menor transgressão do recruta, ser-lhe-hia infligido o castigo degradante da chibata; assim, porém, não succedeu, que privaram-n'o d'este prazer os privilegios de seus avós que deram direito ao redactor do *Pharol* a ser reconhecido cadete. Não fez tambem serviços militares; porque deu-se poucos dias depois por enfermo, e teve baixa para o hospital regimental, onde encontrou no generoso e compassivo

physico-mór dr. Soares de Sousa (pae do visconde do Uruguay) decidida e firme protecção. Deveu-lhe José Candido não só a fineza de recebel-o como doente, senão tambem a de fazel-o tractar com todas as attenções e resguardos possiveis e durante cinco mezes em que esteve recluso n'esse estabelecimento, apartado de sua desvalida familia, e ahi ficou até que obteve do successor de Costa Pinto baixa de praça do exercito.

Não lhe faltaram por essa occasião conselhos amigaveis e offerecimentos francos e instantes, para que se passasse á Europa. Recursos pecuniarios, meios de segura fuga, recommendações valiosas, tudo pozeram á disposição de José Candido; mas o amor da terra natal e da familia poderam mais com elle e o fizeram tudo recusar formal e peremptoriamente.

Não foram só essas as provas de interesse e sympathia que acompanharam o patriota no seu infortunio. Odorico Mendes, seu correligionario e amigo de Coimbra, seu companheiro nas luctas, ahi estava, de volta do Rio de Janeiro, para prestar-lhe relevantes serviços[1].

XI

Não era ainda posta em práctica a constituição em toda a sua plenitude e por todo o territorio brasileiro, parte por falta de sinceridade e boa vontade nos executores, parte

[1] Veja-se atraz na biographia d'este a parte a que se refere este facto.

pela curteza do tempo; que ia em tres annos de sua proclamação, espaço deficiente para que entrassem seus preceitos nos habitos dos povos e seguissem seu curso natural e desimpedido. Aggravava-se no Maranhão este estado transitorio e vacillante com a má escolha dos presidentes, recahindo ella por esse tempo no marechal Manuel da Costa Pinto, que timbrava no arbitrio e vaidade.

Ninguem estava então seguro de sua pessoa; a espionagem devassava o interior das casas, as reuniões algum tanto numerosas eram tidas por ajunctamentos sediciosos, e as queixas e censuras por crimes. De par com estas lástimas serias cresciam as intrigas e malquerenças, suas socias e miinseparaveis.

Era esse o quadro do estado excepcional e degradante em que veiu encontrar o Maranhão o ex.^{mo} sr. desembargador Candido José d'Araujo Vianna (hoje marquez de Sapucahy).

Um de seus primeiros actos ao tomar posse da presidencia a 14 de janeiro de 1829, foi revogar o assentamento de praça de José Candido e restituil-o á liberdade.

Uma vez desapressado o patriota das cadeias que o opprimiram por tantos mezes, tractou logo de fazer reapparecer o seu jornal, que foi toda a sua glória e sua ruina, e com elle havia de um dia amortalhar-se, rememorando-lhe na hora extrema o nome, como esses guerreiros romanos que expiravam sorrindo com o nome da patria nos labios! Novos trabalhos e maiores infortunios lhe estavam todavia reservados.

No começo d'esta nova phase da sua existencia de es-

criptor escoaram-se-lhe os dias serenos e risonhos. Entretinha relações com o presidente, que se mostrava seu amigo e cuja administração ajudava no que podia.

O *Pharol* tornou-se semi-official, publicando os actos do govêrno; e José Candido, entre outros serviços que prestou ao presidente, merece mencionado o de uma subscripção que promoveu para a compra de dois mil volumes com que se enriqueceu a nossa bibliotheca pública, creada a 5 de maio de 1831 por aquelle illustrado administrador.

Paralysada a publicação do *Pharol* no n.º 56, desde aquella violencia practicada contra o redactor, continuou a 23 de janeiro de 1831 para cessar de ser publicado sob a redacção de seu incançavel fundador no dia em que se viu foragido e acossado como um malfeitor.

A revolução de 7 de abril abalou profundamente o imperio, e como é natural, insurgiam-se aqui, alli, sofreadas paixões; que as ondas agitadas se não aquietam de repente e a um tempo, nem o organismo se acalma logo empoz violento choque. Assim, depois de consummado e acceito por toda a parte o facto, começaram de apparecer em um ou outro ponto do imperio tumultos a favor do monarcha decahido, e as rivalidades entre brasileiros e portuguezes foram-se irritando cada vez mais e tomando grande incremento; porque estes encontraram apoio e fôrça nos partidarios do ex-imperador e nos descontentes que os successos politicos por mais populares e applaudidos sempre produzem. Já se não pagavam os corypheus de um e outro partido das discussões calorosas nos jor-

naes, nas reuniões e em toda a parte onde se encontravam. O levedo revolucionario, fermentando com intensidade, rebentava aqui e acolá em motins assustadores, uns populares, outros militares, quando se não congraçavam ambas as classes no mesmo empenho. Na provincia do Pará, comvisinha da do Maranhão e de cujo commercio era tributaria ainda até bem poucos annos a praça d'aquella, amotinou-se a 7 d'agosto de 1831 a fôrça pública, instigada por imprudentes estrangeiros e guiada n'esta facção por José d'Araujo Roso e pelo proprio commandante das armas Bettencourt, e marchou contra o palacio do govêrno, depondo e prendendo o visconde de Goyana, presidente da provincia, e cuja gerencia prudente e legal não dera causa a esta insurreição; mas a sofrega inquietação de um partido que se julgava forte, e ancioso pela restauração, entendeu azado o ensejo para pôr em práctica seu criminoso plano.

Á prisão da primeira authoridade, seguiram-se muitas outras, sendo a mais notavel pelos excessos commettidos da parte dos revoltosos a do vice-presidente, o conego João Baptista de Campos, a quem maltractaram e arrastaram até a cadeia onde ficou incommunicavel. Seguiram-se muitas deportações, e o presidente, posto a bordo do paquete *Campista,* foi obrigado a seguir n'elle viagem para o Rio de Janeiro.

Divulgada esta consternadora notícia entre os habitantes da capital do Maranhão, já de si mui agitados dos acontecimentos da côrte, e receiosos os liberaes da preponderancia que ía tomando o partido a que denominavam — *lu-*

sitano—, facil foi d'essa leve faisca surgir o incendio que ateou-se nos espiritos mais exaltados. Desde pela manhan do dia 12 de setembro que reinava na cidade essa mudez, precursora das graves crises.

Essa paralysação de movimento e silencio fóra do commum, presagiava que a tempestade estava prestes a desabar e de feito ella sé não fez esperar. Á noite foi o presidente da provincia avisado com grande surpresa sua que desde as 8 horas preparava-se um movimento revolucionario no proprio quartel do Campo d'Ourique para vir de madrugada intimar-lhe a prompta execução de medidas extraordinarias, que os amotinados julgavam de salvação pública. Concertou então elle com o commandante das armas, Clementino José Lisboa, e com o desembargador ouvidor geral do crime nos meios de debellar o mal, e n'esse proposito os mandou explorar o terreno e providenciar a respeito de tão grave occurrencia. Ás 10 horas voltaram elles a palacio communicando ao presidente que achava-se reunido no quartel muito povo armado e congraçado com os batalhões 20 e 23 de caçadores, com quem tinham tambem feito causa commum os corpos de artilheria e de policia; e que José Candido e os demais cabeças do motim estavam lavrando uma representação para ser trazida pela volta da madrugada á presença do govêrno.

Vendo-se o presidente n'estas tristes e apertadas conjuncturas só e desamparado de toda a fôrça pública, tractou de convocar o conselho geral da provincia, que se reuniu ás duas horas da madrugada, e como até as quatro não apparecesse a annunciada representação, o conse-

lho escolheu de entre os seus membros — Manuel Pereira da Cunha e Joaquim Raymundo Machado, sympathicos aos populares, para irem em commissão saber dos chefes da revolução o motivo d'ella e o que queriam. Voltaram com a resposta de que pela manhan trariam a representação, e em vista d'isto foi suspensa a sessão. Como fosse, porém, chegada pelas nove horas do dia uma commissão dos amotinados, composta de tres cidadãos e de outros tantos militares, com a representação, reuniu-se de novo o conselho para tomar conhecimento d'ella, que em resumo constava das seguintes propostas:

Que fossem expulsos dos postos militares tanto de 1.ª como de 2.ª linha todos os brasileiros adoptivos e portuguezes;

Que fossem suspensos do exercicio das suas funcções o chanceller da relação Francisco de Paula Pereira Duarte, os desembargadores Manuel Ignacio Cavalcanti de Lacerda, João Capristano Rebello, Domingos Nunes Ferreira, Francisco Gonçalves Martins, Joaquim José Sabino, Francisco Carneiro Pinto Vieira de Mello, e o ouvidor da comarca Narciso José de Almeida Guatimozim;

Que fossem expulsos dos empregos civis, de fazenda e justiça todos os brasileiros adoptivos, sem excepção alguma;

Que sahissem da provincia, como inimigos declarados e activos da independencia do Brasil e de suas instituições liberaes os religiosos do convento de Sancto Antonio e João Chrispim Alves de Lima, Joaquim Raymundo Marques, Marcellino José de Azevedo Perdigão, Manuel de Abran-

ches Paes Garcia, e mais os padres José Pinto Teixeira e José Rodrigues de Almeida, os quaes deviam ser immediatamente capturados para dentro de 24 horas despejarem a provincia: que assim tambem sahissem d'ella José Carlos de Mello e Alvim, da freguezia de Itapecurú, Antonio Pinto Ferreira Vianna, da de Itapecurú-mirim, e João Antonio Marques e Fernando Mendes de Almeida, da de Caxias;

Que em qualquer tempo não podesse ser considerada criminosa aquella reunião.

O conselho, depois de ter deliberado, respondeu a similhante intimação, que não cabia em suas attribuições adoptar as medidas reclamadas; mas que para evitar maiores males pedia-lhes não envolvessem na proscripção os magistrados, que eram brasileiros natos, que exceptuassem tambem os que o eram em virtude de eleição popular, sem embargo de nascimento, e marcassem maior prazo áquelles que houvessem de retirar-se da provincia em cumprimento das deliberações tomadas, etc., e que finalmente fossem essas modificações appresentadas aos amotinados por Pereira da Cunha e Machado, membros do conselho.

Ás 11 horas já haviam-se elles tornado de sua missão, declarando que não haviam sido attendidos nem admittida a proposta do conselho, salvo no ponto em que explicava uma das condições da representação. Foi isto tambem confirmado por Frederico Magno de Abranches, relator da commissão dos revoltosos, affirmando mais em tom decidido e energico que o povo e

tropa estavam na firme resolução de sustentar com as armas na mão suas requisições até que fossem completamente satisfeitas. Á vista de tão formal desengano e da attitude ameaçadora dos reclamantes cedeu o presidente, proclamando em seguida ao povo e á tropa e declarando que já tinham sido expedidas terminantes ordens para prompta execução de suas reclamações. «Dentro da cidade, dizia essa peça official, teem ellas já sido em grande parte e em poucas horas effeituadas, e fóra o serão com a maxima brevidade que permittirem as distancias».

«Soldados! Maranhenses! O presidente, em conselho, não póde deixar de louvar-vos a boa ordem, disciplina e moderação com que vos houvestes n'esta crise.....»

E assim foi, graças á indole do povo, e mais do que a ella, á influencia benefica e aos esforços vigilantes de José Candido. Ao vulgarisar-se a notícia de que o govêrno havia annuido ao que d'elle exigiam os insurgentes, um brado geral e unisono de victória e de alegria resoou por todo o Campo de Ourique, vindo logo acompanhado da voz *de ordem, respeito ás authoridades constituidas e á segurança individual e de propriedade,* que soltára José Candido, e que foi repettida com enthusiasmo de bocca em bocca e observada por todos.

No seu empenho de que não manchassem este incruento triumpho os mal intencionados, que sempre os ha n'estas crises, dirigiu José Candido tambem por sua parte uma proclamação aos seus, e n'ella dizia: «Vencemos! O que nos resta? Levar ao cabo tão glorioso feito. Somos livres, somos brasileiros; cumpre sustentar com lustre

estes lisongeiros titulos. É por acções dignas de verdadeiros liberaes que devemos manter sem mancha esta heroica revolução. Ordem, respeito ás authoridades e á segurança individual, tal é a nossa divisa, tal é o que deveis manter, ó bravos; que é esse o meio de conseguirmos os louvores e as bençãos de todos.»

Não satisfazendo-se todavia só com o que aconselhava, ajunctou a isto o exemplo, empenhando-se com toda a dedicação e assiduidade em proteger os vencidos, e fel-o de maneira a entrar n'aquelles espiritos assustadiços a mais completa confiança e tranquillidade, e foi n'esse intento que em toda a noite de 12 e no seguinte dia policiou, ajudado de alguns amigos, a cidade, e onde sabia de disturbio, ou simples altercação, ahi comparecia de repente e restabelecia o socêgo, conciliando e chamando á ordem os que se excediam. D'este geito não houve em todo o decurso d'esse motim popular attentado de qualquer natureza que o viesse ennodoar. Não ha desconhecer que muito o ajudou o alcantarense, José Demetrio de Abreu, commandante do corpo de polícia. Era elle apropriado para similhante cargo: estimavam-n'o e respeitavam pelo zêlo, actividade e honradez com que o desempenhava, e sobretudo pela severa disciplina em que mantinha seus subordinados, que se distinguiam pelo aceio, bom porte e vigilancia.

Sendo em parte cumpridas as exigencias do povo e deportados Doque, Pinto Vianna do Itapecurú-mirim, e os frades de Sancto Antonio, que chegaram só até o Pará e d'ahi regressaram, foi isto bastante para que a maioria

dos insurgentes ficasse satisfeita; mas não assim os que viam longe; que esses descobriram logo tal ou qual burla na execução das medidas acceitas pelo govêrno quando a necessidade e o panico o coagiram a isso.

Assim que, apaziguada a revolta na cidade, reappareceu ella a 18 do mesmo mez na villa de Itapecurú-mirim, queixosos estes insurgentes do presidente da provincia. Fraco era o número e mal organisado o movimento, tantoque logo ao primeiro recontro depoz as armas, evadindo-se seu cheffe, Antonio João Damasceno. Perseguido pelas tropas do govêrno, viu-se elle na extremidade de ajunctar os debandados e sublevar-se de novo, como remedio para evitar a prisão; mas sempre acossado de refúgio em refúgio, foi acabar seus dias no Brejo, ás mãos da fôrça pública a quem se entregára!

Seguindo no emtanto os negocios publicos sua marcha natural, e voltada para o seu leito a corrente revolucionaria, não podia de certo José Candido divisar no horisonte a nuvemzinha negra que bavia de um dia transformar-se em tormenta que o colheria em sua quéda! Descançado pois das fadigas, que precederam e acompanharam a revolução de setembro, não quiz demorar por mais tempo o que lhe estava a pedir o coração, e a 15 de outubro (1831) casou com D. Marianna Emilia da Cunha [1], sobrinha do visconde de Alcantara, e em cuja familia tambem veiu depois a enlaçar-se João Francisco Lisboa.

Não deixou José Candido d'este consorcio herdeiro

[1] Foi casada em segundas nupcias com o major Lourenço Lusitano de Castro Belfort, hoje ambos fallecidos.

do seu nome; mas addiu-lhe á herança de jornalista o senr. Themistocles da Silva Maciel Aranha, redactor do *Paiz*, e que no ardor e enthusiasmo com que toma a peito os assumptos que lhe parecem de utilidade geral, na energia com que entra em liça, e na fé que tem no poder da sublime invenção de Guttenberg, mostra assaz que corre-lhe nas veias o sangue que aviventava o redactor do *Pharol*, de quem é sobrinho por sua mãe.

Se os patriotas maranhenses não viam completa a sua obra, accrescia para José Candido á essa illusão desfeita o enfraquecimento das relações com o presidente da provincia, que se foram tornando de dia a dia mais frias até interromperem-se de vez.

Ás queixas e desgostos dos que tomaram parte activa no tumulto e que não viam cumpridas á risca as reclamações que o motivaram, vinham junctar-se as idéas de federação das provincias, que partindo de Pernambuco, tinham-se propagado e eram bem acolhidas no norte do Imperio. O presidente da provincia era sabedor de tudo isso, e estava em dia com quanto se dizia e projectava nos frequentes ajunctamentos populares.

Não lhe desagradava, com tudo isto, o pendor que as cousas iam tomando, antes alimentava e acoroçoava essa effervescencia por meio de seus agentes para um dia poder tomar a desforra e prender nas malhas da rede, que armava, os cabeças do 13 de setembro; pois que não podia perdoar nem esquecer a humilhação por que passára sua authoridade, e os sustos que lhe causou a populaça amotinada.

Em todo partido, por mais bem intencionado, e por mais pacificos e conciliadores que sejam seus intentos e idéas, ha um certo número de adeptos que se inflammam e se exaltam á menor contrariedade, e ás vezes pelo simples effeito de sua indole turbulenta e imaginação fogosa. É a estes a quem se dirigem os especuladores com o fito de irrital-os e desvairar-lhes a razão até romperem em excessos. Foram sobre esses espiritos enfermiços que actuaram os que, com falsas apparencias de patriotico zêlo, tinham-se introduzido no meio d'elles só com o proposito de os precipitarem e depois atraiçoarem. Tanto os incitaram estes, que por último não ouviram os conselhos da persuasão e do bom senso que lhes dava José Candido. As vozes da prudencia são n'estes casos acoimadas de venaes, e começaram de calumniar o cheffe e amigo que os queria desviar do precipicio, mostrando-lhes a imprudencia e inutilidade do novo motim. Os epithetos affrontosos de fraco e vendido ao poder, segredados pelos traidores, já circulavam entre os liberaes e chegavam aos ouvidos do nobre redactor do *Pharol*. Á vista d'isto fraqueou o animo de José Candido e cedeu a contra gôsto ás instancias dos seus, principalmente de Frederico Magno de Abranches, que de uma imaginação exaltada e na sua boa fé arrastou o amigo.

Os espiritos, já estavam dispostos e só faltava o motivo que fizesse levantar a agitação. No dia 13 de novembro foram por ordem do commandante das armas Clementino José Lisboa presos Felix José do Rego Piauhyense, e Manuel Pereira da Silva, officiaes de caçadores 20, que se

haviam assaz comprometido nos tumultos de setembro. Circularam adrede e ao mesmo tempo boatos de que se effeituariam outras prisões em especial nos chefes do partido liberal, por denúncias que tivera o govêrno de uma revolução que se tramava contra o systema monarchico.

A consternação era geral nas fileiras do partido, e desde esse dia que repettiam-se as reuniões e concertavam-se planos, exaltando-se cada vez mais os espiritos até que a 19 de novembro, acirrados pelos traidores que com falsas mostras de amigos e fervorosos partidarios, estavam de mãos dadas com o presidente, a quem advertiam de todos os passos e projectos dos patriotas, dirigiram-se elles com José Candido para os quarteis, a fim de se reunirem á tropa.

Assim que os populares endireitaram para o Campo d'Ourique, foi o presidente logo avisado d'isso e fez partir para alli o corpo de policia, a quem faltava inteira bizarria depois da morte de José Demetrio. Ponçadilha, que o substituira no commando, não tinha nenhuma das qualidades que tanto distinguiam aquelle e faltava-lhe a fôrça e energia precisas para conter seus subordinados, tanto que, chegados aos quarteis, debandaram e confraternisaram com a tropa de linha. Vendo-se sós o commandante e officiaes, digiriram-se a palacio a dar conhecimento ao presidente d'esse facto, ao que mostrou-se elle bastante contrariado. Offereceu-se-lhe então o tenente Mamede, compromettendo-se a chamar á obediencia os soldados, como de feito o conseguiu, convencendo-os facilmente de seu êrro.

A tropa de linha, porém, abalada dos discursos sediciosos de alguns de seus superiores, principalmente dos do capitão José Joaquim Lauué, era pela insurreição, que alem d'isso não encontrava obstaculo de maior em seu commandante, o tenente-coronel Junqueira que não tinha influencia sobre ella e se acovardára em presença da agitação. Valeu n'essa extremidade a coragem serena de Falcão, que com risco imminente da propria vida poz-se á frente dos soldados, oppondo-se abertamente ao movimento, e mostrando-lhes que o dever e a disciplina não consentiam no passo que iam dar.

Quando estava n'este empenho e inclinavam-se já os soldados á obediencia, foi disparada sobre elle e á queima roupa uma espingarda, que felizmente errou o alvo.

N'este comenos acudiram de palacio uma companhia de 80 granadeiros, chegada ha pouco de Caxias, a marinhagem dos navios de guerra, surtos no porto, e o parque d'artilheria. Com este reforço inesperado e disposto para a refrega, conheceram os revoltosos que tinham sido enganados e toda resistencia inutil. Julgaram-se portanto perdidos e submetteram-se. Procedeu-se em seguida á prisão de dez dos cabeças do motim, escapando d'ella José Candido e Egydio Lauué, que tractaram immediatamente de internar-se, procurando o districto do Itapecurú, em cujas mattas embrenharam-se.

Conheceu-se, quando porém já não havia remedio, que em tudo existia uma cilada armada pelo proprio govêrno, e que muitos dos cabeças mais compromettidos

não passavam senão de traidores e meros agentes do poder, tanto que ficaram impunes e passeavam livremente pela cidade.

Pouco se demoraram José Candido e Egydio nas mattas do Itapecurú, porque tendo Odorico Mendes chegado do Rio de Janeiro, mandou-os logo chamar. Acudiu José Candido de prompto ao convite do amigo e foi esconder-se em casa d'elle; mas não a julgando asylo seguro por mui frequentada e devassada de todos e a todas as horas, d'ahi a poucos dias, abandonando esta franca hospedagem, passou-se para a casa da viuva D. Francisca Thereza d'Araujo Nogueira; mas nos seus melindres de delicadeza não lhe quiz ser molesto, e alugou casa na rua dos Remedios, que por esse tempo era arrabalde solitario e apartado de todo o movimento e bulicio da cidade. Era o derradeiro homisio do atribulado cidadão esse predio terreo, que ora pertence á ex.ª viuva do barão de Anajatuba e defronta a casa de propriedade dos herdeiros de João Pedro Ribeiro, actual residencia do bispo diocesano.

Escolheu elle d'industria essa casa; pois que havia em uma das paredes d'ella um esconderijo á feição de armario de porta inteiriça e caiada, tendo para maior desfarce, por deante uma bandeja como que por acaso ali suspensa; mas acinte para occultar um peso que servia para conter firme e sempre fechada essa porta. Quando davam buscas á casa, o que succedeu por mais de uma vez e sempre com toda a minuciosidade, retirava-se José Candido para esse couto, e ahi encolhia-se todo em uma

rede ou antes sacco; que o espaço por acanhado não dava para mais. Em uma das occasiões foi tão detida a diligencia policial que começou a faltar a José Candido o ar a ponto de quasi ficar asphyxiado, o que aconteceria por certo, se a tropa se não retirasse, quando elle no desespêro e amor da conservação da vida dispunha-se a entregar-se á prisão!

Quão tristes e amargurados não se lhe escoaram esses lentos e negros dias de forçada reclusão! Homem laborioso e de uma vida activa, amantissimo da familia, ver-se condemnado por tão longos mezes ao duplo supplicio da inercia e dos cuidados dos que lhe eram caros, e de quem vivia afastado, e privado ao mesmo tempo de procurar no trabalho a subsistencia da mulher e das quatro irmans, de que sempre cuidou e a quem tanto estremecia! Imaginae as torturas que iriam por aquella alma tão apaixonada, tão propensa ao bem, tão cheia de charidade, vivificada pela religião, que cultivava como homem crente, mas despido de todo o fanatismo!

Se a contenção e cuidados lhe não quebrantaram o espirito, cedeu comtudo o corpo. Era n'elle enfermidade chronica o estreitamento da uretra, e como não podesse empregar as cautellas e aquelles meios hygienicos que evitam gravames a este padecimento, sobreveiu-lhe inflammação e a esta um abcesso urinario no perineo, que foi aggravando-se de um modo assustador. Logo pela manhan do domingo, 18 de novembro de 1832, vulgarisou-se a contristadora notícia de que os facultativos não tinham mais esperança de salvar o illustre enfermo, e ás onze ho-

ras do dia baixou elle á sepultura — um anno contado dia por dia da mallograda revolução!

Era para ver, dizem testimunhas oculares, a dedicação devotissima e incessante dos amigos, e dos medicos que o tractavam. Os drs. José Miguel Pereira Cardoso e José Antonio Soares de Sousa foram incansaveis, principalmente este, que até o último arranco de José Candido, não lhe serviu só de medico, senão tambem de enfermeiro, que lhe não abandonava a cabeceira, disputando com a morte tão querida existencia.

Desde que o deram em perigo de vida, que as portas da sua casa foram abertas de par em par, e o concurso, não só de amigos e correligionarios, como de toda a população que assidua e anciosa a frequentava, foi immenso; acudindo todos a ella, como a uma sancta e obrigada romaria, para visitar essa habitação em cujo interior gemia tão notavel e estimado enfermo. Foi n'esses dias tal a affluencia dos visitantes, que viam-se grupos apinhados em toda a casa, por fóra d'ella, á porta, e em suas immediações, mostrando-se todos profundamente penalisados.

O sahimento do feretro não foi menos concorrido. Debuxava-se em todos os rostos a immensa magua e o lucto que lhes iam por dentro, e que se manifestavam tão solemnemente n'essa espontanea demonstração, indicio assaz eloquente da perda que tinha soffrido a provincia, e do quanto amor e veneração lhe tributavam seus concidadãos.

XIII

Aos vinte e seis annos incompletos foi riscado do número dos vivos quem fôra talhado para representar um brilhante papel nos negocios publicos do paiz, quando estava em todo o viço da juventude, e tinha na liberdade a fé que exalta e impelle a grandes commettimentos. E assim veiu a mão da desgraça impiedosa e implacavel cortar em flor tão promettedora e util existencia!

Quarenta annos separam-n'os d'elle para que a inveja, os odios, ou ainda as louvaminhas lisongeiras venham perturbar-lhe o somno eterno: a sentença lavrada hoje é sincera e desapaixonada — é a homenagem da posteridade rendida ao verdadeiro patriota.

Não escureço os defeitos de José Candido; mas esses eram inherentes a uma de suas melhores qualidades — o enthusiasmo de que se possuia quando suspeitava na exaltação d'idéas que as instituições perigavam. Assim, as discussões calorosas sobre nacionalidades, os dous motins em que tomou parte, tudo era só movido por essa paixão — o amor da patria — que lhe absorvia todos os pensamentos e que constituiam n'elle uma segunda existencia. Considerae-o debaixo d'este aspecto, aliás verdadeiro, que lhe desculpareis os erros, se erros se podem chamar a esses impulsos que tinham a patria por lemma e estimulo.

Contrastae as perigrinas qualidades que ornavam o espirito bem nascido de José Candido, que vos revelarão

o patriota ardente, o amigo dedicado, o irmão desvelado, que desde os mais verdes annos tomou de moto proprio o encargo de prover á subsistencia e servir de arrimo a uma grande familia, tractando-a com carinho e paternal desvelo. Seus pensamentos, todas as suas cogitações e esforços tinham por alvo os dois mais sagrados e caros objectos que conheço — a patria e a familia. Por estes nobilissimos sentimentos trabalhou sem descanço e com a tenacidade e assodamento dignos de louvor e imitação. Seu tempo era repartido com o jornal e as licções de geographia, de portuguez e de francez que dava, para reforçar o peculio que produzia o *Pharol,* e com esse rendimento, sem invejar nem pretender emprêgo ou benefício que lhe proporcionasse regalos e remanso, vivia satisfeito e independente.

A essas virtudes civicas e domesticas, que por si sós o recommendavam e recommendam á estima de seus concidadãos, accrescentava-se o seu aspecto sympathico e insinuante. Á estatura baixa, corpo regular, rosto sobre o redondo, cabellos castanhos e annellados, olhos vivos e pardos, reunia attractivos que muito sedusiam. Sua conversação era animada, persuasiva e jovial, correndo n'elle parelhas com os ditos agudos e picantes, anedoctas mui curiosas, de que tinha sempre um repertorio abundante. Nas reuniões dos amigos, nos sallões onde ia espairecer por vezes de tanto lidar e afadigar-se, fazia os encantos da sociedade. Cultivava a musica, e cantava com voz maviosa e afinada modinhas, acompanhando-se no violão, que tocava com summa graça e perfeição. E

n'esse genero, que fazia as delicias da sociedade brasileira, até que a musica italiana viesse desthronisal-o e acabar com elle para sempre, primava José Candido e sobrelevava n'elle aos mais chistosos cantores da cidade de San'Luiz.

Quem o visse assim, trazendo a alegria e o riso onde quer que estivesse, não adivinharia de certo os sacrificios e agruras que assetteavam incessantes aquelle coração aberto a todos os sentimentos nobres, e votado aos transportes de uma alma energica e enthusiasta. Para manter sua familia com decencia e a coberto de privações não se forrava a trabalhos com aquella satisfação intima de quem sabe que no cumprimento dos seus deveres é que reside a principal missão do homem sobre a terra..

O que resta hoje em dia de quem gozou de tamanha estima, consideração e popularidade entre os seus conterraneos; de quem era cheffe de um partido popular e forte, e chegou a dominar uma situação sem que se valesse d'ella para engrandecer-se? Onde porventura se depara com um simples marco que recorde esse lidador das nossas liberdades, esse patriota extreme de vicios? Apenas fraca e fugidia lembrança entre os que o conheceram e admiraram, mas que já vão escasseando de entre nós, ceifados pela mão da morte!...

Admirador das virtudes e feitos de José Candido, abalancei-me a reviver n'esta tosca narrativa os lances da sua vida para ensino e incentivo de meus comprovincianos, que devem n'esse exemplo retemperarem-se e fugirem do mal que vae lavrando e aguarentando o nosso paiz.

Deploro mais que tudo o egoismo que procura anniquilar e delir do espirito nacional o zêlo da honra e dos brios patrioticos, ultimos dotes que abandonam o povo na sua cegueira!

Quando mais não approveite este trabalho, sirva ao menos para despertar e recommendar á gratidão dos maranhenses este insigne varão, cuja memória fulgente e immaculada devemos honrar, contando-o com orgulho entre os primeiros de seus filhos honrados e benemeritos.

V

O SENADOR

ANTONIO PEDRO DA COSTA FERREIRA

(BARÃO DE PINDARÉ)

A. P. da Costa Ferreira

..... dedicou-se durante sua longa vida á defeza d'estas duas grandes idéas —patria e liberdade.

(*Legenda*, jornal litterario de S. Paulo, 1860, pag. 43.)

I

A quatro leguas de distancia e em frente a San'Luiz do Maranhão alteia-se risonha e garrida a cidade de Alcantara, e como aquella espelha-se tambem nas aguas de San'Marcos. Derramadas suas casas sobre collina de suave declive, veem refrescal-a e renovar-lhe a atmosphera as constantes brisas occeanicas. Os alimentos, os ares, as aguas purissimas e crystallinas que pedem que de cubiça as bebam, são outros tantos elementos de vida a testimunharem a salubridade d'esses sitios que se ufanam de ter sido o berço do nosso afamado naturalista dr. fr. Custodio Alves Serrão e de outros não menos preclaros cidadãos.

Desde a inauguração do systema constitucional que duas familias poderosas por seus haveres e importancia—

a de Costa Ferreira e Franco de Sá de um lado e a de Viveiros de outro—se disputam predominio politico e decidem das eleições n'aquella commarca. Os principios cardeaes que dimanam da nossa Constituição as dividem. Segue aquella as idéas liberaes e esta as conservadoras, com mais ou menos desenvolvimento e franqueza, segundo as epochas. Preponderam quando lhes acode a mão valedoura dos delegados do poder supremo, escolhendo a provincia do gremio d'ellas parte de seus representantes. Avultava entre estes o senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, que entrou a figurar nas nossas assembléas legislativas desde os primeiros passos do Brasil na senda representativa.

Descambava o seculo XVIII para o seu último quartel, revolvido e abalado pelas idéas philosophicas e politicas que traziam os espiritos inquietos e inclinados ás reformas civilisadoras e humanitarias, que produziram d'ahi a pouco a revolução franceza, quando nasceu a 26 de dezembro de 1778 na então villa d'Alcantara Antonio Pedro da Costa Ferreira, filho legitimo do tenente-coronel Ascenso José da Costa Ferreira e de D. Maria Thereza Ribeiro da Costa Ferreira.

Foi aprendendo no ninho domestico a practicar as virtudes cultivadas por seus paes e recebendo ao mesmo tempo as licções de instrucção primaria e algumas luzes de latim. Desejosos seus progenitores de lhe alargarem a esphera das aspirações, ministrando-lhe meios de adquirir conhecimentos litterarios que nem na casa paterna ou na capital da provincia lhe podiam proporcionar, resolve-

ram separal-o de si. Contava elle 14 annos quando o fizeram seguir viagem para Portugal, indo estudar preparatorios no seminario de Coimbra, em cuja universidade matriculou-se logo que os concluiu.

Cursou ahi as aulas de canones, conseguindo graduar-se n'essa sciencia em 2 de junho de 1803.

II

De tornada á sua terra natal, casou a 29 de julho de 1810 com sua prima D. Francisca da Costa Ferreira [1] e ficou-se em Alcantara todo entregue aos cuidados e modestos prazeres do campo, vivendo dos productos de sua lavoura.

Não é que os negocios publicos não o fossem tirar de seus ocios e remancear temporões, d'esse como que esquecimento das lettras pela contemplação do grande livro da natureza em cujas paginas maravilhosas soletrava os prodigios da creação; tanto que o governador Francisco de Mello Manuel da Camara o foi arrancar d'ahi, nomeando-o a 12 de novembro de 1808 fiscal da junta da villa d'Alcantara, de onde passou depois a exercer n'ella até

[1] Teve d'este consorcio os seguintes filhos:—Gustavo Ascenso da Costa Ferreira (1812), D. Lucrecia Rosa, Dr. Cassio Antonio, Tenente-coronel Franklim, Ascenso, Americo, e D. Corina. D'estes só existem hoje o Dr. Cassio, aposentado com as honras de desembargador, e o tenente-coronel do estado maior Franklim Antonio da Costa Ferreira.

1823 o cargo de superintendente. Nas eleições a que em abril d'esse anno se procedeu segundo as ordens vindas da metropole, sahiu eleito deputado ás côrtes portuguezas, pelo circulo da capital, o dr. Manuel Paixão dos Santos Zacheu, designando o suffragio por seu substituto o futuro senador Antonio Pedro da Costa Ferreira. Outros incitamentos mais sanctos o preoccupavam então; que os echos da feliz revolução que emancipou o Brasil o vieram despertar e tirar d'essa silenciosa e socegada soledade.

Possuido de enthusiastico fervor patriotico, não houve mais repousar para o joven alcantarense e eil-o incessante de casa em casa a evangelisar seus condistrictanos sem temer os perigos que lhe deviam trazer esse apostolado. Não o detiveram taes considerações, e ia desaffrontadamente por deante em sua missão, já excitando os tibios, incutindo coragem nos medrosos, explicando a estes os deveres de patriota e os direitos que adquiririamos com a nossa independencia, aconselhando áquelles, e a todos emfim transmittindo as idéas que o dominavam.

O districto de Alcantara, assim preparado, applaudia o movimento independente e já dispunha-se para apoiar seus irmãos do Itapecurú-mirim, de Caxias, e de todo o interior da provincia mais ou menos alterado com a presença das fôrças expedicionarias do Ceará e Piauhy, quando lord Cochrane appareceu com sua esquadra nas aguas do Maranhão, e precipitou esse desfecho, conseguindo adherissem os habitantes da capital á independencia e fosse ella ahi proclamada a 28 de julho de 1823.

Desde esse momento que Antonio Pedro da Costa Fer-

reira abraçou as idéas liberaes, com o enthusiasmo e a lealdade com que sempre as serviu em quanto teve respiro de vida, sem que no longo decurso de sua carreira politica se desviasse ou aberrasse por qualquer acto, por uma phrase sequer, d'esses principios manifestados por elle sem rebuço e bem alto em todas as occasiões e com a mesma firmeza, fossem quaes fossem as circumstancias em que se achasse, embora resultassem d'ahi difficuldades, ou merecessem a improvação de um ou outro amigo, ou de certo grupo de correligionarios mais condescendentes e dispostos a transigir para conservarem ou galgarem o poder.

Acceita e festejada a Independencia por toda a provincia, entrou esta a ser, como as demais, administrada por authoridades brasileiras, postoque marchassem os negocios fóra de seus eixos e em uma verdadeira confusão cahotica, como é facil d'imaginar-se succederia antes que a Constituição viesse derramar sua luz redemptora sobre os brasileiros. Era então ás vezes bastante a imposição de uma facção, da camara, do commandante militar, de um troço da fôrça pública, para que fosse desapossada do poder uma authoridade legalmente constituida. Assim viu-se o almirante lord Cochrane por um simples officio destituir das funcções de presidente da provincia a Miguel Ignacio dos Santos Freire Bruce e nomear acto continuo (25 de dezembro de 1824) para substituil-o interinamente a Manuel Telles da Silva Lobo.

Commungando este nas idéas de Costa Ferreira, de quem era amigo, chamou-o para juncto de si, como seu

conselheiro. Cedendo este ás reiteradas intancias d'aquelle, acceitou o cargo de secretario do govêrno.

Com a promulgação, pouco depois, da nossa Constituição, iniciou-se elle desde logo nas discussões parlamentares, entrando em 1826 para os conselhos geraes de sua provincia natal. Accompanhemol-o, de corrida, ahi onde prestou serviços bem notorios á causa pública.

Em sessão de 28 de julho de 1826 propoz se edificassem dous ou mais hospitaes na provincia, escolhendo-se para isso logares altos e seccos, afastados de povoações e aliás proximos a rios caudalosos e navegaveis, para se recolherem n'elles os morpheticos livres e escravos que vagueavam pelas praças e ruas públicas[1]. Clamando n'essa occasião contra o desleixo da policia e incuria do govêrno, desenvolveu a these da charidade com todo o affecto e vigor de uma alma san e compenetrada das doutrinas evangelicas.

Na sessão de 23 de agosto do mesmo anno, a requerimento seu, dirigiu-se o conselho ao govêrno imperial, sollicitando fosse reparado e augmentado o hospicio do Bomfim com destino aos morpheticos. Approveitava-se assim um edificio inutil e deshabitado por sua distancia e isolamento, indo servir de asylo aos infelizes de quem todos fogem e teem horror!

Prendia-lhe tambem a attenção outra idéa não menos humanitaria e muito mais civilisadora. Não cuidava só dos

[1] Acha-se tambem consignado este facto no *Diccionario Historico-Geographico da provincia do Maranhão* pelo dr. Cezar Augusto Marques (1870), pag. 310.

enfermos do corpo, mas tambem dos de espirito. Se requeria que a provincia soccorresse áquelles, abrigando-os e alimentando-os, exorava com o mesmo empenho se espancassem as trevas do entendimento do povo, restituindo-lhe a vista intellectual. Foi com este pensamento que propoz em sessão de 6 de junho de 1829 a creação da Bibliotheca Pública, consignando-se para isso uma somma nominal por conta das despezas das obras que então se faziam na casa do conselho. Approvada tão util medida, só trez annos depois é que foi posta em execução [1], mimoseando-a elle n'essa occasião com 315 volumes [2]. Tambem propoz em varias outras sessões a creação de diversas cadeiras do ensino primario nas principaes villas da provincia. Foi por igual essa uma de suas idéas mais favoritas e que sempre deffendeu quando se lhe offerecia ensejo para isso.

De todos estes serviços deu insuspeito documento o honrado senador Patricio José de Almeida e Silva [3].

III

A sala dos conselhos geraes de uma provincia era pequeno espaço para quem concebia aspirações mais altas. Antonio Pedro, que tinha muitas sympathias e gosava d'in-

[1] Vej. *Diccionario Historico Geographico* do dr. Cezar Augusto Marques, 1870, pag. 47.

[2] Vej. documento na nota E, *in fine*.

[3] Vej. documento na nota F, *in fine*.

fluencia e credito no partido liberal, appresentou-se candidato á segunda legislatura da Assembléa Geral, logrando ser eleito então deputado por sua provincia.

Partiu em maio de 1831 para o Rio de Janeiro. A commoção produzida pelos extraordinarios acontecimentos de 7 de abril era assaz violenta em seus effeitos para que os espiritos houvessem já alhanado de todo. Aos grandes cataclysmos e aos pavorosos incendios seguem-se ainda evidentes signaes da sua terrivel passagem, denunciando por irrupções parciaes que não estão totalmente acalmados e extinctos. Não era só nos movimentos militares ou populares que se conhecia que as paixões acordadas pela revolução tumultuavam ainda, se bem que com pouca intensidade. No parlamento brasileiro faziam-se ellas tambem sentir frequentemente — nas discussões, nas propostas de medidas umas adiantadas, outras perigosas e que ameaçavam o systema politico acceito pela nação, e d'ahi, fosse contraprotesto ou temor, começou a reacção de manifestar-se e de tomar n'essa mesma legislatura vulto e preponderancia.

Antonio Pedro da Costa Ferreira e Manuel Odorico Mendes, ambos deputados, ambos liberaes decididos, accompanhavam e auxiliavam Vergueiro, Paula Souza, Costa Carvalho, os Andradas e outros bons patriotas, pautando seu procedimento pelo d'estes e antepondo por sua parte forte barreira ás idéas retrogradas que ameaçavam dentro e fóra do parlamento destruir as instituições conquistadas em 1831, e repor as cousas no antigo estado.

O espirito publico dava vehementes indicios d'inquietação, e em algumas partes, como no Pará, ia de dia para dia exacerbando-se, e já ameaçava de perturbar o socêgo d'aquella vasta provincia, onde o elemento indigena predominava. Pensou a regencia em Antonio Pedro da Costa Ferreira, cujos creditos de reportado, conciliador e energico o indicavam para presidir os destinos d'aquella porção do imperio. Consultado pelo regente Feijó, recusou, allegando razões valiosas e attendiveis, e por mais instancias e diligencias de Aureliano de Sousa Coutinho (depois visconde de Sepetyba), ministro do imperio, do conego Sanches e d'outros paraenses respeitaveis e preponderantes na provincia, não houve obrigal-o acceitar á presidencia, até que afinal por indicação d'elle veiu a nomeação a recahir em Bernardo Lobo de Sousa, que foi desgraçadamente assassinado a 16 de janeiro de 1835 no exercicio d'esse logar!

No meio de suas preoccupações politicas e parlamentares veiu commovel-o um funesto e doloroso acontecimento. Sua esposa, a quem tanto amava, enfermou e succumbiu por esse tempo, no Rio de Janeiro, deixando-o mergulhado na mais pungente dor. Avivando-lhe aquella cidade as excruciantes saudades que tanto o amarguravam, resolveu-se a deixar a côrte e partir para sua provincia. Queria desaffogar livremente suas maguas no ermo da sua fazenda em Alcantara; mas não aconteceu assim, que o paiz precisava de seus serviços, e o govêrno imperial nomeou-o por carta imperial de 3 d'outubro de 1834 presidente do Maranhão, sua provincia natal.

IV

De todo esse complicado systema administractivo que ao poder executivo aprouve engendrar para ter as provincias presas nos élos da cadeia centralisadora, cuja fôrça motriz reside na côrte do imperio, nenhuma instituição é mais bem concebida, mais apropriada a estes fins, ou se adapta melhor á topographia do vastissimo territorio brasileiro do que a dos presidentes de provincia. Primeiras authoridades civis e militares, estão superiores ao cheffe de policia, aos inspectores das repartições fiscaes, e sem sua sancção não podem correr nem ter fôrça de lei as medidas que são approvadas pelo corpo legislativo provincial: entendem e influem directamente sobre todos os ramos da administração pública, e acima d'elles só está o ministro de que dependem.

Em um imperio cujas provincias são mais extensas do que muitos reinos, todas intercaladas de caudalosos rios e de sertões despovoados, e muitos d'elles inexplorados, convinha pôr á testa dos negocios peculiares a cada uma d'essas dilatadas divisões territoriaes um empregado que concentrasse em suas mãos muitas attribuições, tendo sobreposse o prestigio e os dotes requeridos para tão importante cargo, a fim de que o exercicio d'elle não descaisse em desproveito da authoridade, e podesse esta guiar com acêrto e tino a porção de seus concidadãos, cuja administração lhe é incumbida. Vê-se pois que só em um individuo experimentado, cordato, isento de paixões

politicas, de reputação firmada, decidido em seus actos, de modo que o govêrno central possa depositar n'elle plena confiança e dar-lhe largueza para obrar, só em taes funccionarios, digo, é que deve recahir a escolha para tão complexo e operoso encargo, e d'est'arte tambem é que as nossas provincias serão bem administradas, e verão desenvolvidos seus recursos naturaes e cumpridas as leis em todas as localidades, ainda nas mais remotas e rudes.

Cumpre, porém, reformada ponto por ponto esta instituição que vae desacreditada e tão desprestigiada. Com o pernicioso systema concentralisador importado do extrangeiro por nosso mal, vêem-se os presidentes reduzidos a meros executores de ordens e tolhidos nas mais insignificantes acções. Sua missão não é de administrar justiça a todos, de procurar o bem e a prosperidade da provincia que lhe é confiada, senão de entregar-se ao partido, a que é consignado para ajudal-o em uma empreitada eleitoral; e bem merece d'elle se, affrontando a opinião, soube abusar de todos os meios, por mais reprovados e violentos, e colheu os engoiados loiros do triumpho d'essa campanha! Emquanto forem elles caudilhos eleitoraes e não tiverem estabilidade nos cargos, nem seus actos responsabilidade effectiva; ou não presidir a taes nomeações boa e cuidada escolha, continuarão as provincias, e sobretudo as do norte, a ser victimas da vaidade d'individuos incapacissimos para logares tão elevados e difficeis. São esses os incuraveis males de que adoecem essas authoridades, e que as tornam nocivas aos povos e assaz ridiculas para os que as estudam e observam de longe.

No dizer pittoresco de um dos nossos parlamentares são algumas provincias caras, onde esses barbeiros novos se adéstram no officio; é o *anima vili* onde fazem suas experiencias os bachareis em direito apenas sahidos dos bancos das academias, ou alguns militares que não conheceram dos manejos das armas mais do que os exercicios em dias de parada, ou empregados das secretarias, nomeados não pelo merecimento e provas d'intelligencia e censo práctico, que por patronato e no intuito de se lhes abrir uma carreira onde se possam accrescentar. Quereis vel-os pintados em toda a sua luz, já pelo lado ridiculo e banal, já pelo que ha de máu e torpe em taes personagens, lede o *Jornal de Timon,* do abalisado escriptor maranhense [1], se bem que ahi faltem as novas especies d'esse typo, como o mestre-eschola improvisado em presidente, vaidoso de si, rompendo em excessos á menor contrariedade, outro que seria uma boa dona de casa, pontual e cuidadosa em pontos de economia domestica, mas que no governar povos andava ás tontas qual outro Sancho na ilha Baratária, já este que, cercado da peior gente da terra, levantando as fezes ao de cima, só via pelos olhos d'ella e executava quanto lhe dictava, por mais absurdo que fosse. É essa entidade anan e aleijada que fez com que o ex.mo sr. senador Luiz Antonio Vieira da Silva, competente ajuizador do genero, dicesse na sessão do senado de 12 de setembro de 1871 estas lastimadas verdades: — «tyrannisadas (as provincias) sob o jugo de um presidente (permitta-me o senado que eu o diga), caricato persona-

[1] Vej. Obras de João Francisco Lisboa. Tom. I.

gem, especie de bachá de casaca, elo d'essa immensa cadeia que se prende no ministro d'estado e acaba no inspector de quarteirão!»

A provincia do Maranhão é uma das que teem sido por mais vezes bode expiatorio das iniquidades d'esses mandões de baixa esphera. Aos que administraram a provincia antes do estabelecimento completo e regular da Constituição — a um Costa Barros, a um Costa Pinto —, teem succedido n'estes ultimos annos outros que os deixam a perder de vista a todos os respeitos. No meio d'esses entes parvoamente philauciosos, odientos e immoraes, pyrilampeia um ou outro que, destoando d'esta récua d'almas pequeninas e enfezadas, compenetra-se de sua difficil missão e esforça-se por levantar a provincia do seu abatimento e dotal-a d'instituições uteis, constituindo-se não só o pregoeiro, como o executor dos melhoramentos materiaes e moraes mais avantajados e fecundos. Apparece ainda muito mais raro um que, tornando-se singular excepção, abstem-se de intervir nas luctas politicas da provincia, deixando as urnas livres para os cidadãos depositarem n'ellas o voto — expressão de sua vontade.

Foi o senador Costa Ferreira quem deu o exemplo d'esse respeito á liberdade — exemplo que é ainda mais apreciado pelas circumstancias que o tornaram espurio até hoje. Empossado da presidencia a 21 de janeiro de 1835, mostrou desde logo que o seu unico proposito era o bem de sua terra natal.

Nas eleições a que se procedeu no tempo de seu govêrno; postoque fosse um dos cheffes mais conspicuos do

partido liberal na provincia, foi elle então derrotado! É isto a melhor pedra de toque de seus quilates liberaes e dos princípios que dominaram o espirito do senador Costa Ferreira em sua dilatada peregrinação pelo mundo. Não era d'esses que trazem constantemente na bocca o termo— liberdade, e que na práctica mostram-se oppressores do povo. Era tambem essa uma de suas mais gratas recordações e justo orgulho. Quando sabia de uma quadra eleitoral tormentosa e agitada pela intervenção pronunciada e desmedida do presidente, lastimava a provincia e ainda mais o funccionario que se desmandava em excessos que lhe deviam deixar só remorsos e vergonha, uma vez passada a crise.

Não é, porém, só essa a lembrança honrada que deixou o senador Costa Ferreira de sua prudente e liberal administração: ahi estão as leis provinciaes que por sua iniciativa e sancção servem tambem de pregão do bem que administrou o Maranhão.

Pela lei n.º 4, de 22 d'abril de 1835 foi creada a thesouraria peculiar da provincia, a que deu regulamento para a sua boa execução (reg. de 5 d'agosto de 1835). Desde essa epocha que foram as rendas da provincia em augmento, e arrecadadas e escripturadas com a regularidade precisa.

Uma das idéas, que mais o preocupavam era o policiamento não só da cidade como dos campos, onde se acoitavam os escravos que fugiam do dominio de seus senhores, e os malfeitores que depredavam os gados. Para esse fim foi creada pela lei n.º 5 de 23 d'abril (1835) a po-

licia rural nos differentes districtos fóra da capital, e pela de n.º 21, de 17 de junho de 1836, o corpo de policia. Não lhe escapou tambem a secretaria do govêrno que foi organisada pela lei n.º 31, de 23 de julho do mesmo anno.

Até então passava despercebido e sem commemoração o dia mais notavel dos nossos fastos provinciaes: a lei n.º 11, de 6 de maio de 1835 veiu reparar esse imperdoavel esquecimento, determinando que o dia 28 de julho fosse de festividade na provincia.

A 16 de maio do mesmo anno expediu elle outro regulamento não menos util á fazenda provincial, qual o que preceitúa a execução do artigo 7.º da lei de 20 d'abril, que devolveu ao thesouro provincial os emolumentos dos juizes, marcados no alvará de 19 d'outubro de 1754.

Não ficaram por esse tempo seus serviços circumscriptos só á provincia que lhe coube por sorte administrar. Desde 1833 que fermentavam no Pará as vis paixões da plebe até que a 7 de janeiro do seguinte anno declarou-se n'essa violenta rebeldia, que devastou sem piedade e de um modo tão feroz aquella esperançosa provincia!

O senador Antonio Pedro da Costa Ferreira foi desde então incansavel em acudir ao Pará, já com tropas, já com viveres, já agasalhando as familias que vinham refugiar-se no Maranhão, umas fugindo á morte e muitas á fome. O presidente d'essa provincia, o commandante das forças legaes, o almirante ali estacionado, bem como o ministro do imperio, Paulo Barbosa, o ex.mo sr. conselheiro Sousa Franco (hoje visconde do mesmo nome) e outros paraenses importantes, foram todos acordes em agradecer-lhe tão

assignalados serviços[1]. Foram elles julgados tão subidos que por decreto de 8 de maio de 1841 conferiram-lhe as honras de cavalleiro e de official da imperial ordem do cruzeiro[2].

N'este lidar em prol da provincia que lhe foi berço, e para cuja prosperidade conspirava tão benefica e perseverantemente, consumiu dous annos. Era filho da terra que governava; sendo isso bastante para que se desvelasse por bem merecer d'ella.

Tenho reconhecido por experiencia que os melhores administradores são os proprios filhos da provincia: ao amor natal que os aguilhôa para o bem, ha n'elles o desejo de deixarem de si grata memória, de não alienarem a estima e bom conceito de seus conterraneos, e ahi está tambem a familia que fica honrada e reverenciada por seus actos. Qual é o vice-presidente que, apesar de sua interinidade e curta gerencia dos negócios, não tenha procedido com tal qual regularidade, que não tenha mandado construir alguma obra util — uma estrada, uma capella, uma casa para eschola, uma cadeia ou pelo menos o calçamento de algumas ruas, ou que não tenha fomentado a creação de alguma empreza de vantagem real? Mesmo quando se não aponte de alguns serviços taes, não havia até 1870 uma queixa de algum que postergasse as leis, de arbitrios e de perseguições que commettesse, ao passo que dos feitos dos presidentes forasteiros quantas paginas negras não ficam registradas na história da provincia?!

[1] Vej. documentos na nota G, in fine.
[2] Vej. documento na nota H.

V

A carreira administrativa do senador Costa Ferreira limitou-se a esta provincia, e tambem foi esse o unico cargo de nomeação que, depois da independencia, exerceu no transcurso da vida. Incluido na lista triplice senatorial na eleição a que se procedeu na provincia do Maranhão para preenchimento da vaga deixada por morte do visconde de Alcantara, foi elle escolhido por decreto de 20 de dezembro de 1834.

A 10 de junho do seguinte anno tomou assento no senado brasileiro, fazendo ouvir n'elle sua voz independente pelo largo espaço de vinte e cinco annos. Terminou ahi o cyclo de suas aspirações, despedindo-se da politica militante, para poder deliberar sem paixão nem preconceitos e dar o seu voto ás medidas reclamadas pelo paiz com a isenção que lhe impunha o mandato vitalicio que lhe fôra confiado por sua provincia. Comprehendendo os deveres, que lhe eram marcados segundo a lettra e o espirito do nosso systema representativo, foi d'ahi em diante unicamente senador. Passou a residir na côrte e ninguem o viu subir as escadas dos ministros para sollicitar para si e para os seus, e se seus filhos tiveram durante a vida d'elle accesso nas carreiras scientificas, que escolheram, deveram-n'o ao seu merito, a seus serviços e á antiguidade. Se por vezes o honrou o monarcha, galardoando o representante da nação com mercês honorificas, não houve da parte d'elle o mais leve empenho, nem sequer mostrou desejos de as

possuir. Para os que não conviviam na intimidade do barão de Pindaré e ignoram esse desprendimento de vans ostentações, vou dar uma prova assaz concludente: nos ministerios liberaes, onde contava amigos sinceros e dedicados, não houve um só decreto d'esses para engrandecel-o; porque sabiam que não fazia cabedal de honrarias, e por isso todas ellas vieram-lhe de adversarios e foram-lhe conferidas nos ministerios conservadores — a dignitaria da nobilissima ordem do cruzeiro que lhe abrilhantava o peito, o titulo de barão de Pindaré e de grande do imperio; sendo esta assignada no ministerio Paraná.

O ex.^{mo} sr. conselheiro Pedreira, então ministro do imperio (hoje visconde do Bom Retiro) escreveu-lhe communicando-lhe que S. M. I. queria honral-o com um baronato em attenção a seus serviços e que assim houvesse de lhe indicar o titulo[1]. Respondeu-lhe que já se achava bastante remunerado, e se fosse possivel declinava tamanha honra; mas que S. M. fizesse o que bem lhe aprouvesse. Não foi attendido, como se sabe, tão modesto pedido.

Volvamos a tempos anteriores, que encontraremos na vida do illustre senador facto muito mais abonador d'essas notaveis qualidades.

A inquietação, que traz os povos abalados em tempos anormaes, como o da prolongação da regencia, manifestava-se nos extremos norte e sul do imperio. As provincias do Pará e do Rio Grande do Sul sublevaram-se, promettendo a lucta ser renhida e demorada em razão dos elementos de

[1] Veja-se nota I.

que dispunham os revoltosos. Entendia o regente Feijó no seu patriotismo, modelado pelo de Catão e de outros characteres de igual têmpera, que essa opposição era dirigida á sua pessoa, e que retirando-se do poder, alhanar-se-hiam os animos e amorteceriam as paixões, conservando seu partido o predominio; mas depressa conheceu que a causa do mal estava no transitorio e instavel d'esse govêrno, tanto assim que, passando a regencia para individuo da politica opposta, nem por isso pacificaram-se as provincias rebelladas, senão que vieram aggravar-se essas perturbações com a revolução da provincia do Maranhão.

Dominado, pois, Feijó da idéa de que, em resignando o poder ficariam intactos o acto addicional e as instituições por que pugnava o partido, foi abrir-se com o senador Antonio Pedro, de quem era amigo particular e em quem depositava inteira confiança. Declarou-lhe com o maior sigillo que o ia nomear ministro do imperio para depois renunciar á regencia, que por esse facto vinha recahir n'elle. Não annuiu o desinteressado maranhense e refusou obstinadamente tão alta investidura, apontando outros que no seu encolhimento suppunha mais no caso de occupal-a; postoque se esforçasse n'essa occasião por dissuadir Feijó do proposito em que estava. Não tendo essa conferencia produzido resultado algum, escreveu-lhe Feijó outo dias antes da renúncia definitiva, pedindo-lhe convocasse uma reunião dos principaes partidarios para declararem e assentarem em quem o havia de substituir, por isso que era irrevogavel a sua resolução de deixar a regencia, certificando que ninguem d'isso o demoveria.

Realisou-se com effeito essa reunião em casa de Antonio Pedro da Costa Ferreira, ao largo de San' Domingos, estando a ella presentes, entre outros conspicuos liberaes, Paula Souza, José Dias, então deputado e depois senador por Minas Geraes, o padre José Britto, por último senador tambem por Minas Geraes e depois ahi assassinado. Eram ao todo dez ou doze os que compareceram a esse conciliabulo secreto e de cuja deliberação estavam pendentes os futuros destinos do paiz.

Houve calorosa e larga discussão, decidindo-se afinal que Feijó continuasse na regencia. Escreveu-se-lhe então uma carta rogatoria, instando por isso e declarando-lhe em termos positivos que essa era a vontade do partido, que não enxergava os perigos que se antolhavam ao regente; mas quando Antonio Pedro, author da idéa, ia á porta, a que battiam com fôrça, para saber quem o procurava, o padre Britto queimou esse papel. Em seguida a tão precipitado e intempestivo acto levantou-se tumultuaria a sessão, dissolvendo-se em seguida a reunião; sendo muito para lastimar que se perdesse esse documento historico de tão grande valor.

Conhecendo então Feijó que seus amigos não queriam affrontar a responsabilidade do cargo que elle occupava e se não dobravam por egual á sua vontade, declarou-lhes que n'esse caso ia chamar Pedro d'Araujo Lima (depois marquez d'Olinda), a quem considerava *um bom rei constitucional,* e assim o fez a 19 de setembro de 1837.

Essa esquivança do poder e de tudo quanto tinha resaibos de ostentação e de dominio era o characteristico do

desambicioso alcantarense, e realçavam essa isenção e independencia seu procedimento muito melhor manifestado nas discussões parlamentares. De facto, com que energia e desafôgo entrava n'ellas e combattia os adversarios, oppugnando os projectos è idéas que reputava maus?! Os epigrammas acerados, as allusões e anedoctas apropriadas acudiam-lhe sempre a tempo para desconcertar e ferir os adversarios. Seu norte no parlamento, como fóra d'elle, era a verdade, era servir á patria; e d'este rumo não se afastou nunca. Não tinha eloquencia tribunicia, o improviso ardente e arrebatado, o fogo e o movimento que fascinam as turbas; mas a fôrça de convicção e a sinceridade de opiniões que auxiliam e approveitam muito mais ao esclarecimento das questões. Seus discursos eram singelos e sem esse tom affectado que transforma o orador em actor que se encarrega de um papel, que o preoccupa e que atavia com as pompas do estylo e rasgos oratorios, pondo só a mira nos applausos da turba.

Não appresentava uma discussão vigorosa que destroe um por um os raciocinios do adversario e desfia todos os argumentos contrários, sendo seus discursos antes uma conversação natural, cheia d'epigrammas scintillantes e engraçados: não declamava, exprimia chanmente o que pensava, o que lhe dictavam seu patriotismo e o dever de bom cidadão. Advertia antes que censurava, aconselhava mais do que admoestava. Tambem assim é que entendo os debates em um corpo legislativo composto de cidadãos, cujas cabeças tocadas pelas neves dos annos devem ter a calma e a madura circumspecção, de que serão seus dictos

e acções o reflexo. A vitaliciedade arreda esse corpo da politica militante e activa, que não dirige, e por isso não impende d'elle a vida ministerial. Não é a tribuna popular onde agitam-se as paixões e travam-se luctas calorosas: o suffragio é sollicitado e posto em movimento só uma vez para cada eleito, dependente da escolha da corôa. Sua origem já está demonstrando o que exige d'elle a Constituição, o que deseja o paiz d'essa assembléa de anciões, cujo principal fim é examinar e contrastar as medidas que veem propostas e preparadas da camara temporaria; portanto não é ahi logar para esses discursos retumbantes, extensos e onde as prosopopéas, as apostrophes e os arrojos oratorios devem accumular-se e teem todo o cabimento.

O barão de Pindaré, quanto a mim, era um dos typos de senador como se me afigura que deva ser esse representante da nossa camara alta. Provemos similhante proposição com alguns trechos dos seus discursos.

Tractava-se na camara dos deputados, em sessão de 24 de maio de 1832, de discutir os dois pareceres divergentes da commissão de fazenda, propondo a maioria d'ella que os cofres nacionaes fossem indemnisados da quantia de libras 90.743:13,3 das despezas feitas sem referenda dos ministros e por conta particular do primeiro imperador, procedendo-se na fórma das leis fiscaes contra os bens moveis e de raiz da casa imperial até o saldo da quantia d'esse enorme debito. O deputado Costa Ferreira opinou que os ministros e os empregados da caixa de Londres, que entregaram essas quantias em puro desperdicio, deveriam por ellas responder, que d'elles é que cumpria

havel-as, por pouco que se recebesse; porque um, dois ou trez contos de réis eram nada como valor monetario e muito como exemplo a futuros ministros, tornando-os d'ahi em deante mais cautelosos no emprêgo illegal dos dinheiros publicos.

Eis a franqueza com que se exprimia: — «Isto é um verdadeiro roubo, opinião que pronuncio com tanta mais franqueza, quanto não sei dar ás cousas senão o seu verdadeiro nome. Sendo essas despezas feitas a trôco de habitos, commendas, condados, e marquezados, se se fosse hoje responsabilisar os bens do ex-imperador para solução da divida indicada, cumpria fazer despir os habitos e tirar os marquezados concedidos por tal motivo».

Em todas as questões importantes, por mais delicadas e compromettedoras, nem por isso deixava de aquinhoal-as e d'exprimir sua opinião, e dar seu voto, não pelas conveniencias politicas ou pessoaes, mas como sua consciencia lhe aconselhava. Para prova d'isto ahi estão as discussões que provocou no parlamento, em 1840, a declaração da maioridade de S. M. I. o Senhor D. Pedro II.

Foi do senado que partiu essa idéa tão vital para o Brasil. A 20 de maio d'esse anno foi alli appresentado esse projecto revolucionario, aliás reclamado pela opinião pública. Foram seus signatarios—Costa Ferreira, Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti d'Albuquerque, José Martiniano d'Alencar, Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque, José Bento Leite Ferreira de Mello e Manuel Ignacio de Mello e Sousa. Rejeitado por 2 votos, foi ella reapparecer dias depois na camara dos deputados,

e provocada a fusão, passou no parlamento a 25 do mesmo mez. Na discussão vigorosa e ás vezes desordenada, que provocou essa questão que ia decidir dos futuros destinos do paiz e cuja adopção significava a derrota da politica dominante, tomou parte mui saliente o senador Costa Ferreira.

A muita gente, a despeito de seus sentimentos liberaes, não parecia decoroso deffender os illudidos, que se precipitaram, levantando em Pernambuco a tremenda revolução, que tendo seus principios em 1848, ganhou depois fôrça e esteve a pique de triumphar. Parecia crime commungar nas idéas, crime pedir o perdão d'aquelles que haviam sido instigados a sublevar-se em um momento de exaltação politica: temiam desagradar o poder e perder as boas graças do monarcha. Apartava-se o nobre representante do Maranhão d'esses que abafam seus sentimentos para cortejarem os vencedores, venham de onde vierem. Na discussão da resposta á falla do throno, em 1850, entrando deliberadamente na questão da revolta *Praieira*, eis como principia: «Senhor Presidente, este morno silencio que observo no senado, não sei o que significa; nunca o vi tão mudo, tão quêdo! Ólho para os meus companheiros, parecem-me estatuas; ólho para a camara dos deputados e vejo um voto unanime a favor do governo!

.....

«Não é difficil governar, antes é facil: observando-se a lei. Mas se não se quer observar a lei, como se póde governar? Mandando supprimir a imprensa, por exemplo, julgaes por ventura que isto é constitucional? Prende-

ram-se, deportaram-se cidadãos, sem suspensão de garantias: julgaes isto constitucional? Se acaso ha perigo, se a patria corre risco, o remedio está na Constituição: pode-se remediar o mal pela maneira por que a mesma Constituição manda. Que repugnancia tendes vós pois em salvar o paiz pelos meios legaes? Se acaso as desordens de Pernambuco punham em perigo a patria, porque não suspendestes as garantias? Porque deixastes que os presidentes prendessem e deportassem arbitrariamente? Porque esse luxo de despotismo? Porque déstes assim occasião a que os anarchistas digam que não se quer a Constituição, e tanto parece isto verdade, que, estando marcados n'ella os meios pelos quaes se devia marchar legalmente contra as desordens, não se seguiram estes meios!»

Em um segundo discurso, abundando nas mesmas idéas, e verberando mais de um arbitrio do govêrno, profligava n'estes termos o abuso com que eram presos e transferidos de um para outro logar os pernambucanos implicados na revolta: «Arranca-se o cidadão contra a sua vontade de um logar para outro; tiram-n'o da sua propriedade, e dizem-lhe: — Isto não é contra a Constituição!! — Pergunto eu, quem fica cuidando dos bens d'esses cidadãos? A quem ficam elles entregues? Não soffrerão elles muitas perdas? Quem está no Rio de Janeiro, senhores, não sabe avaliar as desgraças dos povos. Eis-aqui, sr. presidente, eis-aqui por que nos achamos no estado em que estamos. Esses miseraveis, moradores das mattas, lendo o discurso do sr. ministro, em que diz: —

isto não é nada, é apenas uma mudança de uma para outra parte—que idéa farão das garantias que a Constituição lhes dá?... É assim que somos constitucionaes? É obrando por esta maneira que quereis restabelecer a paz no imperio? Pergunto ao sr. ministro:—o que houve em Portugal foi uma rebellião, ou não? Desejo uma resposta.

.....

.....

Em um terceiro discurso, insistindo nas mesmas idéas, apostrophava n'estes termos o ministerio:

«Desde quando soubestes que era necessario uma suspensão de garantias para Pernambuco? Desde quando julgastes que cumpria lançar mão de medidas extraordinarias, que a mesma Constituição permitte? Porque não usastes ha mais tempo d'essas medidas que a Constituição consigna? Porque não batestes os desordeiros com os meios legaes? Para que essa ostentação cynica de despotismo? Para que dizer:—eu podia caminhar por meio da lei, podia pedir uma suspensão de garantias; mas deixemos-nos d'isso, fique a cidade em sitio, fiquem os periodicos em sitio, prenda-se a quem entrega periodicos, fique a imprensa suspensa?—Responda o sr. senador, não foi isto assim? E fallando eu por este modo, quero apadrinhar desordeiros? Quem apadrinha desordeiros são aquelles que usam de meios contrarios á Constituição. Não se quer que as cousas marchem como devem ser. Nós vimos nos officios do sr. ministro da marinha, quando presidente de Pernambuco, que o que lá havia não era nada, era um pequeno partido que nada valia; entretanto no dia 2 de fe-

vereiro, o que era pequena desordem metteu de repente susto a todos. Aqui está porque não creio em certas palavras, aqui está porque algumas cousas que digo arranham os ouvidos dos nobres ministros. No meu modo de pensar não sei o que seja o homem que diz uma cousa agora e outra ao depois. Ou esse presidente era muito ignorante, ou não fazia caso das leis; porque dizer que havia uma pequena desordem, não pedir meios para rebatêl-a, e depois repentinamente dizer: — ha uma rebellião — e lançar mão de todas as medidas anti-constitucionaes, medidas que podiam ser realisadas pela mesma Constituição, é mostrar desprezo cynico pela mesma Constituição [1].»

Não eram só a politica geral e os negocios do estado, que o interessavam, senão tambem e mais que aquelles os que diziam respeito á sua provincia. O territorio do Turyassú, limitrophe e como que encravado no Maranhão, por sua topographia, pelas relações e mutuos interesses de seus habitantes com os d'esta provincia, pelas communicações d'estes e transporte dos generos de permuta que faziam pelo Maranhão de preferencia ao Pará, a que pertencia, pela maioria da população que por laços de parentesco e amisade era maranhense, tudo estava indicando que de facto era maranhense esse districto. O senador Costa Ferreira desde 1835 que assim o entendia,

[1] Os pernambucanos por isto reconhecidos dirigiram ao nobre representante do Maranhão um honroso officio, manifestando-lhe quanto lhe estavam agradecidos pelo seu louvavel procedimento. Veja nota J.

e n'esse sentido officiára, como presidente do Maranhão, ao governo imperial, encaminhando com boa informação uma representação que os turyenses dirigiram aos poderes do estado, sollicitando sua desmembração do Pará e annexação ao Maranhão. Só em 1866, trinta e um annos depois (!), é que veiu no parlamento a tractar-se sériamente d'essa reclamação dos povos. Approvada a medida na camara electiva pela zelosa e efficaz intervenção do ex.mo sr. dr. Candido Mendes de Almeida (hoje senador), foi no senado sustentada e apoiada com todo o ardor e sollicitude pelo illustre senador do Maranhão.

VI

Chegado ao ultimo quartel da existencia, não lhe consentiam a avançada edade e os achaques que lhe são apanagio certo, que fosse assiduo n'estes derradeiros annos ás sessões do senado. Recolhido então á sua chácara, afastada da côrte e em um recanto escuso do Jardim Botanico, onde residia e aprazia-se com as arvores e flores que cultivava com suas proprias mãos, tendo particular cuidado das originarias de sua provincia e de que possuia boa collecção. No meio d'essa natureza verdejante acudiam-lhe memórias saudosas de sua provincia e do tempo em que se tornára a ella dos estudos e procurou na lavoura os deleites pacificos que só offerece a vida campestre. Mas soubesse o novo Cincinato de uma medida capital e que podesse comprometter o futuro do paiz, e para cuja decisão influiria

seu voto, que sahia de seu eremiterio, e readquirindo seus musculos a perdida elasticidade, percorria as duas leguas que o separavam da côrte, caminho do senado, não só para prestar ali seu voto symbolico, como tambem para motival-o com as razões que sua consciencia lhe suggeria.

N'essa vivenda campestre que era suas delicias, costumava reunir, nas grandes festividades do anno, seus filhos e parentes, alguns comprovincianos que se achavam na côrte, e uma ou outra familia de sua amisade. Não havia alli constranger-se ninguem, que o hospedeiro não o consentia, sendo demais inseparavel d'essas reuniões de familia — a convivencia franca e jovial.

Era para ver a amabilidade com que o velho senador affagava a todos, sem distincção e com igual sombra de satisfação. Era n'elle habitual o galanteio de mistura com aquella cortezania propria de suas maneiras distinctas. N'aquelles dictos picantes, n'aquelle cavalheirismo com que entretinha as damas que frequentavam sua casa, como que vinha á lembrança o cortezão dos tempos de Luiz XV.

Áquella affabilidade reunia o barão de Pindaré um espirito eminentemente charidoso. «Alem de firmeza e lealdade (diz a *Legenda* de 21 de agosto de 1870, na pag. 46) havia em Costa Ferreira outra qualidade que mais o recommendava — era o afan com que soccorria a pobreza: sua mão nunca fechou-se áquelle que esmolava o obulo da charidade. Não possuindo riquezas e vivendo apenas de seus ordenados, foi no entanto o arrimo de muitas familias».

«A terra dos Odoricos e Timons cubra-se de lucto pela perda de um de seus mais distinctos filhos.»

«O barão de Pindaré viu chegar seu derradeiro dia com a serenidade do homem justo e do cidadão patriota: a 18 de julho de 1860, na avançada edade de 82 annos, esse espirito energico e robusto desprendeu-se para sempre de um corpo alquebrado e vergado ha muito para a sepultura.»

D'elle diz ainda a *Legenda* (pag. 43): «Homem probo e illustrado, cidadão proeminente e respeitado, parlamentar fecundo e energico, administrador cuidadoso e imparcial, o senador Antonio Pedro da Costa Ferreira dedicou-se durante sua longa vida á deffesa das duas grandes idéas: — patria e liberdade. Das altas posições que occupou poderia ter alcançado grandes distinctivos: desconhecendo a ambição, esse iman que opera prodigiosos milagres, rejeitou-os; e quando seus amigos governavam o paiz, se alguma cousa pedia-lhes, era protecção para seus compatriotas intelligentes e respeitaveis. Desprezando o poder, pois trabalhava, não para conquistal-o, mas para offertar aos seus a palma da victória, morreu longe do reboliço do mundo[1].....»

Mais significativo do que isto é o pouco que em abono d'este parlamentar proclamaram os mais proeminentes vultos do senado em sessão de 7 de agosto, quando ainda estavam quentes as cinzas do barão de Pindaré. Partiu assim a confirmação de suas invejaveis virtudes politicas do recinto d'aquella assembléa, cuja cadeira curul, que tanto

[1] Veja-se nota K *in fine*.

honrára, nunca mais havia de ser por elle occupada! O senador Silveira da Motta, lastimando a protelação que alguns senadores punham na decisão dos negocios mais importantes com o proposito de embaraçar o ministerio, fez, ao mesmo tempo a apologia de seus antecessores que, ainda nas occasiões mais criticas e agitadas, nunca sahiram fóra do comedimento e lisura que devem presidir todos os actos da camara alta, e ahi teceu o panegyrico do barão de Pindaré.

«O sr. *Silveira da Motta:* — «Em 1841, sr. presidente, quando o senado estava sob a pressão das idéas de agitação, n'essa epocha discutiu-se em uma só sessão a lei de 3 de dezembro d'esse anno. N'essa epocha tinham assento no parlamento os oradores mais distinctos da eschola liberal, que teem figurado no nosso paiz, os srs. Paula e Sousa, Vergueiro e barão de Pindaré...

«O sr. *D. Manuel:* — José Bento, Alencar...

«O sr. *Silveira da Motta:* — José Bento, Alencar...

«O sr. *D. Manuel:* — *Et cætera.*

«O sr. *Silveira da Motta:* — ... nomes muito significativos, sr. presidente.

«O sr. *D. Manuel:* — Não tem dúvida. Logo lhe darei um tonico á memória, e ha de ser forte.

«O sr. *Silveira da Motta:* — Mas a nenhum d'esses grandes vultos acúdiu a idéa de subordinar a maioria do senado á sua minoria e de tornar esta como que com o direito de exercer um *veto* sobre os actos iniciados na camara temporaria.

«O sr. *D. Manuel:* — Quanto ao *veto*...

«O sr. *Silveira da Motta:* — É o veto da protelação, que o senado não póde admittir, porque não é possivel no governo constitucional que as maiorias sujeitem-se ás minorias. É preciso que as minorias exerçam com toda a liberdade o seu direito de discussão, que esclareçam o paiz; mas é preciso tambem que ellas tenham a resignação necessaria para subordinar-se ás condições do nosso systema; aliás as maiorias tomam um papel que não é proprio do parlamento.

O sr. *D. Manuel:* — V. ex.ª está protelando uma materia importantissima.

O sr. *Silveira da Motta:* — Aprendam com os mestres do liberalismo de 1841.

«A lei da reforma, senhores, foi uma lei que excitou tanto movimento no paiz que produziu uma revolução; por isso havia todas as disposições no espirito público para impellir esses homens illustres a fazerem uma resistencia. D'esses mesmos homens que no senado deram o seu consentimento para a passagem da lei, embora fallassem e votassem contra ella, muitos tomaram depois parte mais ou menos indirecta n'esse movimento; mas emquanto estiveram no senado...

«O sr. *D. Manuel:* — Assim é que se conta a história!

«O sr. *Silveira da Motta:* — ... não fizeram resistencia, não quizeram que a minoria supplantasse a maioria, não procuraram expedientes para falsear a acção de uma camara legislativa. E demais, sr. presidente, note o senado que em 1841, quando esses grandes parlamentares

tinham assento n'esta casa e queriam obstar por todos os meios á passagem da lei de 3 de dezembro, esses homens tinham um regimento no senado que lhes dava o direito de fallar todas as vezes que quizessem; podiam fallar em commissão geral, podiam fallar 30 vezes; mas nunca o Sr. Paula Souza, o Sr. Vergueiro ou o Sr. barão de Pindaré se prevaleceram do direito de fallar muitas vezes para tomar o tempo ao senado; quando elles reconheciam que a maioria se pronunciava por qualquer medida, abaixavam a cabeça.»

Como joia digna de rematar esta corôa de goivos e saudades, reproduzirei as delicadas e eloquentes palavras de um dos nossos mais abalisados jornalistas. O sr. dr. F. Octaviano d'Almeida Rosa (hoje senador), pranteando no n.º 199 do *Correio Mercantil* de 19 de julho o fallecimento do senador barão de Pindaré, esparze sobre sua campa estas singelas e perfumadas flôres:

«É raro o homem que, tendo atravessado um periodo de quarenta annos de vida pública, desça ao tumulo com a mesma fé, com os mesmos principios, que abraçou no começo de sua carreira.

«O sr. senador Antonio Pedro da Costa Ferreira (barão de Pindarè), que hontem falleceu, deixou a seu paiz esse exemplo de constancia nunca desmentida nas provações por que tem passado o seu partido.

«Carlos X dizia em 1830 que desde a revolução franceza até aquelle anno só dous bomens, elle e o sr. de Lafayette, não haviam abandonado as suas bandeiras.

«Talvez o sr. Costa Ferreira não podesse encontrar

hoje no Brasil entre alliados e adversarios um rival de coherencia.

«Não fazemos censura aos vivos, é apenas o elogio do finado. O homem politico póde mudar de convicção: póde fazer concessões aos interesses graves de seu paiz. Ás vezes esse procedimento é um serviço que a história reconhece.

«Mas o clima ardente, sob cuja influencia vivemos, cresta com tal rapidez as idéas de hontem para vivificar as de hoje; — a ambição e o interesse illuminam por modos variados a intelligencia vacillante de nossos homens publicos; — que é um dever da imprensa cortejar os poucos viajantes que se recolhem á noite pela mesma estrada real onde os encontrou o primeiro arrebol da manhan.

«Ha um anno cortejavamos a Vergueiro: hoje cortejamos a Costa Ferreira. Viveram sempre juntos, na lucta, na victória e nos revezes: no dia em que morreu o primeiro, começou a agonia do segundo.

«A nossa sociedade se vae transformando: a geração contemporanea de nossos pais desapparece quasi toda: — acaso irão desapparecendo tambem as grandes virtudes civicas, de que essa geração nos deixou tantas e tão brilhantes provas?»

Era a reliquia d'essa phalange de legionarios de tempera rija que appareceram com a Constituição e que até o último alento sustentaram com fé e ardente crença os principios liberaes. Já tinham precedido ao barão de Pindaré — os Andradas, Vergueiro, Feijó, Paula Souza, Al-

ves Branco —, e a derradeira luz d'essa constellação apagou-se tambem. A confusão, a descrença, o abatimento moral eis o que lobrigo com profunda magua n'esta situação creada pela nova geração.

De onde nos virá a mão déstra e ousada capaz d'estinguir pela raiz essa carie que vae roendo e enfraquecendo a sociedade brasileira? — De onde partirá o *fiat luz* que hade esclarecer-nos e o Messias que remirá nossas culpas?! Tenho fé que não estará longe a nossa regeneração e que as espessas nuvens que ora ennoitam o horisonte da patria se dissiparão de todo, varridas pelo vento vivificador da instrucção.

O que nos cumpre a todos desde o último até o primeiro dos cidadãos é não esmorecermos por mais carregadas que se nos afigurem as tormentas, por mais invenciveis as contrariedades: empenhemos nossas fôrças com fé viva e inabalavel, com perseverança e dedicação; que a patria surgirá do meio d'este cahos com todo o esplendor e magestade que a natureza mesma lhe concede, e que a providencia não refusará por certo ao paiz que dotou caroavel e prodigamente com tantas maravilhas e magnificencias tantas.

NOTAS

NOTAS

MANUEL ÓDORICO MENDES

Nota A

... poucas producções originaes temos d'elle — pag. 94

HYMNO Á TARDE

Que hora amavel! Espiram os favonios:
Transmonta o sol; o rio se espreguiça;
E a cinzenta alcatifa desdobrando
Pelas azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde.

Salve, moça tão meiga e socegada;
Sálve, formosa virgem pudibunda,
Que insinuas co'os olhos doce affecto,
Não criminosa abrasadora chamma.
Em ti repousa a triste humana prole
Do trabalhado dia, nem já lavra
Juiz severo a barbara sentença,
Que ha de a fraqueza conduzir ao tumulo.

Lasso o colono, mal avista ao longe
A irmãa da noite, côa-lhe nos membros
Placido allivio: posta a dura enxada,
Limpa o suor que em bagas vai cahindo.
Que ventura! A mulher o espera anciosa

Co'os filhinhos em braços: já deslembra
O homem dos campos a diurna lida;
Com entranhas de pai ledo abençoa
A progenie gentil que a olho pula.
Não vês como o fantasma do silencio
Erra, e pára o bulicio dos viventes?
Só quebra esta mudez o pastor simples,
Que, trazendo o rebanho dos pastios,
Co'a suspirosa flauta ameiga os bosques.
Feliz! que nunca o ruído dos banquetes
Do estrangeiro escutou, nem alta noite
Foi á porta bater de alheio alvergue.
Acha no humilde colmo os seus penates,
Como acha o grande em soberbões palacios;
Alli tambem no ouvido lhe estremecem
De mãi, de amigo os maviosos nomes;
Conviva dos festins da natureza,
Vê perfazerem-se as funcções mais altas:
O homem nascer, morrer, e deixar prantos.
Agora ia entre prados, após Laura,
O ardido vate magoando as cordas;
E a selvatica virgem, recolhendo
A grave dôr christãa, que a assoberbava,
Do mancebo cedia á paixão nobre,
Grande e sublime, como os troncos do ermo...
Ai! misera Atalá!... mas rasga o fogo,
E o sino sôa pelas brenhas broncas.

Tarde, serena e pura, que lembranças
Não nos vêns despertar no seio d'alma?
Amiga terna, dize-me, onde colhes
O balsamo que esparges nas feridas
Do coração? Que apenas dás rebate,
Cala-se a dôr; só geras no imo peito
Mansa melancolia, qual ressumbra
Em quem sob os seus pés tem visto as flôres
Irem murchando, e a treva do infortunio
Ante os olhos medonha condençar-se.

Longe dos patrios lares, quem não sente
Os arreboes da tarde contemplando
Um subito alvoroço? Então pendiamos
Dos contos arroubados que vertêrão
Propicios deoses nos maternos labios;
E branda mão apercebia o berço
Em que tenros vagidos affagava
Infausto annuncio de vindouras penas.
Sobre o poial sentada a fiel serva,
Que vezes attendei, chamando ao pouso
A ave tão util que arrebanha os filhos,
E adeja e canta e pressurosa acode!

Co'a turba de innocentes companheiros,
Agora sobre a encosta da collina,
A casta lua como mãi saudavamos,
E supplicando que nos fosse amparo,
Em jubilosa grita ao ar rompiamos.
Mas da puericia o genio prazenteiro
Já transpoz a montanha; e com seus risos
Recentes gerações vai bafejando:
Áquem ficou a angustia, que moderas,
Ó compassiva tarde! Olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pezadumes:
Ao som dos ferros o instrumento rude
Tange, bem como em Africa adorada,
Quando (tão livre!) o filho do deserto
Lá te aguardava; e o echo da floresta,
Da ave o gorgeio, o trepido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras,
Tudo, em cadencia harmonica lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida.

Não mais, ó Musa, basta; que na noite
Os pardos horisontes se tingirão,
E me pesa e carrega a escuridade,
Oh! venha a feliz era que, da patria
N'essas fecundas dilatadas veigas,

Tu mais suave a lyra me temperes:
Da singela Eponina acompanhado,
Na escura gruta que nos cava o tempo,
Hei de ao valle ensinar canções mellifluas:
Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,
Nos alvos pomos, no ademan altivo,
Irei tomar as côres que retratem
Da natureza os intimos segredos:
Do ardor da esposa; do sorrir da filha;
Do rio, que espontaneo se offerece;
Da terra que dá fructo sem o arado;
Da arvore agreste, que na densa grenha
Abriga da pendente tempestade,
A sobreolhar aprenderei haveres,
A fazer boa sombra ao peregrino,
A dar quartel a errado viandante.
Lá estendendo pelos livres ares
Longas vistas, nas dobras do futuro
Entreverei o derradeiro dia...
Venha; que acha os despojos do homem justo.
Ó esperança, toma-me em teus braços;
Com a imagem da Patria me consola!

O SONHO[1]

O furacão da morte
Entra medonho os campos da existencia,
Perdoa a seccos troncos,
Leva comsigo florescentes plantas,
Cuidados do colono esperançoso.

Sobre o meu leito pobre
Se debruça a cruel, fita-me os olhos;
Um perfido sorriso
Lhe torce os beiços pallidos... já vejo
As magoas, as saudades da partida,

[1] Em algumas collecções, bem como no *Parnaso Maranhense* (1861), pag. 214, vem com o titulo — *A Morte*.

Da patria o doce ninho,
Da mãe (tão terna!) as lagrimas sentidas,
Dos irmãos, dos amigos,
O ultimo adeus; e em Lethes ensopado
O negro manto, que me cubra a campa!

Quão triste a final scena!
Mas o quadro da vida inda é mais triste!
As breves alegrias
N'um só ponto apparecem mal distinctas,
E sombream-lhe o fundo os infortunios.

Que bens ha cá na terra?
O crime estende o formidavel sceptro;
Raro fulge a virtude;
Em torno ao coração o prazer vôa,
A dor penetra, e vai sentar-se no amago!

Eu, que em meus devaneios
Sonhei tanto com glorias e venturas,
Vi sempre derribadas
As esperanças; e o pungente alfange
Da desfortuna contra mim alçar-se.

No circulo afanoso
De meus juvenis annos nada tenho
Que agradeça ao destino.
Da velhice os pezares me aguardavam!
Contente apararei o extremo córte.

O MEU RETIRO

Se Deos propicio os votos me attendesse,
Certo não me daria copia de ouro,
Nem levantar nas orgulhosas praças
Egregios torreões, alvo da inveja:
O tronco a que meu pai se recostava,

O sitio em que nasci, o pomar fresco
Onde a primeira vez amor sorrio-me,
De tão longe me chamam, me convidam,
Que no patrio regaço vá lançar-me.
Sem enxergar o fumo da cidade,
Sem lhe ouvir o estampido das borrascas,
Meus alvos dias gozarei inteiros
Sob a choça de palmas enramada.
Soltar-me anceio em valle solitario,
Não porque odio professe á tão mesquinha
Progenie da mulher, mas á franqueza
Entrada veda trivial perfidia,
E ali me acerco de familia estreme,
Entro-a no peito, estreito-me com ella:
E o costume de amar guia á virtude.

O movedor eterno dos destinos
Largo espargio no orbe os bens e os males;
Não lhe indago a rasão: melhor me fôra
Que o tempo, para quantos me são caros,
Se devolvesse perennal remanso;
Porém, se algum primeiro a campa cobre,
Se entra-lhe á casa a misera desdita,
Para ornar meu retiro, o ceo me outorgue
O orphão que á tosca sombra de meus tectos
Guarida encontre, e em vinculo sagrado,
Do pai, do amigo, a geração estenda.
Embora então me arroje no sepulchro
O fatal gume, não estranho, a fronte
Contente curvo, que me sobra em annos
Quem minhas cinzas regue, e a longos brados
Quasi do ferreo somno me desperte.

Se ao homem descompanha a molle inercia,
Farto banquete os genios campesinos
Em frugiferos troncos lhe apresentão
Esqualida mulher aduladora,
Fel vertendo dos beiços a pobreza

Se lhe aproxima á porta, mas recúa
Ao reluzir da carcomida enxada.
Emquanto aos pés dos grandes, o opulento,
Aos pequenos soberbo, honras mendiga,
Da sofrega ambição contra as lançadas
Ergue o agreste adamantino muro,
Seguindo a trilha da vivaz natura.
Comparte o leito seu, limpo e fecundo,
Donde a Themis, a Ceres, a Mavorte
Tem de manar alumnos prestadios.
Por guapas companhias bocejantes
O insomne regosijo não revoa
Na pacifica aldeia; mas é grato
Observar o horisonte ao romper d'alva,
Escutar o gemido da floresta,
Beber o alento nos delgados ares,
E em derredor da ovelha, em leves saltos,
Ver o viçoso folgasão cordeiro.

Nos gostos de uma esposa? Dessas brenhas
Na filha attenta: as faces lhe avermelha
Frugal mesa, trabalho moderado,
E, mais que tudo, a candidez e o pejo.
Boa mãi, amadora da simpleza,
Os filhinhos do seio pendurados
Não lhe murchão as graças; no semblante
Ledos sorrisos lhe derrama o jubilo,
Quando póde affagar com mão mimosa
A tão cruenta chaga do infortunio.
Oh! que intimo alvoroço as fibras d'alma
Lá me tem de abalar, se inesperado
Eu avistasse no arvoredo proximo
O meu querido Ernesto[1], que em demanda
Do meu retiro placito caminhe.
Mal que eu tão doce nome balbucie
Entalado em suspiros, a consorte

[1] Ernesto Ferreira França.

Há de entre os braços apertar o amigo
Que honrou minhas desgraças com seu pranto;
Do hospede, então, conforme á singeleza
Tenho de preparar festim campestre
Que o coração profundo lhe lateje.
Assim que a luz aponte matutina
As filhas mandarei, dessas florestas
Nymphas louçãas, tecer uma capella,
Chamar as companheiras do contorno
Que, com suaves cantos e tangeres,
Espalhem pelos ares a alegria.
Depois que dermos volta ao deleitoso
Breve jardim, na sobervada gruta
Lhe mostrarei o tumulo paterno:
Lá junctos versaremos no futuro,
Grande, condigno assumpto q'em dous animos
Amizade maior entranha e arreiga.

Debaixo de odorifera latada
Altar de relvas hei de ter já prestes.
Onde, enfeitado de gentis boninas,
O quadro se colloque magestoso
Da que deu na masmorra virgem leite,
Fonte de vida ao já caduco velho,
Do filial amor exemplo nobre.
Posta no amavel hospede a corôa,
Aves pousadas nos arborios topes
Os quebros naturaes entremeiando,
Farão mais consonante o côro alpestre
Quando o cantico rompa mavioso:

«Semelha o amigo nosso á ingenua moça:
«Ama e se acolhe ao pai, com tanto anhelo,
«Como a seu ninho a roladora pomba.
«Feliz quem póde em braços dos penates,
«Com os olhos de morte carregados,
«Adormecer. Só deixa uma lembrança,
«E transita do mundo á etherea patria.

«Por quem nos procreou affecto sumimo
«Sentimos todos; mas prendeu-se no amago
«Do affavel peregrino uma ternura
«Que a querer nos ensina com mór brio.
«Semelha o amigo nosso á ingenua moça:
«Ama e se acolhe ao pai, com tanto anhelo,
«Como a seu ninho a roladora pomba.»

É força entre os prazeres vir a magoa
Sentar-se. Deixarás nossa cabana,
Meu bom amigo, e em lagrimas envoltos
Árvore na collina plantaremos
Que denote o saudoso apartamento.

M. Odorico mendes.

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

Nota B

... producções que tinha em menos preço — pag. 163

AO ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DO MARANHÃO

Surgindo d'entre as ondas brilhantadas
Do sol meridiano á luz dourada,
Qual outr'ora surgiu da branca espuma
Nas cyprias aguas a formosa Venus;
Aqui, d'onde o destroço miserando
Dos naufragos baixeis d'Ayres da Cunha
Verde-negros tristões pasmados viram;
Ilha feliz se c'rôa de verdura
No argentado do pégo crystallino,
Mansão vernal do Zephiro macio,
D'amavel Flora, e genios bemfazejos,
Protectores d'America: que ás festas,
Que á dança estrepitosa presidiam
Do homem natural, quando, fugindo
Das regiões do Austro, ás nossas praias,
Em guerras sanguinosas succumbido,
Vago Tupinambá pedia azilo,
Sob o peso vergado sacro-sancto
Dos ossos dos maiores. Mas, voarão

Sobre as azas dos ventos, açodados
Esses amigos Genios, mal que Europa,
Com a policia e artes de mixtura
Seus vicios nos mandou (funesta herança)
Em retorno do ouro d'estes climas.
Attonitas então as filhas virão
Do occidental Nerêo, as pineas casas,
Quasi monstros aligeros nadando
Dos virgens mares na cerulea tôna;
E tres naçoens belligeras a posse
D'esta Ilha, por seo turno, disputar-se!
Pela primeira vez os trons medonhos
Da irada artilheria os niveos rostos
Das Driades gentis dos nossos bosques
De susto empallidecem. Sangue em chorro
Banhou por vezes a arenosa praia,
E de brancas as ondas fez vermelhas!
Té que ao braço esforçado de Barreiros
Cede o colono Batavo, que os hymnos
Inda ha pouco cantava da victoria.
Longos évos decorrem, e gemia
Pela immensa extensão da Terra America
Curvado ao jugo o Americano inulto:
Mas ao Norte fuzilla a grata aurora
Da Liberdade, esquiva ao resto do Orbe:
Os sagrados pendões primeiro em Boston
Aos ventos tremularam matutinos,
Exemplo ao Novo, exemplo ao Mundo Antigo!
Ao brioso reclamo, emfim desperta,
Da dura escravidão no torpe somno,
O Americano Austrino, e os ferros quebra
Á voz da Deusa, presto, que ribomba
Da foz de San'Lourenço á foz do Prata!
Filha dos Ceos, avulta a Liberdade:
Co'a frente luminosa os astros tóca,
E um pé no Mundo Novo, outro nas Gallias,
Do adamantino escudo luz vibrando,
Com que as trevas dissipa do erro infenso,

Transpôr ameaça as Hyperborias serras,
E aos fóros seus revendicar a terra.
Corre a Deusa o Brazil, seus dons nos verte:
E no vôo altaneiro não se esquiva
De visitar-te, oh Patria! Ilha mimosa!
Fecundo Maranhão! Tres vezes salve,
N'este aureo dia, que pasmou de feito,
Por teus filhos o brado, quando o jugo
Sacudirão de si: da lapa algosa
Ergue o Bacanga a madida cabeça;
E celebrar se apraz o teu triunfo,
Como que as margens do mais bello verde
Se arreia, se tapiça: as Nimphas suas
Com alfernado pé ferindo a terra,
Mil danças trançam de chistosa graça...
O campo ferve em jogos, em tripudios...
Subindo aos ares vão alados Hymnos,
Festivos nuncios d'alegria nossa,
Do prazer que borbulha em nossos peitos...
Volvendo eterno nos fusis do tempo,
Seja oh Dia feliz, tua memoria
Aos estranhos assombro — aos nossos gloria!

FRANCISCO SOTERO DOS REIS.

(Do *Pharol Maranhense* n.º 321, de 28 de julho de 1831.)

Nota C

Noticia sobre o fallecimento de F. Sotero

... que as lettras patrias acabavam de soffrer — pag. 165

Fallecimento. — Perderam as boas lettras patrias um dos seus mais distinctos ornamentos com a morte do respeitavel ancião o sr. Francisco Sotero dos Reis. O illustre fallecido passa d'ora em diante a occupar invejavel logar no Pantheon das nossas glorias litterarias.

Erguendo-se para a vida pública com a geração da independencia, tornou-se notavel como jornalista na sustentação dos principios da eschola da auctoridade, principios que sempre defendeu na imprensa e no seio da representação provincial, de que fez parte por muitas e repetidas legislaturas.

Muito moço ainda dedicou-se ao magisterio, prestando na cadeira de professor os melhores serviços á nossa mocidade. Tamanha foi esta sua vocação e tão identificado vivia com o magisterio que poucos dias antes de se lhe extinguirem os alentos vitaes e já muito enfraquecido pela enfermidade, que o levou ao tumulo, ainda os seus discipulos ouviram-lhe a voz na cadeira de professor.

Philologo profundo, cultor assiduo e approveitado das lettras classicas em cujo gosto formou a sua individualidade litteraria, deixou-nos o sr. Sotero dos Reis trabalhos de incontestavel merito e mais que bastantes para testemunharem-lhe a gloria e abonarem-lhe o talento. O seu *Curso de litteratura brasileira e portugueza*, a sua magistral traducção dos *Commentarios*, de Cesar; ainda a sua inedita versão da *Phedra*, de Racine; as suas *Postillas* de grammatica, e a sua *Grammatica da lingoa portugueza* muito lhe recommendam o nome, laureando-o por maneira muito distincta.

Pena foi que já velho se resolvesse o nosso illustre concidadão a colleccionar e a publicar os seus escriptos, assim como que a necessidade de prover pelo magisterio aos meios de sua sempre honrada existencia, lhe roubasse grande parte do seu tempo, que, se mais livre e folgado o tivesse, podera ser mais larga e abundantemente applicado a composições litterarias. No pouco, porém, que nos deixou impresso e colleccionado, ha um rico legado de insigne trabalho e utilissimo serviço.

Falleceu o sr. Sotero dos Reis aos 71 annos de idade, deixando uma filha e dous filhos, que lhe pranteam sentidamente a morte, e a cujo luto associa-se a provincia e o paiz inteiro.

Era o sr. Sotero dos Reis incontestavelmente uma das nossas glorias nacionaes.

Muito fez em sua vida em honra e utilidade da patria, que será sempre reconhecida ao seu nome.

A redacção d'este jornal manifesta d'este modo o pezar que sente por tão infausto acontecimento.

(O Liberal, nº 6, de 21 de janeiro de 1871.)

Fallecimento.—É immensa a perda que acabam de soffrer as lettras patrias.

Hontem pelas 4 horas da madrugada falleceu o erudito professor Francisco Sotero dos Reis, o decano dos professores do Maranhão, philologo illustre, latinista sem igual no paiz, grammatico sem superior nas duas nações em que se falla o portuguez.

Não ha n'estas palavras uma a que não tenha direito o sabio mestre, que a morte veio surprehender no meio de trabalhos que hão de perpetuar o seu nome. Por ellas se avalie a enormidade da perda.

Viveu o illustre finado cerca de 70 annos, e d'estes mais de 50 foram dedicados ao ensino da mocidade e ao jornalismo, no qual fez a mais conspicua figura. Nos primeiros annos de sua mocidade subio á cadeira do magisterio, da qual só desceu para baixar ao tumulo. E n'este longo periodo nem honras, nem empregos, nem augmento da fazenda pagaram-lhe tamanho serviço á patria e á humanidade.

Empregos, alem d'aquelles a que só para servir o paiz nunca se negara, apenas teve um—o de professor de latim do lyceu. Honras, alem das que lhe dava o proprio merito e lhe hão de guardar os livros que escreveu só lhe conferiu o governo o gráo de cavalleiro de Christo.

Se como cidadão o venerando finado foi dos brasileiros mais distinctos, como homem particular era de um caracter nobilissimo, de notoria mansidão, conciliador, e singularmente bondoso.

Foi um cidadão prestante em todos os sentidos.

Em signal de dôr estiveram hontem fechados o lyceu, os collegios de meninas e meninos e os seminarios.

Numerosissimo concurso de pessoas de todas as classes, desde o presidente da provincia, levaram o feretro ao cemiterio da Misericordia.

(O Paiz, n.º 7, de 17 de janeiro de 1871.)

Fallecimento.—Hoje ao amanhecer receberam os habitantes da capital a triste e fatal noticia de haver fallecido ás cinco horas da madrugada o profundo litterato e nosso primeiro philólogo, Francisco Sotero dos Reis.

A morte de um cidadão em taes condições é uma calamidade publica.

Não perdem com elle só sua familia e seus amigos, mas tambem a patria e as lettras.

É mais uma gloria maranhense que sahe da scena do mundo para ir occupar o seu logar na historia.

Sotero dos Reis, ainda hontem vivendo entre nós, hoje é apenas uma recordação que pertence ao passado. Começou para elle a posteridade ganha pelas suas glorias litterarias.

Não morrem inteiramente os homens como elle. Cessa uma vida para começar outra. É a eternidade no mundo, se assim se póde dizer.

A sciencia, a litteratura nacional, a imprensa, o magisterio, a patria, illustrados todos pelos seus serviços, e pranteando todos a sua morte, cobrem-se de pesado lucto.

Este jornal, que por seis annos laureou-se com os seus escriptos, lamenta sentidamente a morte do seu ex-redactor.

Hoje á tarde terá logar o seu enterro.

(O *Publicador Maranhense*, n.º 12, de 16 de janeiro de 1871.)

Enterramento.—Conforme noticiámos, foram hontem á tarde conduzidos ao cemiterio da Santa Casa da Misericordia os restos mortaes do conspicuo varão, Francisco Sotero dos Reis.

Acompanhavam o funeral seguramente quatrocentas pessoas, muitas das quaes, não havendo recebido convite, compareceram todavia para render justa e expontanea homenagem ao fallecido.

Faziam parte do sequito os alumnos dos collegios de S. João e da Immaculada Conceição.

Pegavam nas alças do caixão o ex.mo sr. dr. Augusto Olimpio Gomes de Castro, presidente da provincia, e os ill.mos srs. dr. Gentil Homem de Almeida Braga, Francisco José Gomes Pereira, Luiz Carlos Pereira de Castro, commendador Luiz José Joaquim Rodrigues Lopes e William B. Wilson, vice-consul inglez.

O prestito, tendo sahido com alguma demora, chegou ao cemiterio quasi ao anoitecer. Ahi teve logar a encommendação acompanhada de musica.

Em seguida foi o corpo carregado a pulso por amigos do fallecido até o logar em que tinha de ser sepultado. N'esse momento solemne o sr. dr. Jorge Junior leu um breve discurso—expressão sincera dos sentimentos que o ligavam ao illustre morto.

Hontem suspenderam os seus trabalhos em manifestação de pezar por tão sensivel perda para o ensino da mocidade, o lyceu, os seminarios, e os diversos collegios de meninos e meninas.

Foi geral e immenso o sentimento que causou a morte de tão eximio litterato e bom cidadão.

O numeroso acompanhamento que teve o seu cadaver prova-o irrefragavelmente, attenta a modesta posição social do fallecido.

Os signaes de magua e pezar que foram dados por esta occasião, não tiveram outro movel senão a merecida consideração e respeito que inspiravam suas raras qualidades pessoaes e o seu merito litterario,—foram homenagens ao saber e á virtude.

Eis o discurso do sr. dr. Jorge Junior:

Cujus memoria in benedictione est.
Sua memoria é abençoada.

(Livro do Ecclesiastico, cap. XLV, n.º 1.)

SENHORES!

O cadaver que temos á vista é o de um varão distincto por suas luzes; distincto pelos seus profundos e especiaes conhecimentos nas linguas portugueza e latina; distincto pelo seu desinteresse mundano, ainda com relação á honra e cargos publicos; distincto como um dos maiores perceptores da mocidade brasileira, especialmente da maranhense, em cuja instrucção muito se comprazia, de preferencia a tudo, pelo que essa mocidade no geral sempre lhe consagrou o maior respeito de que era merecedor. Muitos dos nossos concidadãos, que já occuparam ou ainda occupam elevados cargos no Brasil foram seus discipulos.

Pelo que me diz respeito, me honro e muito de haver ouvido suas prelecções, tanto na sua propria casa, como no Lyceo, de que foi um dos maiores ornamentos; e com sincero e alto reconhecimento aqui o declaro junto ao seu jazigo como o declarava sempre que azada occasião se offerecia—que se de negocios de imprensa alguma cousa entendia e entendo, não só em matéria de composição e provas, como de artigos apropriadas aos casos occorrentes, o devo em grande parte a este illustrado finado, a quem sou muito agradecido pela consideração com que me tractava; e porque sendo eu

ainda mero estudante do Lyceo, me confiava nos seus impedimentos de molestia e outros a direcção dos jornaes a seu cargo, e nunca cessou de abonar a minha conducta de estudante e de particular, embora depois de minha formatura divergentes andassemos uma ou outra vez em negocios politicos.

Acreditae, senhores, o sr. Francisco Sotero dos Reis, que nasceu n'esta cidade do Maranhão a 22 de abril de 1800, e morreu assim na idade incompleta de setenta e um annos, era um dos nossos mais illustrados e desinteressados concidadãos: seus escriptos e a parcimonia em que vivia são as melhores provas do que vimos de dizer; e por isso, sem lisonja o digo—as lettras patrias, a imprensa, a mocidade brasileira, especialmente a maranhense, muito perderam com a morte de tão digno brasileiro: o seu simples nome Francisco Sotero dos Reis constitue o seu elogio—*Dilectus Deus et hominibus.* Amado de Deus e dos homens.

Não preciso estender-me a mais em relação a um varão tão esclarecido e geralmente conhecido na republica das lettras. Concluo, pois, pedindo a seus dignos filhos e parentes—que acceitem meus leaes e intimos pezames, e que se resignem com a determinação de Deus, c a este que tenha a alma do sr. Sotero na mansão celeste.

Maranhão, 16 de janeiro de 1871. JORGE JUNIOR.

(*Idem,* n.º 13, de 17 de janeiro de 1871.)

Homenagem á memoria de Sotero dos Reis.—Lê-se na *Reforma:*

Onde quer que se falle a lingua de Camões será sensivel a noticia de haver fallecido o eminente e abalisado litterato.

Os que conhecem Sotero dos Reis pelas obras que elle publicou, apenas admiram uma face d'aquelle robusto talento. Jornalista, orador e professor eximio, a elevação de seus conhecimentos revelava-se de um modo surprehendente, fosse na tribuna legislativa, fosse na cadeira do magisterio, que elle exerceu durante cincoenta e dois annos.

O que dizer do *Curso de Litteratura?* Que é um livro sem precedentes tanto aqui como em Portugal?

Que a par da biographia dos escriptores e da analyse litteraria

de suas obras, cada capitulo do *Curso* é um modelo de vernaculidade e pureza de dicção?

Não ha quem o ignore, e a prova está na alta estimação em que é tida a traducção do illustrado maranhense.

Como jornalista, Sotero dos Reis sempre primou pela erudição com que discutia as questões doutrinarias, e da mesma fórma era a sua palavra muito reverenciada, sempre que na assembléa provincial do Maranhão elle tomava parte nas questões mais renhidas e importantes.

Na vida domestica Sotero dos Reis foi um varão digno de todo o respeito. Caracter austero e de boa tempera, chão, ameno e serviçal, tirava os recursos para a sua subsistencia trabalhando dia e noite com animo alegre e firmeza stoica.

Sua honrada familia, a quem elle lega um grande nome e uma grandissima pobreza, hoje que recebe palavras de pezames, deve ter uma consolação, e é, que as lettras nacionaes tambem se acham de luto e contristadas.

(*O Paiz*, n.º 38, de 19 de março de 1871.)

UMA LAGRIMA

Na campa do muito illustrado erudito Francisco Sotero dos Reis

Offerecido a seu discipulo apreciador e amigo o ill.mo sr. Luiz Carlos Pereira de Castro

I

O viajor errante que n'este vasto deserto, aborrecido d'um luctar debalde, volve os olhos cansados e observa esses passos de gigantes que o tempo tem atravessado desde a epocha da creação até o presente, deixando tristes vestigios na vida humana, sente dois rios de lagrimas banharem-lhe a fronte resequida pela descrença, sente comprimir-lhe o peito a pesada mão da realidade, e de envolta com essa espectativa muitos momentos se lhe escoam na ampulheta da vida, e é ainda n'esses momentos que vem repassar-lhe a alma lembranças transidas da mais acerba saudade d'aquelles que lhe foram caros, e ainda mais d'aquelles que legando um nome illustre á sua patria, os acolhia, modestamente, á sombra de suas glorias.

II

O dia 16 de janeiro será de pungentes e acerbas recordações para todos os brasileiros... ah! e talvez para os dois paizes onde se falla a lingua portugueza.

Hoje acaba de ceifar a fouce voraz e impiedosa da morte uma existencia preciosa para as lettras brasileiras, hoje o peso glacial da morte parece passar em todos os corações brasileiros, hoje finalmente a lousa do sepulchro separou-nos, na lagrimosa carreira da vida, uma das primeiras cabeças litterarias do Brasil e uma pagina da historia maranhense coberta com o negro crepe da existencia se fechará para mais tarde mostrar á posteridade a dôr perenne que a repassára.

Oh!... quem diria, se não fôra a voz imprescriptivel da realidade, que tanto calor de imaginação, tanta força de espirito, tanta intelligencia robustecida por um apurado e longo estudo havia baquear a um leve sôpro? Nós que comprehendemos esse inseparavel da vida, vacillemos ante a verdade e essa apparencia de fórma humana? Porém o dia 16 de janeiro veiu rasgar esse véu sacrilego da descrença e mostra-nos: um corpo quasi inanimado sobre o leito, perdendo pouco a pouco os traços de vida que lhe restavam, uma familia desvelada que via fugir os ultimos instantes d'aquelle pae estremoso, e esse homem-rei, outr'ora forte, robusto, agora inerte, e a respiração, outr'ora forte pela elevação de seu espirito, vae morrendo até á flor dos labios; e volvendo os olhos cansados para o firmamento, como se fitasse uma janella da eternidade «partira-se-lhe a alma n'esse instante», e o pallido e tenue clarão da lua, de envolta com as sombras, perdia-se na escuridão, semelhando ao anjo pallido de seus dias, que fugia para a eternidade o grito de dôr que em acordes plangentes e tristes soaram nos ambitos d'aquelle aposento, arrancado por aquella familia desvelada e amante, e aquelles olhos vellados pela morte, tudo dizia que acabava de exhalar o ultimo suspiro Francisco Sotero dos Reis. Oh!... espectáculo lagrimoso!

Chorae, corações brasileiros!

Chorae, que esses brandões que ora despedem funereo brilho junto a esses luxuarios crepes, não sabem dizer o que dizem vossas lagrimas da alma!

Chorae!

Guardae essa dôr dentro em vossas almas, e ide sempre guardados pelos sombrios ramos do cypreste derramar uma lagrima na campa d'aquelle que á sombra de suas glórias tanto elevou o Brasil.

Vós, discipulo inseparavel, apreciador como eu, d'esse talento cuja ausencia sempiterna agora choraes, recebei sincero pezame, e juncto ás vossas consolações, levae ao seio d'essa familia uma lagrima de dôr.

Maranhão, 17 de janeiro de 1871. E.

SONETO

Á sentidissima morte do muito illustrado litterato brasileiro Francisco Sotero dos Reis

Vencendo a amplidez da noite escura,
Vae feliz gosar da paz da glória,
Entre os justos dos céus cantar victoria
Do divino Sotero a alma pura.

Seu nome mesmo alem da campa escura
Viverá de todos na memória;
Não póde, um nome que nos trouxe gloria
Jazer c'o a morte em fria sepultura.

Já alto sôa entre as duas nações
O altivo nome do illustre mestre,
Coberto de sinceras oblações.

Da rica lingua do immortal Camões
Que é feito agora do erudito mestre?
Ai... chorae brasileiros corações...

18 de janeiro de 1871. N.

(O Publicador Maranhense, n.º 21, de 26 de janeiro de 1871.)

Á memoria do distincto philologo maranhense o sr. Francisco Sotero dos Reis

Salvete, o cari cinires, mihi tempus in omne;
Sitque aeterna quies, sit quoque terra levis!

VIRGILIO.

I

Após o gyro brilhante
Na órbita da existencia,
Bello astro radiante
Parou juncto á Omnipotencia!

É que o tempo era marcado
No livro do seu destino!
É que o astro já cançado
Parou em logar mais dino!

O meu estro symbolisa
O philólogo profundo,
Cuja glória se eternisa,
Deixando fama no mundo!

As lettras mimoseando
No trabalho sempre austero,
O astro foi-se apagando,
Já não existe Sotero!

II

Se entre os vultos meritorios
Do nosso bello paiz
Deploramos merencorios
Um vulto de San'Luiz,
Podem-nos bem compensar
Seus discipulos talentosos,
E os monumentos formosos
Que o hão de immortalisar!

Sempre assiduo no trabalho,
Homem de vasta lição,
Era o frondoso carvalho,
Que resistia ao bulcão!
Tendo virtudes christans,
Avêsso á louca vaidade,
No peito tinha a piedade,
Desprezando as honras vans!

Professando honrosamente
A carreira magistral,
Na tribuna honestamente
Servio a terra natal.
Nos cargos que sempre honrou,
Dos quaes jamais abusava,
Exemplo honroso elle dava
Da justiça que presou.

Das musas cultor profundo
No metro me dirigiu;
Inda nóvel eu no mundo,
Meus ensaios corrigiu.
Do incansavel professor
Á veneranda memoria
Lhe tribute a nossa historia
Um logar d'alto primor.

III

Juncto á urna funeraria
Eis a cr'oa que deixei;
Eis a inscripção não falsaria,
Que na base lhe gravei:

«Cansado já da existencia,
«Aqui repousa, aqui jaz
«Das lettras uma excellencia,
«Que só do bem foi capaz!

«A litteratura honrando,
«No trabalho sempre austero,
«Qual astro foi-se apagando,
«Já não existe Sotero!

S. Luiz, 19 de janeiro de 1871. J. de C. Estrella.

(*Idem*, n.º 15 de 19 de janeiro de 1871.)

Fallecimento.— Acaba a litteratura brasileira de perder um de seus melhores, senão mais uteis representantes. No dia 16 do mez passado (janeiro) falleceu na cidade de San'Luiz do Maranhão o sr. Francisco Sotero dos Reis, profundo latinista e consummado philologo.

Varão simples e modesto nas suas aspirações, consagrou todas as horas uteis da sua longa existencia no ensino da mocidade, fazendo do magisterio um apostolado. Já no ultimo quartel da vida, quando o corpo avelhentado pedia descanço, começou no emtanto, instado de seus numerosos amigos e discipulos, a produzir os fructos de seu immenso cabedal d'estudos, dando á publicidade n'estes derradeiros annos: — *Commentarios de Julio Cesar* (traducção), *Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra, seguidos d'immediata applicação practica* (1866), *Postillas de grammatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos*, etc., (1868), e *Curso de litteratura portugueza e brasileira*, de que sahiram 4 tomos.

Nos seus trabalhos sobre grammatica illucida e discute com profundeza, methodo e perspicuidade muitos pontos até hoje duvidosos, e no *Curso de litteratura* appresenta um corpo de doutrina assaz completo, tendo de mais o merito de ser o unico de seu genero na lingua portugueza.

Encontra-se de pag. 379 a 383 do tomo IX do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva uma noticia mais desenvolvida sobre este illustre litterato.

(*Jornal do Commercio* de Lisboa, n.º 5198, de 21 de fevereiro de 1871.)

Nota D — pag. 178

Juizos da imprensa sobre suas obras

Boas lettras

Lisboa, 2 de julho de 1867.

Ill.mo sr. Francisco Sotero dos Reis: — Não estarei eu já incurso na pena de desagradecido, por nem sequer ter accusado o recebimento da *Grammatica portugueza* com que v. s.ª me brindou? Na duvida, appello confiado, para o generoso affecto com que vejo sou honrado por v. s.ª

Não ha homem mais pobre de horas do que eu. Faltam-me para metade das coisas indispensaveis; para deleites minguam-me totalmente. Desejava conhecer bem o livro antes de o agradecer, e promettia-me não pequena satisfação d'essa leitura; mas por mais que espreitasse momento livre não o vi chegar.

A um latinista como v. s.ª já se póde sem desconveniencia citar o nosso Horacio:

> Rusticus expectat dum defluat amnis: at ille
> labitur, et labetur in omne volubilis aevum...

Roubo pois o tempo que não tenho. Examino, ainda que só por alto, este fructo do grangeio litterario de v. s.ª, e dou-lhe já os parabens de se empregar com tanto amor e zêlo na instrucção da mocidade e no cultivo da nossa formosa lingua.

Direi eu a v. s.ª que tudo nas suas paginas me pareceu igualmente bem? a lisonja não se inventou para os homens superiores. V. s.ª não a merece: pontos ha, tenues sim, mas ha-os, em que as minhas theorias sobre a linguagem, algum tanto discrepam das de v. s.ª E vá outra vez Horacio (eu moro n'um torrão a que chamam Tibur):

> viciis nemo sine nascitur; optimus ille est,
> qui minimis urgetur.

Sobre assumpto nenhum se tem escripto mais que sobre grammatica. As portuguezas não tem já conto; e dado que a maior parte e a quasi totalidade d'ellas, pouco mais façam que recopilar as pre-

cedentes, creio que nenhuma se poderia jámais gabar de estar em perfeita congruencia com as idéas de todos os leitores.

São porém essas em geral meras questões de lana caprina ou pouco mais. Não vale a pena, nem já fica bem n'este seculo de trabalhos uteis, imitar o mestre do Tolentino:

> que co'a pitada na mão,
> revolvia altos mysterios,
> do adverbio e conjuncção.

Eu em materias de ensino, vou sobretudo para o practico, para o applicativo, para o terra-terra, para o muito intelligivel, muito claro e muito ameno, porque sei que nada repugna mais a quem estuda do que as abstracções, e as theorias que são alturas quasi sempre nebulosas.

Se eu fosse condemnado a fazer uma grammatica, parece-me que havia de seguir n'ella um methodo contrario ao de que se usa em todas as nações: não havia de começar pelas regras, que são já a synthese dos exemplos, mas sim pelos proprios exemplos, que, bem desfiadinhos e bem repetidos, estilam de si as regras, tão puras, tão nitidas, tão claras, que basta olhal-as para as ficar sabendo, sem ter sido preciso decorar coisa alguma.

Para que servem definições abstrusas, e as mais das vezes bem pouco philosophicas, para incutir doutrinas tão faceis de si, que, no que ellas têem de real quasi que tanto sabem os discipulos como os mestres, sendo a unica vantagem dos mestres aquelle ar scientifico, verdadeiro assassino da sciencia como bem lhe chamava Rousseau!

Porque se ha de persistir em cerrar os olhos e os ouvidos ao que a natureza mesma, mostra e prega a todos os entendimentos summos e infimos! É ou póde ser a grammatica uma sciencia recondita, um privilegio para alguns espiritos, uma maçonaria de lyceus de que o povo seja excluido como profano? Decerto não. Uma vez que todos fallam, e entendem o que se falla, é intuitivo que todos são grammaticos, um tanto é verdade á maneira de Mr. Jourdain no *Bourgeois Gentilhome:* «Par ma foi, il y a plus de quarente ans que je fais de la prose sans que j'en susse rien; et je vous suis le plus obligé du monde de m'avoir apris cela».

O tirocinio não podia, não devia ser outro, se este mundo não fôra todo de meras vanidades e conhecidos enganos mutuos, não de-

via, repito, nem podia ser outro, senão a demonstração e emenda dos solecismos, em que ás vezes descambam no fallar as pessoas carecentes de toda a cultura. Até aqui pedia-o a necessidade, e devia-se conceder; mas tudo que é d'aqui para diante introduziu-o, e sustenta-o, e ha de sustental-o ainda por muito tempo, a vaidade e a charlatanaria.

Ha ensinadores de grammatica, e conheço-os eu, que ensinam de cór mil definições e regras; e se os mandarem escrever a minima carta póde-se apostar cem contra um, que a hão de inçar de barbarias de todo o genero.

A pseudo-grammatica das escolas, o que faz é consumir em palavrorio mezes e mezes na idade, em que os instinctos naturaes pedem coisas em vez de palavras; e se alguma coisa deixam na alma é a repugnancia ao estudo como a uma tyrania estupida, e o ruim hábito de acceitarmos e impingirmos moeda falsa no commercio dos espiritos.

É isto uma convicção minha já agora inabalavel: que no systema de ensino, especialmente das humanidades, tudo anda errado; que se deixe de ensinar, e portanto de apprender, quasi tudo que é necessario e solido, substituindo-lhe o frivolo, o inutil, e talvez, afinal de boas contas, o prejudicial! ...

Mas isto, meu caro senhor, foi uma digressão; foi uma necessidade de lançar fóra uma postema velha, e de modo nenhum pretendo que d'estes meus principios se infira desabono algum para a grammatica de v. s.ª V. s.ª submetteu-se ao costume recebido, acceito e consagrado, e se outra coisa fizesse, não seria impunemente.

Não me deterei agora em apontar algumas venialidades que me pareceu descobrir no livro de v. s.ª, e que eu sei poderem allegar em seu favor muitas auctoridades, e largo uso com acquiescencia tacita dos que pensam algum tanto acima do vulgar.

V. g.: no tocante á orthographia acho nas doutrinas de v. s.ª pontos em que a minha consciencia não concorda, mas que Deus me livre de discutir. Só indicarei algum.

Porque razão se ha de deixar tanto no vago a opção de uma base orthographica. Esse eclecticismo não será antes uma anarchia? A escripta etimologica, segundo a pretende meu irmão, etimologica inflexivelmente, tenho-a eu por inconvenientissima sobre difficilima, e incompativel com a fatal ignorancia do povo. A orthographia

fonica, o retrato fiel da palavra fallada, que seria a mais séria revolução, a mais liberal e a mais fecunda, tem, não o vejo, difficuldades enormissimas para ser acceita. A d'elle, é erudita mas impopular. A dos meus sonhos é humanitaria, é a pedra fundamental da escola primaria, mas tem contra si o batalhão cerrado de todos os que escrevem. Qual é o meio de conciliar tão oppostos extremos? que habilitações têem os alumnos ou os professores, para serem juizes nos conflictos d'estes dois methodos, conflictos que de vocabulo a vocabulo e de silaba a silaba se renovam, recrescem e se multiplicam? Que é dos diccionarios auctorisados ou auctorisaveis para lhes solverem as duvidas? Receio muito que, com o que v. s.ª estabelece n'esta parte, continuemos a ter tantas orthographias, quantos forem os tinteiros, ou ainda mais orthographias do que tinteiros, pois ha de continuar a acontecer que a mesma pessoa escreva muitas vezes a mesma palavra por modos diversissimos.

Outro reparo: porque rasão auctorisa v. s.ª com o seu bello nome o preceito velho, de se não começarem versos sem maiuscula, moda já aliás muitissimo descahida?

Mas, repito, tudo isto são apenas escrupulos, com que de sorte nenhuma pretendo invalidar nem escurecer o merito das doutissimas locubrações de v. s.ª

V. s.ª mais prudente de certo do que eu, e mais philosophicamente amigo do seu descanço, não quiz ser innovador. Acquiesceu, até onde lhe foi possivel sem grave escandalo, ao ramerrão, de todos os tyranos do nosso globo, o maior tyrano. Viu-se condemnado a uma aria estreita, e fez dentro n'ella o mais que se podia exigir de um bello talento, de um estudo indefesso, e de um verdadeiro zêlo para com a instrucção.

Receba pois v. s.ª os meus emboras e os meus agradecimentos pela sua offerta, e creia em que tenho a maior satisfação em assignar-me de v. s.ª muito respeitoso venerador e affectivo servo,

A. F. de Castilho.

(Folha dos Curiosos, n.º 12—março 1869).

LITTERATURA

Curso de litteratura portugueza e brasileira proferido pelo sr. F. Sotero dos Reis no instituto de humanidades do Maranhão. 1866[1]

Emendatissimus scriptor...

I

Uma das folhas do Maranhão dera o anno passado a boa nova de que o eminente litterato, o sr. F. Sotero dos Reis, a instancias de seus amigos, resolvêra publicar em livro as lições que proferira na cadeira de litteratura que tão brilhantemente rege no Instituto de humanidades da cidade de S. Luiz.

Era de certo para lamentar que a palavra, tão castigada e rica de erudicção do distincto professor fosse condemnada a expirar dentro do estreito recinto de uma sala. Que damno para as letras patrias, para a gloria desta terra, para essa mocidade que ahi vem cheia de talento e avida de saber, com a fronte a lampejar de esperanças risonhas e trazendo no coração o presentimento de grandes destinos — que vivessem só a vida ephemera da palavra as luminosas lições em que o illustre velho accumulára os opulentos resultados de longos trabalhos e as revelações de uma intelligencia privilegiada!

Accedendo felizmente ao justo desejo de seus numerosos admiradores, o sr. Sotero poz mãos á obra, reviu seus esboços; concertou-os, ampliou-os; accentuou-lhes as feições; avivou-lhes os perfis; deu-lhes, emfim, aquella fórma clara, sobria e perspicua que é o caracteristico de seus escriptos.

E, graças ao excellente estabelecimento typographico do sr. B. de Mattos, já os amigos das boas letras festejam o apparecimento do primeiro volume.

O *Curso de Litteratura Portugueza e Brasileira* do sr. Sotero é um commettimento litterario de proporções ousadas, vasto em seus de-

[1] Este estudo, escripto em 1866, allude tão sómente ás materias discutidas no 1.º tomo do Curso de Litteratura do sr. Sotero, e logo que acabava de ser publicado.

signios. O sabio professor emprehendeu fazer a historia e a critica de todas as phases e vicissitudes por que tem passado a lingua e litteratura portuguezas desde suas origens no seculo XIII até aos tempos em que vivemos.

Que erudicção, que senso critico, que variedade de conhecimentos não são de mister para triumphar das multiplicadas difficuldades que de todos os lados ouriçam o assumpto!

Rastrear os elementos da lingua em sua formação primitiva, acompanhal-a em sua marcha progressiva, precisar as suas variações nas diversas epocas: fazer a critica dos grandes escriptores, esboçando os costumes, habitos, ideas e preconceitos da sociedade em que viveram e de que seus escriptos são o transumpto, notar-lhes as bellezas e defeitos, caracterisal-os a traços firmes; emfim julgal-os: é, sem duvida, uma tarefa ardua, improba, semeada de perigos a desalentar as mais pronunciadas vocações!

Pois bem: se é licito prejulgar da execução da obra pelas desasete lições publicadas, não ha a recear decepções: o sr. Sotero não se mostra inferior ao trabalho emprehendido, seus hombros, para usar de uma phrase do elegante habitador dos Sabinos, são bastante robustos para auguentar o peso do fardo. A critica litteraria do professor maranhense é larga e profunda, á maneira dos grandes mestres. O methodo e os processos que emprega, lembram por vezes os modelos de Villemain. O sr. Sotero pertence á nova escola; comprehende a critica como uma arte nobre e elevada que vive da inspiração divina.

A critica da escola antiga, como o sabem todos que se dão a este genero de estudos, nascida na idade media, filha da philosophia escolastica, nada mais era do que a applicação nua e descarnada das regras aristotelicas e horacianas aos productos do engenho humano; era uma operação mecanica que consistia em comparar o texto, isolado de suas affinidades historicas, com as maximas recebidas. Esta escola tacanha, arida e esteril assentava em uma base falsa: tomava as manifestações do bello por via da palavra — os monumentos da poesia e da eloquencia como dados mathematicos; mutilava cruelmente o facto litterario; ignorando que a litteratura é a expressão da vida inteira de um povo em cada epoca, de suas ideas e sentimentos, de seus habitos e costumes, de seus preconceitos e aspirações.

A velha escola tem ainda adeptos aqui no Brasil, em Portugal e até nos mais cultos paizes da Europa. Ella ahi anda a esterilisar a imaginação da mocidade na *Poetica* de Freire de Carvalho, no *Bosquejo* de litteratura do sr. Figueiredo, e em mil outros *compendios de rhetorica.*

Não era natural que o espirito humano perseverasse no trilho do erro. E de feito já pelos tempos da renascença, nessa epoca de fermentação, de ancias, de aspirações poderosas, de um revolver insano, em que a intelligencia moderna despertava vivaz, pujante, fecunda, apparecem os prenuncios da verdadeira critica litteraria: houve quem se insurgisse contra Aristoteles e Horacio taes como os fizera a scholastica. Em meiados do seculo XVI Montaigne, com uma liberdade de exame que surprehende, desafogado dos aforismos preconisados, com aquella isempção e facilidade de espirito que tanto distinguem os escriptos do amavel gascão, applicava aos admiraveis monumentos das letras antigas a *critica experimental:* os periodos retumbantes e sesquipedaes de Cicero, a concisão affectada de Seneca, a nudez elegantissima de Cesar acharam nelle um juiz sobranceiro e justo, cujas sentenças o bom gosto tem confirmado.

Na Inglaterra, pelos começos do seculo XVIII, Addison escrevia no *Spectator* encantadores ensaios de critica, animada, vivificadora e apoiada em longas bases. Mais tarde, o celebre dr. S. Johnson buscava na biographia dos poetas inglezes novos elementos para suas apreciações litterarias.

Lessing e Schlegel na Allemanha elevavam a critica á maior altura, conciliando as mais altas concepções philosophicas com a realidade historica.

Nos fins do seculo passado La Harpe abria em França aos estudos criticos novos horisontes.

Para nós, porém, Villemain é na arte da critica o grande mestre — o incomparavel — diremos d'elle, como de Thucydides diziam os gregos.

Villemain anima com o sópro vivificador de seu genio os monumentos litterarios que escolhe para assumpto da discussão; estuda-os em todos os sentidos; interroga a historia e a biographia; explora todas as fontes de informação; institue parallelos; e de sua critica profunda e luminosa resalta fielmente interpretado o pensamento do escriptor: a sublimidade da idéa, o movimento das pai-

xões, a pintura dos caracteres, a urdidura da composição, os primores de fórma, defeitos e desvios; tudo é julgado á luz de uma esthetica superior e de uma philosophia elevada.

A critica, assim praticada, é uma grande arte, fecunda em resultados, e que inspirando-se nas fontes do bello, enriquece as litteraturas com suas producções, com obras primas.

O distincto professor maranhense applicando ao seu ensino o methodo de Villemain, funda entre nós a verdadeira critica litteraria e preenche uma lacuna de ha muito sentida. As lettras patrias estavam ainda á espera de seu historiador. Abundam em Portugal, é verdade, artigos parciaes, alguns ensaios escriptos com talento superior e com perfeito conhecimento do assumpto: temos mesmo um resumo insigne—a *Historia da lingua e poesia portuguezas*, de Garrett, obra de genio, traçada com aquella mestria, vigor de toques, profundidade de juizo e perspicuidade de estylo, que sellavam tudo quanto saia da assombrosa penna do author de *Frei Luiz de Sousa*. Mas faltava-nos um estudo methodico, de longo folego, completo, desenvolvido, que, tomando a litteratura portugueza em seu berço, a acompanhasse em todas as vicissitudes, guardando a filiação logica e historica de todas as epochas, e marcando-lhes as variações.

Ao sr. Sotero estava reservada a honra de emprehender este arriscado trabalho; a elle caberá, nós o esperâmos, a glória de condignamente leval-o ao cabo.

II

Abre o sr. Sotero o seu *Curso de Litteratura* por um excellente estudo da origem, formação, progressos e aperfeiçoamento da lingua portugueza, assumpto a que dedica sete licções.

Qual a origem da lingua?

É o portuguez lingua derivada?

De que tronco?

São estas as primeiras theses que naturalmente se offerecem á investigação do illustre professor.

Sustenta o sr. Sotero com Leoni e outros distinctos philologos, que—do latim barbarisado e decomposto pela invasão de dois povos que successivamente conquistaram a peninsula iberica—os godos no seculo v e os arabes no seculo vii—procede o portuguez.

Que o latim contribuiu com largo quinhão para a formação do portuguez, é fóra de dúvida: demonstra-o a grossa cópia de vocabulos de origem latina, empregados para exprimir até as cousas e conceitos os mais vulgaros, e explica-o a dominação da peninsula pelos romanos durante o longo periodo de dez seculos. Mas que o portuguez seja o latim decomposto segundo certas tendencias, pedimos licença para duvidar.

A formação de uma lingua accusa a existencia de uma raça distincta, com indole, genio, tradicções, usos e costumes particulares. O portuguez, lingua áparte, e não como pretenderam alguns, dialecto do hespanhol, presuppõe a seu turno um povo especial, que na sua amalgamação com as raças invasoras não perdeu de todo o caracter e essencia que lhe eram proprios.

Este povo teve, e não podia deixar de ter, uma lingua, acervo de signaes, aggregado talvez de elementos sem afinidade, sem consistencia—dialecto rude, grosseiro, informe, que foi, por assim dizer, o nucleo em torno do qual vieram grupar-se os vocabulos latinos e os provenientes de outros idiomas fallados na peninsula durante suas successivas invasões, e que, afinal, enriquecido, transformado e aperfeiçoado, veiu a formar o portuguez hodierno.

Sem necessidade de pedir subsidio ás escavações historicas, no terreno meramente philologico, encontrâmos provas de que aquella foi a origem e a formação da lingua portugueza.

Todas as palavras derivadas do latim e de outras linguas tomaram em nosso idioma uma configuração, um geito, uma physionomia especiaes; revestiram, para assim dizer, o genio da lingua.

O supracitado sr. Leoni até escreveu um livro para explicar as leis que regem a transformação da palavra latina em palavra portugueza: *leis de corrupção* as denominou elle.

O que é este trabalho de transformação senão a absorpção de palavras estranhas por uma lingua preexistente que lhes impõe o seu genio?

Este phenomeno não é de hoje: teria então outra explicação; mas verifica-se nos monumentos litterarios os mais antigos. Nas oitavas achadas em 1187 no castello de Lousan, transcriptas pelo sr. Sotero, lêem-se as seguintes palavras: *esguardar, seixo, idade, templo,* etc., evidentemente vocabulos latinos *aportuguezados.*

Outra prova rastreia-se ainda na differença de syntaxe e nas par-

ticularidades que distinguem a locução portugueza. É cousa já observada por eminentes litteratos, que a phrase portugueza, modelada pela construcção latina, perde o geito, a graça e a louçania que lhe são peculiares.

Ha, porém, uma consideração que nos parece decisiva. É facto irrecusavel, e o sr. Sotero o reconhece — que á medida que se vae aperfeiçoando atravéz dos seculos, em vez de affastar-se, approxima-se o portuguez da construcção latina. Pois bem: se o portuguez procedêra directamente do latim, como o ramo do tronco; se fôra, como affirmam, um producto da decomposição latina, ter-se-ia operado indubitavelmente o phenomeno inverso, isto é — em sua origem, no primeiro periodo de formação, estaria o portuguez mais proximo do latim do que nos seculos subsequentes. Isto é claro.

Consignemos, no entanto, o facto: — o portuguez culto tem mais analogia com o latim do que o portuguez barbaro.

Deste facto induz-se — que o portuguez não é uma ramificação da lingua latina, mas um corpo distincto que desenvolveu-se, poliu-se e aperfeiçoou-se sob a acção do latim.

A tendencia da approximação ao molde romano é o resultado da influencia litteraria exercida pelos grandes escriptores da lingua, educados na cultura e admiração das letras antigas.

Cumpre limitar e corrigir semelhante tendencia: o effeito immediato della será desnaturar o portuguez, desbotar-lhe o colorido nativo e roubar-lhe as locuções idiomaticas, sem dar-lhe a concisão, a gravidade e energia da lingua mascula do povo rei.

Em resumo:

Não contestâmos a intervenção longa e poderosa do latim na formação do portuguez.

Mas, ao contrario do parecer do sr. Sotero e do de outros philologos que fazem do portuguez um destroço cahido do tronco latino, inclinamo'-nos á opinião daquelles que acreditam que a formosa lingua de Camões deduz sua origem do dialecto fallado pelos habitantes das terras doadas ao conde D. Henrique. Esse dialecto, qualquer que fosse elle, engrossado com o vasto caudal do latim e com vocabulos provenientes de outros idiomas, foi-se polindo e aperfeiçoando até tornar-se lingua culta; mas conservando sempre o seu caracter, o seu genio especial que se manifesta ainda no cunho que dá ás vozes derivadas.

III

Fixadas as origens da lingoa, prosegue o sr. Sotero nas suas curiosas investigações.

Pelos fins do seculo XIII o portuguez começa a tomar consistencia e já apresenta feições caracteriscas, germens do que hade vir a ser. Nesta epoca existe um monumento precioso, o *Cancioneiro* d'el-rei D. Diniz. O estado de lingoa no seculo XV é attestado pelo *Leal Conselheiro* d'el-rei D. Duarte, pela *Chronica* dos reis portuguezes de Fernão Lopes e pela *Chronica* de Guiné por Azurara: são consideraveis os progressos; a physionomia do idioma comtudo é ainda barbara.

Nos começos do seculo XVI vae adiantado o trabalho de depuração. Desembaraça-se a lingua de suas fórmas rudes, a phrase torna-se mais correcta; o periodo vae adquirindo configuração mais regular. Nos versos e na prosa de Bernardim Ribeiro já exprime com suave morbidez as tristezas de uma alma repassada de amor e de saudades: nos autos de Gil Vicente presta-se facil ás exigencias do dialogo; nos contos de Sá de Miranda traduz com energia e concisão o conceito moral. Mas subsistem ainda certos laivos da antiga rudeza. Na segunda metade d'esse seculo dão-lhe os fóros de culta e fixam-n'a definitivamente Ferreira, Barros e Camões. Floresce com grande esplendor até meiado do seculo XVII. D'ahi por diante começa a declinar. As funestas consequencias de oitenta annos de dominação estrangeira, a tyrannia da inquisição, que se exagera sob os Filippes, o ensino tacanho dos jesuitas, que procuram abafar na alma da mocidade as aspirações nobres e generosas, enervam a intelligencia portugueza, abatem-lhe os vôos e estreitam-lhe os horisontes. A lingua perde o vigor e a força da expressão, ganha um brilho falso; a phrase entumece e o pensamento amesquinha-se; a simplicidade transforma-se em subtileza; a naturalidade do dizer cede o logar á arrogante affectação. Predominam com a tyrannia da moda o gongorismo e o marinismo.

Com Pombal a monarchia portugueza levanta-se de sua ignava prostração; renasce o sol da prosperidade: os jesuitas são expulsos; o supplicio do fogo é abolido. Com este movimento ganham as letras; funda-se a academia dos arcades; Garção, Diniz, Santa Rita Durão e José Basilio regeneram a poesia: este periodo não nos deixou nenhum monumento notavel em prosa.

Nos fins do seculo passado e no começo do presente a lingua portugueza foi atacada de um contagio que lhe alterou consideravelmente a compleição. O livro francez, evangelho das doutrinas da revolução, invadiu o mundo. E tal foi a influencia da nova civilisação, que até as linguas dos differentes povos da Europa receberam profunda modificação. O portuguez inçou-se de grande cópia de palavras francezas, e o que mais é, a propria extructura da phrase perdeu a feição nativa e afrancezou-se: os grandes escriptores desta epocha, F. Elysio, Bocage e Caldas resistiram á torrente do gallicismo, e salvaram as boas tradicções.

O assumpto das licções 7.ª e 8.ª interessa-nos particularmente. Entra em scena o Brasil. Já pelos meiados do seculo passado figuram entre os portuguezes dois poetas brasileiros, Durão e J. Basilio. Nas suas composições ha certos toques que accusam influencia estranha; toques ligeiros, fugitivos, mas reaes. Apparecem já no desenho a paisagem brasileira e a figura curiosa do indigena. Os pinceis e as tintas são portuguezes, mas no tom do colorido sente-se já certa novidade.

O Brasil, constituido em nação independente, não podia deixar de ter a sua litteratura. Ella começa de formar-se e apresenta já traços que a distinguem da litteratura portugueza: «A litteratura brasileira e portugueza, diz o sr. Sotero, são tão parecidas nas feições, ademanes e attitudes, como o podem ser duas irmãs gemeas, que mal se distinguem por alguma diversidade de fórma e ar proprio, só perceptiveis para os que as estudam com muito cuidado».

O eximio professor, depois de caracterisar a largos traços o estado actual das duas litteraturas, resume as differenças mais notaveis que as distinguem.

Ao terminar sua bella introducção sobre a historia da lingua portugueza, o sr. Sotero formúla nos seguintes termos o seu juizo final:

«Devo concluir, dizendo-vos em abono da bella lingua de Camões e Vieira, hoje fallada por quinze a dezeseis milhões de individuos, ou grupados em nações ou dissiminados pela superficie do globo, que de todos os modernos idiomas, derivados do latim, o portuguez é um dos mais ricos, expressivos, harmonicos e proprios para tratar todo o genero de assumptos.»

Com esta apreciação vão de accordo doutos estrangeiros que têem feito do nosso idioma estudo aprofundado.

Certo, no vigor da expressão, na harmonia das palavras e na beleza exterior da phrase, não tem rival o portuguez nas linguas vivas.

Mas, *si dicendum quod verum est* na riqueza de vozes para traduzir todas as concepções do espirito, na precisão do significado do vocabulo para exprimir com perfeita justeza a idéa, e na lucidez da phrase, leva-lhe o francez decidida vantagem.

IV

Sic fautor veterum.
HORACIO.

Com distinctos litteratos considera o sr. Sotero a lingua portugueza chegada ao apogeu da perfeição no tempo em que floresceram Ferreira, J. Barros e Camões. É para elles a aurea idade da litteratura portugueza, como o foi da latina—o seculo de Augusto, da franceza—o de Luiz XIV.

Curvamo-nos respeitosos diante de opinião tão auctorisada; nosso espirito, porém, dil-o-hemos francamente, recusa acceitál-a. Ahi vão os escrupulos que lhe não consentem adherir, de consciencia tranquilla, á palavra do mestre.

A lingua, instrumento da intelligencia humana, acompanha o pensamento como a sombra ao corpo, reflectindo-o fielmente em todas as suas feições e cambiantes e tomando todos os seus modos de ser. A lingua é, emfim, como já disse alguem, a fórma plastica da idéa.

Se a idéa perde a força, a palavra se enerva; se a idéa se illumina, a palavra torna-se clara; se a idéa se levanta, a palavra segue-a no vôo.

A palavra é a um tempo producto e instrumento da actividade intellectual; corre a sorte e as vicissitudes do pensamento.

Ahi está para brilhante prova a historia litteraria de todos os povos. No tempo de Pericles, a civilisação Helenica toca ao grau supremo de grandeza; a intelligencia grega alça o pensamento á mór altura que lhe foi dado ascender. Este estado de cousas espelha-se fielmente na extrema perfeição da lingua. No seculo de Augusto e no de Luiz XIV reproduzem-se phenomenos identicos.

Poder-se-ha dizer o mesmo de Portugal na segunda metade do seculo XVI? Responda-nos a historia. Aquelle seculo é, certo, a idade

heroica de Portugal. Viagens longinquas, os descobrimentos da America, as conquistas da Ethiopia, as magnificas feitorias da Asia, attestam a audacia de seus navegantes, a valentia de seus soldados e a intrepidez de seus colonos. É a epocha das virtudes guerreiras, da fé, do enthusiasmo; predomina o espirito aventureiro que demanda pasto nos commettimentos arrojados, nas emprezas improbas; o amor do imprevisto e do desconhecido subjuga todas as almas: refervem paixões indomaveis. A sociedade traduz na rudeza de suas formulas e costumes a nova ordem de cousas.

Esta quadra é apropriada para suscitar um Homero, um Dante — um poeta capaz de criar uma lingua e de fundir em seus cantos a civilisação de seu tempo.

Tal foi Camões: é assim que o comprehendemos. Poeta da altura de Dante, creou e fixou a lingua, que achára imperfeita, e concentrou em seu poema a encyclopedia do seculo.

Com Camões o portuguez collocou-se francamente ao lado das linguas cultas e fallou em todos os tons; mas força é confessar que não chegára ainda á extrema perfeição. Nos cantos epicos do grande poeta ha muito vigor, muita riqueza de lingua, amplidão e magestade de fórmas, toques de suprema delicadeza, um tom altamente sincero, por vezes uma graça admiravel. Mas no seculo em que elle florescêra, rudimentaria era a civilisação portugueza: a cultura do espirito, o derramamento das luzes, a pratica das artes do paiz não tinham ainda dado á sociedade aquella polidez, fino gosto e apurada elegancia que caracterisam as epochas verdadeiramente cultas.

A linguagem de Camões, por mais que antecipasse o seculo, não podia reflectir a urbanidade, a cortezia e a elegancia que não tinha a sociedade do tempo.

Escriptores que vieram em eras de uma civilisação mais adiantada, se bem que inferiores em genio a Camões, aproveitando-se das riquezas por elle accumuladas e do progresso resultante da elaboração commum de todas as intelligencias, conseguiram dar ao idioma o cunho de alta perfeição que lhe faltava.

Nas composições poeticas de Garção, Diniz, Bocage, F. Elysio, Caldas, a lingua portugueza adquiriu um torneio de phrase, uma pureza de contornos, certa precisão no dizer, certo polimento, certa flor de atticismo e de suprema elegancia que não alcançára na bôca inspirada do cantor dos *Luziadas*.

João de Barros é em Portugal o maior prosador do seculo XVI. Pois bem: a prosa deduzida de Frei Luiz de Sousa é incontestavelmente muito superior á do auctor das *Decadas da Asia*. Nas historias de Barros a lingua tem um não sei que de contrafeito, de duro e arrastado; a distribuição dos membros do periodo é confusa e sem ordem, a despeito de toda a pretenção á eloquencia. Em Frei Luiz Sousa o portuguez converte-se em metal ductil e de fina tempera, desembaraça-se, ganha muita flexibilidade e corre fluente: a economia do periodo é admiravel de regularidade e clareza.

Em nossos dias mesmo, a despeito da invasão do gallicismo, o portuguez tem tocado a um esplendôr e perfeição não igualados. As melhores paginas de Garrett e de Alexandre Herculano, como monumentos de lingua, não têem, talvez, rivaes em tudo quanto nos deixaram de mais acabado seus illustres predecessores nas lettras portuguezas.

Nos versos de Castilho a lingua presta-se a todos os caprichos e exigencias do poeta; diz tudo quanto elle quer; produz todos os effeitos que a sua imaginação phantasia e ostenta-se com primores e elegancias que surprehendem a vista mais habituada a contemplar taes maravilhas.

Em que seculo e na pena de que escriptor se mostrou a lingua portugueza instrumento mais docil, mais poderoso, completo e perfeito para traduzir as concepções do espirito e os movimentos do coração?

Estes factos litterarios são perfeitamente naturaes. Se o poderio e a gloria militar de Portugal, depois de tocar ao apogeu no decurso do seculo XVI, começaram de declinar rapidamente para não mais reerguer-se á primeira grandeza, é certo comtudo que nos seculos seguintes o pequeno reino occidental acompanhou o movimento do espirito humano na Europa: progrediu a civilisação, e com ella a lingua.

A intercallação de periodos de decadencia litteraria não destroe, antes confirma a verdade estabelecida. A decadencia litteraria é sempre o corollario de calamidades que em momentos dados opprimem e abatem os povos.

Fôra absurdo que ao passo que o espirito humano eleva o seu vôo e alarga os horisontes, engrandecendo, progredindo; permanecesse estacionaria ou definhasse a lingua que é o seu producto e o eu instrumento.

É por isso que nos pareceu sempre que vão caminho errado certos escriptores, que tentam hoje em dia restaurar em toda a pureza, sem a minima alteração, a phrase dos *quinhentistas* como se por ventura a linguagem do seculo XVI podesse traduzir o pensamento do seculo XIX! J. F. Lisboa já fez justiça a esta eschola; o sr. Sotero a condemna com o preceito e com o exemplo.

Estudemos os velhos classicos; aproveitemos d'elles as riquezas que nos offerecem: mas sejâmos homens de nosso seculo — fallemos a linguagem de nosso tempo.

V

Depois de ter delineado em elegantes quadros a historia da lingua portugueza, entra o eximio professor na materia propriamente dita do *Curso*.

As lições publicadas abrangem o periodo que se estende dos fins do seculo XIII aos começos do seculo XVI. Os poetas e prosadores, em cujas composições se resume esta epocha de trabalho lento e fecundo, são analysados e aquilatados com summo criterio e com aquelle fino gosto, proprio dos espiritos formados na contemplação dos grandes modelos antigos e modernos.

Agradou-nos singularmente o estudo da vida e *Autos* de Gil Vicente. Desenhou o sr. Sotero com extrema delicadeza a physionomia litteraria, tão mobil e curiosa, do chistoso poeta da côrte de D. João III.

Foram apanhados com fidelidade os raros dotes do genio profundamente sympathico de B. Ribeiro, o poeta sem ventura.

Sá de Miranda, o philosopho, que dava bons conselhos em maus versos, é reduzido a seu justo valor.

. . . . . .

. . . . . .

Quizeramos acompanhar o sr. Sotero no desenvolvimento d'esta parte de seus interessantissimos estudos; mas... é melhor que o leitor percorra com os seus proprios olhos, as bellas paginas, em que, com a luz serena e calma de uma razão superior, o abalisado mestre illumina o assumpto por todos os aspectos e em todas sinuosidades.

LAFAYETTE RODRIGUES PEREIRA.

(*Diario do Povo*, n.os 164, 165 e 166 — de 1868).

Juizo critico sobre as Postillas grammaticaes

A obra que agora se faz publica na imprensa, é, senão excepcional, de mui raras antecedencias nos prelos do Brasil, que, força é dizel-o, não se fatigam demasiado em reproduzil-as tão bem pensadas e primorosamente escriptas.

Resumida no volume, porém grande no alcance litterario e scientifico, opulenta dos thesouros de uma erudição vasta e recondita—bebida em leitura mui de espaço e variissima, é vasada nos mais puros e elegantes moldes do estylo terso dos classicos. Tal é o livro, marcado com o cunho do vigoroso talento do sr. Francisco Sotero dos Reis, sobre que vamos, a medo e com a devida venia, aventurar algumas ligeiras considerações, as quaes, todavia, não se hão de traduzir em meras formulas laudatorias de critica louvaminheira, porquanto, para cabal elogio do livro sobraria o nome auctorisado, que o rubrica.

Sabedor profundo da grammattica geral, latinista consummado, leitor assiduo e allumiado cultor da nossa litteratura classica, traductor desempeçado e elegante da mór parte das linguas neo-latinas, eis os traços disseminados, as feições esparsas, que formam quasi completa a photographia intellectual do illustre grammatico maranhense.

Tudo isto, com effeito, releva que adune em si quem quer que tomar aos hombros o difficil empenho de compor, com talento e consciencia, a grammatica da lingua portugueza: ha de ter conhecimento aprofundado d'ella, e dos escriptores que mais a illustraram; ha de saber de raiz e cabalmente a philosophia das linguas ou grammatica geral; ha de superar todas as difficuldades, e possuir todos os segredos da lingua-mãe ou latina; ha de, finalmentente, traduzir correcta e correntemente as linguas co-irmans e de identica filiação, mormente a castelhana, a franceza e a italiana.

D'ahi a arduidade de tal trabalho, e a deficiencia, em que temos até hoje laborado, de grammaticas rasoadas e racionaes, como as possuem os francezes e inglezes, e as demais nações cultas, que n'este genero de estudo sam tam cuidadosas e esmeradas, quanto nós desleixados e incuriosos. D'ahi tambem essa multidão de grammaticas empyricas e irracionaes, estupidamente calcadas sobre as grammaticas latinas,—apontoados informes de regras e preceitos copiados

a êsmo e servilmente, mas que pela ventura encontrassem ou repugnassem a natureza e indole do nosso idioma. E tendiam antes a desvirtual-o, a emmaranhar-lhe o estudo, e empecer-lhe o progresso, sobrecarregando-o, como usavam, de regrinhas miudas e multiplicadas ao infinito, de sorte que muitas d'ellas, segundo se achavam acabrunhadas sob o peso e numero de suas proprias excepções, dever-se-hiam considerar antes como taes, que como regras.

As grammaticas d'esta ordem, em tão boa hora o dizemos, fizeram o seu tempo, e repoisam em sancta paz nas estantes poeirentas de algum convento em ruinas prestes a desabar, ou no balcão manteiguento de algum erudito e grave quitandeiro, que as vae sabiamente utilisando para papel de embrulho.

Nunca as mãos lhe doam ao bom do justiçoso quitandeiro...

Fizeram sua epocha, foram bem vindas, festejadas, admiradas no tempo da maior preponderancia das reminiscencias classicas da Grecia e de Roma—bellos tempos, sem duvida, em que, imperando exclusiva e despoticamente o latim nas aulas e nos claustros, ensinava-se das cathedras magistraes, que, pois a lingua portugueza não era senão a latina levemente modificada e corrompida pela liga de vocabulos e locuções barbaras do godo e do arabico, quanto mais a alatinassem, quanto mais lhe arredondassem o periodo ao modo romano, tanto mais a iriam subindo ao cume da perfeição. Que mais poderiam ellas (as taes grammaticas) desejar?

Depois... com o rodear dos annos, e porque o espirito humano tem o mau séstro de nunca parar, e de ir sempre mais ou menos acceleradamente na via do progresso, e tambem porque seria uma verdadeira semsaboria, se ficassemos, quando as outras nações se desempoeiravam de seus velhos preconceitos, a alatinar, por toda a eternidade, o nosso idioma, viemos por fim a reparar que as duas linguas, bem que identicas na estructura das vozes ou conformação dos vocabulos, são de todo divergentes em outras qualidades mais intimas, e mais inherentes á indole e essencia d'ellas, como são: no latim a declinação dos nomes, de que carecemos, a conjugação dos verbos diversissima nas duas linguas, e no portuguez o emprego do artigo, e a especialidade dos seus infinitivos pessoaes, que tanto o distinguem dos demais idiomas.

Eis ahi como se acabou, sem pau nem pedra, com o exercito innumeravel das grammaticas luso-alatinadas.

Fizeram epocha, mas epocha de servil imitação e de tão espantosa e deploravel esterilidade, que, com a publicação de sua orthographia — livro todo inçado de frioleiras e puerilidades, lardeado de observações nescias e atoleimadas, e de preceitos arbitrarios e incriveis á força de futilidades — conseguio Madureira fundar escholla, angariar proselytos, discipulos, e enthusiastas, que lhe citassem a auctoridade e o nome com respeito e acatamento!

Qual não seria, portanto, a revolução causada pela publicação da Grammatica Philosophica de Soares Barbosa — obra, cujo titulo era tal novidade, que devia só por si ter feito um reviramento completo, assim como devia ter topado uma opposição ferrenha nas idéas e opiniões até alli recebidas? O humilde escrevedor d'este artiguinho desbotado apprendeu o latim sob um respeitavel ancião — homem aliás douto, cuja memoria era um museu de curiosidades gregas e romanas, ante quem se não podiam proferir estas duas palavras «Grammatica Philosophica» sem que elle se não desmanchasse em estrepitosas e successivas gargalhadas, porque, no seu entender, eram duas palavras *qui hurlaient de se trouver ensemble.*

O que, como é facil de ver, nem sequer um apice agorentava do merito intrinseco e subido valor scientifico da obra de Barbosa, que, na verdade, foi um dos maiores serviços, n'estes ultimos tempos, feitos á lingua e lettras portuguezas.

Nem, tam pouco, conseguio deprecial-a a publicação da Grammatica Analytica de Constancio, bem que escripta com animo hostil e nimiamente severo para com Jeronymo Soares, e os outros grammaticos anteriores.

A de Constancio é antes uma grammatica geral, em que elle expende e discute largamente as mais abstrusas theorias, e, para cumulo de semsaboria, forceja por dobrar ou torcer todos os factos grammaticaes — ainda os mais rebeldes — a um systema, que inventou, senão paradoxal, arriscado e temerario. Pouco lido nos classicos, cujas obras immortaes, por mais que trace disfarçar, desdenha, Constancio detem-se demasiado por entre as nuvens do seu systema, e só se humana e desce á grammatica portugueza, quando, com o semblante carregado, tom dogmatico, e ferula em punho, chama a contas e racha de quinaus o velho Barbosa, e Antonio de Moraes e Silva, seu antagonista e antiga victima de seus desdens lexicologicos.

Demais, Constancio não soube evitar o escôlho, em que tem nau-

fragado, uma apoz outra, todas as nossas grammaticas. Como todas as outras, a sua tracta com a maior individuação e minudencia d'aquellas partes da grammatica, mais ou menos identicas nas outras linguas, que se podem commodamente traduzir de alguma d'ellas, e com pequenas modificações adaptar á nossa; entretanto que da parte syntaxica e da construcção, que se occupa das questões mais intimas e mais inherentes á indole e genio de cada idioma, não ha tractar detidamente e por miudo, mas a traços largos, rapidos, fugitivos, e por vezes falsos.

N'isto, sobretudo, é que Soares Barbosa deixa mui longe atraz de si, e leva completamente de vencida o medico e amigo de Fylinto Elyseo. Mas ainda assim, e não obstante a reconhecida superioridade de Jeronymo Soares sobre Constancio e os outros na parte syntaxica, que passada de gigante não medeia entre a sua Grammatica Philosophica e as Postillas de Grammatica Geral do sr. Sotero?

E, com effeito, quando passamos d'aquelle estylo pesado, confuso e embryonario do Professor de Coimbra para a leitura das amenas paginas animadas pelos toques magistraes do estylo cheio, firme e igual do eximio escriptor maranhense, quando d'aquelle cáhos grammatical passamos para este primor de ordem, methodo e perspicuidade, parece-nos que subimos de um labyrinto subterraneo e tenebroso para a orvalhada e frescura de uma manhan rica de fragrancias e esplendores.

Pena é, que o estreito e acanhado espaço, de que dispomos, não nos permitta fazer circumstanciadamente e ponto por ponto a analyse d'este tam succulento trabalho, que, com ser vestido das fórmas litterarias as mais amenas e primorosas, é, nada menos, deduzido com a maxima clareza e rigor logico das demonstrações geometricas. E posto que nos hajamos de restringir a mui breves e limitadas considerações geraes recommendando, em globo, á nossa mocidade, tam esperançosa e rica de talentos, a leitura attenta e meditada das Postillas, não será isso parte para que lhe não chamemos a attenção para os paragraphos — verdadeiros modelos de methodo, perspicuidade, e fina observação — em que o auctor, com sua costumada mestria, tracta do emprego do pronome indefinido — Se, do emprego do verbo — Ser, pelo verbo — Estar, do emprego do adjectivo demonstrativo — O, e de tantas outras questões, que puderamos ir appontando,

se não temessemos fazer um indice do livro, querendo apenas expor á luz o melhor d'elle.

Não concorre pouco para tornar amenas e perspicuas as questões grammaticaes — de si tam aridas e rebarbativas — a esplendida exemplificação, constando dos melhores trechos ou lances dos mais eminentes d'entre os nossos escriptores classicos, com que o sr. Sotero tanto enriqueceu e auctorisou o seu trabalho. Assim, no meio d'aquelle concerto olympico e divinal, em que os sons guerreiros da tuba epica de Camões se confundem com as arrojadas harmonias da lyra sonorosa de Fylinto, e com as graves e religiosas notas do psalterio biblico de Sousa Caldas, os preceitos e regras grammaticaes vam-se incutindo e encarnando suavemente no animo, e bracejam, sem custo nem demora, fundas raizes na memoria dos que apprendem. Todavia, com quanto os exemplos, que sam a pratica, aclarem muito mais que os preceitos, que sam a theoria, comquanto os trechos adduzidos para a exemplificação possam mui bem servir para outros tantos modelos de analyse, e sejam, como diz Arraes, os lumes e os esmaltes da eloquencia classica, temos para nós que o mestre excedeu o modo, quando abundou não sómente, mas superabundou n'elles.

Defeito aliás levissimo, que não póde mareiar o incontestavel merito da obra, pois nada mais é que o encarecimento de uma de suas melhores partes ou dotes.

Que diremos nós dos preciosos juizos litterarios, que o auctor espargiu com mão profusa na contextura do seu livro?

Serão descabidos e inopportunos?

O proprio sr. Sotero responde, na sua introducção, a tal duvida ou pergunta.

E dado que o sejam, a nossa litteratura é tam deficiente e pobre de escriptos sobre critica e historia litteraria, que os juizos de um tal e tão abalisado litterato serão sempre bem vindos e festejados — opportuna ou inopportunamente emittidos.

Seja, porém, como for, o valor do serviço prestado pelo sr. Sotero á lingua portugueza sobe de ponto, e as suas modestas Postillas tomam as proporções de um livro verdadeiramente novo, precioso, e de alcance pratico incalculavel, — pois parecem destinadas a operar a regeneração d'ella, quando na quarta e quinta secções se tracta da estructura do periodo grammatical. Á mingua de

um bom tractado de construcção portugueza, é que a lingua franceza — admiravel instrumento aliás e vehiculo da moderna civilisação, á qual devemos, a outros respeitos, impagaveis serviços, — foi lavrando e embebendo-se, como nodoa de oleo cheiroso em tela assetinada, no nosso formoso idioma, que mais e mais se barbarisa e abastarda.

Um, ou outro, ou ainda muitos vocabulos adoptados do francez, que cabem bem na lingua, necessarios, sonorosos e expressivos, não a deturpam por certo, e nem é n'isto que consiste o gallicismo, são antes donosos neologismos, com que ella rime as suas necessidades e escacezas, e opulenta-se. A viciosa coordenação dos termos da oração, a errada collocação dos complementos na proposição, e das proposições no periodo, o tecer, em summa, o discurso, dando-lhe o meneio e geitos da construcção franceza, eis ahi o gallicismo torpe, barbaro e vergonhoso de que devemos fugir.

Se já houvesse um bom tractado de construcção portugueza, não baldara Francisco Manuel, na guerra que emprehendeu contra o gallicismo, os esforços titanicos de seu peregrino engenho e rara erudicção, amontoando, no decurso de sua tam longa vida, ode sobre ode, satyra sobre satyra, epigramma sobre epigramma. As odes eram grandiloquas e sublimes — a poesia lyrica ainda não teve surtos mais altaneiros; as satyras, adubadas de sal attico, emulavam na violencia com as de Juvenal, com as de Boileau no facêto e no judicioso; e os epigrammas tinham a ponta acerada e bem aguçada, e dardejava-os mão amestrada e certeira, que nunca errava o alvo, nem frustrava tiro.

E não obstante, ía o gallicismo por diante, na sua marcha vandalica, abastardando e barbarisando a formosa lingua de Camões e Sousa Caldas.

Porque é que isto assim acontecia?

Porque é que Fylinto, que pugnava pela causa mais justa e rasoavel, e rude batalhador descia á liça com armas da mais fina tempera, retirava-se, senão vencido, não vencedor? É que a semente que se lançava á terra, era excellente e de primeira qualidade; mas a terra é que não estava bem revolvida, e convenientemente agricultada para recebel-a. É que os contemporaneos de Fylinto não estavam devidamente preparados para apreciarem os divinos raptos do seu estro immortal, que, alem d'isso, traduzia-se em odes admi-

raveis da mais pura linguagem quinhentista, linguagem no entender da mór parte dos seus contemporaneos e adversarios, inculta, obsoleta e rebarbativa. Ora, se Francisco Manuel não poude esmagar o gallicismo sob o peso dos seus volumes monumentaes, força é confessar, que a arma de que lançou mão, o methodo, de que se serviu, não eram os mais azados e apropriados para a consecução do fim desejado.

Assim é. Nas escholas de primeiras lettras, com grammaticas, que ensinem todos os segredos da construcção, e resolvam todas as difficuldades, e expliquem todos os idiotismos da lingua, como faz o livro do sr. Sotero, é que se ha de debellar o monstro litterario, que ameaça devorar-nos a lingua.

O sr. Sotero, pois, com a publicação das suas Postillas, fez um relevantissimo serviço ás lettras patrias, á instrucção publica, e, especialmente, aos amantes e estudiosos da lingua vernacula, que possuem agora uma bussola, com que se guiem na leitura tantas vezes aparcellada e naufragosa dos classicos.

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO.

O SENADOR

ANTONIO PEDRO DA COSTA FERREIRA

(BARÃO DO PINDARÉ)

Nota E

... mimoseando-a elle por essa occasião com 315 volumes.— pag. 247

Recibo do thesoureiro da bibliotheca publica

Recebi do ill.mo sr. Antonio Pedro da Costa Ferreira a quantia de trezentos e quinze volumes, obras diversas com que subscreveu para se effectuar este estabelecimento.

Maranhão, 26 de março de 1831.

São 315 volumes. JOÃO GUALBERTO DA COSTA.

Nota F

... deu insuspeito documento o honrado senador Patricio José de Almeida e Silva — pag. 247

Documento dos serviços prestados á causa da independencia e como membro do conselho de provincia

Patricio José d'Almeida e Silva, Commendador da Ordem de Christo, e senador eleito da Assembléa Legislativa do Imperio Brasileiro.

Attesto, que tenho conhecimento de que o sr. Antonio Pedro da Costa Ferreira, meu contemporaneo na universidade de Coimbra, aon-

de adquiriu o gráo de Bacharel formado, e em todo o tempo se distinguio pelos seus talentos e virtudes, restituindo-se á villa d'Alcantara d'esta provincia, minha e sua patria, ali e no seu districto, formou o seu lusido estabelecimento em predios urbanos e rusticos, tem sido infatigavel em fazer conhecer aos paes de familia os grandes resultados da sociedade, quando em seu seio encerra a educação illustrada, estimulando-os por este principio para mandarem seus filhos recebel-a nos paizes dos povos cultos; nos differentes empregos da vida civil sempre mostrou solido discernimento, completa inteireza e muito desinteresse, e o seu voto no Conselho da provincia é de muita preponderancia: foi um dos collaboradores para a adherencia da nossa patria á unidade do Imperio com obediencia ao seu immortal Fundador, dando sempre provas as mais terminantes de respeito e amor que consagra a tam alto Senhor; nos movimentos politicos que retalharam o coração da nossa provincia a sua casa constantemente offereceu aos cidadãos pacificos a mais compassiva hospitalidade, dirigindo-se todos os seus esforços ao retorno da boa ordem, até expondo a sua vida, quando persuadia a uns e a outros, que o restabelecimento d'ella havia de trazer comsigo a punição de tantos crimes. Por me ser pedida passei a presente de minha lettra e signal.

Maranhão, 30 d'agosto de 1826.

PATRICIO JOSÉ D'ALMEIDA E SILVA.

Nota G

... foram todos accordes em agradecer-lhe tão assignalados serviços — pag. 256

Documentos dos serviços prestados á provincia do Pará por occasião do motim de 1835

(Extracto de uma carta do almirante Taylor)

«Fiquei incantado com as rapidas e energicas providencias por V. Ex.ª tomadas: parabens se deem aos Maranhenses, por possuirem hum tão activo, e sabio Prezidente, e eu de minha parte não

me posso despensar de dar meos cordeáes agradecimentos a V. Ex.ª»

(Pará 9 de Septembro de 1835.)

(Outro do mesmo almirante)

«Não tenho expreções para agradecer a V. Ex.ª o interesse que tem tomado pela Esquadra do meu Commando sobre as repetidas remessas de mantimentos; que a não ser isso teriamos-nos achado em hum estado bem critico.»

(Bordo da Fragata *Campista*, no Pará, 21 de novembro de 1835.)

(Extracto de uma carta do general Andréa)

«V. Ex.ª tem sido o protector mais activo d'esta Provincia, e não deixe a empreza. Quem está de longe cuida que isto he huma cama de rozas e que depois de prezo o Eduardo ficou tudo tranquillo, e custa-lhes a crer que esta gente é como os fradinhos de sabugo que só estão deitados emquanto se lhes está carregando. Ainda tenho, além de outras menores, huma reunião no Amazonas maior de mil homens; e tenho que reduzir á paz as Nações de Indios que se tem lançado no caminho das maldades a que são todos propensos.»

(Palacio do governo do Pará, em 8 de agosto de 1837.)

(Outro do mesmo)

«Recebi as cartas de V. Ex.ª de 16 e 26 de janeiro, e sendo sempre gratas para mim as noticias de V. Ex.ª tive de me desgostar da ultima pelos incommodos que o perseguem, a ponto de largar a Prezidencia; e mais teria que sentir se não fosse substituido pelo Sr. Sá, que está sem duvida inteirado do quanto V. Ex.ª me tem sido util, e não deixará de o imitar, acudindo-me nas afflicçoens.»

(8 de Dezembro de 1837.)

(Outro do mesmo)

«Estimei muito saber que V. Ex.ª tinha chegado com feliz viagem a essa Corte, e muito lhe agradeço os bons officios que me fez

recommendando as remessas de farinha, que a não terem vindo não haveria meio nenhum de lhe supprir a falta, que a Provincia nem arroz tem tido; nem eu recebi mantimentos da America; porque se perdeo o ultimo navio que os trazia; nem o Governo me enviou os que eu lhe pedi, e para cumulo de mal a segunda remessa de farinha que vinha na *Carioca*, lá ficou pela Bahia, e eu tenho de me vêr em ancias, pois que nem tempo tenho para a pedir, que chegue a proposito; e tinha aquella remessa como certa e segura.

«Vou agora, pois, que a restauração d'esta Provincia he em grande parte obra de V. Ex.ª, dar-lhe conta do seu estado actual. Paz e socego perfeito, mesmo bem perfeito, em toda a parte restaurada; até as eleiçoens se fizerão sem ser á maioria de gritos!

.....

«Agradeço muito a V. Ex.ª a honra que me faz de procurar a minha familia; e aqui fico, emquanto me não derem a tarefa por concluida prompto para mostrar que sou com todo o respeito.»

(Palacio do governo, no Pará, 26 de dezembro de 1837.)

(Extracto de uma carta do mordomo-mór Paulo Barbosa)

«Vamos agora ao Maranhão: direi que foi muito louvada geralmente a conducta energica que V. Ex.ª teve relativamente ao Pará, embora o commandante fosse infeliz; assim como o seu governo, ainda que attribulado por commossoens, que tem dado lugar á V. Ex.ª a proclamar aos Povos, tem merecido geral aceitação; mas infelizmente para o Maranhão não, porque nem o actual ministerio, nem Feijó querem Representantes da Nação fóra do corpo legislativo, isto me dará o gosto de o vêr por cá.

«V. Ex.ª foi o primeiro que abalou o Vinagre, e se não fosse a sua expedição exploradora, talvez custasse mais á expedição Taylor a entrar: quem abala o rochedo tem mais gloria do que quem o derriba.

«Ora agora basta de tomar o tempo a um Snr. Prezidente que só para escrever a Juizes de Paz precisa de meio dia (isto vi quando estive em Minas que acontecia ao Prezidente d'ali); deve pois descançar de aturar a secas do seu, etc.»

(Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1835.)

(Outro do mesmo)

«..... não tenho deixado de apreciar e de ouvir louvar geralmente o sabio Governo de V. Ex.ª, e os indisiveis esforços que tem feito em prol do Pará, que, a não ser V. Ex.ª, estaria fóra da Communhão Brazileira, e entregue ao Barbarismo. Seus serviços o poem a abrigo da maledicencia, e quando V. Ex.ª deixar de ser Prezidente elles serão reconhecidos por quantos ora o detrahem.

«O Portador d'esta he Salvador Cardoso d'Oliveira,[1] pessoa que não deve ser recommendada por mim a um Maranhense, porque seus serviços ahi forão brilhantes; mas com tudo, interessando-me muito por este Belisario Brasileiro, que vio darem-se os premios de Ajáx merecidos á lingua van d'Ullysses fraudulenta, não posso dispensar-me de rogar a V. Ex.ª, sua protecção em favor d'elle.

«Rio de Janeiro, 18 de Dezembro de 1836.»

N. B. Ha outras mais, no mesmo sentido, agradecendo as acertadas e promptas providencias tomadas pelo senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, quando presidente do Maranhão, tal como uma do então deputado Sousa Franco (hoje conselheiro e visconde do mesmo nome), uma outra de Manuel Jorge Rodrigues, datada de 7 d'agosto, e os officios do mesmo de 26 d'esse mez, de 6 de setembro, de 5 d'outubro, de 14 do mesmo, de 4 de novembro e de 17 de dezembro, todos de 1835, e os de Soares de Andréa, de 19 de agosto, de 29 de setembro e de 26 de novembro, todos de 1836, abonando os serviços prestados pelo presidente do Maranhão, quer á provincia do Pará com forças e mantimentos, quer aos infelizes habitantes d'ella que se vinham refugiar no Maranhão.

Nota H

... de cavalleiro e de official da imperial ordem do Cruzeiro — pag. 256

Titulo de official da ordem do Cruzeiro

Dom Pedro, pela Graça de Deos, e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo do Brazil: Como

Grão Mestre da Ordem Imperial do Cruzeiro, Faço saber aos que esta Minha Carta virem: Que Attendendo aos bons, e uteis serviços prestados pelo Senador Antonio Pedro da Costa Ferreira a favor da pacificação da Provincia do Pará: Hei por bem Fazer-lhe Mercê de o Nomear Official da Ordem Imperial do Cruzeiro. Pelo que Mandei passar a presente Carta, a qual, depois de prestado o juramento do estilo, será sellada com o Sello da referida Ordem.

Deu de Joia a quantia de dez mil reis, que foi lançada a folhas doze do competente Livro de Receita, como constou do respectivo Conhecimento em forma.

Dada no Palacio do Rio de Janeiro em oito de Maio de mil oito centos e quarenta e hum, Vigesimo da Independencia e do Imperio.

(Estava o sello.) IMPERADOR P. 2...

CANDIDO JOSÉ D'ARAUJO VIANNA.

Carta porque Vossa Magestade Imperial Ha por bem Fazer Mercê ao Senador Antonio Pedro da Costa Ferreira de o Nomear Official da Ordem Imperial do Cruzeiro, como n'ella se declara.

Para Vossa Magestade Imperial ver.

Nota I

... que assim houvesse indicar o titulo — pag. 258

Carta do ministro do Imperio offerecendo ao senador Antonio Pedro o titulo de barão com grandeza

Ill.mo e Ex.mo Senr.

Tendo S. M. O I. Se Dignado Nomear a V. Ex.a Barão de Pindaré — com Grandeza, não desejo que V. Ex.a tenha esta noticia pelos Jornaes antes de prevenido por mim.

Quiz ir vesitar a V. Ex.a e pessoalmente communicar-lhe este

despacho, todo devido aos serviços que em diversas epochas V. Ex.ª tem prestado ao Paiz.

Tenho para isto, porem, só disponiveis a tarde de hontem e a manhan de hoje; mas quer n'uma, quer n'outra occasião, fui embaraçado pela chuva, que n'estas bandas foi copiosa.

Dou a V. Ex.ª os parabens por tam distincta lembrança de Sua M. o I.

Parece-me acertado o titulo escolhido. Entretanto si V. Ex.ª preferir outro logar ao dezignado, tenha a bondade de m'o communicar pelo portador, e eu verei ainda se chega a tempo de pedir licença para a mudança a S. M.

Prevaleço-me da occasião para reiterar a V. Ex.ª os protestos de consideração e respeito, com que sou

De V. Ex.ª
Am.º e m.to Obr.º Cr.º

Em 1 de desembro
(á noite).

Luiz Pedreira do Couto Ferraz.

Nota J

... é mostrar desprezo cynico pela mesma Constituição — pag. 267

(Discurso a favor dos compromettidos na revolta Praieira)

(Depois de referir-me no corpo da obra a esta nota, entendi mais acertado supprimir seu conteúdo, que, sem grande interesse, ia comtudo avolumal-a).

Nota K

... morreu longe do reboliço do mundo — pag. 270

O barão do Pindaré

«As rajadas do vento vão gastando a pedra, a chuva e o sol estragam o marmore, e os baixos-relevos do Parthenon sumidos e apagados, mostram apenas os vestigios d'essas obras em que se revela

o vasto genio do esculptor antigo. O proprio bronze, attestam-no as ruinas do Egypto, não reziste eternamente á acção lenta e continua dos seculos e de seus cataclysmos.

«Porém si o papyro, em que se traçaram os poemas do divino Homero, chegou até nós, existe, ha algumas centenas de annos apenas, um fragil recipiente, que melhor que o marmore, que o bronze e que o papyro conserva em sua maior pureza o deposito do pensamento humano:—é a imprensa! a imprensa, cujos productos ephemeros são indestructiveis, porque se reproduzem incessantemente, sem difficuldade e dispendio.»

Não ha muito que o erudito Hippolyte Castille assim fallava, rematando uma de suas eloquentes biographias: as palavras do escriptor francez teem presentemente perfeita e justa applicação: os serviços relevantes do Brasileiro nobre e digno, cuja vida esboçamos em nossas columnas, não serão perpetuados por monumentos sumptuosos ou magnificas estatuas: a posteridade conhecê-los-ha por meio da imprensa.

Homem probo e illustrado, cidadão proeminente e respeitado, parlamentar fecundo e energico, administrador cuidadoso e imparcial, o senador Antonio Pedro da Costa Ferreira dedicou-se durante sua longa vida á defesa das duas grandes idéas: patria e liberdade. Das altas posições que occupou poderia ter alcançado grandes distinctivos: desconhecendo a ambição, esse iman que opera prodigiosos milagres, regeitou-os; e quando seus amigos governavam o paiz, se alguma cousa pedia-lhes, era protecção para seus compatriotas intelligentes e respeitaveis. Despresando o poder, pois trabalhava não para conquistál-o mas para offertar aos seus a palma da victoria, morreu longe do reboliço do mundo: a nova infausta de seu fallecimento não provocou demonstrações pezarosas nem annuncios de missas mandadas celebrar pelo repouso de sua alma.

É notavel o mau fado que acompanha os grandes homens em nossa terra: as sombras venerandas dos sustentaculos de nossa liberdade desapercebidamente escondem-se nas dobras do passado: as estrellas fulgurantes, que allumiaram as campinas do Ypiranga, eclipsam-se no horisonte sem que o poder annuncie o seu desapparecimento. E ao passo que o governo assim procede, dando provas de pouco apreço aos varões illustres da nossa epopéa politica, baratea as mais solemnes demonstrações, elevando á cathegoria do me-

recimento acrysolado homens que não possuem titulos á nossa admiração.

Causa lastima que em nossa patria o governo decrete estatuas e tome lucto pelo fallecimento de José Clemente Pereira, esse abutre hediondo, que tentou não só proclamar o absolutismo, fundando-se para isso em pedidos do povo extorquidos pelo mais abjecto servilismo, como tambem reduzir-nos á triste condição do regimen colonial; causa lastima a maneira por que o governo appresenta-se como iniciador de pomposas exequias em honra de Fernando de Napoles, o tyranno faminto e voraz, que nas vascas da morte, nas agonias do ultimo delirio, ainda vira os espectros ensanguentados de tantas victimas illustres torturadas e assassinadas por uma policia secreta e infernal, que para satisfazer seus barbaros desejos tinha necessidade de acoutar as quadrilhas de salteadores, que infestavam as estradas do reino das Duas-Sicilias. Similhantes espectaculos resaltam ainda mais á vista, porque são a anthithese perfeita do que se pratica para com os homens sinceros e leaes: no cortejo funerario do venerando estadista Alves Branco não se divisava o semblante de um só Ministro de Estado; Nunes Machado, o tribuno pernambucano, foi assassinado e arrastado pelas ruas do Recife no meio das vozerias da canalha, açulada pelo chefe de policia.

De que valem, porém, os officios funebres, pagos generosamente pelos cofres do Thesouro, o levantamento de estatuas magnificas e o producto de subscripções *espontaneas*, quando teem por fim endeosar uma vida de crimes e de erros? Taes decretos serão sanccionados pelo tribunal dos vindouros? Talvez nos enganemos, porém acreditamos piamente que, quando tiverem de apparecer essas sentenças, os bustos não estarão acima dos tumulos singelos e o brilho das fardas deslumbrar-se-ha ao contacto dos andrajos.

Em quanto, porém, a luz da verdade não dardejar sobre nós seus limpidos raios, curvemo-nos uma vez ante o patriotismo, a virtude e o merito.

Antonio Pedro da Costa Ferreira militou sempre nas fileiras do partido liberal. Desde 1823, em que estreou sua vida politica, defendendo com ardor a independencia do Maranhão, até o dia em que falleceu, nunca hesitou um só momento em abraçar a causa da liberdade: com os liberaes houve-se sempre, por espaço de quasi quarenta annos

Collocado pela sua provincia na Camara quatriennal logo na segunda legislatura, mostrou-se digno collega do incansavel Odorico Mendes, e fez parte da opposição do primeiro reinado. Nos debates da sessão de 1830 esteve sempre ao lado de Evaristo e d'aquelles que anhelavam a execução litteral da Constituição do Imperio, vilipendiada pela creação de commissões militares e por outros manejos perfidos e infames. Depois da abdicação do sr. D. Pedro I continuou a sustentar a monarchia e a liberdade moderada.

Nomeado presidente do Maranhão, comprehendeu a sua missão e adquiriu sympathias unanimes, protegendo a liberdade do voto, cohibindo os excessos das facções, perseguindo os criminosos e desenvolvendo o progresso moral e material de uma tão importante provincia, cuja administração deixou para occupar o logar de senador para que fôra nomeado em substituição ao visconde de Alcantara.

O Senado foi o principal theatro de suas glórias: ahi sua palavra eloquente corria rude e franca, captando a benevolencia do auditorio; conciliava a aridez de questões importantes com a applicação de epigrammas chistosos, que davam a seus discursos uma côr tão interessante que notava-se avidez em ouvil-os. Tendo tomado assento tres annos depois de escolhido, encontrou logo occasião propicia para mostrar a energia de que era dotado: o primeiro regente do Acto Addicional, cansado de uma lucta violenta, e não querendo ceder cousa alguma a seus numerosos adversarios, resignou o poder; o novo governo, hasteando a bandeira do regresso ousado, preparou-se para golpear as leis sanctas, cuja promulgação tinhamos conseguido depois de tantos esforços. O espirito de liberdade, innato no coração dos brasileiros, revoltou-se contra as tendencias para o despotismo. Surgiu essa opposição enriquecida por tantos talentos illustres e que, na expressão de um joven escriptor, teve por luzeiro de seus triumphos a palavra luminosa do Mirabeau do Brasil: no Senado foram os seus mais proeminentes membros Vergueiro, Paula Souza e Costa Ferreira, que aproveitando-se das garantias concedidas pelo regimento da casa, embargaram durante grande numero de sessões os projectos reaccionarios do governo, que tinha em mente destruir os effeitos salutares do glorioso 7 de abril e reconduzir o paiz ao estado anomalo, em que havia jazido por longos annos. Os ministeriaes accusavam de proteladora a pe-

quena phalange intrincheirada na Camara vitalicia; ella, porem, pouco importava-se com estas censuras, e tendo em mira só o bem da patria, seguia a sua rotina, augmentando a guerra feita ao governo.

Correram os tempos, a opposição foi adquirindo mais combatentes e a opinião publica descrendo d'aquelles que tinham derribado Feijó. Em 1840 a existencia do mal era evidente e por todos reconhecida: os facultativos combinavam no remedio: só a maioridade era capaz de salvar o paiz.

Alguns senadores appresentaram então a idéa de declarar-se maior o Imperador — idéa esta que foi rejeitada a 20 de maio por uma maioria de 2 votos. Costa Ferreira, Alencar, José Bento, Pontal e os dous irmãos Albuquerques foram os signatarios d'esse projecto. Desde então começou-se a notar um enthusiasmo quasi phrenetico pela maioridade; os homens que governavam conheceram a maneira estrondosa por que o Monarcha era saudado todas as vezes que apparecia em publico, e, ciosos de conservarem a direcção dos negocios, assentaram de nella manter-se o maior espaço de tempo que lhes fosse possivel; serviram-se de uma tactica e encarregaram um de seus amigos, o deputado Carneiro Leão, de propor que se auctorisasse aos eleitores o conferir nas procurações faculdade para ser reformado o artigo 121.º da Constituição, declarando por esse modo não ser possivel decretar a maioridade por uma simples lei ordinaria, como pretendiam alguns senadores.

A opinião geral, que se achava prevenida, não acreditou na dadiva, que se queria offertar, e respeitando o dito do poeta latino

Timeo Danaos et dona ferentes,

descobriu a legitima intelligencia, que devia ser ligada á proposta mencionada. O successo foi espantoso, e Carneiro Leão retirou o seu projecto. Desfeito este plano, tentou o governo o ultimo meio: contra elle ergueu-se o povo: o regente viu desvanecidos os seus sonhos e proclamou a maioridade.

Terminado o combate, Costa Ferreira foi alistar-se debaixo da nova bandeira e prestar apoio franco e decidido ao Ministerio de 23 de julho. Cêdo teve de abandonar os arraiaes governistas para ir acampar-se nas tendas opposicionistas; em março de 1841 subiram os homens das tradicções caducas e decretaram perseguição injusta ao grande partido, fazendo sanccionar leis de rigor, recru-

tando milhares de individuos, dissolvendo uma camara eleita placida e serenamente e tratando com barbaridade as provincias que tinham ouzado protestar contra similhante procedimento. Foi uma guerra de morte: de tudo se lançou mão: chegaram até a pôr em duvida o monarchismo dos perseguidos.

Costa Ferreira sorria-se ao vêr taes calumnias, confiára em que a nação lembrar-se-hia de que elle sustentára com ardor o throno imperial, emquanto que os que agora diziam-se conservadores exagerados e assassinavam em nome das instituições monarchicas, cuidavam com todo o desvelo na organisação de sociedades regicidas, que tinham por divisa estas palavras: *Morte aos tyrannos, e tyrannos são todos os reis.*

O governo anti-brasileiro terminou: o crime deixou de ser galardoado e o povo não mais ouviu o tinir das algemas: era o 2 de fevereiro que apparecia risonho e festivo.

Durante o dominio liberal foi defensor das idéas apoiadas pelo poder; seu nome era sempre lembrado para as mais honrosas commissões.

Com a ascenção do gabinete de 29 de setembro collocou-se outra vez na opposição. Apesar de velho e cançado não desanimou, e foi um dos poucos senadores que fallaram a favor dos miseros pernambucanos. Citaremos os seguintes trechos de alguns dos seus discursos e ver-se-ha n'elles o reflexo dos sentimentos que o animavam.

«Não é difficil governar, é facil; como? — observando a lei. Mas se não se quer observar a lei, como se póde governar? O que se tem feito, pergunto eu? Mandou-se, v. g., supprimir a imprensa: julgaes porventura que isto é constitucional? Prenderam-se, deportaram-se cidadãos sem suspensão de garantias: julgaes isto constitucional? Se acaso ha perigo, se a patria corre risco, o remedio está na Constituição; póde-se remediar o mal pela maneira que a mesma Constituição manda. Que repugnancia tendes vós, pois, em salvar o paiz pelos meios marcados na Constituição? Se acaso as desordens de Pernambuco punham em perigo a patria, porque não suspendestes as garantias? Porque deixastes que os presidentes prendessem e deportassem arbitrariamente? Porque esse luxo de despotismo? Porque déstes assim occasião a que os anarchistas digam que não se quer a Constituição, e tanto não se quer, que, estando marca-

dos nellá os meios pelos quaes se devia marchar legalmente contra as desordens, não se seguiram estes meios?

«Desde quando soubestes que era necessario uma suspensão de garantias para Pernambuco? Desde quando julgastes que cumpria lançar mão de medidas extraordinarias, que a mesma Constituição permitte? Porque não usastes dessas medidas que a Constituição consigna? Porque não batestes os desordeiros com os meios legaes? Para que essa ostentação cynica do despotismo? Para que dizer: — eu podia caminhar por meio da lei, podia pedir uma suspensão de garantias; mas deixemo-nos d'isso, fique a cidade em sitio, fiquem os periodicos em sitio, prenda-se a quem entrega periodicos, fique a imprensa suspensa? — Responda o sr. senador, não foi isto assim? E fallando eu por este modo, quero apadrinhar desordeiros? Quem apadrinha desordeiros são aquelles que usam de meios contrarios á Constituição. Não se quer que as cousas marchem como devem ser. Nós vimos nos officios do sr. ministro da marinha, quando presidente de Pernambuco, que o que lá havia não era nada, era um pequeno partido que nada valia; entretanto no dia 2 de fevereiro, de repente o que era pequena desordem metteu susto a todos. Aqui está porque não creio em certas palavras: aqui está porque algumas cousas que digo arranham os ouvidos dos nobres ministros. No meu modo de pensar não sei o que seja o homem que diz uma cousa agora e outra depois. Ou esse presidente era muito ignorante, ou não fazia caso das leis; porque dizer que havia uma pequena desordem, não pedir meios para rebatê-la, e depois repentinamente dizer: — ha uma rebellião — e lançar mão de todas as medidas anticonstitucionaes, medidas que podiam ser realisadas pela mesma Constituição, é mostrar desprezo cynico pela mesma Constituição.

«Que nome deve ter um homem que falla d'esta maneira? Falto porventura á dignidade do Senado, exprimindo-me d'este modo? É isto um palacio de aulicos? Usaremos da linguagem dos cortezãos de certo imperante, que a tudo quanto este pretendia respondiam: — Se é possivel, está feito; se não é possivel, far-se-ha? — Quereis que aqui se use d'esta linguagem? É ella propria do Senado?

«Senhores, eu não quero desordens, mas tambem não quero que sejam combatidas, tornando-se os combatentes criminosos; é uma condição muito triste. Conheço que ás vezes uso de expressões, que talvez não sôem bem, porque digo verdades.»

Nos ultimos annos de sua vida as molestias e a avançada edade retiraram-no para longe da côrte: novo Cincinato, tendo defendido Roma, trocou os palacios imperiaes pela sua habitação rustica e affastada. D'ahi só arredavam-n'o circumstancias imperiosas: quando ellas appareciam erguia-se ainda e vinha sentar-se no theatro onde se cobrira de gloria, combatendo ao lado dos Alves Brancos, dos Vergueiros, dos Paula Souzas, dos Feijós e de outros vultos que já dormiam o ultimo somno.

Em dezembro de 1854 S. M. o Imperador julgou dever premiar tantos e tão relevantes serviços, conferindo-lhe o titulo de barão de Pindaré.

Além de firmeza e lealdade havia em Costa Ferreira outra qualidade que mais o recommendava — era o afan com que soccorria a pobreza: sua mão nunca fechou-se áquelle que esmolava o obolo da charidade. Não possuindo riqueza e vivendo apenas de seus ordenados, foi no entanto o arrimo de muitas familias.

A terra dos Odoricos e Timons cubra-se de lucto pela perda de um de seus mais distinctos filhos.

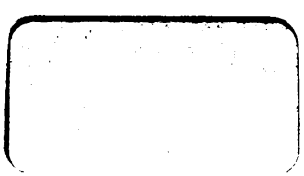
Christãos, lamentemos a morte do bemfeitor sincero e modesto; liberaes, avivemos os feitos gloriosos e illustres de Costa Ferreira. Seja a sua memoria um estimulo para combatermos as desgraças do presente!

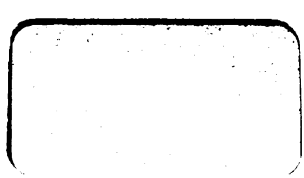
(Da *Legenda,* jornal litterario de San'Paulo, 1860, pag. 42 a 47.)

INDICE

	PAG.
Dedicatoria	V
Advertencia	IX
I Manuel Odorico Mendes	1
II Visconde d'Alcantara (João Ignacio da Cunha)	101
III Francisco Sotero dos Reis	119
IV José Candido de Moraes e Silva (O Pharol)	185
V O Senador Antonio Pedro da Costa Ferreira (barão de Pindaré)	239
Notas	277

FIM DO TOMO I





Libreria NARDECCHIA
ROMA

SA
126
10

HARVARD COLLEGE LIBRARY
SOUTH AMERICAN COLLECTION

THE GIFT OF ARCHIBALD CARY COOLIDGE, '87
AND CLARENCE LEONARD HAY, '08
IN REMEMBRANCE OF THE PAN-AMERICAN SCIENTIFIC CONGRESS
SANTIAGO DE CHILE DECEMBER MDCCCCVIII

am. 8.
979

HISTORIA DA MISSÃO

DOS

PADRES CAPUCHINHOS

NA ILHA DO MARANHÃO.

HISTORIA DA MISSÃO

DOS

PADRES CAPUCHINHOS

NA ILHA DO MARANHÃO E SUAS CIRCUMVISINHANÇAS

PELO

PADRE CLAUDIO D'ABBEVILLE

TRADUSIDA E ANNOTADA PELO

DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES

Cavalleiro da Real e Militar Ordem Portuguesa de Nosso Senhor Jesus Christo, Cavalleiro e Official da Imperial Ordem da Rosa, Membro do Instituto Historico, Geographico, e Ethnographico do Brazil, da Sociedade geographica de Pariz, e socio correspondente, effectivo, honorario e benemerito de muitas outras sociedades litterarias e scientificas, nacionaes e estrangeiras.

MARANHÃO—1874.

SA 6126.10

HARVARD COLLEGE LIBRARY
THE GIFT OF
ARCHIBALD CARY COOLIDGE
AND
CLARENCE LEONARD HAY
Apr 20, 1929

Typ. do Frias, rua da Palma n. 6.

Á SAUDOSA MEMORIA

DE MINHA QUERIDA MÃE

D. FELICIANNA MARIA MARQUES.

Ainda uma vez, ó minha Mãe, eu venho respeitosamente depositar sobre vosso tumulo este osculo de amor, juntamente com minhas saudades sempre vivas, e minhas recordações sempre dolorosas.

Acceitae esta pequena lembrança do muito que vos amei em vida, e do muito que vos chorei na morte, e lá do Ceo, onde vos collocaram a misericordia Divina e vossas obras de caridade neste mundo, abençoae o vosso primeiro Filho.

AO LEITOR

Ainda uma vez o amor, que sempre dediquei ao estudo da historia patria, especialmente da Provincia onde vi pela primeira vez a luz do dia, aconselhou-me a empregar as horas do meo descanço na traducção da presente obra.

Publicada em Pariz no anno de 1614 esta obra, fructo brilhante do innegavel talento do venerando Padre Claudio d'Abbeville, hoje éra rissima, e julgando-a uma preciosidade, ainda por isso mesmo, não hesitei um só momento em traduzil-a e entregal-a á publicidade.

Escripta por um dos mais ardentes e virtuosos Apostolos da Religião do Martyr do Golgotha, que jamais pisou terras do Maranhão, merece ser lida e apreciada por todos aquelles que, como eu, amão o berço natal ou a terra, que lhes offerece pacifica e amiga hospitalidade.

Com taes pensamentos vou informar aos meos leitores o que sei relativamente á vida primitiva de tão virtuoso Sacerdote.

Nasceo em Abbeville na segunda metade do seculo XVI, e seos Paes deram-lhe o nome de Firmino Foullon. (*)

(*) Ternaux Compans escreveo *Toullon* nos *Archives des voyages*.

Sua familia era muito religiosa, e nos seos exemplos sem duvida, elle, seo irmão Marçal e sua irmã Claudia receberam a inspiração, que os fez esquecer as illusões do mundo e dedicarem-se ao serviço de Deos.

O Padre Claudio deixou o seculo e até o nome patronimico, e em 14 de Julho de 1601 inscreveo-se no catálogo dos primeiros Capuchinhos d'Abbeville, adoptando por sobrenome o da terra de seo nascimento, e ficando com elle conhecido desde os claustros de sua Religião, até hoje e para sempre.

O seo ardente zelo e piedosos esforços o aconselharam a edificar um Convento mais vasto para a sua Ordem monastica, e escudado com a fé, que transforma a aridez em abundancia e a pobresa em opulencia, collocou a pedra fundamental para essa construcção em 17 de agosto de 1606.

Deos abençuou tão santa dedicação, cahiram por terra todos os obstaculos, e n'esse mesmo anno a obra foi terminada e elle eleito, em recompensa justa de suas fadigas, primeiro Guardião desse Convento.

Sua irmã, imitando exemplo tão notavel, fundou o *Hospital dos Orphãosinhos pobres*.

Ambas estas instituições foram estabelecidas na terra em que nasceram.

Este piedoso estabelecimento attingio o seo maior grau de perfeição, e de prosperidade em 1641. (*)

(*) Mr Prarond, auctor de uma obra mui estimavel, intitulada— *Les hommes utiles de l'arrondissement d'Abbeville* e publicada em 1858 narra largamente os caridosos actos desta Religiosa.

Infelizmente quando começa a escrever sobre os feitos do Padre Claudio elle convida o leitor a consultar a obra, ainda inedicta, que compoz sob o titulo *Histoire litteraire des illustrations d'Abbeville*.

Não me occuparei dos feitos gloriosos do Padre Claudio d'Abbeville nesta Provincia, porque não quero antecipar ao leitor o prazer, que sem duvida sentirá ao lêr as paginas d'esse venerando Sacerdote, que procurei trasladar para a lingua portugueza com toda a fidelidade, vigor de phrase, e sublimidade de pensamento, com que elle as escreveo, fazendo os maiores esforços para tornar minha traducção tão fiel quanto o permittia a nossa lingua.

Vinte e tres annos foi a sua vida de Religioso, e felizmente se escoaram todos os dias de tão preciosa existencia no serviço de Deos.

Deitado no regaço da Fé, e já em vida cercado de brilhante aureola de gloria, que Deos só concede aos seos escolhidos, entregou sua alma ao Creador na cidade de Ruão em 1616.

Alguns escriptores, e entre elles o erudito Mr. Prarond, marcam o anno de 1632 como o termo de sua existencia, porem o meo estimavel amigo o sabio Mr. Ferdinand Diniz, nome tão querido de todos os brazileiros como escriptor conscienciosó, e que não póde ser citado senão com muita veneração, na carta, com que me honrou em 14 de novembro de 1873, enviando outra de Mr. Prarond em resposta a varias perguntas, que lhe fiz sobre a vida do Padre Claudio, asseverou-me que, para me dar informações exactas, examinou pessoalmente na *Bibliotheca nacional* os poucos papeis, ali existentes, dos *Archivos dos Capuchinhos*, e colheo a certesa de haver elle fallecido em 1616 como vio no *Catálogo dos obitos dos Religiosos Capuchinhos no seculo XVII*.

Deo cauza a este engano o lêr-se no mesmo *Catálogo* sob n.° 29:045, 2.° vol. em 4.°, haver morrido de peste em Amiens o Padre Faubert d'Abbeville.

O pouco cuidado originou a confusão, d'ahi a duvida e a incertesa hoje terminada graças aos estudiosos esforços já citados.

Alem da presente obra, «de maior importancia para este bello paiz» na phrase conscienciosa de Mr. Ferdinand Diniz, informou-me este mesmo litterato que na 2.ª parte dos *Archives des Voyages*, publicada por Ternaux Compans, existem importantes documentos a respeito da Missão primitiva do Maranhão.

Entre estes encontra-se um intitulado—*Lettre d'un Père Capucin s'etant acheminè en la flotte dressée soubs l'auctorité du Roy par le Sieur de Razilly au fleuve de Maragnon et terres adjacentes en l'Inde Occidentale, en l'aquelle est descripte l'arrivée des Français au dit pays et l'accueil qu'on leur y a fait. Au nom de Notre Seigneur Jesus Christ. Ecrite par le Reverend Père Claude d'Abbeville, Predicateur Capucin, estant de present en l'Inde nouvelle appellée Maragnon, envoyée á son frère pareillement Capucin nommé frère Martial d'Abbeville et a un sien autre frère nommé Monsieur Toullon. Á Pariz, chez Gilles Blaisot, imprimeur prés la porte Saint Marçel MDXII, avec permission. Au nom de Notre Seigneur Jesus Christ.*

Senti não encontrar aqui, nem em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro esta obra, porque sem duvida eu a traduziria, e uniria ao presente volume.

Antes de depôr a penna o coração leva-me ainda a fazer algumas revelações para em publico dar os meos agradecimentos á quem muito me auxiliou na realisação deste trabalho.

Ao illm. sr. dr. Antonio Henriques Leal agradeço o exemplar da presente obra, que me emprestou para traduzil-a.

É muito rara, como ja disse, não encontrei-a nos vastos e curiosos mercados da Europa, nem mesmo não fazendo questão de preço.

Sem esse favor, eu por certo não poderia realisar o meo desejo, qual o de espalhar pelo povo menos instruido o conhecimento da historia primitiva do Maranhão.

Foi esse pensamento, que me forçou a não satisfazer as louvaveis intenções do meo erudito amigo o sabio Historiador do Brazil, o incançavel e nunca assaz louvado snr. Conselheiro Francisco Adolpho de Warnhagen, hoje Visconde de Porto Seguro, quando em 14 de Janeiro do corrente anno, de Vienna d'Austria, me aconselhou que a reimprimisse para fazel-a mais lida por maior numero de pessoas.

Ao sabio francez, o illustrado Bibliothecario da Bibliotheca de Santa Genoveva de Pariz, verdadeiro e sincero amigo dos brazileiros, e Historiador consciencioso, o venerando Mr. Ferdinand Diniz, auctor de tantas obras de notavel merito, tributo respeitosamente meos mui cordiaes agradecimentos pelo muito que me ha animado com sna constante, instructiva e nunca interrompida correspondencia desde que conheceo o meo *Diccionario Historico e Geographico da Provincia do Maranhão*, e ainda mais pela expontaneidade com que me mimoseou com apontamentos para a biographia do Padre Claudio, entregando-se á pesquisas sempre fatigantes em archivos, e até a escrever a Mr. Prarond.

São finezas estas, que a alma sente, e o coração guarda com todo o cuidado, mas nem sempre a penna póde traduzir bem, porque o que ha de mais sublime no coração do homem não póde ser escripto, como muito bem disse Mr. de Lamartine.

O illm. sr. dr. Aristides Augusto Coelho de Souza tendo noticia destes trabalhos, e conhecendo o quanto são onerosas as despesas typographicas, nunca produzindo lucro algum especialmente á quem escreve obras litterarias, mormente historicas, propoz na ultima sessão da Assembléa Legislativa Provincial de

1872 á 1873, que se auxiliasse esta publicação, e a da obra do Reverendo Padre Ivo d'Ewreux com a quantia de 4:000$000 de reis, mediante concurso.

Quase por unanimidade foi approvada esta nobre ideia de tão distincto e illustrado Representante da Provincia pela patriotica Assembléa de que fazia parte.

Em 3 de outubro de 1873 com a Presidencia da Provincia fiz o contracto obrigando-me pela diminuta quantia de um conto e quinhentos mil reis a publicar ambas as obras, dando ao governo provincial 250 exemplares de cada uma, não levando dinheiro algum pelas traducções, que me consumiram muitas e muitas noites de aturado labor.

Como se vê não fui levado por ambição ou cubiça insaciavel: quiz apenas attenuar um pouco as muitas despesas, que sobre mim pesam com esta e com a outra publicação, já no prélo.

Este contracto foi mais um importante serviço, que á esta Provincia prestou o seu ex-administrador, o justiceiro e incançavel sr. dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha.

Acceitem pois o referido sr. dr. Aristides Augusto Coelho de Souza e os srs. Deputados, que apoiaram a sua ideia, os meos agradecimentos, embora não fosse esse auxilio prestado a mim intencional e individualmente, e sim áquelle que no concurso melhor vantagem offerecesse á Provincia, o que se deo commigo.

Ao illm. sr. coronel Francisco Raimundo Corrêa de Faria, maranhense tão versado na lingua indigena, devo muitos agradecimentos pela bondade e promptidão, com que acolhendo meos pedidos, deo-se ao trabalho de decifrar a significação de muitas palavras de origem indigena, que se encontram n'esta obra.

Receio porem não ter sido feliz quando lhe remetti para o Pará, sua residencia, as palavras só sem a descripção da planta

ou dos animaes, (vide cap. XXXVIII á XLII) e por isso em breve elle de posse do presente livro ampliará seu modesto, porem muito proveitoso e intelligente trabalho, e então eu o apresentarei em supplemento no fim da obra do Padre Ivo d'Ewreux, como luz necessaria e indispensavel.

Aos meos leitores, os conscienciosos, peço desculpa para algumas faltas, que sem duvida hão-de encontrar, embora fossem esta obra e a que se segue revistas, de conformidade com o § 6.° do contracto, por uma commissão composta dos exm. sr. Senador Luiz Antonio Vieira da Silva e illms. srs. drs. Antonio dos Santos Jacintho e Joaquim da Costa Barradas, porque traductor e revisores são homens, e por tanto sugeitos á todas as fraquesas inherentes á especie humana.

Consola-me a consciencia, e recompensa as minhas fadigas o pensamento de haver carregado mais um importante auxiliar de subido valor para o vasto Templo da Historia Patria, do qual vejo, e com profundo desgosto, tão arredios tantos trabalhadores, aliás intelligentes, sem se lembrarem de ajudar aquelles que, embora fracos como eu, luctam e se dedicam com todas as forças á este e outros empenhos de igual alcance, e as vezes até criticando-os injusta e apaixonadamente, sem a menor consciencia, confundindo-se assim com essa turba de ociosos e de ignorantes, que incapases de se dedicarem á uma occupação séria, cheios de inveja buscam, porem debalde, lançar por terra os trabalhos alheios sem se recordarem, que assim como o elogio nunca deo vida ao que deve morrer, assim tambem a critica nunca ha-de matar o que deve viver, segundo o juizo por demais auctorisado do Visconde de Chateaubriand.

S. Luiz do Maranhão 12 de julho de 1874.

Dr. Cezar Augusto Marques.

PREFACIO.

Ó altitudo divitiarum sapientiœ, et scientiœ Dei: quam incomprehensibilia sunt judicia ejus, et investigabiles viœ ejus! oh! sublimidade das riquezas da sabedoria e sciencia de Deos: quanto são incomprehensiveis seos juizos, e imprescrutaveis os seus designios!

Quem não admirará, quem não louvará, quem não glorificará a sabedoria do Creador? Quem não se extasiará considerando a certesa dos seos juizos, e não derramará muitas lagrimas meditando na sua docil, divina e paternal providencia, com que rege e governa suas creaturas, dando-lhes meios mais que bastantes para guial-as, e quasi impellil-as, ou antes dispol-as e attrahil-as docemente ao fim para que foram creadas?

Si tantos philosophos christãos tem ficado admirados na indagação curiosa dos segredos da naturesa, e da sua boa ordem, que reconhecem, embora ignorem a causa primitiva dos seos effeitos, e o principal motor de suas admiraveis mo-

las, o que não acontecerá aos philosophos christãos, que não contemplão só os objectos, e sim por meio da luz da fé vão alem do que o espirito humano, a não ser angelico, póde comprehender aprofundando os impenetraveis designios do Altissimo, e passando por cima da fraqueza da natureza, diante da infinita grandeza da Magestade Divina? Ficão (como que por mui temerarios) offuscados e esmagados com a sua gloria: quando não confundidos, são forçados a admirar o que a debil agudeza de seos espiritos não poderia penetrar dizendo com o propheta:—*quam magnificata sunt opera tua Domini. Psal. Ne, nimis profunda facta, sunt cogitationes tui!* Ó Senhor, quam grandes são vossas obras. Ah! quam profundos são vossos pensamentos; são os abysmos, e torrentes, que ninguem pode penetrar!

Quem jamais entrou no occeano dos juizos incomprehensiveis deste grande Deos para achar ou procurar a razão de seos divinos conselhos, sem perder logo a terra de vista, e sem nadar no largo seio deste mar sem fundo e sem praias?

Quem explicará a razão porque tendo sido offendido por S. Pedro e Judas, Elle escolhesse aquelle e repellisse este?

Dois homens estão pendurados no patibulo da Cruz, conjunctamente com Jesus Christo, nosso Salvador, e ambos são ladrões: á um, que se converteo por sua divina graça, prometteo sua gloria, e ao outro deixou na obstinação.

Quem poderá dizer a razão d'isto?

Igual segredo involve o estado do pobre povo do Maranhão e suas circumvisinhanças.

Si perguntardes a razão, porque a Magestade Divina não os esclareceo com a luz da Fé, quando começou a brilhar no mundo o verdadeiro Sól da Justiça, nosso Salvador, como aconteceo em França, na Italia e na Hespanha, não consentindo que tantas e tantas almas, depois de não sei quantos annos, descessem desgraçadamente aos infernos—porque foi

de sua vontade, que n'esses ultimos tempos lhes pregasse o seo Santo Evangelho quem lhe aprouve escolher e enviar então, e não no principio da Lei da Graça, a unica resposta a dar-vos era—*sicuti Domino placuit ita factum est* «fez-se como Deos quiz.»

Á vista d'isto convem que desappareça todo o juizo, e que emmudeça toda a lingoa humana a não ser para louvar e abençôar o nome d'Aquelle, que por sua divina providencia, escolheo os meios e a occasião, no que tinha pensado desde a eternidade, para o cumprimento de suas promessas.

Havia Deos promettido por intermedio de seos prophetas, e especialmente por seo Filho querido, que não chegaria a consummação dos seculos antes de ser prégado por toda a parte seo Santo Evangelho. *Prædicabitur hoc Evangelium regni in universo orbe in testimonium omnibus gentibus, et tunc venit consummatio.*

«Este Evangelho do reino, diz Nosso Senhor, será prégado no mundo, sendo testemunhas todas as nações, e então virá á consummação.»

O mesmo promette e assevera em S. Marcos, 13. «Convem primeiramente ser prégado o Evangelho (disse elle) em todas as nações.» *In omnes gentes primum oportet prædicari Evangelium.* É uma necessidade—*oportet.*

Disse e asseverou-nos Nosso Senhor ser prégado seo Evangelho antes da consummação do mundo *in omnes gentes,* á todos os povos, a todas as gentes, e a todos os paizes, e ilhas habitadas no mar e na terra, aquem e alem da linha equinoccial.

Não é isto o que nos ensina a Aguia dos Evangelistas sob a bella forma deste anjo mysterioso, descido do céo?

Tinha este anjo, disse elle, dois pés como columnas de fogo, um sobre o mar e outro sobre a terra, e com um li-

vro aberto na mão dava gritos semelhantes aos rugidos de um leão.

Que anjo seria este a não ser o anjo do Testamento, o anjo do grande conselho, nosso Salvador, Jesus Christo, que desceo do Ceo, e por nosso amor revestio-se da nuvem da nossa humanidade, trazendo na fronte o bello Iris da sua Mizericordia, signal de paz e de reconciliação: seos pés em forma de columna de fogo, um sobre o mar e outro sobre a terra representão o reinado da sua Igreja, reinado de fogo de amor, columna certa da verdade, que deve estender-se tanto sobre o mar como sobre as ilhas maritimas, e a terra.

Este anjo se fará ouvir em toda a parte antes do fim do mundo, gritará como um leão que ruge, e fará ribombar a voz de seus trovões, que são os prégadores, por toda a parte, afim de ser seo Santo Evangelho, representado pelo livro aberto, que traz na mão, visto e entendido por todos os povos, em todas as lingoas e nações debaixo do ceo.

Acabado isto, jura e protesta pelo Deos vivo, que não haverá mais penitencia para os prégadores pois o mundo findou. *Juravit per viventem in secula seculorum, quia tempus non erit amplius.*

Mas sendo o Nosso Salvador um cordeiro sem mácula, como diz Isaias, e que se deixou arrastar ao supplicio da Cruz sem proferir uma só palavra, porque esta Aguia dos prophetas compara sua voz antes ao rugido d'um leão, do que ao balido d'um cordeiro, quando diz, que no fim do mundo elle gritará, e se fará ouvir como um leão, que ruge? Ha por certo aqui mysterio.

Dizem os naturalistas, que quando nascem os leõesinhos dormem por tres dias e tão profundamente, que parecem mortos, o que observado pelo leão, que os gerou, principia a gritar, e a fazer tudo tremer com seus rugidos, e assim

são despertados e deste facto provem o dizer-se, que o leão com sua voz resuscita seos filhos.

As almas escolhidas e predestinadas são os leõesinhos, filhos do grande Deos, pelas escripturas santas tantas vezes chamado leão, ou comparado com elle.

Pobres leõesinhos! que desgraça vos aconteceo, que apenas nascidos—morreis, e vindos á este mundo sois privados da vida da graça?

É verdade ser esta desgraça commum a todos em quanto somos filhos da ira desde nosso nascimento, e morremos desde o primeiro instante da creação de nossas almas nestes pequenos corpos organisados no ventre da mãe, visto termos todos peccado com Adão.

Si se tracta dos adultos, e dos que já tocaram á idade da descripção, oh! não é certo, que mais de tres partes do mundo morrerão na alma, privados da vida da graça? Uns por heresia, outros por idolatria, estes por infidelidade, aquelles por paganismo, e atrevo-me a dizer, que quasi todos em peccado mortal.

Quando approuvèr ao verdadeiro Leão da Tribu de Judá fazer ouvir sua voz a estas pobres almas pela bocca de seus prégadores, que echôa em seus ouvidos como o rugido de um Leão, immediatamente as almas escolhidas e predistinadas, como os leõesinhos, despertarão do profundo somno do peccado, da heresia, da infidelidade e do paganismo, resuscitando da morte do peccado para a vida da graça, dispondo-se a acompanhar o grande Deus, que por sua infinita bondade dignou-se chamal-os.

Muito tempo antes foi isto dito pelo Propheta Oseas, quando prevendo a conversão dos habitantes das ilhas maritimas, e de alem-mar, assim se exprimio: *Post Dominum ambulabunt, quasi Leo rugiet, quia ipse rugiet, et formidabunt filii maris, et avolabunt quasi avis ex Ægypto, et*

quasi columba de terra Assyriorum: et collocabo eos in domibus suis, dicit Dominus: «Caminharão após o Senhor, que gritará e rugirá como um Leão, porque elle mesmo rugirá: aterrar-se-hão os filhos do mar, e fugirão do Egypto como fazem as aves, e as pombas da terra dos Assyrios, e eu os pôrei em sua casa, disse o Senhor.»

Diz o padre São Jeronymo, que todos os expositores catholicos e hebreus entendem, que esta prophecia da prégação do Evangelho devia ser feita por todo o mundo, e principalmente antes do dia de juizo.

N'esses ultimos dias este grande Leão da Tribu de Judá, nosso Salvador, Jesus-Christo, rugirá pela bocca dos seus prégadores, se fará ouvir por todo o mundo, e então os filhos do mar, isto é, os habitantes além do mar e nas ilhas maritimas se espantarão e aterrarão com a voz deste grande Leão, e por meio da prédica do Evangelho se converterão á fé.

Assim como alguns passaros do Egypto e as pombas dos Assyrios vinhão annualmente, em certa epocha, á terra da promissão, assim como as andorinhas, na primavéra partem de terras longinquas para a França em busca de calor, assim tambem estes filhos do mar, aterrados pela voz do verdadeiro Leão, e convertidos pela prédica do Evangelho, deixam o paganismo e as trevas de sua infidelidade, e contrictos virão reconhecer a verdadeira Igreja para n'ella receberem o baptismo, e participarem do verdadeiro calor d'este veridico sol de Justiça, nosso Senhor.

Não vêdes agora o cumprimento d'esta promessa?

Conhecendo Deus, que estamos na vespera d'esse dia, tão horrivel como aterrador, do seu juizo, desejando reunir todos os seus escolhidos, como o Leão, que ruge, fez ultimamente ouvir sua voz até ás ilhas maritimas das Indias occidentaes aterrando de tal fórma os Indios, *Canibaes* e

Antropophagos, que agora vêdes esses desgraçados filhos do mar sahirem da gentilidade como os passaros do Egypto, abandonarem o paganismo como as pombas a terra dos Assyrios, para seguirem o grande Deus, caminharem após o Senhor, que os chama, a refugiarem-se na terra da promissão, da Igreja Catholica, Apostolica, Romana.

A paraphrase chaldaica explica esta prophecia da conversão das Indias occidentaes por esta fórma: *Post cultum Domini ambulabunt, et verbum ejus sicut Leo erit, qui rugit, statim enim ac rugiet, congregabuntur exules ab Occidente, sicut avis, quæ apertè venit, sic venient qui in exilium acti fuerunt in terram Ægypti, et sicut columba, quæ revertitur ad columbare suum, sicut redibunt qui deportati sunt in terram Assur.* «Caminharão após o culto e serviço do Senhor, sua palavra será como a voz do Leão, que ruge, e logo que rugir os banidos e exilados se irão reunindo no Occidente, como o passaro que se vê vôar, e assim virão os desterrados no Egypto, e os banidos na terra de Assur regressarão como a pomba quando se recolhe á seu pombal.»

Na verdade, é admiravel este discurso! Quem são, dizei-me, esses banidos e exilados no Occidente a não serem esses desgraçados Indios—*Tupinambás*—da Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças?

Desejando elles evitar a crueldade e tyrannia de seus inimigos vêem-se forçados a abandonar a patria, ou a terra onde nasceram para se refugiarem nas ilhas maritimas, e nas proximidades do mar, onde agora habitam.

São estes pobres desterrados no Egypto do paganismo, e no Assur da infidelidade, que apenas ouvirão a voz tremenda d'este divino Leão, começarão a caminhar após o culto e serviço do Senhor, recolhendo-se como os passaros á seus ninhos, e as pombas á seus pombaes.

Oh! pombinhas, quanto sois amaveis e louvaveis! Sim, são estas lindas pombas sem fél, pombas de doçura, de simplicidade e de obediencia, que sendo convidadas pela voz do celeste esposo dos canticos, vem procurar esta pedra angular, meu Salvador, Jesus-Christo, para se aninhar nos póros de suas divinas chagas: pombas, que voando até hoje sobre as agoas do diluvio da gentilidade e do paganismo, não podendo achar poiso, vem agora docil e humildemente pedir a graça de serem recolhidas na Arca mistica da Igreja Catholica, Apostolica, Romana, afim de evitarem o diluvio universal da comdemnação eterna, visto não haver salvação fóra da Arca.

Quem será, porém, o Noé, que dará a mão a estas pombinhas, e abrirá a porta d'esta Arca para recolhel-as e abrigal-as do naufragio?

Oh! França, és tu, qual outro Noé a que se dirigem, como filha mais velha da Igreja, rogando-te com joelhos em terra e lagrimas nos olhos, como verás no frontespicio deste livro [1], que lhes abras as portas, e lhes dês a mão para se recolherem á Arca!

Oh! filha mais velha da Igreja, sol dos reinos, flor dos povos do universo, não te compadecerás d'essas infelizes almas prostradas a teus pés, que te podem misericordia, e desejam salvar-se por teu intermedio?

Não ouves os piados d'essas pombinhas, que choram e gemem, supplicando-te docil, humilde, e amorosamente, que lhes abras a porta? *Aperi mihi soror mea, aperi mihi soror mea.*

---

[1] No frontespicio d'esta obra em francez ha uma gravura nitida e muito bem desenhada, tendo no centro o seu titulo: é allegorica a este facto, que aqui se tracta; por falta de gravadores não a reproduzimos.

Oh! voz amorosa! Ah! França, nossa irmã mais velha, abri-nos, se quizerdes, a porta, dae-nos a mão para entrarmos na Igreja, e livrae-nos do diluvio da comdemnação eterna.

Diz Rabbi Judas, que a palavra—HEBREU—significa *gemula*. *Aperi mihi gemella mea,* «abri, minha irmã gemea.»

Chamamos a uma cousa *gemea* quando é dupla, como dois filhos de um mesmo parto, quer vivão ou não?

Genitrix partus enixa gemellos.

Diz Platão no *Livro dos Convivas,* que os primeiros homens foram gemeos, e separados depois quando Pandora descobrio o pomo da desgraça.

Parece quererem dizer o mesmo os nossos Indios Tupinambás, quando contam, e eu ouvi dos mais velhos, que antes do diluvio era uma e unica a sua nação e a nossa, que todos descendemos do mesmo pae, sendo elles os mais velhos, e nós os mais moços.

Depois do diluvio, continuam elles, separamo-nos, nós ficamos os mais velhos, e elles os mais moços, porque seo pae não quiz receber a espada do Propheta, que Deos lhe enviára. Isto está perto da verdade.

Se considerarmos ser todos filhos d'este grande Deos, nascidos na mesma occasião, do mesmo ventre de sua eterna predistinação, porque não direi serem todos os escolhidos—gemeos, unidos, e conjuntos em Deos pelo nó gordio e laços indissoluveis do amor e da caridade?

Foi isto muito bem reconhecido pela casta Esposa dos Canticos, que batendo na porta da Igreja na pessoa das infelizes almas dos pobres selvagens, porem escolhidas e predistinadas, disse fallando á França:—*Aperi mihi gemella mea.* «Abri-me, minha irmã gemea.» *Dictum est gemella mea,* (diz Rabbi Judas) *quoniam sicut hujus modi gemellis contingit, ut si aliquid senserit corpus alterius, mox so-*

cius ejus turbetur. «Ella a chama sua irmã gemea para mostrar, que sente como propria sua dor e afflição, como acontece a duas irmans gemeas, cuja existencia parece uma só, pois quando uma adoece, a outra sente o mesmo.»

Ó França, tu que tiveste a felicidade de ser a filha mais velha da Igreja, si como irmã gemea desta nova França equinoccial, ainda que selvagem e pagan agora, porem escolhida e predestinada para o ceo em tempo proprio, estás unida á ella pelos laços do amor e da caridade, como fizeste com os outros reinos e nações catholicas, porque não sentirás a dôr, que a opprime no seo tão longo captiveiro do paganismo?

Porque não te condoerás das feridas mortaes, feitas pelo diabo em almas tão infelizes?

Porque não terás pena d'estas pombinhas, que, para evitarem o diluvio da condemnação eterna, te pedem amorosamente e com lagrimas nos olhos, que lhe abras a porta da Arca da Igreja, e que lhes dês a mão para entrarem. *Aperi mihi gemella mea.* Que? *Nunquid conjungere valebis micantes stellas Pleiadas?* Disse Job. Ó França tu que és tão poderosa, não terás poder de reunir as estrellas luzentes, chamadas Pleiadas?

Dizem os astrologos serem as Pleiadas as sete estrellas do Ceo, divididas e separadas, porem muito visinhas, e calcadas sob os joelhos do Touro, entre os quaes estão situadas.

Dizem outros, que são as filhas de Atlas, que se consumiram em chorar muito, e afinal se afogaram por causa da morte de seo irmão Hijas, mordido por um javali.

Estas pobres almas indias, eleitas e predestinadas, não são bellas estrellas capazes da luz da gloria?

Estrellas? ah! separadas de Deos, arredadas do ceo, privadas, pelo peccado, da luz da graça, Pleiadas calcadas pe-

los joelhos da infidelidade e do paganismo deste Touro infernal, que é o diabo, que as captivou.

Sim, são as filhas deste grande Atlas, que é Deus que sustenta o ceo com as espadoas da sua omnipotencia: são essas moças, que se consumiram por tanto chorar, e se submergiram nas agoas da tristeza e da afflicção pela perda constante de seos irmãos pagãos, mordidos pelo diabo, que, qual outro javali, mata-os, todos os dias, e precipita-os no fundo dos infernos.

Ó filha mais velha da Igreja. *Nuncquid conjungere valebit micantes stellas Pleiadas?* Não és tu tão poderosa para salvar essas infelizes almas da desgraça e desse precipicio?

Não terás poder para livrares essa Pleiada do duro captiveiro e da escravidão, em que até hoje as tem conservado esse Touro?

Não poderás unir essas bellas estrellas ao verdadeiro Sol da Justiça, que é Deos, por meio de uma fé viva, de uma plena esperança, de uma perfeita caridade, por um só baptismo, pelo conhecimento de um só Senhor, que é Jesus Christo, e de seo vigario na terra, unico soberano pontifice, senhor e pae de todos, afim de um dia partilhar, como tu, dessa luz de gloria?

És tu, na verdade, a unica, que sobre todas as outras tens o poder, se quizerdes, de as encorporar nesse corpo mistico da verdadeira Igreja, e de guardal-as na Arca fóra da qual não ha salvação.

És tu tambem a quem ellas para este fim se dirigem, como filha mais velha da Igreja, querendo receber a Fé, a Lei, e o Baptismo somente de ti, a quem Deos, nestes ultimos tempos, concedeo tal honra e merito, reservando para si apenas a gloria.

Ó esplendido, illustre, e magnifico reinado sobre todos os outros da terra, regosija-te vendo tres lyrios, sob o reinado

do rei Luiz XIII e da rainha regente, sua mãe, mais agradaveis a Jesus Christo, entre essas nações selvagens e barbaras, e que essas almas de *canibaes*, *antropophagos*, deixando as trevas e as sombras da morte, da infidelidade, da incivilidade, e da deshumanidade em que se acham até hoje, venham agora á teos pés prostradas pedir misericordia, atrahidas pela doçura e suavidade de suas leis.

Levanta os olhos, e olha em redor de ti:

Todas essas nações comparecem diante de ti, representadas por seus filhos, que te reconhecem e te prestam homenagem em nome de seos semelhantes, como se vê representado no frontespicio desta obra. [1]

São estas provas, que Deos, n'estes ultimos tempos, reservou para te dar como herança: *vivo ego (dicit Dominus) quia omnibus his velut ornamento vestieres, et circumdabis tibi eos quasi sponsa.* «Juro-te por mim mesmo, que estou vivo, (disse o grande Deos), que serás revestido como se fosse um bello ornamento, de todos estes povos e nações: assim como o ornato da Igreja é a multidão dos crentes, e o dos santos prégadores são as pedras preciosas, que elles convertem em almas crentes, como disse o apostolo escrevendo a alguns dos seos convertidos—*meus queridos irmãos, sois minha alegria e minha corôa*—e aos outros—*vós sois nossa gloria e nossa alegria*—assim tambem, ó França, serás enfeitada com o riquissimo ornamento da gloria, tecido com muitas pedras preciosas, e semeiado de tantas joias de tão alto valor, quantas são as almas adqueridas para Jesus Christo: *Omnibus his velut ornamento vestieris et circumdabis tibi eos quase sponsa.*

Assim como a esposa cerca seo pescoço de perolas, de cadeias de ouro, e de collares, assim tambem, ó filha mais

[1] Vide nota anterior.

velha da Igreja, querida esposa do grande Rei Celeste, te cercarão todas estas almas convertidas, encorporar-se-hão a ti, que ha-de adoptal-as como teos filhos, e defendel-as como teos verdadeiros subditos para tua maior honra e merito, e para gloria de teo Esposo Jesus Christo.

Se te admiras vendo-te enrequecida com tanta honra e gloria, sendo sempre estéril, não tendo ainda convertido povo algum á fé, dizendo em teo coração com o Propheta Izaias:—*Quis genuit mihi istos? ego stirilis, et non pariens? ego destituta et sola?* «Quem me fez tão fecunda, sendo eu tão esteril? Quem me deo tantos filhos, tantos povos, e nações, eu que era só, e que me contentava com o meo unico reino? Fez-se isto por minha virtude? Foi sómente meo poder, que operou tal maravilha?»

Escuta o que disse o grande Deos: *Ecce levabo ad gentes manum meam, et ad populos exaltabo signum meum.* Levantarei minhas mãos para os gentios, disse Deos, dando-lhe minhas graças, e fazendo obras sobre-naturaes por meio de meos serviços, que mandarei para convertel-os á fé, os quaes hão-de erguer o meo signal, e plantar meo estandarte da Cruz entre os povos, e elles carregarão nos braços teos filhos, e nos hombros tuas filhas, *et afferrent filios tuos in ulnis, et filias tuas super humeros portabunt.*

São pois, ó França, de teos subditos os filhos do Seraphico S. Francisco, que este grande Deos, por teo intermedio, enviou ultimamente ás Indias Occidentaes.

Foi por elles, que a Divina Magestade fez o que lhe aprouve n'aquelle Paiz, arvorando e plantando o estandarte da Santa Cruz no meio d'essas nações selvagens.

Foram elles, que tambem agora, á imitação do verdadeiro pastor, Jesus Christo, carregaram sobre seos hombros essas pobres ovelhas trasmalhadas para o aprisco da Igreja, onde sempre te reconheceram, como sua filha mais velha, com a

fronte baixa, os joelhos em terra, honrando e respeitando os vestigios de teos pés, que desejam seguir, e imitar d'ora em diante com toda a humildade, convictas de ser o unico meio de chegarem ao céo, caminhando de dia para dia em direcção á gloria, por Deos preparada desde a formação do mundo.

Se agora tens razão para louvar teo Deos, e orgulhar-te pelos favores por elle concedidos, vendo espalhar-se por tão longe o suave cheiro de teos lyrios, e tuas proprias leis começando á florecer no meio do calor da zona tórrida, que é o Reino do Sol, muito mais terás vendo n'um d'estes dias convertidos por meio dos teos subditos á Lei de Deos tantos povos *Canibaes*, *Antropophagos*, *Amazonas*, e todas as nações indigenas, habitantes das ilhas maritimas, e das terras situadas além da linha equinoccial do lado do pólo antarctico, que te reconhecerão por seos embaixadores, como ultimamente fizeram para te offerecerem e transmittirem a posse de toda a terra e riquezas do Occidente, que constituem para assim dizer suas existencias e almas, protestando não quererem outro senhor, e nem obedecer a outro monarcha, que não seja teo principe, o rei dos lyrios.

Tunc videbis, et afflues, et mirabitur, et dilabitur cor tuum. Então verás os indios, como teos filhos, virem de longe, e os Amazonas, seos visinhos, se levantarem de teo lado como se fossem tuas filhas: *filii tui de longe venient; et filiæ tuæ de latere surgent.* Terás então affluencia de riquezas espirituaes e de alegria de espirito, admirar-te-has e maravilhar-te-has da rapida conversão d'estes povos, em tão pouco tempo operada com o favor de Deos por ti; teo coração dilatar-se-ha, e expandir-se-ha de alegria e de satisfação vendo-te depois de Deos, a causa de tão grande bem, de que como recompensa colherás honra, e terás a felicidade de vêr teo Rei pela divina Providencia escolhido

para ser o Rei do Sol, como por essa mesma graça tu és e continuarás a ser o Rei dos Lyrios.

Ó França, não és tu o reino dos Lyrios? Não adornam os Lyrios o reino de França? Assim tambem esta França equinoccial é com especialidade o Reino do Sol, e o sol embellesa particularmente esta França equinoccial, visto que d'ahi não sahe e ahi dorme perpetuamente.

Indis Sol splendet, splendescunt lilia Gallis.

Deos, ó França, honrou-te dando-te por armas para teo Reino tres bellos lyrios côr de oiro em campo azul: não lhe será por tanto desagradavel, que a este reino da nova França equinoccial se dê um sol de fino ouro sobre um campo azul para que a unidade da Essencia Divina seja n'ella mysteriosamente figurada, como é em ti representada a trindade das tres pessoas divinas, e como reconheces depender a bellesa de teos lyrios do explendor de Deos, verdadeiro sol da justiça, alegrar-te-has d'ora em diante vendo o explendor do bello sol da França equinoccial realçar a bellesa de teos lyrios, e comtemplar teo Rei não só como rei do sol mas tambem como o verdadeiro hieroglypho da Magestade Divina.

Deos não sendo senão um por naturesa, não é trino em pessoas? Sim: é como uma bella corôa trina n'uma só essencia da divindade: assim tambem teo grande Rei, altissimo e poderosissimo Monarcha Luiz XIII, tem agora sob uma só authoridade regia esta bella thiara, e esta triplice corôa de França, de Navarra, e da França equinoccial, para n'ella escrever, com verdade, esta bella divisa, já gravada sobre marmores e pórfidos

Triplex in una.

Depois d'esta quer a razão, que se inscreva

In tribus unus.

Tudo isto não se tem feito sem extraordinaria opposição da parte do maldicto Satanaz, inimigo encarniçado da salvação de nossas almas e da gloria de Deos.

Si em todas as cousas elle tem representado este duplo papel, aqui tem procurado todos os meios ao seo alcance para frustar o golpe, que tão caro lhe custaria, qual a perda de tantas almas, ha longo tempo sob o jugo de suas leis.

Não quero descrever as contrariedades, que soffremos do diabo, e dos homens, que eram, ou pareciam ser instrumentos dos seos iniquos projectos.

Não sendo minha intenção offender pessoa alguma, e sim contar a todos, e especialmente ao povo christão de Pariz, as maravilhas, que Deos fez apparecer n'esta Missão, contento-me apenas em dizer, que tivemos tantos trabalhos e embaraços, a ponto de parecer, que os homens e diabos estavam conjurados contra nós.

Rendemos mui cordialmente graças á Magestade divina, porque querendo mostrar ser sua e não dos homens esta empresa, sempre nos deo superioridade, conduzindo-nos, e guiando-nos com muito proveito por meio de perigosos azares, como se poderá vêr, com muito praser, na continuação da narrativa de toda a nossa viagem.

CAPITULO I

Da empresa da viagem ao Maranhão.

Sob o feliz e pacifico reinado de Henrique, o Grande, quarto de nome, rei de França, e de Navarra, um capitão francez, chamado Riffault, preparou tres navios, e com destino ao Brazil partio em maio de 1594 com intenção de fazer alguma conquista, o que lhe parecia facil á vista das intimas relações, que entretinha com um indio chamado *Ouyrapiue,* nome, que, traduzido em nossa lingoa, quer dizer—*Pau Secco.* [1]

[1] Este indigena era o mais poderoso chefe Petiguar, antes da conquista do Rio Grande do Norte. Pensamos com o Senador Candido Mendes de Almeida (*Memorias etc., 2.° vol.)*, ser o centro de sua influencia ao sul do Rio Grande proximo á fronteira da Parahiba, negociando elle e os seos com os francezes pelo porto dos Busios, e outros ao sul como a Bahia Formoza e a da Traição.

Em 1593, e talvez antes, este indio entendeu-se com o nauta francez Riffault para que a França tomasse sob sua protecção aquelle territorio, que era pelos francezes chamado Potyiú. O destroço dos navios d'este nauta, que apenas conseguio arribar n'um a Maranhão em 1595 impedio este estabelecimento francez n'aquella provincia, e facilitou a conquista em 1599. O auctor chama a este poderoso cacique *Ouirapiue* (Pau Secco.) Talvez aos ouvidos dos portuguezes fosse o nome *Ibiraypi*.

Entre os seos gozava este indio de muita autoridade, o que junto ao seo valor e a um avultado numero de indios poderia servir de muita utilidade ao projecto de Riffault, se não apparecesse desunião e discordia entre os francezes, e o encalho de seo principal navio, o que desanimou o capitão á ponto de regressar para França.

Como não era bastante o navio, que lhe ficou, para levar comsigo os francezes, que trouxe, vio-se obrigado a deixar ahi grande numero d'elles, entre os quaes um mancebo, gentil-homem, por nome —Des-Vaux, natural de Sainte Maure em Turenne, e este, com alguns francezes e indios, foi para a guerra contra outros indios, e foi tão valeroso que conquistou notaveis victorias accommodando-se sempre aos uzos e costumes do paiz, até mesmo á fallar sua linguagem, depois do seo bravo procedimento em diversos e perigosos ataques, depois de uma longa residencia ahi, depois de haver reconhecido a belleza e delicias dessa terra, a fertilidade e fecundidade d'ella em tudo quanto o homem pode desejar, tanto para satisfação e recreio do corpo humano por caŭsa da temperatura do ar, e amenidade do lugar, quanto para acquisição de muitas riquezas, que com o volver do tempo se poderia locupletar a França, depois de receber destes indios a promessa de acceitarem tambem o christianismo, e de sugeitarem-se ao dominio de alguma pessoa importante, que Des-Vaux lhes enviasse de França para mantel-os e deffendel-os contra seos inimigos, julgando a naturesa dos francezes mais do que nenhuma outra semelhante á sua, pela doçura e brandura da sua conversação.

Á vista de tão boas disposições resolveo regressar á França, onde chegou com felicidade, narrando fielmente á Sua Magestade Christianissima o rei Henrique, o Grande, tudo quanto lhe aconteceo na viagem, e a honra que S. M. adquiria com a empresa d'este negocio, além do proveito e

utilidade, que um dia colheria a França, e da corôa de gloria, que o céo lhe daria pela salvação de tantas almas, que se lançariam em seos braços com intenção de esposar a crença de Deos.

Com grandissimo contentamento ouvio-o S. M., porem duvidando não serem verdadeiras as maravilhas, que lhe contava d'este paiz, para verifical-as ordenou ao sr. de la Ravardiere, muito versado em negocios maritimos, mormente tendo já ahi viajado muitas vezes, e estando resolvido a repetir essas viagens, que comsigo levasse o dito Des-Vaux ao Brasil e Ilha do Maranhão, encarregando-o tambem, e expressamente, de escrever no seo regresso um relatorio, e com promessas de emprehender esta tarefa por sua conta e risco no caso de ser verdade o que informara Des-Vaux.

Notae de passagem o admiravel effeito da piedade, do zelo e da devoção d'este Rei Christianissimo, para com a santa igreja romana, porque sabendo que o dito sr. Des-Vaux pertencia a uma religião falsa, tanto fez este bom rei, que, á semelhança do bom pastor, condusio esta ovelha errante para o aprisco evangelico da igreja romana, antes de sua partida para a India.

Cumprio as ordens regias o Sñr. de la Ravardiere, e em companhia de Des-Vaux por seis mezes demorou-se na Ilha e terra firme do Maranhão, reconhecendo não só a verdade da narrativa de seo companheiro, como tambem a possibilidade de ahi estabelecer-se facilmente uma bella Colonia.

Regressaram á França para dar conta de sua commissão, porem a morte, como que ciosa das altas empresas dos Principes e Monarchas, tinha cortado o fio da vida a este Christianissimo Rei, quebrando por tal meio o feliz exito das santas empresas por elle projectadas, ficando addiada

essa tentativa para o anno de 1611, reinando seo filho Luiz XIII no nome e a Rainha Regente, sua Mãe.

Pensando sempre o Sñr. de la Ravardiere n'esse projecto, e vendo-se sem forças para realisal-o só, communicou suas ideias ao Sr. de Rasilly, cujo genio e coragem conhecia.

Sempre desejoso da gloria de Deos, da salvação das almas dos selvagens e da honra, que colheria a França de tudo isto, emprehendeo este negocio com muitas difficuldades e grandes trabalhos, demorando-se na côrte 15 mezes procurando meios para fazer a viagem, associando-se a elle finalmente algumas pessoas importantes, e entre ellas o Barão de Sansy na terça parte das despezas, feitas pelos ditos Sñr.ˢ de la Ravardiere e Rasilly.

Não tendo o Sñr. de Rasilly, quando se associou a esta empresa, outro fim além do piedoso designio de plantar n'essas terras a nossa fé, por isso supplicou humildemente á Rainha alguns Padres Capuchinhos, por elle muito estimados desde sua infancia.

Desejosa por sua parte a Rainha da conversão destes pobres selvagens, e de realisar a empresa do seu fallecido marido, depois de haver nomeado os Sñr.ˢ de Rasilly e de la Ravardiere seos Loco-Tenentes-Generaes n'aquellas regiões, accedeo de boa vontade á petição julgando accertada a escolha de nossos Padres como por inspiração do Espirito Santo.

Assim como sob a protecção de Manoel 2.º, Rei de Portugal forão enviados Irmãos—menores, filhos de S. Francisco ás Indias Orientaes para conversão d'ellas, assim tambem sob a Regencia de Maria de Medicis o mesmo aconteceo para as Indias Occidentaes, porque esta sábia e magnanima Princeza, fiel executora das inspirações do Espirito Santo em seo coração, sentindo-se favoravelmente inclinada para a

escolha dos filhos d'este glorioso Patriarcha dos Menores, lançou a sorte por cima d'elles.

Foi muito a proposito, que este bemaventurado Santo, depositario e herdeiro da Cruz e das chagas, que n'ella recebeo o Salvador do Mundo, afim de transmittil-as aos que d'elle não tinham ouvido fallar, ou pelo menos já se haviam esquecido, fosse para assim dizer o proprietario, que por intermedio de seos filhos, co-herdeiros da mesma partilha, plantasse, primeiro que todos, nas hostes inimigas estes estandartes gloriosos.

Nada ha aqui digno de censurar-se porque elle praticou o mesmo.

Abri a historia, e ahi não encontrareis um canto, onde não se tenha prégado o Evangelho ha mais de 400 annos, sendo os religiosos de S. Francisco os que á custa de suas vidas estreiaram essas missões.

Quem foram os primeiros entre os infieis, desde esse tempo, senão os gloriosos S. Bernardo, S. Pedro, S. Accursio, S. Adjuto, e S. Otton, *quorum glorioso Martyrio ordinis minorum initia Deus consecravit,* enviados pelo nosso padre seraphico S. Francisco para ahi plantar a fé?

Elles derramaram seo sangue, e morreram por amor de Nosso Senhor.

Não foram S. Daniel, S. Angelo, S. Samuel e seos companheiros, todos filhos do nosso seraphico padre, que ainda na vida d'elle, foram mandados para annunciar aos Sarracenos o Evangelho, tractados cruelmente até á morte, soffrendo todos a corôa de um notavel e glorioso martyrio?

Quem plantou a Cruz nas Indias Orientaes senão os filhos d'este glorioso patriarcha?

Fallo aqui apenas dos Coripheos e dos principaes, e deixo de parte notaveis campeões da milicia do filho de Deos, Nosso Senhor, bastando-me sómente admirar os favores par-

ticulares feitos pelo Rei dos Reis ao glorioso chefe da nossa Ordem e a muitos dos seos filhos.

Posso dizer, com verdade, d'este santo patriarcha, que *elevavit signum in nationibus procul*, «levantou e plantou o triumphante estandarte da Cruz entre as mais remotas nações do mundo.»

Depois de haver plantado a Cruz, por intermedio de seos filhos, eis que com taes auxilios faz o mesmo no Occidente.

Satisfeita a Rainha com tal empresa, para mostrar o seo empenho e o santo amor, que a ella prestava, deo estandartes e divisas á seos Loco-Tenentes-Generaes, e pedio ao reverendo padre Leonardo de Pariz, então provincial d'essa provincia, que escolhesse quatro de nossos padres para tal fim, como melhor se verá na seguinte carta, que e ve a honra de receber de sua magestade.

Ao reverendo padre Leonardo, provincial da Ordem dos Capuchinhos.

Padre Leonardo.—O snr. de Rasilly, Loco-tenente-general, nomeado por meo filho o snr. rei, nas Indias Occidentaes, fez-me conceber a esperança, que nutria, de derramar a fé christã n'aquellas terras, julgando para isso mui a proposito a remessa de alguns religiosos de vossa Ordem para ahi ficarem e residirem em quanto poderem, até bem se estabelecer a referida fé christã

Eis o motivo porque vos dirijo a presente para rogar-vos a concessão de quatro religiosos, dignos e capazes de realisarem tal fim, aos quaes ordenareis que para lá sigam na companhia de quem vos parecer para guial-os.

Estou convencida, que sendo pessoas habilitadas, piedosas, e cheias de devoção, que grandes serão os fructos,

sempre crescentes para gloria de Deos, e boa reputação de vossa Ordem.

Não tendo mais nada, que tractar, rogo a Deus, padre Leonardo, que vos conserve em sua santa guarda.

Escripta em *Fontainebleau* aos 23 d'abril de 1611.

Assignada *Maria.*

Phelipeaux.

Recebendo o reverendo padre Leonardo a carta de Sua Magestade, mandou lêl-a em 23 de abril em presença de todos os padres e irmãos da provincia de Pariz, então reunidos em capitulo provincial, e scientes de tudo, antes de tomar-se qualquer resolução, invocou-se o Espirito-Santo cantando-se o *Veni-Creator* com alguns suffragios para este fim.

Ordenaram-se tambem préces geraes tanto no nosso Convento dos Capuchinhos de Pariz, como no Mosteiro das Filhas da Paixão para que Deus tomasse parte neste negocio escolhendo entre nossos padres os que julgasse mais dignos.

Concordaram todos em ser esta missão recebida com pleno consentimento do rvm. padre Jeronymo de Castelferreti, então ministro geral da nossa Ordem, o qual sabendo do passado em nosso capitulo provincial, tudo approvou, concedendo poderes ao rvd. padre Leonardo por meio da carta abaixo transcripta.

Ao rvd. padre provincial dos irmãos Capuchinhos da provincia de Pariz.

Reverendo Padre.—Por causa da missão da nova França, escrevi outra, que vae com esta, e ambas serão lidas por vossa Paternidade.

Pensei escrever, como faço, esta á parte para satisfazer vossos desejos.

Concedo á vossa Paternidade todo o meu poder para remetter nossos irmãos á nova França, deliberando como achar conveniente, quer na escolha e numero dos frades para a missão, quer na nomeiação de um Superior e tudo o mais que lhe disser respeito.

Eis o que está em minhas mãos dever e poder fazer.

Prasa a Deos ajudar-vos sempre. Roma 5 de julho de 1611.

De vossa Paternidade rvm.
Muito affeiçoado em Nosso Senhor
Irmão *Jeronymo*,
Geral.

Á vista disto procederam o rvd. provincial e os frades á escolha de quatro irmãos para a missão, recahindo no veneravel padre Ivo de Evreux, no padre Arsenio de Pariz, no padre Ambrosio de Amiens, e em mim (embora não digno), podendo então os Superiores dizer-lhes estas palavras dos Apostolos —*Visum est Spiritui sancto et nobis*— assim approuve ao Espirito Santo, tão fervorosamente invocado, para a prégação do Evangelho.

Depois da escolha, ajoelhados todos quatro aos pés do rvd. padre Provincial e recebendo d'elle com toda a humildade a sua benção partimos de Pariz em 28 de agosto de 1611, dia de Santo Agostinho, com direcção a Cancale, porto de mar na Bretanha, onde devia reunir-se toda a comitiva dos srs. Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade para largar vellas ao vento na primeira opportunidade.

Ahi fomos obrigados a demorar-nos alguns mezes tanto para deixar passar o inverno, como para reunirem-se todos os companheiros, e prepararem-se os navios.

Em quanto se faziam estes preparativos, como as grandes empresas são de ordinario sempre cheias de grandes e pe-

rigosos embaraços, prevendo o diabo a proxima ruina do seo reinado, e o augmento da fé de Jesus Christo, que elle mais do que tudo receiava, não deixou de perseguir-nos, revolvendo para isso ceos e terra, semeiando a maldicta intriga da divisão no coração dos Francezes para esmorecer o sr. de Rasilly.

Tal não aconteceu, por que, como já disse, não tinha elle outro designio senão a honra de Deos, e o serviço de suas Magestades Christianissimas, alem de ser dotado de invencivel coragem, de alma nobre e generosa, e assim venceo todos os obstaculos, que se lhe antolharam durante seis mezes, não sem grande dispendio, como bem podeis imaginar até tudo ficar prompto.

Chegando a hóra da partida o sr. bispo de São Maló foi ao dito porto de Cancale, pertencente á sua diocese para abençoar os estandartes Francezes e os nossos navios.

Depois de ter feito solemne prédica em 25 de janeiro, dia em que a igreja solemnisava a conversão do Apostolo S. Paulo, servindo este facto de assumpto para fallar-nos da conversão das pobres almas dos indigenas, de que iamos cuidar, abençoou com grande solemnidade quatro cruzes, entregando uma a cada um dos frades, seguindo em tudo as cerimonias do pontifical romano: abençoou depois os estandartes de França, empunhados pelos nobres, nossos companheiros, e finalmente as armas do sr. de Rasilly.

Não lhe permittindo o mau tempo e outros motivos o benzer os navios presos ao cáes, legou-nos esse cargo para o fazer de sua parte, o que cumprimos.

Findas estas ceremonias, e esperando-se vento favoravel para levantar ancora, todos os catholicos, tanto fidalgos, como marinheiros, antes do embarque, confessaram-se e commungaram afim de por este meio fazer a clemencia divina mais propicia a seus e nossos fins.

Conhecendo ser a união o unico meio de ser bem succedida esta empresa, resolveram os principaes fazer o seguinte protesto e promessa, antes da partida:

Protesto da companhia feito e firmado em Cancale para se guardar e observar em tudo quanto fôr necessario ao bem e ao estabelecimento da colonia.

Nós abaixo assignados transportando voluntariamente nossas pessoas e bens ao estabelecimento da colonia franceza, alem da linha equinoccial, para servir o Rei conforme sua real intenção e promessa feita á nossos chefes, reconhecendo, que só por meio da obediencia a nossos chefes, da união entre nós, e do bom governo entre os indios é que poderemos chegar a fim tão louvavel como generoso, protestamos fazer á favor destas tres acções essenciaes tudo o que estiver á nosso alcance, constancia, observação ás leis de França, obediencia, fidelidade, caridade e boa intelligencia, e finalmente tudo quanto fôr necessario para conter em paz e união uma boa sociedade sob os cuidados do sr. Daniel de la Touche, fidalgo, e sr. de la Ravardiere, do sr. Francisco de Rasilly, tambem fidalgo e sr. do dito lugar e de Aumelles, solidarios ambos com o poderoso sr. Nicolau de Harley, fidalgo, sr. de Sancy, barão de Molle, e de Grosbois, Conselheiro de Sua Magestade nos seus conselhos de Estado e particulares, Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade nas Indias Occidentaes e terras do Brazil, nomeiados para tal empresa tanto em terra como no mar. Em testemunho da verdade assignamos o presente. Cancale 1.º de março de 1612.—De Pezieux.

Du Plessis.—Felisberto de Brichanteau.—Hardivilliers.—O mestre Isaac de Rasilly.—Claudio de Rasilly.—Antonio Charon.—Pedro Auber.—De la Barre.—Deschamps.—Cormier.—Mothaye.—Francisco Demondion.—Bernardo.

CAPITULO II

Do nosso embarque e dos tormentos, que soffremos até Inglaterra.

No dia 19 de Março de 1612, quando a igreja celebra a festividade do bemaventurado S. José, esposo da Sagrada Mãe de Nosso Senhor Jesus Christo, partimos, sob a protecção de Deos, da Virgem Santa, e do nosso seraphico padre S. Francisco, do porto de Cancale, ás 6 ½ horas da manhã, depois de alguns tiros como salvâ, de alguns toques de corneta para saudar a terra, e de haver dito o adeus da despedida a nossos amigos, que estavam na praia para assistir á partida da frota, composta de tres navios.

O primeiro navio o Almirante, chamava-se o *Regente*, allusão á rainha regente, era commandado pelos srs. Rasilly e la Ravardiere, Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade.

O segundo, o vice-Almirante, chamava-se *Carlota*, era commandado pelo sr. barão de Sancy.

O terceiro, um patacho, chamava-se *Santa Anna*, era commandado pelo cavalleiro de Rasilly, irmão do sr. de Rasilly.

Principiou a navegação com alegria geral e indescriptivel, invocando todos de joelhos a protecção do Espirito Santo, da gloriosa Virgem Maria, e do nosso bom padre S. Francisco, cantando o *Benedictus dominus Deus Israel*,

com suffragios e orações devotas, que estão no *Itinerarium* do Breviario Romano.

Desesperado o diabo vendo-se vencido na terra, pois não teve forças para destruir este corajoso projecto, atirou-se ao mar em risco de perder-se tudo excitando tempestades tão duras e perigosas como não se viam ha muito tempo.

Quando sahimos reinava o vento Este muito brando: de repente appareceo Nordeste, que durou por 11 horas até á meia noite, depois rondou para Sudoeste, e afinal para Sul, de maneira que, no dia 20, terça-feira, ás 6 horas da tarde estavamos só 12 legoas distante do norte da ilha de Oessan.

O vento rondou depois para susudoeste, por causa da tempestade, que era grande desde terça-feira até quarta 21 de Março, e até ás 8 horas da manhã só tinhamos navegado 48 legoas e meia, reinando sempre este vento e com tal furia, que não sabiamos o que pensar até á meia noite seguinte quando appareceo o Noroeste, á uma hora, tendo apenas navegado 20 legoas até quinta-feira 22 ás 8 horas da manhã.

No sabbado 24 soprou sempre vento *sueste, susudoeste*, e *sul*, a tormenta tornou-se maior, sempre augmentada por tempestades horrorosas, e borrascas temiveis, acompanhadas de relampagos e de trovões, não communs n'esse tempo, que aterraram pilotos adestrados, e marinheiros experimentados, asseverando nunca terem visto durar tempo tão mau, como este por espaço de nove dias.

Tão extraordinaria tempestade produzio em todos o mal, que acompanha os navegantes quando não habituados ao mar, e poucos foram por elle poupados.

O que mais nos affligia era a perda do nosso patacho, que suppunhamos ter tido lugar durante a tormenta, visto não sabermos mais delle desde a noite antecedente.

Finalmente quando foi encontrado, soubemos ter sido muito batido pelas ondas, e depois arrebatado pelo vento até Inglaterra, e no porto de Falmouth deo fundo.

Depois d'isto foram apparecendo as infelicidades umas sobre outras, porque vendo-se o nosso segundo navio, o vice-Almirante, em risco, já com agua até o meio, tendo sido levadas as suas bordas pelas ondas, lançou ao mar duas peças de artilharia, muitas caixas, e seo escalerzinho, sendo afinal forçado a abrigar-se em Dartmoue, outro porto d'Inglaterra.

Finalmente nosso ultimo navio, o Almirante, resistindo ás ondas depois de muito soffrel-as e ser por ellas muito açoitado por nove dias, foi tambem forçado a arribar em Falmouth, na Inglaterra, onde chegámos na terça-feira 27 de Março pelas 7 horas da manhã.

Os srs. Loco-tenentes-generaes, que commandavam este navio, afflictos por julgarem perdidos os outros dous, indagaram por toda a parte si não tinham chegado á algum porto de Inglaterra, e sabendo depois da arribada de um á Dartmoue e de outro á Falmouth, avisaram-lhes da nossa chegada á Plemue, o que muito os alegrou por tambem nos julgarem perdidos, e vieram encorporar-se á *Regente*.

Não é possivel descrever a alegria reciproca de todos ao vermo-nos quando já uns e outros se julgavam sepultados nos abysmos do mar.

Não nos cansavamos de louvar a Deos, abraçando-nos reciprocamente, chorando de alegria, salvando as peças em signal de contentamento, e contando todos a bôa hospedagem, que receberam dos governadores dos portos, onde arribaram.

Demoramo-nos em Plemue desde 27 de Março até 23 de Abril, com alegria e contentamento, que se pode desejar, por que o sr. governador, chamado Jorge, e toda a nobresa

da visinhança, vendo tantas e tão boas pessoas como as da nossa comitiva, capricharam como que á porfia para vêr quem mais nos obsequiaria e acariciaria, fazendo-nos assim esquecer parte dos nossos soffrimentos.

CAPITULO III

Como partimos de Inglaterra para continuar nossa viagem e o que nos aconteceo em caminho.

Aos 23 de Abril, dia seguinte ao de Paschoa, sahimos de Plemue ás 7 horas da tarde ao som das cornetas e de salvas de artilharia do mar e terra.

Os habitantes da cidade e os que estavam no Castello com o governador procuraram lugares altos e sobre o mar para vêr a partida da frota.

Era favoravel o tempo, si bem que á manhã de terça-feira 24 do mez, nos achassemos ás 8 horas da manhã atravessando o cabo de Lezart na Inglaterra.

Depois Deos, que governa os ventos e o mar como lhe apraz, desejando manifestar o como favorecia a nossa empresa, deo-nos tempo sereno e vento á feição de sorte que em pouco tempo passámos as Ilhas Canarias, e na segunda feira, 7 de Maio ás 6 horas da manhã, navegámos entre Fortaduanture e a Ilha Grande das Canarias, que vimos bem descoberta.

Das Canarias alcançámos a costa da Barbaria, que principiamos a ver na terça-feira á meia noite, na altura de vinte e seis graus e dois terços: ás 10 horas da manhã passámos o cabo de Bojador, e sempre costeando as praias da Barbaria e da Africa, onde pescamos, até sexta-feira 11

em que nos achámos, pelas 8 horas na manhã, na ponta de Nordeste do rio Loro sob o Tropico de Cancer, e ahi achámos ancorados uma barca de pescadores e dous navios de Bayonne: na vasante da maré tambem ancorámos á espera que o nosso patacho fosse reconhecel-os.

No mesmo dia partimos, e para pescar fomos sempre perto das costas d'Africa e dos desertos da Arabia, paiz plano e muito baixo, e cheio de areia o quanto póde a vista alcançar.

No sabbado atravessámos o cabo de Barbes, a 22° de altura.

No domingo pela manhã, 13 do mez, chegámos ao Cabo-Branco, onde ficámos ancorados por cinco dias, na altura de 20° 25', e 3° de variação da agulha. Teve tal nome dos penhascos brancos, que o formam, sendo um bonito porto e abundante de peixe.

Ahi encontrámos algumas embarcações de vella, a que deo caça o nosso patacho até á Ilha-Branca, onde estavam fundeados 8 navios hespanhoes e portuguezes, que apenas viram isto cortaram as amarras, abandonaram as ancoras, fizeram-se á vella e fugiram, sempre porem perseguidos pelo patacho até metade do caminho de Arguim, e como o ignorassem, pelo que não poderam ir mais longe, regressaram á Ilha-Branca, onde acharam muitos peixes chamados *cassons*, outr'ora *cães do mar*, e ahi se demoraram até quinta-feira.

Os passageiros da *Almirante* matavam o tempo pescando muitos *sardos* ou *pargos*, excellente peixe mui semelhante ao *carpo*, sendo apenas mais largo e comprido, havendo alguns de dois a tres pés de comprimento e de largura proporcional, com o dorso mais alto e redondo, escamas mais brancas, e de muito melhor sabor.

Pescou-se grande quantidade d'elles e com summa facilidade, principalmente os que serviam de isca no anzol para engodar os outros.

Na sexta-feira 18 de maio, as 4 horas da tarde, partimos do Cabo-Branco, e no sabbado 19 o sol ficou no zenith dardejando perpendicularmente seos raios sobre nossas cabeças: achavamo-nos na altura de desoito graus e meio de forma que tudo quanto viamos no convez, como facas, espadas, e outras cousas iguaes, não nos dava sombra alguma, e nem o proprio homem em pé, especialmente ao meio dia.

Continuando nossa viagem, passámos pela costa de Guiné entre as Ilhas de Cabo-Verde e o proprio Cabo. Estas ilhas, em numero de onze, encontram-se depois de 19° até ao 14° penetrando mais de 100 leguas pelo mar: depois de 11° até 9° está o reino de Mandinga, cujos habitantes são negros, e os mais bonitos de toda a Guiné, adorando cada um o Deus que bem lhe agrada: depois do 9° até ao 8° encontra-se o reino de Jalophes, com habitantes tão negros e idólatras como os precedentes.

Depois do 8° grau até o 6° está o reino de *Sappez*, nação de negros, que tem dentes ponteagudos.

Á 4° está o Cabo da Palma, de que nos approximámos tanto a ponto de ser bem observado pelos nossos pilotos.

Não é bom e nem muito seguro approximar-se de Guiné, e nem navegar perto de suas costas, por causa das molestias contagiosas ahi reinantes.

Uma das molestias ataca a carne das gengivas, incha-as, abala os dentes e promove a sua queda, que se realisa pouco depois, seguindo-se grande hemorrhagia proveniente dos alveolos, que é o lugar onde elles estavam. Todos estes incommodos, augmentados com dôr no estomago produzem a morte, e poucos escapam d'esta molestia, originada pelos

excessivos calores da zona tórrida, onde está Guiné, em cujas visinhanças cahem chuvas tão infeccionadas e pestilenciaes, mormente sob a linha equinoccial, e ainda mais além a 5 ou 6 graus.

Se cahe chuva sobre a carne de alguem, formam-se logo pequenas pústulas, como por experiencia vimos em alguns dos nossos, que desejando ter um pouco d'agoa dôce para estancar a sêde não receiavam affrontar o perigo, que é certo neste caso.

A agoa trazida de França gastou-se, e corrompeo-se, criando vermes como quase sempre acontece ao approximar-se da zona tórrida.

Vendo os marinheiros a approximação das chuvas, ahi mui frequentes atavam lençóes brancos pelas quatro pontas ás cordas do navio, collocando no centro uma bala de artilharia, ou um pedaço qualquer de chumbo para fazer peso, e por tanto uma concavidade.

Recolhiam assim a agoa, que depois se passava através da toalha para uma vasilha posta em baixo afim de não se perder uma só gota.

A necessidade faz os navegantes avarentos de um elemento tão commum, e tão liberalmente prodigalisado na terra.

Com grande pezar os marinheiros são verdadeiros filhos de Tantalo, porque estando enterrados n'agoa até os labios não tem recurso para estancar a sêde, desejando, como o rico avarento, uma pequena gôta de agoa fria para refrescar sua lingoa deplorando entre lamentos a perda, que d'ella fazem os habitantes da terra para a lavagem das mãos e de outras cousas necessarias á limpeza do corpo humano, que em taes casos afflictivos bem poderia servir-lhes de sustento e conservação da vida.

Em cousa alguma, censuram os marinheiros as obras do Grande Architecto do Universo, confessando porém ter elle feito tudo muito bem e sabiamente, menos n'esta, porque, dizem elles e, tolamente, que Deos ómnipotente creando este grande todo, em vez de fazer um mar tão amargo e salgado, de que não se póde beber duas colheres sem lançar tripas e boffes, bem podia formar um oceano doce e agradavel ao paladar!

Assim, pois, estes pobres Tantalos (quero dar aos marinheiros tal nome), estalando de sêde sob a zona tórrida, queriam apanhar toda a agoa colhida nos lençóes, e até a que cahia em suas mãos.

Molhando-se os vestidos, senão eram lavados n'outra agoa, apodreciam, e criavam bichos.

Ainda mais. O calor excessivo d'esta zona tórrida excita na região média do ar grandes e frequentes trovões, principalmente no Equador, e muitas vezes, de dia ou de noite, levantam-se horriveis turbilhões de vento, tão violentos e perigosos, que si encontram um navio com as vellas soltas, convém que sejam caçadas, pois no caso contrario rasgam-se as vellas.

Vêdes vir de longe esta borrasca, sibilando, agitando e revolvendo o mar? é urgente caçar as vellas si é violenta.

Não dura muito por causa da chuva, que de ordinario a acompanha, o que muito a modera e refresca um pouco o ardor e a vehemencia dos calores d'esse local: embora seja pelo dia adiante excessivo o calor, as noites são frescas e frias, quando se está debaixo, ou perto da linha.

Este mesmo calor enriquece de tal forma o mar entre os dois Tropicos de varias qualidades de peixes a ponto de parecer o oceano, sob as zonas temperadas e frias, e os outros mares estéreis, comparados com a zona tórrida, tão

abundantes de peixes de diversas especies, e lá não conhecidas.

Entre os peixes encontram-se os *golphinhos*, os *dourados*, as *alvacóras*, os *bonitos*, os *orelhudos*, e muitos outros excellentes, que pescámos na viagem.

Distinguem-se de todos os *requiens* [1], pelas suas 5, 6, 7, 8 e 9 ordens de dentes: os marinheiros nem o querem provar, por se dizer, que elles comem as pessoas que cahem ao mar.

Encontram-se *baleias*, muito grandes, e os *porcos do mar* [2] andam aos cardumes, e quando descobrem algum navio, elles o seguem, e rodeiam-no como que para os divertir.

Ha tambem outra qualidade de peixe, chamado pelos marinheiros—*focinho grosso*—porque não tem a cabeça tão ponteaguda como os *porcos do mar*, e são muito mais grossos.

De todos os peixes existentes entre os dous Tropicos os mais admiraveis são os *voadores* assim chamados porque voam aos bandos, em numero infinito, principalmente na proximidade da linha: parecem-se muito com os *arenques*, porem são mais redondos, e a cabeça mais chata, á semelhança de um pequeno *sargo*.

Uns tem duas azas, outros quatro, as quaes são de couro, como as do morcego, mas de ordinario mui delicadas e brancas, e algumas negras: é excellente comida, e preferido a todos os outros peixes.

Como os *dourados, bonitos* e outros peixes grandes dão-lhe caça, o Soberano Creador dos *voadores* querendo dar-lhes armas para se defenderem de seos inimigos, collocou-

[1] Tubarões.
[2] Toninhas.

lhes nas costas estas pequenas azas afim de fugirem, deixando o mar, seo elemento, e salvando-se no ar.

Dura seo vôo em quanto as azas estão molhadas, e quando seccam mergulham no mar, e si são de novo perseguidos tornam a vôar. Parecem bandos de estorninhos.

Note-se que fugindo estes infelizes peixes, para no ar evitarem os crueis *bonitos* e *dourados*, que os perseguem até matal-os, são tambem atacados por certos passaros grandes, que estão sempre alérta para saltar sobre elles, apenas começam a vôar, e devoral-os.

D'esta forma não encontram segurança nem no mar e nem no ar.

Não sei si devo comparar estes peixes *voadores* com a alma do homem vaidoso, ou com a do justo, visto ser o verdadeiro symbolo de ambos.

Com a do homem vaidoso por ser dado e habituado á toda a sorte de vicios, de que faz alarde, e por isso muito com elle se assimilha.

Quando se acha mergulhado n'um mar de prazeres, de delicias, e voluptuosidade, proveniente de riquezas de banquetes, de libertinagem e de outras cousas iguaes, nunca está tranquillo, e sim constantemente desconfiado, timido, e em sobresalto, perseguido por mil pungentes remorsos, e querendo evital-os entregando-se a Deos, é immediatamente carregado pelo demonio.

As azas de seos desejos são simples velleidades, que se desfazem ao menor sopro do Dragão infernal pela difficuldade, que imaginam acompanhar o abandono do vicio, e assim facilmente tornam a cahir no primeiro lamaçal, de que suppunham haver sahido.

Por outro lado são muito bem comparados com as almas justas dos servos de Deos, as quaes embora agitadas pelo Oceano deste mundo enganador, que por toda a parte as

persegue, nunca perdem a coragem, não desejando fugir, e nem sahir delle com receio de serem feridos por suas flechas, que similhantes ás dos meninos, voltam ao seo seio, e antes com amoroso anhelo de se verem unidas ao que adoram, dizem de coração com o Propheta:—*Quis dabit mihi pennas sicut columbæ: et volabo et requiescam?* «Quem, ó meo Deos, quem me dará azas iguaes ás das pombas para vôar ao vosso seio?»

De facto: vôando por cima d'ellas mesmas (ao menos por affeição), e Deos lhe apparecendo por meio dos vivos ataques, que soffrem dos passaros infernaes (isto é, dos Demonios), si ainda não é de sua vontade, que troquem os trabalhos do mundo pela sua gloria, voltam outra vez ao meio das angustias, que desejam evitar expondo-se finalmente a todos os soffrimentos, que apraz á Deos fazer-lhes passar, esperando que depois de experimentados pelo fogo e pela lava dos vulcões cheguem ao refrigerio da gloria.

Digo isto apenas de passagem pela grande similhança, que acho entre esses peixes, e os dous diversos estados da alma, de que acabo de tratar.

Encontram-se ainda muitas outras sortes e especies de peixes, merecendo especial menção as *Tartarugas*, de dois, tres e mais pés de comprimento.

Esta zona tórrida é abundante de tal copia de peixes, grandes e pequenos, que quando se guerreiam mutuamente, como é de costume, o mar move-se com tal sussurro, que ao longe parece ahi existir parceis ou bancos de areia, causadores d'esse murmurio e ondulação, não sendo outra cousa mais, como tivemos occasião de presenciar na proximidade de nosso navio, senão uma multidão infinita de peixinhos mais grossos do que o dedo minimo, cercados de outros maiores que os perseguem para comel-os, de sorte que se

formam estas ondulações com o avançar dos grandes e o fugir dos pequenos.

Mui agradavel nos foi este espectaculo, do qual já tinha fallado o propheta David, quando cheio de extase e de admiração pelas maravilhas d'este elemento disse:—*Hoc mare magnum, et spaciosum manibus, illic reptilia quorum non est numerus: Animalia pusilla cum magnis.*

É n'este grande e espaçoso mar, que se encontram peixes grandes e pequenos: *illic naves pertransibunt.* Por ahi passaram os navios, e levaram a admiravel sabedoria e poder do Creador do Universo dando a este elemento tanta qualidade de peixes, que por meio da industriosa estructura de seos corpos não deixam de elogiar, embóra sejam mudas as suas linguas, o Sabio Obreiro, que os construio.

CAPITULO IV

Como chegámos sob a linha equinoccial.

Na quarta-feira dos quatro tempos depois do Pentecostes, á 13 de Junho, ás 2 horas depois do meio dia chegámos debaixo do Equador, ou linha equinoccial, a qual sendo equidistante dos dous polos e dous tropicos, fórma o centro, ou o espinhaço do Mundo, o que é tão agradavel vêr como saber.

Não sendo possivel explicar-se este facto com termos obscuros, que força é multiplicar, embora para uma intelligencia perspicaz, julguei não dever poupar mais algumas folhas escriptas afim de satisfazer ao leitor curioso o desejo de perceber esta materia, mormente quando vejo-me a isto obrigado pelas muitas perguntas, que me fazem constantemente depois do meo regresso, além da necessidade d'esse capitulo para a intelligencia de muitas cousas d'este livro, e do serviço que presto aos navegantes com taes conhecimentos.

Acceitae de bom grado a averiguação d'estes segredos, e eu vos asseguro que n'isto achareis prazer.

CAPITULO V

Descripção do Globo, onde se trata da parte celeste, e principalmente da linha equinoccial.

Para melhor entender o que deixo dito, é preciso considerar o Universo dividido em duas partes principaes—uma celeste, e outra elementar, embóra a reunião de ambas não forme senão um só globo, perfeitamente redondo, em cujo centro imaginam os mathematicos uma linha recta, que atravessa e termina-se na superficie ou convexidade diametralmente opposta.

Chama-se esta linha *Eixo* ou meio da esphera do Mundo, e as duas extremidades *Polos*, do verbo grego [1] , que significa *girar*, porque toda a esphera celeste e movel, gira. e vira ao redor delles ao passo que se conservam perpetuamente em suas relações como si fossem dous tornos, gonzos, ou eixos, que d'esses dous lados sustentam uma roda, ou algum globo, que se move.

Chama-se um, ora *Polo Arctico*, por estar proximo de Arcturus, imagem celeste, ora *Polo Septentrional*, pela sua proximidade da pequena Ursa, que contém 7 estrellas, e algumas vezes tambem é chamado *Boreas*, por ser d'esse lado, que vem o vento Boreas, ou vento Aquilo, ou Norte.

[1] Por falta de lettra propria aqui fica este claro.

Chama-se o outro, ora *Polo Antarctico*, em opposição ao *Arctico*, ora *Meridional*, porque está mais perto de meio-dia, e finalmente *Austral* por causa do vento austro ou Suão, que d'ahi sopra.

O *Polo Arctico* sempre o vemos elevado a quarenta e oito graus sobre o nosso horisonte de Pariz, onde constantemente se conserva, e o mesmo acontece ao *Polo Antarctico*, sempre debaixo do nosso hemispherio, e por isso nunca o podemos vêr.

Entre estes dous Polos acha-se a esphera celeste dividida em 5 partes por 4 circulos, parallelos, um o *Arctico*, affastado do Polo de igual nome, 23 ½° e 3', o outro, em sentido contrario, é o circulo *Antarctico*, na mesma distancia, que o precedente, no seo Polo.

Estes dous circulos chamam-se *Polares*, tendo cada um o nome do Polo, que lhe fica mais proximo.

Os outros dous circulos estão mais proximos do meio: é o circulo ou Tropico de Cancer, distante 42° 54' do circulo Arctico, e o outro o circulo ou Tropico de Capricornio, em igual distancia do circulo Antarctico.

Estes dous tropicos, distantes um do outro 47° 6' são os limites a que chegando o sol, volta de um para o outro.

Tropico é palavra derivada do grego [1] , que significa mudança ou volta.

A linha equinoccial está no meio d'estes dous Tropicos, em igual distancia um do outro, isto é, 23 ½° e 3'.

Divide toda a esphera celeste de um pólo a outro em duas partes iguaes, tendo cada uma 90°.

Chama-se linha equinoccial ou Equador, não só porque, os que habitam debaixo d'ella tem os dias iguaes em tamanho

[1] Já mencionámos a falta de lettras proprias para a composição de palavras gregas.

ás noites, como tambem porque estando o sol sob esta linha, faz com que sejam os dias e as noites iguaes em todo o Mundo.

Não dão os Astrónomos largura alguma á linha equinoccial, nem aos circulos precedentes, e nem a nenhum outro da esphera celeste, menos ao Zodiaco, outro circulo do Firmamento, a que dão a largura de uma cinta.

Contém este circulo os doze Signos do Céo—Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo, Libra, Scorpius, Sagittarius, Capricornus, Aquarius, Piscis, chamados pelos antigos gregos [1] , de que se derivou o nome de—Zodiaco.

A circumferencia d'este circulo é dividida em tantas partes, quantos são os signos: Ptolomeu chamou-a [2] , isto é, as doze partes, doze camaras, domicilios, ou casas celestes.

Proclus, como os antigos gregos, os chamavam [3] , animaes, Plinio *Signa et sidera*, signos ou reuniões de estrellas, e o vulgo *constellações*.

Cada um d'estes signos é dividido em trinta partes, que chamamos graus, correspondendo cada grau á um dia, e cada signo á um mez, e por isso gasta o sol 30 dias a percorrer cada um d'estes signos, fazendo ao todo 360 graus, durante o giro annual do sol.

Relativamente á sua largura, é dividida ao meio pela linha ecliptica em duas partes iguaes, contendo cada uma 6°, conforme a opinião dos antigos, (ou para melhor dizer) conforme os modernos 8°, prefazendo 16°, que o Zodiaco tem de largura, sob a qual se estendem todos os planetas vagabundos em suas revoluções, sem ultrapassarem esta largura.

---

[1] Outro claro. Já demos a razão
[2] Idem, idem.
[3] Idem, idem.

Sómente o Sol conserva e continua seo giro natural e animal, precisamente sob a ecliptica do Zodiaco, que por isso é considerada como o carril, e o caminho do sol, *orbita solis*, da qual nunca se aparta.

Si alguma vez a Lua, desviando-se do seo curso achar-se sob esta linha tão opposta ao Sol de maneira a ficar a terra entre o Sol e a Lua, immediatamente perde esta a sua luz, fica escura e apenas com uma côr triste causada talvez por um pouco de explendôr das partes circumvisinhas do Céo, misturada com a sua opacidade, ficando assim eclipsada, o que sómente se observa nos plenilunios.

O eclipse do Sol sómente póde acontecer na lua nova, quando esta se acha sob a mesma linha e entre o Sol e nós.

Chama-se linha ecliptica porque é debaixo d'ella, que se manifestam os eclipses do Sol e da Lua.

Esta linha, e por consequencia o Zodiaco, abraça e cerca sempre a esphera, dividindo-a ao meio, não em angulos rectos, como os outros circulos precedentes, mas obliquamente pelos dous primeiros pontos dos signos de Cancer e Capricornio, diametralmente oppostos, de sorte que estas duas pontas partissem a ecliptica e o Zodiaco em dois semicirculos iguaes um pela sahida do sol quando caminha para nós começando no primeiro de Capricornio e acabando no ultimo de Gemini, e outro pela descida do sol, quando nos deixa, começando no primeiro de Cancer e acabando no ultimo de Sagitario, fazendo com que o primeiro de Cancer e o primeiro de Capricornio sejam os dous pontos dos dous solsticios do anno, um no Estio e outro no Inverno.

Além d'isso a linha equinoccial divide tambem o proprio Zodiaco e a linha ecliptica pelos dois primeiros pontos de Aries e de Libra, diametralmente oppostos em duas partes iguaes, uma depois do Equador ou linha equinoccial até ao

Tropico de Cancer, e outra desde o mesmo Equador até o Tropico de Capricornio contendo cada um 180°.

No semi-circulo do Zodiaco áquem da linha equinoccial para o septentrional ha seis signos chamados Septentrionaes, que são: Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo, e além da mesma linha para o meio-dia encontram-se seis outros, a saber: Libra, Scorpius, Sagittarius, Capricornus, Aquarius e Piscis, tambem chamados Meridionaes.

Eis porque o sol, fazendo seo giro annual pela linha ecliptica, visitando todas as doze camaras destes signos celestes, está 6 mezes alem da linha equinoccial, e 6 mezes aquem, o que se chama declinação do sol, tanto maior ou menor quanto mais ou menos proxima se acha d'ella aquem ou alem.

Quando o sol se acha sob esta linha, não ha nenhuma declinação.

Acontece achar-se duas vezes no anno nos dois primeiros pontos de Aries e de Libra, e então fórma os dois equinoccios do anno, um da primavéra e outro do outomno, um na ascenção, e outro na declinação do sol.

Aos 21 de março quando o sol subindo se aproxima de nós, acha-se no 1° de Aries, precisamente sob a linha equinoccial, e como em tal dia não ha declinação alguma do sol são em toda a parte as noites iguaes aos dias, eis o equinoccio vernal ou da primavera, que, segundo o pensar dos antigos padres, era o principio do anno, ou então começava este pela lua nova, mais proxima d'esse equinoccio vernal, por isso que tão bello olho do Mundo voltando a favorecernos com seo olhar agradavel e nos mostrando face alegre, dissipa o horrivel frio, aquece a terra gelada, renova-lhe a força e o vigor, pois estava como que morta e enfraquecida pelas grandes geadas, e assim a fortifica, e fecunda não só de animaes como tambem de todas as cousas inanimadas.

Como o sol nunca pára, passa immediatamente aquem da linha, subindo em tantos dias certo numero de graus para nós, e afinal vae declinando, ou separando-se d'ella progressivamente durante tres mezes pouco mais ou menos, em que começa a girar pelos tres primeiros signos septentrionaes—Aries, Taurus e Gemini, crescendo assim pouco a pouco os dias até 21 de junho no 1° de Cancer, nosso tropico septentrional, têrmo da linha ecliptica, e não excedendo-a de maneira alguma, é esta a maior declinação do sol na linha equinoccial do lado do nosso pólo, e a maior altura do sol para o nosso zenith, conhecida por solsticio do estio que forma não só o primeiro dia maior do estio, como tambem a noite mais curta que nós, e todos os habitantes aquem da linha para o Norte, podemos ter, e ao contrario é o primeiro e o mais pequeno dia de inverno, e a maior noite, que podem ter os Antipodas, e todos os moradores alem da linha para o Sul.

Crescem estes dias ao passo que diminuem os nossos.

O sol todos os dias recolhe-se grau a grau ao semi-circulo de sua declinação, e dentro em tres mezes percorre estes tres outros signos septentrionaes Cancer, Leo e Virgo, subindo para a linha sob a qual se acha no primeiro grau do signo de Libra, aos 21 de setembro, primeiro dia do outomno, que é o dia do outro equinoccio, chamado *outomnal.*

Continuando e completando o Sol o seo curso pelos 6 outros signos alem da linha para o Sul, começa aos 22 de setembro a descer pelos tres primeiros signos meridionaes—Libra, Scorpius e Sagittarius até o primeiro ponto de Capricornius, onde está á 21 de Dezembro, e ahi é não só a maior declinação do Sol, como tambem o primeiro dia maior d'aquelle lado, e a noite mais pequena, que podem ter os Antipodas, e para nós é o primeiro dia pequeno do inverno, e a noite mais comprida: é o solsticio do inverno.

N'este Tropico o Sol não se demora mais do que no Tropico de Cancer; porem acabando-se ahi a ecliptica, e não podendo ir mais alem, visto ser o seo têrmo ou limite, apenas o Sol ahi chega principia a girar para nós pelos outros signos meridionaes Capricornius, Aquarius e Piscis, sendo este acto o principio de sua ascenção e a causa do crescimento de nossos dias.

Aos 21 de Março, depois de haver terminado seo giro annual, acha-se outra vez sob a linha equinoccial, principio da primavera, e assim continúa seo giro perpetuamente.

Não devo olvidar a opinião dos mais experimentados Pilotos, que fundados em sua longa pratica creem, que o Sol chegando sob a linha equinoccial, pára por tres minutos como se estivesse descançando.

Não é aqui lugar proprio para questões, e por isso basta dizer-se, que o Sol nunca pára, ou interrompe seo curso sem ser por milagre.

Quando está debaixo da linha no zenith d'aquelles, que ahi se acham, por que os dias, as sombras e as noites não soffrem mudança ou diminuição sensivel, e o Sol acha-se mais longe para o seo Apogeo, menos se descobre a velocidade de seo curso do que quando está no seo perigeu, parece que elle pára e interrompe o curso, embora seja uniforme seo movimento.

CAPITULO VI

Parte elementar. Como o mar com a terra fórma um globo redondo, contido entre os limites por Deos marcados.

Deve saber-se, em relação á parte elementar do Mundo, que assim como o Empyreo comprehende todos os Ceos inferiores, contidos um no outro até o ultimo, que é o Ceo da Lua, assim tambem o Ceo da Lua contêm sobre si os quatro elementos, em tal ordem, que o fogo occupa a mais alta região, e cérca o elemento do ar, o ar cérca os dois elementos agoa e terra, não se achando elles comtudo na ordem e estado natural, porque o elemento da terra devia ser cuberto pela agoa, esta pelo ar, e este cercado pelo fogo: assim os creou Deos, este Soberano Architecto, em tal ordem e estado.

No principio da creação, a terra estava inteiramente cuberta e cercada de agoa, como nos ensinava a Sabedoria Divina no Ecclesiastes, 24. *Ego sicut nebula texi omnem terram.* Na verdade: a agoa não tinha a espessura e densidade actual, pois era então ligeira nuvem em fórma de vapor, com que havia a sabedoria divina cuberto não uma parte e sim toda a terra.

Dizia o Propheta Rei *Abyssus sicut vestimentum amictus ejus,* ou em traducção hebraica, conforme São Jeronymo, *Abysso quasi vestimento operuisti eam*: o abysmo, a pro-

fundidade impenetravel e incomprehensivel desta ligeira nuvem, era como um lindo manto, e rico vestuario, que por todos os lados cubria e cercava a terra.

Não se conservou a terra neste estado mais do que dois dias, porque Deos quiz que ella mostrasse seo bello rosto para servir de estrado e de passeio ao homem, e como o vestuario não cubria senão algumas partes do corpo deixando as outras nuas, este Sabio Obreiro apropriou-o logo e muito bem ás proximidades da terra, cuja face bella tinha de mostrar incontinente.

Foi depois do terceiro dia da creação, que Deos operou tal maravilha, quando as agoas haviam subido á grande altura, porém como Deos é sem comparação alguma mais alto, mais elevado e infinitamente mais poderoso, condensou e espessou esta nuvem de agoas, permittindo-lhes, que se reunissem, e se recolhessem aos lugares marcados pela Providencia Divina «*Congregentur aquæ quæ sub cœlo sunt in locum unum, et appereat arida*». Eis a ordem, que deo o grande Deos, eis a immediata obediencia de suas insensiveis creaturas—*Et factum est ita.* Logo á voz do Omnipotente—*Ascendent montes, et descendunt campi.*

É bem de crer, que a terra fosse em sua primitiva mathematica e perfeitamente redonda, porque todas as suas partes buscavam igualmente o centro commum tanto por sua gravidade, como pelo peso, e tudo isto mui suavemente; porém para commodidade do homem, Deos destruio o estado e as ordens naturaes, principalmente destes dois elementos. Á voz do Senhor a terra se despe, as agoas se separam, a terra se abre, as agoas se reunem, a terra sóbe, as agoas descem alem do natural: a terra levanta-se e reune-se em certos lugares acima de si, sobre sua propria circumferencia, formando assim as tremendas montanhas,

valles, cavernas, que vemos, e as agoas se reconcentram nas concavidades e abysmos da terra.

Jussit, extendit campos, sub sidere valles,
Fronde tegi silvas, lapidosas surgere montes.

Que maravilha de Deus! Ah! que transformação e mudança no Universo por causa do homem!

Á ordem de Deus, todas as creaturas, até as insensiveis, sugeitam-se e obedecem, e só o homem, embora dotado de raciocinio, tem os ouvidos tapados, como a serpente.

Apenas se reuniram as agoas onde aprouve a Deos, Sua Magestade Divina lhes deo nomes, e as chamou—mares, segundo o testemunho do Divino Topographo «*Congregationes vero aquarum appellavit maria.*

Mas por que se chamam *mares* antes no plural do que no singular? Este elemento está dividido ou é differente em suas partes?

Assim como ha terras, cabos, e promontorios, que se estendem pelo mar a dentro, assim tambem o mar se espraia em largos e espaçosos seios pela terra a dentro, que divide em muitas partes, e a que chamamos Ilhas, e como ha muitos mares para destinguil-os, deo-se-lhes diversos nomes, tendo muitos várias propriedades e virtudes, differentes sabores e côres ao menos na apparencia.

Esta diversidade é proveniente do tempo, dos lugares, e dos seios onde a agoa milagrosamente se recolheo, pois não deixam de ser uma e unica todas essas agoas do mar, dos rios, e das fontes, tanto por sua naturesa, como por haverem recebido do Espirito Divino, que sobre ellas andou, a faculdade de germinar e de nutrir como disse o Genesis—*Spiritus Domini ferebatur super aquas,* ou a paraphrase Chaldaica—*Spiritus Dei insufflabat super faciem aquarum.* O espirito de Deos soprava sobre a superficie das agoas, porém *insuflabat*, o sopro Divino n'ellas penetrava, pelo que

este elemento se assenhoreou dos outros: por suas exhalações refrigéra o Ceo e o fogo, fertilisa a terra regando-a por toda a parte por meio do grande e temivel Oceano, que o une e abraça, bem como as fontes, os rios, os seios, os mares, e toda a terra tambem, de um Polo a outro, de sorte que este elemento da agoa e do mar, unidos, formam somente um corpo redondo, ou um só globo no meio do Mundo, como o centro do Universo.

Bem sei, que muitos gregos, seguindo a opinião de Thales Milesius, pensaram ser a terra similhante a um navio, que fluctua em cima das agoas.

Ao contrario: fazendo estes dous elementos um só globo no meio do Mundo, a terra fica immovel, como o verdadeiro centro de toda a esphera do Universo.

Deos estabeleceo, segurou, e firmou o elemento da terra em seo seio de tal fórma, que nunca pudesse abalar-se ou mover-se de seo lugar como diz David:—*Firmavit Deus orbem terræ, qui non commovebitur.*

N'isto o homem deve reconhecer a bondade de Deos por lhe haver dado morada tão segura e tão forte, porém não permanente por nos prometter o Céo, si diguos formos de tal graça.

A gravidade natural da terra faz com que sendo creada em seo centro, não possa mover-se de uma parte para outra, para o Oriente, Occidente, Septentrião ou Meio-dia, pelo que disse o Poeta fallando do Chaos:

—*Nec circumfuso pendebat in aëre tellus,*
Ponderibus librata suis.

É da natureza da terra descer por sua gravidade e occupar o lugar mais baixo, de forma que o caminho mais longo a fazer-se seja da circumferencia dos Céos.

Et pressa est gravitate sui

Si ella se movesse para o Oriente, ou Occidente, para o Meio-dia ou Septentrião, se aproximaria mais d'esta circumferencia.

Si ella se movesse para o nosso nadir, ponto opposto á nossa posição vertical, subiria tambem como si movesse, ou subiria para o nosso zenith.

Si particularmente deseja-se procurar qual é o centro, ou a base da terra, e como gravidade e peso fazendo com que alguma cousa caia e desça, pode comtudo suspender e assim conservar este elemento, responda-se ser este um dos effeitos admiraveis da ineffavel grandeza de tão Omnipotente Architecto.

Esta pergunta fazia Sua Magestade Divina ao santo personagem Job.—*Onde estavas tú,* dizia-lhe elle, *quando lancei as bases da terra? Sobre que paliçadas foram estabelecidas? Sobre qué foram essas bases fundadas? O que se acha debaixo de sua pedra angular?*

Cousa admiravel! O centro, ou a base do centro da terra não é outra cousa senão um nada, e neste mesmo nada a gravidade sustém e conserva esta grande massa de terra firme, estavel, e immovel, sem encosto algum para sustental-a, além do seo centro, que é um nada.

Eis o que diz o Propheta Job: *Qui extendit Aquilonem super vacuum, et appendit terram super nihilum?* «Quem estende o Aquilão sobre o vacuo, e pendura a terra sobre o nada? Ou para fallar com o sabio, esta base não é outra senão a Sabedoria, a Prudencia, e o poder ineffavel de Deos.

São os tres dedos, como diz o Propheta Isaias, com que a Magestade Divina sustenta o globo da terra.

Ó Deos, quanto sois admiravel! Si o sois na terra quanto não sereis no mar? É bem verdade que *Mirabiles elationes maris, mirabilis in altis Dominus.*

É tão furioso este Elemento do mar, que si Deos não o contivesse, inundaria de repente todo o globo da terra, e elevar-se-hia por cima do cume das mais altas montanhas, como aconteceo por occasião do Diluvio Universal no tempo do grande Patriarcha Noé. Para não se oppôr á vontade do seo Creador, elle se contém, sem novo milagre, no lugar onde Deos miraculosamente o recolheu sem nunca ultrapassar os limites, que lhe foram prescriptos, como disse David: *Terminum posuisti fluctibus maris,* (accrescenta a paraphrase Chaldaica): *Quem non transgredientur neque convertentur operire terram.*

Era tão furioso este Elemento, que para embaraçal-o de innundar a terra, foi necessario pôr-lhe Deos portas e muralhas, que o cercam, e lhe serve de limites, d'onde nunca sahe.—*Cerquei o mar por têrmos e limites* (disse Deos fallando a Job), *e puz-lhe ferrolhos, trancas e portas, e lhe disse:—Virás até aqui, e não passarás mais adiante, e aqui quebrarás tuas ondas entumecidas.*

Dizem os Septenta, serem esses têrmos e limites um claustro, onde Deos fechou o mar com prohibição absoluta de nunca d'ahi sahir.—*Posui eis terminos circumponens claustra et portas etc.* A paraphrase Chaldaica disse ser isto um Decreto, uma Ordenação, e Aresto inviolavel.—*Conclusi super eo decretum meum, et posui littora quasi pessulos.*

Quereis saber quaes são esses têrmos e limites, essas portas, ferrolhos, trancas, fechaduras, e claustros, que cercam o mar e o embaraçam de innundar e submergir a terra?

São apenas areias movediças, que vôam diante do vento, cercando a maior parte de elemento tão furioso, e servindo-lhe de trincheiras, como se evidencia d'estas palavras: —*Posui arenam terminum mari, præceptum sempiternum quod non præteribit, et commovebuntur, et non po-*

terunt, et intumescent fluctus ejus, et non transibunt illud. «Cerquei o mar de praias, e lhe dei por limites—areias movediças.»

Ainda bem, que são essas areias tão baixas e chatas á ponto de parecerem valles comparativamente com o mar, que parece alta e medonha montanha levantada por cima dellas, como tivemos occasião de vêr ao longo de quasi toda a costa da Barbaria: são comtudo claustro tão forte, e muralhas tão firmes, a ponto de nunca este elemento poder ultrapassal-as, e nem passar por cima d'ellas sem permissão de Quem lhe deo tal ordem.

Enche-se e estoura este elemento constantemente com tanto ou mais estrondo do que os relampagos e trovões: são terriveis suas ondas e vagas—*ascendunt usque ad cœlos, et descendunt usque ad abyssos.* Parece querer engolir constantemente a terra, levantando ondas tão furiosas, como ameaçando chegar ao Céo, e depois as abate até o fundo dos abysmos.

Nubila tanguntur velis et terra carina.

Bate a todo o momento essas portas e muralhas, que as cercam com suas vagas tempestuosas, similhantes a peças e canhões de artilharia capazes de romper trincheiras, destruir os mais fortes castellos, e arruinar as maiores Cidades.

Com tudo isto não póde e nem nunca poderá vencer, e nem exceder essas baterias, apenas areias movediças e fracas, por ser essa a immutavel vontade de Deos.—*Præceptum sempiternum quod non præteribit commovebuntur, etc.*

As creaturas irracionaes, ao contrario do homem que é racional, não desobedecem a seo Creador.

CAPITULO VII

Do movimento, fluxo e refluxo do mar, e da difficuldade de passar-se a linha equinoccial.

Este grande elemento, que com suas ondas, como si fosse bello e rico vestido, cobre a maior parte da terra estendendo-se de Norte a Sul, está em movimento tal e tão admiravel, que confunde os mais raros espiritos do Mundo na indagação de suas causas.

Quem até hoje pôde comprehender as molas de seos fluxos e refluxos?

Têm como certo alguns, haver Aristoteles se precipitado no Euripe, desejando que este o comprehendesse visto elle não comprehender os principios e as razões dos seos movimentos.

Quem, depois d'este grande philosopho, pôde descubrir o meio de desatar nó gordio tão assustador, e dar-nos com certeza a razão do admiravel movimento do terrivel Oceano? Movimento, que não se faz do Polo Arctico até o Polo Antarctico, nem do Polo Antarctico até o Polo Arctico, como se persuadem alguns.

Si este elemento rolasse do Norte para o Sul e do Sul para o Norte, não havia muito que admirar, porém maravilha sabendo-se que o mar caminhando para o Polo Antar-

ctico faz o mesmo para o Arctico, tendo ao mesmo tempo, embora em differentes lugares, movimentos contrarios.

Na occasião em que o mar se retira do nosso Polo Arctico, regressa tambem do Antarctico, refluindo, no meio do mar, tanto de uma parte como de outra.

Encontrando-se as marés e os refluxos sob a linha equinoccial, immediatamente empola-se o mar, entumece-se, e engrandece se até que se termine o refluxo.

Apenas o mar se entumece e ergue-se de maneira descommunal, como que assimilhando-se a altas montanhas, começa a dilatar-se e a abaixar-se.

Tanto mais dilata-se, quanto mais abaixa-se sob a linha: tanto mais se abaixa no meio do Mundo quanto mais sóbe e espande-se de uma e outra parte para os dous Polos, rolando por cima de areias, de praias, de costas por meio de suas ondas maravilhosas, que se oppõem aos rios e regatos innundando campos, enchendo fossos, e concavidades, entumecendo-se e elevando-se até á vinda do Sudoeste.

Quando este Elemento se dilata para nós e outras extremidades do mar, chama-se fluxo, e refluxo quando se retira para a linha equinoccial.

Durante 24 horas faz-se duas vezes o fluxo e refluxo do mar, porque em 5 horas, pouco mais ou menos, corre, ou *flue* o mar para o Norte e para o Sul, e em 6 a 7 horas faz seo refluxo.

Como o estado da lua nem sempre é o mesmo ou similhante, porém irregular, em seo crescimento e decrescimento, assim é tambem desigual o movimento do mar, não tanto pelas tempestades e inverno, que o tornam mais replecto, e furioso, detendo-lhe ou apressando o curso ás tempestades e ao vento, conforme lhe são favoraveis ou oppostos, mas. e principalmente, porque o fluxo e refluxo do

occeano é differente conforme a diversidade das idades da Lua.

Quanto mais altas são as agoas, menores são as idades da Lua.

Perto do segundo, ou decimo sexto dia da Lua, que é alguns dias depois da Lua cheia e nova, temos nas costas de França mar grande e cheio, como pensam todos os Mestres Pilotos, que tambem tem notado haver no Maranhão e suas circumvisinhanças mar cheio quasi dois dias antes de nós, por estarem talvez perto da linha.

Aos nove e aos vinte e tres dias da Lua, as agoas são baixas e mortas, e por isso chamamos *mar morto*.

Nos dias decimo-segundo, e vigesimo-quarto da Lua, principia o mar a crescer e a subir: aos cinco e desenove começa a diminuir e a abaixar-se.

Durante 7 dias cresce, e por isso chamamos *agoas vivas*, e ao contrario *agoas mortas* durante os sete dias, que diminuem.

Muitas são as opiniões, que dão diversas causas naturaes a este fluxo e refluxo do Oceano, e algumas até as attribuem ás concavidades da terra, porém tal disposição reciproca não póde ser ordem e nem causa d'este phenomeno.

Uns dão-lhe como causa uma fórma substancial, ou uma propriedade interna, porém um corpo simples, com uma só forma, só póde ter um simples movimento.

Outros o attribuem ao ardor do Sol, porém como se faz o fluxo do mar durante a noite?

Vendo a maior parte dos explicadores a simpathia e a affinidade do mar para com a Lua em seo fluxo e refluxo, attribuem estes á influencia d'este Planeta.

Si é muito provavel esta opinião de muitas pessoas graves e notaveis, não é comtudo sem grandes difficuldades.

Si por influencia da Lua, elles entendem o movimento, ou a sua luz, ou alguma virtude occulta, porque não produz os mesmos effeitos fazendo seo curso ordinario em todos os mares e enseiadas existentes debaixo do Céo? Porque um dos dous Eurippes, como se diz, em 24 horas tem 7 fluxos e refluxos, e o terceiro não tem nenhum, acontecendo o mesmo nos mares Mediterraneo, Adriatico, e muitos outros, que sentem pouco ou nada o seo influxo?

Porque a agoa do mar desde o Cabo da Palma a 4° além da linha até o Cabo das Tres Pontas, comprehendendo esse espaço entre um e outro, perto de 110 legoas, tem curso irregular e differente?

Notam alguns excellentes pilotos, que a agoa depois do Cabo da Palma se inclina 15 dias de um lado, e 15 dias do outro até sob a linha: quando a Lua cresce, porque n'este mesmo lugar antes de que em outros corre a agoa para E. S., e quando decresce para O—N. O.?

Não ha duvida que a Lua não domine sobre o mar, como sobre muitas outras cousas, e não parece tambem que seja a causa do fluxo e refluxo do mar.

Quem sabe tambem, si a causa d'esse admiravel movimento não será alguma virtude occultada no meio do Céo, onde imaginamos a linha equinoccial, a não querer-se attribuil-o a alguma intelligencia, como se diz á respeito do movimento dos Céos?

Como se pode explicar, que as agoas do mar, de todas as partes do Oceano se reunam debaixo da linha, a não ser por alguma virtude occulta, que as attrahe, e reune todas, como o iman attrahe o ferro, sendo contidas por seo proprio peso, e obrigadas a abaterem-se, a dilatarem-se, e a fazerem seo refluxo?

Ha n'isto uma grandissima Providencia de Deos pela commodidade do homem.

A reunião e o receptaculo destas agoas são os fluxos e refluxos do supradito grande Oceano, existentes no meio deste globo, sob a linha equinoccial, cauzadores do difficil accesso deste grande elemento, principalmente na passagem da linha.

Somente se pode aproximar desta linha no seo fluxo e refluxo, visto estar o mar sempre n'um ou n'outro estado, embora não seja bem percebido no meio do abysmo d'agoa.

Si quizerdes passar no tempo do fluxo, sereis açoitado pelas vagas e ondas, que vos são contrarias e em sentido opposto, e muitas vezes vos empurrando para onde viestes.

Se com o favor do refluxo cuidais avançar com as agoas, que vão para a linha, é cousa que bem pode ser, mas seguir rumo diverso—eis a difficuldade, pois ao passo que as ondas do refluxo, alem da linha, cahindo sobre vós, vos empurram e repellem, tambem vos offerecem forte barreira difficil de ser vencida.

As mesmas difficuldades da passagem repetem-se no regresso tanto de um lado como de outro, segundo as experiencias communs de pilotos e marinheiros.

Para passar esta linha necessita-se quer na ida quer na volta, de vento mui favoravel, que vos empurre e ajude a subir e vencer este salto, senão correis o risco de ahi ficardes por muito tempo, principalmente si se encontram calmarias, acontecendo isto a muitos, que até tiveram a honra de se demorarem tres a quatro mezes, gastando suas provisões.

Conta-se com visos de verdade, que demorando-se ahi certa personagem por 5 ou 6 mezes, vio-se obrigado a retroceder por não lhe ser possivel passar tal linha.

Si quando ahi chegardes apparecer calmarias, estaes em perigo de vida pelo calor insupportavel, debilidade, molestias, corrupção de viveres, podridão de agoas e de carne,

especialmente do pão, que se enche de vermes, e de outros pequenos bixos similhantes a porsovejos.

Deos nos concedeo á mercê de passar esta linha tão facil como felizmente, e sem calmarias.

Os que ainda não a tinham passado, quando se viram debaixo della, compriram a lei irrevogavel, pela qual levareis um balde cheio de agoa salgada pela cabeça abaixo por terdes passado a linha pela primeira vez, ou então mergulhareis por tres vezes vossa cabeça dentro d'um barril contendo agoa do mar, e então recebereis a senha, que vos ha-de livrar no futuro de iguaes processos, sob promessa de nunca dizel-a a outrem, senão aos que ja tiverem passado a linha, e soffrido esta ceremonia maritima, e solemnidade particular.

CAPITULO VIII

Descripção de Fernando de Noronha, e continuação da nossa viagem até a Ilhazinha.

Depois de passarmos a linha, continuando nossa viagem, no domingo 18 de junho, na altura de 4° alem d'ella encontramos tres grandes caravellas portuguezas, que vinham das Indias Orientaes, e depois de nos reconhecermos reciprocamente, e estarmos, nós e ellas, ao alcance de um tiro de canhão, seguiram todos seo caminho sem uma só troca de perguntas.

Poucos dias depois alcançamos Fernando de Noronha, que principiamos a vêr e descubrir no sabbado 23 de junho ás 7 horas da manhã, em distancia de dez leguas longe della, onde encontrámos muitos passaros voando sobre o mar caçando peixes, o que servio para convencer-nos, como tinhamos previsto na vespera, que não estavamos longe de terra segundo a experiencia dos Pilotos.

Chegámos nessé mesmo dia á tarde, e na manhã do dia seguinte, domingo, em que a Igreja solemnisa a festa do glorioso Percursor de Jesus Christo o Santo João Baptista, ancorámos defronte da Ilha, que se acha a 3° e $^3/_4$ de altura, e a 8 $^1/_2$° de variação d'agulha.

Tem esta ilha 5 a 6 legoas de circumferencia: é bonita e agradavel, e uma das melhores terras, se assim se pode

dizer, muito vigorosa, extremamente fertil, e capaz de produsir tudo quanto seja util.

Demoramos-nos ahi 15 dias para refrescarmo-nos e beber agoa fresca.

Encontrámos melões, giremuns, batatas, ervilhas verdes, e outros fructos excellentes, muito milho e algodão, bois, cabras bravias, galinhas triviaes, porem maiores do que as de França, e sobretudo grande quantidade de passaros de diversas especies desconhecidas, e em numero infinito, o que muito nos agradava por serem bons para se comer, e de facil caçada, pois podiam ser mortos no vôo, ou sobre as arvores á varadas e á cacetadas, e até á mão em seos ninhos.

Na *Ilha do Fogo*, proxima á de *Fernando*, não ha menor quantidade de passaros, uns do tamanho de gansos e capões, e outros menores e iguaes á pombas.

A maior parte delles pôem ovos sobre ervas ou mesmo na terra, e não se retiram d'esses lugares, embora sejam empurrados á ponta-pés, sem duvida com receio de não serem esmagados os ovos.

Parece incrivel a grande quantidade de passaros, ahi existente, mormente pela facilidade com que são apanhados, e eu mesmo não acreditaria, si não visse.

Para sustento diario de nós todos consumiam-se por dia mais de cem duzias, sem haver a menor differença na quantidade, que apparecia.

Entre estes passaros, ha uma qualidade a que chamam *Thesouras*, por terem a cauda bi-partida: como não têm filhos, que os prendam á terra, habitam de ordinario no mar, distantes das praias 200 a 300 legoas, perseguindo constantemente os pobres peixes *Voadores*, de que já fallámos, para o que estão sempre voando, com as azas abertas, e dormindo para assim dizer nas nuvens.

Tudo isto me faz crêr, que Deos, o Creador, que por sua admiravel providencia deo á todas as creaturas meios sufficientes para se conservarem, provêo estes passaros, de que estou tratando, de uma bolsa, de couro grosso, e alaranjado, collocada debaixo da garganta, sempre cheia de vento, e por isso elles pairam no ar, servindo ella tambem para armazem e deposito de comida, com que se alimentam.

Entre as arvores mais notaveis da Ilha, ha uma muito bonita e agradavel, que tem as folhas verdes e muito parecidas com as do Loureiro: si por accaso tocaes essas folhas com as mãos, e depois coçardes os olhos, sentireis logo tão grande dôr por tres ou quatro horas a ponto de perderdes a vista.

Junto á esta arvore se encontra ordinariamente outra qualidade, ahi posta como antidoto por bondade divina, tendo as folhas a propriedade de tirar a dor, e restituir a vista, apenas esfregardes com ellas os olhos, como vi acontecer n'um individuo da nossa companhia.

Muitas pessoas, de nossa expedição, ignorando a propriedade má d'estas arvores, soffreram muitas dôres por ellas causadas.

Ente outros casos vi um n'um dos meos amigos, que abaixando-se, como eu fiz, para passar debaixo d'ella, foi por casualidade tocado por um ramo na aba do seo chapeo, e, não sei como, immediatamente e na minha presença principiou a sentir essa dor, e depois a cegueira.

Por certo é isto um verdadeiro symbolo do peccado: na apparencia agradavel e alegre, porém tocando com as mãos, as obras, por consentimento de uma vontade determinada, perde a graça, que é a vista da alma, experimentando-se logo viva dor, e pungente remórso.

O Propheta David é quem podia tratar bem d'este ponto, porque depois de haver tocado esta arvore maldicta, cheio

de dôr, dizia a lastimar-se :—*Cor meum conturbatum est, dereliquit me virtus mea, et lumen oculorum meorum, et ipsum non estmecum.* «Meo coração está perturbado, deixou-me a virtude, e a luz dos meos olhos tambem »

Esta dôr pungente, e agudo remórso nunca mais deixará, o que tocar esta arvore maldicta, privando-se voluntariamente da luz interna de sua alma, si não lançar mão das folhas da verdadera arvore da vida, da Santa Cruz, onde tanto soffreo o nosso Salvador, que por seos merecimentos assim nos curou de todas as feridas da arvore do peccado, segundo diz o Apocalypse.—*Folia ligni sunt ad sanitatem gentium.* «As folhas d'esta arvore, isto é, da Cruz, servem para a saude e curativo dos gentios.»

Habitava a Ilha um portuguez em companhia de dezesete ou desoito indios, homens, mulheres, e crianças, todos escravos, e para aqui desterrados pelos moradores de Pernambuco.

Baptisamos a maior parte d'elles, casámos dous, depois de havermos plantado a Cruz no meio de uma Capella, que preparámos para a celebração da Santa Missa.

Estes pobres indios, bem como os portuguezes, receberam dos Sñr.^{s} de Rasilly e de la Ravardiere tantas finezas, que, sabendo do nosso projecto de ir plantar em Maranhão a fé e a crença do verdadeiro Deos para o que levavamos quatro Padres Capuchinhos, pediram-nos com instancia para tiral-os d'esse lugar e leval-os comnosco.

De muito boa vontade foi satisfeito o seo pedido, com alegria d'elles, e consolação de todos os seos parentes e amigos residentes em Maranhão.

Depois de demorarmos-nos quinze dias na Ilha de Fernando de Noronha, partimos no domingo 8 de Julho, ás 6

horas da tarde, trazendo comnosco os ditos indios e portuguezes.

No dia 11, quarta-feira, pela manhã começámos a vêr as montanhas dos Canibaes, principio da terra do Brazil.

Sabe Deos com que alegria, satisfação e contentamento viamos terras tão desejadas, depois de cinco mezes que partimos de França e fluctuavamos no mar.

N'esse mesmo dia, ás 12 horas da manhã, achamos-nos em frente, e na distancia de meia legoa, da enseiada de Mucuru costeando sempre a terra, e na quinta-feira 12 de Julho vimos uma montanha alta, muito direita, e assentada em terreno baixo, e chegámos ao *Cabo das Tartarugas*, d'ella distante 15 legoas, e ás 5 horas da tarde ahi fundeámos. Acha-se este cabo a 2° 2/3 de elevação e 10° e 1/3 de variação do iman

Este lugar é muito bonito, e maravilhosamente agradavel, abundante de bons fructos e de caça.

O mar que cérca estas costas, bem como os lagos da terra firme, são abundantes de peixes de varias especies, differentes das nossas, e dignas de serem vistas.

Ahi demoramos-nos 12 a 13 dias esperando marés grandes para irmos á Maranhão.

Durante a nossa demora occupavam-se os companheiros em pescar e caçar, e entre outros peixes, que apanhavam. havia uma especie muito abundante, a que chamavam *roncadores*, porque estando os pescadores fóra do mar principiavam a roncar contra o seo costume, e assim o faziam por algum tempo como se fossem leitõesinhos.

Demoramos-nos ahi até terça-feira, 24 de Julho, dia em que nos pareceo estar o vento de feição para acabar nossa viagem, e assim levantámos o ferro, logo pela manhã, e fómos sempre costeando até perto do rio *Camousi*, em cuja

proximidade vimos uma montanha muito grande e muito alta, e bem proeminente na terra chamada *Ibuyapap.* [1] Fomos seguindo ao longo de um terreno baixo e vermelho até quarta-feira 25, quando vimos as *areias brancas.*

Finalmente Deos, favorecendo nossos desejos e intenções, nos levou a salvamento ao porto, que é n'uma pequena Ilha, na entrada da grande enseiada do Maranhão, distante da *Ilha-Grande* 12 legoas, onde estavam dois navios de Dieppe.

Fundeámos na quinta-feira 26 do dito mez, dia da bemaventurada Santa Anna, Mãe da Sacratissima Virgem Maria. dia verdadeiramente notavel por ser de graça, pois o nome de Anna, em hebreu (da raiz [2] Chanan) quer dizer —graça, e dom benigno, beneficiando-nos Deos, n'aquelle dia solemne, com a nossa chegada a bom porto, signal evidente de sua benigna graça, e grande favor, que fazia a este pobre povo, offerecendo-lhe, tão liberalmente, a remissão plena de todos os peccados pela rece-

[1] *Ibiapaba.* Segundo o Senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil, esta extensa serra liga-se á cordilheira occidental do systema Brasilico: começa quasi na costa do Noroeste, perto da Barra Oriental do rio Parnahiba, entre o Iguarassú e o Timonha, segue a direcção quasi de N. a S. até á distancia de 130 legoas, pouco mais ou menos, com os nomes de Ibiapaba, Serra Grande, Cratheús, etc., etc. Vêde *Ensaio Estatistico da Provincia do Ceará.*

È celebre pela gloriosa e sempre memoravel morte do apostolico Padre Francisco Pinto, quando por ahi andou a cathequisar Indios, e pelos altos feitos, ahi sempre triumphantes, em prol da nossa santa religião pelo venerando Padre Antonio Vieira, ambos da Companhia de Jesus.

[2] Vae em branco por falta de typo proprio.

pção do Santo Sacramento do Baptismo, que iamos annunciar com risco de nossas vidas, não desejando outra recompensa e nem salario, alem de tirar esta gente do erro, e de filha do diabo, e herdeira do inferno, fazel-a filha de Deos e co-herdeira da sua gloria.

CAPITULO IX

Da chegada á Ilha de Santa Anna, como foi benzida e plantada a Cruz.

Deos, por sua divina bondade, nos fez chegar á *Ilha-pequena*, chamada pelos Indios *Ypaonmiry*, [1] inteiramente deshabitada.

Apenas segurámos bem os nossos navios, fizémos construir uma Cruz bonita e alta para plantal-a solemnemente no seguinte domingo.

Em quanto se trabalhava n'ella, para não perder tempo, julgou-se bom mandar emmissarios á *Ilha-Grande* do Maranhão afim de prevenir os Indios da nossa chegada, e perguntar-lhes se ainda tinham a mesma vontade de outr'ora de receberem os Francezes, tendo esta precaução por fim não offendel-os na mais pequena couza.

O Sñr. Des-Vaux, de quem já fallámos no principio do livro, foi nomeado pelos Sñr.s Loco-tenentes-generaes para tal embaixada.

Partio logo no dia seguinte, e chegando á Ilha referida, reunio todos os Principaes e Velhos, e lhes disse, que con-

[1] Está na lat. merid. 2° 12' e na long. occ. de 45°,5' no centro da Ilha, meridiano de Pariz. Vêde o nosso *Diccionario historico e geographico do Maranhão*.

forme seos desejos tinha patenteado ao nosso muito grande e muito poderoso Rei o desejo que tinham, de serem seos subditos, de reconhecel-o por seu Soberano Monarcha, e de receberem d'elle um Capitão, grande guerreiro e valente, para sustental-os e deffendel-os contra seos inimigos, sendo sempre amigos e alliados dos Francezes, como o tinham sido ha muito tempo, negociando com elles, e vindo sempre de França todos os generos, de que necessitassem, e como nada d'isto se podia fazer sem abraçar-se á nossa Religião, e conhecer-se o Deos, que adoramos, tinha promettido e asseverado á sua Magestade, em nome d'elles, que estavam dispostos a se baptisarem, e muito satisfeitos de se fazerem christãos, segundo suas palavras, pelo que o nosso poderosissimo Rei, muito alegre, mandou-o assegurar-lhes de sua parte, que sempre os consideraria seos amigos fieis, e sempre os defenderia de seos inimigos, se quizessem abraçar á nossa Religião, e receberem o baptismo, e para isto lhes mandava quatro *Payété*, isto é, quatro grandes Prophetas, com o fim de instruil-os e cathequisal-os, em companhia de um grande *Buruuichâue* (assim chamam elles o Rei e seos Loco-tenentes), e muitos soldados para deffendel-os, sustental-os, e protegel-os, os quaes já estavam na *Ilha-pequena* com seos Navios carregados de muitos generos, não querendo vir antes d'elle prevenil-os, e saber se ainda presistiam nas mesmas intenções.

Si pensaes como d'antes, continuou elle, irei buscal-os e e trazel-os immediatamente aqui, e no caso contrario não ha necessidade que tenham tal trabalho, pois temos resolvido eu e elles regressar á França.

Deram-lhe os Indios esta resposta: —«Admiramos-nos muito, que vivendo tanto tempo comnosco, não conheças ainda o nosso genio e modo de proceder, e venha-nos fazer taes discursos, como se costumassemos faltar á nossa palavra.

«Alegramos-nos muito com a vossa vinda, já por nós ha muito tempo esperada conforme vossa promessa, e por isso te pedimos, que nos tragas os Padres e o *Buruuichdue*, que nós os receberemos com toda bondade, visto ser grande o desejo, que temos de vel-os, e de obedecer ás suas ordens.»

Reconhecendo o Sr. Des-Vaux a boa vontade d'elles, avisou aos Srs. Loco-tenentes-generaes, e pedio-lhes, que continuassem a viagem até á *Ilha-Grande*.

Em quanto se passavam estas cousas, ficámos com toda a equipagem no porto da *Ilha-pequena* esperando a resolução dos Indios.

Mandámos durante esse tempo construir uma grande Cruz, como já dissemos, e quando prompta saltámos em terra no domingo 29 de Julho.

Depois de havermos benzido a agoa, cantou-se o *veni-Creator* na praça onde foi construida a Cruz, e d'ahi sahimos em procissão até onde devia ser plantada, n'uma pequena eminencia ou collina distante do porto mil passos.

Na procissão cantámos as ladainhas de Nossa Senhora.

O sr. de Rasilly e todos os principaes da nossa equipagem carregavam ao hombro a Cruz, com muito respeito e devoção, com os olhos arrasados de lagrimas, e cheios de muita alegria e contentamento.

Apenas chegámos, principiámos o *Te-Deum laudamus*, e no fim benzemos a Cruz com toda a solemnidade, fazendo antes uma pequena exhortação.

Benzemos tambem a *Ilha pequena*, a que o sr. de Rasilly deo o nome de—*Ilha de Santa Anna*—por haver ahi chegado no dia da sua festividade e solemnidade.

Em seguida foi plantada a Cruz, ao som de muitos tiros de peça que, por ordem do sr. de la Ravardiere, deram os navios em demonstração de alegria, cantando nós o hymno

—*Vexila regis prodeunt*—, e erguendo-se logo e desfraldando-se ao vento os estandartes e insignias do nosso Rei Jesus-Christo.

Erguida a Cruz, foi adorada por todos os Catholicos com muita devoção e cordial ternura, e muita alegria e contentamento por havermos chegado, e visto tão gloriosamente arvoradas as insignias de Jesus-Christo n'esta terra infiel, que até então só havia produzido cardos e espinhos de maldicção, e d'agora em diante iria offerecer os doces fructos da graça pelos meritos da Paixão de Nosso Senhor, que vive e reina com o Pae, e o Espirito-Santo na eternidade dos seculos. [1]

[1] Não conservou-se mais essa Cruz, não foi renovada, e assim desappareceu esse primeiro monumento levantado na Provincia pelos Francezes!

Ahi actualmente existe um *Pharól*.

CAPITULO X

Da nossa entrada na Ilha do Maranhão, e da disposição do Forte.

Acabadas todas estas ceremonias, o sr. Des-Vaux deo-nos a saber a sinceridade e boas amizades dos Indios.

Adiante de nós o Sr. de Rasilly sahio da *Ilha de Santa Anna*, depois de plantada a Cruz, com direcção á *Ilha-Grande* [1], levando comsigo muitos francezes, os quaes foram todos muito bem recebidos pelos Indios, que lhes testemunharam por mil caricias sua amisade e satisfação por tal chegada.

Por todas as aldeias, por onde passava, elle lhes fazia constar, por intermedio do Sr. Des-Vaux, ter vindo da parte do nosso muito grande e poderoso Rei de França, conforme suas supplicas, para viver e morrer com elles como seos bons amigos e alliados, defendel-os e sustental-os contra seos inimigos, trazendo quatro Padres para ensinar-lhes qual era o verdadeiro Deos, o que sabido poderiam ser seos filhos por meio do baptismo.

Quando os Padres, disse elle, souberem da vossa vontade e desejo, elles chegarão a *Jeuirée*, (porto da *Ilha-Grande*,

[1] Tambem se chamava *Ilha dos Tupinambás*, porque estes Indios occupavam a costa desde a fóz do Jaguaribe até esta Ilha. Ainda voltaremos a tratar d'este nome.

onde tinha combinado comnosco ahi achar-se em dia marcado), e ahi é necessario que eu esteja para trazel-os á vossa presença, convindo que ahi tambem compareçam alguns principaes, e homens velhos, demonstrando assim a vossa alegria e satisfação pela vinda d'elles, o que acham bom e á proposito.

Reconhecendo o Sr. de Rasilly a boa vontade d'elles no acolhimento, que lhe fizeram, escreveo-nos para a *Ilha de Santa Anna*, contando tudo quanto havia passado, recommendando-nos, que nos achassemos na *Ilha-Grande* e porto de *Jevirée* no dia 6 de Agosto, onde lá nos iria esperar.

Á vista d'isto partimos da pequena *Ilha de Santa Anna*, na manhã de 5 de Agosto, n'uma barca de 16 ou 18 toneladas, em companhia do Sr. de Pezieux, muito digno e virtuoso Gentil-homem do Delphim, e de outros francezes da nossa equipagem.

Na manhã seguinte, dia da gloriosa transfiguração de Nosso Salvador Jesus Christo, com o auxilio de Deos, chegámos a *Jevirée*, que é, como já disse, na *Ilha-Grande* do Maranhão, habitada por Indios e Selvagens *Tupinambás*, thesouros e pedras preciosas, que procurámos em tão longa viagem e atravez de tantos perigos.

Para desembarcarmos, mudámos os nossos habitos de panno grosso, e vestimos os de sarja parda, que trouxemos de França prevendo o grande calor da zona tórrida.

Differençavam-se estes habitos dos que traziamos ordinariamente, não na forma, e sim apenas em ser mais leve e mais fina a fazenda.

O Sr. de Manoir, que estava em *Jevirée* com alguns francezes, tanto da nossa equipagem como da do Capitão Geraldo, sabendo da nossa chegada, e que ainda não tinha vindo o Sr. de Rasilly, demorando-se mais de duas horas, mandou alguns dos seos criados á nossa barca, longe da

terra mais de um quarto de legoa, cumprimentar-nos, e offerecer-nos pão, vinho, e carne em abundancia.

Sabendo os Indios tambem da nossa chegada, e descubrindo-nos das praias, e não querendo esperar o nosso desembarque, que lhes parecia mui demorado, muitos, cheios de dedicação, de impaciencia e de curiosidade, embarcaram em suas canôas, e vieram tambem visitar-nos.

Logo á primeira vista trataram-nos como se estivessem acostumados a ver-nos, conversando comnosco muito familiarmente.

Chegando a *Jevirée* o Sr. de Rasilly, e sabendo da nossa chegada, mandou buscar-nos por algumas canôas, visto a nossa barca não poder encostar em terra.

Vestidos nós quatro de sobre-pellises brancas, empunhando bastões tendo nas extremidades superiores Cruzes e Cruxifixos, desembarcámos na companhia do Sr. de Pezieux e de outros francezes.

Achámos na praia a esperar-nos o Sr. de Rasilly, o Sr. de Manoir, muitos francezes, fidalgos e soldados, tanto da nossa equipagem como da de quatro ou cinco Capitães de Dieppe, que ahi encontrámos, bem como muitos Indios e Selvagens.

Apenas entrámos na canôa, e que principiaram os remeiros a puchar para terra, foi-nos maravilhoso o vêr muitos Indios e Selvagens atirarem-se n'agoa, e nadarem para nos apresentarem seos agrados, e virem ao nosso encontro.

Com tal companhia, graças á Divina Providencia, chegámos ao porto desejado.

Ao sahirmos da canôa, quando pozemos o pé em terra, ajoelharam o Sr. de Rasilly e todos os francezes, e depois de nos terem saudado e abraçado, comecei a entoar o *Te-Deum Laudamus*, caminhando em procissão na boa companhia dos Francezes e muitos Indios.

Cada um de nós derramava muitas lagrimas de satisfação e alegria por sermos os primeiros, que gozavamos d'esta felicidade, entrando com toda a confiança n'uma terra de infieis, tomando posse d'este novo Reino, em nome do Rei dos Reis, o Redemptor do Mundo, Nosso Salvador Jesus Christo.

Louvámos a grandesa de Deos, entoando em altas vozes canticos de louvores no meio d'estes povos até então rebeldes á Magestade Divina, porem agora caminhando em procissão alegres e satisfeitos, vendo os agradaveis e divinos raios da doutrina evangelica, offerecidos com tanta bondade pelo Salvador do Mundo, que é o verdadeiro Sól da Justiça.

Findos o *Te-Deum Laudamus* e algumas outras orações retiramos-nos todos quatro com os Srs. de Rasilly e de Pezieux á casa do Sr. de Manoir, onde á tarde nos offereceo um banquete, tão explendido como se poderia fazer em França, pois tinha muita variedade de caça e de carne, preparada ao gosto francez: houve muito bom vinho, pratos de meio, e bons doces por sobre-meza.

Não podendo os Indios fartarem-se de nos vêr, vinham os Principaes e velhos, (unicos a quem se permittio entrada), comprimentar-nos á seo modo e com toda a bondade que podiam.

Os Indios, que não tiveram permissão para entrar, olhavam-nos com attenção atravez das taboas, de que era construida a casa, sem se admirarem de nós, o que mui facilmente podiamos reconhecer pelo respeito, que nos tributavam.

Depois da ceia despedimos-nos do Sr. de Manoir, e julgámos acertado embarcarmos-nos todos quatro, na companhia do Sr. de Rasilly, em botes pequenos dos Capitães do Dieppe e passar a outra banda do mar, distante uma legoa ou le-

goa e meia de *Jevirée*, ou pouco acima do logar já marcado para a edificação do *Forte*.

Ahi chegàmos um pouco tarde, e como não houvesse uma só casa, abrigámos-nos debaixo de arvores grandes, e ahi repousámos e passámos a noite.

Querendo os Indios mostrar a sua alegria e contentamento pela nossa vinda, muitos logo pela manhã se chegaram ao Sr. de Rasilly e a nós, e começaram a fazer palhoças e choupanas com ramos de palmeiras para nossa moradia até se preparar o lugar escolhido para o Forte, e ahi proximo a elle marcámos um terreno, onde se devia construir uma capella, e uma casa para nossa residencia.

Rotearam tambem uma bonita praça no alto de uma pequena collina, ahi proximo, cortaram todas as arvores circumvisinhas, preparando-a o melhor possivel afim de levantar-se ahi uma barraca, e debaixo d'ella um altar portatil, que levavamos.

No domingo seguinte, 12 de agosto, cada um de nós quatro celebrou o santo sacrificio da Missa com contentamento mais facil de imaginar-se do que de descrevêr-se por ser impossivel fazêl-o, limitando-me apenas a dizer, que não foi sem mysterio, que Deos quiz por sua providencia, que n'esse dia, no qual a Igreja Romana, e particularmente a nossa Ordem, celebra a festividade da bemaventurada Santa Clara, fosse pela primeira vez e nesse lugar offerecido o Augusto Sacrificio, com que Elle illuminou este novo Mundo pela nova luz deste verdadeiro Sol Divino, nosso Salvador, Jesus Christo, como outr'ora nesse mesmo dia elle tinha alumiado o Universo pela nova luz do nome, da vida, e dos milagres desta gloriosa santa.

Desnecessario é perguntar, si estas pobres creaturas gostavam de vêr as bellas ceremonias, que se fazem na celebração deste divino mysterio, e particularmente os lindos

ornatos, de que nos revestimos, julgando, que debaixo d'elles se achavam os mysterios, que não comprehendiam: não lastimavam o tempo, que gastavam admirando tão bellas ceremonias.

Quando chegavamos ao offertorio, fechavamos a porta da barraca por não permittirem as ordenações da Igreja, que este divino mysterio seja presenciado senão por fieis christãos: mostravam-se por isto mui pezarosos e admirados, tanto por se acharem privados da satisfação de verem como pela offensa, que n'isto enchergavam.

Alguns, até mesmo os catholicos, mostraram-se escandalisados, por serem pouco instruidos n'esta separação de cathecumenos e infieis, conforme manda a Igreja, quando se chega ao offertorio, e durante este divino mysterio, não sem grandes razões.

Finalmente conseguimos abrandal-os, e conhecendo os indios, que não podiamos admittir nessa occasião senão os baptisados e recebidos no numero dos filhos do grande *Tupan*, manifestaram logo ardente desejo de se instruirem e baptisarem, para á seo bel-prazer gozarem das graças, e participarem dos admiraveis fructos, que se lhes fazia comprehender dar o Salvador do Mundo, ali presente real e perfeitamente neste Santissimo Mysterio.

D'ahi em diante, quando estavam assistindo á Missa, e que se fechava a barraca, retiravam-se de boa vontade, contentando-se de imaginar o que não podiam vêr: assistiam porem constantemente aos baptismos até o fim como os francezes.

Em quanto estivemos nesses lugares, abrigados debaixo de arvores, e em *aiupaues* (choupanas) não nos faltaram viveres, pois caprichavam estes pobres selvagens de nol-os fornecerem em abundancia.

Todas as manhãs vinham os bons velhos, em ranchos, com suas mulheres e filhos, trazer-nos seos paneirinhos, feitos de folhas de palmeira, contendo peixes apanhados durante a noite, e mais outras couzas para nossa alimentação.

Desejando os Srs. de Rasilly e la Ravardiere construir um Forte para segurança dos Francezes e conservação do paiz, escolheram uma bonita praça [1] para esse fim, muito propria por ser n'uma alta montanha, e na ponta de um rochedo inaccessivel, superior a todos os outros e d'onde se descobre terreno a perder de vista, e embora separada da terra firme, é inconquistavel e muito forte por estar cercada de dois rios profundos e largos, [2] que desembocam no mar ao pé do dito rochedo, onde é o unico porto da Ilha do Maranhão, e n'elle podem fundear com toda a segurança navios de mil a mil e duzentas toneladas.

Reconhecendo os Indios a necessidade deste Forte por seo e nosso interesse, principiaram a trabalhar logo n'elle com muita alegria e sinseridade, construindo muitas cazas para os francezes, com pequenas arvores, que cortavam de 12, 15 e 20 pés, conforme a altura, que se desejava.

Enterrando essas arvores no chão uma contra a outra, elles as prendiam com outros pedaços de paus atravessados, com barrótes e cordas.

---

[1] O Largo de Palacio. Pensamos com o Commendador João Lisbôa, pag. 70, 2.° vol. de suas obras, e não com o Dr. Antonio Henrique Leal, pag. 82 de suas *Lucubrações*, que «julga ser no *sopé* d'essa montanha,» engano na traducção que fez de uma palavra d'esse trecho a pag. 66 da presente obra em francez.

[2] Rios *Anil* e *Bacanga*, que abraçam e se confundem banhando a base d'essa montanha.

Por cima de tudo isto estendiam ripas, e cobriam com folhas de palmeira, chamadas em sua linguagem *pindóba*, e com tal arte, que não deixava penetrar a chuva, e vista de dentro notava-se curiosa disposição ou arranjo.

Em pouco tempo edificaram muitas cazas d'essas, de um e dous andares com um grande armazem, onde arrumaram todos os generos, que trouxemos e que elles proprios foram buscar á bordo.

Com auxilio dos Francezes montaram no dito *Forte*, embora muito alto, vinte canhões grandes para sua defesa.

Junto a este Forte ha uma praça commoda e bonita: n'ella se encontram muito boas fontes e regatos, que são a alma de uma cidade, e ahi existem todas as commodidades desejadas, como sejam paus, pedras, barro, e outros materiaes para a edificação sem muito dispendio.

Em distancia de mil ou mil e duzentos passos ha um bonito lugar de recreio, onde existe uma fonte, especial pela limpidez e bom gosto de sua agoa viva e clara, que d'ella jorra,. e corre para o mar: é cercada de palmeiras, de guaiaco, de murtas, e de outras arvores corpulentas e grandes, onde se vêem muitas vezes monos, macacos e macaquinhos, que vão ahi beber agoa. [1]

N'este delicioso lugar os indios *Tupinambás* derrubaram grande numero de arvores, e um pouco á cima da fonte construiram uma grande e espaçosa caza para habitármos, e outra mystica para a celebração do Santo Sacrificio da Missa, servindo de Capella.

Demos a este lugar o nome de—Convento de S. Francisco. [2]

---

[1] Fonte ou tanque de Santo Antonio, na *cêrca* do Convento d'esse nome.

[2] Convento de S. Francisco então, hoje de Santo Antonio.

Aos Francezes, que não quizeram residir no Forte, conforme se havia combinado, foi permittido retirarem-se, como fizeram, em grupos de dez ou doze, e residirem onde bem lhes aprouvesse ahi pelas aldeias, hospedando-se com os Indios, que os convidavam para isso.

CAPITULO XI

Notavel discurso de Japy-açú, Principal da Ilha do Maranhão, e de algumas perguntas que nos fez.

Quando ainda nos achávamos abrigados debaixo das arvores e das *Arupaues* (choupanas), na baze do *Forte*, poucos dias depois da nossa chegada, *Japy-açú*, Principal de *Juniparão*, e o grande *Buruuichâue* da Ilha do Maranhão mandaram um de nossos interpretes, por nome *Migan*, [1] natural de Dieppe, ao Sr. de Rasilly afim de convidal-o de sua parte para ir á *caza grande*, e mandar lá armar sua rêde, conforme era costume, para com outros Principaes Indios, que ahi se achariam, assistir a uma reunião, onde devia tratar-se de negocio importante, e como elle *Japy-açú* desejava que fosse ouvido o seo discurso palavra por palavra, não se perdendo uma só, lhe pedia que lhe respondesse ás suas perguntas á proporção, que fossem feitas.

[1] David Migan, grande interprete dos Francezes. Quatorze vezes escapou das mãos dos Portuguezes, e afinal veio a morrer na batalha de Guaxinduba. Vide *Jornada do Maranhão por ordem de S. Magestade feita no anno de* 1614, pag. 250 do 2.º volume das *Memorias* do Senador Candido Mendes de Almeida.

Dando Migan o seo recado, mostrou-se contente o Sr. de Rasilly, e mandou logo armar sua rêde, e n'ella se deitou immediatamente, como era costume do paiz, no meio da companhia dos Indios, onde tambem nos achavamos.

Pouco depois começou *Jupy-açú* a fazer o seguinte discurso, dirigindo-se ao Sr. de Rasilly:

«Estou muito contente, valente guerreiro, de tua vinda á esta terra para nos felicitares e defender-nos de nossos inimigos.

«Já começavamos a entristecer-nos vendo, que, não chegavam Francezes guerreiros sob o commando de um grande *Buruuiçháue* para habitarem esta terra, e já tinhamos resolvido deixar esta costa e abandonar este paiz com receio dos *Peros* (isto é, Portuguezes) [1], nossos mortaes inimigos, e irmos embrenhar-nos pelos matos longinquos, onde nunca nos visse christão algum, passando o resto dos nossos dias, longe dos Francezes, nossos bons amigos, sem foices, machados, facas, e outras mercadorias, e reduzidos á vida primitiva e bem triste de nossos antepassados, que cultivavam a terra e derrubavão as arvores com machados de pedras duras.

«Deos porém, teve piedade de nós—mandando-te aqui, não como os naturaes de Dieppe, pobres marinheiros e negociantes, porém como um grande guerreiro, trazendo mui bravos soldados para defender-nos, Padres e Prophetas para instruir-nos na Lei de Deos.

«Alcançarás grande fama entre as pessoas distinctas por haveres deixado tão bello paiz como a França, tua mulher,

[1] ***Peros***. Na ***Relação summaria das cousas do Maranhão*** diz seo autor o Capitão Simão Estacio da Silveira, que esse nome de ***Peros*** parece ser por memoria de algum Pedro notavel, de que conservam os indios aquelle nome.

teos filhos, e todos os teos parentes para vires habitar esta terra, a qual embora não seja tão bonita como a tua e nem tenhas aqui todas as commodidades como lá, comtudo quando notares a bondade de nossa terra, tão abundante de caça de toda a qualidade, e de fructos, o mar e seus grandes rios replectos de infinitas especies de peixes, e um povo valente, prestes a obedecer-te, e a ajudar-te na conquista de todas as outras nações visinhas, tú exultarás de prazer, e quando te acostumares aos nossos viveres acharás que a nossa farinha não differe muito do teo pão, que já comi muitas vezes.

«Quanto ás cazas, fortalezas, e outras obras manuaes, n'ellas trabalharemos todos, afim de seres forte e poderozo contra todo o mundo, e todos nós morreremos comtigo.

«Nossos filhos aprenderão a lei de Deos, vossas artes, e sciencias, e com o tempo serão vossos iguaes, se formarão allianças de parte á parte, embora de hora em diante todos nós sejamos francezes.

«Quanto ao mais, estamos bem contentes de nos haveres trazido Padres e Prophetas, porque os maldictos *Peros*, tão crueis para nós, só nos lançavam em rosto, que não adoravamos a Deos.

«Desgraçados! Ah! Como haviamos de adoral-o, senão nos ensinavam antes a conhecel-o, e a invocal-o?

«Como elles apenas sabiamos, que havia um ente, que tinha creado todas as coisas, que era bom, e que nos deo a alma que era immortal.

«Acreditamos ainda, que por maldade dos homens, Deus espalhou o diluvio por toda a parte para castigal-os, e reservou d'este castigo apenas um bom Pae, e uma boa Mãe, de quem descendemos, ficando apenas vós e nós.

«Depois do diluvio Deos enviou seos Prophetas, que tinham barbas, para instruir-nos na Lei de Deos.

« Apresentaram estes Prophetas ao Pae, de quem descendemos, duas espadas, uma de pau e outra de ferro, e lhe pedio que escolhesse.

« Elle achou muito pesada a espada de ferro, e por isso escolheu a de pau, e o Pae, de quem descendeis, tomou a de ferro.

« Fomos depois disto bem infelizes, porque vendo os Prophetas, que a nossa gente não acreditava n'elles, subiram para o Céo, deixando vestigios de suas pessoas e de seos pés, gravados em cruz na rocha proxima a *Potyu*, [1] que viste tão bem, como eu (dirigindo-se a Migan.)

« Appareceo depois d'isto a diversidade de linguas—entre nós, que apenas fallavamos uma só.

« Como não nos entendiamos, perseguiamos-nos reciprocamente, e com isto muito folgava o diabo *Jeropary*.

« Depois de tantas miserias, para se completarem nossas desgraças, esta maldita raça de *Peros*, tomou nossa terra, destruio esta grande e antiga nação, e reduzio-a a pequeno numero, como podes saber, que é actualmente.

« Agora porem nada tememos, porque tú chegaste, e com tua boa gente has de restituir a nossa nação á sua grandeza primitiva.

« Finalmente tenho muita esperança em tua bondade e brandura, porque me parece vêr, entre teos modos guer-

---

[1] Consultando o distincto maranhense o Sr. Coronel Francisco Raimundo Corrêa de Faria a respeito d'este nome, d'elle colhemos estas informações.

Poty-iu ou é *Poty-iu*, espinho ou ferrão de camarão, ou então *Potu-u*—descançar.

Talvez dessem a esse lugar o nome de *espera* ou *descanço*.

Por exemplo—estivemos em *Poty-iou* (em Potuu) isto é, «no lugar onde se costuma parar para descançar.»

Sempre nas viagens os Indios buscavam lugares já sabidos para descançar.

reiros, maneiras affaveis e proprias de uma personagem, que nos governará mui prudentemente: e ainda te digo, que quanto mais distincto é o berço de um homem e quanto maior fôr o seo poder sobre os outros, mais docil, obsequiador e clemente deve ser, porque os homens, especialmente os d'esta nação, mais facilmente se levam pela brandura do que pela violencia.

« Quanto a mim sempre segui esta maxima com os meos subordinados, dando-me sempre muito bem. Tenho tambem notado entre os Francezes, e si o contrario acontecesse, esconder-nos-hiamos nos bosques, onde ninguem nos descubriria, alimentando-nos de muitos fructos e raizes, que Deos nos deo, e que conhecemos.

« Quanto ao nosso modo de viver, ao uso de matarmos nossos escravos, de trazer os cabellos compridos, de furar os beiços, de dançar, e de fazer outras cousas iguaes, entregamos-nos a ti, e só faremos o que quizerdes, e ordenardes. Os *Peros* antigamente nos maltratavam, praticando em nós muitas crueldades, só porque traziamos os beiços furados, e os cabellos compridos, e mandavam rapar nossas cabeças como signal de infamia. Á este respeito dize-nos qual é a tua vontade, nòs a ouviremos, e depois nos resolveremos a obedecer-te.»

Ficaram todos admirados vendo e ouvindo o discurso d'este velho tão valente como veneravel. O Sr. de Rasilly respondeu-lhe assim:

« Louvo muito tua prudencia, antigo amigo dos Francezes, considerando a miseria e a cegueira de tua Nação, não só relativamente ao conhecimento do verdadeiro Deos, mas tambem das cousas necessarias ao uzo do homem.

« Alegraste-te com a minha chegada e com o projecto, que tenho de risidir na tua terra: causa muita pena vendo que tua Nação outr'ora tão grande e tão temida, e agora

tão pequena, se perdesse inteiramente em longinquos desertos no poder de *Jeropary*, privada não só da bella luz e conhecimento do grande *Tupan*, mais tambem da convivencia dos Francezes, e dos generos que elles sempre vos forneceram até mesmo durante a perseguição dos *Pêros*.

«Este facto tão triste de tal sorte commovéo a coragem do meo Rei, que elle me mandou em companhia de outros para vos auxiliar, tanto com o meo procedimento como por minha coragem, e pelo valor dos bravos Francezes que eu trouxe.

«Não foram nem a belleza, e nem a riqueza de tua terra, que me trouxeram aqui, pois não ha paiz algum debaixo do sol mais bonito e mais rico do que a França.

«Foi sim o desejo de serem vossas almas, depois da vida d'este mundo, livradas da condemnação eterna e dos tormentos de *Jeropary*, e conduzidas, cheias de felicidade, ao Céo, onde existe Deos, e todos os bons christãos, que são seos verdadeiros filhos, e que ahi vivem descançados com Elle: foi tambem o desejo de salvar de vossos inimigos vossos corpos, bens e familias: eis os dous motivos que aqui me trouxeram.

«Não sentirei deixar minha patria, minha mulher, meos filhos, e meos parentes, si conhecer que tendes vontade de servir e adorar o verdadeiro Deos, e de serdes fieis e obedientes aos Francezes, e não vos abandonarei.

«Quanto ás commodidades, que dizes haver eu deixado em minha patria, na verdade são grandes e mui differentes sem comparação alguma das que tenho aqui, porem é só proprio das naturezas afeminadas e fracas o pensar em couzas tão pequenas, e eu acostumei-me na minha profissão a comer de tudo, e a soffrer todos os incommodos inherentes á guerra.

«Quanto ao auxilio, que tu e os teos nos prestam para edificar nossas fortalezas, receberemos para tua e nossa segurança, e o nosso estabelecimento será o beneficio e a riqueza do vosso paiz e de vossos vindouros, iguaes d'ora em diante á nós, e que saberão o que nòs soubermos.

«Quanto á crueldade dos *Pêros*, eu traçarei minha vida e a de todos os francezes antes de desembarcarem n'esta terra, e relativamente aos costumes antigos, que praticaes por loucura da ignorancia, como sejam o matar e comer escravos, bem sabeis o que prometteste antes de nossa vinda, e por isso aqui não ficarei si não abandonardes este costume diabolico, tão contrario á vontade de Deos.

«Não me desagrada, e pelo contrario quero que conserveis os cabellos compridos: a respeito de vossos beiços furados, desejo que por vós mesmos seja abandonado este costume tolo, por isto não vos farei mal algum, embora eu aprecie mais aquelles, que o desprezarem por amor de minhas reflexões: finalmente quanto á vossas danças eu as approvo quando feitas, como as nossas, para distracção.

«Quanto ás leis, que desejo estabelecer entre vós, serão só as de Deos, e as executadas em nossa terra, e o meu governo será brando e razoavel, e n'isto não me avaliaste mal, convindo porem que sejaes lhanos e bons como os francezes.

«Quanto aos maus, que desejarem ser malignos e filhos de *Jeropary*, digo que não vim cá por elles, e sim unicamente pelos bons, e pelos que quizerem ouvir os Padres, e obedecer ás suas ordens, e elles vos dirão o resto a respeito de *Tupan*, do diluvio, e dos antigos Prophetas.»

O Padre Ivò, ahi presente, tomou a palavra, e disse a *Japy-açú*:

«Tudo quanto disseste de Deos, de ter creado todas as cousas, o Céo, o ar, a terra, o mar, e tudo quanto existe no Mundo, é verdade.

«Sua cólera justa contra os peccadores, ingratos por seos beneficios, sua vingança por meio do diluvio, a vinda dos prophetas entre vós, os signaes, que vistes, e comvosco muitos francezes nos rochedos de *Potyiu*, a divisão da vossa linguagem, as guerras, os assassinatos, e as perseguições dos *Pêros*, tudo é verdade.

«Acontecem todas estas desgraças e castigos aos que não querem ouvir a palavra de Deos pela bocca dos Prophetas, e preferem viver adstrictos á amaldiçoada crença de *Jeropary*, inimigo mortal do homem.

«Mas quando Deos, que é inteiramente bom, castigou por muito tempo os peccadores, vendo-os humilhados e como que reduzidos ao nada, quando recorreram a Elle, foram levantados da miseria, ficando mais felizes do que nunca foram.

«Deve aproveitar-vos o exemplo de vossos Paes, afim de não fazerdes agora o que praticaram outr'ora, porque Deos mandando-nos aqui pela ultima vez para vêr se desejaes ser filhos d'elle, si fordes imprudentes e tão infelizes a ponto de não ouvil-o, sereis então mais desgraçados do que nunca, e vossa nação ficará inteiramente arruinada.

«Si porem vos submetterdes á vontade de Deos, ouvirdes sua palavra, e seguirdes seos mandamentos, nunca sereis abandonados por nós, que daremos a vida por vossa conservação, e os bons francezes tambem não deixarão vossa terra, em quanto aqui residirmos.»

O veneravel velho *Japy-açú* prestou muita attenção, bem como todos os Indios ahi presentes, e replicou assim:

«Alegrei-me muito quando vos vi, e não faltarei á minha palavra. Admiro-me muito como vós outros Padres não quereis mulheres. Descestes do Céo? Nascestes de Pae e de Mãe? E então! não sois homens como nós? E como, não só não quereis mulheres como os outros francezes, que comnosco

negociam ha quarenta e tantos annos, mas tambem impedis agora que elles se sirvam de nossas filhas, o que reputamos grande honra e nobreza, pois podem ter filhos? »

É verdade ser este facto reputado um favor muito grande, porém vendo que os Francezes de nossa companhia não se entregavam a tanta liberdade como os nossos antecessores, julgavam isto um desprezo para elles, e pouco apreço ás suas filhas, das quaes algumas, cheias de desespero, manifestavam desejos de se retirarem para as matas, por não serem queridas pelos Francezes, chamados por ellas—seos bons compadres.

Respondeo-lhes assim o Revd. Padre Ivo:

« Admiro-me de tuas palavras, e até estranho-as, pois por ti mesmo podes verificar si nós somos homens formados de corpo e alma, nascidos de Paes e Mães como tù, e que não descemos do Céo, embora nossas almas têrem sua origem immediata de Deos, que as cria dentro dos corpos organisados no ventre da Mãe, e por isso nunca estiveram ellas no Céo, e nem de lá desceram, e muito menos os nossos corpos, como se infere de tuas palavras.

« Sendo homens como tu, e por isso não estamos isentos da morte, desgraça inevitavel, e sentença irrevogavel do grande *Tupan,* que deve todo o homem morrer como castigo do nosso primeiro Pae.

« Quanto a vossa pergunta sobre mulheres, devo dizer-vos, que Deos ordena, que não nos cazemos, e nem tenhamos mulheres em nossa companhia afim de servil-o com mais pureza, para que seos Sacramentos sejam tocados somente por quem viver em continua castidade.

« Quanto aos outros christãos, que são seos Filhos pelo baptismo, Deos lhe concede liberdade de se cazarem, se lhes apraz, porem com uma mulher só e unicamente, e as mulheres consentem tambem que tenham um só e unico

marido sem nunca poder deixal-o: si por ventura se separam marido e mulher, não podem buscar outra união, por que os homens, que tem muitas mulheres e as mulheres muitos homens não são verdadeiros filhos do grande *Tupan*, porem servos de *Jeropary*, que é o diabo.

« Si algum de vós deseja ser filho de *Tupan*, e receber o santo baptismo, convem que se resolva a deixar a pluralidade de mulheres, que entre vós se permitte. Pertence a vós decidir.

« Não nos importamos com estas cousas, pois aqui não viemos para vos contrariar em o que quer que seja, mas para vos ensinar, com toda a brandura possivel, qual é o verdadeiro *Tupan*, e como se deve servil-o e adoral-o.

« Si os francezes recusam vossas filhas, não é por ordem nossa, e somente nós lhes lembramos, que são Filhos do grande *Tupan*, que prohibe tal abuso, e como taes não devem desobedecel-o.

« É deshonra para vós a prostituição de vossas filhas, e o entregarem-se ellas a quem quer que seja, como fazem, bem mostrais que sois filhos de *Jeropary:* si desejais evitar os tormentos, que elle vos prepara, convem deixar todos estes maus costumes, e serdes verdadeiros filhos de *Tupan.* »

Replicou o bom velho, [1] pedindo que não nos admirassemos de taes perguntas, que tinha estimado muito, que lhe fallassemos com franqueza, porque (dizia elle) entre os *Peros* haviam alguns, que se diziam padres, que procura-

[1] O Sr. de la Ravardiere disse ao Sargento-mór Diogo de Campos Moreno, quando foram expulsos os Francezes, que este Indio e outro chamado *Brazil* « eram homens, para Indios, de muito entendimento. » Vide *Jornada do Maranhão*, obra já citada. Diogo de Campos diz que Ravardiere o chamou *Yupiasú*, Ber-

ram convencel-os de cousas iguaes, afiançando que não deixaria de contar á seos similhantes, ahi não presentes, as grandes maravilhas, que ouvira e que admirára com outros, que ahi se achavam.

Depois d'isto retirou-se cada um para onde quiz, e nós desconfiamos, que o verdadeiro fim destas perguntas era uma certa historia, que já tinhamos sabido dos Francezes, e que depois ouvimos dos proprios Indios, como se lerá no Capitulo seguinte.

redo, nos seos *Annaes do Maranhão, Japy-Assú,* e nós assim o escrevemos, apoiado no pensar, por demais auctorisado do illustre Sr. Coronel Francisco Raimundo Corrêa de Faria, mestre, muito habil, da lingua indigéna.

No *Diccionario da Lingua de Tupy* de A. Gonçalves Dias não ha a letra—S—, e o mesmo acontece no, hoje rarissimo, *Diccionario portuguez e braziliano ou da lingua geral do Brazil,* pelo veneravel Padre Luiz Figueira, da Companhia de Jesus, impresso *em MDCCXCV, Lisboa.*

CAPITULO XII

Historia de certo personagem, que se dizia ter descido do Céo.

Haverá 7 annos, que certo personagem, cujo nome e qualidade calarei por circumstancias, vendo, que os Indios *Tupinambás,* que antigamente moravam no Tropico de Capricornio, se haviam refugiado na Ilha do Maranhão, e suas circumvisinhanças, evitando o dominio dos portuguezes, sahio de Pernambuco, com um seo companheiro trazendo alguns portuguezes, e oito a dez mil Indios, entre homens, mulheres e meninos, todos da mesma nação, ahi existente.

Não se sabe si suas intenções eram bôas ou más, embora se reconheça não ter elle, sem grande resolução e particular designio, emprehendido tão longa viagem de 500 á 600 legoas, por entre medonhas florestas, e temiveis desertos, com muitos incommodos, sendo o primeiro a difficuldade de aprender a lingua dos ditos Indios, que elle manejava tão perfeitamente como se fosse natural desse paiz.

Fazia pequenas viagens por dia por causa dos mais fracos da sua comitiva.

Durante a viagem os membros desta grande comitiva alimentavam-se somente de raizes, que extrahiam da terra, de fructos de arvores, de peixes, que apanhavam, de passaros, e de outrasespecies d'animaes que agarravam, com farinha, que tra-

ziam, e onde lhes faltou esta, ahi ficaram para plantar *Mandioca*, e se demoraram até que podessem fabricar farinha.

A fadiga de tão longa e tão penosa jornada parecia não ser nada para essas pobres creaturas, tanta era a amisade e a estima, que tributavam ao personagem, que os conduzia, tendo adquirido entre elles tal nome a ponto de ser considerado como um—grande Propheta.

Dava-lhes a entender, e lhes fazia crer, por gracejo ou malicia, não ser homem nascido de pae e de mãe como os outros, e sim haver sahido da bocca de Deos, o Pae, e que este o mandara baixar do Ceo para vir annunciar a sua palavra.

Dizia ser elle, quem fazia a terra produzir, para o que mandava sol e chuva, e era o auctor de todos os bens, e alimentos que tinham e gosavam: de facto soube dos da sua comitiva, que tendo necessidade de vinho e de outras coisas, ficava um pouco atraz, e levantando os olhos para cima, dizia em voz bem clara—Meo Deos, meos pobres soldados precisam de vinho, ou de outra coisa qualquer, eu vol-a peço,—e pouco depois trazia algumas garrafas de vinho, ou o que elle havia pedido, dizendo ter recebido de Deos, o que causava geral admiração.

Fazia o mesmo para haver agoa quando tinha necessidade para tanta gente, e depois de ter feito a prece, mandava que alguem cavasse a terra asseverando encontrar-se agoa no lugar por elle indicado, e na verdade os que o viram me disseram, que ella não falhava embora nunca fosse vista ahi.

Estas e outras coisas o faziam muito estimado entre esse povo, que não sabia como explical-as.

Quando se lhe pedia para comer ou beber, dizia não ter necessidade, como os outros homens, de alimentar o corpo

para viver, pois se nutria de um licôr, por Deos mandado do Ceo, passando como certo nunca Indio algum tel-o visto comer ou beber.

Seo companheiro alimentava-se como os outros comendo e bebendo, e quando este personagem trazia as coisas, que por seo intermedio, (como fazia crêr) Deos miraculosamente lhe mandava, seo companheiro, sem escrupulo partilhava dellas com os soldados, porem elle nada queria, a não ser a sua carne celeste, como dizia: si tomava outro alimento, era tão ás escondidas, que ninguem o via, e por combinação entre elle e o seo companheiro: tal era o modo de pensar dos mais judiciosos.

Chegando este personagem e toda a sua comitiva ao paiz dos *Canibaes,* acamparam-se na montanha chamada *Çotiua* em cujo cimo haviam sete a oito aldeias de Indios, que sabendo de tal vinda, tudo abandonaram com receio, e se refugiaram logo na grande montanha de *Ibuyapap*, visinha de Cotiüa, e distante della apenas uma legoa.

A montanha de *Ibuyapap* é muito alta a ponto de serem necessarias quatro horas de caminho para chegar-se ao seo cume, onde ha uma grande e larga planicie, muito bonita, com mais de 24 legoas de comprimento e 20 de largura, donde lhe veio o nome de montanha grande.

Ahi existem boas fontes e rios d'agoa doce, (coisa admiravel) abundante de diversas especies de peixes por ahi desconhecidas: grandes campos e muitas florestas repletas de muitas qualidades de passaros e de outros animaes optimos para se comer: é uma verdadeira maravilha.

Alem d'isto é uma excellente moradia, por ser a temperatura do ar nem quente e nem fria, o que faz com que seja esta montanha muito habitada, e por isso n'ella existiam mais de 200 aldeias de Indios.

Chegando os habitantes de *Cotiüa* á esta montanha, narraram aos moradores deste lugar a causa de sua fuga, motivada pelo bando, que chegou á sua residencia.

Partiram immediatamente alguns, que ahi se achavam em companhia dos francezes, ahi residentes, dirigiram-se á essa montanha de *Cotiüa*, que acabava de ser invadida pelos portuguezes e indios de Pernambuco.

Em quanto se fortificavam os portuguezes n'uma das aldeias abandonadas, os habitantes de *Ibuyapap* occuparam-se durante a noite no córte de paus, e na manhã seguinte edificaram um Forte na entrada da montanha, na distancia d'uma legoa das fortificações dos portuguezes.

A maior parte dos habitantes de *Cotiüa*, refugiada na montanha grande, vendo que seos amigos de *Ibuyapap* haviam construido tal Forte n'essa occasião esposando sua causa, uniram-se a elles, entrincheiraram-se e fortificaram-se muito bem contra seos inimigos.

Passados alguns dias, mais tranquillos e animados resolveram-se aproximar-se mais dos seos inimigos construindo outro Forte, longe d'elles apenas meia legoa, e mais seis, ficando o ultimo ao alcance de uma clavina, mui perto do lugar, onde estava intrincheirada a expedição de Pernambuco, guerreando-se cruelmente uns aos outros durante seis semanas, e morrendo alguns portuguezes, e muitos Indios de Pernambuco.

Achando-se o restante d'esta gente, que acompanhava o dita personagem, reduzida á extrema necessidade de fome, não tendo farinha e nem cousa alguma para comer, e nem mesmo esperança de obter quaesquer comestiveis, não chegaram á montanha grande de *Ibuyapap*, (o que não conseguiriam por causa das trincheiras e Fortes que encontrariam no caminho a embaraçar-lhes o passo) já meio desanimados, resolveram-se n'um domingo, depois do meio dia atacar a

primeira fortalesa, a mais proxima á elles, com flexas, arcabuzes, e mosquetaria, e o fizeram com tal coragem, que não só a escalaram esta, mas tambem a segunda e terceira, e como ficassem gravemente feridos muitos francezes, desanimaram muito, mormente vendo tomadas suas tres praças, e convencidos, que não poderiam resistir á tão grande exercito sem risco de suas vidas, retiraram-se para a grande montanha de *Ibuyapap,* e quando ahi chegaram lançaram logo fogo em muitas aldeias suas, que se achavam no começo da montanha para que os portuguezes não encontrassem abrigo algum.

Não foram tão diligentes como suppunham, porque seos inimigos, que de perto os seguiam, encontraram ainda uma grande aldeia chamada—*Ararenda*—em lugar alto e elevado, não queimada, onde se acamparam e fortificaram muito bem. [1]

Vendo isto os habitantes da montanha, construiram tambem vis á vis de *Ararenda* uma praça forte, a que chamaram *Roïacam,* onde se recolheram, e de tal sorte se entrincheiraram a ponto de prohibirem a passagem dos seos inimigos para diante.

Guerreiaram-se cruelmente durante um mez, succumbindo nessa lucta muitos de Pernambuco.

Vendo o dita personagem e o capitão do exercito portuguez a nenhuma vantagem resultante d'esta lucta, julgaram conveniente mandar uma mulher, sua prisioneira, com uma carta dirigida aos francezes, moradores com os Indios na montanha, na qual lhes pedia, que viesse um d'elles com

[1] Era a maior povoação da Serra d'Ibiapaba. Ahi os primeiros Missionarios da Companhia de Jesus, os Padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, coadjuvados pelos Indios edificaram uma Igreja.

toda a confiança afim de conferenciarem nos meios de fazer-se a paz.

Recebida esta carta, mandaram os Francezes um dos seos ir ter com os Portuguezes no Forte de *Araremda*.

Chegando ahi, principiou o tal personagem a dizer-lhe, que—muito se admirava, que sendo Christão, elle se tivesse alliado a selvagens e pagãos, para defender seu partido fazendo guerra tão desabrida aos Portuguezes, que sabia serem christãos como elle, e que finalmente o convidava para deixal-os, tomando um lugar ahi, caso quizesse ser protegido por Deos.

Respondeu-lhes o emissario Francez, que—tendo dado sua palavra aos Indios de *Ibuyapap*, si não a cumprisse, morreriam infallivelmente os outros Francezes, seos companheiros, e que assim elle só se entregaria, si todos os outros fizessem o mesmo, a que não se resolveriam uns e outros, sem que elle e os Portuguezes lhe dessem certeza de não lhes fazer mal algum, acreditando, que ahi tinham vindo apenas surprehendel-os, e leval-os como escravos para Pernambuco conforme já o haviam feito: eis a razão de empunharem armas, e de se collocarem na defensiva.

Immediatamente assegurou-lhe o Commandante, que não faria mal algum nem aos Indios e nem aos Portuguezes, que ahi tinham vindo somente para instruil-os no Christianismo, e entre elles viverem como bons amigos, que si quizessem entregar-se, elle assignaria tal promessa com seo proprio sangue, como prova de sua fidelidade, garantindo-lhes tambem sua vida.

Chegaram afinal a concordar, que n'um dos dias da paschoa se entregariam aos Portuguezes os ditos Francezes, e algumas trinta a trinta e cinco aldeias da montanha grande de *Ibuyapap*.

Alguns menos credulos e mais valentes não assentiram ao accordo, e entre outros *Jeropary*, (que significa o *Diabo)*, se oppoz com toda a energia, causando serios embaraços, fortificando-se muitos dos seos intimos em varios lugares, resolvidos á morrerem antes do que a serem escravisados pelos Portuguezes, de tal sorte ficaram impressionados, que embora abandonados pelos Francezes, e pelas aldeias já mencionadas, não deixaram de lhes fazer guerra sanguinolenta por espaço de um mez. Durante este tempo o personagem em questão fazia muitas advertencias aos Indios, que se haviam entregado, com o fim de afagal-os e tel-os de seo lado.

Para tornar-se mais digno de admiração, e com maior superioridade fazia-se carregar n'uma especie de andôr por dois Indios, nunca andando a pé, e assim percorria todas as aldeias.

Quando chegava a algum lugar, um dos principaes indios, que tinha trazido de Pernambuco, por nome *Tuputapucú* lhe servia de percursor ou batedor, porque ia pelas cabanas avisando que ahi vinha o *Pae grande*, e que era conveniente ser bem recebido, pois não descendia nem de Pae e nem de Mãe, como os outros homens, porem tinha sahido da bocca de Deos e descido do Céo para lhes annunciar a palavra Divina, e por tanto era necessario crer n'elle, e obedecel-o em tudo e por tudo.

Accrescentava tambem ser elle quem fazia luzir o Sol, quem mandava chuva em tempo proprio, quem fazia as plantas darem fructos, e quem prodigalisava emfim a abundancia de todos os bens; e que si não fosse obedecido, elle mandaria muitas molestias, a morte, a fome, e escravisaria a todos conjunctamente com seos filhos.

Apenas acabava de fazer esta arenga, o sobredito personagem reunia todos os habitantes da aldeia, e lhes dirigia

a palavra confirmando tudo quanto havia elle dito, asseverando haver descido do Céo para annunciar-lhes a existencia de um Deos, e ensinar-lhes como deviam adoral-o, que fôra elle unicamente quem com sua palavra tinha feito renderem-se os Francezes, bem como todas as aldeias da montanha, que se lhe tinham entregado; e dizendo estas e outras couzas identicas passava dias e noites inteiras, com tal zelo e fervor, que segundo me asseveraram muitas testemunhas occulares e auriculares, entumecia-se-lhe exteriormente a garganta, causando-lhe muito mal a violencia com que fallava.

Da nova doutrina deste homem admiravam-se os Indios da montanha grande, perguntando muitas vezes aos Francezes, em quem depositavam confiança e não aos Portuguezes, si era verdadeira, si o que elle dizia era exequivel, si na França haviam entes iguaes com poder de fazer com que a terra désse fructos, e de mandar molestias, como elle se gabava.

Quanto á elles, accrescentavam, criam em tudo quanto se lhes dizia de Deos, que era um, e que devia ser adorado, obedecido e amado; mas que não acreditavam no que se dizia do referido personagem.

Respondiam-lhe os Francezes que tambem não convinha crêr n'elle, pois era falso tudo quanto dizia de si, e entre outros, um joven interprete Francez lhes disse, que havia um Deos, criador do sol e de todas as outras cousas, que o fizera luzir para nos allumiar, que era elle quem nos mandava chuvas em tempo proprio, fazendo por isso a terra dar fructos; que sem elle era impossivel a existencia de cousa alguma, que era elle o unico autor e doador de tudo quanto tinhamos; que não convinha dar credito á esse personagem, mormente não fallando verdade, e nem sendo possivel viver sem comer e nem beber.

Fizeram tanta impressão as palavras deste joven francez no animo dos Indios da montanha grande, que immediatamente principiaram a desprezar tal personagem, quando antes o tinham por um grande Propheta, e agora o consideravam como um notavel mentiroso, impostor e homem mau, acreditando ser para enganal-os tudo quanto fazia.

Combinaram logo matal-o como um scelerado, que era, bem como seo percursor *Tuputapuci*, e logo os Principaes e velhos da aldeia, que se lhe haviam rendido, metteram-se n'este meio para persuadirem aos Francezes, que deviam matal-o, ou pedir-lhes que lhes dessem alguma cousa para envenenal-o, e fazel-o morrer (diziam elles), por ser um homem mau, que os queria illudir e enganar com sua doutrina falsa.

Passados alguns dias, quando, segundo seo custume, era carregado por dois Indios para ir prégar pelas aldeias, depois de algumas palavras dirigidas aos que o levavam e o acompanhavam, lhes perguntou qual a ideia, que formavam d'elle.

Responderam-lhe, que o consideravam um grande Propheta, descido do Céo.

Replicou-lhes, si não o temiam, e uzou de mais outras expressões não mui agradaveis aos seos companheiros, porque este povo tem muita aversão ás bravatas, e só deseja ser tratado com amor, e enxergou em taes expressões não docilidade, e sim uma especie de ameaça, e por isso apenas acabou de fallar, pararam seos carregadores, e lhe disseram:—Perguntas, si nós te tememos? pois sim, vê agora qual o nosso mêdo—, e atiraram-no do andôr abaixo dentro de um lamaçal, apuparam-no, e ahi o deixaram, sahindo elle depois com grande difficuldade, e com auxilio de alguns outros.

Poucos dias depois resolveram com os Portuguezes e os Indios seos companheiros, ajudados pelos Francezes rendidos, assaltar a aldeia de um afamado *Jeropary*, que lhes fazia guerra cruel.

Finalmente n'um domingo pela manhã, tres semanas ou um mez depois da paschoa, em quanto os Francezes e Portuguezes atacavam pela retaguarda da aldeia, este personagem empunhando uma espada, accommettia-a de escalada, e quando trepava as trincheiras de madeira, que cercavam a referida aldeia, atirou-lhe o filho do dito *Jeropary* uma flecha, que trespassou-lhe a garganta, e cahindo para traz, ficou prezo e pendurado por um pé.

Vendo-o este indio em tal posição, não contente com o que lhe tinha feito, lançou mão de um *Tociiart*, (especie de flexa tendo na extremidade uma certa qualidade de canna muito rija, com um pé de comprimento, e tres dedos de largura, tão aguçado como um chuço), e com ella pela segunda vez trespassou-lhe o lado, por onde sahiram as entranhas, e assim o lançou de cima abaixo.

Tuputapucú, muitos Portuguezes e Indios, que com elle vieram de Pernambuco, foram tambem mortos.

Os restantes (em pequeno numero), vendo que o referido personagem (por elles considerado como um Propheta), tinha morrido, depois de havel-o ahi enterrado, retiraram-se para Pernambuco.

Depois d'isto muitos Indios da montanha grande se retiraram para a Ilha de Maranhão, onde recordando-se ainda das falsidades da doutrina, e do tragico fim de tal personagem, cauzador de tantos males, bem razão tinham para nos fazer as perguntas já referidas.

CAPITULO XIII

Como foi a Cruz plantada em Maranhão, e a terra abençôada.

Achando-se tudo assim disposto, propozémos aos indios, que no caso de quererem alliar-se com os francezes, e abraçarem a Religião Catholica, Apostolica, Romana, como haviam promettido muitàs vezes, convinha antes de tudo plantar e arvorar em triumpho o estándarte da Santa Cruz, em testemunho do desejo, que tinham, de abraçar o Christianismo, e em memoria eterna do fim porque tomámos posse desta terra em nome de Jesus Christo, conforme os pedidos feitos por elles ao nosso Rei Christianissimo, ficando elles d'esta sorte, e em virtude de tão glorioso emblema vencedores de todos os seos inimigos, e libertados da cruel escravidão do barbaro *Jeropary,* que é o diabo, e gozando da feliz liberdade dos verdadeiros filhos de Deos após a regeneração da agoa do Santo Baptismo.

Agradou-lhes tanto esta nossa proposta, que deliberaram reunir-se á 8 de Setembro, dia da Natividade da Santissima e Immaculada Virgem Maria.

No dia marcado estavam todos, logo bem cêdo, com os francezes, e depois de havermos celebrado o Santo Sacrificio da Missa na nossa Capella, d'ahi sahimos todos em procissão até o *Forte.*

Na frente ia um gentil-homem levando agoa benta, outro o incenso, outro o thuribulo.

Atraz destes ia outro fidalgo conduzindo um lindo cruxifixo, presente do Sr. Manoir, indo ao lado d'elle dois mancebos indios, filhos dos Principaes, carregando dois castiçaes, com tochas accesas alumiando a Cruz.

Chamava-se um destes moços *Ioüy,* (depois Carlos, quando se baptisou) e era filho de *Japy-açu,* principal de toda a Ilha, e o outro era o filho mais novo de *Markoya Pero,* um dos maioraes do lugar; chamava-se *Patüa,* e era o mais pequeno dos seis rapazes, que levamos para França, e, pouco antes de morrer, nas agoas do baptismo teve o nome de Thiago.

Estes dois meninos indios eram da mesma idade, e foram pelo Sr. de Rasilly vestidos da mesma fórma, e a elle entregues desde a nossa chegada á Maranhão.

Nós quatro religiosos, revestidos de sobrepellises brancas, acompanhámos a Cruz com ordem.

Seguia-se depois o Sr. de Rasilly, Loco-tenente-general de suas Megestades, toda a nobresa, e afinal os outros francezes misturados com os indios.

Principiámos a cantar a Ladainha da Virgem Maria, como fizemos quando plantámos a Cruz na Ilha de Sant'Anna.

Chegando ao *Forte,* no lugar escolhido para plantar-se a Cruz, que era muito grande e ahi se achava prompta, cantou um de nós o *Te-Deum Laudamus,* e seguiram-se as outras orações.

Houve depois uma pratica, pela qual se demonstrou aos Francezes a gloria, a honra, e o merito, que alcançavam perante Deos e o Mundo, sendo os primeiros Apostolos, que tinham tão gloriosamente arvorado esse santo madeiro em terra d'infieis, e offerecido a Deos Pae este sacrificio, a Elle tão agradavel, do preciosissimo Corpo, e do Sangue de seo

unico Filho, nosso Salvador, pela celebração da santa Missa, pela primeira vez nestes lugares.

Acabada a pratica, o Sr. Des-Vaux fez comprehender aos Principaes dos ditos Indios, e a outros de sua nação, ahi presentes, o motivo e o fim da erecção da Cruz, que era como testemunho da alliança entre elles e Deos, e solemne protesto de abraçar a nossa religião, despresando inteiramente o maldicto Jeropary, que jamais podia existir diante desta santa Cruz, apenas abençoada, sendo obrigado a deixar a terra, quando fosse erguido este symbolo da Religião, pelo qual se obrigavam em primeiro lugar a deixar a má vida, que tinham, e especialmente a não comer mais carne humana, embora de seos maiores inimigos: em segundo lugar a serem obedientes ás leis e a tudo quanto lhes ensinassem os Padres, e finalmente a combater com valor sob este glorioso estandarte, e mil vezes morrer antes do que consentir que seja arrancada d'ahi essa Cruz.

Este discurso fez muita impressão no animo dos Indios, e manifestaram exteriormente a emoção, que sentiam, assegurando que voluntaria e satisfactoriamente acolhiam e abraçavam tudo quanto se lhes propunha, visto que de ha muito desejavam conhecer o Deos, que adoravamos, e aprender como devia ser obedecido e adorado, protestando nunca faltar á promessa feita solemnemente.

Foi depois a Cruz benzida conforme as ceremonias marcadas no Pontifical Romano, e adorada por todos: em primeiro lugar por nós sacerdotes, depois pelo Sr. de Rasilly, pelos fidalgos, e afinal por todos os Francezes, uns após outros.

Era digna de vêr-se a devoção e a boa ordem com que todos a adoravam, capazes de commover os corações mais duros.

Em quanto durou a adoração da Cruz cantamos o hymno *Vexilla, Regis prodeunt,* repetido muitas vezes até o versiculo *Crux, ave spes unica*

Depois dos Francezes foi a Cruz tambem adorada pelos Indios, uns após outros, com modestia e reverencia sem igual.

Adoraram-na primeiro os Principaes com particular devoção, como exemplo dado a todos os indios: estavam vestidos com bonitos sobretudos de côr azul-celeste, tendo por cima d'elles cruzes brancas adiante e atraz, que lhes foram dadas pelos Srs. Loco-tenentes-generaes para servirem n'esta e n'outras iguaes solemnidades: seguiram-se depois os velhos e pessoas antigas, e afinal todos os Indios presentes, com ordem, sem confusão, uns após outros, e de mãos postas ajoelhavam-se perante a Cruz, como nos viram fazer, adoravam-na, beijavam-na com todo o respeito, humildade e devoção como si fossem em toda a sua vida educados pelo Christianismo.

Pelo exterior não se podia julgar outra cousa senão o effeito d'este espirito divino, que prevenia estas pobres almas selvagens, e predispunha-as pela influencia de sua graça a abraçar a verdadeira Religião.

Difficilmente calculareis a abundancia de lagrimas que derramámos vendo velhos respeitaveis e crianças assim prostrados aos pés da Cruz.

Mas quem poderá explicar o fervor d'este povo ajudando nossos Francezes a erguerem este Glorioso Estandarte no meio de sua terra?

Caprichavam todos para levantal-a com indisiveis zelo e valor não pagões, porem verdadeiramente christãos, triumphando assim victoriosamente do maldicto e cruel Jeropary, que desde então e publicamente abandonaram por meio desta acção heroica e christã, despedindo-o e repellindo-o

de seo reinado afim de receberem e estabelecerem o soberano Monarcha do Céo e da terra Jesus-Christo.

Emquanto os indios levantavam e fincavam com toda a satisfação a Cruz, estavamos ajoelhados cantando o—*Crux, ave spes unica, in hac triumphi gloria* e o mais que ahi se segue, com a oração final, que a Igreja canta no dia da exaltação da Santa Cruz.

Pode vêr-se tudo isto na estampa seguinte, [1] que aqui pozemos para vêr-se o fervor e devoção dos indios, e o contentamento do leitor christão.

Nunca será possivel descrever-vos o nosso contentamento por tudo quanto viamos em cumprimento das promessas de Deos, á respeito de ser erguida aqui, n'estas longinquas re-

---

[1] Não nos foi possivel mandar copiar a estampa, que se vê no original francez por falta de gravadores.

Não se sabe ao certo onde no largo de Palacio foi erguido este segundo monumento historico pelos francezes.

A Cruz nunca mais foi renovada, e o tempo que tudo consome, não nos deixou d'ella, senão esta tradicção.

Infelizmente tambem perdeo-se o primeiro monumento, que Pedro Alvares Cabral levantou em Porto Seguro ao deparar com o Brazil.

A Cruz, como dissemos n'uma das nossas *Conferencias* na *Bibliotheca Popular*, com que Deos abençoára esta terra, desappareceo d'ali, e nunca mais foi substituida, como tanto seria necessario.

Embora as justas observações do Visconde de Cayrú na sua *Historia dos principaes successos do Brazil* tomo 1.°, pag. 100, do illustrado Coronel Ignacio Accioli nas *Memorias historicas da Bahia*, e do douto Sr. Barão de Porto Seguro (Francisco Adolpho de Varnhagem) nome tão respeitado, e autoridade tão notavel na *Historia do Brazil*, continua a persistir esta falta.

Ainda mais censuravel se mostra este procedimento, depois que o honrado patriota Coronel João Ladislau de Figueiredo e Mello, quando deputado a assembléa provincial da Bahia, propoz em sessão de 18 d'Abril de 1837, «que no lugar da primeira descuberta do Brazil se levantasse um Cruzeiro de marmore

giões, o signal da Cruz, quando pelo seo Propheta disse: *Ecce levábo ad gentes manem meam, et ad populos exaltabo signum meum* «eis-aqui, eu levantarei a mão para os gentios, e erguerei meo signal para os povos.»

Quantas graças e louvores não daremos á Deos, por sua Divina Magestade ter-se dignado, entre tantos povos, escolher-nos para plantar suas armas nos arraiaes dos que, até então, eram julgados rebeldes á suas santas leis, e onde nunca pessoa alguma havia emprehendido (ou pelo menos realisado) erguer e plantar este signal triumphante, como fôra, nesse dia notavel, levantado na Ilha do Maranhão com geral contentamento!

Erguida a Cruz, como já contei, foi benzida a Ilha ao som de muitos tiros d'artilharia do Forte e de nossos navios, em signal de regosijo.

O Sr. de Rasilly deo á fortaleza o nome de «*Forte de S. Luiz*», [1] em memoria eterna de *Luiz XIII, Rei de França*

---

preto sobre um Calvario do mesmo marmore, em quadrado de cantaria de tres degraus, guarnecido de balaustrada de bronze, em lugar da antiga Cruz de madeira», que elle suppunha ainda ali existir.

Cahio esse requerimento e «necessariamente devia cahir, porque como bem disse o Coronel Ignacio Accioli, as antitheticas *economias* do tempo assim o querem em objecto d'esta natureza.»

[1] O nome do *Forte de S. Luiz* depois estendeo-se a tôda a povoação, hoje cidade, e finalmente a toda a Ilha.

Em referencia á pag. 61 dizemos, que a Ilha da Capital foi chamada pelos Indios *Upaon-açu* (ilha grande) e depois *Ilha dos Tupinambás* pelas razões já ditas.

Os portuguezes denominaram-na *Ilha das Vaccas*, e depois do naufragio dos navios do Donatario João de Barros—*Ilha de Nazareth*.

Os francezes, que andavam a corso pelas costas do Brazil deram-lhe o nome de *Maranhão*, alguns Cosmographos—*Ilha de*

e de Navarra, e ao fundeadouro, junto ao Forte, chamou «*Porto de Santa Maria*», recordando a—Rainha do Céo, a Sagrada Virgem Maria, cuja natividade se festejava n'aquelle dia em homenagem á sua Imagem na terra, Maria de Medicis, Rainha de França e de Navarra, Mãe e Regente de nosso Christianissimo Rei, que desejamos seja conservada por muito tempo pela—Bondade Divina.

ferro, pela abundancia, que então havia, deste metal, os companheiros de la Ravardiere—*Ilha de S. Luiz*, e Alexandre de Moura, quando tomou-a do poder dos francezes—*Ilha de Todos os Santos*.

Foram todos estes nomes esquecidos, e somente ficou o de S. Luiz.

CAPITULO XIV

Dos fructos, que deo a Cruz depois de plantada.

Plantada a Cruz n'esta terra abençoada, com satisfação geral, começou logo a fructificar como a palmeira, e a derramar suas admiraveis virtudes sobre estas infelizes creaturas, mostrando, que Deos tinha n'estes lugares almas destinadas para si, e sobre as quaes devia recahir tão utilmente seo precioso sangue.

Depois que elles mesmos se julgaram com dever de arvorar a Cruz de Nosso Salvador Jesus Christo, sentiram-se mais animados e desejosos de alcançarem o Christianismo, com maior zelo e fervor, fazendo Deos assim, por virtude d'ella, derramar muito mais o explendor de suas graças, no meio das trevas de infieis.

Facil era de julgar isto ávista da devoção e piedade, bem notorias e visiveis, que patenteavam estes selvagens, desejando todos ter um *Pay* (assim nos chamavam elles), em suas aldeias para ahi erguerem uma Cruz, (tanto era o amor, que lhe dedicavam desde a primeira vez, que a viram levantada na terra), instruil-os, baptisal-os, julgando, por ideias geraes e confusas, que conceberam desde a nossa chegada, serem estes meios a porta por onde podiam entrar para o Christianismo, e o unico meio de serem filhos de Deos, e partilharem da felicidade por estes gozada.

Continuamente vinham em bando somente para terem o prazer de vêr-nos, ficavam algum tempo comnosco, assentavam-se (a seo modo), no chão por espaço de duas a tres horas, fallando uns, perguntando outros, com muito respeito e seriedade, e alguns guardavam silencio satisfazendo-se em olhar-nos, observando com attenção todas as nossas acções e actos, tanto nas horas da oração como nas do nosso serviço, quer estudando quer nas horas das nossas refeições, sem interromper-nos de modo algum.

Passavam outros o tempo mui satisfeitos e admirados vendo livros e alguns quadros nossos, e tirando d'isto objecto para discussão—com muita brandura e familiaridade.

Direi ainda, que muitos velhos, de veneravel presença, percebendo pelo nosso comportamento religioso, uma éra feliz mui diversa da sua, toda natural, convencidos pela luz, que então lhes apparecia, lamentavam sua vida passada, proferiam mil e mil queixas doridas, com suas almas bem pezarosas, e dizendo já serem muito velhos, lastimavam que sua idade avançada não lhes permittisse vêr as boas coizas (diziam elles), que iam os Padres fazer n'esta terra.

Os mancebos, que viviam constantemente em nossa porta, pediam somente, que fossem instruidos, e informados da nossa crença afim de serem sectarios da doutrina evangelica, e unidos ao corpo mystico da Igreja; imitando aos que tanto admiravam.

Era coisa para maravilhar o vêr-se mães, que tem tanto amor a seos filhos a ponto de não perdel-os de vista, serem as proprias, que, desejando suas melhoras, procuravam deixal-os em nossa companhia afim de se instruirem e serem nossos iguaes, julgando n'isto consistir a felicidade d'elles.

Tão profunda era esta crença entre elles, que vendo como traziamos os cabellos em forma de corôa (costume dos religiosos), tanto lhes agradou isto, que alguns d'elles, pouco

depois, cortaram da mesma fórma os cabellos dos seos filhinhos, tão grande era o desejo de imitar-nos!

Quando vi os primeiros meninos assim, fiquei muito admirado, perguntando a mim mesmo, si era costume do paiz, e onde os Indios o tinham aprendido.

Para esclarecer este ponto, perguntei ás mães, que em seos braços carregavam meninos de dois e tres annos, si de ordinario assim traziam os cabellos: responderam-me negativamente.

Porque então, repliquei-lhes, trazem estes assim os cabellos?

Porque vós outros *Pay*, (Padres) responderam-me, assim os trazem, e nós desejamos que nossos filhos vos imitem.

Disse logo, que eu tambem ficava muito alegre e contente, e que fóra para isso, que nós haviamos passado mares tão perigosos, e navegação tão longa, com muitos trabalhos e fadigas, expondo voluntariamente nossas vidas para vir aqui vel-as, e ensinar-lhes nossas crenças, e que si fosse do gosto d'ellas dar-nos seos filhos, depois de baptisados, nós lhes ensinariamos a ler e a escrever, e a muitas outras coisas, que os fariam grandes personagens com o tempo.

Responderam, que era esse o gosto d'elles, e por isso desejavam ter um *Pay* em cada aldeia.

Seria de vantagem incalculavel, para a instrucção da mocidade, a fundação em cada um d'estes lugares de um Seminario, como muitas vezes ahi dissemos, á vista de tanta colheita e de tão boa vontade.

Foi este o nosso projecto, desde que chegámos á Maranhão, e o teriamos realisado si fosse possivel, e ainda esperamos em Deos fazer esse estabelecimento quando houver maior numero de ecclesiasticos, conhecendo ser este meio o unico de chamar todos estes povos ao gremio de Nosso Senhor Jesus Christo.

Mas ah! O que poderiam fazer tão poucos trabalhadores no meio de tão vasta seara?

Quando levantavamos os olhos, e viamos estas regiões com as searas já maduras e em tempo de serem ceifadas, e nos lembravamos, que apenas existiam para esse trabalho quatro pobres religiosos, que mal balbuciavam a lingua indigena, sentiamos muita afflicção, e com sinceridade digo, que então echoavam em nossos corações estas palavras, que demonstram o dissabor do Propheta Jeremias quando disse: —*Parvuli petierunt panem, et non erat qui frangeret eis.* «Os meninos pediram pão, e para dal-o ninguem havia.»

Esta infelicidade de nos vermos em tão pequeno numero, ainda mais se aggravou com a morte de um dos nossos companheiros, retardando muito nossos exforços, não de todo estereis, pois quiz Deos abençoal-os com bons resultados.

Pario n'esse tempo em Maranhão uma India, que com seo marido trouxemos, com outros, da Ilha de Fernando de Noronha.

O mesmo aconteceo a outras do Maranhão, e todas ellas, cheias de natural devoção, vestidas de branco, trouxeram seos filhos, á maneira de França, para serem baptisados na nossa Capella de S. Francisco, como o foram, em presença de muitos velhos, e de outras pessoas, Indios e Francezes, com geral satisfação de todas as testemunhas de tão bonitas ceremonias, sendo estes os primeiros baptisados, que ahi se fizeram solemnemente.

Tudo isto augmentou-lhes mais o desejo de terem *Pay* e Prophetas em todas as aldeias deste Paiz.

CAPITULO XV

Da visita, que fizemos ás aldeias da Ilha do Maranhão.

Ainda que o pequeno numero de quatro, que eramos, antes da morte do Revd. Padre Ambrosio, não nos permittisse satisfazer os desejos dos Indios de ter cada aldeia um *Pay*, comtudo achámos acertado separar-nos, e fixar nossa residencia nos quatro lugares principaes da Ilha para contental-os, sem separar-nos muito uns dos outros afim de ser possivel ver-nos muitas vezes.

Antes disto, porem, o Sr. de Rasilly julgou necessario vesitar a Ilha e percorrer as suas aldeias em companhia de dous Padres, tanto para nos fazer conhecidos pelos Indios, como para nos pôr em boas relações com elles, (a maior parte ainda não nos tinha visto, e nem podido vêr), afim de conhecermos seos usos e costumes para depois com mais proveito annunciarmos a elles o fim da nossa vinda á estes lugares.

Embora tivesse necessidade de estar presente ás obras do Forte, e de cuidar de muitos negocios, o desejo porém de salvar as almas d'estes infelizes e o estabelecimento do Christianismo, lhe fazia dar preferencia a tudo quanto dizia respeito á Gloria de Deos e da sua Igreja, pondo de parte seos proprios interesses.

Approvando seo parecer, resolveo-se que eu o acompanharia, e tambem o Revd. Padre Arsenio, e despedindo-nos dos outros dous Padres, e recebendo suas bençãos, partimos de nosso Convento de S. Francisco, aos 28 de Setembro, vespera do Glorioso Archanjo S. Miguel, com o Sr. de Rasilly, o Sr. de Launay, seo irmão, o Sr. Des-Vaux, tres criados do primeiro, e alguns Indios.

Levamos oleos sagrados, sobrepellises brancas, estólas, e tudo o que é necessario para administrar sacramentos, e exercer outras funcções exigidas pela necessidade.

Pendentes ao pescoço pelos caminhos levavamos os Crucifixos, e quando chegavamos ás aldeias, nós os punhamos nas extremidades superiores dos bastões, que empunhavamos.

Bem defronte da nossa residencia embarcámos em canôas, e os Indios as remaram pelo rio *Mayuüe* [1] até já pelo fim da tarde quando chegamos a *Torup*, [2] aldeia mais proxima.

Immediatamente foi convocada reunião geral pelo Principal da aldeia, onde residiam todos os velhos.

Ahi compareceo o Sr. Des-Vaux, e fez-lhe vêr qual a cauza da nossa vinda, e elles nos acolheram com muito prazer.

Tendo nós muita pressa de ir á *Juniparan*, (aldeia mais notavel da Ilha, e onde eramos esperados pelos seos habitantes), despedimos-nos na manhã seguinte dos Indios, e seguimos por terra acompanhados por alguns d'elles, que não nos quizeram deixar já por satisfação, e já para nos ensinar o caminho até *Januaren*, bonita aldeia, onde chegámos pelo meio dia, sendo recebidos pelos Principaes e seos habitantes com todo o acolhimento, e caridade, urbanidade, e affagos possiveis.

---

[1] Rio *Anil*. [2] *Turú*.

Depois dos cortejos, que nos fizeram, uns após outros, como de costume, o Principal mandou armar nossas rêdes ao lado da sua, dentro da casa onde morava com sua familia.

Não foi elle o unico, que para comnosco praticou tal distincção, pois o mesmo fizeram todos os Principaes das outras aldeias, tendo como grande honra o hospedar-nos em sua casa, e considerando affronta a nossa recusa e escolha de outro aposento.

Assim que chegavamos, traziam agoa para lavar-nos os pés, quando era preciso, e com instancia nos rogavam permissão para isso, embora muitas vezes não os julgassemos capazes de fazerem o que pediam.

É impossivel descrever-se a humanidade e benevolencia d'este povo para com os Francezes, e especialmente para comnosco.

Em quanto o Principal da Aldeia, e alguns velhos conversavam comnosco, cuidavam as mulheres em trazer-nos farinha, fructas, carne, peixe assado (isto é, tostado), e outras cousinhas, apenas sabiam da nossa chegada.

Os homens, armados de arco e flexa, iam caçar porcos do mato, tatús, e pacas, e outras qualidades de animaes proprios para comida, de que lá existe grande quantidade, e que pilhavam facil e promptamente.

Assim acolhidos em *Januaren*, depois de tomarmos nossa refeição, acercaram-se de nós o Principal, todos os velhos, e mais habitantes, homens e mulheres, para nos verem e darem-nos parabens pela nossa chegada.

Aproveitamos a occasião para lhes fallar de Deos, dos mysterios da nossa Fé, fazendo-lhes perceber, que para serem seos filhos, era necessario baptisarem-se, e que a nossa intensão, emprehendendo tão longa e perigosa viagem, era

somente para vel-os, instruil-os, e preparal-os para tão grande beneficio.

Passou-se a tarde com estas e outras conversações, mostrando ellès muito contentamento, e singular prazer em fazer-nos perguntas.

Creio que Deos (nunca elle falta aos que o procuram), influia muito na alma d'elles, pois d'ahi em diante mostravam ancioso e ardente desejo de receberem o baptismo para serem filhos de Deos.

A vista disto, nós lhes promettemos o baptismo, logo que se instruissem, asséverando que, terminada a nossa visita pela Ilha, um de nós residiria em *Juniparan*, afim de vel-os constantemente, e ensinar-lhes muitas coisas necessarias para depois então serem baptisados.

Mostraram-se muito contentes. Á noite, como é de costume, fez-se reunião geral, onde compareceo o Sr. Des-Vaux, e ahi repetio-lhes o que já dissemos.

Acabada a reunião, uma rapariga India por nomè *Taue auaété* nos rogou para baptisarmos seo filho, com idade de 2 annos, e lhe promettemos fazel-o no dia seguinte, domingo, 30 de setembro.

Para esse fim, logo pela madrugada, armaram os Indios, no centro da aldeia, uma barraca, a que chamam *aiupaue*, e depois de n'ella entrarem todos os Indios para verem pela primeira vez esta ceremonia, começamos por benzer a agoa e a capella para servir de oratorio e de cemiterio, quando necessario, e em memoria ahi deixamos um Crucifixo.

Depois de cantarmos o *Veni Creator*, e outras orações, baptisamos a criança, que era uma menina, a quem demos o nome de Maria.

Mostraram-se os indios muito alegres, satisfeitos, e admirados vendo as bellas ceremonias do baptismo, e unanimemente diziam que era muito bonito ser filho de Deos.

Á vista destas sagradas ceremonias cresceo n'elles espantosamente o desejo, que tinham antes, sentindo indizivel pezar de não se acharem ainda em estado de receberem o que admiravam e desejavam ardentemente.

Deixando-os assim, despedimos-nos d'elles, especialmente do Principal, e sahimos de *Januaren*, em companhia de alguns indios desta aldeia.

Atravessamos sem parar a aldeia pequena de *Juniparan* para chegarmos mais depressa á aldeia grande do mesmo nome, onde nos esperavam nesse dia.

Os filhos do Principal, que é o primeiro de todo este paiz, certos da nossa vinda, vieram ao nosso encontro com outros indios.

Apenas nos encontraram, abraçaram-nos, afagaram-nos muito e mostraram indizivel contentamento pela nossa chegada, e assim contentes nos levaram até a aldeia.

Ía adiante o tocador de corneta, que tocava, como de costume, quando entravamos em qualquer aldeia.

Meo companheiro e eu em nossos bordões traziamos o cruxifixo, como ja dissemos.

Depois de percorrermos todas as casas com o Sr. de Rasilly, entrámos na residencia do Principal e de sua Familia, que nos abraçou com inexplicavel alegria.

Mandou logo armar nossas redes nos lugares das suas, e estas junto ás nossas.

Nessa mesma hora vieram todos os indios da aldeia, até mesmo as criancinhas, vêr-nos, e comprimentar-nos uns após outros: beijando suas mãos nol-as apresentavam, dizendo com muita amabilidade e brandura—*Eré Íopi Pay, eréycobépé*, que quer dizer «sois Propheta?» ou «sois o meo Pae desejado, estaes bom?»

Tractou d'ahi em diante cada um em obzequiar-nos.

Começamos logo a conversar com o Principal *Japy-açu*, o maior de todo o paiz, que governa a todos, e a quem todos consultam quando intentam alguma coisa importante.

Na verdade é um homem de muito tino, judicioso, prudente, de boas ideias, e digno de admiração quando falla especialmente em Deos, á seo modo, no diluvio universal, e nas suas crenças mantidas entre elles de paes a filhos.

Maravilha ouvil-o fallar em todas estas coisas, mormente no pesado dominio dos portuguezes, que os forçou a abandonar suas terras e abrigarem-se aqui.

É muito alto, bem proporcionado o seo corpo, tem perto de 100 annos, é folgasão, e está tão bem disposto como se estivesse na primavera da vida.

Em quanto se passava assim o tempo nestas e n'outras conversações com elle e alguns velhos, esperando que se reunissem todos, foi-nos muito agradavel o vêr tantos rapazes, especialmente meninos de seis a oito annos chegarem-se á nós, e pedir-nos com instancia para instruil-os e baptisal-os, como se fosse possivel fazel-o em poucos instantes, e em altas vozes diziam que desejavam crer em Deos e desprezar o diabo.

Não quero demorar-me na descripção do comportamento de cada um d'elles, embora digna de menção, e limitar-me-hei apenas a particularisar alguns actos de um menino chamado *Acaiuy Miry*, filho do Principal *Acaiuy*.

Este rapaz de 9 a 10 annos de idade, bem parecido e conformado, não tinha o beiço furado como os outros, e para sua idade mostrava tanta penetração, que sempre acreditei havel-o Deos preparado para coisas grandes.

Foi o primeiro, que veio obsequiar-nos quando chegamos, e não queria sahir de junto de nós, tão grande era a sua amizade para comnosco!

Quando nos recolhiamos aos matos, como costumavamos, para com mais descanço e silencio cumprirmos nossos deveres, sempre nos apparecia, e quando pensavamos estar longe d'elle, eil-o que nos encontrava como se tivesse aviso previo.

Quando nos achava, ficava silencioso e recatado sem interromper-nos para coisa alguma, ou por leviandade, o que não é commum em meninos desta idade (tão prudentes e civilisados fossem elles!)

A vista disto não nos cansavamos de admirar tal menino, que embora selvagem e tão criança, tinha muita penetração, era muito cordato e bem ensinado.

Ordinariamente observava com muita attenção todas as nossas acções, procurando imitar-nos quanto podia: quando punhamos as mãos, elle praticava o mesmo com muita gravidade, fazia o signal da Cruz, e outros actos de devoção.

Mais digno de admirar-se é que tudo isto elle ensinava a seos companheiros, dizendo querer mostrar como se fallava a Deos *(fallar a Deos* em vez de rogar a Deos).

Tinha tanto desejo de aprender, e tão boa intelligencia (ou antes graça divina), que foi o primeiro a aprender a Oração Dominical, a Saudação Angelica, o Symbolo dos Apostolos, os Mandamentos de Deos e da Igreja, os Sete Sacramentos, tudo na lingoa indigena, e como a graça de Deos (nunca esteril), crescia em proporção da idade, não era este menino servo inutil, e nem perdia o tempo e occasião de multiplicar os talentos, que Deos lhe dera.

Não é possivel descrever-se a sua satisfação quando ensinava os outros.

Por vocação propria (ou inspiração divina), passava a maior parte do tempo repetindo muitas vezes, e fazendo seos companheiros repetirem, o que elle tinha aprendido.

Para melhor gravar em suas memorias, visto não haver n'esta terra nome ou dicção significativa de numeros além de cinco, e querendo este menino ensinar aos outros os Mandamentos de Deos, ou Sete Sacramentos, tinha a astucia de tomar um pau, e com a sua mão ou dedo fazia dez riscos na terra para contar os Dez Mandamentos e sete para os Sete Sacramentos afim de facilitar a seos companheiros o ensino, e que este fosse conservado na memoria.

Assim servia-se Deos d'este menino em tão tenra idade, e esperamos que Sua Divina Magestade se digne conceder-lhe outras qualidades especiaes para coisas maiores.

Quando chegámos, andava nua esta pobre creança como as outras, porem foi seo primeiro cuidado pedir-nos roupa para vertir-se, dizendo não querer mais andar nua, visto os Padres estarem sempre vestidos.

Foi logo satisfeito o seo desejo, porque a unica intenção do Sr. de Rasilly era a conversão destes pobres selvagens, e nada poupava para attrahil-os ao Christianismo com toda a brandura, e apenas conheceo a bondade do menino, e seo santo e louvavel designio, mandou logo com muita satisfação vestil-o.

Gastamos toda a manhã em sérias conversações com os Indios de *Juniparan*, e á tarde fizeram elles a sua reunião geral, onde estava *Japy-açú*, Principal da Ilha, acompanhado por todos os velhos, e alguns outros habitantes de *Juniparan*, vindos de outras aldeias, e ahi o Sr. Des-Vaux, tomando a palavra, lhes dirigio um discurso em lingoa indigena, da parte dos Srs. Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade Christianissima, o mesmo que fazia em todas as outras aldeias, onde estivemos, e ainda iamos, por toda a Ilha do Maranhão, o qual em resumo era o seguinte:

CAPITULO XVI

Discurso feito pelo Sr. Des-Vaux aos Indios Tupinambás, na sua reunião geral, as suas respostas, e mais algumas cousas notaveis.

«Meos Amigos.—Bem sabeis como tendo vivido muitos annos comvosco, me pedistes para ir á França fazer conhecida de nosso grande Rei a necessidade, que tinheis do auxilio dos Francezes, não só para defender-vos da invasão inimiga, mas tambem para sustentar o commercio de generos de que tendes necessidade.

«Affiancei satisfazer vossos desejos, com tanto que me promettesseis receber a Lei de Nosso Deos, sem o que nunca desejariam os Francezes morar comvosco, deixar os maus costumes introduzidos pelo Diabo, verdadeiro inimigo do genero humano entre vós, para perder-vos inteiramente, e tomar para vosso Soberano o Rei de França, submettendo-vos á seo dominio, e ás suas leis santas e proprias para conservar vosso Paiz, e augmental-o com todas as grandezas e prosperidades.

«Já ha annos passados, o nosso grande Rei de mim ouvio. vossas boas disposições para com Deos a abraçar o Christianismo, e sujeitar-vos á Sua Magestade.

«Elle mandou ter comvosco o Sr. de la Ravardiere, fidalgo valente, para conhecer vossas intenções e a posição de vossa terra, e reconhecendo ser verdade o que eu disse, abunda em minhas ideias.

« Por tudo isto este poderoso Rei, grande, magnanimo e corajoso, compadecendo-se de vós, mandou o Sr. de Rasilly, tambem fidalgo e valente, conjunctamente com o Sr. de la Ravardiere trazer-vos quatro *Pay* ou Prophetas para instruir-vos, baptisar-vos, e fazer-vos filhos de Deos.

« Mandou tambem Francezes afim de defender-vos de vossos inimigos, e generos para se negociar comvosco.

« No caso de quererdes cumprir vossa palavra, recebereis a Lei de Deos por meio dos *Padres,* e o governo dos Francezes por um Chefe, que aqui residirá, o Sr. de Rasilly, e depois de haver elle observado o vosso paiz, e reconhecido vossa vontade, voltará para França com um dos Padres, ficando comtudo o Sr. de la Ravardiere, seos dous irmãos, seos bons amigos, e soldados, e dentro em pouco tempo regressará com grande numero de Padres e de Prophetas, que morarão em vossas aldeias para instruir-vos, e a vossos filhos, no conhecimento do verdadeiro Deos, autor de todos os bens; de soldados para defender-vos de vossos inimigos, e de artistas para povoar vossa terra, e fazel-a feliz, ficando d'ora em diante uma só Nação a França e a vossa Patria.

« Elles e seos irmãos ficaram em lugar de vosso principal chefe. Por sua vez o Sr. de la Ravardiere, depois de haver trabalhado muito em vossa terra, regressará á França, onde cuidará de mandar ao Sr. de Rasilly e aos Francezes generos para estabelecer um commercio não interrompido entre a França e vós. »

Acabado este discurso *Japy-açú,* o Principal de *Junipa-ran,* e de toda a Ilha, tomou a palavra, e disse ter sempre sido amigo dos Francezes, e n'elles reconhecer conversação muito mais agradavel e branda do que nos *Peros,* que sempre desejou estar sob sua protecção e sujeição, pelo que muita satisfação experimentou com a chegada d'elles, e com

a noticia de terem vindo para aqui fixarem sua residencia, constituindo a França e a sua terra uma só nação, como tanto haviam desejado, jurando nunca faltarem á sua palavra de reconhecerem como Soberano o Rei de França, de submetterem-se á suas leis e dominios, obedecendo á authoridade, que lhes fôr mandada para aqui residir e os defender de seos inimigos.

Em relação á Lei de Deos disse que estava infinitamente contente por lhe haver o grande Rei de França mandado Padres e Prophetas, afim de ensinal-os e instruil-os, visto desejarem ha muito tempo professar o Christianismo, como haviam promettido ao dito Sr. Des-Vaux, especialmente quando regressou á França para, da parte d'elles, asseverar isto ao Rei.

Na verdade, disse elle, bem sabemos haver um Deos, criador da natureza, que fez o Céo e a terra e todas as coisas existentes.

Cremos, que este Deos é bom, e que nos dá o que temos e que precisamos; porem não sabemos como conhecel-o, como elle é, e como é preciso servil-o e adoral-o.

Conhecemos muitos Francezes, que aqui estiveram negociando comnosco por algum tempo, porem nenhum nos ensinou estas coisas.

Esperamos agora aprender tudo isto dos Padres, que vieram de França, e sentimos só que sejam quatro, quando desejamos que fosse maior o numero d'elles para residirem em todas as nossas aldeias, e instruir-nos e a nossos filhos.

Como agora não é possivel realisar-se este meo desejo, esperamos, que vá para França o *Buruuichdue* [1] com um dos Padres para nos trazer mais, e bem desejo que, dos que aqui ficam, vá um para a aldeia de *Juniparan*, onde

[1] Quer dizer o *Chefe*, o *Maioral*.

lhe edificaremos uma casa, e junto d'ella uma ermida, no centro de nossa moradia, e fica á nosso cuidado sustental-o e dar-lhe todo o necessario.

Mandaremos nossos filhos aprender com elle, e quanto a mim entrego-lhe desde ja meos quatro filhos afim de serem baptisados, e por este meio ficarem filhos de Deos.

Finalmente disse ser seo desejo que os dois Padres, ahi em visita, plantassem outra Cruz (alem da primeira) no meio da aldeia de *Juniparan*, como testemunha da alliança eterna com Deos, jurando solemnemente receber o Christianismo, e renunciar *Jeropary*.

Foi esta resposta confirmada pelos outros Principaes e pelos velhos, ahi presentes, confessando-se contentes pela vinda dos Francezes, é especialmente pela chegada dos Padres, a quem desejariam entregar seos filhos para serem instruidos e baptisados, e isto como que em desafio para vêr quem melhor o faria.

Entre outros *Acaiuy*, Pae do menino, de que ja fallei, disse logo que entregaria não sò esse como todos os mais ao *Pay été*, isto é «aos grandes Prophetas, que tinham chegado.»

Outro chamado *Jacopem* disse, que logo pela manhã iria ao mato cortar uma arvore grande para fazer a Cruz, que se deveria levantar em *Juniparan*, que elle e seos filhos se incumbiriam de fazel-a, sem auxilio de mais alguem, e assim o cumprio na manhã seguinte.

Disse outro, que elle e seos filhos edificariam uma Capella no meio da aldeia para o Padre, que deveria morar com elles.

Logo outro prometteo fazer junto da Capella uma caza para a moradia do Padre.

Este obrigou-se a ir ao mato caçar pacas, cutias, e tatús para sustentar o Padre, aquelle a pescar, aquelle outro a

trazer-lhe os primeiros productos da sua roça, como premicias.

Eu, (disse o indio *Teciiare Ubuih*), d'ora em diante desejo viver como os Padres, trazer um vestido pardo como elles, só possuir o mesmo que elles tem, andar com a cabeça baixa e olhando para o chão, como elles, não quero mais saber nem de raparigas e nem de mulheres, nem morar com ellas, emfim quero viver e proceder como elles.

Achava-se presente o menino *Acaiuy-Mirim* (de quem já fallamos), e ouvindo estas palavras, atilado e com gravidade ou modestia ordinaria, disse immediatamente a *Teciiare Ubuih*:

« Dizes, que queres viver como os Padres, e que não cuidas mais de mulheres, como elles o fazem, porem não comprirás tua palavra.

« Tu as deixarás por uma ou duas luas, mas quando ficares *angayuar*, (quer dizer—magro—: não ha molestia que elles mais temam do que o emmagrecimento), irás logo procural-as como antes fazias.

« Não pódes continuar a viver como os Padres porque estás velho; nós sim, que somos moços, podemos viver bem imitando-os. »

Riram-se todos os velhos e anciões ahi presentes da resposta do menino, admirados d'ella, como mais proprio de um homem do que de uma criança, de um Christão do que de um pagão ou de um selvagem, do espirito de Deos do que da humanidade.

Terminada a reunião, retiraram-se todos contentes; e nós extremamente consolados por havermos conhecido a disposição d'este povo para abraçar o Christianismo na Igreja de Deos.

CAPITULO XVII

Primeiro ensino da doutrina christã, publicamente, na Ilha do Maranhão.

Reuniram-se os Indios no dia seguinte n'uma bonita praça, em frente da caza do Principal *Japy-açú*.

Os primeiros que compareceram foram seos filhos, e depois chegaram *Acaiuy-Mirim*, muitos rapazes e raparigas, filhos dos Principaes e dos velhos de *Juniparan*, e todos, como era costume, assentaram-se no chão.

Tambem ahi se achavam muitos Francezes, companheiros do Sr. de Manoir, e mais outros.

Estavam assentados sobre uma caixa o Sr. de Rasilly, o Revd. Padre Arsenio e eu.

Começamos o ensino publico da doutrina christã (o que até então ainda não tinhamos feito), e servindo-nos do Sr. Des-Vaux, e de um tal Sebastião, mui entendidos na lingua d'elles, para transmittir-lhes o mais necessario, fizemos com que elles, ahi em grande numero, percebessem como tinhamos deixado a nossa terra, atravessado mares tão perigosos com muitos incommodos para vir ensinar-lhes a conhecer a Deos, verdadeiro principio de todas as couzas, Soberano sobre todos, e por isso independente.

Explicamos a elles, que Deos sendo um em essencia e natureza, era comtudo trino em pessoa, a saber: Padre, Filho,

e Espirito-Santo: que o Pae não foi feito, nem creado, e nem gerado de alguem: que desde o principio da eternidade o Filho foi somente gerado do Pae, como tambem o Espirito-Santo procede de ambos, a saber: do Pae e do Filho.

Embora o Pae seja Deos, o Filho Deos e o Espirito Santo Deos, comtudo não são tres pessoas, e sim um unico Deos.

Procuramos n'esta occasião fazel-os comprehender tudo isto por algumas similhanças e razões afim de encaminhal-os á verdadeira crença, com que se mostraram alegres e mui attentos.

É este grande Deos a quem chamaes *Tupàn* sem conhecel-o, e por isso aqui viemos annuncial-o.

É omnipotente, e por isso creou o Céo e a terra e tudo quanto n'ella exíste.

No Céo creou os Anjos, muitos dos quaes tendo-o offendido, Elle os precipitou no Inferno, onde são e serão abrazados em fogo eterno, e estes máos Anjos são os que chamaes *Jeropary*.

Na terra creou o homem de um pouco de barro á sua imagem e similhança, collocou-o n'um lugar de delicias, onde adormeceo-o, e depois tirou-lhe uma de suas costellas para fazer uma mulher, a nossa primeira Mãe, assim como esse homem foi o primeiro Pae de todos os homens vivos, que existem, existiram, e existirão.

Achando-se ambos n'este bello paraizo e jardim de prazer, Deos lhes permittio comer o fructo de todas as arvores, que havia creado, menos de uma, dizendo-lhes que morreriam na mesma hora em que os comessem.

Aconteceo isto pouco depois, porque ambos comeram o fructo prohibido por persuasão de *Jeropary* (um dos maus Anjos), contra as ordens expressas do seo Deos, e por isso

foram expellidos do Paraizo e do Céo e sujeitos á morte com todos os seos descendentes.

Eis a causa de toda a nossa desgraça, e porque morremos todos os dias, o que não aconteceria, si elles não tivessem desobedecido a Deos.

Ainda lhes dissemos, que depois desta desgraça os peccados dos homens foram sempre augmentando, e Deos para castigal-os enviou do Céo um diluvio sobre a terra, que submergio todas as creaturas, excepto algumas, que quizeram ficar ns Arca de Noé, que, como homem justo, quiz Deos conserval-o com toda a sua familia para povoar o Mundo depois do diluvio.

Depois de lhes haver feito conhecer os males soffridos pelo Mundo após o diluvio, os tormentos e tentações do *Jeropary* aos homens para fazel-os peccar, nós lhes fallamos da bondade e da mizericordia de Deos dizendo ser tão grande o amor, que tem aos homens, que vendo as desgraças de suas existencias, e as maldicções em que incorriam depois da morte, fechando-se-lhe o Céo, condoêo-se d'elles.

Como este homem não era bastante para responder á justiça Divina pela offensa commettida mandou seo Filho (segunda Pessoa da Santissima Trindade) ao Mundo afim de revestir-se da nossa humanidade e fazer-se homem, como explicaremos quando se tractar do mysterio da Incarnação.

Nós lhes explicamos como Deos Pae escolheo a bemaventurada Virgem Maria para ser Mãe de seo Filho unico, como enviou o Anjo Gabriel a annunciar-lhe esta noticia tão desejada pelo Mundo, como este Anjo a saúdou, e como depois de havel consentido, sem conhecer homem algum, ella concebeo o Filho de Deos por obra apenas do Espirito Santo. Como por nove mezes ella o trouxe em seo sagrado

ventre, o deo a luz n'uma estribaria, sendo sempre Virgem antes do parto, no parto e depois do parto.

Como foi o menino adorado pelos Pastores, que souberam do seo nascimento pelos Anjos do Céo, e pelos tres Reis ahi guiados por uma estrella, até então ainda desconhecida: como foi esta Santissima Virgem obrigada a fugir com seo Filho, que era Deos para evitar a perseguição de Herodes, que o queria matar, mandando para isso matar todos os meninos de Belem.

Descrevemos-lhes depois todos os principaes milagres, feitos por Jesus Cbristo nosso Salvador neste mundo até á sua morte, e muito se admiraram do das bôdas de Canaan na Galiléa transformando a agoa em vinho, multiplicando cinco pães e alguns peixinhos para sustentar tanta gente no deserto, onde haviam bem cinco mil pessoas, não contando mulheres e crianças, e ficando ainda 12 cestos cheios, depois de todos fartos.

Tambem se admiraram muito do milagre feito por Nosso Senhor, quando um dia sustentou quatro mil homens com sete pães e alguns peixinhos, sobrando ainda sete cestos.

Tambem lhes explicamos como Jesus Christo sabendo qual a hora marcada para ir ter com Deos, seo Pae, e morrer por nós, na vespera da sua morte e paixão, lavou os pés dos seos Apostolos, e deo-lhes a comer seo corpo e a beber seo sangue sob as especies de pão e vinho, ordenando a todos os seos successores, que são os Padres, que fizessem o mesmo até o fim do Mundo: como Judas, um dos seos Apostolos o trahio, como os Judeos o prenderam no Jardim, onde orava á seo Pae, o que soffreo na sua paixão, açoitado, coroado de espinhos e crucificado entre dois ladrões.

Nós lhes descrevemos como depois da sua morte um soldado com uma lança lhe abrio o lado do peito, o que muito compungio estes indios.

Admiraram-se muito quando lhes dissemos que era Deos embora morto, porque não morreo sua divindade, que era immortal, e sim sua humanidade, o que era necessario para desconto de nossos peccados, e resgatar-nos na morte, e dar-nos a vida, e por isso no terceiro dia resuscitou cheio de gloria e subio ao Céo, onde está sentado á direita de Deos, seo Pae.

Mostraram-se alegres e contentes, sobre tudo quando lhe dissemos ter resuscitado, e subido ao Céo.

Tambem lhes contámos como Nosso Senhor subio ao Céo, d'onde mandou a terceira Pessoa da Santissima Trindade, que é o Espirito Santo, ter com os Apostolos, que são os verdadeiros Padres, em fórma de lingua de fogo ordenando-lhes, que fossem prégar por toda a parte e annunciar que morrera Jesus Christo, Filho de Deos, e resuscitara para salvar-nos, e que baptisassem os que n'elle acreditassem.

Nós lhes dissemos, que aquelle mesmo, que havia enviado os ditos Apostolos e Padres, tambem nos mandara em seo lugar, por intermedio dos seos representantes, ou seus verdadeiros successores na terra, para vir procural-os, e vêr, se desejavam crer n'elle e escutar suas palavras, proferidas por nossa bocca, afim de baptisal-os e remil-os de seos peccados fazendo-os verdadeiros filhos de Deos.

Apenas este povo, que por duas horas e meia nos ouvira com incriveis attenção e respeito, escutou estas ultimas palavras relativas ao Espirito Santo, immediatamente levantaram-se todos dos seos lugares, cheios de zelo e fervor, como inspirados pelo proprio Espirito Santo, e abrasado seos corações pelo fogo do seo amor.

Oh! que alegria! oh! que contentamento!

Levantaram as mãos aos Céos com indisivel praser e immensa satisfação, gritando em altas vozes—*Arobiár Tupan Pay, Arobiár Tupan Pay.* «Creio em Deos, meo Pae, creio em Deos, meo Pae.»

Estavam presentes o Filho mais velho de *Japy-açu,* bonito mancebo de 20 a 22 annos, chamado *Tucan-açu,* um dos primeiros baptisados, seo irmão *Joüy*, de 15 a 16 annos e o menino *Acaiuy-mirim.*

Admirados ainda de fervor tão inexperado, eis que o mancebo *Tucan-açu,* em companhia de outros, nos abraçou com ternura, e chorando nos disseram—*Arobiár Tupan Pay, Arobiár Tupan Touue, Arobiár Tupan Raheyre, Arobiár Tupan Espirito Santo, Chemoiassouch Yépé Pay, Chemoiassouch Yépé Pay*

«Ah! Propheta, creio em Deos, meo Pae. Creio em Deos Padre, creio em Deos Filho, creio em Deos Espirito Santo, baptisae-me meo Padre, baptisae-me meo Padre.»

Os outros todos principiaram a dizer o mesmo, e outra coisa não ouviamos senão «*Arobiár Tupan Pay, Chemoiassouch Yépé, Chemoiassouch Yépé Pay.*» «Creio em Deos (meo Padre) baptisae-me, baptisae-me.»

Ouvindo taes palavras, não podiamos responder a essas infelizes creaturas, tanta era a alegria do nosso coração, e derramavamos lagrimas.

Oh! que alegria! oh! que jubilo!

Quanto a mim digo (como sempre) nunca ter visto em minha vida um facto, que me arrancasse lagrimas de alegria e de prazer como a indisivel piedade e devoção, que excitavam em nossos corações o seo procedimento e acções exteriores.

Uns nos abraçavam, outros erguendo as mãos para o Ceo pediam o baptismo, e muitos confessavam em altas vozes

crêr em Deos, não havendo um só que deixasse de manifestar algum acto de admiração ou de devoção.

Lembrei-me n'essa occasião do que se passou com o Principe dos Apostolos, quando foi prêgar na Cezaréa por ordem de Deos para instruir o Centurião.

Diz a Escriptura, que S. Pedro annunciando a este povo um Deos, um Jesus Christo, crucificado, e resuscitado por nosso amor, immediatamente desceo sobre os que o ouviam o Espirito Santo, e principiaram todos ao mesmo tempo, e em diversas linguas a fallar de Deos, a glorifical-o e a louval-o.

Por similhança tambem Deos mandou-nos, por meio de nossos superiores, prégar a Fé, Catholica e Apostolica Romana entre os *Canibaes* e *Antropóphagos*.

Quando lhes faziamos perceber publicamente, e pela primeira vez, que havia um Deos, creador do Ceo e da terra, que tinha mandado ao Mundo Jesus Christo, seo unico Filho, e os outros artigos da nossa Fé, desceo sobre elles o Espirito Santo, fel-os fallar linguagem nova, e glorificar extraordinariamente o nome da sua Divina Magestade.

Como estes infelizes *Canibaes* e *Antropóphagos*, que ha tantas centenas de annos só visavam carne e sangue, assassinatos e carnagem, alimentando-se com a propria carne dos seos inimigos, poderiam confessar publicamente e em altas vozes um Deos, trino em pessoa, e unico na essencia, si o Espirito Santo não descesse até suas almas, illuminando seos pensamentos, e inflamando suas vontades com o fogo de seo amor, para leval-os a pedir assim tão alto o baptismo, como a porta da salvação eterna que tão ardentemente desejavam?

Não vos parece isto uma linguagem nova?

Sim! faça-se esta ingenua confissão á vista de tão admiravel resultado, que *Gratia Spiritus Sancti in nationes effusa est*.

Na verdade o Espirito Santo espalhou abundantemente suas santas graças por cima destas nações selvagens favorecendo com sua divina presença as nossas palavras.

CAPITULO XVIII

Como os Indios edificaram uma Capella e plantaram a Cruz em Jeniparan, principal aldeia da Ilha do Maranhão.

A nossa alegria e satisfação vendo as graças que Deos, sem distincção, fazia ás almas dos *Canibaes* e *Antropóphagos*, nos levava quase a dizer com São Pedro quando em identicas circumstancias—*Nunquid aquam quis prohibere potest, ut non baptisentur hi qui spiritum sanctum acceperunt; sicut et nós?*

«Haverá alguem que possa impedir-nos de tomar a agoa com que baptisamos os que, como nós, receberam o Espirito Santo?»

Tal effeito tinha produzido a graça de Deos nestas almas infelizes, que á vista de tão publica confissão, e protestos de fé, desde logo julgamos, que bem pouco era necessario para serem baptisados.

Comtudo para tirar aos invejosos da gloria de Deos, e inimigos da salvação do proximo toda e qualquer occasião de censurar e de murmurar de tão santa acção, e para embaraçal-os de dizer (como alguns o disseram) que por bem pouco podiam baptisar-se todos os indios, e mesmo para tirar aos indios toda a suspeita de terem sido surprehendidos, e deixar-lhes plena liberdade de receberem ou não o signal e o caracter de verdadeiros filhos de Deos, julgamos

conveniente alguns dias de demora proporcionando assim a elles tempo para pensarem e resolverem, e a nós para instruil-os perfeitamente e fazer-lhes entender em particular o que lhe haviamos dito em geral.

Tanta impaciencia porem os obrigava a pedir-nos, que fossem baptisados quanto antes, como tão piedosamente desejavam.

Nós lhes respondemos, que não era possivel fazer-se o que elles queriam tão depressa, pois o baptismo devia ser com solemnidade (como desejavamos), e para isso era necessaria uma Capella para celebração da santa Missa.

Entregaram-se immediatamente ao trabalho de cortar paus para construirem uma a seo modo.

Em quanto isto se fazia, mandamos alguns indios com uma carta nossa aos outros dois Padres, o Revd. Padre Ivo, e o Revd. Padre Ambrosio, pedindo-lhes, que nos remettessem pelos portadores um calix, um Missal, uma Cazula, hostias, vinho, e o mais necessario para celebrar, como sejam paramento, toalha, guardanapo, pedra d'ara, imagens e outros objectos para guarnecer o altar, pois nada trouxemos, a não ser sobrepellises, estollas, e oleos sagrados para administrar alguns Sacramentos em casos urgentes.

Os nossos Padres mandaram tudo.

Entretanto não faltavam os indios ao dever de se instruirem.

Todos os dias, pela manhã e a tarde reuniam-se em certo lugar onde lhes ensinavamos minuciosamente a doutrina christã, que ja lhes haviamos prégado em geral; porem em sua propria lingua, a oração dominical, a saudação angelica, o symbolo dos Apostolos, os dez mandamentos de Deos, os cinco da Igreja, e os sete sacramentos, conhecimento necessario aos adultos para serem incorporados ao Corpo mystico da Igreja Catholica, e Apostolica Romana.

Repetiam muitas vezes estas orações para mais fixal-as na memoria.

Em quanto preparavam os indios suas almas para servirem de Templo ao Espirito Santo, não deixavam de trabalhar todos os dias nas obras da Capella no centro de *Juniparan*.

Muitos trabalhavam em desbravar a praça, alguns em aplainal-a, outros em derrubar arvores, cortar madeiras, e todos estavam promptos para o trabalho.

Alguns indios abriam pindóba para cobrir a caza, e outros faziam com ella esteiras, tão bem tecidas, e cheias de quadrados e de diversas figuras, muito bonitas e dignas de serem vistas, e dellas nos serviamos para ornar o altar e a Capella.

Emfim trabalhavam todos como podiam, era do seo gosto, e sem o menor constrangimento.

Não era nossa intenção construir um Templo de Salomão, ou uma Igreja sumptuosissima, e sim uma caza propria para habitação do Rei dos Reis, que antes quiz nascer n'uma estribaria do que n'um Louvre, ou n'um Palacio Real.

Aqui nascia elle espiritualmente entre estes infelizes selvagens, como poderia tambem nascer entre outra qualidade de animaes, mais domesticados, porem muito ferozes e crueis.

Aqui tinha apenas um pequeno quarto, como uma estribaria, embora muito aceiado, decente, e proprio á devoção, igual talvez ás ermidas dos Santos Padres da Igreja primitiva.

Creio firmemente que o nosso Padre Seraphico São Francisco, que tanto amou a pobreza pura e honesta, alegra-se muito no Céo vendo seos indignos Filhos com o Filho de Deos, agora nesta pobre localidade e no meio destes selvagens.

Não tinha ainda a terra produzido pão e vinha, porem agora estava mudada, sendo outra Belem, que significa casa de pão, pois ahi estava o pão, chegando o fomento antes de haver brotado um só grão de trigo.

Ahi tambem havia o vinho das virgens, no corpo e sangue de Nosso Senhor, no santo sacrificio do altar.

Creio ser isto tudo uma benção, lançada sobre este novo Mundo, e bem merecida pela nutrição destes pobres selvagens, até então mortos de fome, feliz presagio de futura abundancia de pão e vinho, e de outras riquezas temporaes.

Quando esta Nação (agora no berço do Christianismo) fôr antiga, não deixará, mediante a graça de Deos, de possuir bellas e ricas Igrejas, visto haver n'este paiz materiaes tão bonitos como preciosos.

Logo depois prepararam um largo proximo á Capella para suas reuniões, não querendo que se reunissem seos conselhos e assembléas longe da casa das orações.

Junto a casa dos conselhos edificaram a moradia do Padre.

Em quanto trabalhavam os Indios com zelo e dedicação na construcção da Capella, não se descuidava da Cruz o que promettera apromptal-a.

Elle e seos filhos cortaram uma bonita arvore, conduziram-na para o meio da praça, onde devia ser construida, e não descançaram em quanto não a apromptaram. Tinha esta magestosa Cruz vinte e cinco a vinte e seis pés.

Estando prompta a Cruz na terça-feira á tarde, e percebendo os Indios, que desejavamos proseguir em nossa visita, e ir á *Carnaupió* em quanto se preparava a ermida, pediram-nos e com instancia que benzessemos a Cruz, e a levantassemos antes da nossa partida, no que concordamos de muito boa vontade.

Na manhã seguinte, 13 de outubro, vespera da festa do nosso Seraphico Padre S. Francisco, *Japy-açu*, principal da Ilha, com sua casaca, no meio da praça com os velhos e Principaes, todo o povo de *Juniparan*, e os habitantes de outras aldeias proximas, que tinham vindo expressamente presenciar este acto, o Revd. Padre Arsenio, e eu revestidos de nossas sobrepellizes, empunhando nossos bastões, e os Crucifixos, depois de cantados o *Veni-Creator*, a *Ave Maris Stella*, e outras orações, e benzida a agoa, começamos a abençoar a Cruz como haviamos feito no Forte de S. Luiz.

Benzida a Cruz, principiamos a adoral-a uns após outros cantando sempre o hymno *Vexilla regis prodeunt*.

Depois dos Srs. de Rasilly e dos francezes, *Japy-açú* foi o primeiro a adoral-a, ajoelhado, e de mãos postas: abraçou-a, e beijou-a como fizemos.

Seguiram-se depois os Indios, uns após outros com tal fervor e devoção que nos impressionou e commoveo o coração á tal ponto, que mal podiamos reter as lagrimas.

Sentiamos alegria e contentamento, impossiveis de serem descriptos, vendo os estandartes deste grande Rei Celeste, tão honrados e respeitados, e adorados por esta gente barbara, até então sem o menor conhecimento de Jesus Christo e da sua Cruz.

Em quanto os Indios a erguiam, nós estavamos ajoelhados cantando o *Crux, ave spes unica*, e contentes na presença de tão santa acção.

N'essa occasião disse *Japy-açú*, que o unico pezar, que elle e os seos sentiam, era o terem de abandonar *Juniparan*, e irem residir por cinco ou seis luas, n'um lugar longe d'ahi um quarto ou meia legoa (porque costumavam mudar de logar e de casa de cinco em cinco, ou de seis em seis annos) lamentando todos o deixar a Cruz, agora erguida.

Com tudo (dizia elle) prometto, que quando sahirmos d'aqui, levaremos a Cruz para onde formos no firme proposito de fixarmos residencia, e não andarmos como até aqui.

Nós lhes respondemos, que não tirassem a Cruz, e que era melhor ahi deixal-a como eterna lembrança, e para consolal-os, que bem podiam fazer outra, que seria benzida pelo Padre, que com elles viesse morar, e depois levantada como praticaram com esta.

Agradaram-se muito desta nossa lembrança.

CAPITULO XIX

Do que se passou na nossa visita a Carnaupio, Itapary, e Tymbohu. [1]

Plantada a Cruz, partimos nesse mesmo dia ás 10 horas da manhã para *Carnatipio*, deixando entre os indios o tal Sebastião, de que ja tractamos, afim de instruil-os, como ja tinhamos principiado, para que se achassem em estado de receber o baptismo quando voltassemos, o que seria, querendo Deos, no domingo seguinte, como promettemos a elles.

Todas as tardes e manhans reuniam-se os indios de *Juniparan* ao som de uma especie de tambor, chamado por elles *Uärara*, e inventado por Sebastião em lugar de sino.

---

[1] O Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, no resumo que fez da *invasão franceza* no Maranhão, publicado sob o titulo *Tentativas Historicas* no seo livro *Locubrações* diz, que *Timbohu* é hoje *Vinhaes*.

Pensamos estar enganado o Sr. Dr. Leal. *Vinhaes* hoje—chamava-se então *Uçágoaba*, que quer dizer «abundante de carangueijos» (uçá), ou «lugar onde se apanham carangueijos.» Pensam comnosco os senhores Mendes d'Almeida e Coronel Farias, ja citado.

Os Jesuitas ahi fundaram uma aldeia, a que chamaram da *Doutrina*, onde era instruida a mocidade indigena, e assim preparada, mais de um mancebo foi prestimoso auxiliar da catechese. Vide art. *Vinhaes* no nosso *Diccionario* já citado.

Reunidos todos, elle os levava ao pé da Cruz, onde se ajoelhavam, punham as mãos, fitavam os olhos na Cruz, e começavam a recitar a oração dominical, na lingua d'elles, repetindo as palavras, que Sebastião ia dizendo.

Para melhor conservarem na memoria o ensino, uzou do expediente de dizerem cantando a *Ave Maria*, o *Credo*, os Mandamentos da Lei de Deos, da Igreja, e os sete Sacramentos.

Confesso, ser este canto tão sentido e piedoso, que impossivel era ouvil-o sem exprimentar-se alguma commoção.

Sahindo de *Juniparan* acompanharam-nos sempre alguns indios pelos nossos caminhos, e passando pela aldeia *Uätimboup*, soubemos ter partido o seo chefe para a guerra desde a nossa chegada á Maranhão, e por isso não nos demoramos nella.

D'ahi fomos direito a *Carnaüpio*, onde chegámos nesse mesmo dia das 4 para as 5 horas da tarde.

Está assentada esta aldeia n'um lugar bonito e agradavel, proxima de um bello rio, de excellente agoa potavel.

Chama-se *Marcoiä-Pero* o Principal deste lugar.

É homem alto e valente, grosso, admiravelmente corajoso, e conta 100 annos d'idade.

O mais pequeno dos seis indios, que levamos para a França, era seo sobrinho, e chamava-se *Patua*.

Sciente *Marcoia-Pero* da nossa chegada, veio ao nosso encontro, e sem ser costume, de braços abertos correo para abraçar-nos cordialmente, demonstrando-nos assim muita affeição.

Recebendo-nos com todas as cortesias possiveis, principiámos a conversar esperando pela reunião geral, que teve lugar á tarde, e onde o Sr. Des-Vaux lhes dirigio a palavra, como tinha por costume, e mostraram-se contentes.

Ouvindo os indios deste lugar o que se passou em *Juniparan,* nos pediram de fazer o mesmo aqui em *Carnaïipio,* plantando uma Cruz, e demorando-nos para instruil-os.

Alem do amor proprio que têm, reconhecemos n'elles tambem muita inveja da estima, que se dá aos outros, julgando-se despresados quando não se lhes faz o mesmo.

Na verdade não se deve despresar esta emulação santa e louvavel, tanto para a gloria de Deos como para a sua salvação.

Pelo nosso transito queixavam-se todos de não demorarmos-nos tanto como fizemos em *Juniparan.*

Nós nos desculpavamos dizendo ser poucos, e só com muito pezar nos separavamos delles.

Consolavam-se porem, quando lhes diziamos que terminada esta visita eu regressaria á França com o Sr. de Rasilly afim de buscar mais Padres para cada aldeia ter um, ficando ainda tres, que viriam vel-os muitas vezes para instruil-os esperando pela nossa vinda de França, o que seria breve.

Ao ouvir esta promessa mostravam-se contentes e satisfeitos.

Sentiamos porem grande dissabor vendo esta infeliz gente pedir com tanto amor auxilio e soccorro para salvarem-se, nós lhe podermos prestar.

Na manhã seguinte despedimos-nos de *Marcoia Pero,* seguimos para *Itapary,* onde chegámos ao meio dia.

Não foi menos cortez para comnosco o Principal desta aldeia, que é um bom Indio, e muito amigo dos francezes.

Elle e os seos companheiros obzequiaram-nos o mais, que puderam.

Sendo pequena a distancia d'ahi a *Timbohu,* a beira-mar, fomos ahi dormir.

Acompanhou-nos o Principal de *Itapary*, e ahi fomos tão bem acolhidos como n'outras partes.

N'esse mesmo dia nos pediram para baptisar duas crianças, um ménino e uma menina, com dois a tres annos de idade pouco mais ou menos, e promettemos fazel-o no dia seguinte.

Ja era alto o dia quando os Indios fizeram uma choupana para nos servir de Capella, onde depois de benzermos a agoa, e o lugar, estando presentes o Principal e os mais habitantes da aldeia, baptisamos os ditos meninos.

Démos ao menino o nome de Francisco em honra ao nosso Padre São Francisco por ser o dia seguinte da sua festa, e á menina o de Luiza, com muita alegria de suas Mães e de todos os indios da localidade, que estavam admirados presenceando as bellas ceremonias praticadas na celebração deste santo Sacramento.

O Principal, bom velho, com idade proxima, senão maior, de cem annos, estava mais admirado do que todos os outros vendo o que nunca tinha visto, e no fim da ceremonia, alegre e prasenteiro nos disse: «Bem vejo, que é bem bonitó ser-se baptisado e filho de Deos, desejo muito sel-o, e por isso quero me baptisar.»

Nós lhe respondemos «que desejavamos mais do que elle, como provamos pela immensa distancia, e fadigas, que vencemos para vir vel-os; porem que era conveniente em primeiro lugar instruil-o no conhecimento do verdadeiro Deos, que adoramos, e de Jesus-Christo, seo Filho unico, que morreo e resuscitou por nós.»

Respondeo-nos o bom velhó, si era preciso crer em Deos e conhecel-o antes de ser baptisado, Deos não pode agora descer em meo coração, dar-se a conhecer, fazendo assim com que me baptiseis?

Esta resposta não parece de um selvagem e pagão, e sim de uma alma tocada pelas graças do Espirito Santo.

Muita admiração causaram a todos estas palavras.

Nós lhe respondemos, que Deus faz tudo o que quer e lhe agrada, mas que muitas coisas havia que não fazia por si mesmo, e sim por intermedio dos homens, seos servos, executores de sua santa vontade, como agora de nós se utilisava mandando-nos ahi para baptisal-os, o que de bom grado o fariamos quando tivessem a necessaria instrucção.

Satisfez-se com esta explicação, e foi adiado o seo baptismo.

Depois do meio dia nós, Sr. de Rasilly, e o Sr. Des-Vaux fomos vêr um largo a beira do mar, á meia legoa de distancia, muito proprio para uma bonita e agradavel vivenda.

Regressando á tarde á *Timbohu* chegou um dos escravos do dito Principal (da nação dos Cabellos compridos) trazendo-lhe noticia da morte de um seo filho, que havia mandado a um barbeiro *(Pagé* em sua lingua) morador d'ahi distante 5 a 6 legoas afim de sopral-o e cural-o de sua molestia, como contaremos depois.

Apenas chegou o escravo, sentou-se o Principal n'uma rede, rodearam-no mulheres e raparigas, e principiaram á chorar, a gritar, e a lamentarem-se como costumavão.

Receiamos muito que durasse esta scena toda a noite, porem em breve cessou.

As 11 horas da noite quando chegou o corpo do menino, foi rodeado por todos os parentes, e de novo gritaram e lamentaram-se extraordinariamente, sendo suas vozes ouvidas em toda a aldeia.

Esperamos por algum tempo, que se callassem, vendo porem que não tinham fim essas lamentações, e não podendo socegal-os, vimos-nos obrigados a procurar um lugar remoto da aldeia, onde fossemos passar o resto da noite.

Continuou porem o barulho até na manhã seguinte, quando foi sepultado o menino, e então mais do que nunca gritaram e lamentaram-se.

Commoveo-nos muito a morte deste menino, mormente não sendo baptisado.

Aproveitamos-nos porem do facto para na manhã seguinte reprehendel-os de suas crenças falsas, fazendo-lhes vêr, que os *Pagés*, que tanto apreciam, não passam de embusteiros e mentirosos, não sendo verdade ter seo sopro a virtude de cural-os, como elles inculcavam, e que em vez de curar o menino, o tinham matado, e finalmente que si elle nos fosse entregue, como os outros, para ser baptisado, sua alma seria salva pelo baptismo, e alcançaria talvez a saude, si o grande *Tupan* assim o quizesse.

CAPITULO XX

Do nosso regresso a Juniparan, e o que houve de nvo.

N'este mesmo dia, pela manhã, sahimos de *Timbohu* para não faltarmos á promessa de acharmos-nos em *Juniparan* no domingo seguinte.

Passamos por *Itapary* sem demorarmos-nos afim de chegarmos á *Carnaüpio,* onde dormiriamos.

D'ahi sahimos no dia seguinte, por alta madrugada, e passando pela aldeia de *Udtimboup,* chegámos depois de meio dia a *Juniparan,* onde *Japy-açú* e todos os habitantes desta localidade nos esperavam com grande dedicação, e nos receberam com indizivel prazer.

Achamos tudo quanto tinhamos pedido aos nossos companheiros Padres para a celebração da Missa, e preparo de um altar.

Consolou-nos muito vendo a perseverança e bons desejos dos Indios para receberem o baptismo, e sabendo do trabalho que tomaram afim de se instruirem com Sebastião, que para tal fim deixámos.

Causava prazer vêl-os discutindo a respeito dos principaes mysterios da nossa fé, e direis que se achavam instruidos n'elles desde a sua infancia, tão a proposito fallavam.

Tão grande era o respeito, que estes infelizes tributavam á Cruz, por nós levantada, que si uma boa parte dos catholicos actuaes lá estivesse, não duvido affirmar, que coraria de vergonha, e teria fallado contra si propria; porque, nutridos no seio da Igreja, e purificados com o Sangue Precioso do Cordeiro sem macula, Jesus Christo, não se dignão ao menos fazer uma reverencia ou tirar seo chapeo quando passão diante da Cruz.

Não passavam estes infelizes Indios por junto da Cruz sem se curvarem e ajoelharem-se á seos pés, sem a beijarem e abraçarem com toda a devoção, como nos viram fazer quando partimos.

Eis o resultado dos bons exemplos, principalmente quando offerecidos á este povo, tão propenso á imitação.

Passámos o resto de domingo, e toda a segunda e terça-feira fazendo-os repetir o que tinham aprendido, e ensinando-lhes o que ainda lhes faltava para receberem o baptismo.

Continuavam a trabalhar na Capella, a qual só ficou prompta na terça-feira ao meio dia e gastamos toda a tarde preparando-a e ornando-a.

É impossivel descrever a alegria e o enthusiasmo destas pobres creaturas vendo o que nunca viram.

Soltavam constantemente exclamações admirando o altar e a capellinha, preparada com tanta devoção.

Depois disto foi cada um preparar-se para a solemnidade do santo baptismo, que devia ter lugar no dia seguinte.

Era nosso dever não só cuidar, que os adultos fossem bem instruidos, mas tambem examinar o concurso de todas as circumstancias para que a falta de uma só não transformasse em iniqua e censuravel uma acção tão louvavel como santa.

Embora estivessem bem instruidos, e desejassem ardentemente o baptismo, comtudo ainda não estavam todos habilitados a recebel-o, e nem podiamos nós dal-o a todos que nol-o pediam, principalmente aos casados á seo modo, porque sendo-lhes prohibida a pluralidade das mulheres, coisa entre elles muito commum (como diremos em lugar proprio) era nossa obrigação cuidar de separar as mulheres do marido, e este d'aquellas (como o fizemos quando os baptisamos); porem com todas as circumstancias exigidas, receiando que a precipitação não prejudicasse a gloria de Deos, ao estabelecimento do Christianismo, e á salvação de uns e outros, expondo-os a maior perigo, julgando melhor não baptisal-os, do que fazel-o, faltando ás coisas mais essencialmente recommendadas pela Igreja.

Resolvemos por isso baptisar primeiro os meninos, e depois os solteiros, fazendo notar aos outros a obrigação, que contrahiam quando baptisados; porque Deos queria que cada homem se contentasse com uma só mulher, caso elle quizesse ser baptisado e seo filho, e que assim pensassem, e quando por vontade propria estivessem resolvidos a obedecer taes preceitos, então seriam baptisados.

Ah! quantos christãos hoje em dia, apezar de tantas inspirações divinas e de tão santas admoestações ou prédicas despresam a Deos, e perdem-se com mulheres por actos de concupiscencia, e de desenfreiada sensualidade?

Não serão elles mais selvagens e brutaes, que os pobres indios?

Apenas ouviram nossas razões, não tendo antes conhecimento dos Mandamentos da Lei de Deos, de mui boa vontade deixaram suas mulheres para serem baptisados, e filhos de Deos.

Com tudo não desejando fazer-lhes alguma surpreza, limitamos-nos a dizer-lhes, que baptisariamos primeiro os ra-

pazes solteiros, visto que de muito boa vontade prometteram abandonar *Jeropary* e suas obras, e somente obedecer até a morte á Deos e aos preceitos da Igreja, dando-lhes tempo até o dia seguinte para pensarem e decidirem, pedindo que se reunissem cedo afim de serem examinados antes.

Na manhã seguinte reuniram-se muitos meninos, moços e moças solteiras, e entre elles quatro filhos de *Japy-açü*, Principal da Ilha, a saber os dois rapazes *Tucan-açu* e *Juy*, duas raparigas, e o menino *Acaiuy-Miry*.

Achavam-se todos juntos á Cruz em frente á Capella.

Perguntamos um a um a respeito de sua fé, e todos nos responderam com tal certesa a ponto de nos admirarmos do que haviam aprendido em tão pouco tempo.

É minha opinião ser isto graça especial de Deos.

Em altas vozes confessaram crer em Deos, unico na essencia, e trino na pessoa, Padre, Filho, e Espirito Santo, e em Jesus Christo, filho do Padre Eterno, nascido da Virgem Maria, que morreo e resuscitou por nós, e que n'esta crença queriam viver e morrer.

Perguntamos depois senão estavam arrependidos de haverem offendido a Deos, tão bom, e si não tinham pezar por não conhecel-o antes?

Responderam affirmativamente, protestando não viver mais como até aqui.

Perguntamos tambem si não queriam abandonar *Jeropary*, o diabo, e todos os seos maus e diabolicos costumes, como seriam o comer carne humana, matar a sangue frio seos inimigos, ter muitas mulheres, e praticar outros actos censuraveis, que haviam aprendido de seos Paes, e estes de *Jeropary*.

Respondia cada um de per si, asseverando com fervor que renunciava a Jeropary por ser mau, e nada valer bem

como todos os maus costumes de seos Paes, e assim dizia um:

Comi tantas vezes carne humana, e outros respondiam— e eu tambem.

Matei tantos escravos por vingança e á sangue frio, e eu, disse outro, pratiquei taes e taes maldades.

Nem um só deixou de confessar suas faltas publica e voluntariamente, sem constrangimento, nem acanbamento, e sim pezarosos por havel-os commettido.

Que vergonha para tantos catholicos, que não tendo pejo de commetter tantos peccados contra a Magestade Divina, vexam-se de confessal-os em segredo aos pés do sacerdote, representante de Jesus Christo?

Dizia Nosso Senhor aos Escribas e Phariseos, que os Ninivitas irão ao seo encontro, se fizerem penitencia por occasião das prédicas de Jonathas.

Direi eu tambem com muita confiança a meo Salvador, que os *Canibaes* e *Antropóphagos* apparecerão em frente desses catholicos no dia do Senhor, visto que pelas simples palavras dos servos de Deos elles se converteram, se arrependeram de sua vida passada, confessando livremente seos peccados.

Em quanto os interrogavamos e os preparavamos para a recepção do baptismo, todos os habitantes de *Juniparan* e os das aldeias circumvisinhas, ahi presentes, se arranjavam para assistir á esta solemnidade, do melhor modo possivel, em homenagem a esta santa acção.

Apresentou-se *Japy-açú* com sua casaca por cima de seo vestuario, que era bem soffrivel.

Todos os outros Indios, que depois de nossa chegada, principiaram a uzar vestidos, tambem se apresentaram com o que de melhor possuiam: ninguem queria apparecer nú em tal companhia, como costumam a fazer por algum re-

sentimento, principiando todos a julgar coisa indecente e impropria o comparecer em tal ceremonia nú, e em companhia de pessoas vestidas.

Vindo uma India vêr a ceremonia, e vendo-se núa, ella só, no meio de tanta gente, envergonhou-se muito, correo á sua casa, revistou sua caixa, e encontrando as ceroulas e o gibão de seo marido, com elles vestio-se logo, e depois voltou trazendo nos braços um filhinho, e assim mostrando a curiosidade, que tinha de presenciar esta ceremonia.

Na verdade tudo isto fez-me rir, e perguntando-lhe qual a razão deste procedimento respondeo-me ter vindo com seo filho para ver baptisar, mas vendo-se núa no meio dos outros, que estavam vestidos, envergonhou-se, e receiando não lhe ser permittido ahi ficar assim, correo á casa para se vestir, e como não achasse outras roupas, senão aquellas de seo marido, servio-se d'ellas para aquella occasião.

Nem por isso se lhe permittio assistir, pedindo-se-lhe que se retirasse.

Somente a *Japy-açú* e aos outros Principaes, ahi presentes, se permittio a entrada na Capella, onde se achavam preparadas todas as coisas necessarias ao baptismo, n'uma banca, no centro, e em frente ao altar convenientemente ornado.

Estava fóra da Capella o resto do povo com os baptisandos.

O Sr. de Rasilly, que somente visava a salvação e a conversão destas pobres creaturas, quiz servir-lhes de pae e de padrinho, conjunctamente com o Sr. de Annay, seo irmão e outros Francezes de Juniparan e das circumvisinhanças.

Revesti-me de alva e estolla, e o Rvd. Padre Arsenio de sobrepelliz.

Benzemos a agoa, e depois a Capella, e invocando o auxilio do Espirito Santo, da bemaventurada Virgem Maria e do nosso Seraphico Padre São Francisco começamos o baptismo.

Para agradarmos a *Japy-açú*, e a *Buruuichaue*, o maioral da Ilha, baptisamos em primeiro lugar seos quatro filhos, um após outro, começando pelo mais velho, chamado *Tucan-açú*.

Recebeo o nome de Luiz, que lhe foi dado pelo Sr. de Rasilly em memoria de Luiz XIII, nosso Christianissimo Rei.

Fizemos os exorcismos fóra da Capella, como recommenda o Manual Romano do Concilio Tridentino, e depois pegando-o pela mão, o fizemos entrar na Capella, dizendo: *Ludovice, intra in conspectum Domini per manum sacerdotis, ut habeas vitam eternam.*

Entrou, ajoelhou-se e de mãos postas recitou em altas vozes o *Pater noster*, a *Ave mater*, e o *Credo* na sua lingua, e depois acabei de baptisal-o, observando á risca todas as ceremonias, e o mesmo observei para com seo irmão *Juy*, aquem o Sr. de Rasilly pôz o nome de Carlos, e o de Anna á sua irmã mais velha, dando o Sr. de Aunay o nome de Maria á mais moça.

Impossivel é descrever-vos a nossa alegria n'essa occasião, e bem fundada era ella, pois festejavamos com tanto triumpho o nascimento da Igreja Romana n'este novo Mundo, tendo visto antes sua decadencia, produzida pela corrupção d'aquelle paiz.

Quem não sentiria o coração pular de alegria, vendo o fervor e contentamento, com que se apresentavão estes jovens para receber o baptismo?

A modestia, a gravidade, a piedade e a devoção, que mostravam, bem deixavam conhecer a todos as muitas gra-

ças derramadas em seos corações pela bondade divina, as quaes regorgitando n'esses pequenos vasos, saltavam sobre as creaturas presentes, e por esta tão sensivel communicação, nós, os Francezes, e os Indios, d'ella tocados presenceiando o fervor dos novos christãos, não podemos impedir que nossas lagrimas corressem, e de facto deixamol-as correr livremente.

Era digno de ver-se o veneravel velho *Japy-açú*, assentado nos degraus do altar, com sua gravidade e habitual modestia, presenciando com attenção e curiosidade o baptismo de seos filhos.

Contricto e commovido este bom homem derramava muitas lagrimas.

No fim dos exorcismos, quando elle vio seos filhos, conduzidos por nós, entrarem na Capella, ajoelharem-se de mãos postas, dizendo em altas vozes e com fervor o *Pater noster*, a *Ave Mater* e o *Credo*, renunciando publicamente o diabo e suas obras, recebendo com toda a devoção os oleos sagrados, a agua benta, e o Sacramento da Confirmação, e pedindo o baptismo perante todos, então gemeo e chorou muito de alegria e de compaixão.

Não creio que haveria uma só pessoa, embora tivesse coração o mais diamantino possivel, que ao ver assim este pobre velho podesse conter as lagrimas.

Por mim confesso ter-me sido impossivel, bem como o foi tambem aos outros, embora diante de acto tão respeitavel, por mais exforços, que fizesse, admirando sobre tudo a coragem e constancia desses novos regenerados, que apesar da commoção de todos os assistentes, estavam inflexiveis, e somente deram provas magnanimas de incomparavel alegria, de singular piedade, e de grande devoção.

Depois dos quatro ja mencionados ainda houveram os seis seguintes:

1.º O menino *Acaiüy-Miry*, filho do grande Acaiüy. Um dos Francezes deo-lhe o nome de João.

2.º O filho de *Maissobuy* e chamou-se Pedro.

3.º O filho de *Jacopen*. Recebeo o nome de Carlos.

4.º O filho de *Auaray*, chamado Adriano.

5.º Pedro, filho de uma Tapuya.

6.º A filha de *Mayrata* e de *Auaray*, chamada Esteva.

Todos tiveram por Padrinho um Francez.

Cançado o Padre Arsenio, nosso companheiro, e chegada a hora da missa, vimos-nos obrigados a prorogar para outro dia a continuação do baptismo.

Celebramos comtudo, servindo-nos do interprete, o cazamento de Sebastião com a filha mais velha de *Japy-açú*, a mais instruida.

Depois celebramos missa, a que assistiram os recem-cazados e baptisados com os francezes, retirando-se, como de costume, os não baptisados

Era tal a devoção dos recem-cazados, que bem preparados, e bem scientes dos seos deveres, receberam antes a sagrada communhão, durante a missa, com bastante edificação das testemunhas.

Prasa aos Ceos, que muitos catholicos tomassem taes exemplos destes novos christãos para assim tão santamente, começarem a vida de cazados, para bem seo e de sua prole e recebendo d'est'arte as bençãos de Deos, e por falta de tudo isto se vê muitas vezes a decadencia e a total ruina de muitas familias, e de filhos nascidos em tão más disposições.

Acabada a missa, retiramos-nos todos alegres, louvando e bemdizendo o Omnipotente por tão felizes premicias, e pela esperança de ampla e copiosa colheita, especialmente por alcançarmos tudo, embora as perversas intrigas que levantára o Diabo contra nós, tirando do seo poder, e com

muita gloria essas infelizes almas, e esperando tambem tirar-lhes as mais, visto dignar-se Deos abençôar nossos trabalhos e os desejos nos nossos corações.

CAPITULO XXI

Morte do Revd. Padre Ambrosio de Amiens.

Diziam os antigos ter Jupiter dois navios junto a si, um de cada lado.

Diziam tambem ser um carregado de males, de tristezas e de afflicções, e outro de bens, de alegria, e de contentamento, dos quaes se servia ora de um ora de outro, seguindo-se o bem ao mal, a alegria ás afflicções, o mal ao bem, a alegria á tristeza, o contentamento ás afflicções.

Creio ser isto fabula, porem confessamos, que Deos assim o faz aos seos servos, não lhes permittindo no mundo alegria constante, nem tristeza continua, fazendo-lhes boa a vida com estas alternativas.

A satisfação deste dia, por causa da administração dos Sacramentos, não durou muito tempo, pois appareceo-nos a triste noticia de haver morrido um dos nossos Padres no Forte de São Luiz.

Desde pela manhã foi esta perda sabida pelo Sr. de Rasilly, porem elle nol-a occultou, e ordenou aos Indios e Francezes, d'ella sabedores, que nada nos dissessem, receiando affligir-nos. e interromper-se o acto, no qual iamos funccionar.

Já muito tarde, pois muito se prolongaram as ceremonias, e depois de termos tomado alguma refeição, elle nos informou da morte do Rvd. Padre Ambrosio no dia antecedente.

Maguou-nos muito o coração tão triste noticia, e o Rvd. Padre Arsenio, eu e o Sr. de Rasilly muito o choramos, não tanto pela ausencia corporal de tão bom Padre, (embora nos fosse muito sensivel) mormente crendo estar sua alma no Ceo entre os bemaventurados, o que nos servia de grande linitivo; mas sim por vermos em parte interrompidos os nossos projectos em relação ao estabelecimento do Christianismo: bem rasão pois tinhamos de affligir-nos e de chorar.

Os Indios, tão nossos amigos, condoeram-se muito do nosso pezar, e quando souberam a causa, tambem choraram muito, e lamentando-se diziam em altas vozes—*Pay omano, omano Pay yman.* «Morreo o Padre, morreo o pobre Padre.»

Não choravam debalde a perda de tão bom padre, porque alem dos bens espirituaes e dos consolos que d'elle esperavam, já tinham recebido bons exemplos de todas as virtudes e de santidade, e por isso muito o apreciavam.

Excedendo seos merecimentos infinitamente tudo quanto d'elles eu podesse dizer, prefiro calar-me receiando obscurecer sua gloria, visto não poder louval-o como merece.

Por outro lado, porem, não devendo occultar tão brilhante Luz, trazida por Deos de tão longe para alumiar este povo barbaro por meio do Evangelho, que ia prégar, e pelo splendor de sua vida santa, não posso deixar de publicar algumas particularidades d'ella para gloria de Deos e edificação do proximo.

Durante treze annos da vida religiosa deste bom Padre Capuchinho somente se descubriram n'ella traços bem visiveis da vocação divina.

Ao vel-o, dirieis, que na sua fronte estavam impressos os signaes de uma alma predestinada, e as maiores provas d'um verdadeiro servo de Deos.

Sua face mostrava constantemente a candura do seo espirito, suas palavras a pureza do seo coração, e suas acções a innocencia de sua alma.

Era para com todos docil, affavel e bondadoso, e quanto mais brando e benevolo para com os outros, mais austero era para comsigo.

Desde muito joven, embora vivendo no seculo, trazia sempre comsigo o cilicio, fazia rigorosos jejuns, orava a Deos com toda a devoção, e tão constante era nesses actos, que nada havia no Mundo capaz de o fazer esquecer-se d'elles.

Assim se preparava desde tenra idade, este novo soldado de Jesus Christo para combater com mais valor, logo que se alistasse na Ordem de S. Francisco, o porta-bandeira da missão de Jesus Christo.

Si me fosse possivel particularisar os momentos de sua existencia, e as minudencias de suas acções, durante sua vida de Religioso, então se veria quam grande era a santidade d'este notavel servo de Deos.

Não é este porem o nosso costume, e nem meos superiores o permittiriam publicar coisas, que é da Divina Bondade não passarem de nossos claustros.

Basta apenas dizer, que ardia seo coração em desejo de soffrer alguma coisa pelo amor, que á Deos dedicava.

Dentro do Convento somente aspirava a posições muito baixas e até ao despreso; mas ao contrario seos merecimentos o faziam ser honrado e estimado por todos os religiosos.

Aninhava em seo coração o santo desejo de soffrer algum martyrio em pról da sua fé, porem nunca se lhe offereceo

occasião até que aprouve a Deos aggregal-o á empresa do Maranhão, quando a Rainha para ella escolheo os Padres da nossa Ordem, e então elle se offereceo, e com tão grande fervor, que foi impossivel não ser attendido.

Não foi passageira tão fervorosa dedicação, pois continuou até o ultimo instante da sua vida.

O que não fez elle durante a viagem?

Nos cinco ou seis mezes, que fóra do Convento nos demorámos em São Malo e Cancale esperando embarque, cuidava de tudo quanto precisavamos.

Embora sacerdote e prégador tomava muitas vezes o trabalho de preparar a nossa comida, o que continuou a fazer no mar e em terra, entre os Indios, sendo o primeiro a empregar-se em serviços humildes e até déspresiveis, com admiravel zelo.

Desejava ardentemente a salvação dos pobres Indios, e por isso não perdia occasião de fallar-lhes em beneficio de suas almas, sendo incansavel em todo o serviço, que podesse mais augmentar a gloria de Deos.

Quando prégava, ordinariamente possuia-se de tanta devoção, que o fazia chorar muito.

Dissolvendo-se sua alma interiormente no ardor dos fogos do amor divino, não poude durar por muito tempo no delicado vaso do seo corpo tão cançado, e embora as suas constantes aspirações para o soberano bem, ella vio-se em pouco tempo obrigada a ter uma, porem para sempre.

Quando á 26 de setembro adoeceo com febre, elle disse —estou morto—como se disto tivesse certeza.

Crescendo sempre a molestia, só fallava de Deos, e das coisas do Ceo com muita devoção, parecendo já ser só espirito.

Não se cançava de louvar a Deos, e de agradecer-lhe a bondade de trazel-o até ahi, e de dizer que do mundo

apenas levava o pezar de não morrer martyr, como tanto desejava.

Das mãos do Revd. Padre Ivo com extrema devoção recebeo o Sagrado Viatico, a extrema-uncção, e os ultimos serviços até expirar.

Por cima de sua cama havia um pequeno quadro com a figura do Apostolo S. Pedro, a que dedicava particular devoção, pois teve no seculo o nome de Pedro.

Pouco antes de morrer, cahio sobre elle este quadro, teve com isto o presagio de estar proximo o seo momento final, (sem com tudo dar-lhe inteiro credito) disse immediatamente —*vamos, bom Santo, vamos, já que me quereis levar: estou prompto.*

Dito isto virou-se, preparou-se para morrer, agonisou por algum tempo, e no meio da febre extraordinaria, que tanto o fazia padecer, mas que soffria até com satisfação, restituio a alma ao seo Creador, o qual, conforme costuma remunerar o merito das acções virtuosas de cada um, sem duvida terá dado a este servo fiel (como é crença piedosa) a gloriosa corôa do martyr triumphante, que tanto e tanto desejo, e veio procural-a tão longe.

Morreo este Apostolo do Maranhão a 9 de Outubro de 1612, dia do glorioso Martyr S. Diniz, primeiro Apostolo de França, e enterrou-se em nossa residencia de S. Francisco, junto ao Forte de S. Luiz, na Ilha Grande do Maranhão.

CAPITULO XXII

Da nossa visita á Mayoba e a Coyieup.[1]

Depois de um pouco mitigada a dôr por tão triste acontecimento, consultamos eu, o Sr. de Rasilly, e o Revd. Padre Arsenio o que deviamos fazer.

Considerando em primeiro lugar o que se havia passado com tanta felicidade em *Juniparan*, julgamos necessario que ahi morasse um Padre para conservar o que haviamos principiado tão santamente.

Por outro lado sabiamos, que em breve nos esperavam, como tinhamos promettido, os Principaes e os habitantes *d'Eussauap* para irmos vêl-os e dar-lhes um Padre, que com elles morasse, na sua aldeia, a mais notavel depois de *Juniparan*.

Alem d'isto bem conhecemos estarem elles receiosos que nós os deixassemos por causa da morte do Revd. Padre, nosso companheiro.

---

[1] *Cutim:* pequeno rio, que corre na Ilha de S. Luiz, e confluente do Anil, distante pouco mais de uma legoa da capital.

Temos encontrado este nome escripto pelas seguintes formas *Coty, Cutim, Cotim, Cuti, Acuti*. O Sr. Coronel Farias diz, que deve escrever-se *Cotim*, palavra composta de *Co* e *tim* que quer dizer—*ponta de roça*.

Nós mesmos vimos os nossos planos e projectos addiados ou destruidos pelos embaraços occasionados por esta morte.

Finalmente Deos, que nunca abandona os seos, nem nas maiores difficuldades, inspirou-nos a continuação da nossa visita, deixando o Revd. Padre Arsenio em *Juniparan*, não só para instruir e baptisar os que a isso estavam dispostos, como para confirmar na doutrina christã os recentemente baptisados.

Na manhã seguinte despedindo-nos de *Japy-açú*, dos Principaes e dos velhos de *Juniparan*, lhes rogamos que prestassem todos os seos cuidados ao Padre, que ahi deixavamos, recommendando, não só aos baptisados, como tambem aos que devião sel-o, todo o zelo na obediencia e no cumprimento de suas ordens, sobre tudo no que dissesse respeito á conservação das graças recebidas, e na santa observação das promessas feitas por occasião do baptismo, continuando elles pela manhã e á tarde de todos os dias á orar diante da Cruz, como era costume.

Dirigindo-me depois ao Revd. Padre Arsenio, pedi-lhe, que ficasse nesse lugar para trabalhar como Padre e Pastor, e ter particular cuidado n'essas ovelhas recentemente adquiridas para Jesus Christo, e de outras ainda por conquistar, das quaes um dia daria contas severas á Deos.

Afinal abraçamos-nos estreitamente, e com menos lagrimas nos olhos do que dôr no coração, o deixamos em *Juniparan*.

Sahindo d'aqui eu e o Sr. de Rassilly caminhamos para *Eussauap*, com alguns francezes e muitos Indios.

Passamos por *Juniparan*-pequeno, distante do grande meia legoa, seguimos para a *Mayoba*, onde chegamos á tarde, sendo recebidos mui affectuosamente pelo Principal, que nos disse já esperar-nos ha muito tempo, e que por isso não tinha deixado um só dia de ir ou mandar caçar

para ter sempre prompta alguma coisa quando chegasemos.

Este homem era um bom velhò, e já tinha visto todas as guerras dos portuguezes, e alem d'isto discorria o melhor, que era possivel.

Tinha prazer de passar todas as noites discorrendo sobre varios assumptos, quando desejavam ouvil-o.

Estimou-nos particularmente, e mais do que todos empregou exforços para construir-nos uma casa e Capella afim de ser celebrado o santo sacrificio da Missa, trabalhando elle mesmo com alegria e com seo exemplo animando os outros.

Pouco depois da nossa chegada fez elle reunião geral, onde se achou o Sr. Des-Vaux para dizer-lhes o mesmo, já dito aos outros, com que muito se alegraram os habitantes d'este lugar, especialmente o seo Principal e na proporção da estima e amisade, que nos dedicava.

Sahindo da *Mayoba,* fomos a *Coyieup,* onde nos recebe ram com todas as demonstrações de apreço, iguaes ás já recebidas n'outros lugares, mostrando-se muito contentes o Chefe e os Principaes quando ouviram as palavras do Sr. Des-Vaux na reunião geral, que responderam logo com toda a delicadeza e urbanidade.

Pouco tempo depois da nossa chegada a este lugar, no fim da aldeia uma India apanhou um pato bravio, a que chamam *Vpec.*

Quando ella indecisa pensava, si devia ou não soltal-o, disse-lhe uma mulher bemfazeja e devota, que não o deixasse fugir, e fizesse mimo d'elle ao Padre, que acabava de chegar com o *Buruuichâue.*

Acquiescendo a este conselho, ella o depennou, cozinhou, e depois nos trouxe, contando como o tinha apanhado, e rogando-nos, que o acceitassemos.

CAPITULO XXIII

De um Indio velho, baptisado em—Cayieup—, e de sua morte.

Deos, que na phrase do Apostolo, conhece os seos, nunca falta á tempo e hora com o auxilio de suas graças.

Elle os encontra em todos os climas, e em todos os lugares, chama-os com amor e infinita bondade, e proporciona-lhes meios sufficientes para alcançarem a gloria promettida.

Quereis ver um exemplo admiravel do que se passou em nossa visita?

Quando chegamos a aldeia *Cayieup,* foi o Sr. de Rasilly passear pelas choupanas, e chegou á casa de um bom velho Indio, chamado *Su-Uassuac,* um dos mais antigos ahi, pae da mulher de *Japy-açú,* o maior *Buruuichdue* do Maranhão, de quem já fallei.

Tinha 160 e tantos annos, e por causa da velhice já pouco via.

De presença veneravel, era grave, docil, amavel, e ainda muito firme em seo andar.

Sua filha, mulher de *Japy-açú* veio de *Juniparan* visitarnos, e chegando a *Cayieup* um pouco antes de nós contava a seo Pae o que haviamos feito em *Juniparan,* como tinhamos plantado a Cruz, baptisado seos filhos, e casado sua

filha, e a immensa satisfação, que haviam experimentado com a nossa chegada, o que haviamos feito, como já tinha conhecimentos á respeito de Deos, e dos artigos de nossa fé, que aprendera em *Juniparan*, dizendo-lhe tambem o que ainda ella podia aprender, e começou á cathequisal-o.

Foi interrompida com a chegada do Sr. de Rasilly, e então disse á seo Pae—eis que chega o grande *Burumichâue*.

Alegre este bom velho, e sentado em sua rede, o saudou assim—és tu o grande *Burumichâue*, vindo para salvar-nos? que deixaste teo paiz para defender-nos dos nossos inimigos? que trouxeste Padres para instruir-nos, e fazer-nos filhos de Deos?

Respondeo-lhe o dito Sr., que sim, que viera com os Padres para morar, viver e morrer com elles.

Disse-lhe ainda o velho—os Padres, que trouxeste, e que tanto podem, poderão curar-me?

Respondeo-lhe o Sr. de Rassilly, que a sua molestia era a velhice, enfermidade incuravel: que tinha sido joven, e por isso devia tambem ser velho, e por tanto caduco e debil, como estava, e que finalmente era forçoso que morresse como os seos predecessores, visto ser a morte inevitavel e della ninguem poder eximir-se, aconselhando-lhe a salvação de sua alma, que um dia se separaria do seo corpo, o que lhe seria facil se acreditasse em Deos, e fosse baptisado.

Affirmou-lhe tambem ter trazido Padres para instruil-os, baptisal-os, e emfim salval-os.

Disse este bom velho—eu bem queria que os Padres fizessem com que Deos descesse ao meu coração.

Respondeo-se-lhe, que isto só era possivel por meio do baptismo.

Replicou immediatamente o velho—pois bem eu ti peço, faz-me baptisar. Levantando-se da sua rede, tomou pela

mão o Sr. de Rasilly, levou-o ao seo galinheiro, offereceo-lhe todas as suas galinhas, rogando que as aceitasse, e pedio-lhe que o fizesse baptisar.

Tudo isto fazia pelo desejo de ser baptisado; não sendo ainda instruido ignorava elle o que eram os Sacramentos, e como deviam ser administrados.

Respondeo-lhe o Sr. de Rasilly, não ter vindo para tomar coisa alguma delles: que os Padres nada recebiam para baptisal-o, como elle desejava, e fazel-o filho de Deos.

Instou porem o velho com toda amisade e cortesia a ponto de tornar-se importuno, pelo que não houve remedio senão elle aceitar uma bonita galinha, receiando suspeitar o velho, que a recusa era despreso pela sua pessoa.

D'ahi ha pouco perdeo-se essa galinha quando passamos por uma aldeia, e então muito nos recordamos desse veneravel velho.

Em quanto se passavam estas coisas cheguei eu, e ao aproximar-me disse o Sr. de Rasilly:

«Eis o Padre, de quem te falamos, que vem te vêr.»

Alegre e satisfeitissimo não pôde vêr-me logo pela debilidade da sua vista, devida á sua grande velhice, porem disse—onde está elle, quero vel-o?

Aproximei-me delle, estendeo-me os braços, abraçou-me estreitamente, beijou-me as mãos, e disse—*Eré Ioupé Pay?* Chegaste Padre?

Como ja estivesse este veneravel velho tocado pela bondade de Deos, que principiava a actuar n'elle, e preparar sua alma para ser o Templo mistico do Espirito Santo, e a agradavel morada da Santissima Trindade, disse-me logo, com grande affecto, que desejava ser filho de Deos, e por isso me pedia com instancia o baptismo.

Respondi estar muito satisfeito, e que outra coisa eu não desejava; mas era necessario instruil-o primeiramente na

existencia de um só Deos Omnipotente, creador do Céo, da terra, do mar e de tudo quando nelle existe.

Aproveitei o ensejo, e lhe disse ter sido Jesus Christo crucificado por nosso respeito, e lhe prometti, que quando elle estivesse bem instruido, e crêsse no que fosse necessario, seria então baptisado por mim.

Replicou-me assim: «Si para ser baptisado, e filho de Deos é necessario conhecel-o e crer n'elle, Deos, que é tão poderoso, como dizes, não póde descer ao meo coração, fazer com que eu o conheça perfeitamente, para que crendo n'elle tu me baptisasses já?»

Estas palavras eram mais de Deos do que do seo espirito, e por isso causaram-nos muita admiração mormente pela notavel gravidade, e pelo accento de devoção sem igual com que foram proferidas.

Respondi-lhe; que Deos bem podia descer ao seo coração, como ja o havia feito quando inspirou-lhe a vontade de ser baptisado e de pertencer ao numero de seos filhos; mas que como desejava ser aqui bem conhecido, por isso nos mandou a estas terras para instruil-os.

Peço-te pois (disse elle) que me instruas e me ensines o que fôr necessario eu saber para ser baptisado.

Respondi-lhe que nisso teria muito gosto.

Creio, que Deos conhecendo todas as coisas, inspirou este pobre homem, ja no fim da vida, para estar comnosco, como fazia, afim de instruil-o, e a nós para lhe darmos o que pedia tão ardentemente.

Escrevi immediatamente ao Rvd. Padre Arsenio, então em Juniparan, pedindo-lhe que viesse até *Coyieup,* e trouxesse o Sebastião, de quem já fallei, para melhor fazer comprehender a este velho o que elle precisava afim de ser baptisado.

Veio elle apenas recebeo minha carta, e principiamos logo a catechisar este bom velho, que se mostrava mui satisfeito quando se lhe fallava de Deos.

Todas as noites sua propria filha, mulher de *Japy-açú*, explicava, e fazia-lhe comprehender o que havia aprendido em *Juniparan*.

Finalmente este veneravel velho, similhante a um veado nem mais nem menos (conforme a etymologia de seo nome) foi caçado durante 160 annos pelo Diabo, grande caçador; cançado e fatigado por tão longa perseguição correo para os desertos da gentilidade e do paganismo, e ahi somente anhelava pelas agoas claras do baptismo, fonte de todas as graças, para refrescar-se.

Depois de haver sido instruido por alguns dias, foi baptisado á 19 de outubro, com incalculavel alegria e satisfação.

Quando estivemos em *Timbohu* appareceo-nos o Principal d'ahi, ja velho, fazendo-nos iguaes pedidos com as mesmas palavras e observações.

Não julgamos porem dever baptisal-o como fizemos a este.

Bem se diz, que Deos faz seos beneficios a quem quer e quando quer, embora deseje que todos se salvem e conheçam a verdade, sendo certo, porem, que elle não prodigalisa em todos os tempos com igualdade os seos beneficios a todos, e sim como e quando quer e lhe apraz. *Spiritus, ubi vult, spirat* «o espirito sopra onde quer.»

Assim dizia Deos a Moyses—*Miserebor cui voluero, et clemens ero in quem mihi placuerit* «terei compaixão de quem quizer, e serei brando para com quem me parecer.»

E aos Romanos na nona—*Miserebor cujos misereor, et misericordiam prestabo cui miserebor* «condoer-me-hei de quem quizer ter compaixão, e serei misericordioso com quem quizer.»

Disto concluio o Apostolo—*Igitur non volentis, neque currentis, sed miserentis est Dei.* «Não é do que quer, e nem do que corre, e sim de quem Deos quer condoer-se.»

Parece-me que estes dois velhos tinham recebido igual graça, pois ambos inspirados por Deos pronunciaram iguaes palavras, ambos pediram o baptismo, e ambos nos commoveram com suas palavras, que admiramos.

Como foi, porem, que nos resolvemos a baptisar um só e não ambos?

Perguntam muitos porque Deos tanto amou a Job e não a Esau, como fez tantos beneficios a um, e nenhum ao outro.

Igual pergunta se pode fazer a respeito destes dois Indios.

Mas. *Quis cognovit sensum Domini? aut quis consiliarius ejus fuit?* «Quem foi que conheceo o pensamento do Senhor? Quem foi seo conselheiro? «São impenetraveis segredos dos admiraveis juizos de Deos.

É bem certo porem, que elle dispõe muito bem de tudo, dando a uns sua gloria, quando lhe apraz, e concedendo a todos suas graças, de sorte que não ha uma só pessoa por quem elle não tenha feito muito para salval-a.

Deos pois contentando-se de prolongar a vida ao primeiro velho afim de ser melhor instruido, e com mais proveito seo, inspirou-nos para baptisar somente o ultimo, que elle desejava tirar do Mundo, e chamal-o a fé.

Conta o Propheta Isaias, como coisa admiravel e terrivel, que devia morrer um menino de cem annos, e ser amaldiçoado o peccador de cem annos.

Puer centum annorum morietur, et peccator centum annorum maledictus erit.

Ah! não admira vêr não morrer, antes nascer um menino: nascer e morrer quasi juntamente, não na idade de cem annos somente, e sim na de 160 e 180 annos?

Oh! prodigio! nascia morrendo, e morria nascendo para encontrar a vida.

Era uma criança, que nascia na idade de 160 e tantos annos por meio da regeneração das fontes sagradas do baptismo.

Antes do baptismo não era elle filho do Diabo? Sim, porem depois do baptismo, fez-se filho de Deos.

Antes do baptismo, embora muito velho, era menino pois nada sabia e nem conhecia a respeito da Lei.

Depois do baptismo, porem, tornou-se como um menino recem-nascido—*Quasi modo genitus rationabilis sine dolo*, sugando o leite da graça de Deos, e a doutrina christã.

Si antes do baptismo era filho das trevas, e da malicia, depois do baptismo fez-se filho da luz e da santa innocencia.

Disse Deos que o peccador de cem annos será amaldiçoado. Que mêdo deve ter o que continuar por tão longos annos em sua má vida? Não deve elle porem perder a esperança, ao contrario deve voltar-se para Deos e esperar misericordia, igual a que elle deo a este bom velho, no fim de seos dias; depois de haver arrastado tão má vida e por tanto tempo recebeo tantas graças e bençãos de Deos, por meio do baptismo, que achou-se inteiramente outro, podendo dizer, que no baptismo e depois d'elle, ficou sempre—*puer centum et sexaginta annorum*, «um menino de 160 ou mais annos.»

Dizem os naturalistas, que a Aguia quando velha, não podendo mais supportar a grossura do seo bico adunco, que a embaraça na comida, o peso de suas pennas velhas, que não lhe consentem vôo altaneiro, e a debilidade da vista,

que a impossibilita de olhar fixamente o Sól, como tinha por costume, atira-se dentro de uma fonte limpida, que brasseo bico n'uma pedra dura, deixa cahir suas pennas velhas, e assim recobra sua mocidade e forças, e mudando de bico, de pennas, e de vista começa a comer, a voar muito alto, e a encarar o Sól como fazia na sua mocidade primitiva.

Assim tambem este pobre indio, ja velho, não podendo mais sustentar a velhice de tão avançada idade, tendo o bico de suas affeições muito adunco, e as pennas de seos maus costumes e diabolicas conversações inveteradas na infidelidade, e envelhecidas no paganismo, mais cego na alma do que no corpo, depois de lavado na limpida fonte do baptismo, por elle tão desejada, Deos satisfazendo-lhe a vontade, de tal sorte renovou sua mocidade, que, á maneira da Aguia, principiou a comer, a voar muito alto, e olhar firmemente o bello Sól divino, porque apenas recebeo o baptismo, suas affeições foram celestes, regosijando-se muito, em acção de graças, pelo beneficio infinitamente grande, que recebeo de Deos.

Viveo ainda dois dias com indisivel contentamento, e sem outra molestia, alem da velhice, esta alma feliz vendo-se livre de suas pennas velhas, como Aguia generosa, renasceo, e cheia de força e de coragem começou a ensaiar o vôo, e a subir muito alto, e perdendo a terra de vista entrou no Céo.

Assim como a Aguia faz seos ninhos em lugares elevados, e escolhe para sua morada um lugar entre as pedras, e sobre rochedos inacessiveis, assim tambem esta santa alma faz seo ninho entre as hierarchias celestes, construindo seo abrigo entre bellas pedras preciosas, que são as almas em gloria, para dé lá contemplar eternamente o verdadeiro Sol da Justiça e olhal-o constantemente.

Na verdade, como se póde julgar de outra fórma desta alma, sendo verdadeira a crença da Igreja de Deos, que affirma ir direito para o Paraizo aquelle que morrer na innocencia do baptismo?

É tão certo isto, que para affirmal-o não duvido offerecer minha vida.

Tinha este bom velho a razão ja amadurecida pelo tempo, e experimentada por longos annos, e o espirito muito abatido pela velhice, por toda a sorte de paixões, e de desregramentos.

Havendo empregado nos exercicios de devoção o pouco tempo, que viveo depois do baptismo, póde muito bem dizer-se, que quando esta alma feliz sahio do corpo, foi logo em direitura para o Céo afim de ser corôada com a gloria eterna, que Deos lhe concedera para sempre!

Oh! Deos, quanto sois admiravel!

Quem acreditaria, que entre as nações selvagens de *Canibaes* e *Antropophagos,* tão crueis, que até comem carne humana, se encontrassem almas escolhidas e predestinadas, dignas de taes sédes de gloria?

É assim que Deos vae com tanto amor procurando, entre diversas nações, espalhadas pela superficie da terra, os seos para completar o numero dos escolhidos, nunca se esquecendo de proporcionar-lhes tempo, lugar, e meios bastantes para justifical-os e conduzil-os até á gloria celeste.

CAPITULO XXIV

Do que se passou em Eussauap durante a nossa visita.

Sahindo de *Cayieup* embarcamos-nos n'uma canôa, remada por Indios, e fomos a *Eussauap*, onde chegamos no sabbado seguinte ao meio dia.

O Sr. de Pezieux e os mais francezes, ahi residentes, nos receberam com todas as attenções, e reciprocamente nos mostramos satisfeitos.

Si renovamos a nossa alegria, tambem renovamos a nossa tristeza com a recordação da morte do Revd. Padre Ambrosio, percebendo claramente o quanto com elle perdemos, á vista dos beneficios que prestára em *Eussauap* e suas visinhanças, si fosse da vontade de Deos conservar-lhe a vida e a saude.

Esperando os moradores desta aldeia, que um de nós ahi ficasse com elles, edificaram no meio da praça, que havia entre duas casas, uma bonita capella com um altar bem asseiado.

Tinham tambem construido uma grande Cruz para plantal-a na frente da Capella, como fizemos em *Juniparan*, e achavam-se todos bem dispostos a receberem o baptismo, graças aos exforços do Sr. de Pezieux, extremamente dedicado pela salvação destes pobres Indios.

Na reunião geral, que teve lugar á tarde, o Sr. Des-Vaux fazendo-lhe o discurso do costume, asseverou-lhe, que quando regressassemos de França, lhes dariamos um Padre para instruil-os, não o fazendo agora por haverem poucos, visto ter um morrido, e o outro regressado á França, restando apenas dois, dos quaes um estava em *Juniparan*, e o outro no *Forte de S. Luiz* para soccorrer os francezes.

Mostraram-se alegres, e pediram-nos para benzer e levantar a Cruz, crendo que por isto nos affeiçoavam mais á este lugar.

Condescendo com tal desejo, na manhã seguinte, domingo, todos os habitantes de *Eussauap*, reunidos com os francezes, com as orações do costume, e agoa benta, eu benzi em primeiro lugar a Capella, e depois a Cruz, que foi depois plantada com as ceremonias e devoção, que se fizeram em *Juniparan*, com muita satisfação dos Indios e de nós todos.

Assim como as rosas nunca se encontrão senão no meio de espinhos, assim tambem não temos alegria sem muitas difficuldades.

Um dia o diabo inspirou á mulher de Pilatos a lembrança de impedir a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo prevendo, que por meio da Cruz elle devia destruir o seo reinado.

Assim tambem este espirito maligno prevendo que a Cruz, por nós plantada, o deveria expulsar deste novo Mundo para n'elle estabelecer o reino do Soberano Monarcha do Ceo e da terra, não deixou de sublevar um Indio velho para resfriar o animo dos Principaes e dos velhos.

Depois de plantada a Cruz, fez-se outra reunião geral á tarde, na qual se achou o dito Indio velho, chamado *Mamboré Uaçau*, maior de 180 annos, o qual tomando a pala-

vra, em presença de todos os Principaes da aldeia disse o seguinte ao Sr. Des-Vaux.

«Vi o estabelecimento dos *Peros* em Pernambuco e *Potyu*, e o seo principio foi como o vosso agora.

«No principio os *Peros* só queriam negociar, e não morar ahi: dormiam então á vontade com as raparigas, o que os nossos companheiros de Pernambuco e do *Potyu* reputavam grande honra.

«Depois disseram ser-lhes preciso ahi morar, que necessitavam construir Fortalezas para guardal-as, edificar cidades para morarem juntos, parecendo assim, que só desejavam ser uma nação.

«Depois fizeram entender, que não podiam ter assim as filhas d'elles, que Deos somente lhes permittia possuil-as por meio do casamento, e que não podiam casar-se com ellas, senão baptisadas, e que para isso era necessario um Padre.

«Vieram os Padres, plantaram uma Cruz, começaram a instruil-os e depois foram baptisados.

«Depois fizeram vêr que tanto elles como os Padres precisavam de escravos para servil-os e trabalhar para elles, e que assim eram obrigados a dar-lhes.

«Não satisfeitos com os escravos aprisionados na guerra, quizeram tambem seos filhos, e finalmente captivaram toda a nação, e com tal tyrannia e crueldade a tractaram sempre, que a maior parte dos que escaparam, viram-se obrigados, como nós, a deixar o paiz.

«Assim aconteceo com os francezes.

«Quando viestes aqui pela primeira vez foi simplesmente para negociar comnosco, como os *Peros* não achastes difficuldade de tomardes nossas filhas, e nós nos julgavamos felizes quando ellas tinham um filho vosso.

«Nesse tempo não fallastes em vir morar aqui, e apenas vos contentaveis de vir aqui uma só vez por anno, e demorar-vos somente quatro ou cinco luas, regressando ao vosso paiz com os nossos generos para em troca trazerdes os de que necessitavamos.

«Agora para morardes aqui nos aconselhaes fazer Fortalezas, dizendo, ser para defendermos-nos de nossos inimigos, e para isso trouxestes-nos um *Buruuichdue* e Padres.

«É verdade, que estamos contentes, porem os *Peros* fizeram o mesmo.

«Depois da chegada dos Padres, plantastes a Cruz, como os *Peros,* como elles começastes á instruil-os e baptisal-os, e como elles ainda dizeis não poderdes possuir nossas filhas senão em casamento, e depois de baptisadas.

«A principio como os *Peros* não quizestes escravos, agora pedis e quereis possuil-os como elles.

«Não creio que tenhaes os mesmos projectos dos *Peros,* e, nem receio isto, porque já sou velho e nada mais temo, porem conto ingenuamente o que vi.»

O discurso deste velho abalou a maior parte dos espiritos da reunião, e causou muita admiração ao Sr. Des-Vaux, que respondeo logo assim:

«Admira-me muito, que tu, que bem conheces os francezes ha muito tempo, ouses comparal-os aos *Peros,* como si não conhecesses a differença entre uns e outros.

«Recorda-te bem como os *Peros* se estabeleceram em Pernambuco e *Potyu,* e como tractaram seos similhantes desde que ahi entraram.

«Viste por ventura os francezes fazerem o mesmo? Vae para quarenta ou cincoenta annos, que negociamos comvosco. Tendes alguma queixa de nós? Ao contrario, não sabes quanto seria infeliz tua nação sem o auxilio dos francezes? Constrangida a deixar sua patria e suas commodi-

dades para abrigar-se neste lugar, onde agora estaes, o que seria della sem o auxilio dos francezes, que vieram procurar-vos para trazer-vos machados, foices, e outros generos, que vos são necessarios, pois sem elles não podeis preparar vossas roças, e nem viver?

«O que fazieis, se annualmente elles não passassem o mar para vir não só ver-vos, mais tambem para trazer-vos novos generos para substituir os ja velhos e gastos? Onde procurarieis outros?

«Não sabes tambem, que são os Francezes, que vos hão defendido contra vossos inimigos?

«Bem sabes, que tua nação foi outr'ora grande e valente, e que a ninguem temia.

«Não foi depois a guerra, que fez morrer grande numero dos teos similhantes, reduzindo-vos a tão poucos como hoje sois?

«E esse pouco mesmo não teria sido exterminado si não fosse o auxilio dos Francezes? Os Francezes, grandes guerreiros e valentes, são temidos por todo o mundo, ninguem se atreve á atacar-vos, depois que elles vos protegem.

«Não foi por isso, que tu e os teos me rogaram de regressar á França para fazer vêr ao nosso grande Rei a vossa necessidade e o desejo de ter comvosco um *Buruuichaue* para defender-vos contra vossos inimigos?

«A affeição, que como sabes, sempre tive á tua nação, me fez emprehender tão longa e perigosa viagem com risco de minha vida para ti trazer um maioral e valentes soldados, como me pedistes, não só para vos defender, e proteger, mas tambem para reprovar tua nação, e restabelecel-a ao seo antigo estado florescente.

«Trouxe-te Padres, como todos me pediram, para vos instruir e fazer-vos filhos de Deos. E comtudo isto, dizes agora, que viemos aqui estabelecer-nos como os *Peros*.

«Si os Francezes tem feito tantos bens a ti e aos teos similhantes, si são vossos melhores amigos e alliados, como não podes deixar de confessar, és muito injusto comparando-os aos *Peros*, que, como dizes, são vossos inimigos, e que fizeram tantos males á tua nação.»

Acabando de fallar o Sr. Des-Vaux, ficaram todos irresolutos, porque o discurso do velho tinha feito tal impressão, que embora as razões produzidas pelo Sr. Des-Vaux, não deixaram muitos de crer no velho indio.

É bem verdade, que eram por nós e pelo Sr. Des-Vaux os Principaes, os quaes se satisfizeram com a resposta d'elle, e mostravam-se muito sentidos com as expressões do velho, tão prejudiciaes aos Francezes, seos bons amigos.

Em quanto se passavam estas coisas, estive com o Sr. de Rasilly, que tudo ouvio fingindo o contrario, porque julgou mais a proposito dissimular do que responder logo. Retiraram-se todos para casa n'este estado.

N'essa occasião foi o Sr. de Rasilly prevenido de que alguns negocios importantes reclamavam a sua presença no Forte de S. Luiz, pelo que foi necessario addiar nossa visita, e regressar logo.

Viemos por *Euayue*, por *Eucatu*, e por *Euapar*, demoramos-nos alguns dias para ver estas aldeias e outras, que se encontram no caminho, e em todas fomos recebidos com cortesia e humanidade, mostrando-se contentes com o discurso, que costumava fazer o Sr. Des-Vaux em todas as reuniões geraes.

Chegando ao Forte de S. Luiz, e vendo que os negocios reclamavam tambem a presença do Rvd. Padre Arsenio, então em *Juniparan*, e do Sr. de Pezieux, que estava em *Eussauap*, mandou o Sr. de Rasilly chamal-os, e vieram immediatamente.

Em quanto foi o recado, contou o Sr. de Rasilly á Migan, um dos nossos interpretes, tudo quanto disse o tal velho na reunião geral de *Eussauap*, e receiando que isto não alterasse alguns espiritos e produzisse algum mal, pedio-lhe que lá fosse o mais breve que podesse para com razões vencer o dito velho, e aplacar os outros indios.

Migan foi para *Eussauap*, e ahi chegando foi á reunião geral á tarde, onde tambem se achava o dito *Mamboré-Uaçau*, que repetio as mesmas suspeitas, ja ditas ao Sr. Des-Vaux quando ahi estivemos.

Migan, que bem o conhecia e que entre elles tinha vivido desde a sua infancia, respondeo o muito que ja lhe havia dito o Sr. Des-Vaux, e accrescentou mais—que os Francezes, cujo passado elle conhecia, não tinham vindo residir aqui, mas somente negociar e demorarem-se aqui por cinco ou seis luas para juntar generos, e depois regressarem á França, sendo apenas mercadores e marinheiros, pessoas que não tinham por costume ser servidos, e por isso não pediam escravos por não ter trabalho a dar-lhes.

Por ventura ja vistes, disse-lhe Migan, grandes *Buruuichaues*, e valentes guerreiros, como vês agora? Elles estão acostumados a mandar e a serem servidos: não sabem negociar e nem cuidar de mercadorias: possuem na sua terra muita fortuna, e não fazem outra coisa senão ir para a guerra.

Deixando agora a França e todas as suas commodidades para virem residir em nossa terra, defender tua nação de seos inimigos, e viver entre vós como bons amigos, como queres que elles passem á ser escravos para tractar de roças, e fazer tudo quanto lhes é necessario? Não vos admireis pois que elles agora peçam escravos, quando os outros não quizeram.

Quanto ao que presenciaste durante o tempo do estabelecimento dos *Peros,* em Pernambuco e *Potyu*, dizendo que agora estão os Francezes fazendo o mesmo aqui, já não te lembras o que elles fizeram n'aquellas localidades desde o seo principio?

Ha cincoenta annos, que conheces os Francezes, e que com elles convives diariamente, já os vistes praticar o que fizeram os *Peros?*

Obrigaram elles á tua nação a fazer alguma coisa? Não te pagam os teos generos? Se os tens sustentado ou se lhes fazes alguma coisa não recebes logo a recompensa? Emfim, depois que os conheces, ja os vistes para se estabelecerem aqui praticar o mesmo, que fizeram os *Peros* nos lugares, que citaste? Tu bem o sabes, não fizeram, não fazem, e nem o farão, é contra seos genios, pois só gostam de fazer bem, e serem delicados.

Pensas por ventura, que ha no mundo nação, que em bondade se iguale á Franceza? Não e não, porque são os Francezes os primeiros, que nasceram na Igreja, os verdadeiros filhos pelo grande *Tupan*, escolhidos para lhes dar sua fé, e ensinal-a aos outros.

Os *Peros,* bem como as outras nações, só a receberam muito tempo depois, e por isso são modernas, e não estão tão instruidas como a França.

Os seos proprios Padres são apenas aprendizes dos verdadeiros Padres, e não cumprem tão bem as coisas ensinadas pelo grande *Tupan,* como estes o fazem.

Supponhamos, que assim não seja. Não te lembras, que os Padres dos *Peros* tem escravos para servil-os? Os Padres, que estão comnosco não os tem.

Não mandam aquelles cultivar a terra, não negociam, e não possuem riquezas? Estes nada querem, despresam tudo quanto póde trazer-lhes fortuna, e não cuidam das riquezas

do mundo. Aquelles andam bem calçados e vestidos, estes andam quasi sempre descalços, como faziam os verdadeiros Padres, e grandes Prophetas, que por graça de Deos deixaram impressos os signaes de seos pés descalços nos rochedos, por onde caminharam, junto á *Potuy*, como tu e muitos dos teos viram, bem como eu, para dar uma prova do poder e graça, que receberam de *Tupan*.

Com taes palavras mostrou-se o dito velho convencido e satisfeito, e declarou nunca mais fallar n'isto visto não ter, que responder a seo Compadre Migan.

Todos os Indios ahi presentes, amigos dedicados dos Francezes, ficaram satisfeitissimos vendo o que disse Migan, e confessaram o seo desgosto e pezar ouvindo o velho *Momboré-Uaçú*, e a sua alegria quando ouviram a plena e irrespondivel resposta de Migan.

Em quanto se passavam estas occorrencias em *Eussauap*, ficamos no forte de S. Luiz, onde tractamos dos negocios, que ahi nos chamaram.

O Sr. de Rasilly e o Rvd. Padre Arsenio foram á uma aldeia chamada *Tapy Tusson*, onde receberam muito bom acolhimento do Principal *Quatiare Uçú* e de todos os habitantes, mostrando-se todos contentes com o discurso feito pelo Sr. Des-Vaux na reunião geral, feita como de costume.

Demoraram-se todos ahi por tres ou quatro dias, depois regressaram ao Forte onde estavamos cuidando de tudo quanto era necessario á gloria de Deos e ao estabelecimento da Colonia.

CAPITULO XXV

De um menino miraculosamente tractado pelo baptismo.

Não desejando Deos poupar as provas extraordinarias de sua infinita bondade para com este povo, a quem ja deo tantas outras, quando lhe fez annunciar o conhecimento de seo sacratissimo nome, permittio ainda quando se passavam as coisas, referidas no capitulo antecedente, que um dos Padres de *Juniparan* encontrasse um menino, de quatro annos de idade, ja agonisante, no fim da vida e sem fallar por causa de uma grande e grave molestia, ja considerado morto por sua Mãe, que como tal muito o chorava.

Perguntou-lhe o digno Padre, si ella queria, que seo filho fosse baptisado para salvar sua alma. Respondeo affirmativamente, e pedio até com instancia.

Immediatamente baptisou-o o Padre, e apenas findou-se este acto ficou o menino perfeitamente bom, o que causou muita admiração aos indigenas e aos Francezes, e augmentou áquelles o desejo de serem baptisados.

Eis o effeito dos sacramentos: elles tem o poder de dar vida á alma, e tambem, quando Deos quer, saúde ao corpo.

Tanto isto é verdade, que Constantino foi curado da lepra do corpo e da alma por meio do Santissimo Sacramento do baptismo, que recebeo.

São os effeitos extraordinarios da poderosa mão de Deos, que tem Elle só o poder de os produzir quando lhe apraz.

Honra e gloria á Elle.

CAPITULO XXVI

Embaixadas a Tapuytapera [1] e Commã. [2]

Vendo os Srs. Loco-tenentes-generaes, que estavam resolvidos os habitantes da Ilha do Maranhão a submetterem-se ao dominio e governo dos Francezes, tanto no espiritual como no temporal, mandaram *Migan* em companhia de *Pira Iuua*, um dos Principaes indios, e de mais alguns outros de Maranhão á Tapuytapera, que é terra firme defronte desta Ilha para indagar delles, si era de sua vontade approvar o que haviam tractado os habitantes da Ilha grande com os Francezes.

Os habitantes de *Tapuytapera* extremamente satisfeitos por tal consulta, deram a melhor resposta, que é possivel desejar-se.

É impossivel pintar-se a amisade, que aos Francezes tinha *Seruéué*, Principal deste lugar, e para coagil-os mais a ficarem ahi, elle lhes disse haver por essas bandas bonita pescaria de perolas, e uma mina de oiro.

Chegamos a accordo, que acabando-se o que haviamos começado sob tão bons auspicios, graças a Deos, e depois

[1] Hoje cidade d'Alcantara.
[2] Hoje villa de Guimarães.

do nosso regresso á França, viria para ahi o Sr. de Pezieux com 40 Francezes verificar essas noticias.

Nessa mesma occasião lembraram os indios da Ilha do Maranhão aos referidos Srs. Loco-tenentes, que devia ir igual embaixada a *Commã*, tambem na terra firme perto de *Tapuytapera*.

Para tal fim foi mandado o Sr. Des-Vaux em companhia de *Januâre-auaété*, um dos Principaes da Ilha, e muito amigo dos Francezes, os quaes foram muito bem acolhidos em *Commã* pelos seos habitantes, e particularmente por *Caruata-Pirau* e *Januaresic*, seo irmão, ahi grandes authoridades por seo valor e proesas, que tambem responderam satisfactoriamente.

Achavam-se promptos para virem a Maranhão prestar suas homenagens, quando correo um sursurro de que ahi vinham os *Tabajares* (seos inimigos mortaes) descendo as margens do Mearim afim de assaltal-os e guerreal-os.

Armaram a seo modo todos os indios desses lugares, correram de todos os lados com alguns Francezes ao encontro dos assaltantes, e apenas acharam uma canôa a margem do rio, salvando-se nos bosques os que nella vinham.

Caruatapiran tinha vindo de uma guerra sanguinolenta, onde demorou-se seis mezes, e da qual trouxe onze escravos, de diversas nações, pelo que fez em *Commã* entrada solemne, á moda da terra.

Entre esses escravos tinham trazido alguns moradores no rio Amasonas, que em certa epocha do anno habitavam com as mulheres Amasonas, tinham-nos reservado expressamente, em signal de amisade, para offerecel-os aos Francezes, como um meio facil destes se relacionarem livremente com elles, e assim se estabelecerem os Francezes, como tanto desejavam, nas suas terras, e nas outras mais.

Trouxe como amostra algumas perolas, affirmando ter visto outras maiores, e tambem uma tinta carmisim muito bonita e excellente, e muito apreciada pelos negociantes Francezes quando a conheceram por uma amostra, que levou o Sr. de Rasilly.

CAPITULO XXVII

Como se levantaram na Ilha do Maranhão os Estandartes de França.

Depois que os Indios plantaram a Cruz, como symbolo d'alliança eterna entre elles e Deos, e manifestação do seo desejo de pertencerem ao Christianismo, fez-se-lhes entender, que ainda havia alguma coisa a fazer, pois era preciso, afim de obrigar os francezes a não deixal-os mais, collocar pelos mesmos meios as armas de França junto á Cruz, sendo esta o signal de havermos tomado posse da terra em nome de Jesus Christo, e aquellas a prova e a recordação da soberania do Rei de França, e o testemunho, pelo consenso delles, á sua obediencia agora e sempre á Sua Magestade Christianissima.

Advertio-se-lhes, que pensassem antes e muito, e decidissem entre si, por espaço de um mez, si queriam ou não ser subditos de Sua Magestade e sugeitarem-se ás suas leis.

Derramou-se este pensamento por todas as aldeias, e para esta ceremonia, caso elles concordassem, marcou-se o dia de Todos os Santos, primeiro de Novembro.

Na vespera da festa acharam-se no Forte de S. Luiz seis dos Principaes do paiz, a saber: *Japy-açú*, o Maioral de toda a Ilha, *Marcoia-Pero*, *Matarapua*, *Jauuare-auaété*, *Uauiru*, e *Ira Juua*, Principaes, depois do Maioral.

Vieram presenciar esta ceremonia em companhia de muitos indios, homens, mulheres, e crianças.

Chegando ahi, fizeram a sua reunião geral, assistida por todos os indios mais notaveis e velhos, pelo Sr. de Rasilly, e seos interpretes, para combinarem e resolverem á respeito.

Conforme a resolução tomada unanimemente na manhã seguinte (dia de Todos os Santos) a companhia Franceza dispersa pelas aldeias, reunio-se, e armada, com bonito garbo, e no melhor uniforme, que tinha, marcharam ao som de cornetas e tambores em companhia de todos os Indios até á casa dos Srs. Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade para buscar o Estandarte de França, que foi carregado pelos seos Principaes na ordem já mencionada.

Seguiam na frente os tambores e cornetas, depois a companhia franceza, bem fardada e em bôa ordem, os seis Indios Principaes, vestidos com suas casacas azues con cruzes brancas adiante e atraz, carregando ás costas o Estandarte de França, os Srs. de Rasilly e de la Ravardiere, Loco-tenentes-generaes pegando cada um as extremidades do dito Estandarte, todos os Gentis-homens Francezes, e finalmente muitos indios de todas as aldeias visinhas.

Caminhando assim em triumpho até o pé da Cruz, ahi deitaram o Estandarte, e depois da exhortação feita pelo Revd. Padre Ivo, o Sr. de la Ravardiere dirigio-lhes a palavra por esta fórma:

«Senhores.—Vêde como os proprios Indios fincam este Estandarte de França na sua terra, fazendo-a assim posessão do Rei, jurando todos viver e morrer comnosco, como verdadeiros subditos e fieis servos de Sua Magestade.

«O Sr. de Rasilly, cuja fidelidade ninguem póde pôr em duvida, parte um destes dias para França, fará conhecer a Sua Magestade e á toda a França a importancia deste acto,

e supplicará mui humildemente e em nosso nome a satisfação de trazer-nos, quando regressar, os necessarios soccorros para o completo estabelecimento desta Colonia.

«Rogo a todos os homens de bem e corajosos, aqui presentes, que me auxiliem, durante esta ausencia, na sustentação da Colonia, ficando certos que me julgarei feliz morrendo em sua justa e honrosa defeza.»

Ouviram-se logo vozes unisonas jurando fazer o mesmo, e promettendo, depois da ceremonia, irem todos assignar o escripto, que se achará adiante.

Depois disto dirigio-se o Sr. de Rasilly aos Indios em francez, que ia sendo tradusido palavra por palavra pelo Sr. Des-Vaux.

«Meos Amigos.—Graças ao bom e expontaneo acolhimento, que nos tendes feito desde a nossa chegada, e á erecção da Cruz de Jesus-Christo, filho de Deos, já sabemos quanto sois amigos dos Francezes, e quam desejaes ser filhos de *Tupan* pelo Santo Sacramento do baptismo.

«Era preciso para nos obrigar a nunca abandonar-vos, e defender-vos sempre contra vossos inimigos, que nós e vós plantassemos este Estandarte do nosso Rei de França, que aqui nos mandou ter comvosco para tomar posse desta terra e sujeitar-vos ás suas leis, como vós mesmos mandastes pedir.

«Antes deste dia, bem si vos prevenio todas as consequencias deste acto.

«Pensae ainda uma vez, antes de fincar esta insignia e estas armas, si desejaes, que o Rei de França seja o Soberano, e si quereis obedecer a quem elle mandar governar-vos, porque depois de eu haver aceitado em seo nome esta terra, com que o presenteastes, não poderá mais haver arrependimento e nem retirar-se a palavra dada uma vez.

«Esta offerta que fazeis de tão boa vontade, até hoje, obrigará o nosso grande Rei a nunca abandonar-vos.

«Em quanto a mim, eis aqui, meos irmãos, e meos amigos, testemunhando a minha boa vontade para comvosco, e morrerão todos antes do que permittir que si vos offenda.

«Comtudo irei a França descrever melhor a vossa nação e os vossos bons desejos.

«Quando regressar, virão commigo muitos Padres e Prophetas para sustentar esta Cruz, e instruir-vos na nossa Religião, muitos Francezes para povoar e defender esta terra, fazendo uma só nação da minha e da vossa, que, mediante a graça de Deos e o nosso procedimento no governo, será grande e respeitada por todo o Mundo.»

Responderam os Indios muito alegres e contentes affirmando terem sempre tido vontade de se alliarem aos Francezes, de serem seos amigos, e de jamais faltarem ao promettido, entregando sua terra a elles para que de sua parte a entregassem ao Rei, supplicando-lhe humildemente a bondade de aceitar a offerta, de lhe mandarem muitos Padres para instruil-os e baptisal-os, de sustental-os e defendel-os contra seos inimigos, promettendo elles viver e morrer subditos de Sua Magestade Christianissima, com a protecção da Santa Cruz e das armas de França, e como testemunha (disseram elles) plantamos presentemente este Estandarte, onde estão suas proprias armas.

No mesmo instante fincaram o Estandarte e as armas de França, ao som de cornetas e de tambores, de muitos tiros de peças e de mosquetaria, em signal de alegria, de contentamento, e de grandissimo regosijo dos Francezes e de todos os Indios.

Para que ninguem se admire deste acto, direi de passagem, que a primeira coisa, que os Romanos tinham por costume fazer, quando entravam n'uma terra, e conquistavam

uma cidade, era plantar immediatamente seos Estandartes, no meio da praça, e no lugar mais elevado para demonstrar, que d'ahi em diante eram os seos senhores e possuidores.

E quantas Nações praticam o mesmo? Para destinguir-se umas de outras, tem sempre o cuidado de pintar suas armas ou alguma divisa particular nos seos Estandartes, e por isso vê-se na insignia dos Romanos a Aguia e o Minotauro, na dos Assyrios a Pomba de Semiramis, na de Dario tres falcões para dizer que elles pretendiam subjugar as tres partes do Mundo.

Qual será a nação, que não tenha em seos Estandartes armas e divisas particulares, collocadas nos mais altos lugares dos Reinos, das Provincias, e das Cidades para serem conhecidas e destinguidas das outras? Por isso os Francezes com os Indios e os Indios com os Francezes fincaram os Estandartes da França no centro desta terra recentemente conquistada não por armas, e sim pela Cruz; não pela força, e sim por amor, que tão docemente obrigou os Indios a se doarem, elles e sua terra, ao Rei da França; e depois de haverem plantado a Cruz como prova de que desejavam ser filhos de Deos, fincaram tambem as armas e os Estandartes de França afim de saber-se, que entre todas as nações nosso Christianissimo Rei é deste paiz o soberano senhor e possuidor pacifico, como de direito é Rei de França e de Navarra, e por todas as leis Rei das Indias, ou antes da França Equinoccial.

Foi a Rainha Regente coroada por um novo diadema, como foi o grande Rei Salomão coroado por sua Mãe no dia dos seos esponsaes, e da alegria do seo coração, isto é, no primeiro anno de seo reinado.

Depois de Deos, tal honra deve-se á esta Rainha, porque foi Sua Magestade unicamente quem, depois da morte do Rei Henrique o Grande, emprehendeo acção tão heroica,

como se deixa vêr pelo Estandarte, com que honrou a expedição de seos Loco-tenentes-generaes, onde estava um navio armado com todas as suas vellas, cabos e mais apprestos necessarios, tendo na prôa a figura do Christianissimo Rei Luiz XIII, em ponto natural, assentado e vestido com seos regios mantos, apresentando com a mão direita um ramo de oliveira á Rainha Regente, sua Mãe, ahi tambem em vulto natural, porem na pôpa, igualmente revestida com seo manto real segurando com a mão direita a canna do leme do navio no qual se lia

Tanti dux fœmina facti.

O Estandarte era semeiado e enriquecido de grandes flores de lyses de oiro, que muito o embellesavam. Foi este mesmo, que os Indios fincaram com muita alegria e satisfação, depois da Cruz, na Ilha do Maranhão.

CAPITULO XXVIII

Leis fundamentaes estabelecidas na Ilha do Maranhão.

Entre a Religião e a Lei ha tão intima união, que uma não pode existir sem a outra.

É tão verdadeira esta asserção, que d'ella o Apostolo tirou esta maxima geral.—*Translato sacerdotio, necesse est ut et legis translatio fiat* «mudando-se a Religião e o officio de sacerdotisa é necessario tambem mudar-se a Lei, consequencia da intima união entre estas duas coisas;

Desejando Deos dar principio ao conhecimento da verdadeira Religião Catholica, Apostolica, Romana aos habitantes da Ilha do Maranhão e suas visinhanças, julgou-se necessario o estabelecimento de leis fundamentaes para serem guardadas inviolavelmente, e se fizeram as seguintes:

«Por parte do Rei

Nós Daniel de la Touche, Cavalleiro e Senhor de la Ravardiere, Francisco de Rasilly, tambem Cavalleiro e Senhor do dito lugar e de Annelles, procurador do alto e poderoso Senhor Nicolau de Harlay, Cavalleiro, Senhor de Sancy, Barão de Molle, e de Grosbois, Conselheiro de estado, e particular do Rei, Loco-tenentes-generaes de Sua Magestade nas Indias Occidentaes.

Havendo emprehendido, por graça de Deos, uma colonia Franceza em Maranhão e terras circumvizinhas, e procurado chamar os seos habitantes ao gremio do Christianismo,

conforme as intenções do Rei de França, nosso Soberano Senhor, e o poder que nos deo Sua Magestade, mencionado nas cartas-patentes, que nos outorgou, e tambem sob a autoridade e bons desejos da Rainha Regente, nossa Soberana e Senhora, julgamos necessario e conveniente, antes de lançar algumas bases nesta colonia, estabelecer leis santas e apropriadas á um principio, o mais que nos fôr possivel, tendo por maxima, que sem a Justiça de Deos organisada entre os homens, como si fosse sua propria Imagem, não pode existir Republica alguma.

Reconhecendo a graça, a bondade e a misericordia de Deos trazendo-nos tão felizmente aqui a salvamento, começaremos pelas ordens relativas, principalmente, á sua honra e gloria.

Ordenamos mui positivamente que todas as pessoas, de qualquer condicção, que sejam, que respeitem, sirvam e honrem a Deos, observando seos santos mandamentos, protestando nunca estimar, e nem dar cargo algum senão aos que tiverem tão santa e recta intenção.

Ordenamos, que seo santo nome não seja jurado, sob pena de multa para os pobres de França, arbitrada por nós em Conselho conforme a qualidade das pessoas até a terceira vez, e na quarta vez será punido corporalmente conforme a qualidade do blasphemador.

Ordenamos a todas as pessoas, de toda e qualquer qualidade, que honrem e respeitem os Revds. Padres Capuchinhos enviados por Sua Magestade para plantar entre os Indios a Religião Catholica, Apostolica, Romana, sob pena de infringirem nossas ordens, e serem punidos conforme o caso e a offensa ás suas pessoas.

Ordenamos a todos em geral que não embaracem aos ditos Capuchinhos no exercicio da Religião, da Missão e conversão das almas dos Indios, sob pena de morte.

Depois de estabelecermos o que diz respeito principalmente á gloria de Deos nos artigos supra mencionados, vamos determinar agora o que tem relação com a honra do nosso Rei, que muito nos destinguio com a dignidade de seos Locotenentes-generaes para representar aqui sua pessôa.

Ordenamos e prohibimos, que ninguem intente contra nossas pessoas nesta colonia, por meio de parricidios, attentados, traições, monopolios, discursos de proposito para desgostar algumas pessoas, e outras coisas com o mesmo fim, sob pena de serem considerados criminosos de lesamagestade, e como taes condemnados á morte sem esperança de remissão.

Ordenamos e mui expressamente a todos que souberem de tão perniciosas intenções, e maus discursos, que nos revelem immediatamente, sob pena de igual castigo.

Como todos os membros de um corpo não podem existir sem um chefe que os dirija, ordenamos que cumpram todos os seos deveres para comnosco, prestem-nos a obediencia e fidelidade, que nos devem segundo os desejos de Sua Magestade, empregando suas forças e vida em beneficio do estabelecimento desta colonia em todas as occasiões, emprezas, e descubertas necessarias, que se apresentarem, sob pena de serem considerados fracos, e tractados conforme sua infidelidade e desobediencia.

Depois de estabelecido o que diz respeito á honra e serviço do nosso Rei, representado em nossas pessoas, ao bem estar e segurança desta colonia, vamos tractar da conservação dos seos habitantes, da da sociedade, paz, e amisade de uns para com os outros, respeitando-se mutuamente conforme suas condicções e qualidades, desculpando reciprocamente as fraquezas do proximo, como Deos manda, sob pena de serem considerados perturbadores do socego publico.

Ordenamos, que a ordem relativa aos duellos, dada pelo invicto Monarcha, de feliz memoria, Henrique o Grande, nosso Rei defunto, que Deos haja, seja restrictamente observada e obedecida em sua plenitude, jurando nós nunca fazer o contrario quaesquer que sejam as considerações, e nunca perdoar aos infractores, para o que prohibimos mui terminantemente aos Principaes desta localidade, que nunca intercedam a favor dos infractores, sob pena de incorrerem no nosso desagrado, e de passarem pelo vexame de uma negativa.

Ordenamos, que o auctor de qualquer assassinato ou homicidio, não sendo em defesa propria e com provas bem claras, seja punido com a morte para exemplo.

Ordenamos em geral, que as pessoas convencidas de testemunhas falsas contra quem quer seja, serão punidas com o castigo, que deveria soffrer o accusado, conforme o crime.

Ordenamos, que quem quer que fôr encontrado furtando, seja açoitado ao pé da forca pela primeira vez á toque de corneta, servindo alem disto por um anno nas obras publicas, e perdendo nesse tempo todos as dignidades, salarios, e proveitos; pela segunda vez será pendurado e estrangulado. Sendo escravo domesticado será logo enforcado desde o primeiro furto.

Depois de ter estabelecido o que diz respeito á conservação da companhia, pelos costumes, sociedade entre elles, protecção de suas vidas, honra e garantias de seos bens, ordenamos, á bem dos Indios sob nossos cuidados para que cheguem por meios brandos á conhecer nossas leis divinas e humanas, que ninguem os espanque, injurie, ultrage, ou mate sob pena de soffrer o mesmo, que fizer.

Ordenamos que se não commetta adulterio por amor ou violentamente com as mulheres dos Indios sob pena de morte, visto ser a ruina da alma do criminoso, e a desta

colonia, infringindo o mesmo castigo a quem violentar as moças solteiras.

Ordenamos e prohibimos a todos que não pratiquem qualquer acto de deshonestidade com as filhas dos Indios, sob pena, pela primeira vez, de servir o delinquente como escravo na colonia por espaço de um mez, pela segunda de trazer ferros aos pés por dois mezes, e pela terceira vez, trazidos a nossa presença mandaremos infringir o castigo, que fôr justo.

Prohibimos tambem todo e qualquer furto nas roças e n'outros objectos pertencentes aos Indios sob as penas supra-mencionadas.

E para que seja tudo isto firme e valioso para sempre, e ninguem se chame á ignorancia, ordenamos que sejam estas determinações lidas e publicadas á cada uma pessoa, e registradas como leis fundamentaes e inviolaveis na secretaria geral deste Estado e Colonia para serem consultadas quando fôr necessario; em testemunho do que assignamos as presentes ordenações com o nosso proprio punho, e serão subscriptas por um dos nossos Conselheiros, secretarios geraes no Forte de S. Luiz, em Maranhão, no dia de Todos os Santos, 1.º de Novembro do anno da graça de 1612.

Assignados.—*Ravardiere.—Rasilly.*

Pelos meos Senhores,

Abrahão.

Seguiam-se estas palavras.

As presentes Leis e Ordenações supra foram lidas e publicadas de fórma, que ninguem se chame á ignorancia, no referido dia de Todos os Santos, 1.º de Novembro 1612, por mim Conselheiro, secretario e Chanceller geral deste Estado e Colonia, na presença de todos os Francezes para esse fim reunidos junto ao Estandarte de França fincado nesta Ilha, e terra do Brazil, da qual tomaram posse, em

lugar do Rei, os Srs. de la Ravardiere e Rasilly, seos Locotenentes nesta terra, e receberam juramento de fedelidade por si e pelos Indios, prestados nas mãos dos ditos Srs., de viverem e de morrerem em defesa deste Estandarte, em beneficio e conservação desta terra, no serviço de Deos e de Sua Magestade.

Depois de publicadas, foram estas Ordenações registradas e guardadas no archivo geral deste Estado e Colonia para servirem, no futuro, de leis inviolaveis e fundamentaes, e a ellas se recorrer quando necessario fôr.

Feita no Forte de São Luiz em Maranhão, no dia e anno supra mencionado.

Assignado.—*Abrahão.*

Collecionado em original no Archivo geral deste Estado e Colonia Franceza no Brazil, assignado por mim, Conselheiro, secretario, e Archivista geral da mesma, no Forte de S. Luiz, em Maranhão, no ultimo dia de Novembro de 1612.

Abrahão.

CAPITULO XXIX

Petição apresentada pelos Francezes ao Sr. de Rasilly.

Nós abaixo assignados confessamos ter, por mutuo e unanime accordo, pedido desde a nossa chegada á pequena Ilha de Santa Anna em Maranhão, e ainda hoje, ao Sr. de Rasilly, Loco-tenente-general do Rei no Brasil, de regressar á França, não como si fosse esta a primeira viagem para dar conta aos nossos consocios das despezas que adiantaram para os gastos com a equipagem, visto que nem todos esperaram proveito e nem limitaram o despendio; e sim para que, no regresso do Sr. de la Ravardiere, tambem Loco-tenente-general de Sua Magestade á estas terras do Brazil, elle nos mande soccorros de Sacerdotes, de Militares, de Artistas, de mercadorias e do mais que fôr necessario á manutenção da companhia Franceza, devendo o referido Sr. de a Ravardiere juntar tambem generos para agradar aos socios concedendo ao dito Sr. de Rasilly plenos poderes para vendel-os, e com o seo producto serem pagos os Marinheiros, os Officiaes do navio e da Colonia, generos, que lhe pedimos, de receber do Sr. de Manoir para o giro deste paiz, afim de comprarem e de negociarem tudo quanto lhes fôr preciso para o seo embarque e regresso.

Confiando em sua bondade e fidelidade, e de mais satisfeitos com a sua boa e prudente administração para com

todos, ainda mais lhe pedimos, que faça conhecer a Sua Magestade o relatorio desta viagem, e com ella interceda á nosso favor pela nossa conservação e sustentação n'esta terra, jurando rehaver todas as percas, damnos e interesses de quem disser ou escrever coisa alguma em França, que possa, se quer, esfriar a boa vontade de Sua Magestade e de seos subditos para comnosco, tão santa e louvavel empresa, e retardar seo regresso tão importante ás nossas vidas e bens, e á conservação deste paiz sob as ordens de Sua Magestade.

Juramos pela nossa parte dar nossas vidas e as dos nossos amigos para sustentar estas negociações, e defendel-as dos que á ellas se oppoem, conservando-lhe, durante a sua ausencia, toda a fidelidade e amisade, frequencia na Igreja, que nos deixou para o estabelecimento da Fé, boa intelligencia e união entre todos, obediencia e fidelidade ao Sr. de la Ravardiere, seo companheiro, e bom tractamento aos Indios.

Em testemunho da verdade do que deixamos dito, de commum accordo, franca, sincera, e expontaneamente assignamos a presente no Forte de S. Luiz na Ilha do Maranhão, 1.º de Novembro de 1612.

Assignados—*Ravardiere.—Pezieux.—Felisberto de Brichanceau.—Isaac de Rasilly.—Claudio de Rasilly.—Mestre Hardivilliers.—Merousiere.—De la Barre.—Deschamps.—De la Haye.—Grandchamps.—Belleville.—Debourden.—P. Auber.—Du Plessis.—Billaut.—Les-Jardins.—Thomas de Lestre.— Mezerey.— Turquault.— Hausbocq.— Chapperon.—Charon.*

Assignaram em 6 de Novembro de 1612.

CAPITULO XXX

De uma escrava de Japy-açú encontrada em adulterio.

Depois de plantado em Maranhão o Estandarte de França, retiraram-se todos para as suas aldeias.

Passados alguns dias foi *Japy-açú*, Principal da Ilha, convidado para um *Cauin*, ou festa, n'uma aldeia visinha da sua, e quando estava em companhia de outros muitos, seos filhos trouxeram á sua presença uma de suas escrávas bem preza e arrochada contando-lhe como fôra surprehendida em adulterio com um Indio, que fugira.

Japy-açú ja estava bebedo com vinho de Cajú, então no tempo proprio, porem recordando-se do beneficio, que havia feito a esta mulher libertando-a, e sentindo muito a sua ingratidão e deslealdade, no primeiro impeto disse;—*E Yuca* «mate-se.»

Um de seos filhos matou-a, muitos indios, e particularmente muitas velhas esquartejaram seo corpo, e dizem até ter mandado ás escondidas um pedaço para a aldeia de *Carnaupio*.

Sciente *Pira Juua*, um dos mais valentes desta terra, do qus se passara, foi logo para o lugar do assassinato, onde mandou juntar os pedaços do corpo, e lançar nas mattas, reprehendendo asperamente todos os que se mancharam com tal crueldade.

Não querendo Deos a continuação de tão abominaveis crueldades, permittio que ellas chegassem ao nosso conhecimento.

Rapida correo esta noticia, mormente entre os Indios, que se mostraram afflictos receiando o desgosto dos Francezes, como de facto aconteceo a nós todos, especialmente aos Srs. Loco-tenentes-generaes, quando no Forte de S. Luiz lhes contaram.

Si eram zelosos em fazer justiça, tinham tambem a necessaria prudencia para não excitar, e nem fazer coisa alguma desarrasoada no começo de um estabelecimento tão novo, e por isso mandaram buscar immediatamente *Januàre auaété* e *Pira Juca*, ambos indios, bravos e muito amigos dos Francezes, para ouvirem seo parecer a respeito, e elles não menos respeitosos para com os Fráncezes do que estes o foram para com elles rogaram aos ditos Srs., que não se offendessem com a falta commettida por um particular, contra a vontade de todos, jurando que nem elle e nem os seos amigos fariam coisa alguma, que causasse pesar aos Francezes, e embora fosse *Japy-açú* grande personagem por suas façanhas de outr'ora, não lhe assistia por isso o direito de faltar á palavra dada aos Francezes á vista da amisade déstes para com elle, e como faltara á esses deveres, eram de opinião que morresse para servir de exemplo aos outros, trazendo elles seos arcos e flexas para matal-o em sua presença, si n'isso concordassem.

Agradou muito este parecer aos chefes.

Depois da deliberação geral o Sr. de Rasilly chamou os interpretes, e acompanhado por 30 ou 40 Francezes e pelos ditos Indios foi á *Juniparan*.

Foi tambem o Rvd. Padre Arsenio para prestar os auxilios de seo sacerdocio no caso de serem precisos.

Passando pela *Mayoba*, foram á casa de *Jacupary* que foi do mesmo parecer afim de ser punido *Japy-açú*.

Mandou o Sr. de Rasilly avisar os Principaes, e entre outros *Su-açú* e *Itapucusan*, para comparecerem em casa de *Pira Juua* afim de responderem ao que lhes fosse perguntado, porem chegaram muito tarde.

Desde que pela manhã chegou o Sr. de Rasilly com a tropa á *Juniparan*, que o Sr. Des-Vaux por um lado e Migan por outro não cessaram de apregoar aos Indios em alta voz (costume da terra) a atrocidade de *Japy-açú* e a vinda de *Buruuichaue* para punil-a.

Durante este tempo puzeram-se ás ordens do Sr. de Rasilly os indios mais notaveis reprovando todos tal crime.

Com tudo *Japy-açú* não tomou providencia alguma para salvar-se, e recolheo-se á uma casinha, construida para o Padre junto á Capella, e ahi sem o menor receio ficou com sua mulher e filhos.

Depois dos prégões para ahi se dirigio apressadamente o Sr. de Rasilly, e ao som das cornetas cercou a casa com os soldados.

Entrou bruscamente com os interpretes, os ditos indios, e os mais graduados da companhia, e encontrou o criminoso deitado n'uma rede, com muita gravidade, julgando todos tal resolução digna de maravilhosa coragem.

Japy-açú sem tremer e nem abalar-se comprimentou a seo modo o Sr. de Rasilly, dizendo-lhe em sua linguagem: *Eré Iupé?* «Já chegaste?»

Respondeo encolerisado o Sr. de Rasilly:—«Não senhor; quanto és mau!»

Em seguida começou o Sr. Des-Vaux a mostrar-lhe a falta commettida com tal escandalo depois de haver recebido tantos obsequios e favores dos Srs. Loco-tenentes-generaes, a quem devia denunciar o crime da escrava para ser punida,

e nunca elle o fazer, o que só era attribuição dos chefes enviados pelo Rei de França para governal-os.

Japy-açú respondeo por esta fórma:

«Foram os chefes e tú os matadores desta mulher e não eu, porque prevendo eu a violencia do vinho de Cajú, tinha resolvido ir a *Tabucuru*[1] construir uma canôa, e lá demorar-me em quanto durassem essas festas receiando não commetter algum desproposito, porem vós todos me fizestes demorar nesta Ilha para plantar o Estandarte da França, o que feito, regressando para cá, instaram commigo para comparecer á uma reunião, onde bem esforços empreguei para não me achar.

«Trouxeram-me essa mulher, que eu havia libertado e tomado para minha mulher, e informaram-me haver sido encontrada em adulterio com um indio, infringindo assim a Lei do nosso paiz, e por isso mandei matal-a.

«Dei esta ordem encolerisado e fóra do uso da razão por causa do vinho, que eu tinha bebido.

«Alem disso, ouvi muitas vezes dizerem os Francezes ser-lhes licito em sua terra matar as mulheres quando em adulterio.»

Note-se o escandalo d'esta doutrina má dos Francezes, derramada entre esses pobres indios, porque Deos não permitte a um marido matar sua mulher, por authoridade propria, e sem peccado mortal. *Japy-açú* reconheceo depois sua culpa.

«Sei que fiz mal, continuou elle, porque eu devia levar o facto ao conhecimento dos chefes, e delles esperar a punição.

«Mais por esta falta desejam os chefes desautorisar-me do meo cargo de Principal e despir-me a farda que me deram?

---

[1] Itapicuru-rio.

«À mim, que ha 30 annos não tenho feito outra coisa senão sustentar os Francezes por aqui, e com muita coragem e eloquencia conter os Indios n'esta Ilha afim de não abandonarem a terra, como por certo o fariam se cá não estivesse eu, com receio dos *Peros?*

«Parece-me, que estas considerações e os meos serviços em diversas batalhas são sufficientes para eu ser perdoado, e se não poder ser tirem-me a vida antes do que a honra, porque nunca recebi affronta de pessoa alguma e antes quero morrer do que recebel-a.

«Si fôr perdoado, ainda com mais exforço empregar-me-hei em serviço dos Francezes, e repararei a falta commettida.

«Si se receia que meo crime acoroçôe os indios a commetterem outros iguaes, desde ja prometto matar, se me fôr permittido, o que o praticar d'aqui em diante.»

Acabando de pronunciar estas palavras voltou-se para *Pira Juua* e lhe disse:—não tinhas precisão de trazer aqui tanta gente.

Replicou-lhe o outro:—sempre estarei ao lado dos Francezes contra quem quer que seja, ou onde me queiram mandar.

O Sr. Des-Vaux e Migan disseram ao Sr. de Rasilly parecerem-lhe dignas de consideração as razões de *Japy-açú,* mas que se sujeitavam á sua decisão.

Sahiram todos da casa para melhor conferenciarem e decedirem á respeito das razões apresentadas por *Japy-açu* em sua defesa.

Ouvindo os Principaes ahi presentes, julgou-se serem perdoados *Japy-açu* e seo Filho por mui valiosas razões, mas para elle melhor apreciar o perdão, decidio-se que elle o implorasse do Padre, afim de dever-lhe esse obsequio, e fazer-se sobresahir mais o merecimento do mesmo Padre.

Japy-açu pedio com instancia ao Padre, que do Sr. de Rasilly obtivesse tal graça, o que elle fez e conseguio, em presença dos Francezes e dos Indios.

Com indisivel contentamento *Japy-açu*, bem como sua Familia, ahi em grande susto, recebeo o perdão.

Feito isto, retirou-se o Sr. de Rasilly, e mandou o Sr. Des-Vaux á *Carnaupio* para reprehender a *Marcoia-Pero* por ter trazido para a sua casa alguns pedaços do corpo desta mulher, e como castigo tiraram d'ahi os Francezes os Srs. de Saunay e Chavagnes, seos hospedes, o que é para elles grande affronta, e foram mandados para *Urapiran* em companhia dos Principaes desse lugar, vindos d'ahi por ordem do Sr. de Rasilly contra *Japy-açu*.

Eis o facto mais notavel da nossa viagem até o presente.

CAPITULO XXXI

Descripção da Ilha do Maranhão. [1]

Antes de fallarmos dos costumes dos povos do Maranhão e suas circumvizinhanças creio, que devo fazer em primeiro lugar a descripção da dita Ilha, mormente quando nem a mencionam os geographos, que escreveram sobre o Brazil, e apenas tractam de um rio com esse nome, o qual não se encontra em todo o paiz, a não tomarem elles a enseada ou bahia do Maranhão por esse rio, ou por alguns outros, que n'ella desembocam.

Não ha razão, pois cada rio tem o seo nome proprio como diremos ainda, e alem disso com tal nome não conhecem os Indios rio algum na sua terra, e sim uma Ilha, a que chamam—Ilha Grande do Maranhão—para differençal-a de outras pequenas, que existem por ahi algures.

Tem esta bahia mais de 25 legoas de largura de ponta a ponta, e umas 25 de diametro: está situada proxima ao centro do Cabo das Tartarugas, e na fóz do grande rio das Amazonas, distantes estes pontos um do outro algumas 225 legoas da costa do mar.

---

[1] Vide esta e outras indicações no nosso *Diccionario Historico e Geographico do Maranhão.*

No principio da fóz desta grande bahia para Este, proxima ao Cabo das Arvores Seccas, encontra-se uma pequena com duas ou tres legoas de circumferencia, chamada pelos Francezes—*Ilhazinha*, e depois que ahi chegamos e a abençoamos, demos-lhe o nome de—*Ilha de Santa Anna*, como já disse.

Na distancia de 12 legoas da Ilha de Santa Anna, ha outra chamada—*Ilha Grande do Maranhão*, tendo bem 45 legoas de circumferencia. Está a 2 ½ graus de elevação da linha equinoccial do lado do polo antarctico.

Desembocam nesta bahia tres bonitos rios, que vem por terras firmes até a frente da dita Ilha grande, que é cercada de mar por espaço de 5 ou 6 legoas por um lado, e 2 ou 3 por outro, e em outros lugares mais ou menos.

O primeiro rio do lado de Este chama-se *Munim*, tendo meio quarto de legoa de largura, e sua foz na distancia de 40 a 50 legoas de sua nascente.

O segundo, que está no centro, chama-se *Tabucuru*, tendo na sua foz meia legoa, e de curso 400 a 500 legoas.

O terceiro, a Oeste, abaixo dos antecedentes, chama-se *Miary:* tem na sua foz 6 a 7 legoas de largura, e sua nascente no Tropico de Capricornio, caminhando muitos outros em sentido parallelo a este até a Maranhão.

Ha outro rio chamado *Maracu*, que se confunde no *Pinaré*, e este se mistura com o do *Miary* na distancia de 70 a 80 legoas acima da sua fóz: mais acima ha outro chamado *Uaicup*,[1] que vem dos mattos lançar-se no *Miary*.

Eis a razão de ser muito volumoso o rio *Miary* e mui rapido na sua foz, como acontece na foz do *Tabucuru*, que

[1] Grajahu-rio.

é metade, senão mais, estreita do que a do *Miary*, tendo dois rochedos ahi, que o fazem mais estreito do que é realmente em outros lugares, pelo que é ahi muito violento o fluxo e o refluxo do mar.

Tudo isto concorre para fortalecer muito a Ilha Grande do Maranhão, alem dos bancos, e recifes semeiados por todos os lados, e especialmente na fóz da bahia, os quaes a fazem inacessivel não só aos que não são bons Pilotos, ou não adqueriram experiencia do canal pela pratica de muitas viagens, mas tambem a tornam de impossivel entrada, a menos que não sejam os navegantes soccorridos pela intelligencia dos moradores do interior dessa mesma bahia.

Esta Ilha é a chave de todo o paiz, porque tem mais de 400 legoas de costa, e por ellas não se póde chegar á terra firme, e nem ás nações, que a habitam.

Alem do *Cabo das Tartarugas* até ao das *arvores seccas*, todo esse espaço é formado de bancos e recifes, que entram pelo mar á dentro algumas vezes 4 á 5 legoas, e até a 6, 7, 8 e 10 legoas, de maneira que ninguem póde aproximar-se de terra nem embarcado, nem á nado, e nem a pé.

São tambem areias, bancos e recifes o que existe entre os dois Cabos da bahia desta Ilha, e se não houver grande experiencia das duas unicas passagens, ahi existentes, não ha homem por mais destimido, que seja, que se atreva a passar por esse lugar.

Tudo isto concorre para mais exaltar a coragem dos Maranhenses, pois vendo-se em lugar de tanta segurança, e por tanto mais fortes, fazem guerra aos outros, sem que ninguem se atreva a atacal-os.

Por outro lado desde o *Cabo de Tapuytapera*, proximo ao Maranhão, até o rio das Amasonas, ha tantas Ilhas ao longo da costa, que é impossivel por ahi chegar-se á terra firme, alem de estarem carregadas de certas arvores cha-

madas *Mangues*, que de seos galhos deitam muitos renovos ou ólhos, os quaes se estendem para baixo, tocam a terra e criam raizes, donde se formam outras arvores, que fazem igual curso.

A criação e crescimento destas arvores fazem com que se entrelacem muito umas nas outras, bem como suas raizes tambem, de fórma que se póde dizer haver em todas estas Ilhas uma só arvore e uma só raiz.

Quando não houvesse outra coisa mais, bastava só isto para tornal-a inacessivel, e só vendo é—que se póde imaginar.

Ninguem póde atravessar estas trincheiras, collocadas por Deos e pela naturesa ao redor deste paiz, menos o espirito unico, que póde passar e penetrar todas as coisas sem ser embaraçado por corpo algum, ou então algum passaro, que póde voando passar por cima.

O ingresso ainda é mais dificil nas Ilhas pequenas, e debaixo dos mangues, pois ahi só existem corôas e areias movediças, e n'ellas fica-se cuberto até a cintura ou até o alto da cabeça, e uma vez enterrado n'ellas não ha poder algum capaz de saffar o sujeito de taes coroas.

A maré ou o reflexo do mar cobre todos os dias, duas vezes, todas estas coroas e areias, e passa por cima das raizes dos mangues, erguidos alem da superficie da terra em muitos lugares como se fossem muralhas altas.

Se alguem pretender entrar d'este paiz, e quizer ir para a terra firme, convem entrar primeiro na Ilha grande do Maranhão, chave e entrada do paiz, porque d'ahi póde ir em canôas ou cascos até a fóz dos rios no fundo da bahia, depois ganhar a terra firme, e seguir para onde lhe aprouver.

Para chegar á Ilha grande, só existem duas entradas, uma entre o *Cabo das arvores seccas*, e a Ilhazinha de

Santa Anna, a qual embora muito conhecida dos navegantes, nem todos se atrevem a guiar um navio, e nem os proprios Pilotos, ainda os mais experientes, o fazem com certesa ou pleno conhecimento.

Vi marinheiros muitos velhos, ja depois de terem feito 9 ou 10 viagens, tremerem 15 dias antes da viagem, a qua só póde chegar até á *Ilha de Santa Anna*, onde ficam os navios, e d'ahi se vae á *Ilha grande* em pequenas embarcações.

Por outro lado podem entrar navios de 1:000 á 1:200 toneladas e chegar até ao pé do Forte da *Ilha grande*, porem ainda o caminho não é muito conhecido, e é bem difficil.

Ja se vê, que é tolice o pensar expellir-se os Francezes destes lugares, quando n'elles bem estabelecidos, e querer fazer acreditar isto, alem de procurar rebaixar assim a coragem d'elles, e exaltar muito o valor e valentia dos contrarios, é pura malicia, senão temeridade, a menos que não se seja cego.

Os que viram a posição desta Ilha, e que por experiencia propria conhecem a difficuldade de suas entradas não partilham tal pensamento, gerado sem duvida n'algum espirito timido.

CAPITULO XXXII

Das aldeias existentes na Ilha do Maranhão, e os nomes dos seus Principaes.

Desejaria para satisfação do leitor, após a descripção da *Ilha grande* do Maranhão, descrevêr todas as aldeias n'ella existentes, com os nomes de todos os Principaes, e a significação delles.

É para notar-se em primeiro lugar, que as suas aldeias não são como as nossas, e muito menos como cidades bem edificadas, cercadas de trincheiras, de baluartes e de fossos, onde se encontram bellas casas, ricos edificios, soberbos palacios e castellos invenciveis.

Suas aldeias, a que chamão Oc ou *Taue* em sua linguagem, não passão de quatro casas, feitas de paus grossos, ou de estacas, cubertas de cima até abaixo de folhas da palmeira chamada *Pindo*, (Pindoba) que se encontra em grande abundancia nos bosques e florestas, e bem dispostas, ou arranjadas na casa, resistem muito á chuva.

Tem estas casas 26 a 30 pés de largura, e 200, 300, 400, ou 500 de cumprimento, conforme o numero de seus habitantes.

São arrumadas em forma de claustro, isto é, em quadrado como a Praça Real de Pariz, havendo no meio uma praça, grande e bonita.

As quatro casas assim dispostas, com a praça no centro, formão uma aldeia, e como estas, umas maiores e outras menores, existem 27 em toda a Ilha do Maranhão.

Não comprehendo neste numero o Forte de S. Luiz n'uma bonita praça na ponta de um rochedo inacessivel, batido constantemente pelo mar, e de que ja fallei no capitulo X, pois somente quero mencionar as aldeias, que encontramos na nossa chegada á *Ilha grande.*

Está a primeira aldeia na ponta de terra visinha ao lugar de desembarque na *Ilha grande*, vindo da *Ilhazinha de Sant'Anna:* chama-se *Timbohu*, nome significativo da raiz de uma certa arvore chamada *Euue*, que serve para embriagar peixes.

Tem esta aldeia dois Principaes—*Uäruma—Uäçu*, nome da arvore e dos ramos, com que fazem os crivos para passar ou peneirar a farinha. Chama-se o outro *Säuçu a kan* «cabeca de corça.»

Chama-se a segunda aldeia *Ita-pary*, isto é, «tapada, curral, ou cambôa de peixe,» porque ahi existem dois ou tres bons curraes destes. Tem tambem dois Principaes, um chamado *Metarapua,* isto é, «pedra branca», que costumão a trazer embutida no beiço. É um bom Indio, muito amigo dos Francezes, que de ordinario o chamão pelo nome de caranguejo. Chama-se o segundo—*Auati*—ou «milho negro.»

A terceira aldeia é a *Carnaupio*, nome derivado da arvore *Carnau.* Tem dois Principaes, chama-se o primeiro *Marcoia-Pero*, nome derivado da casca de um fructo amargoso chamado *Morgoyaiie,* e o segundo *Araruçuay,* que significa «Cauda de Arara,» passaro vermelho, misturado com outras côres.

Chama-se a quarta *Euayne* «agua velha, ou agua turva.» Tambem tem dois Principaes, *Uyra-Uassupinim* passaro

grande e caçador, enfeitado de diversas cores, e o outro *Jereuusu*, nome de certa ave.

A quinta aldeia é *Itaendaue* «largo de pedra.» Chama-se o Principal—*Uaygnon-mondeuue*, «lugar onde se apanhão pedras azues.»

Chama-se a sexta—*Araçuy-Ieuue*, isto é, o bonito passaro que tem tal nome. O Principal tem o nome de *Tamano*, isto é, «Pedra morta.»

Chama-se a septima *Pindotuue*, em vez de *Pindo*, que são as folhas das Palmeiras, com que cobrem suas casas. Os seus habitantes estão agora com os de *Carnupio*, tendo por Principal *Margoya Pero*, que significa a casca amargosa de um fructo com tal nome.

A oitava aldeia chamada *Uatimbup* «raiz de Timbó.» Chama-se o seu Principal *Uyrapouitan* «Brazil»: é um grande guerreiro, muito amigo dos Francezes. Esta aldeia é visinha do *Juniparan*.

A nova aldeia, a maior e mais saliente de todas, chama-se *Juniparan*, que significa *Genipapo* amargo, fructo mui amargo quando não está maduro. Chama-se seo Principal *Japy-Uaçu*, ou simplesmente *Japy-açu*, isto é, um passarinho mosqueado de varias cores, um dos mais raros e mais bonitos da India.

É o primeiro e o maior *Boruuichauê*, não só desta aldeia, mas tambem de toda a *Ilha grande*. Alem deste, ainda ahi existem quatro Principaes a saber. *Jacoupen*, que significa Faisão; *Tatá-açu* «Fogo grande»: *Tecuare-Ubuih* «maré de sangue»: *Pacquarabehu* «barriga de uma paca cheia d'agua.»

Chama-se a decima *Toroiépéep*, isto é, «Calçado.» Ha dois Principaes nesta Ilha, um chamado *Pera-Yuua* «braço de peixe» e outro *Auapaam*, isto é, «homem que não sabe atravessar.»

A undecima chama-se *Jauuarem* «cão fedorento». Tem dois Principaes, um chamado *Urubú-anpan* «Corvo inchado,» e outro *Taycuiu,* nome derivado de um passarinho.

A duodecima é conhecida por *Uarapiran* «cova vermelha.» Tem por Principal *Itapucusan*, que significa grilheta ou ferro com que se prendem os pés.

Chama-se a decima terceira *Coyieup,* isto é «uma cabaça, que serve de prato.» Tem dois Principaes, um chamado *Mutin* «missanga branca,» e o outro, seo irmão, *Ouyra-uaçu,* que significa o olho de um passaro grande.

A decima-quarta chama-se *Eussauap,* isto é, «lugar onde se come carangueijos.» É uma das maiores aldeias da Ilha, e onde ha quatro Principaes. Chama-se o primeiro *Tatu-açu* «*Tatu* grande» o segundo umas vezes *Coras-açu,* «Pescoço cumprido», e outras *Mauary-açu*, nome tirado de um grande passaro branco, o terceiro *Tayaçu* «o javali,» o quarto *Tapyyre-éuire* «coxa de vaca.»

A decima quinta chama-se *Maracana pisip,* nome derivado da ave grande Maracana. Tem tres principaes, sendo o primeiro *Terere* «nome», o segundo *Aiuru-Uaçu* «papagaio grande», o terceiro *Uara-aubuyh* «passaro azul.»

Chamam-se:

A decima sexta *Taperuçu* aldeia grande e velha, e o seo Principal é *Quatiare Uçu* «carta ou letra grande.»

A decima setima *Toroupé* «a beberagem.» Tem dois Principaes, um chamado *Uirapappeup* «arco chato,» e o outro *Caraiiata-uáre* «comedor de *Caraiiata.*»

A decima oitava *Aketeuue* «praça de peixe.» É seo Principal *Tupy-açu*, nome derivado da cinta, em que, presa ao pescoço, trazem seos filhos.

A decima nona *Caranauue* «Palmeira,» e o seo Principal *Boyy* «cobrazinha.»

A vigessima *Ieuirée*, (os Francezes chamam-na *Yuiret*, «pernas finas,» e o seo Principal *Canua-açu* «tinctura.»

A vigessima primeira *Eucatu* «agoa boa,» e o seo Principal *Janudre-auaéte*, «Onça feroz, ou o Cão grande,» bom indio e muito amigo dos Francezes.

A vigessima segunda *Jeuireé*, a pequena, e os seos Principaes são *Canua-miry* «tinctura pequena,» e *Euuaiuantin* «fructo picante.»

A vigessima terceira *Ury-Uaçueupé*, «lugar onde existem *Machorans*,» que são peixes assim chamados, e o seo Principal *Ambua-açu*, nome derivado de uma especie de baga, que tem um pé de comprimento.

A vigessima quarta *Mayue* ou Maioba «nome de certas folhas de arvores muito compridas e largas.» Tem dois Principaes, um *Jacuparin* «Faisão adunco,» e o outro *Jauantin* «Cachorro branco.»

A vigessima quinta *Pacury-euue* «arvore de *Bacury*, e o seo Principal *Taiapuan* «raiz grossa.»

A vigessima sexta *Euapar* «agoa torcida,» e o seo Principal *Tokay-açu* «galinheiro grande.»

A vigessima setima *Meurotỹ-euue* «Cacete ou a arvore da Palmeira,» e o seo Principal *Conronron-açu* «grando roucador.»

Eis as principaes aldeias de indios nesta Ilha. Contão algumas 200 a 300 habitantes, e outras 500 a 600, ora mais ora menos, e em toda a Ilha existem 10:000 a 10:200 almas.

CAPITULO XXXIII

Aldeias principaes de Tapuytapera.

Tapuytapera é outra residencia de indios na terra firme proxima a Ilha grande do Maranhão, do lado de Oeste, facilmente vista do Forte de S. Luiz, e delle separada por tres ou quatro legoas de mar.

Não é Ilha como o Maranhão, e sim continente em terra firme, porque nem sempre é cercada por agoa. Do lado do Maranhão é batida constantemente por mar, e por elle cercada nas agoas grandes, mas quando estas desapparecem, fica só o mar no lado ja dito, e o resto é terra firme ou areia que se passa a pé enchuto.

O principio desta terra forma o cabo da bahia do Maranhão, do lado de Oeste, conhecido pelo nome de *Cabo de Tapuytapera,* e vai continuando, como praia e costa, até o fundo da dita bahia em direcção á Maranhão.

Tapuytapera não é tão forte como o Maranhão, porem, mais agradavel, rico, e fertil.

Por ahi existem 15 a 20 aldeias: vou mencionar as melhores e mais celebres com os nomes dos Principaes ou Chefes e suas significações.

Chamam-se assim:

A primeira e a mais notavel *Tapuytapera,* e este nome, que estende-se a toda a Provincia, significa a antiga morada dos *Tapuias* ou Cabellos-compridos Tem dois Chefes *Auattion* «milho negro,» e *Cay-açu* «macaco ou macaca grande.»

A segunda *Sery-ieu* «carangueijo chato,» que é uma especie de carangueijo do mar. Tem dois Principaes *Araraeu* «carangueijo pequeno,» e *Uira-eubucu* «arvore comprida.»

A terceira *Jeneupa-eupé* «Genipapo.» Tem dois Principaes *Uira-eubucu* «arvore comprida,» e *Suaçu-Caë* «Viado assado.»

A quarta *Meureutieupé* «Palmeira,» e o seo Principal *Cauin ague* «metade vinho.»

A quinta *Caaguire* «sombra de arvores,» e os seos Principaes *Seruéué,* «nome derivado de um passaro, que carrega seo filho pelo ar,» e *Anattion* «milho negro.»

A sexta *Pindotuue,* «largo das Pindovas,» e o seo Principal *Ruronbeuue* «arvore de espinhos.»

A setima *Aruеupe* «largo dos sapos,» e o seo Principal *Uyrayue Açu* «passaro velho.»

A oitava *Tapuy-tiningue* «cabello comprido e secco,» e o seo Principal *Ita-ongua,* «pilão de pedra.»

A nona *Eugare lé quytyaue* «lugar onde se arrastam as canôas,» e o seo Principal *Uytin* «farinha branca.»

A decima *Orobutin-euguaue* «lugar onde o Corvo vae beber,» e seo Principal *Çuaçu-Caë* «Viado assado.»

É maior que o das aldeias do Maranhão o numero dos habitantes destas.

CAPITULO XXXIV

Aldeias Principaes de Commã.

Alem de Tapuytapera, para Oeste ha um rio chamado *Commã.*

As terras adjacentes ou visinhas são muito boas, e bonitas, ferteis e abundantes muito mais do que as da *Ilha grande do Maranhão.*

Alli existe uma malóca de Indios da mesma Nação dos da *Ilha grande* e de Tapuytapera, e alem desta mais umas 15 ou 20 aldeias; cujos nomes e seos Principaes são os seguintes.

Chamão-se:

A primeira, e a principal aldeia *Commã*, que é tambem nome do rio e da terra, e que significa «lugar para pescar peixe,» e o seu Principal *Itaoc-miry* «casinha de pedra.»

A segunda *Ianuacuare* «toca de cão» e o seu Principal *Maychuare*, «nome derivado de uma arvore.

A terceira *Tauapiap* «aldeia escondida,» e o seu Principal *Cauare* «bebedor de vinhos.»

A quarta *Couy Ieup* «Cabaça preparada», e o seu Principal *Ingarabuy* «cantor azul».

A quinta *Aruypé* «lago,» e os seus Principaes *Tamanduay* «Elephante», è *Jura-euta-uaçu* «paus grandes de um bofete.»

A sexta *Taeuaio* «Fructa negra», e o seu Principal *Maracapu* «som de uma trombeta.»

A septima *Pacuripanam* «Folhas de Bacury,» e o seu Principal *Cayaeuue*, nome derivado de uma arvore assim chamada.

A oitava *Auayeuue* «Arvore aquatica,» e o seu Principal. *Tucoma uaçu*, nome de um fructa.

A nona *Maëcan* «frente de alguma coisa,» e o seu Principal *Uyrapar-açu* «arco grande.»

A decima *Curemaëta* «rio dos Curemans, entrada do rio *Commã*, e o seu Principal *Bahureapar* «copo torto.»

A undecima *Yapyeuue* «arvore do passaro», e o seu Principal *Uiraruantin* «arvore branca.»

Todas estas aldeias são mais povoadas, que as da Ilha grande do Maranhão, e todas alliadas e amigas dos Indios de Tapuytapera e da dita Ilha grande, como se fossem uma só Nação, e unidas para guerrearem as suas inimigas.

Desde *Commã* até *Cayté*, proximo ao rio grande do *Pará*, a Oeste, na distancia de 80 leguas ou mais do Maranhão, existem ainda muitas aldeias de Indios *Tupinambás*, que habitão na terra firme junto as margens *de rios e das costas do mar*.

Cayeté [1] é tambem residencia de *Tupinambás*, e por ahi existem algumas 20 ou 24 aldeias, mui povoadas.

Dizem existir, alem do rio das Amazonas, muitas aldeias de Indios da mesma Nação dos da Ilha grande, de *Tapuytapera* e de *Commã*, fallando a mesma lingua, vivendo da mesma maneira, negociando com os Francezes, de quem são amigos e alliados como acontece em Maranhão, e n'outros lugares habitados por seus semelhantes.

---

[1] Cayete. Hoje Bragança.

São as outras terras habitadas ora por *Tapuyas*, ora por *Tabajares, Tremembés,* [1] *Pacajares, Iurapupiares, d'Uyanans, d'Aracuys*, por outras tribus errantes e diversas nações, que morão n'essas terras, muito agradaveis pela sua temperatura, bondade, belleza, como se verá adiante.

Teremembés. Estes indignas são de raça differente da dos Tupis.

Habitavam as praias do Norte desde a fóz do Jaguaribe ou Mossoró até o Gurupy, menos a serra de Ibiapaba e a Ilha grande do Maranhão, de que se apossaram os Tupinambás.

Pensam alguns auctores, que elles habitavam tambem o territorio do Ceará até o *Camucy* ou até a *ponta do Mucuripe* e a fóz do Jaguaribe e Mossoró.

Eram habeis nadadores.

Todas estas denominações pertenciam a tribus de indios, que fugiram do Sul buscando evitar a perseguição dos colonisadores.

CAPITULO XXXV

Temperatura do Brazil, e particularmente do Maranhão.

Embora o sol faça seo giro diario, ordinariamente em 24 horas, comtudo movendo-se continuamente em roda do Zodiaco, elle varia seu giro, seo Oriente, e seu Occidente, tornando-se irregular, ora para um lado ora para outro, ora para baixo ora para cima, umas vezes alem da linha para o Polo antarctico, outras vezes debaixo da linha, e depois para o nosso Polo Arctico, demorando-se perfeitamente entre seus imites naturaes dos dois Tropicos, sem nunca ultrapassal-os.

Sempre pensarão os Physicos e Naturalistas, que a temperatura ou a má constituição das regiões forma os seus diversos aspectos, e que são differentes os climas conforme a diversidade das partes celestes mais ou menos remotas da passagem do Sol.

Elles tambem dividirão a esphera elementar em tantas partes quantas os Astronomos dividirão a celeste, correspondendo cada uma das partes d'aquella á temperatura de cada uma das partes d'esta.

Não tem os Ceos temperatura alguma, visto serem corpos simples, e por tanto sem qualidades elementares, mais debaixo do ponto de vista de cada uma destas partes celestes, é a Região temperada ou não, e assim se lhe attribuem taes qualidades.

Existem pois cinco regiões diversas na esphera elementar, bem como ha cinco partes na esphera celeste, divididas por quatro principaes circulos parallelos, isto é, pelos dois Tropicos, pelos dois circulos polares, entre os quaes cada uma das ditas partes, da largura de uma cinta, abraça essa esphera, pelo que os astronomos as chamão *Zonas,* que quer dizer «cintas ou cinturas», assim como os Geographos chamão as cinco partes da terra «Plagas», usando indifferentemente da palavra *Zona,* tanto para cada uma das ditas partes da terra, como para as do Ceo.

Destas cinco zonas ha duas temperadas: as primeiras são desde os dois circulos polares até os dois tropicaes, e misturadas de cálor e de frio.

Temperiem dedit mixta cum frigore flamma.

As outras não são temperadas ou pelo frio excessivo, como a zona austral ou septentrional,

Nix tenet alta duas,

ou pelo excessivo calor do Sol, como acontece na zona torrida.....*corrusco.*

Semper sole rubens, et torrida semper ab igne est.

Como o calor é proveniente dos raios do Sol, segue-se que tanto maior é o calor, quanto mais violenta é a reverberação, e que esta é tanto mais violenta, quanto são perpendiculares os raios do Sol, visto ser neste caso maior a reverberação.

São estas as causas de haverem nas duas zonas polares sempre frio intenso, gelo e neve perpetuamente, tempo triste e obscuro e nenhum calor porque os raios do Sol sendo parallelos á superficie destas duas regiões, não pode haver reverberação alguma, como ha nas duas zonas temperadas, onde os raios solares dardejão ao menos obliquamente, e são tanto mais quentes quanto mais proximos dos dois Tropicos, e em linha recta deste olho do Universo.

Ora o sol passeia continuamente entre a zona tórrida desde um Tropico até outro, como si fosse sua morada eterna e seu magnifico Palacio, d'ahi olha seus subditos directamente e de frente, sendo seos raios perpendiculares e orthogonos, e a reverberação em cheio, por isso deve ser grande e até excessivo o calor, como sempre pensaram, e ainda hoje pensam muitos auctores notaveis, dizendo

Non est habitabilis æstu,

sendo insupportavel o calor, só com muita difficuldade ahi se pode habitar.

Mas, por mercê de Deos, vimos o contrario na *Ilha do Maranhão,* e terras adjacentes ao Brasil, debaixo da zona tórrida e dois graus e meio, pouco mais ou menos distantes da linha equinoccial do lado de Capricornio.

Na verdade o sol ahi passando duas vezes pelo seo zenith, o calor seria insupportavel, si não fosse pela incomprehensivel Providencia de Deos temperada por meios mui maravilhosos.

Si a boa temperatura de uma Região ou clima só depende da pureza e moderação do ar, não julgo (talvez alguem pense ser paradoxo) lugar mais temperado e delicioso do que este.

Em primeiro lugar não pode desejar-se ar mais puro e mais sereno do que o que ahi reina ordinariamente.

Os elementos são por natureza puros e limpos, e si se corrompem, não é este facto devido á elles, e sim a quaesquer accidentes, provenientes de causas estranhas.

O que é porem, que pode causar mais a alteração, impureza ou corrupção do ar, do que a contrariedade de suas quatro primeiras qualidades: frio, calor, seccura e humidade e a mistura de divessos meteóros, ou as exhalações, más de corpos infeccionados?

Livre esta terra de todos os excessos destas primeiras qualidades, o frio sempre está temperado com o calor, e a seccura sempre tem a conveniente humidade.

Nunca ahi se vê saraiva e nem os feios nevoeiros, que aqui se observam, e nem tereis necessidade de tapar as ventas por causa de alguma infecção.

Nunca ahi vereis soprar tantas especies de ventos, nem grandes tempestades e borrascas, que confundem os elementos, escurecem o Ceo, e parecem pelo seo ribombo querer arrancar montanhas e derrubar rochedos.

Não ha neve, nem tempestades e nem furacões, raras vezes trovões, e somente muitos durante a estação invernosa.

Com as ventanias apparecem muitas vezes, á tarde e a noite, relampagos, embora esteja o tempo sereno, e como o ar é puro e temperado não se podem formar nuvens espessas, e por isso aos relampagos não acompanham raios e nem trovões.

Muitas vezes vemos aqui extraordinarias impressões no ar, annunciadoras de grandes tempestades; a terra fica cheia ou cuberta de vapores fétidos, e de exhalações pútridas, que se desprendem do seo seio, e espalham-se abundantemente no ar, que assim fica alterado e corrompido, dando causa á formação de tantas qualidades de meteóros, e por isso (como observam os Physicos) tem chovido ratos, rans, vermes, lã, sangue, leite, e outras coisas horriveis.

Donde vem, pergunto eu, todos estes prodigios na atmosphera sinão da grande impuresa da terra e do ar? Ora isto tudo não se vê no Brazil, e nem se póde formar visto o ardor do Sol não permittir grandes agglomerações de vapores e de exhalações, como acontece em toda a zona tórrida, mormente estando o Brazil bem debaixo do Sol, porque são todas ellas consummidas pelo calor, ahi constante, e que

faz o ar mais puro e sereno, como aqui vemos nos mais bellos dias de Estio.

Quando o Sol deixa Guiné á E'ste para vir ao Brazil a Oeste, vence a grande travessia de mar entre esses dois paizes, donde bebe vapores puros e limpos, que o temperam admiravelmente, e por isso é o Brazil tanto mais sam e temperado quanto Guiné é doentia e cheia de vapores impuros.

Ao contrario o Sol girando do Oriente para o Occidente atravessa muitas terras, pela maior parte seccas e arenosas, passa a Africa, que abrange toda a Arabia feliz, a Barbaria e Guiné, em sua maioria habitação ordinaria de animaes ferozes, e de serpentes venenosas.

Proxima está a Ethiopia sem mares e sem rios, onde é insuportavel o calor do Sol; ahi grande massa de perigosos vapores está contida entre o ardor do Sol e a maior reverberação de seos raios, que cahem perpendicularmente sobre esta terra secca e arenosa, corrompendo e infeccionando de tal sorte o ar, que torna este paiz muito intemperado e doentio, sujeito á muitas molestias pestilenciaes e contagiosas, tanto que os que navegam pelo mar proximo ás costas de Guiné são sujeitos a ella, e são quasi sempre victimas, como ja disse.

No Brazil não ha animaes ferozes, e nem serpentes venenosas, para infeccionar a terra e corromper o ar, formando vapores maus e perigosas exhalações.

Ahi não são venenosos os Crocodilos, as Serpentes, as Cobras, os Sapos, etc. etc., e até servem de bom alimento como direi depois. [1]

Tudo isto demonstra a grande puresa e temperatura do ar, em primeiro lugar por não ser corrompido por causas

[1] Não é verdade. Ha muita exageração, ou deu-se grande e incrivel mudança na naturesa destes animaes.

externas, e em segundo lugar, porque ahi a maior parte dos animaes, aqui existentes, não tem veneno.

Em segundo lugar, alem de ser muito puro o ar neste paiz, é tambem muito moderado, ja pela frescura do mar, que o cerca, reforçada por boas fontes, regatos e rios, tão grandes, que chegam a ter 500, 800 e mil legoas de curso, e 6, 10, 20, 30, 40, 60, e 80 legoas de largura em muitos lugares, regando a terra de um e outro lado, refrescando os animaes, moderando o ar por seos vapores puros, e suavisando muito o ardor do Sol durante o dia.

Alem disto, como o Soi se deita quasi sempre em angulo recto, ou um pouco obliquo, como si fosse recta a sua esphera, nunca ahi se observam crepusculos nem á tarde e nem pela manhã, porque cahindo o Sol de cima do vósso horisonte como se cahisse n'um precipicio, apparece logo noite profunda.

Occultando-se o Sol na profundidade da terra, acha-se muito longe e como que em lugar opposto a este paiz inteiramente encuberto e occulto, no meio da sombra e da expessa e tenebrosa capacidade da grande massa do globo terrestre, não podendo aproximar-se desse hemispherio um só dos seos raios.

A frescura da noite, dos rios, e dos regatos gira no ar entre os vapores pelo sol espalhados ahi durante o dia e ainda após seo Occaso, e logo que elles sentem a frescura tanto da noite como do mar, de seos rios e regatos, condensam-se tanto mais depressa quanto são mais subtis, e si transformam immediatamente em abundantes e frescos orvalhos, que regam e refrescam toda essa região, tornando as noites bellas e serenas, agradaveis e deliciosas o quanto é possivel desejar-se.

Quando levanta-se o Sol, estes orvalhos assim frescos, e toda essa região modificada por esta fórma, concorrem muito

para moderar e suavisar as reverberações e ardores do Sol.

Alem disto a Providencia Divina, que tudo dispõe com suavidade e doçura modifica por meios engenhosos os ardores do Sol em todo este paiz.

Caminhando o Sol do Tropico de Capricornio para o de Cancer manda adiante de si chuvas, que principiam seis semanas, pouco mais ou menos, antes delle achar-se na linha vertical, e continuam por dois mezes e meio depois de haver passado pelo Zenith.

Vê-se, que duram estas chuvas por quatro a quatro mezes e meio, regando abundantemente, e com intervallos o ar e a terra, modificando maravilhosamente o ar e os ardores do Sol, e fecundando muito a terra.

Na Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças principiam estas chuvas proximo ao mez de Fevereiro, e duram até o fim de Maio ou meiados de Junho.

Quando o Sol desce do Tropico de Cancer ao de Capricornio succede o contrario.

Elle anima os ventos, chamados *brizas,* á encrespar a superficie do mar, sempre encapellado durante a epocha dos ventos, os quaes principiam a soprar com o Sol, ou quando começa o calor, das 7 ás 8 horas da manhã, e como o Sol vae subindo para o meridianno, vão os ventos tambem crescendo proporcionalmente, de fórma que quando elle chega ao meio dia, e que o calor é intenso, os ventos são muito mais fortes, e mais violentos do que quando o Sol se aproxima do Zenith.

Deminuem tambem os ventos a medida, que o Sol ausenta-se do Zenith e do meio dia, e logo que chega ao Occaso, cessam de todo.

Existem por ahi guarda-sóes e leques, collocados admiravelmente por Deos afim de garantir o homem da intemperie dos ares.

Tanto isto é certo, que os raios do Sol ahi não ennegrecem tanto o homem como acontece na Ethiopia e n'outros lugares identicos na linha equinoccial, e sim muito menos do que em muitas regiões da zona temperada, onde não é o ardor do Sol modificado ou suavisado por tantos refrigerantes, como acontece no Brazil.

Si virdes os habitantes deste paiz amulatados, ou de côr de azeitona, não credes provir isto dos ardores do Sol, e sim dos artificios por elles empregados para obterem esta côr tão desejada, como depois explicarei mais minuciosamente.

Si os ventos, alem de modificarem o excessivo calor, tem a propriedade commum de alterar o ar, ou de moderal-o conforme suas qualidades, não pode deixar de ser a Região do Maranhão, e suas circumvisinhanças, constantemente muito moderada, mormente reinando ahi somente o vento E'ste ou Oriental, o mais puro e mais temperado de todos.

O vento do Norte ou Septentrional é frio e secco, porem em excesso.

O vento do Sul ou Meridional, ao contrario, é muito quente e humido.

O vento de E'ste ou Oriental é secco e quente com moderação, e muito mais puro e temperado do que o de Oeste ou do Occidente, frio e humido.

Eis os quatro ventos principaes de que dependem os outros collacteraes.

Quando nocivos e predominantes em qualquer Região, mudam, alteram, corrompem, ou temperam o ar, (muito susceptivel de todas estas impressões) por meio de suas más qualidades, tornando-o ora frio, ora quente, depois secco e logo humido, algumas vezes claro, e outras nevoado, ja secco, ja chuvoso, e soffrem tal inconstancia sem detrimento de nossa saude !

Ære non certo corpora languor habet.

Não se conhece no Brasil o muito vento Septentrional secco e frio, nem Meridional pútrido, doentio e extremamente malefico, nem os Occidentaes frios e humidos.

Não se observa alguma alteração, corrupção, ou mau tempo occasionada por ventos maleficos, pois apenas reina quase sempre o vento do Oriente, moderando o calor do dia, agitando o ar para não ser corrompido por meio de grande repouso, e tambem por suas qualidades purificando-o e temperando-o.

Creio, que perguntará alguem porque o Sol, vindo do Capricornio, produz ordinariamente chuvas, e ao contrario, caminhando de Cancer, origina ventos?

Para responder a primeira pergunta, convem notar, que o mar cérca quase toda a parte occidental, e que d'elle o Sol attrahe grandes vapores, quando no Tropico de Capricornio por meio de seus raios, que cahem perpendicularmente sobre o mar, com tanto mais força e ardor quanto mais está em seu perigeo, isto é, no lugar mais proximo ao centro do Universo.

Tanto mais puro e simples são estes vapores, quanto mais espessos e condensados, quer pelo seu fim intrinseco ou natural, quer pelo grande frescor das noites ou do ar, ou da presença do Capricornio, sempre frio e secco, e d'ahi a origem e a continuação das chuvas neste paiz, logo que regressa o Sol do Capricornio, passa por Aquarius, quente e humido, e por Piscis, humido e frio, ambos signos chuvosos.

Difficilmente responde-se á segunda pergunta, por ser bem sabida a causa dos ventos.

Si é certo, como disem os Astrologos, que alguns Planetas excitam os ventos nos lugares onde dominam, bem pode o Sol, regressando do signo de Cancer, levantar esses ventos temperados ahi por essas regiões do Brasil.

Alguns Astrologos attribuem á Jupiter o vento do Norte, á Marte o do Sul, á Lua os do Oeste conforme suas diversas qualidades, e como os ventos do Oriente se parecem com o Sol em seccura e calor temperado, elles o attribuem ao Sol, e por isso o chamam—*Subsolanus*—vento Solar.

Não vemos o Sol attrahir a si algumas flores, como seja a assemone, e a flor do Sol, que entre todas tem a propriedade natural de voltar-se para elle? O mesmo acontece a este vento solar ou do Sol, quando volta do signo de Cancer.

Regressando do lado da terra, quando se ergue sobre o Brasil, aquece o solo humedecido pelo orvalho puro e limpo da noite, cujas exhalações quentes, seccas e temperadas attrahe, não podendo formar outro vento sinão o do Oriente, tambem quente, secco e temperado.

Eis a razão de não haver outro vento no Brasil.

O ar, áquem do Tropico de Cancer, não é tão subtil como o d'alem onde o Sol começa seo giro, e por isso o vento solar achando o caminho mais rarefeito e franco pelo ardor do Sol, dirige-se por ahi e segue do Oriente ao Occidente sempre acompanhando-o.

Ventus enim fit, ubi est agitando percitus aër.

Sempre subindo cada vez mais, quando o Sol chega ao meio dia, attrahe e amontôa muitas exhalações, e como não pode attrahil-as quando no occaso, não apparece nessa occasião vento algum.

Pode ainda expender-se algumas razões naturaes, porem não são tão provaveis, e em quanto a mim não preciso de outra, em apoio do que deixo dito, sinão a Providencia Divina, *Qui producit ventos de thesauris suis.* (Psalm. 134.)

É bem verdade que esses ventos Orientaes se formam não só no Brasil, mas tambem em todos os lugares da linha equinoccial, a que muitos attribuem a causa e a origem de todas as qualidades modificadoras da temperatura do ar.

Comtudo não são puros e temperados pelas razões ja ditas, como acontece no Brazil.

Por outro lado estando este Paiz proximo á linha equinoccial, partecipa, como as outras da zona tórrida, da influencia das qualidades singulares e admiraveis postas por Deos no meio deste mundo.

Ahi achareis, como em certas partes, riquezas e commodidades, e n'outras não encontrareis, como aqui, esses commodos e frescura, podendo dizer-se, que pela pureza e temperatura do ar, que ha no Brasil, não existe debaixo do Ceo paiz mais bello, mais sam o mais temperado a não ser o Paraiso terreste, collocado por muitos sob a linha equinoccial no Eden por causa de sua temperatura.

Por tudo isto mui naturalmente distingo a zona tórrida em duas partes, uma intemperada por causa do ardor do Sol, e outra mui temperada, visto ser o Brasil, parte da zona tórrida, o paiz mais saudavel e temperado de todos.

Achareis no Mundo, até nas duas zonas que chamamos temperadas, mais bella Região a não ser a França?

Si examinaes bem o decurso do anno, achareis quatro estações, bem confusas.

Escolhei uma como a melhor, por um mez ou uma semana, e nesse espaço notareis perpetua inconstancia de tempo.

No Brasil, e especialmente em Maranhão e suas circumvisinhanças observareis sempre a mesma temperatura e a mesma estação.

No inverno a terra aquii é esteril, mas la é sempre fecunda e productora.

Aqui no inverno a terra offerece aspecto triste, hervas mortas ou seccas, arvores sem folhas, e tudo emfim fanado. No Brasil é constante a verdura, e a terra mostra plantas bonitas, e flores diversas e raras.

Emfim no Brasil ha primavera eterna, acompanhada pelo outomno, e constantemente pelo estio.

Com tal temperatura, em todas as estações e mezes do anno, as arvores tem folhas, flores e fructos espalhando no ar suave aroma, e fazendo seus campos.

Croceis halantes floribus horti.

Aqui não sentis em todas as estações novas, differentes molestias pela diversidade e inconstancia do Tempo?

No Brasil, porem, gozaes sempre de boa disposição, porque

Temperie cœli, corpusque, animus que juvatur.

Vivem ahi os homens longos annos. A propria terra e os animaes, as aguas e os peixes, o ar e os passaros, as plantas, os fructos e as flores são differentes dos da França pela temperatura do Paiz.

Lá não sereis debil, pesado, e somnolento, como aqui durante os grandes calores do Estio. Ao contrario sereis agil, folgasão e bem disposto. Aqui o grande calor vos tirará a vontade de comer, e lá tereis sempre grande apetite.

Não será por falta de viveres, aqui em abundancia, mas lá são excellentes, e junto isto á temperatura do ar, e á boa disposição do corpo, tereis a digestão sempre boa por causa do clima da terra.

CAPITULO XXXIII

Da fertilidade e bondade da Ilha do Maranhão, e outros lugares visinhos no Brasil.

A fertilidade segue e acompanha de tal forma a temperatura a ponto de não poder um paiz ser bom ou mau sem que ella seja temperada ou não.

Originando-se todos os corpos de sementes occultas dos elementos, não ha um só que por si mesmo possa produzir alguma cousa.

É necessario misturar todos os elementos, e por meio desta operação tornam-se tanto mais fecundos quanto mais proximos estão das primeiras qualidades e influenciados pelo aspecto favoravel dos Ceos.

As partes Septentrionaes e austraes são menos ferteis, por estarem longe do olho do Mundo, e da boa temperatura do ar pelo frio excessivo, ahi reinante.

Embora a Ethiopia e a Arabia estejam sob a região do Sol, não é habitada a sua maior parte pelo excessivo calor ahi reinante.

Mostra-nos a experiencia, que neste paiz (a mais bella porção da zona temperada) no inverno não tem o ar passaros, o mar peixes, a terra é infecunda, e fria, as arvores estão despidas, e os corpos são mais ou menos encommodados por

mil formas ja pelo frio rigoroso, e ja pelo mau tempo: tudo emfim no Estio murcha pela violencia do calor.

Em cada anno quantas molestias novas, e desconhecidas pelos Medicos mais experientes, quantos contagios, quantas estirilidades da terra, quantas faltas do que é preciso, quanta fome, quantos emfim originados pela falta de bom tempo, ou pela diversidade das estações?

Quantos individuos não mudam de ar e de terra para evitar molestias, e procurar a saude?

O ar não é tão util ou nocivo, como a bebida e a comida conforme suas qualidades boas ou más.

Na primavera os elementos tornam-se ferteis pela temperatura das primeiras qualidades sob o novo olhar do Ceo, os passaros se alegram e se multiplicam, bem como os outros animaes, ao ar mais doce e agradavel os peixes recobram seu antigo vigor nos rios e no mar, a terra se aquece, se fecunda, e produz muitas hervas, plantas e fructos, e os corpos humanos, mais ageis e alegres renovam seu sangue, suas forças e saude por meio da temperatura do ar.

Tudo isto não é bastante para, á prima facie, provar qual a bondade e a fertilidade da Ilha do Maranhão e outros lugares visinhos no Brasil; visto ser este paiz tanto mais temperado quanto mais longe de todos os excessos, conforme já dissemos no capitulo precedente?

Si a bondade de um paiz equivale á sua temperatura, posso asseverar ser este um dos mais temperados do Mundo, melhor e mais fecundo, que pode achar-se debaixo do Ceo.

Impossivel é enumerar-se quantas especies de passaros ha nesta Região, e cada especie é composta de innumeraveis volateis: o ar muito doce e agradavel está constantemente cheio delles, e ahi muito se multiplicam: o paiz e as arvores estão sempre cobertos d'esses animaes.

Apezar de tudo isto nós não temos uma só dessas especies, e todas são diversas em bellesa e bondade.

Ahi achareis muitos passaros bravios, grandes e pequenos que se amansam ou domesticam logo que são apanhados.

Ahi tereis muitos passaros e aves domesticadas, e tambem muitas outras rapaces de varias qualidades, algumas tão terriveis e valentes, como perigosas e feias.

Embora tenhámos por cá muitas qualidades de passaros e de caças, boa e excellente comida, não tem comparação alguma com as do Brazil, quer pela abundancia e variedade das especies, quer pelas suas bellesa, excellencia e bondade.

Logo que se augmenta a temperatura, todos os passaros se nutrem muito mais e com o que ha de melhor, e por isso mais engordam e se fertilisam; como alimento são excellentes, e nada temos que a elles se compare ao seo sabor.

Ha uma terra muito propria para os passaros, a Ilha de Fernando de Noronha, de que já fallei no Capitulo oitavo, onde se encontram tantos passaros, que se póde, segundo ja disse, apanhar á mão, como as laranjas na Normandia.

Os passaros, emfim, todas as aves de França si por lá andassem, cresceriam mais, e ficariam melhores do qne estando aqui, e gozando desde o principio de todas as estações do anno.

Em relação aos peixes sabem todos, que quando as agoas são muito frias, elles não gostam della, enfraquecem, morrem por frio excessivo, e por isso no grande rigor do inverno retiram-se os peixes para a profundidade dos mares evitando assim a intemperie que então existe sobre o nosso hemispherio.

Nesse tempo não se pode apanhar tantos peixes, e os que se pescam não são tão gordos como os da primavera, quando o tempo é tão brando.

Embora os peixes por sua naturesa residam na agoa fria e humida, apreciam comtudo a temperatura da agoa por terem o corpo composto de quatro elementos.

Eis a rasão porque no Brazil pululam peixes de todos os lados, mui diversos dos nossos, visto a doçura do ar temperar muito as agoas, o mar, e os rios.

A unica qualidade de peixes, que lá existe, igual aos nossos é dos sargos, em abundancia, e excellentes.

Ha tambem muitas outras a que chamam *Rery,* [1] com duplo tamanho e espessura das nossas, porem de gosto delicioso.

Dizem na França, que não é bom comel-os nos mezes, em que não ha *R,* como sejam Maio, Junho, Julho e Agosto, porem no Brazil são sempre boas e apetitosas em todo e qualquer tempo.

Prendem-se umas aos rochedos, e outras as arvores chamadas *Mangues,* que crescem á beira-mar, como já disse, o que difficilmente acreditaria, se um indio, trazido por nós de *Fernando de Noronha,* não nos offerecesse um ramo com ellas quando estivemos na llha de Santa Anna, o que depois melhor vimos e verificamos.

Encontram-se facil e abundantemente na baixa-mar mariscos, que elles chamam *Xeruru,* [2] iguaes aos nossos, e muito maiores, melhores, e mais saborosos, alimento ordinario dos Indios juntamente com as ostras.

Eis o que elles têem parecido com as nossas coisas.

Em quanto ao mais, seria mais facil particularisar o Occeano do que todas as especies de peixes, ali existentes, nos rios e no mar, e para não involver-me n'este abysmo contento-me em dizer, que elles, geralmente, tem peixes

---

[1] Será *Sery?* Será *ostras?*
[2] Será *Sirúrú?*

excellentes e apetitosos, de diversas sortes e em maior numero, e ainda esperamos ter occasião de fazer d'elles particular menção.

Direi ainda, que por lá existem muitas lagôas, cheias no inverno de agoa da chuva, onde se geram muitos peixesinhos de um pé de comprimento e de grossura proporcional.

No tempo das ventanias esgotam-se essas lagôas, e cuidam os *Tapinambás* em apanhar e guardar todos esses peixes, muito bons e saborosos.

Embora fiquem ellas seccas, quando vem o inverno enchem-se de novo, e expontaneamente continuam a ter peixes.

Si quizerdes comparar as agoas d'aqui com as de lá, debalde vos entregareis a esse trabalho. Ja fizemos esta experieucia, que bem cara nos custou.

As agoas, que d'aqui levamos como provisão, alteraram-se com os primeiros calores, turvaram-se e apodreceram, ficaram azuladas e nos encommodaram muito, não sendo possivel conservarem-se boas, dez ou doze dias en. busca da linha, pela altura das Ilhas Afortunadas e Canarias.

Ao contrario; as agoas, que trouxemos da Ilha do Maranhão, como provisão do nosso regresso, não se alteraram nem por mar, nem pelo calor, nem debaixo da linha e nem sob o Tropico: sempre se conservaram boas durante mais de trez mezes da nossa viagem.

Na Ilha do Maranhão, embora totalmente cercada por mar, achareis boas fontes, de nascentes naturaes e sem canaes, de excellente agoa boa.

Si fôrdes á Hollanda, a S. Malo, S. Valleryur-Somme, Dieppe, e outros lugares, somente achareis agoas turvas ou pútridas, si não vierem artificialmente de algures.

Procuram àqui muitos valetudinarios as fontes thermaes

ou medicinaes ou para recobrar a saude, ou para livral-a de grandes incommodos.

Se estivessem nas Indias, não contrahiriam taes molestias, e si as tivessem, não lhes faltariam de taes fontes, e muito boas por causa da temperatura deste clima.

Muitas vezes vi na Ilha do Maranhão as pessoas dedicadas ao trabalho beberem logo pela manhã muita agua da fonte antes de comerem alguma cousa, sem sentirem o estomago cheio; pelo contrario achavam-se mais vigorosos e aptos para trabalharem na vinha do Senhor.

As aguas da fonte não são cruas e tão frias como as nossas, e como são mais temperadas não fazem mal, e nem causão paralysias ou outras molestias, embora bebidas em jejum, e com o corpo quente.

Sendo a terra regada em todos os sentidos por boas agoas, e maravilhosamente temperada pela doçura do ar, não pode deixar de ser fertil, como é, sempre fecunda sem descançar e sem amanho algum.

Não tereis precisão de parques e nem de gado para aquecel-a, visto ser sempre temperada e influenciada pelo Ceo.

Si quizerdes cultival-a, como aqui se faz, não tendes precisão de cavallos, e de arreios; de charrua e de relhos de arado para fendel-a, pois não exige tanto trabalho.

Si a cultivardes—pouco produz, e si a abandonardes tereis grande colheita.

Não posso explicar tal paradoxo senão porque sendo a terra lavrada, o calor a penetra, aquece-a, e seca de tal forma que queima as sementes, e não sendo cultivada, conserva-se a humidade.

Parece-me provavel esta razão, porque a terra é de tal forma refrescada pelo sereno da noite, e orvalho da manhã, pelos rios e fontes e pelas chuvas em tempo proprio, que basta lançar, sem industria ou cuidado, toda a qualidade de

semente na terra, e apenas cobril-a para dentro em pouco tempo colherdes á farta.

Semeiando o milho de Maio, que elles chamam *Auattyy,* podeis colhel-o d'ahi a dois mezes e meio a tres, e de cada grão provirá quatro, cinco, ou seis hastes, e em cada haste seis ou sete espigas, e em cada espiga 600, 700, e até 800 grãos. Vede quantos grãos de um só.

Reconhece-se ainda mais a bondade e a admiravel fertilidade desta terra, porque se pode semeiar e colher o milho em abundancia tres a quatro vezes por anno, do que resulta incalculavel proveito.

A mandioca, raiz com que fabricam o pão, cresce muito grossa, e fica em estado de colher-se de tres em tres mezes, e até em menos tempo.

Pode comer-se melões seis semanas ou dois mezes depois de plantados, e pode tambem colher-se todos os mezes, e são tão bons pelo Natal, como pelo São João, e no mez de Agosto.

Em todos os tempos colhem-se fructos ou lentilhas de que a terra se mostra muito fertil.

Não conhecem a vinha, porem em seo lugar tem certos fructos excellentes, de que fabricam bebida deliciosa.

Tambem não tem trigo, e nem alguns grãos como nós porem a terra é tão propria e o terreno tão bom, que quando nelle se plantar vinhas e semeiar-se trigo ou outras cousas á nós tão communs, não ha duvida, que produsirão em abundancia.

Ha grande quantidade de fructos e de legumes de diversas especies, muito proprios para alimentação, e com propriedades de se fabricarem com seus tecidos vestidos e outras cousas necessarias exteriormente.

Este paiz é tão bem especialmente rico tanto em animaes campestres ou ferozes, como familiares e domesticados, a

que não faltam ar bom, pastos fartos, e frescura incomparavel.

Por todas estas coisas são elles extraordinariamente fecundos, e por isso se multiplicam muito: são excellentes para alimento, e de muitos podeis tirar commodidade e proveito.

Aqui não temos especie alguma de animaes; que elles lá tem, e elles não tem nenhuma das nossas, e si tem é com muita differença.

Elles não tem cavallos, bois, carneiros, não por deficiencia da terra, pois é muito farta e propria para toda a qualidade de animaes, de quadrupedes, e de todas as especies lanigeras. Basta levar diversas especies de animaes, e soltal-os ahi, que em breve o paiz teria muitos delles.

Elles lá tem muitos veados, corças, javalis, não iguaes aos nossos inteiramente, Pacas, Tatús, Onças, Margaias, e muitos outros animaes de pelles lindas e preciosas.

Tem outros animaes chamados *Tapyruçú*, a que chamamos *vaccas bravas*, com prestimo para carga,, quando são agarradas.

Ser-me-ia difficil particularisar aqui tantas especies, que elles lá tem, de animaes, de fructos, ou de legumes; e por isso limito-me apenas a mencionar algumas.

A utilidade, que se colhe agora d'aquella terra, consiste no pau brasil, nas madeiras amarellas, salpicadas de cores, e de outras qualidades, no algodão, no urucú, especie de mádeira vermelha ahi abundantissima, e tambem n'uma certa tintura vermelha similhante a lacre.

Acha-se tambem a canna fistula em *Commã*, proximo do Maranhão, e a verdadeira herva-cidreira como na Arabia.

Prepara-se ahi muito bom tabaco, herva mui conhecida, e que ahi nasce em abundancia: é muito procurada e por alto preço na França, em Flandres, e na Inglaterra, e si lá

cuidar-se muito do seu cultivo tirar-se-ha muito mais lucro do que tiram os Hespanhoes e Portuguezes moradores na Ilha da Trindade, onde não tem outro ramo de negocio, e della carregam annualmente muitos navios.

Ahi tambem se encontra a pimenta e a pedra—bazar.

Os que conhecem bem o Maranhão, sabem quanto é especial e muito boa para a plantação da canna do assucar, de rendimento inestimavel, e muito maior do que tem os hespanhoes em Pernambuco, Potycou, São Domingos e outros lugares por elles possuidos no Brasil.

Encontram-se ordinariamente ambar-gris ao longo das costas do mar, habitadas pelos Canibaes.

Ha tambem uma especie de jaspe verde, de que fabricam pedras para os labios, rochas de crista vermelho e branco mais duro do que as pedras ou diamantes, que chamamos de Alençou, e muitas outras particularidades.

Encontrando-se todas as preciosidades e riquezas sob a zona tórrida, e achando-se o Brasil no meio della, e muito proxima, não duvido que elle receba, pelo menos, tanta influencia dos astros como os outros paizes, e especialmente do Sol, gerador do oiro, pois passa duas vezes pelo seu zenith.

Por tudo isto ligo mais confiança no que me asseguram muitos francezes e indios, testemunhas occulares, de ahi haverem muitas minas de oiro, e outras pedras preciosas, e muitos viveiros de pérolas.

Alem disto achando-se este paiz em tal clima, e em continuação do Perù, é bem provavel, que não haja no Perú riqueza, alguma que se não encontre tambem no Brasil, colhendo este maior proveito em relação ao Oriente por estar no mesmo grau, que Cusco, e visinho do rio Amazonas, o maior do Mundo.

Não ha falta de meios de construcção, porque alem de bellas madeiras ha muitas pedras proprias para obras. Pode fabricar-se muito bom tijolo, e como ha muito boa terra, areias, e outros materiaes é facil fazer-se muito boa argamassa e cimento.

Não ha falta de trabalhadores.

Si os mercadores, artistas, e operarios conhecessem a bondade, e a utilidade desse paiz, assevero que não descançariam sem ir lá, e então reconheceriam ter vivido como o rato de Esopo, que se julgava feliz, embora cheio de necessidade, comtanto que não mudasse de lugar.

Quantos por aqui existem trabalhando dia e noite, e com todo o esforço, e não conseguem meios de fazer face aos seos encargos, chegando até á misera condicção de mendigarem o pão para sustento de sua vida, e de seus filhos ?

Si vivessem naquelle paiz facilmente adquiririam meios de sustentarem-se pela facilidade com que se pesca e se caça toda a qualidade de animaes, ahi em abundancia, e com bem pouco trabalho e industria seriam ricos em pouco tempo, lamentando só o haverem vivido tanto tempo no seu antigo estado.

CAPITULO XXXVII

Da bellesa da Ilha do Maranhão e de suas circumvisinhanças.

Encontram-se muitos paizes bons e ferteis, porem nem sempre bonitos, porque a bondade e a bellesa são qualidades differentes embora uma contribúa muito para a outra.

A bondade se refere mais á temperatura interior, e consiste a bellesa na symetria e na bella composição das partes exteriores, como se vê no corpo humano, ou em outra qualquer coisa bem disposta.

Assim tambem consiste a bellesa de um paiz na boa ordem e proporção externa de tudo quanto lhe é necessario e requerido.

Ora o Brazil não é somente fertil e bom, e sim tambem bonito e agradavel á vista, não havendo bondade, que não realce a sua bellesa, e reciprocamente.

Tem grande extensão junto á linha do lado septentrional, e chegando por outra parte á *Patagonia* alem do *Tropico*.

A Ilha do Maranhão e suas costas do mar estende-se até o Perú em igual clima e no mesmo parallelo, que a Castilha de oiro.

Ponho de parte a serenidade do ar, a sua temperatura doce e agradavel, e tudo o mais, que ja particularisamos,

e que concorre para fazer esta terra muito bonita, e cheia de agrados e deleites.

Para fallar em particular da Ilha do Maranhão convem dizer, que alem de ser muito agradavel, como já dissemos, é visinha do mar, e por elle cercada, tem quatro ou cinco rios grandes, que vem desembocar e expandir-se em redor della, offerecendo-vos assim milhares de commodidades para grande e variadissima pescaria, com muita satisfação, mormente sendo o estio ahi constante, e as agoas nessa estação agradaveis e deliciosas.

Na Ilha não se encontram grandes campos, pois tem apenas 45 legoas de recinto, como já disse, porem proporcionalmente élla é grande, tem bonitas praças, onde se fazem casas e outras residencias, conforme já narramos.

Tambem não se encontram montanhas altas e grandes, porem pequenas encostas e valles, em cuja base ha bonitas fontes, e pequenos rios, os quaes regam tôda a Ilha em diversos sentidos, e a tornam excessivamente bonita e agradavel.

Atravessam a maior parte destes rios a Ilha do Maranhão por entre bosques floridos, e florestas sombrias.

Existem tambem outros rios maiores, por onde podeis navegar em Canôas e outras embarcações pequenas, e assim ir de aldeia em aldeia e por outros lugares proximos.

Ha muitas matas de córtes e bosques, onde bem podeis divertir-vos e caçar, quando aborrecido de pescar.

As palmeiras, mais do que outras arvores, ahi predominam, podendo dizer-se que é um jardim de palmeiras, e como a palma é o emblema da victoria direi, e com propriedade, ser esta Ilha em comparação com outros lugares, um verdadeiro campo de victoria por não haver um inimigo, que a possa vencer, ficando sempre vencedora e desassombrada de seos inimigos.

Em bellesa não tem menos que admirar a Ilha do Maranhão. Notam-se ahi a perder de vista grandes e bonitos campos, onde ha varias povoações e aldeias, ora colinas e ora valles, já bonitas montanhas, admiraveis por sua grandesa e altura, e já variedade de terrenos de diversas côres.

Encarece a Sagrada Escriptura a bellesa do Paraiso terreste, especialmente por causa de um rio, que o rega, e que se divide em quatro maiores.

Deixando de parte mysterios contento-me em notar que o Brazil é maravilhosamente embellesado e enriquecido por muitos rios grandes e regatos de 10, 15, 20, 40, 60 até 80 leguas de largura, e de 500, 800 até 1000 de comprimento, como ja dissemos.

Espalham-se todos elles a ponto de poderdes ir embarcados a todas as partes, quer ao passeio de recreio, quer a pescaria mui abundante de peixes aqui desconhecidos, e quer finalmente a negocio, e é por certo grande commodidade tal via de transporte.

Si são tão ricos e commodos estes rios e riachos não são menos agradaveis pelas singularidades ahi encontradas, especialmente por muitas Ilhasinhas, todas cheias de raridades, e n'elles existentes.

Tão bonitos rios refrigeram o ar e toda a terra do Brazil de fórma que sempre está verde e florescente.

Por lá encontram-se grandes e vastas florestas de arvores por nós desconhecidas, umas parecendo mui medicinaes, produzindo gomma e oleos odoriferos, outras bonitas, direitas, de grande altura, e que dão madeiras amarellas, vermelhas, e malhadas, aqui usadas para tinturas e obras de valor e estima.

Agrada ver-se os campos matisados de bonitas e diversas cores de hervas e de flores, mui diversas das nossas, me-

nos a beldruega, que ahi apparece expontaneamente sem ser semeiada.

É impossivel dizer-se quantas flores singelas, bonitas e raras se encontram por ahi por esses bosques e campos, montes e valles.

Nossos arboristas teriam muito em que empregassem o tempo, e é minha opinião, ahi haverem muitas plantas rarissimas e lindissimas, porque si as qualidades segundas, virtuaes e sensiveis excedem muito as qualidades primeiras, de que se originaram, são refrigeradas pelas influencias do Ceo.

Não pode duvidar-se, á vista da temperatura tão grande deste paiz sob aspecto tão favoravel, que os metaes, os mineraes e as pedras, as gommas, os oleos, e outros licores, as madeiras e as raizes, as plantas, as flores e os fructos não tenham, cada um conforme sua especie, muita força, e virtude interna, excedendo assim em todas as suas qualidades exteriores e sensiveis.

É por isso que em qualquer parte achareis grande numero de flores bonitas e raras, perfumando o ar com seo cheiro, sentido muito antes de as verdes.

Si se admiram pelo seo suave aroma, não menor impressão causam por suas bellas e vivas cores.

Neste paiz não ha outro jardineiro senão Deos e a natureza. São elles, que se incumbem de enxertar, pôdar e cuidar das arvores.

Que mais quereríeis? Não está escripto no Genesis, que elle fez a terra produzir todas as arvores agradaveis á vista e ao paladar?

Ha no Brasil muitas arvores fructiferas, que nascem expontaneamente, e só pela Providencia de tão soberano Jardineiro, e embora não recebam cultivo algum produsem com abundancia fructos tão saborosos como bonitos, e que de for-

ma alguma se podem comparar com os melhores que temos visto em outras partes do Mundo.

Agrada vel-os e apetece comel-os, tão bonitos e saborosos são elles!

O que mais admira, é que as arvores no inverno não perdem as folhas como as nossas, e por isso sempre tem folhas, flores e fructos.

Pode talvez dizer-se ser esta terra—*Plantatio dexteræ excelsi*—uma planta da direita, quero dizer, da unica providencia de Deos, visto ser cultivada e muito bem unicamente pela sua divina graça.

Si la estivesseis, sentirieis incalculavel prazer vendo a diversidade de animaes no meio de verdura sempre constante, e terieis a mesma satisfação levantando os olhos para o Ceo.

Verieis em diversas arvores trepados muitos macacos e monos, saltando de galho em galho, com ligeiresa e destresa admiraveis fazendo mil tregeitos como se quizesse agradar-vos.

Verieis n'outras pousando muitos passaros entre fructos e flores, ahi constantes, como aqui no bello tempo da primavera, todos de linda e variada plumagem, tão bonitos e vistosos, como por cá costumam ter e por altos preços os Principes e as pessoas de alta cathegoria.

Ha tambem muitos passarinhos de pennas e de cores tão raras a ponto de guardarem os curiosos as pelles inteiras: grande numero de bonitos papagaios, de varios tamanhos, uns verdes, outros pardos, outros amarellos, matisados de diversas cores, mais vivas e bellas o quanto se pode desejar.

Finalmente, ahi tereis muito com que alegrar os olhos, o olphato, e o paladar, ou melhor, pondo de parte a sensualidade, com que conhecer e louvar a providencia e a bondade de Deos.

Não seria por tudo isto, que, a similhança do que aconteceo com as terras do Oriente, se deo á estas do Occidente o nome de India?

O que significa este nome *India* em Hebreu [1] *Hodu?* É o mesmo que dizer—*louvor*—do verbo [1] *Iadah in hiphil.*

Deos não reservaria tambem esta terra do Occidente para ser nella louvado, como é e será no Occidente até o fim do Mundo?

Ainda significa *confissão,* e Deos não chama agora este paiz para si afim d'elle reconhecer e confessar seo Santo nome?

Tambem significa—*decora* ou *pulchra*—da raiz. [1] *Hod,* que quer dizer bonito, bem feito, e bem ornado.

Por tudo isto, bem vedes que o Maranhão, terra do Brasil, é tão bom, tão bonito, e tão bem disposto, que com muito acerto se lhe pode chamar

Hortus odoratis cultissimus herbis.

[1] N'esta capital não ha em typographia alguma typos hebraicos, por isso deixamos esse claro.

CAPITULO XXXVIII

Das coisas, que ordinariamente se encontram na Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças, e em primeiro lugar das arvores fructiferas.

Existem poucas pessoas que vendo algum quadro bonito e raro contemtem-se em olhal-o geral e superficialmente, mormente sendo elle igual a outro tambem bonito e variado: tanto mais artista e especialista fôr o observador quanto mais se prende o seo espirito, e inflama-se-lhe o desejo de observal-o com toda a attenção, e sempre com admiração, notando todas as suas singularidades e cada uma de per si.

D'ahi em diante apresentarei o Maranhão e suas circumvisinhanças, em geral, como um quadro bonito e raro, admirado por muitos, que talvez não creiam em suas bellezas.

Para satisfazer-lhes o desejo que teriam de ver algumas particularidades do Maranhão, julgo á proposito fallar aqui minuciosamente de algumas, ja por mim descriptas em geral, não só para saciar-lhes a curiosidade como para dar-lhes occasião de admirarem a sabedoria divina.

Todas as coisas são simples ou compostas: ja fallei muito das simples (por exemplo da disposição dos elementos desta Região) de algumas compostas (como metaes, mineraes, perolas, pedras preciosas e outras coisas iguaes) e por isso

contentar-me-hei agora de tractar de algumas plantas e animaes mais raros, e depois dos costumes dos seus habitantes.

Não me demorarei em numerar arvores estereis, como sejam *Guaiacos, Sandalos* e outros, nem plantas ou simples medicinaes, nem flores admiraveis por sua bellesa e cheiro.

Tractarei apenas das suas melhores arvores fructiferas, ali tão communs.

Entre outras ha o *Cajueiro,* arvore de ordinario mais grossa e maior do que a nossa macieira, e a pereira, com folhas iguaes as da nogueira, e flores pequenas, rocheadas e odoriferas com cheiro activo, e presentido ao longe. Seu fructo chama-se *Cajú*, e ha de varias qualidades.

Primeira. *Cajú-été* (caju grande) muito parecido com a pera, e quando maduro é todo amarello por fóra, e branco por dentro, muito doce e agradavel, e optimo para se comer. Tem uma castanha muito parecida com o rim do carneiro, a qual está contida n'uma concha, muito similhante a uma das nossas castanhas grandes, porem muito mais dura por dentro, e oleosa, e por isso chegando-a ao lume arde como se estivesse cheia de fogo artificial.

Este oleo é muito bom para dartros. Contem uma noz muito estomacal, e tão boa como as amendoas.

Segunda. *Cajú piran,* muito parecido com o antecedente, porem a pelle é mais vermelha, e o succo mais azedo.

Terceira. *Acaiuy* (cajui), porque são mais pequenos. Ha de duas qualidades, uns doces e delicados, e outros azedos e proprios para o fabrico do vinagre.

Quarta finalmente. *Cajú-açú* (cajú grande) maiores do que todos os outros e optimos para comida. Principiam a amadurecer em Março e Abril e chegam até fins de Junho. Os outros começam em Agosto e duram até dezembro ou Janeiro.

Quando maduros expremem os Indios o succo, especialmente do *Cajú-piran* para fazer vinho, a que dão o nome de—*Acaiu-cauin*, branco e saboroso, e tambem outro, ja de segunda qualidade porem azedo.

Tiram pelo menos tanto succo de um só fructo como nós aqui extrahimos de um caixo de uva, e ainda se pode comer o bagaço que fica tão bom como si não fosse amassado.

Em toda a parte encontram-se facilmente cajús.

Crescem estas arvores tão bem nas areias e praias, como nas roças e outros lugares identicos, e basta apenas deitar a castanha na terra para ellas nascerem, e em menos de dois annos crescem a ponto de dar fructos.

Vi algumas, em menos de dez mezes, carregadas de folhas, flores e fructos.

Bananeira. Arvore não muito alta, com folhas de uma braça de cumprimento, e de dois pés de largura. Dá um fructo chamado *banana*, do tamanho de meio pé, e menos grossos do que os pepinos; casca amarella, e o fructo é branco por dentro como a maçã.

É comida doce, delicada, e excellente, crua ou cosida.

Encontram-se em varios lugares outras arvores fructiferas chamadas—*Mangaa*—(Mangabeira) cujas folhas são similhantes as do buxo, porem mais frageis e delicadas, de flores amarellas, e de fructos muito parecidos a damascos, porem maiores, e seus caroços são doces e agradaveis, e desfazem-se na boca.

Existem tambem:

A *Iaracatia* (Jaracatiara). Arvore muito larga na sua parte superior, com folhas parecidas ás da figueira, flores e epiderme amarellas, fructo similhante á pera, contendo pevides. Come-se crua e cosida, é boa e nutritiva.

Uaierona. (?) Arvore grossa e alta, de folhas iguaes as do carvalho, porem um pouco maiores de flores amarellas ma-

tisadas, fructo do tamanho de um pé e da grossura dos maiores melões: tão amarellos são dentro como fora, contem pevides negras iguaes ás da maçã; seo cheiro é tão forte a ponto de ser presentido ao longe, e assimelha-se ao da rosa misturado com o de outras flores: cru ou cosido é boa comida.

Iunipap. (Genipapo). Arvore grande e alta, com folhas iguaes as do carvalho, porem tres a quatro vezes maiores. Suas flores são brancas, e seus fructos redondos e grossos como as maiores maçans: quando verdes são mui amargos. Os indios os machucam para tirar-lhes o succo, que é claro e bonito, e si com elle esfregardes o rosto, as mãos, ou qualquer parte do corpo, em menos de 4 a 5 horas, tudo isto ficará negro como tinta de escrever, e apezar de todos os vossos esforços para tiral-a, somente no fim de 8 a 9 dias é que ella desapparece por si mesma, deixando o lugar outr'ora enegrecido, tão limpo como antes.

Servem-se de tal succo os indios para pintar com diversas figuras o corpo, como direi em lugar proprio.

Serve tambem de tinta para escrever, como experimentei algumas vezes.

Quando a fructa está madura, é amarella por dentro e por fora, e como a maçã tem pevides. É doce e excellente, e desfaz-se na boca.

Agutytréua.(?) Arvore grande, com folhas grandes e largas, e parecidas com as da larangeira, flores vermelhas, o fructo do tamanho de dois punhos cerrados, com epiderme verde e malhado, como o do pinheiro, e com sementes como a romã. É muito doce e bom para comer-se.

Araticu. (Araticum). Arvore de folhas iguaes ás da larangeira, fructos amarellos e maiores do que os antecedentes. Quando maduro a epiderme é verde, e, como a romã, tem

pevides. É comida doce e excellente, agradavel e odorifera.

Câup (?) Parece-se muito com a macieira, com folhas similhantes porem mais largas, flores amarellas rocheadas, fructo excellente, com pevides, e similhante á laranja.

Euanirap. (?) Arvore grossa e muito alta, com folhas pequenas, flores avermelhadas, fructo pequeno, e um pouco maior que as maiores groselhas, e quasi da mesma configuração.

Ama-vue (?) Outra qualidade de arvore, igual á figueira em suas folhas e fructos.

Ha tambem uma especie de arbusto, chamado pelos indios *Goyauc*, (goaiaba) ou *Morgoya*, (Maracujá) de folhas cordiformes como a *volubilis* ou a *campainha;* suas flores são lindas, mais largas do que a palma da mão, em forma de estrella, com algumas folhas compridas e estreitas, e de bonita cor de purpura.

Seo fructo é do tamanho de um ovo, porem mais redondo, cheio de sementes, tendo a cor externa amarella, mesclada de verde.

É muito bom tanto para ser comido, quando cosido, como para doce.

Encontram-se tambem muitas arvores, de fructos com caroços ou nozes, e as principaes são as seguintes.

Palmeiras. É a maravilha das arvores, tão admiravel como mysteriosa, pois representa a Cruz, a Igreja, o homem de bem, e outras infinitas creações de Deos.

É de immensa altura, e do seo tronco se tira uma especie de vinho branco, muito bôa bebida, e proprio para delle se fazer vinagre e agoardente. Comem-se seos fructos.

Dá-se muito apreço aos cocos da India Oriental, e aos do Brazil, lá das bandas de Pernambuco, e Potyu, porem não tem nada de mais que a Palmeira.

Ahi existem cinco qualidades de Palmeiras, a saber:

1.ª *Uäcury:* (Ourycury) a verdadeira Palmeira, cujos ramos, chamados pelos Indios *Pindoba,* servem para cubrir casas. Dá fructos similhantes a nozes compridas e grossas, como os maiores ovos de passaros, de casca muito dura, e dentro achareis quatro ou cinco nozes do tamanho de um dedo minimo, e muito boa comida, dellas fazem os indios azeite muito bom e doce. Dentro do tronco desta arvore está o amago, muito alvo, da grossura de uma coxa, conforme a arvore, chamado pelos Indios *Uacury ruan:* comido crù é bom como as noses e amendoas, ou cosida a maneira de salada ou sopa, e de qualquer forma, que fôr feita é excellente comida,

2.ª *Muruti-una* (Muriti) É uma qualidade de Palmeira, que dá tambem *Pindoba:* seu fructo é do tamanho de um ovo grande, com a epiderme vermelho-anegrado, a polpa vermelha, e dentro della uma noz: é muito doce e bom de comer.

3.ª *Inaia.* (Anajá). Tem flores iguaes a precedente. Do tronco extrahe-se o vinho. Seu fructo é oval como azeitonas, com polpa um pouco pastosa, muito doce e bom de comer-se, e uma noz muito dura. Seus fructos são como em caixo, tendo cada um 200 a 300 fructos, e um só caixo é carga bastante para um só braço.

4.ª *Caraña-vue.* (Carnauba). Dá tambem vinho, e suas folhas se assimelhão á leques de senhoras.

Servem-se dellas para cubrir as casas os Indios Canibaes, da montanha de *Ibuyapap* e suas visinhanças. Parecem-se seus fructos com as tamaras, muito doces, e bons de comer-se, e contem uma noz muito dura: não dá seos fructos em cachos como a precedente, e sim separados como a amexieira.

5.ª *Tucu-vue.* (Tucum) Tem folhas iguaes as duàs primeiras, porem cheias de espinhos, bem como toda a circumferencia do tronco, de sorte que ninguem pode impunemente tocal-a. O seu âmago é tão negro e duro como o Ebano, e delle fazem os Indios espadas e arcos. Seus fructos chamão-se *Tucu*, muitos, e em cachos, redondos, e amarellos quando maduros: tem pouca polpa, e sua amendoa, contida dentro de uma noz, é muito branca, boa e doce.

6.ª *Pacury.* (Bacuri). Muito alta e grossa, com folhas similhantes á macieira, e a flor esbranquiçada, e fruetos tão grandes como dois punhos, de polpa da grossura de meia pollegada, muito boa feita em doce, e cozida é muito melhor do que a maçã.

É branca a polpa deste fructo, igual á da maçã e de muito bom gosto. Tem dentro tres a quatro nozes muito boas.

7.ª *Vua Uassuran.* (?) É grande e grossa como a pereira, de flor branca, e de fructos do tamanho do *Bacury,* com epiderme muito amarella, e polpa muito doce, e com uma noz do tamanho da de pecego, contendo uma amendoa maior do que as nossas e do mesmo gosto.

8.ª *Vua membec.* (?) Tem a grossura da macieira, com as folhas, flores e fructos igualmente parecidas.

Tem os fructos a côr amarella, e não se come a sua amendoa por ser muito amarga.

9.ª *Capuih Uaçú.* (?) Tão grande como a macieira, sendo suas folhas mui similhantes as d'esta arvore: a flor é branca, e seu fructo é do tamanho da maçã, um pouco mais cumprido e amarellado, e com tres nozes pequenas, muito duras, e por tanto sem serventia.

10.ª *Capuih-aiup.* (?) Do tamanho da ameixieira, com folhas iguaes ás do castanheiro, e flores brancas amarelladas.

Parece-se seu fructo com uma maçã, um pouco amarello. Tem uma pequena amendoa muito boa.

11.ª *Acaia.* Muito grande, com folhas iguaes a da pereira, e flores vermelhas. O fructo é do tamanho de uma maçã porem mais cumprido: sua epiderme é amarella e acida. A sua amendoa é muito grossa, e não é boa de comer-se.

12.ª *Yacarandá. (Jacarandá)* Similhante a ameixieira, menos nas folhas, que são um pouco mais largas: suas flores são brancas, e seu fructo da grossura de dous punhos cerrados, é muito bom para comer mormente cozidos.

D'estes fructos se servem os Indios para o fabrico do *Manipoy*, sopa muito boa, muito estomacal e nutrictiva: tem dentro uma amendoa do tamanho de um pecego.

13.ª *Ombu.* (Umbu). Com folhas e flores iguaes a Mangabeira, e fructos do tamanho de pecego, e quando maduros tem a epiderme e a polpa amarellas, como uma noz, que contem uma pequena amendoa.

Deixa-se cahir da arvore quando se quer comel-o bom e excellente, e colhido antes de maduros serve para vellorios.

14.ª *Paiura.* (?) Muito alta, porem menos grossa, que o Abricoseiro, e dá uma flor azulada. Seu fructo é do tamanho de um abricó, com a epiderme e a polpa mui amarella, e com uma amendoa muito boa.

15.ª *Vua Caue.* (?) Da grossura de uma ameixieira, com folhas iguaes ás da larangeira e fructos amarellados, do tamanho de um ovo, muito amarello e excellente, e sua amendoa muito pequena.

16.ª *Pitom.* (Pitomba). Seu tamanho e folhas se parecem com as das ameixeiras e suas folhas são esbranquiçadas e pequenas seos fructos se parecem com ameixas, é de cor muito amarella, tem no seo interior uma pequena noz muito redonda e é mais doce que as ameixas.

17.ª *Auenubuib acáiu.* (?) É da altura de uma macieira, com folhas iguaes, e flores brancas, e um pouco avermelhadas. Parecem-se muito os seus fructos com as ameixas,

porem são muito mais doces, e quando maduros são amarellos, e tem dentro de si uma pequena noz redonda.

18.ª *Yachicha.* (?) Igual á ameixieira: suas flores são amarellas, e seu fructo do tamanho de ameixas, amarellos, e com uma noz contendo uma amendoa muito doce e boa.

19.ª *Maukaiė vue. (Mucajuba)* É muito alta com folhas iguaes ás da pereira, e flores amarellas: o fructo é redondo como uma maçã de tamanho medio, com epiderme verde, e polpa branca, cubrindo uma noz, muito doce e boa.

20.ª *Uagiru.* (Guajurú). Cresce ordinariamente nas praias, e não é muito alta. Suas folhas são iguaes ás da ameixieira, porem mais grossas: suas folhas são pequenas e avermelhadas: seus fructos são do tamanho de ameixas grandes, muito vermelhos e bons, assim como suas nozes.

21.ª *Morecy. (Morocim)* Cresce tambem nas areias, e suas folhas se parecem com as de marmeleiro, com flores amarelladas, e fructos um pouco azedos, porem muito bons.

22.ª *Amyiu.* (Ameju). Do tamanho de uma macieira, com folhas mais compridas, e mui parecidas com as da pereira: suas flores são brancas, e fructo do tamanho das maiores maçans, com a epiderme vermelha, e mui parecida com pepinos. Tem polpa e noz similhantes á polpa e noz do pecego, e com o mesmo gosto.

23.ª *Mururė. (Mororė)* Muito alto, com folhas differentes da pereira e flores amarellas. O fructo se parece com a cereja com um pé de comprimento e uma pequena noz, muito amarella e doce.

24.ª *Vua-Yyiu.* (?) Muito grande e grossa, com folhas compridas e flores azues. O fructo é do tamanho de uma laranja, e do mesmo formato, porem muito doce e excellente.

25.ª *Vua pirup.* (?) Arvore muito alta e espinhosa. A folha é igual a da nogueira, e a flor tem tres cores, amarella, azul, e vermelha. O fructo é redondo e do tamanho de

uma maçã, e muito bom, porem só apparece no tempo das chuvas.

26.ª *Umery. (Meri)* É do tamanho e da altura da pereira: suas flores são brancas, seus fructos são iguaes á uma pera, e muito bons.

27.ª *Araçá.* Parece-se com a macieira, e seu fructo é do tamanho de uma maçã regular: quando maduros são bons, e os melhores, que se podem desejar.

28.ª *Uyty.* (Oitim). Ainda parecido com a macieira: sua flor é de um branco amarellado, e seu fructo é do tamanho de um ovo de galinha, e muito saboroso.

29.ª *Pekéy. (Piqui)* É tão grande e tão grossa, que não pode ser abraçada por dois ou tres homens: suas folhas são iguaes ás da ameixieira, suas flores são amarellas, e seus fructos são da grossura de dois punhos, em forma de concha tão dura como a noz, e duplamente espessa, e quando quebrada encontra-se em seu interior tres, e algumas vezes quatro fructos, muito amarellos, e similhantes ao rim do carneiro, muito bons e cheirosos, tendo apenas metade de um dedo de polpa cubrindo uma noz mui espinhosa. Tirando-se a polpa deste fructo, é arriscado picar-se quem o segurar.

Seccas e queimadas estas nozes encontra-se dentro amendoas muito boas. Lançando tres ou quatro fructos destes na agua fervente fica com o gosto de carne de vacca cozida, deitando por cima uma gordura amarella.

29.ª *Iutay.* (Jutahy). É muito alta e com folhas iguaes ás da pereira, flores brancas, e vagens do tamanho de qualquer mão e da largura de tres dedos, contendo uma pequena amendoa cuberta de polpa, tão boa como o damasco.

30.ª *Tata-vua.* (?) Muito alta, com folhas muito parecidas, e mais compridas, que as da pereira, flores amarellas, e vagens tão grandes e largas como as antecedentes guardando duas ou tres nozes redondas e um pouco chatas da largura

de um soldo, contendo uma pequena amendoa, cuberta de polpa mui similhantes á castanha, porem mais doce e agradaveis ao paladar.

31.ª *Ingá.* Muito grande, e com folhas parecidas com as de pereira, flores amarellas e vagens cumpridas e estreitas, cheias de grãos, cuberta de polpa multo alva e doce.

32.ª *Cumaru-uaçu.* Grande e grossa, com folhas parecidas com as da amoreira, e flores amarellas. Seu fructo tambem é uma noz do tamanho de um punho, contem duas, tres e quatro amendoas grandes, odoriferas e medicinaes, e os indios redusem-nas a pó, dissolvem este n'agua, e bebem como remedio anti-febril.

33.ª *Comaru-miry.* Parece-se muito com a cereja, e tem flores iguaes ao pecegueiro. Seu fructo é do tamanho de um pecego, porem dos maiores, como uma noz, e sendo quebrada encontra-se cinco ou seis grãos muito bons e medicinaes.

34.ª *Urucú.* Do tamanho da ameixieira, com folhas iguaes ao abricozeiro, flores brancas e bonitas, e fructos cheios de pequenas sementes vermelhas, de que usam os indios para se pintar, e por isso tem muito cuidado em colhel-a e ha muita abundancia desta arvore por essas terras.

35.ª *Amonyiu.* Arvore, onde cresce o algodão, não é muito alta, porem muito copada. Cortam-nas os Indios de 6 em 6 mezes pelo pé afim de produzirem mais algodão. Suas folhas se parecem com as do cycomoro silvestre, e suas flores são muito bonitas, ora amarellas, ora brancas, em forma de campainhas. Seu fructo é do tamanho de azeitonas grandes, termina em ponta, e abrindo-se em tres partes mostra frocos de algodão e dentro delles alguns caroços negros. Ha muitos em Maranhão e por todo aquelle paiz.

É impossivel particularisar todas as qualidades de arvores fructiferas que enriquecem aquella terra.

É impossivel tambem o mencionar-se diversas especies de arvores estereis, ali existentes. Posso porem dizer, em geral, que são todas admiraveis ou pela raridade de sua madeira, ou pelas boas qualidades e proveito de suas gommas e succo, ou pela belleza de sua folhagem e flores, ou finalmente por qualquer outra particularidade.

Não desejando descrever todas mencionarei apenas duas:

Tem uma a propriedade de abrir as folhas ao nascer do sol, e de fechal-as quando elle se esconde, como se fossem crestadas pelo fogo.

A outra é uma arvore muito alta, sem folhas, inteiramente secca, porem muito carregada de ramalhetes de flores do tamanho de uma cabeça, de linda cor amarella, cheia de fibras de diversas cores, muito vivas, tão variadas como agradaveis á vista.

Eis em que se recreia a sabedoria divina formando o Universo para satisfação do homem, e comtudo fica este estupido e insensivel no meio de tantos beneficios, e de tão bonita variedade, sem reconhecer a Deos e louval-o.

È impossivel dizer-se quantas plantas bonitas e raras se encontram neste paiz, umas dando fructos, e outras flores muito bonitas e cheirosas, e nem uma só igual a que por cá temos.

Limito-me a enumerar algumas mais triviaes e notaveis pelos seus fructos.

Ananás. A principal de todas as plantas, com folhas compridas, estreitas e estriadas de ambos os lados. Sahe do centro uma haste grossa, como acontece á alcachofra, tendo na sua extremidade um fructo muito similhante á pinha, porem mais comprido e grosso.

Exteriormente tem a cor amarella de oiro fino, e é muito cheiroso, e interiormente o seo amago é muito claro, branco, sem uma só pevide ou noz. É fructa muito boa e sabo-

rosa, e nada ha em França, que se lhe assimelhe em bondade e bellesa.

Karuatá. (Coroatá.) Muito parecido com o Ananás, porem suas folhas são muito compridas, espessas, cheias de espinhos de ambos os lados, e com duas pollegadas de largura.

No meio da planta, na altura pouco mais ou menos de dois pès encontra-se 4 a 5 duzias de fructas, unidas umas ás outras em forma de uma piramide triangular, do tamanho de um dedo, muito amarellos por fora e por dentro, mui delicados e saborosos.

Taramnacurú. (*Iamaracaru* ou *Mandacaru.)* Planta monstruosa e exquisita, mais grossa do que uma coxa humana, da altura de 10 a 12 pés, com 5 a 6 ramos igualmente grossos até o fim.

È tão fraca que de um só golpe de faca se cortam duas ou tres. È verde por fora e branco por dentro, sem folhas, porem cercada de espinhos, do tamanho de um dedo, com flores vermelhas, carmezins, mescladas de azul, donde nasce uma fructa da grossura de um punho, vermelha por fora e branca por dentro, cheias de pevides, que se comem com a fructa, a qual é muito doce e agradavel, e similhante no gosto aos nossos morangos.

Gyromu. Planta de folhas e flores similhantes á da abobora, que dá um fructo redondo e grosso, de pelle delicada e tenra, amago amarello e muito bom de comer-se quando cozido.

Taker ou Kaker. (?) Planta mui similhante ao *Girumum*, e que dá uma fructa comprida e grossa, de pelle muito mais dura, e amago tão amarello como o precedente, e muito saboroso quando cozido.

Vua-éen. (Melancias). Especie de melão, de largura maior do que uma cabeça humana, verde por fora, e solido por

dentro, de amago branco, cheio de sementes negras, e de uma agua doce e agradavel, e come-se crua mesmo como as maçãs.

Cortado em duas partes este fructo, seu amago se dissolve e transforma-se em agua, de sorte que se nelle fizerdes um buraco não muito pequeno, em poucos momentos encbe-se elle de agoa tão doce como se fosse assucarada, optima bebida e muito refrigerante.

Commanda-uaçú. São favas tão largas e grossas como o pollegar, porem muito chatas, e encontram-se muitas de todas as cores.

Ha tambem muitas ervilhas chamadas *Commanda-miry.* Em cada vagem encontram-se 18 a 20 ervilhas, compridas e não redondas, e muito melhores do que as nossas.

Quanto á raizes, ha umas chamadas *Teteach,* e na lingua franceza *Batatas*, e são muito grossas. Encontram-se amarellas, brancas, violetas, e de outras cores. Excellente comida, de qualquer maneira que se faça. Não tem sementes, porem cortada em bocados, e plantadas crescem em pouco tempo, e multiplicam-se mais do que qualquer das nossas raizes.

Cará. Similhante á precedente, da mesma grossura, umas cor de purpura, outras violetas, e são mais duras quando cozidas, e menos brandas que as batatas.

Taia-uaçú. É redonda, branca, e da grossura dos maiores nabos. Cozida é muito boa e delicada.

Maudoy. (Mendobim.) Pequena raiz, grossa, e do comprimento do pollegar. Tem uma capsula, como as avelans, com duas ou tres nozesinhas, e muito boas.

Mandóica. Raiz de uma planta, ou de um pequeno arbusto chamado *Manieup*, com folhas iguaes á da figueira, da grossura de uma coxa. D'ella fazem os indios farinha, como direi adiante.

Macachet. (Macaxeira.) Uma qualidade de raiz, proveniente de um arbusto, mui similhante a Mandióca, de que se faz farinha e *Cauin*, como direi em lugar proprio. Esta raiz é muito boa.

Mandioca été. Raiz similhante as duas antecedentes, e com o mesmo uso.

Mandioca-caué. Raiz ainda mais grossa do que as outras, embora proveniente de um arbusto, igual aos antecedentes, muito proprio para papa, e para uma especie de bebida chamada *Caracu.*

Vsenpopuytan. Outra raiz muito vermelha, e propria como as outras para o fabrico de farinha, de que usão os Indios ordinariamente em lugar de pão, sendo uma nutrição mui estomacal, ligeira e de facil digestão.

CAPITULO XXXIX

Dos animaes que se encontram na Ilha do Maranhão, e suas circumvisinhanças, e em primeiro lugar dos passaros.

É conveniente examinar os animaes ou signos celestes, existentes no Zodiaco desta esphera do Universo, e quanto não se alegraria quem conhecesse todas as suas particularidades.

Agrada muito vêr os animaes elementares, principalmente os existentes sob o recinto dos domicilios celestes destes animaes.

Si fosse possivel represental-os todos em particular e ao vivo, ninguem deixaria de admirar-se.

Pensam alguns astrónomos e philosophos, que os signos ou animaes celestes influem muito nos animaes terrestres.

Julgam muitos que o sol, no meio do mundo como a alma do Universo, inteiramente luminoso, e unico fóco de calor, e mediocremente secco, é a origem e a causa do calor vital de tudo, quanto nasce no Mundo. Dizem outros, que Jupiter, sendo temperado, é o autor da temperatura de todas as creaturas que vivem debaixo do Ceo.

Seja o que fôr, não fazendo estes dois bellos planetas (Sol e Jupiter) seo giro natural fóra dos limites e da região do Zodiaco, não póde duvidar-se, que não communiquem suas virtudes á este circulo onde se demoram mais do que

n'outros remotos, e por isso encontram-se nestas regiões animaes sem numero e maravilhosos, parecendo terem se exforçado Deos e a natureza em provêr especialmente este paiz de animaes admiraveis, como não se encontram em parte alguma, e, como cortejo de Jupiter, de animaes celestes, e especialmente do Sol.

Já notamos algumas plantas, que se encontram na *Ilha do Maranhão* e suas circumvisinhanças, tendo o ser vegetativo.

Si não podemos descrever todos os animaes, que tem alma sensitiva somente, pelo menos vem a proposito agora mencionar aqui alguns dos mais singulares desse paiz, tractando em primeiro lugar dos habitantes do ar, os passaros, dos que se nutrem de agoa, os peixes, e finalmente de outros animaes e quadrupedes, que vivem na terra e sobre a terra.

É impossivel dizer-se a qualidade de passaros, que existem na *Ilha do Maranhão* e suas visinhanças, mui diversos dos nossos, quanto a especie, plumagem, belleza, bondade, vivendo uns em pleno ar, outros nas agoas, estes sobre a terra, e aquelles ordinariamente domesticados e familiares, e todos bons de se comer, o que não acontece aqui.

Nos habitantes do ar, ha, entre outras, estas aves de rapina:

Uyra-uaçú. (Gavião o grande, ou real.) Tem o duplo do corpo de uma Aguia, a cabeça medianamente grossa, os olhos medonhos e mui redondos, tendo ao redor uma crista de plumas em forma de circulo ou de Sol, e suas pennas são de côr parda.

Tem uma longa cauda, e debaixo d'ella, bem como por todo o ventre, encontram-se bonitas e delicadas pennas brancas, não inferiores ás do gavião. Tem a perna da grossura de um braço, e o pé parecido com o do Grypho, da

largura de palmo e meio, com as garras muito grandes. Tem tal furia e força, que póde agarrar, e estraçalhar um carneiro, deitar por terra um homem, caçando de ordinario veados, corças, passaros e outros animaes indestinctamente, e embora seja tão valente e guloso passa dias sem comer, o que admira.

Quando voltámos trouxemos tres ainda de pouca idade, e delles apenas escapou um, que offerecemos ao Rei, e foi visto por muitas pessoas de Pariz e de outras partes.

Uyrata Uyran. Outra qualidade de ave de rapina, mui similhante á precedente, especialmente nas pennas, nos pés, pelo menos do mesmo tamanho, e tambem muito parecido com o Grypho.

Uyra Uaçú Puytan. Tambem outra qualidade de ave de rapina, de igual tamanho, com pennas cinzentas, e mais bonita por ser mesclada de amarello.

Uyra Uaçú-on. Outra especie. São do tamanho de uma Aguia, tendo o bico amarellado, pennas negras, cauda branca e preta, e pernas amarellas e vermelhas.

Uyra-uaçu. Outra especie assim chamada pelos Indios. Verdadeira Aguia, pelo menos naquelle paiz. Bico e pernas vermelhas, e pennas pardas.

Tauato. Ave de rapina do tamanho de uma galinha, tendo o bico amarello e pennas pardas.

Tauato-y. Outra especie de ave de rapina, muito parecida com o *Tauato,* porem muito mais pequena, e não maior do que uma pequena perdiz.

Kara-kara. Outra ave de rapina do tamanho de uma galinha, cabeça nua e sem pennas excepto ao redor do bico. Suas pennas são brancas e negras.

Urucuréa-Uaçu. Outra qualidade de ave de rapina, do tamanho do antecedente, de cabeça igual a da coruja ou

mocho, e de olhos grandes e redondos. A cabeça é branca e o corpo pardo.

Chua. Não é maior do que uma galinha de tamanho medio. É uma qualidade de ave de rapina, que tem a cabeça parecida com a da coruja, a barriga avermelhada, e as pernas pardas.

Kauuré. Parece-se muito com a coruja, e é tambem ave de rapina. Suas pennas são pardas, e seos pés se parecem muito com os do *Gripho.*

Vivem todos estes passaros á custa de pilhagem e rapinas, perseguindo os outros constantemente.

Encontram-se ahi tambem grande numero de papagaios de varias especies, e de pennas de diversas cores muito bonitas, faceis de serem apanhados, e de aprenderem a fallar, como seja o *Uira-rasoy,* do tamanho de um capão grande e com pennas verdes. Levantam e errição constantemente suas pennas, fazem roda em torno de sua cabeça como fazem os pavões com as suas caudas, e sente-se prazer em vel-os pela variedade de suas cores, uns vermelhos, verdes, e outros azues, de cinco ou seis qualidades de cores misturadas e matisadas.

Yenday-uaçú. Uma qualidade de papagaio do tamanho do precedente, de bonitas pennas, de quatro cores, de cabeça vermelha, amarello no dorso, branco na barriga e na parte inferior do pescoço, e verde na parte superior das azas e da cauda, e por baixo dellas amarello.

È muito bonito.

Uyra Iup. Outra qualidade de papagaio do mesmo tamanho dos precedentes, inteiramente amarello como oiro fino, menos nas pontas das azas e da cauda, onde é verde.

Canindé. Outra qualidade de papagaio, todo azul, ceruleo no dorso, e amarello na barriga, tendo nos dois lados da ca-

beça, perto dos olhos, uma pelle branca, estreiada de negro, e sem pennas.

Arara. Outra qualidade de papagaio, um pouco maior que o *Canindé,* vermelho na maior parte do seu corpo, e principalmente nas azas, porem amarello, verde azul, e de outras lindas cores em varios lugares. Tem cauda do comprimento de dois pés e de diversas cores. Nos dois lados da cabeça e perto dos olhos, como o Canindé, tem uma pelle sem pennas, e toda branca. Não é passaro de gaiola não sendo ella de ferro, tem bico adunco, tão duro e cortante a ponto de destruir tudo o que apanha.

Iuruue. Outra especie de papagaio do tamanho do *Canindé*, de cor verde misturada de negro, tendo em vez de crista uma linda pluma de cor branca em fórma de corôa sobre a cabeça, o que faz bonita vista.

Margana. Outra especie de papagaio, do tamanho de um meiro, de cabeça muito grande, tendo ao lado dos olhos uma pelle branca sem pennas como a *Arara.* São suas pennas quase todas verdes, menos debaixo da barriga e no encontro das azas, que são da cor de laranja.

Euruuàia. É do mesmo tamanho do antecedente, porem differe na especie por ter as pennas verdes misturadas com algumas negras, e o ventre azul e negro, verde e violeta. É muito bonito, e quando apanhado, é facil ensinal-o a fallar.

Paraud. É do tamanho de uma galinha, sendo amarello o alto da cabeça, cercado de bonita cor verde. A parte superior das azas tambem tem a cor verde, porem é misturada de amarella.

É muito bonito, e considerado como o verdadeiro papagaio, e entre todos é o que melhor falla, e que aprende mais depressa e facilmente.

Tuin-miry. Do tamanho de um pardal, e por isso não deixa de pertencer a especie dos papagaios. Aprende a fal-

lar com facilidade, e pronuncia bem as palavras. São mui ligeiros, tem as pennas do corpo brancas, a parte superior da cabeça e ao redor dos olhos cheia de pennas de cor amarella muito bonita.

Tuin-uaçú. É um pouco maior que o *Tuin-miry*: pertence tambem á especie dos papagaios, tem pennas de bonita cor verde, misturada de varias partes de cor de laranja muito viva. Quando apanhado é um dos que melhor falla.

Cuiu cuiup. Do tamanho de um pardal. É vermelho o alto da cabeça, verde e azul o dorso e verde o ventre.

Tambem aprende a fallar com facilidade.

Ainda por lá existem muitas outras qualidades de passaros, que aprendem facilmente a fallar como as qualidades de papagaios, ja referidas, e são muito lindos.

Nós só temos cinco ou seis qualidades de passaros, que bem podem aprender a fallar, e uma só de lindas pennas, porem na Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças existem grande numero dellas, que alem de aprenderem a fallar, tem lindas pennas, de varias cores, que atrahe, agrada, e prende a attenção de quem as vê.

Uyra-tain-eum. Do tamanho de um pardal, porem muito bonito. Tem pennas negras na cabeça e nas azas, porem o bico, os pés, e todo o corpo emfim é de bonita cor vermelha, e visto de longe parece fogo ardente, e sua voz agrada quanto é possivel.

Todos estes passaros servem para comida, especialmente os papagaios, comtudo não se utilisam delles para tal fim, e não são tão bons como muitos outros que por lá existem.

Entre outros existe o *Moyton*, que é do tamanho de um pavão, e muito similhante, menos na cauda. Sobre a cabeça tem poupa, e suas pennas são negras e brancas por todo o corpo. É bonito passaro e muito boa comida.

Ainda temos os seguintes:

Moyton-tin Miran, que é do tamanho do precedente, de bico mais grosso, duas vezes mais comprido, e da largura de dois dedos.

Tem tambem poupa, pennas vermelhas e brancas, e é muito lindo.

Jacu. Verdadeiro faisão, muito parecido com os nossos e muito boa comida. São ahi muito triviaes e em grande numero.

Jacu ubuyh. Outra especie de faisão do tamanho de um galo da India. É muito bonito; são azues as pennas da cabeça, e de bonita cor negra e lusidia todas as outras: os pés são vermelhos.

Aracuan. Tambem outra especie de faisão, do tamanho de uma gallinha, sendo vermelhas as pennas do pescoço, e outras amarellas côr de palha. È muito lindo.

Ainda existe outra qualidade de passaro, cujo nome não sei, e por isso apenas direi que é do tamanho de um gallo da India, e tem o bico similhante ao delle. Tem na cabeça um chifre ou ponta do tamanho de um dedo, e suas pennas são de cor parda. É muito boa comida.

Nambu. Perdiz duplamente maior do que as nossas, embora muito parecida. Por lá existem em grande quantidade e é excellente comida.

Nambu-uaçu. Outra especie de perdiz, maior do que um capão, com pennas pardas e olhos azues.

Inambu-tin. Outra qualidade de perdiz do tamanho de uma gallinha, de pennas brancas algumas e negras, produsindo ovos a sues do tamanho dos de galinha, e delles se servem os Indios para pintar e enfeitar suas espadas quando vão para a guerra, ou quando vão matar seus prisioneiros e para isso costumam fazer uma festa.

Macucaua. É ainda outra especie de perdiz do tamanho da antecedente, suas pennas são de tres cores, vermelha, branca e azul, muito bonitas e vivas, e azues seus ovos.

Tucan. (Tucano). Do tamanho de um trocaz, com o bico não proporcional ao seu tamanho, que é de 6 a 8 pollegadas de comprimento, e de tres dedos de largura. Adiante do estomago tem um peitoral da largura de tres a quatro dedos, de bonita cor amarello-alaranjado, cercado de carmesim, a barriga branca, as costas vermelhas, as azas e cauda negras.

É muito lindo, e bom para comida.

Ha tambem outra qualidade de *Tucan*, chamada pelos indios *Uaycho*, do tamanho da antecedente, bico igual, porem vermelho e amarello, estomago branco e matisado de vermelho, cauda amarella, e branco o resto do corpo.

É tão agradavel á vista como ao paladar.

Iapu. Do tamanho de um pombo. Tem o bico maior do que um dedo, suas pennas são de linda côr verde-mar, mesclada de negro, cauda amarella e do comprimento de um pé.

É muito bonito e optima comida.

Iapy-uaçu. Do tamanho de um pardal, tendo a cabeça branca, as pennas da barriga vermelhas carmezins, e verdes a parte superior das azas e a cauda.

É tão bonito como saboroso.

Arasary. Do tomanho de um pombo, sendo branco, porem matisado de vermelho o seu ventre e negras as azas. Excellente comida.

Uru. Do tamanho de uma perdiz, com crista á similhança dos gallos, e suas pennas tem tres cores, muito bonitas, vermelha, negra e branca.

Constantemente está picando o tronco das arvores para ver se ha alguma concavidade e nella mel para comer.

Uru. Assim chamada pelos Indios outra qualidade de passaros, muito similhante á codorniz de França, porem duplamente maior, e com grito differente. É comida muito saborosa.

Seracupyytan. Do tamanho de uma perdiz commum, e suas pennas de um branco pardo, muito lindas. Boa comida alem de muito bonito.

Sauia. (Sabiá.) Do tamanho de um pardal. São amarellas as pennas do ventre e pardas as outras. Vive ordinariamente nos jardins comendo pimentas de forma, que do lugar, onde cahe o seu excremento, nascem pimenteiras, as quaes são muito bem tratadas pelos Indios, que as vendem. Serve este passaro o officio de jardineiro, semeando pimentas por toda a parte, e por isso dizem os Indios ser elle bom passaro, porque só o seo excremento lhes dá machados, fouces e outros generos, de que carecem.

Ha outra especie de passaro do tamanho de um pombo, a que chamam *Tata uyra Miry* (Tataira) «passarinho de fogo», por serem suas pennas de cor de fogo, excepto as azas, que são negras e brancas, e algumas com as pontas amarellas.

Tata-uyra uaçu. Passaro grande de fogo, maior do que o outro, porem muito parecido e do tamanho de uma gallinha.

Arumara. Do tamanho de um pombo, negro na cabeça, nas azas, no dorso, e na cauda é vermelho. É boa comida.

Keré-Iud. Do tamanho de um pardal, de côr violeta misturada com a de verde-mar no corpo, e negra nas azas. Saborosa comida.

Jeroty. Muito parecido com as nossas rolas, e encontram-se por toda toda a parte. É comida muito delicada e boa.

Si Deos é admiravel na creação de todas as especies de passaros, uns notaveis pelo seu tamanho e outros pela variedade de suas pennas, não o é menos em relação ás duas seguintes qualidades tanto pela sua pequenez como pela bellesa de seu corpo.

Iapyy. Assim chamado por alguns, e é do tamanho de um besouro. Tem na cabeça uma corôa redonda de lindas pennas azues, no corpo tambem pennas verdes misturadas com azues, e na cauda negras.

Uénonbuyh. Outra qualidade assim chamada por alguns, ainda mais pequena do que o *Japy*. O seu bico é comprido e delgado, suas pennas são de diversas cores, e quando vôam fazem susurro similhante ao do besouro, e quando trepados sibilam mui fortemente, e não em proporção do seu corpo.

Existem por ahi tambem certos passaros nocturnos, como sejam os *Pupoyh Pupoyh* do tamanho de milhafres, e com pennas pardas misturadas. Gritam e fazem barulho toda a noite.

Encontram-se ainda os seguintes:

Urutaguy. (Aratauy). Do tamahno de uma gallinha, e de pennas pardas mescladas. Tanto elles como seus filhinhos gritam toda a noite como que se queixando.

Yucurutu. (Morucututu.) São do tamanho de patos, com plumas verde-anegradas. Gritam toda a noite como os precedentes.

Andheura. Morcegos muito parecidos com os nossos, e muito maiores.

Dão gritos fortes e medonhos. Entram de noite pelas casas, e si encontram alguem dormindo, atacam, escolhem a extremidade do dedo grande de qualquer pé, e sem que se perceba, toca-o e suga-lhe insensivelmente o sangue em grande quantidade deixando-lhe alguma dor, e embora não

seja grande obriga comtudo o paciente a ficar deitado em sua rede por espaço de 24 horas por causa do sangue perdido, que somente se pode estancar pelo repouso.

Por esta forma tem os animaes o genio dos habitantes da terra, os quaes são tão crueis e deshumanos, que sem a menor difficuldade comem a carne e bebem o sangue dos seus inimigos.

Não comem os indios este passaro.

Quanto aos passaros aquaticos ha de muitas qualidades, nutrindo-se uns de lagostins e carangueijos e varios peixinhos, que se encontram nas areias e no lodo das praias. Caçam outros constantemente carangueijos, lagostins, sargos e voadores.

Temos ainda os seguintes:

Uara. (Guará). Tambem ave aquatica, cujo bico tem o comprimento de meio pé, muito fino e ponteagudo.

São suas pennas vermelhas ou encarnadinhas em todo o corpo, menos nas azas, que são negras.

Quando cozidos, sua carne fica vermelha, é muito boa comida. Andam aos bandos pelas praias, e pernoitam nos mangues.

Tamatian. Tambem ave aquatica, igual ás precedentes, excepto nas pennas que são pardas. Excellente comida.

Encontra-se por toda a parte na visinhança do mar.

Uacara-on. (Carão). Muito similhante ás precedentes, porem de especie diversa, e com as pennas negras. Boa comida.

Mauarip. (Maguary). Igual á garça real. Encontram-se muitas nas areias das praias.

Uiru-tin. São as nossas garças, porem do tamanho de patos; suas pennas são brancas, e o mais bonito que é possivel.

É tão agradavel á vista como ao paladar.

Uacara. São garças pequenas, umas brancas, outras pardas, e todas em abundancia, e boas para comida.

Potiry. São marrecas. Encontram-se la por toda a parte. Ha negras, pardas, e de diversas cores. Boa comida.

Karypira. Tambem o chamam *Thesoura*, e fazem guerra constantemente aos peixes voadores, como ja se disse no capitulo 8.º

Aty. É do tamanho das garças, com pennas brancas, e no meio da cauda uma maior do que as outras, do tamanho de um pé ou pé e meio, muito estreita. É muito bonita. Ordinariamente vai muito longe pelo mar, caçando peixes.

Tuiuiuch. Maior do que um gallo da India, tendo o bico do comprimento de um pé, e da largura de tres dedos, a cabeça negra, o pescoço muito comprido e branco, as azas pardas, as pernas altas como a cegonha, porem muito mais grossas. Quando está em pé é da altura de um homem.

É boa comida. Mora nos campos ao lado dos rios.

Iauuru. (Jaburu). Outra qualidade de ave igual á precedente, sendo negros o bico, a cabeça e as pontas das azas.

Ainda existem outros passaros, que habitam os campos, e a terra, não tendo azas bastantes para vôar, e saltar nas arvores, bem como o *Yandu*, especie de abestruz, muito grande, e maior do que um homem.

Na verdade não vôa, mas em compensação é tão ligeiro correndo, que é bem difficil apanhal-o, e ordinariamente andam em bandos.

Salian. Maior do que uma gallinha grande da India, com pernas compridas como a Cegonha, e bico igual. São pardas-cinzentas suas pennas, e não pode alcançar com o vôo mais que quinze palmos.

Corre porem tão ligeira, a ponto de não ser apanhada pelos cães.

Quanto aos passaros domesticos ha muitos como sejam gallos e gallinhas da India, chamados *Araignan*, que ahi muito se multiplicam, muitas gallinhas communs, mui parecidas com as nossas, a que dão o nome de *Uira-sapukay*, quando já tem posto 5 a 6 ovos. Chocam seus ovos em todo o tempo, e eis a razão de sua multiplicação.

Ha tambem patos chamados *Vep*, muito mais bonitos e mais saborosos do qus os nossos, e do mesmo tamanho: adens e gansos, a que dão o nome *Potiry*, maiores do que os nossos, de lindas pennas, e excellentes para comida: pombos bravos, a que chamam *Picussu*, e mansos conhecidos pelo nome de *Picassutin*.

Todos estes passaros os Indios apanham facilmente, e domesticam-nos tanto por gosto como para comerem, quando lhes parecer.

Não ha pessoa alguma que os veja, que não admire a sabedoria e providencia de Deos na variedade e na belleza dos passaros que habitam o Maranhão.

CAPITULO XL

Dos peixes, que se encontram em Maranhão.

Si a região aerea do Maranhão e suas vizinhanças está assim tão maravilhosamente povoada de passaros, as suas agoas, proporcionalmente, não são menos abundantes de peixes, uns do mar, outros de rios, de regatos e de agoas doces.

Sendo tão impossivel particularisar as diversas qualidades de peixes, que lá se encontram, como é o contar-se as estrellas do Ceo, contento-me em especificar algumas das principaes, mais communs e triviaes.

Entre os maritimos existem os seguintes:

Uaraua. Maior e mais grosso do que o maior boi. Na cabeça se parece muito com o boi menos nos cornos e nos pés porque não os tem, e sim em seos lugares estão azas para nadarem. Nos ossos, na gordura e na carne é similhante ao melhor boi, sendo a carne apenas um pouco mais branca, mas fraca, não muito consistente, e muito saborosa, e o seo caldo é similhante ao caldo de carne cozida. Por tudo isto deram-lhe os Francezes o nome de peixe-boi: nutre-se de hervas e de folhas de mangue. Creio que isto concorre para serem elles mui saborosos.

Pyra-on. Tem mais de 6 pés de comprimento, e sua circumferencia é maior do que uma barrica. Suas escamas são negras e do tamanho de qualquer mão. Boa comida.

Pirapem ou *Camurupuy.* Do mesmo tamanho, que o precedente, de grossura proporcional, e de escamas largas.

Uyry. Tem de comprimento de tres á quatro pés, de largura a de uma coxa, a cabeça muito chata, e nas costas tem azas de meio pé de comprimento e mui pontudas, cujas picadas são mui perigosas, embora seja um dos melhores peixes do mar. Ha tambem outra qualidade, porem de agoa doce: são muito cheirosos e como que almiscarados.

Ury-Yuue. (Gurujuba.) Muito parecido com o precedente, excepto na côr por ser amarella. Boa comida.

Uacara. (Acará?) Muito similhante ao savel, porem muito maior e mais grosso, e com muito poucas espinhas, pelo que é mais saboroso.

Uatucupa. Peixe de escamas, tendo de comprimento dois pés. Tem a cabeça amarella, e é excellente comida.

Cureman-uaçú. (Curiman.) Muito similhante aos sargos. Tem quatro pés de cumprimento e largura proporcional. Ha tambem outras qualidades de sargos, a que chamam *Paraty.* São menores que os precedentes, mui similhantes aos nossos, porem muito mais gordos e excellentes.

Pyra-cuaue. Muito similhante ao *Paraty,* e do tamanho de um e meio pé.

Cambury-uaçú. (Camurin.) Muito similhante ao *Bar.* Tem quatro pés de comprimento, cabeça mui similhante a de porco, cauda amarella, e cheia de escamas.

Uuaram. Peixe de escamas, e do tamanho de dois pés.

Yauebuyre. Peixe chato similhante a arraia, porem maior, pois tem mais de 2 braças de comprimento e outro tanto

de largura, e com uma espada do tamanho de um pé. Tem sua cauda mais de braça e meia, e no centro uma ponta em forma de dardo muito maior do que um dedo, e cuja ferida é tão perigosa, que as vezes é melhor cortar-se a parte offendida.

Narinnary. Outro peixe chato, mui parecido com a arraia, com 6 pés de cumprimento e outro tanto de largura. É do tamanho de uma braça sua cauda, e no meio tem uma ponta como o precedente; porem mais comprida por ter perto de um pé. É muito perigosa. Este peixe é todo rajado de branco e negro.

Uara. Peixe chato com dois pés de comprimento e mais de um de largura. Sua côr é prateada, e suas barbatanas amarelladas.

Acara-uaçú. Peixe chato, do tamanho de tres pés, e de largura proporcional. É negro e muito cheio de escamas.

Acara Peue. (Carapeba?) Peixe chato, de pé e meio de comprimento e de largura proporcional. No mais é similhante ao antecedente.

Acara-poytan. Tambem um peixe chato, muito similhante ao *Acara-peue.* É rajado de vermelho e de bránco.

Acara-pururu. É tambem peixe chato, muito parecido com o outro, porem rajado de negro e de amarello.

Acara-iu. Tem o comprimento de um pé, cheio de escamas, a cabeça verde, dorso amarello e ventre branco.

Paru. (Paru.) Peixe chato do tamanho do *Acara-uaçú* e muito similhante. É escamoso e negro.

Aramassa. Peixe chato, muito similhante ao *Linguado,* com mais de dois pés de comprimento e largura proporcional. Seos esporões são maiores do que tres dedos, o ventre branco, e o dorso negro. E' boa comida.

Ha outra qualidade de peixe chamada *Arauaua,* com mais de oito pés de comprimento, de pelle dura, e muito pare-

cido com o tubarão, de que ja fallei, tendo na extremidade de seu focinho uma espada á maneira de serra, do tamanho de dois a tres pés, com que mata os peixes.

Panapanan. Tem o comprimento de 6 pés, sua pelle é muito dura, e muito parecido com o precedente. Na extremidade do focinho tem tambem uma espada do tamanho de dois pés.

Pacamão. Sem escamas, pardo, do tamanho de dois pés, de cabeça grossa relativamente a seu corpo, que é delgado. Encontra-se ordinariamente no buraco das pedras.

Caramuru. Muito similhante á enguia, tendo de comprimento braça e meia, e largura proporcional. Acha-se de ordinario no buraco das pedras. É saboroso, porem sua mordedura é perigosa.

Tinmocu-uaçu. Muito parecido com as enguias, porem são alvos, do tamanho de duas braças e de largura proporcional. No focinho é similhante ao peixe *Lucio,* e tem um pé de comprimento.

Panyanaiu. Similhante ao precedente, porem branco e do mesmo tamanho, menos no maxillar inferior muito mais comprido do que o superior.

Entre os peixes dos rios e de outras aguas doces admiram-se os seguintes.

Purakê. [1] Muito mais grosso do que uma coxa, e de comprimento de 4 pés pouco mais ou menos.

Encanta a vista pela variedade de suas cores, pois é pintado de vermelho, de azul e de branco. Não faz caso de espadeiradas, e nem se meche do lugar, em que está, porque sendo muito molle sua carne, facilmente se abate com a bordoada, e nada o maltrata.

---

[1] *Puraqués.* Ou já desappareceo esta especie ou então ha grande exageração.

Quando porem é ferido, elle vos dá tal choque no braço, que, alem de causar-vos grande dor vos fará recuar 4 a 5 passos para traz, e cahireis vós de um lado e vossa espada de outro, como aconteceu a um joven da nossa companhia, que assim aprendeu a sua custa.

Curimatá. Outra qualidade de peixe mui similhante áo *Carpo,* porem muito mais comprido e mais largo, pois tem mais de quatro pés, e é um dos melhores peixes que se pode comer.

Suruuy. Da grossura de uma coxa, e do tamanho de tres quartas partes della; sua cabeça é grossa, e mui escamosa como a Carpa.

Iaconda. Tem tres pés de comprimento, e é escamoso, e rajado de amarello, de vermelho e de branco.

Acará. Tem de comprimento e de largura quase um pé: é escamoso e rajado de vermelho na cabeça á similhança da flor do Lyrio.

Menduuel. Do tamanho de um pé, e de côr avermelhada.

Pyrain. Do tamanho de um pé, e da largura de meio pé, sem escamas, amarello e vermelho, com dentes mais cortantes do que thesouras, e por isso lhe dáo os Indios esse nome, que tem tal significação.

Opean. Igual ao *Pyrain,* com dentes cortantes como elle, porem rajado de vermelho.

Tarehure. (Tarira?) Similhante ao *Paraty,* muito mais espinhoso, e com dentes tambem cortantes.

Teiu. Similhante ao *Tarehure,* menos na cabeça, que é azul e mais redonda, e não tem tantas espinhas. Sua cauda é amarella, e seu corpo vermelho.

Tamoata. Peixinho de meio pé de comprimento, e todo cheio de escamas, com armaduras ou manoplas de ferro. Sua carne é amarella e saborosa.

Pira-pinin. Do tamanho de dois pés, todo branco menos a cabeça, que é rajada, e a cauda amarella

Pyra-Cotiare. Muito similhante á pescada, escamoso, e rajado de pardo e branco.

Pyiaue Uaçú. Muito similhante ao peixe-rei. Tem a cauda vermelha, é mais grosso, e excellente comida.

Sarapó. Muito parecido com as lampreias, porem é um pouco mais largo, e tem o nariz mais comprido.

Mussu. Muito parecido com a enguia, e tem de comprimento 4 pés.

Ha muitas qualidades de carangueijos, como sejam os *Onègnomoin,* maiores do que duas mãos juntas, e proporcionalmente grossos, e quasi todos azues, com as unhas tão grossas como um punho. Moram nos buracos que fazem no chão, ou junto as arvores, d'onde são tirados com difficuldade. É bôa comida.

Ha tambem outros chamados *Uçá,* do tamanho dos precedentes, tendo as pernas avelludadas e mui vermelhas. Encontram-se nas raizes dos mangues.

Existem tambem os *Uia-Uaçú.* maiores do que um pé, e acham-se nas pedras entre as ostras.

Aratu. Um pouco menores que os precedentes, rajados de amarello e de azul. Encontram-se no mar.

Siry. Tambem se acham no mar. Uns são azues, e outros brancos.

Auära Uça. (Graussá) Carangueijos brancos e maiores do que um punho. Gostam do ambar gris, e quando estão nas praias descubertas, ou mesmo occultos nas areias, fazem circulo, apanha cada um o que póde dessa substancia, e carregam as vezes grandes pedaços para os buracos, onde se abrigam, e ahi vão buscal-os os que a conhecem ou delia necessitam.

Urarup. Outra qualidade de caranguejos, maiores do que um punho, residentes n'agua doce, onde servem de sustento aos *Uçapeue.*

Ha ainda estas qualidades de animaes.

Capyyuare. (Capivara) Muito similhantes aos lobos marinhos, de cauda pequena, e somente encontrada nos rios e riachos.

Crocodillos, a que chamam *Jacaré,* da grossura de um homem e de tamanho proporcional, muito perigosos, e armados de escamas muito duras, e de dentes compridos e cortantes.

Senemboy. São lagartos da grossura de uma perna, muito parecidos com os *Jacarés,* porem não mordem, são verdes, e agradaveis ao paladar.

Vivem tão bem tanto sobre as arvores, como dentro d'agua.

Teiu-Uaçú. É ainda uma especie de lagarto, similhante á precedente, porem rajada de azul. Bôa comida.

CAPITULO XLI

Animaes terrestres, que se encontram no Maranhão.

Falta-me agora tractar em terceiro lugar dos animaes terrestres, que se encontram na Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças. Correm uns e arrastam-se outros, quase todos selvagens, e são os seguintes:

Suaçú-apar. Corças e viados muito similhantes aos nossos.

Suaçú. Cabritos montezes, em abundancia.

Tayaçú. Especie de javalis, differentes dos nossos, porem mais pequenos, com um buraco no dorso á similhança de um respiradouro, d'onde exhala um cheiro fetido. Ha muitos, e andam em bandos.

Tayaçú-eté. Outra qualidade como a precedente, porem muito maiores do que os javalis de lá.

Coendu. Porco espinho. Por lá existem em quantidade, do tamanho dos nossos javalis, com espinhos e aguilhões grandes, pelo menos do tamanho de um pé, uns maiores outros menores, brancos e pretos, e proporcionalmente grandes e pontudos.

Tamanduá. Certa qualidade de animaes, do tamanho de um pé, lingua comprida e estreita, pellos parecidos com o do cavallo porem mais grossos, cauda muito basta á ma-

neira da do cavallo, pés rachados como de boi. Tem este animal a astucia de introduzir a lingua nos formigueiros, existentes debaixo da terra para assim atrahir as formigas e comel-as. É muito bom, e por isso comem-no os Indios velhos, não porem os moços visto repugnar-lhes por se nutrir elle de formigas, e assim enfraquecel-os tirando-lhes força e coragem, indispensaveis á guerra.

Tapiyre-eté. Vaccas bravas ou selvagens, mui similhantes ás nossas, menos nas orelhas que são maiores. Tem a cauda e as pernas curtas, dentes agudos, e sem chifres. Dentro d'ellas encontra-se uma pedra chamada—bazar.

Tatu. De muitas qualidades. *Tatu-açú,* do tamanho de carneiros, mais compridos e redondos, com a cabeça e pés parecidos com os de porco, orelhas de lebre, cauda do tamanho de dois pés, escamas grossas, brancas e pretas, sobrepostas umas ás outras a maneira de couraças, menos no ventre, que é liso e sem escamas.

Tatuy-uaçú. Muito parecido e do mesmo tamanho, que os precedentes.

Tatu-eté. Do tamanho de rapozas, com escamas menos duras, porem mais cheias de malhas: é melhor comida.

Tatu-pep. Similhante ao precedente, porem como alimento é inferior.

Tatu-apar. Do mesmo tamanho e similhança do *Tatu-eté,* menos nas escamas, pois são mais duras, e flexiveis, fazendo uma bola a maneira de um ouriço. É excellente comida, e superior aos outros.

Tatu Uainchun. Mais pequenos que os precedentes.

Tatu Miri. Menores de todos pois tem apenas um pé de comprimento. Encontram-se nos campos, e outros nos bosques e moutas.

Cuaty. (Quaty) Similhante a nossa raposa, excepto na cauda que é menos basta. Bôa comida.

Pac. (Paca) Outro animal, maior que o precedente, bem roliço, de cabeça grossa e curta, orelhas muito pequenas, cauda maior do que um dedo, pelle bonita, pellos fortes e duros, brancos e pretos.

Aguty. (Cutia) Muito parecido com leitõesinhos, menos na cabeça, que é similhante a de um rato; sua cauda é do tamanho da metade de um dedo, pellos fortes, e côr avermelhada.

Tapity. Mui similhantes as lebres e coelhos.

Ponnaré. Muito parecidos com o precedente. Uns tem a cauda do comprimento de meio pé, e outros não, e são chamados *Amoco e Sauia.*

Quanto aos animaes ferozes temos de diversas qualidades, e entre outras as seguintes:

Januäre. Uma especie de onça, do tamanho de cães inglezes, com pelle mui delicada e pintada. São furiosos e por isso muito temidos pelos Indios.

Suässuäran. Especie de Leopardo, do tamanho do antecedente, e pelle malhada. É muito furioso.

Margaia. Especie de gatos bravos, assim chamados pelos Indios. É bonita sua pelle e malhada por todos os lados.

Ha ainda outro animal monstruoso, de cabeça redonda, mui parecido com o homem, de pellos pardos e grossos, e de quatro pés, de que se serve para trepar, com tres garras em cada pé, cada uma do tamanho de um dedo, mui fortes, e com que se agarram quando trepam, sendo difficil tomar-se-lhe qualquer objecto quando por elle agarrado.

Quando na superficie da terra arrasta-se com o ventre, e as vezes enterra-se tambem por ella á dentro; quando trepada n'uma arvore, não a deixa sem comer todas as suas folhas, depois desce, principia a comer terra até galgar outra arvore, onde faz o mesmo que já dissemos.

Quer de rastos quer trepado, é sempre moroso, e por isso o chamam *Preguiça*.

Ha de duas qualidades, uma do tamanho de lebre, e a que chamam *Vnaü*, e outras duas vezes maiores, e a que dão o nome de *Vnaü Uaçú* ambas monstruosas.

Ha tambem muitas qualidades de macacos e de monos: uns chamados *Uäriue*, todos negros e grandes como os maiores cães, e soltam gritos tão fortes a ponto de serem ouvidos em distancia de legoa, e outros *Cay Uaçú*, ahi mui communs: estes *Cay-on*, todos negros, de barba maior do que quatro dedos, e as vezes até meio pé, bonitos e por isso agradaveis á vista, aquelles *Cay-miri* ou *Sapaiu*, de bonito pello amarello, misturado de diversas cores, todas bonitas e lindas, e aquelles outros *Tamary* muito pequenino, e de diversas cores.

Ainda tem por lá os *Marikina*, uns grandes, outros pequenos com a cabeça similhante á um coração, e coberta de um pello prateado; os *Yupara* (Juripary) rajados de branco e de outras cores, e finalmente os *Saguy* de pello prateado, e mais pequenos e mimosos de todos.

Tambem lá se encontram cães domesticos, chamados *Ianuares*, similhantes aos galgos, porem mais pequenos, proprios para a caça, principalmente de cutias, pois presentindo-as em seus covis não deixam de ganir até ser tal caça apanhada.

Entre os animaes rasteiros ha o *Boy-été*, (Giboia) de grossura superior á uma coxa, e do comprimento de duas braças, sem pés, e com a pelle lisa e rajada, de diversas cores, que o fazem muito agradavel á vista. Tem esta serpente 4 dentes unicamente, porem mui cortantes, e na lingua dois aguilhões, tão finos como pontas de lancetas, ferindo com elles maravilhosamente, e o mesmo pratica com a cauda, sendo a picada desta mais perigosa e mortal. No fim da

cauda tem um pequeno chocalho, ou para melhor dizer, uma pequena bexiga, que faz barulho, como se estivesse cheia de ervilhas, e parece ter-lhe sido dada por Deos para avisar o homem de que deve precaver-se de tão perigosa serpente, e assim acontece aos Indios, pois apenas ouvem o sussurro desses chocalhos ou campainhas previnem-se logo para matal-a.

Tem ainda as seguintes:

Iuboy. (Giboia). Semelhante á cobra, porem de grossura maior do que uma perna, de pelle preta sobre o dorso, vermelha e branca no ventre, mui venenosa, e por isso como a precedente, não o comem os Indios.

Tara-guy-boy. (Tariraboia). Especie de lagarto, com dois pés, da grossura de um braço, do cumprimento de uma braça, e com a pelle rajada de vermelho, de branco e de negro. È mui perigoso, e não presta para se comer.

Tarehuboy. Outra qualidade de serpente do comprimento de uma braça, e da grossura de uma perna, de pelle mesclada de branco e verde. Temem-na muito os Indios, embora seja boa de comer, e della se alimentem os Indios algumas vezes.

Ha tambem sapos muito grandes, a que chamam *Cururu*. Alguns ha de um pé até pé e meio de diametro. Quando esfolados, sua carne é muito branca e boa para comer, e vi muitos rapazes francezes assim o fazer com grande apetite.

CAPITULO XLII

Dos animaes imperfeitos, existentes no Maranhão.

Muitas pessoas tem ouvido fallar, e se admiram, de haver em Maranhão animaes, que, embora pequeninos, incommodam o homem. É pura verdade.

Deve saber, que em todo e qualquer paiz, onde ha animaes perfeitos, ha tambem imperfeitos, a que uns dão o nome de *Insectos*, e outros de *Annulosa* ou *Annulata*, ou (como Aristoteles e Plinio). [1] 395

São animaesinhos sem sangue, ou sem membros destinctos, uns sem cabeça outros sem ventre, ou sem a parte media, que lhes serve de dorso e peito, com a pelle golpeada, ou enrugada, ou cheia de pequenos circulos, ou chapas redondas.

Em França ha muitos: uns voando nos ares, como as borboletas, as moscas, as abelhas, as vespas, os mosquitos, e os escaravelhos, outros correndo ou arrastando-se pela terra, como sejam o gafanhoto, ou o saltarello, as pulgas, as lagartas, as aranhas, os lacraus, e as viboras, e finalmente entre estes as formigas e outros insectos sem azas, e sem

[1] Por não haver em Maranhão typos gregos, deixamos este espaço em branco.

pés, por exemplo os vermes e as traças, que crescem nos paus, e outros dentro do corpo humano á similhança de oução, e outros bixinhos.

De taes insectos e vermes não está livre o Maranhão.

Ahi se encontam os seguintes:

Borboletas. Chamadas pelos Indios *Pananpanan*, com azas muito grandes e largas, de cor azul muito linda, a qual fica adherente aos dedos de quem as agarra.

Meru ou Beru. Moscas, assim chamadas pelos Indios: ha de diversas qualidades e differentes das nossas.

Eyre-Uue. Abelhas ou moscas de mel, mais pequenas do que as nossas, negras, e mui perigosas. Fazem mel no concavo das arvores, onde os *Tapinambas* as reunem, muito saboroso, e por elles chamado *Eyre.*

Mutuc. (Mutuca) Outra qualidade de moscas, grandes e bonitas.

Mariguy ou *Maringuin* (Maruin) Mosquitos pouco maiores que a ponta de alfinetes: mordem muito forte, e de tal sorte que não podeis deixar de coçar a parte offendida. Encontram-se de ordinario nos mangues.

Yetingue. Outra qualidade de moscas, um pouco maiores do que as antecedentes.

Iation. Outra qualidade de moscas, de nariz comprido, muito semilhante as que chamamos em França *Cusins.* Sahe sangue do lugar, em que picam. Moram ordinariamente á margem dos rios, e são mais communs na estação das chuvas do que em qualquer outro tempo.

Meru Ubuyh. Moscas verdes similhantes ás cantharidas de França.

Uça été. Formiga da grossura da cabeça do dedo pequeno: tem azas, e voam aos bandos.

Apanham-nos os Indios, deitam-nas em cabaças, guisam-nas para comer e dizem ser muito boas.

Araraa. Formigas voadoras como as precedentes, muito parecidas, menos na cor, que é amarella. Bôa comida.

Uça Uue. (Saúba) Formigas communs, que vivem juntas nos grandes montões de terra, onde se encontra uma especie de cochonilha, segundo dizem.

Cangheuré. São formigas grandes, negras, e compridas, do tamanho da metade do dedo pequeno. Sua picada é tão sensivel e prejudicial, como nenhuma outra, embora feita com ponta bem aguçada, porem é passageira.

Tassue. Outras formigas muito pequenas, de cor vermelha, e que tambem mordem muito, e produsem grande coceira.

A maior parte destas e de outras formigas, que por lá existem em abundancia, alimentam-se quase sempre de sementes. que se plantam, e assim as inutilisam.

Ha tambem uma qualidade de vermesinho, chamado pelos indios *Ton,* gerado e sustentado no pó da terra, do tamanho de pulgas pequenas, do mesmo feitio, porem mais redondo, e como ellas tambem saltam quando se quer apanhal-as. Perseguem muito as creaturas entrando nos pés e nas mãos, especialmente na ponta dos dedos, e debaixo das unhas, onde fazem prurido igual ao do Oução, e se não é tirado apenas presentido, atravessam a pelle e vão se introduzindo até chegar á carne viva, onde ficam se nutrindo, e dentro de dois ou tres dias ficam do tamanho de uma ervilha pequena, ou de perolas, e tambem da mesma cor.

Quando criam barriga deitam muitas lendeas no lugar em que estão, produzindo apenas muito prurido, porem, creio que causarão outros incommodos se não forem tiradas. Conheci la algumas pessoas tão preguiçosas, que nem os tiravam, dizendo quererem ver o que disto resultava, ficando afinal tão encommodados dos pés e das mãos a ponto de não poderem andar e trabalhar.

Na verdade é grande preguiça e descuido, digno sem duvida de castigo, visto haver remedio tão prompto e tão facil.

Apenas for sentido, podeis apanhal-os e tiral-os como se faz com as pulgas, e se for a noite, sem duvida despertareis com o prurido os tirareis, embora decorram dois a tres dias, sem o menor inconveniente, e apenas um pouco mais grosso, pelo que deixa maior buraco.

Não sendo venenosa sua picada, não causa mal algum. Evita-se com a limpesa do corpo e o aceio da casa, visto este bicho só gostar de pó.

Os indios servem-se do azeite de palma, *Rucu* ou *Urucu*, tinctura vermelha, como ja dissemos, e com elle esfregam os dedos dos pés e outras partes commummente preparadas por este bicho.

Os proprios cães, que para lá levamos, foram tambem perseguidos por taes vermes a ponto de não poderem andar, e por isso os indios para elles fizeram uns leitos altos, acima da terra, para livral-os de seus perseguidores.

Ha outros animaesinhos do tamanho de grillos e muito semelhantes, a que os indios chamam *Koeuissiup*. Encontram-se muito por todas as aldeias, de dia nas pindobas, por cima das casas, e de noite correndo e saltando dentro dellas, roendo roupas e sapatos e tudo que encontram. Comem os *Tons*, de que ja fallamos, e existem muitos na *Mayoba*, aldeia da Ilha do Maranhão, onde á tarde e a noite cobrem por assim dizer, o chão das casas, e nelles se saciam os galinhas, os patos e outros animaes domesticos, guerreiando uns aos outros porque as galinhas comem os grilos, estes os *tons*, que a seu turno incommodam os homens, e estes por sua vez comem as galinhas.

Tururugoare. Especie de vermes, como as traças, que furam e destroem os navios de tal forma, que se se não

deitar fogo para queimal-os, elles comem e devoram todo o costado das embarcações.

Embora seja tão pequeno a ponto de sómente ver-se o buraquinho por onde penetra, faz comtudo buracos grandes, sendo impossivel achar-se cunhas que os tapem.

Ha outra qualidade de vermes muito pequenos porem temiveis, porque furam barricas e toneis, mormente cheios de vinho ou d'agoardente, ou de outro liquido doce, de sorte, que dentro de 3 ou 5 dias do desembarque e demora de vossas pipas em terra, vereis destillar o seu conteudo por mil e mil buracos como de regadores e sem remedio algum.

Se quizerdes nesta terra guardar vinhos ou outros liquidos, deveis sortir-vos de boas garrafas de vidros, ou de grandes vasilhas de barro para guardal-os e conserval-os.

CAPITULO XLIII.

Doe Indios Tupinambás da Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças, e como principiaram a habitar esses lugares.

Antes de formado o homem, para elle Deos preparou o paraiso terreste com todos os bens possiveis e desejaveis n'uma boa habitação, afim de que reconhecendo tantos beneficios, tão liberalmente prodigalisados pelo seu Creador, elle o amasse de todo o coração, e lhe desse sua alma para ser por Deos habitado, qual outro Paraiso, e ahi estivesse satisfeito, e cheio de delicias.

Infelizmente esqueceu-se o homem de sua elevada posição honrosa (como o Soberano de todos os animaes, do Ceo, e da terra) e fez-se inimigo de Deos, e escravo do diabo, e assim perdeo a razão, e ficou como que louco.

Depois de haver percorrido o Maranhão, e como que passado uma uma revista em todos os bens e commodidades que ali se encontram, pareceu-me que Deos por sua infinita bondade o fez lugar de delicias, e tantas eram ellas, que bem bastavam para que os habitantes deste paiz reconhecessem, ou pelo menos admirassem a excellencia de seu Soberano Obreiro, e apesar de tudo isto ali se acha uma nação mais barbara, mais cruel, e mais deshumana do que nenhuma outra, como veremos quando tractarmos dos seus habitos corporaes, usos e crenças de todos os tempos.

Convem saber-se em primeiro lugar, que os Indios do Maranhão julgam haver no Tropico de Capricornio uma bonita terra a que chamam *Cayeté,* «Floresta grande,» por ahi haver muito arvoredo, e florestas replectas de arvores de grossura incrivel, e de admiravel altura, e onde habitavam desde tempos immemoriaes, e por serem considerados os mais valentes e os maiores guerreiros de todas as nações tinham o nome de *Tupinambás,* que conservarão até hoje.

Apoderando-se os portuguezes d'esse lugar, quiseram tambem sugeital-o ás suas leis, porem os Tupinambas, livres por natureza e inimigos de sujeição, preferiram deixar e abandonar sua terra antes do que se entregarem e sugeitarem-se a elles, e assim o fizeram embrenhando-se nos mattos e no mais recondito das florestas.

Não se julgando ahi muito seguros, visto seos inimigos perseguil-os por todas as partes e por todos os meios até a morte, resolveram atravessar campos e desertos, e tanto caminharam, que afinal chegaram perto da linha equinoccial onde encontraram o grande Oceano a embaraçar-lhe os passos, e contendo-os ao seu lado direito, como fazia o grande rio Amasonas pelo esquerdo.

Neste estado não podendo avançar, nem recuar e nem retroceder nos seus proprios passos receiando seus inimigos, resolveram ahi ficar e residir, como fizeram uns nas costas do mar, e por isso se chamando *Paranan euguare* «habitantes do mar,» outros na grande montanha de *Ibuydpap,* e por isso chamado *Ibuydpap euguare,* habitantes de *Ibuyapap*.

Seguiram alguns para a Ilha grande do Maranhão, julgando-a lugar forte e seguro feito assim por Deos desde o principio do mundo para livral-os da perseguição de seus inimigos, e do diabo, buscando por esta forma salvar esta Nação, e querendo ser servido, adorado e glorificado entre es-

ses barbaros, que se convertiriam antes do fim do mundo por meio das predicas do Evangelho. Tiveram estes o nome de *Maragnan euguare*, «habitantes do *Maranhão.*»

Foram ainda alguns residir nas margens do *Tabucuru*, e por isso se chamaram *Tabucuru euguare,* habitantes do «*Tabucuru*», outros no do *Miary*, por isso chamados *Miary euguare,* «habitantes do Mearim», e finalmente em *Commã,* á Este e Oeste do Pará, e em Cayté, á beira-mar, espalhando-se por ahi algures, e dirivando seos nomes dos lugares de suas residencias, porem conservando sempre o de *Tupinambás,* que serve para qualifical-os até hoje.

Ainda vivem alguns d'elles e lembram-se que algum tempo depois da sua chegada fizeram uma festa e uma especie de vinho, a que chamam *Cauin*, a que assistiram os Principaes, os mais velhos, e emfim a maior parte do povo.

Aconteceo, que quando todos estavam embriagados, uma mulher esborduou um companheiro da festa, e disto levantou-se grande motim e barulho sendo a causa da divisão e da separação do povo.

Tomaram uns o partido do offendido, outros o da mulher, e alguns conservaram-se indifferentes embora dispersos entre si, de forma que de grandes amigos e alliados, que eram, tornaram se inimigos, dividiram-se e começaram a hostilisarem-se reciprocamente, chamando-se uns aos outros *Tobaiares,* «grandes inimigos,» ou melhor, seguindo a etymologia da palavra «tu és meu inimigo e eu sou teu.»

Embora sejam da mesma Nação, e tenham o mesmo nome de *Tupinambás,* o Diabo os atiça uns contra os outros a ponto de uns comerem os outros, como ja disse.

CAPITULO XLIV.

Das estatura e longevidade dos Indios Tupinambás em Maranhão.

Os Indios Tupinambás são, de ordinario, de estatura mediocre, proxima da media dos francezes.

É bem verdade, que entre elles se encontram alguns da altura, pelo menos, de 6 a 7 pés, como vi alguns em diversos lugares.

São todos bem feitos e proporcionaes, já pela temperatura do paiz, e já por não viverem constrangidos e forçados em seus vestidos como aos gamenhos acontece.

Suas mães achatam-lhes o nariz e pucham para diante a cabeça quando são recem-nascidos, forçando a natureza a trocar a sua bellesa e decencia pela feialdade e indecencia.

Não tractarei aqui da sua côr de azeitonas, e nem dos seos beiços furados, pois isto não é natural como direi no capitulo seguinte.

Entre elles não achareis zarolhos, cegos, corcundas, coxos, e outros assim defeituosos, e por isso se admiram, riem-se e zombam quando encontram alguma pessoa com taes deformidades.

Ordinariamente seu andar é direito e grave, porém modesto e sem constrangimento.

São muito alegres, bem dispostos, fortes, robustos e em comparação mais do que nós cá.

Não julgo nenhum homem e nem mulher alguma capaz de carregar mais peso do que elles.

Como não são achacados nem doentes não precisam de medicos.

È bem certo, que por toda a parte

Mille modis lœthi miseros mors una fatigat.

Quantas cousas materiaes não vemos nós, principalmente por cá, originando molestias internas e externas, e todas contrarias á substancia do corpo, e ao principio da nossa vida, que é o humor radical?

Não observamos muitas molestias provenientes de cholera, da tristesa, do temor, e de outros affectos em exaltação?

Quantas enfermidades não ha pela corrupção ou não temperança do ar, pela má nutrição, por indigestões, especialmente por embriaguez?

Vino forma perit, vino corrumpit œtas.

Quantos de seus parentes corrompidos e gastos por lepra, gota, calculos, e catarrhos, não por herança, vivem aqui fracos, soffrendo dores de baço, de figado, ulceras nos pulmões, ou outro qualquer padecimento?

Naquelle paiz porem não ha taes infermidades por lá não existir a maior parte dessas causas ou outras identicas, e quando apparecem são muito poucas. Não são doentios, ou pelo menos não padecem em seus orgãos nobres e interiores? Pelo contrario são fortes, bem organisados, e gerados de paes em identicas circumstancias.

São de humor e sangue bem temperado, base da melhor nutrição do humor radical e da vida do homem.

Ahi não se encontram doentes de gota, de catarrhos, de calculos, de hypocondria e de molestias pulmonares, e por isso seus descendentes são vigorosos e sadios.

São joviaes e moderados na comida, ordinariamente de carnes moqueadas ou assadas a seu modo.

É tão saudavel o ar, que elles só morrem por velhice, e fraqueza da natureza, e não por molestias. Vivem de ordinario, 100, 120, e 140 annos, o que admira e parece até milagre.

Não disse Deos, que a *existencia humana seria de 120 annos ?*

O Propheta Rei disse—*A nossa vida é de 79 annos, e para os mais vigorosos de 80, e d'ahi em diante só ha trabalhos e dores.* Conforme o sabio—*o maximo da existencia humana é de 100 annos.*

Á vista disto não vos parece estar fóra do natural a existencia destes Indios? Eu vi muitos com 160, e 180 annos, testemunhas da edificação de Pernambuco, bem alegres e bem dispostos. Vi e com elles fallei muitas vezes.

Ninguem pense que estes lugares marcam o tempo da existencia de todas as pessoas e de todas as nações, porem somente, conforme a opinião de Doutores, a duração ordinaria da vida de muitas pessoas. Quantas por aqui não tem vivido 120, 140, 200, 300, e mais annos? O pontifice Joiada viveo 130 annos, Mardocheu 150, S. Simeão 120, e depois foi pregado, e morto gloriosamente na Cruz.

Dizem, que a Sibilla de Cumas, vivera 300 annos, como aconteceu a Nestor, e por isso chamado por Horacio *Triseclisenex* «velho de tres seculos», que João de Stamp ou dos tempos vivera 361 annos, morrendo em 1140, no tempo de Godofredo 1.º

Pensam alguns, que sendo os corpos massiços e compactos pelo frio são mais vigorosos, e por isso vivem

os homens septentrionaes mais tempo do que os meridionaes.

Pensam o contrario Aristoteles e nós por experiencia; primeiro porque a aridez nos conserva mais; segundo porque nosso humor radical, base da nossa vida, e de cuja falta resulta a morte, sendo quente e humido, é mais bem conservado n'um paiz quente, mais de conformidade com a sua natureza, especialmente não havendo contrariedade de qualidades primitivas e de diversas estações; porem grande temperatura em igualdade constante de tempo, o que se dá em Maranhão.

Admirei ainda mais não terem estes velhos, de 140, 160, 180 e perto de 200 annos, cabellos brancos, e nem serem calvos.

A falta de humidade origina a queda dos cabellos, como àcontece ás arvores no inverno, e ao contrario a abundancia de humidade e de petuita conserva os cabellos por muito tempo, porem torna-os grisalhos e brancos, e os que tem a cabeça secca bem cedo encanecem, ou ficam mais depressa calvos.

Somente a temperatura conserva os cabellos á cabeça do homem, sem fazel-os grisalhos e brancos.

Por tudo isto tem os Indios em idade muito avançada os cabellos pouco ou nada encanecidos, não podendo deixar de attribuir-se este phenomeno á temperatura deste paiz, constantemente igual, conservando-os por longos annos sem alteração notavel.

São alegres, agradaveis, e vivem contentes e satisfeitos, sem cuidados, sem pezares, e sem inquietações, sem tristeza, sem fadigas, que mortificam e consomem o homem em pouco tempo.

Admirei-me muito vendo mulheres de 80 e 100 annos dando de mamar á crianças, sendo portanto capazes de conceberem e ter filhos em idade tão adiantada.

Em qualquer idade não deixam de fazer os trabalhos, a que estão habituadas, e o mesmo praticam os homens, tendo ellas entretanto mais coragem de se entregarem á occupações penosas, laboriosas e difficeis, como se estivessem na flôr da idade, o que muito concorre para sua saude, porque

Ignavum corrumpunt otia corpus,
Et capiunt vitium ni moveantur aquæ.

CAPITULO XLV

Da pintura dos Indios, como trazem seos cabellos, e como furam os labios e as orelhas.

Em geral são os Ethiopes negros, e tem o cabello encarapinhado como se fossem tostados ou queimados.

Si isto não é de natura ou raça, donde poderá provir senão do grande calor e ardor do Sol?

Não acontece o mesmo aos habitantes do Maranhão, e suas circumvisinhanças, sendo o seo clima temperado embora sob a zona tórrida.

São todos de côr parda ou como dissemos, de azeitona, pela qual tem predilecção, devida não ao calor do clima, e sim aos oleos e tinturas, que ordinariamente deitam no corpo.

Quando nascem (vi muitas vezes) são tão alvos como os Francezes, porem passados dois dias esfregam por todo o corpo oleos e tintura de *urucú*, que é vermelha, como já dissemos, diversas vezes, e em muitos dias, de fórma que em pouco tempo ficam morenos embora não tenham apanhado Sol.

Não acontece em França aos intitulados Egypcios ou Boemios ficarem trigueiros como os nascidos no Egypto, sem nunca lá terem ido, e nem sentido senão o calor de França?

Tal côr sem duvida é devida aos oleos, com que esfregam o corpo.

Acontece o mesmo aos nossos Indios.

Não duvido, que o Sol para isto concorra alguma coisa; porem julgo ser isto devido ás unturas e pinturas, que fazem no corpo.

Esta côr não diminue sua bellesa natural. Alem de corpo bem feito, e membros proporcionaes, nas feições não são inferiores aos Francezes.

Ahi existem rapazes tão bonitos, e raparigas tão lindas como n'outro qualquer lugar, menos na côr.

Em geral homens e mulheres, moços e velhos tem o costume de arrancar os cabellos do corpo, até mesmo as sobrancelhas e as barbas, menos os da cabeça que conservam com todo o cuidado bem cheios, unidos, e não encarapinhados como os negros.

Os homens trazem o cabello pouco cortado na parte anterior da cabeça, e em fórma de quadrado na testa, trazendo-o sempre bem levantado, e na parte posterior deixam-no crescer muito comprido, e tambem nas orelhas e nas fontes da cabeça, e apenas apparando-os em roda, como era de costume antigamente.

As mulheres deixam crescer os cabellos até á cintura pouco mais ou menos, e trazem-nos quasi sempre cahidos, e poucas vezes torcido e enrolado ao redor da cabeça, e preso com um cordão ou fio de algodão, mormente quando querem trabalhar.

Têm muito cuidado de se penteiar, e todas as manhãs lavam os cabellos, e deitam n'elles oleo ou tintura de urucú: para tirar-lhes a gordura usam de uma raiz chamada *Uäpacari*, a qual molhada e apertada entre as mãos, produz uma massa branca, similhante ao sabão, com que limpam a cabeça, os cabellos, e tudo o mais que lhes apraz.

Poucos Indios deixam de ter as orelhas furadas para trazerem brincos, que lhes dão os Francezes, e que tem em grande apreço, e quando não os tem usam de ossos brancos muito polidos, de pausinhos, e de outra qualquer coisa.

Costumam tambem furar o labio inferior.

Quando chegam seus filhos á idade de 4, 5 ou 6 annos, preparam um vinho ou festa, a que chamam *Cauin,* e convidam todos os parentes e amigos do menino, cujo beiço se quer furar, e tambem todos os habitantes da aldeia e de suas circumvisinhanças.

Depois de terem *Cauinado,* e dançado por dois ou tres dias, como costumam, apresentam o menino, dizem-lhe que vão furar-lhe o beiço inferior para que seja um dia guerreiro valente e forte, e assim animado o proprio menino com toda a coragem e presença de espirito offerece o beiço com alegria e satisfação, e pega n'elle o incumbido de tal processo, fura-o com a ponta de um chifresinho, ou de algum osso, e faz um grande buraco. Se chora o menino, o que poucas vezes succede, ou se dá alguma demonstração de dôr, dizem que nunca ha de valer coisa alguma, que será covarde e fraco.

Si pelo contrario tudo soffre com firmesa e constancia, como de ordinario acontece, tiram disto bom agouro, e creem que sua vida será grande e elle guerreiro valente e corajoso.

Quando meninos trazem dentro do buraco um bocado de pau ou de *Vignol (caracóes* grandes do mar) muito polidos em roda por fora do labio, e um pouco compridos ou ovaes por dentro afim de se conservarem n'esse lugar; quando são casados ou em estado de se casarem, trazem nos beiços pedrinhas verdes, de que fazem grande apreço, e em falta destas trazem brancas como os rapazes; porem mais

grossas e algumas mais compridas, que tiram e collocam em seus lugares quando querem.

Vi muitos trazerem pedras maiores do que o pollegar, e mais compridas do que um dedo, pelo que traziam o beiço cahido, e só com difficuldade podiam fallar.

Querendo uns parecer mais valentes do que outros, furam o labio em tres partes, sendo porem o buraco medio maior do que os outros.

Fúram outros o nariz, e em cada venta fazem dois ou tres buracos, onde trazem, quando lhes parece, pedacinhos de pau, muito finos, ou ossinhos brancos, muito delicados, que, em forma de grandes bigodes, lhes cahem nas faces.

Não usam as mulheres os labios furados, mas em compensação tem nas orelhas grandes buracos, onde trazem rolos de pau mais grossos do que um pollegar e do comprimento de um dedo pouco mais ou menos.

Embora tal costume lhe faça crescer muito as orelhas, não se importam disto pelo praser, que sentem de trazer seus bonitos brincos, e julgam-se tão enfeitadas com taes pedaços de pau como as Senhoras francezas com suas perolas e diamantes.

CAPITULO XLVI

Da nudez dos Indios Tupinambás e dos enfeites, que usam algumas vezes.

Não ha Nação, embora barbara, que não tenha procurado em algum tempo usar de vestidos ou de outra qualquer coisa para cobrir sua nudez.

Separam-se desta regra os Indios Tupinambás, porque de ordinario vivem nús como nasceram, e não parece que se envergonham de tal estado.

Logo que os nossos primeiros paes comeram do fructo prohibido, abriram-se seus olhos, disse a Escriptura, e vendo-se nús, lançaram mãos de folhas de figueira, e cheios de vergonha cobriram sua nudez.

Como é que os Tupinambás herdando a culpa de Adão e os seos peccados, não herdaram tambem a sua vergonha, effeito do peccado, como aconteceu á todas as nações do mundo?

Poder-se-ha responder em sua defesa, dizendo que era costume antigo d'elles o viverem nús, como agora, e por isso não tem pudor e nem vergonha, não se importando de trazerem o corpo descoberto, como nós trazemos a mão e a face.

Direi ainda. Nossos paes somente occultaram sua nudez e vergonha, quando abriram os olhos, e conheceram o peca-

do vendo-se sem o bello manto da justiça original. A vergonha origina-se do conhecimento do defeito, do vicio, ou do peccado. A sciencia do peccado resulta do conhecimento da Lei.—*Peccatum non cognovi,* diz S. Paulo, *nisi per legem.*

Ora não tendo os Maranhenses conhecimento da Lei, não pódem conhecer o crime do vicio ou do peccado, visto estarem com os olhos fechados no meio das mais profundas trevas do Paganismo, e por isso não se envergonham de andar nús inteiramente.

Pensam muitos ser coisa detestavel vêr este povo nú, e ser perigoso o viver entre Indias, mulheres e raparigas totalmente nuas como ellas andam, por não se poder prevenir que o homem se despenhe no precipicio do peccado.

É certo ser tal costume mui disforme, deshonesto e brutal, porem o perigo é menor aparentemente, e sem comparação muito menos á vista dos attractivos voluptuosos das mulheres publicas de França.

Na verdade, são as indias modestas e recolhidas em sua nudez, pois nellas não se notam movimentos, gestos, palavras, acção ou cousa alguma offensiva á vista de quem as observa. Cuidam muito na honestidade do matrimonio, e não são capazes de dar algum escandalo publico.

Junte-se á isto a disformidade ordinaria, que não tem encantos, a propria nudez que não é tão perigosa e nem tão cheia de atractivos, como os desenfreados requebros e as novas invenções das mulheres francezas, que causam mais peccados mortaes, e prejudicam mais a alma, do que essas mulheres e raparigas indias com sua nudez brutal e aborrecida.

Os Indios e indias ficam horriveis com as diversas pinturas que fazem nos seus corpos no sentido de serem bonitos. Trazem uns a face rajada de vermelho e de negro, outros

só um lado da face pintado ficando o outro na sua côr natural, estes o corpo cheio de diversas figuras por diante e por detraz, desde a cabeça até os joelhos, como se fosse uma calça de setim preto com estampas e recórtes, tendo as mãos e pernas pintadas com sumo de *Genipapo*.

Nem sempre andam pintados, e sim quando querem, e nús mais do que outros, e principalmente as raparigas mais do que todos, desejando agradar por tal modo.

Não se pintam a si mesmos, e sim uns aos outros, e especialmente as raparigas por serem mais destras e habituadas em tal emprego, e embora não tenham aprendido admirareis a diversidade das bonitas figuras, que vereis nos corpos.

Encontrareis as vezes um rapaz, deitado e apenas sustentado em terra pelos joelhos e mãos, e junto a elle uma rapariga ajoelhada ou assentada no calcanhar, com uma *cuy* (cuia, especie de vasilha feita da metade de um fructo) contendo a tinctura com que vae pintar e munida de um pequeno talo de pindoba, como pincel, lançar traços no corpo do rapaz tão direitos e limpos como se fossem feitos por meio de regoa, e por mão de pintor, e neste mister são todas iguaes, não levando vantagem umas ás outras.

Algumas mulheres indias com um espelho na mão esquerda, e um pincel de pindoba na direita, pintam o rosto com tanta curiosidade, como se caiam as mulheres do mundo e fazem traços de tinta de genipapo no lugar das sobrancelhas, que costumão arrancar. Gastam nisto a maior parte do tempo, e julgam-se bonitas.

Os maiores e valentes guerreiros, para serem mais estimados pelos seus, e timidos pelos inimigos, tem o costume de, com o osso da canela de certos passaros, que afiam

como navalha de barba, picar e fazer certas figuras no corpo, como se faz com o buril nas couraças.

Julgam haver nisto grande coragem, e esfregando nestas incisões alguma cór negra, de pó, de succo de qualquer planta, ou do que quer que seja, que se mistura com o sangue, que gira por todas as partes, este introduz-se nas ditas incisões, e assim fixa as figuras de maneira inalteravel.

Entre os Indios, que trouxemos para França, havia um *Tabaiare* assim iniciado e pintado desde as sobrancelhas até os joelhos pouco mais ou menos.

Quando os maranhenses querem apresentar-se bem vestidos, como nos dias de *Cauinagem,* de matança dos seos inimigos, de furar os labios de seus filhinhos, de irem para a guerra e outras quaesquer solemnidades, elles se adornam com plumas, e enfeites de varios gostos, feitos de pennas vermelhas, azues, e verdes, amarellas e de diversas côres, muito bonitas, e que sabem tambem preparar.

Elles accommodam todos estes ornatos, como entendem, de forma que sobresaiam bem as cores, fiquem muito bonitos e artisticamente bem dispostos, presos uns aos outros por um fio de algodão, bem grosso, e tecido por dentro á maneira de rede de pescar com malhas bem pequenas, e por fóra de pennas bellas e raras, e tão bem a ponto de causar admiração a todos, que á veém.

Por esta forma fazem barretes, a que chamam *Acangaop* ou *Acanussoyaue,* e que usam nos dias solemnes. Usam outros pregar com cera ou gomma na cabeça algumas pennas, que se encontram no pescoço e estomago das *Araras, Canindés, Papagaios,* e outros bichos de varias cores, formando um barrete redondo.

Não tiram estas pennasinhas sem cortarem o cabello, então as reunem, e as accommodam o melhor, que podem, ao

redor de um pau para laval-as com mais facilidade e tirar-lhes a gordura, com aquella qualidade de sabão, já dita.

Depois de seccas, tecem-nas tão curiosamente, que as damas se utilisam dellas como enfeites e adornos os mais preciosos.

Fazem tambem assim frontaes a que chamam *Akangetar*, e como diadema trazem na cabeça.

Como volta ou collar trazem ao pescoço um fio tecido com pennas, a que chamam *Aiuacara*.

Tudo isto é admiravel, porem nada em comparação com seus mantos, a que chamam *Asvoyaue*, tecido com as mais lindas e variadas pennas, que é possivel, o qual desce até o meio das coxas e as vezes até aos joelhos.

Usam delle nem sempre e sim algumas vezes, não por vergonha de sua nudez, mas por prazer, não para occultal-a, e sim como enfeite, para ficarem bonitos nas suas festas e reuniões solemnes, e é agradavel o vel-os assim vestidos.

Trazem tambem uma especie de liga a que chamam *Tabacura*, feita com fio de algodão muito bem tecido e unido de maneira que parece uma só peça, em forma de corda, e de um pequeno circulo, da largura de dois dedos, cheio de pennas de diversas cores, a qual prendem em lugar proprio abaixo do joelho, e quando querem que seja maior, deitam uma sobre outra, deixando um pequeno espaço entre ellas ellas, de forma que parece, nem mais e nem menos, do que um duplo cordão bem enfeitado.

Ordinariamente trazem as moças nas pernas taes ligas, e quando não tem pennas, são feitas de fio de algodão, e dellas se servem os Indios.

Ha outra qualidade de liga, a que chamam *Auay*, feitas como as antecedentes, porem mais largas e de pennas, tem muitos fios de algodão torcido da grossura de um dedo,

prendendo em roda certos fructos semelhantes á noses, de casca muito dura quando seccos, cheios de pedrinhas ou sementes fortes de maneira, que possam fazer barulho quando elles dancem.

Fazem tambem braceletes, á que dão o nome de *Mapuyh cuay cuhare*, com fio de algodão, tecido com plumas compridas das caudas de Araras, bonitos passaros como já descrevi, os quaes trasem em seus passeios acima do cotuvello, como os cortesãos costumam trazer os adornos de suas damas.

Usam tambem de grandes penachos semelhantes a grandes ramalhetes, feitos com pennas de abstruz e de outros passaros grandes e trazem-nos pendentes e presos com um fio na cintura ao redor dos rins, ou na espadua a maneira de banda. Dão-lhe o nome de *Yandu-aie*

Juntam na praia muitas conchas grandes e caracóes: quebram-nas em pequenos pedaços, pulem-nas mui industriosamente em certas pedras duras, fazem quadrados iguaes, e as vezes quadrilongos correspondentes e proporcionaes uns aos outros. Furam os quadrados nos quatro angulos, prendem-nos por um fio de algodão tão fino como seda, e buscam imitar os joalheiros e ourives no fabrico das gargantilhas e collares.

Outras vezes sobre um pedaço de panno collam estes quadrados com cera ou gomma, e fazem lindos braceletes e cintos, a que chamam *Mino*.

Admirar-vos-heis vendo pulir e furar estes pedaços de conxas com a destresa com que fazem, e nelles trabalham tão bem, que parecem cintos e braceletes de perolas.

Quando as conchas ou os pedaços são redondos furam-nos pelo meio, enfiam-nos á maneira de rosarios, e em falta de colares de pennas trazem-nos as mulheres ao pescoço e nos braços, como fazem as mulheres francezas, e algumas em

excesso a ponto de cobrirem todo o peito. São estas as joias mais preciosas, a que chamam *Bohure*, e de que se servem quando se querem enfeitar.

Enfeitam-se tambem com rozario de vidro de diversas cores, que trocam com os franccezes por diversos generos, e aos quaes ligam tanto apreço e estima como aqui ás perolas.

Para enfeitar os filhos, apanham caracóes, pulem nas pedras como ja disse, enfiam em forma de rosario, a que dão o nome de *Gnaan*, tão branco e polido como se fosse marfim: enrolam como braceletes tres ou quatro nos braços de seus filhos, e como colar no pescoço dos mesmos.

Eis os mais bonitos adornos e enfeites de que usam nas festas os indios, homens e mulheres, grandes e pequenos.

Ordinariamente andam nús como ja dissemos.

Actualmente usam muito das roupas, que trocam com os francezes por generos do paiz. Causa riso vêr-se um inteiramente nù e só com chapéo na cabeça, outros com ceroula sem gibão e sem chapéo, estes com jaqueta até a cintura e o resto do corpo nú, aquelles com camisa unicamente, e finalmente aquell'outros com tudo isto, porem não dura muito tempo, porque se assim passam um dia inteiro é muito, no seguinte estão nús.

É certo porem, que os homens casados e especialmente os velhos cobrem suas vergonhas com um pedaço de panno vermelho ou azul, que prendem ao redor da cintura com um fio de algodão, e deixam-no cahir até os joelhos ou ao meio da perna, sendo melhor que chegassem até abaixo.

A este panno dão o nome de *Carauie*, e delle não podem usar de forma alguma os meninos e os rapazes solteiros, aos quaes é permettido apenas amarrar o prepucio com um fio de algodão ou uma folha de *Pindoba*.

CAPITULO XLVII

Dos costumes dos indios Tupinambás, e em primeiro lugar de suas casas e casamento.

De ordinario moram os Tupinambás nos bosques mais proximos ao mar para pescarem, ou perto de rios de agua doce, tão necessario á vida.

Escolhido o local cortam matto, formam uma grande praça quadrada, queimam todos os vegetaes ahi existentes.

Desembaraçado o terreno, edificam quatro grandes casas, no centro da praça, e em forma de claustro.

São taes casas feitas de madeira e cobertas de pindoba de cima até abaixo, tendo capacidade bastante para conter todo o povo da aldeia.

Ahi ficam por espaço de 5 a 6 annos. e não mais, obedecendo a costume antigo.

Destroem e queimam depois esta aldeia, e construem outra na distancia de meia legoa pouco mais ou menos, e dão-lhe o mesmo nome da que despresaram.

A unica razão que dão de tal mudança, é que seus antepassados fizeram o mesmo. Ahi plantam mandiocas e batatas para seu sustento, e aproveitam a terra e passam boa vida.

Estas grandes casas não tem separação alguma, e por isso tudo se vê de uma extremidade á outra: apezar de tudo isto

não ha ahi confusão, porque cada pae de familia vive em seu canto com sua mulher e filhos, escravos e moveis.

É permittido entre elles ter o numero de mulheres que lhes aprouver, porem de tal privilegio não gosam as mulheres, pois devem contentar-se com um só marido, não podendo, sem seu consentimento, deixal-o por outro, e embora seja a polygamia permitida aos homens, a maior parte porem contenta-se com uma só mulher.

Quando querem ser mais apreciados entre elles, tem muitas mulheres, e são julgados grandes.

Ordinariamente são os Principaes da aldeia.

Algumas vezes fiz-lhes vêr, que *Tupan* não queria, que o homem tivesse mais do que uma só mulher, e que os que tinham muitas não eram e nem podiam ser seus filhos, e sim de *Jeropary*.

Bem sabemos, respondiam elles, ser bastante uma mulher para um só homem. Não é para satisfação de nossos prazeres, que temos muitas mulheres, mas sim para sermos grandes, para cuidarem do governo da casa, e trabalhar nas roças, como fazem.

Alem disso matando-se os homens nas guerras quase diarias, ficam as mulheres em grande numero, e é impossivel que cada uma tenha o seu marido.

Julgo eu, que esta necessidade é a causa de ter um homem muitas mulheres.

Os paes não podem casar-se com suas filhas, nem os irmãos com suas irmans, e d'aqui em diante nenhum grau de consaguinidade embaraça o casamento.

Tão facil é contrahir como desmanchar o casamento, bastando apenas as vontades reciprocas dos dois esposos.

Se o homem deseja casar-se com alguma mulher ou rapariga, conhecida sua vontade, perguntam ao pae e a mãe se consentem ou não, e assim respeitam muito os paes e os

parentes mais proximos, envergonhando assim muitos catholicos, que só para satisfação de seus desenfreados desejos, casam-se contra vontade d'elles.

Não indagam, não procuram e nem pedem bens alguns, e apenas obtido o consentimento do pae ou do irmão está feito o casamento sem cerimonia alguma, sem promessa mutua, sem consentimento reciproco de conservação indivisivel e perpetua, que é a base essencial do casamento.

Ao contrario de tudo isto quando o marido quer, espanca e repudia a mulher se o offende, e esta quando se aborrece do marido diz-lhe—não te quero mais, desejo procurar outro homem para meu marido—a que elle responde sem affligir-se ou amofinar-se *Ecoain*, que quer dizer—Vae para onde quiseres—e então pode a mulher entregar-se a outro homem sem o menor inconveniente ou embaraço, ficando-lhe ainda o direito de abandonar o segundo marido como fez ao primeiro, assim como o marido tambem pode repudial-a quando quizer.

É costume muito trivial entre elles, prometter, especialmente aos Principaes e aos mais elevados, em casamento suas filhas ainda creanças.

Sustentam-nas comtudo até chegarem a idade propria, e quando estão em idade de se casar entregam-nas á seus noivos, que as consideram como mulheres mediante as condições supra mencionadas.

Não obstante morarem muitas mulheres sob o mesmo tecto com um só marido, uma comtudo é a predilecta, e por isso governa as outras, como uma senhora á suas servas.

Admira porem, que vivam em paz e união, sem inveja, disputa, e ciume, obedecendo todas a seu marido, servindo-os com fidelidade e dedicação, sem questões e nem parcialidades.

Admirou-me então. e ainda hoje, quando me recordo, a concordia e união, que ha em todas as familias dos selvagens, onde se encontram um marido com muitas mulheres, e assim vivem com tanta amisade no seu estado de paganismo, e nunca vereis questões entre maridos e mulheres e reciprocamente.

Bonita licção na verdade é este procedimento, e offerecida as familias catholicas, que tendo recebido a luz da fé, devem viver santamente em seu estado matrimonial, sendo a mulher sugeita a seu marido como se fosse seu senhor, temendo-o e respeitando-o como chefe, e o marido por sua vez amando sua mulher como Jesus-Christo amou sua igreja, padecendo por ella a morte da Cruz, e não obstante tudo isto, quando reunidas não podem viver em paz e nem passar um só dia sem disputas, discordias e mil questões, sendo por isso tal casamento antes uma especie de inferno neste mundo do que um pequeno Paraiso onde Deos deseje morar.

Apenas nascem os filhos dos indios, os paes os friccionão com oleos e tincturas, como ja dissemos, e depois deitam-nos em redesinhas de algodão sem enfaixal-os e nem cobril-os.

Julgo ser isto devido em parte a não poderem ser curvados, e nem constrangidos, como por cá acontece, sendo os meninos, desde seu nascimento, encerrados em berços, e passando depois sua existencia inteira dentro de vestidos ridiculos e estreitos, ficando a natureza como que prisioneira e forçada, e por isso somente cresce com difficuldade, e formam-se assim individuos tortos, coxos e corcundas.

Não se dá o mesmo caso com os Indios, pois crescem á vontade, e agrada vêr os seus filhos de 4, 5 e 6 annos.

Alem de serem bem feitos de corpo e seus membros proporcionaes, não são tão levianos como os meninos da Euro-

pa, ao contrario são dotados de tal ou qual gravidade, que muito agrada, e de modestia tão natural como estimavel. São agradaveis e estimaveis, e ha muitos principalmente de 7 a 8 annos para baixo, e se não fossem as guerras, seria esse paiz muito povoado.

É impossivel descrever o amor, que as mães dedicam á seus filhos, nunca os deixam, e trazem-nos sempre em sua companhia: descança a mãe só tres dias depois do parto, e depois carrega o menino, suspende-o ao pescoço por meio de um pedaço de panno de algodão, e vae para a roça trabalhar ou fazer outra qualquer coisa sem grande resguardo.

Acontece algumas vezes traserem, alem do menino suspenso ao pescoço, um no braço, outro pela mão alem de dois ou tres maioresinhos, que saltam e brincam ao redor della.

Amam excessivamente seos filhos, e por isso trazem-nos limpos em sua nudez.

Alem da amamentação, ellas os nutrem com uma certa bebida chamada *Manipoy*.

Nao fazem como muitas mães d'aqui, que apenas tem paciencia de esperar, que nasçam os filhos, e depois entregam-nos á amas, e até mandam-nos para fóra de casa afim de não soffrerem dor de cabeça.

N'isto não as imitam de forma alguma as Indias, porque não querem que seus filhos se nutram senão com seu proprio leite.

Não sei se é pelo grande amor que os paes e mães tem a seus filhos, que nunca lhes dizem palavras offensivas, e pelo contrario lhes dão ampla liberdade para fazerem o que quiserem não os reprehendendo nunca.

Admira porem, e com razão, que elles só façam o que é do gosto de seus paes.

Não sei se devo attribuir tal respeito ao reciproco amor, que dedicam a seus paes, ou se a não estar entre elles a natureza tão viciada, e nem a mocidade tão corrompida, como se vê entre Christãos onde os vicios e as maldades correm parelhas com apetites desordenados, fazendo-os desde a infancia flagelos de seos paes, que tantos trabalhos tiverão em creal-os e educal-os.

Moram os escravos com seos aprisionadores ou senhores, como filhos da mesma familia, e assim são muito bem tractados.

Admira porem, que lhes dêem por mulheres suas filhas e irmans, que os recebem como maridos, até que lhes agrade matal-os e comel-os.

Comtudo dão-lhes liberdade para andar á vontade, trabalham na roça, caçam e pescam; finalmente não os obrigam em coisa alguma, e dão-lhes plena liberdade.

Empregam se as escravas no serviço de roça, e nas occupações domesticas, como as outras mulheres indias, esperando tambem a sua vez de serem mortas e comidas em recompensa de suas fadigas.

Por moveis tem redes de algodão, a que chamam *Yni*, presas pelas extremidades com cordas á pedaços de pau, fincados de proposito como travessas nas casas.

Cada um tem a sua rede, a da mulher é proxima a do marido, e ás vezes se vê dois homens deitados na mesma rede.

Tem cabaças a que chamam *Euä*, com que vão buscar agua, e cuias a que dão o nome de *Cuy*, pintadas de vermelho e de negro, as quaes servem de pratos, de tigelas e de copos para beber, e as mais pequenas de colher para comer.

Tem tambem paneiros a que chamam *Uru* ou *Caramemo* feitos de folhas de palmeiras, ou de juncosinhos, muito bem tecidos, a que dão o nome de *Uarua*.

Chamam os pentes *Keuap,* as facas *Xe* ou *Kece* as tisouras *Pirain*, as missangas *Bohu,* e assim por diante. Nos coffos ou paneiros guardam seus vestidos e penuas, com que se enfeitam nos dias de festa.

Os Principaes e os mais velhos tem caixas a que chamam *Patua,* compradas aos francezes por generos do paiz, e ahi guardam tudo que tem de melhor.

Tem muitas panellas de barro, nas quaes fazem seos *Manipoy,* e outras vasilhas grandes, que podem conter 30, 40, e 50 potes de qualquer liquido, e onde fabricam o seu *Cauin.*

Trouxeram os francezes para elles muitas caldeiras, a que chamam *Gnaccin* ou *Gnaepépo,* e caldeirões, *Gnaeiuue.* que são os mais bonitos moveis, e as principaes peças de sua casa.

Muitos indios tem na frente de suas casas grandes galinheiros «*Uyraro-Kay*», onde ha galinhas communs.

Suas roças «*Kó*» são a meio quarto ou a um quarto de legua, distante das aldeias.

Para fazerem as roças, cortam o matto, deixam-nos seccar por 12 a 15 dias, deitam-lhe fogo, e ahi vae este devorando-o até reduzil-o á cinza. Limpam depois esse lugar, plantam no centro muita mandióca para fazer farinha, batatas, grãos de bico, favas e outras hervas e raizes com que se nutrem.

Eis a economia e ambição dos indios maranhenses.

Eis em que consiste a sua familia e riquesas, alem das armas, que empregam na guerra, como depois direi.

CAPITULO XLVIII

Da amisade reciproca dos maranhenses, e da recepção que fazem a seos amigos.

É para admirar, que sendo os Indios Tupinambás, apenas guiados pela propria natureza, embora seja ella a mais estragada, que é possivel, conservem entre si amor reciproco, tão cordial como fraternal, pelo que costumam a dar uns aos outros o nome de Pae, Mãe, Irmãosinho, Tio, Sobrinho, ou Primo, como se fossem todos da mesma familia ou parentesco.

Embora tenham alguns moveis e roças particulares, como já disse, não são comtudo tão privativas, que um ou outro não possa servir-se dellas quando necessite.

Se dos rios ou mar trazem peixe, e do matto veados, javalis, pacas e outras coisas similhantes, dividem tudo isto de forma, que chega a todos.

Acolhem-se uns aos outros muito bem, e quando vão visitar seos alliados, são muito bem recebidos, e acham bastante comida, e tudo o mais que necessitam.

Quando recebem visita de seos similhantes ou de pessoas estranhas, deitam-nas logo n'uma rede de algodão, chegam-se depois as mulheres junto d'ellas, põem as mãos sobre os olhos, ou seguram uma das suas pernas, e principiam logo a chorar, dando gritos e fazendo muitas exclamações, o que

é um dos mais evidentes signaes de cortezia, que podem dar aos seos amigos, e accrescentam mil palavras laudativas, chamando-o bem vindo, e bom, por haver soffrido muitos trabalhos para vir vêl-os, e outras coisas deste jaez.

Com tudo isto, limita-se a pessôa deitada a pôr as mãos no rôsto, e si não pode chorar, pelo menos por cortesia é preciso que finja fazel-o.

Depois disto o Pae de Familia, silencioso até então, e continuando a fazer o que estava fazendo sem parecer vel-o, dirige-se a elle, e estendendo-lhe a mão diz-lhe *Eré: iupé?* Chegaste? *Eréicobépé?* Estás bom?

Depois de o saudar, si quer comer, satisfazem-lhe á farta o desejo, e assim o tratam em quanto se demora ahi.

Si a visita é de Indios nada lhes pedem como recompensa. Si porem são Francezes os visitantes, antes de partir dão sempre alguma coisa para serem bem recebidos n'outra occasião. Quando não dão coisa alguma, elles os chamam *Scateum*—forrêtas e avarentos, e não devem voltar, pois não serão tão bem recebidos, como foram.

Quando se quer recompensal-os pelos obsequios recebidos, dá-se aos homens facas e tesouras, e as mulheres pentes, espelhos e missangas.

Quando dão alguma paca, porco-montez, ou outra qualquer coisa de vulto, esperam e pedem logo a recompensa da offerta.

Ouvi de Francezes, que entre elles residiram por espaço de 18 ou 20 annos, serem outr'ora mais liberaes do que então, fazendo-os avarentos e forrêtas para com os Francezes os muitos generos que alguns lhes deram, de sorte que nada fazem e nem dão, sem antes terem recebido muito mais.

Não se contentam com pouco pelo que dão ou fazem.

Nada se perde em ser-se liberal, porque nunca deixam de reconhecer os favores recebidos, pois não são ingratos, e nem gostam de ser vencidos por actos de liberalidade e de bondade.

O amor reciproco, que entre elles existe, é a causa da harmonia e da união, que entre elles existe, e quando se offende a um, sente-se offendida toda a Nação, e procuram todos tirar desforra, como se verá no seguinte capitulo.

CAPITULO XLIX

Das vinganças e das guerras dos maranhenses, e das suas crueldades para com os prisioneiros.

Não julgo haver debaixo do Ceo nação mais barbara e cruel do que a dos Indios do Maranhão e suas circumvisinhanças.

Haverá por ventura maior crueldade do que matar e estraçalhar, a sangue frio e com alegria, seos inimigos?

Haverá por ventura maior crueldade, e como tal sempre aborrecida por todas as nações barbaras, qual a de destribuir sangue humano por entre os convivas?

Haverá maior barbaridade do que o estar sempre irritado contra seos visinhos, e não contentar-se só em guerreal-os sanguinolentamente, mas tambem para extinguir-lhes a raça, comer até vomitar a carne de seos inimigos?

Oh! crueldade barbarissima! oh! barbaridade crudellissima!

N'isto fazem consistir os Indios Tupinambás seos tropheos de gloria, julgando-se heroicos em proporção ao numero de Indios, que mataram na guerra, e que depois comeram, como vou informar-vos.

Não fazem guerra para conservar ou estender os limites do seo paiz, enriquecerem-se dos despojos e roubos dos seos inimigos, e sim por honra e vingança somente.

Quando julgam-se offendidos pelas outras nações, proximas ou remotas, ou quando se recordam, que seus parentes e amigos foram aprisionados e comidos n'outro tempo por seus inimigos, animam-se uns aos outros para fazerem guerra, e assim vingarem a morte de seus similhantes.

Em todas as suas empresas guiam-se pelo conselho dos velhos, valentes quando moços.

Antes de tomarem qualquer resolução preparam um *Cauin*, onde fumam e bebem á vontade. Neste estado o que deliberam os velhos, á favor da paz ou da guerra, cumprem os moços, immediatamente, e sem subterfugios.

Por chefe escolhem o que julgam mais valente e geitoso em guiar os outros, e vae elle de casa em casa exhortar seos similhantes, com grande gritaria, chamando-os á guerra, e dizeudo-lhes como devem ir municiados e armados.

Faz-lhes vêr tambem quanto importa mostrarem-se valentes, e não frouxos e covardes, o que para elles seria deshonra, mormente si se lembrarem da honra e reputação, que lhes foram legadas pelo valor e coragem de seus predecessores nas guerras passadas, onde mataram e esquartejaram muitos inimigos.

Taes discursos, que duram por espaço de tres a quatro horas, os animam á ponto de cada um cuidar logo de munir-se de armas, farinha, e outros generos necessarios á guerra.

No dia marcado chegam os contingentes de todas as aldeias.

De armas servem-lhes os arcos, a que chamam *Uyrapar*, feitos de uma madeira vermelha ou negra, muito dura, tendo uma corda de algodão bem torcida, e flexas «*Ouue*», muito compridas, feitas de canniços ou canas sem nós, e com duas pennas de diversas cores, do tamanho da palma da mão, presas n'uma das extremidades por um fio de algodão,

e na outra uma ponta de pau muito duro e negro, tambem arranjada e ligada com fio. Esta ponta, bem fina, que serve de ferro, é do tamanho de um pé ou pé e meio. Em vez desta substancia usam tambem de ossos de peixes ponteagudos, da grossura e do tamanho de um dedo pequeno, que elles preparam de forma a ficar preso na flexa por uma especie de gancho: esta disposição faz com que sendo alguem ferido por tal flexa, si ella não o atravessa logo, melhor é fazei-a atravessar do que tiral-a, pois arrisca-se a trazer no gancho presas as entranhas do paciente.

N'outras flexas prendem um bocado de canniço, do tamanho de um pé, e da largura de dois dedos, muito ponteagudo. Dão a estas flexas o nome de *Tacuart*, e faz grande buraco em quem fere.

São estas as principaes armas de que se servem ordinariamente, e são tão dextros, que sempre tocam no ponto desejado e atiram seis flexas no mesmo tempo em que os nossos archeiros despedem tres.

Usam tambem de espadas de madeira vermelha, de 4 a 5 pés de comprimento em forma de massa, menos na extremidade, que em vez de redonda, é larga e mais aguda, pouco mais ou menos como a ponta de um chuço.

Usam tambem de broqueis a que chamam *Uaracapa*, de couro bem duro, com que resguardam o corpo das flexas dos inimigos.

Usam de surpresa em todas as suas guerras, e de improviso assaltam seos inimigos.

Si algum morre no combate, fazem grandes lamentações quando o enterram, e n'um discurso exaltam-lhe a valentia e a coragem.

Amarram os seus prisioneiros de guerra, levam-nos em triumpho para as aldeias, onde são recebidos com alegria por todas as mulheres, e principalmente pelas velhas, ba-

tendo na bocca com a mão, e dando gritos de alegria, e buscam comer os velhos logo antes de emmagrecerem, e aos rapazes procuram primeiro alimental-os a farta, e dando-lhes durante esse tempo suas filhas e irmans em casamento.

Embora possam fugir á vista da liberdade, de que gosam, nunca o fazem ainda mesmo convictos de que serão mortos e comidos em pouco tempo. Si algum prisioneiro porem foge e procura sua terra, é tido por poltrão e covarde—*Cuàue eum*—e será morto pelos seos no meio de mil exprobrações de não ter coragem de ser morto pelos seus inimigos, como si não fossem vingados pelos seus parentes, que para esse fim tem muita valentia.

O diabo de tal sorte gravou este intitulado ponto de honra no coração dos selvagens, como no de muitos christãos, pois antes querem morrer nas mãos dos seus inimigos, e serem devorados por elles do que fugirem e escaparem-se, o que lhes seria bem facil visto gozarem de muita liberdade.

Embora tratem bem a seos companheiros, e lhes deem suas filhas por mulheres, e ellas os tratem como maridos, cuidem de sua casa, das roças, e dos filhos que amam ternamente, não deixam comtudo de matar um ou outro mais gordo para servir n'agum banquete, *Cauin*, ou festa.

Um ou dois mezes antes da morte, amarram e prendem bem o prisioneiro, como o verdugo faz ao condemnado.

Antes de ser preso, permittem, que elle maltrate, destrua e mate gallinhas, aves, e outros objectos, e tudo o mais que lhe venha á mente com o fim de vingar sua morte, e sem opposição de pessoa alguma.

Convidam os habitantes das outras aldeias para no dia determinado se acharem nesta solemnidade tragica e funesta ou nesta invenção diabolica.

Apenas reunidos desamarram o prisioneiro um ou dois dias antes da morte, dão-lhe a liberdade, mas por pouco tempo.

Quando lhes tiram o ferro dos pés dizem-lhe *Ecoain*— «*Salva-te*»; principia logo o infeliz a correr como póde, de um lado para outro, e atraz delle vão todos os que ahi se acham como cães quando correm apoz o viado, esforçando-se cada um o mais que pode para agarral-o, e em poucos instantes está preso esse desgraçado.

Como o indio, que o agarrou na guerra, adquirio novo nome em recompensa do seu valor, este que agora na carreira o apanhou, é julgado um dos mais valentes e generosos, e adquirio outro nome, que conserva por toda a sua vida como titulo honorifico. Consideram essas acções heroicas e tambem assim o encargo de matar as victimas.

Amarram o prisioneiro pelo meio da barriga com uma grande corda, cujas pontas são seguras por dois Indios, e assim o levam para a aldeia, onde as mulheres pintam-lhe o corpo com varias figuras de diversas cores, vestem-no, enfeitam-no com varias pennas, e para não serem julgados crueis, dão-lhe comida e bebida á farta, deixam-no passear pelas casas, choram-no, e depois brincam e dançam com elles.

Depois os Indios *cauinam* e bebem excessivamente, saltam, dançam e cantam por espaço de dois ou tres dias.

Trasem depois o prisioneiro ainda amarrado, como ja disse, ao lugar do supplicio.

Junto delle deitam muitas fructas, não maiores do que o volume de maçans, porem muito duras.

Cercam-no todos, e dizem *Eiépuich*, «vinga tua morte,» ou conforme a verdadeira significação da palavra «toma desforra.»

No mesmo momento o prisioneiro, que está com as mãos livres, agarra as fructas e tudo quanto pode encontrar, atira-as com toda a força nos circumstantes, espanca os que pode apanhar, e deixa ás vezes muitos feridos. Os que pegam nas pontas da corda tem escudos com que se defendam.

Embora este desgraçado veja a morte proxima, o fogo acceso, e a assadeira ou girau prompto para moquial-o ou assal-o afim de ser comido, não demonstra pezar algum. Ao contrario, está alegre e contente sem cuidar na morte.

Os indios ahi presentes não tem a menor compaixão e lhe dizem até mil zombarias e chalaças.

Depois de folgarem muito e de se divertirem á custa deste desgraçado por dois ou tres dias, de noite e de dia, sem descanço, n'uma bella manhã, uma hora depois do nascimento do sol (hora ordinaria dos taes sacrificios) um dos velhos toma uma de suas espadas de madeira pintada, e cercada de pennas de diversas cores e com os copos enriquecidos e ornados de uma guarnição a que dão o nome de *Aterabébé,* feita de muitas pennas tecidas entre si e mui lindamente, e em frente do prisioneiro diz-lhe—não sabes que tu e os teus mataram e comeram muitos parentes nossos e amigos? Vamos tirar agora a desforra, e para vingar essas mortes nós te mataremos, assaremos e comeremos.

Não me importo, responde o prisioneiro, porque não morrerei como villão e covarde! Sempre fui valente na guerra, e nunca temi a morte. Tu me matarás, porem eu ja matei muitos companheiros teos.

Se me comerdes, eu já fiz o mesmo. Quantas vezes não me fartei eu na carne de teos companheiros? Alem disto tenho irmãos e primos para me vingarem a morte.

No entretanto o indio incumbido de matal-o apresenta-se na praça, com o corpo pintado de diversas figuras, e enfei-

tado de varias pennas, e a elle o velho entrega-lhe a espada.

Principia este assassino á saltar, a jactar-se, e a fazer negaças com a espada ao redor do infeliz, o que, embora preso, procura tiral-a delle, porem quando avança para isso, é impedido pelos que estão segurando na corda, onde está preso, ora de um lado, ora de outro, e chega as vezes até não poder dar mais um só passo, nunca dando um só signal de medo da morte.

Só uma unica coisa é capaz de affligil-o, principalmente se é um grande guerreiro, e vem a ser—se o seu algoz não esteve ainda na guerra, se não é um homem guerreiro «*Kerembaue e Tetanatu*», valente e bellicoso como elle. Nesse caso fica desesperado e triste, e julga grande affronta e deshonra que lhe fazem.

Quando porem vê-se em frente de um guerreiro «*Kerembaue*», ou de um «*Tatanatu*» ou *Tauayue*, não se importa de morrer e até considera a morte como honra.

Depois do algoz ter feito tudo quanto ja dissemos para assustal-o, da-lhe afinal um ou dois golpes atraz da orelha, quebra-lhe a cabeça e faz-lhe saltar os miolos.

Approximam-se delle então as mulheres, agarram o cadaver e lançam-no ao fogo, já ahi prompto, para que não fique com um só cabello, e lavam-no com agua quente, e depois de bem limpo e alvo abrem-lhe o ventre, tiram-lhe as entranhas, e cortam-no em pedaços, e *moqueiam-no* ou assam-no em grelhas de madeira, a que chamam *Bucan*, formadas de quatro forquilhas da grossura de uma perna, fincadas no chão em forma de quadrado, e sobre ellas collocam duas varas, e atravessadas nestas muitas outras mais finas, unidas entre si. Esta grelha ou *Bucan*, está distante da terra perto de tres pés, e tem o cumprimento e a lar-

gura proporcionaes ao numero de cadaveres para assar, as vezes muito grande e quase incrivel.

Deitam fogo debaixo da grelha, e sobre ella lançam os membros do corpo desse desgraçado, porem separados, como sejam, a cabeça, o corpo, os braços, as coxas, não esquecendo as pernas, as mãos, os pés, as entranhas ou pelo menos parte dellas, deixando o resto para cosinhar e fazer caldo.

Nada perdem, e mostram-se cuidadosos em virar, para bem assar, o que está na grelha, aproveitando até, para comer, a gordura que cahe, e que se coagula pelos paus.

Quando está tudo bem cosido e assado comem taes barbaros esta carne humana, e com incrivel avidez, os homens como lobos raivosos, as mulheres ainda mais, e as velhas com especialidade ao menos na vontade.

Não é tanto pelo prazer, que lhes excita o apetite sensual, que elles se entregam á esses manjares.

De muitos delles ouvi dizer, que sentem-se depois incommodados a ponto de vomitar por não ter seu estomago força bastante para degerir essa comida, porem que assim mesmo o fazem só para vingar a morte de seus antepassados, e saciar a raiva invencivel e mais que diabolica, que dedicam a seus inimigos.

Nada porem ha mais cruel e barbaro, do que o procedimento que tem para com os filhos do prisioneiro, embora tambem da mulher, que elles lhe deram. Se elle tem filhos, matam os meninos, e mil vezes mais feroses do que os tigres, depois de os assarem, comem-nos como fizeram a seu pae.

Se deixa gravida a mulher, esperam que ella dê á luz, e fazem o mesmo ao recem-nascido, tão grande é o desejo e a vingança, que elles tem de acabar a raça de seus inimigos.

Eis até que ponto de crueldade, o diabo, barbaro algoz de tantas almas cegas, levou este povo pagão ao meio das trevas da infidelidade!

Deos porem, por sua infinita bondade, quando estavam mais enraivecidos, condoeo-se delles, fazendo-os conhecer quanto é abominavel e diabolico este costume, tão contrario á vontade de *Tupan*, que mui terminantemente nos ordena amar nossos inimigos.

O mesmo lhe fez vêr muitas vezes o Sr. de Rassilly, especialmente na primeira assembléa, que se fez logo depois da nossa chegada á Ilha do Maranhão, onde esteve presente *Japy-açu*, com outros velhos, como ja disse no capitulo 11.°

Á tão bons e santos conselhos assim respodeu *Japy-açu*.

«Bem sei que este costume é mau e contra a natureza, por isso tambem muitas vezes desejei destruil-o. Como velhos, todos nós somos quase que iguaes, e temos iguaes poderes, e assim quando acontece eu apresentar uma proposta na Assembleia geral, embora seja approvada por grande numero de votos, basta só um em sentido contrario para fazel-a cahir, e dizem ser muito antigo esse costume entre nós, não convindo por tanto alterar o que fizeram nossos paes.

«Só um *Burunicháue*, como tu, é que tem poder de mandar acabar tão mau costume, e submettendo-nos a tua vontade, fazemos o que quizerdes.»

Tal ideia foi approvada pelos outros velhos, promettendo todos unanimemente a abolição desse diabolico uso, e inflingindo a penna de morte a quem o praticasse contra a palavra tantas vezes afiançada na assembléa geral.

Na verdade, desde o que aconteceu á escrava de Japy-açú, e ja foi contado no cap. 30, não se deo mais um só caso de ser morto, assado, e comido um só homem: pelo contrario detestando as atrocidades passadas, em vez de crueis e fu-

riosos mostraram-se d'ahi em diante doceis e pacificos, em vez de tigres e lobos raivosos são ovelhas e carneiros, em vez de filhos do diabo, muitos são filhos de Deos e pedem o baptismo desejando somente viver doce e humanamente, dando razão a poder dizer-se deste povo do Maranhão o que disse o propheta Exequiel—*Hæc dicit Dominus Deus. Pro eo quod dicunt de vobis. Devoratrix hominum es, et suffacans gentem tuam.*

Proptera homines non comedes amplius, et gentem tuam non necabis ultra, ait Dominus Deus: nec auditam faciam in te amplius confusionem gentium, et opprobrium populorum nequaquam portabis, et gentem tuam non amittes amplius, ait Dominus Deus.

O Senhor Deos disse taes palavras.

Porque dizem de vós—tu és aquella que devoras os homens, e suffocas tua gente. D'ora em diante não comerás mais homens, e nem matarás mais tua gente, disse o Senhor Deos.

«Não permittirei haver mais em ti a confusão do gentilismo, e não serás mais o opprobrio dos povos, e nem perderás mais teu povo.»

CAPITULO L

Do modo de proceder e dos exercicios dos maranhenses.

Causa muito pezar vêr-se o infeliz estado dos que, após tantos trabalhos, se deixam morrer de fome junto a seos thesouros, e quaes outros *Midas* são miseravelmente ricos, ou verdadeiros *Tantalos*, que morrem de sêde no meio das ondas, que em seos vaivens fogem d'elles.

Assimilham-se com muita propriedade á esses Dragões, cujo encargo é deffendêr montanhas mui ricas de oiro, sem com tudo poderem servir-se d'elle.

A vista dessas desgraças me faz avaliar a felicidade de nossos *maranhenses*, sem paixão para adquerir riquezas, só conseguidas com muito trabalho, conservadas com desvellos e cuidados, e perdidas com pezar e desespero.

Não se entregam elles tambem a cuidados e trabalhos para, entre mil azares, correr por meio do fogo, das ondas, e dos montes afim de enriquecerem-se de thesouros alheios.

É este o segredo da sua felicidade, e da sua superioridade sobre os outros homens.

Vivem sem cuidar nos bens temporaes, não dão tractos á imaginação para amontoar oiro e prata, visto não conhe-

cerem o seo preço e valor, e por isso longe de censuras merecem louvores como livres de enganos e de fraudes, de roubos e furtos tão communs no negocio.

Admiravam-se muito, a principio, os Indios, que levamos para França, quando nos viam dar apreço a pequenas moedas brancas e amarellas, embora soubessem ser estas de oiro, a que chamavam *Itaiup,* e aquellas de prata, a que davam o nome de *Itaieuc,* porem não comprehendiam como eram tão estimadas, e especialmente que fossem dadas em troca de pão, de vinho, e de tudo o mais necessario á vida, não podendo sem ellas possuir-se coisa alguma.

Na Inglaterra, onde em nosso regresso, estivemos abrigados seis semanas, rimo-nos muito como a principio os Indios encararam o uso do dinheiro, e como os negociantes não queriam pelo preço offerecido dar as vezes seos generos, ficaram com muita aversão a este povo a que chamaram *Tapuytin* dizendo em sua lingua *Tapuytin ypochu scatéum atupauê.* «Estes inimigos brancos não prestam para nada, são muito avarentos e sovinas.»

Aconteceo um dia, quando estavamos em Falmouth, porto d'Inglaterra, vir á bordo um casco carregado de ostras e e de peixes, como era costume, para vêr se alguem os queria comprar.

Vendo os Indios, que os Francezes davam dinheiro pelas ostras, sem o que não as teriam, lançou mão um d'elles de uma medalha negra, e julgando-a de muito valor perguntou-me quantas ostras lhe dariam por ella.

Fiz-lhe vêr que não sendo sua medalha de metal amarello ou branco, e sim de negro, nada valia, e que delle zombariam os *Tapuytin* caso elle a appresentasse.

Immediatamente com giz pintou de branco a medalha, e deo-a a um dos pescadores pedindo-lhe ostras.

O pescador vendo a medalha rio-se muito comnosco, e conhecendo a simplicidade do Indio deo-lhe ostras mais para presenteal-o do que por se julgar pago.

O Indio porem disse: «são avaros e não prestão para nada os *Tapuytin:* não me dariam ostras, se eu não lhes desse dinheiro.»

Não sabem os Indios o que é comprar e vender para juntar oiro e prata, visto não conhecerem o seo uso.

Si vendem algumas vezes seos escravos e outros generos, como ordinariamente acontece com os Francezes, que entre elles negociam, é por troca de outras coisas, de que gostam, e a que chamam *aiepuih*—receber troco.

Passam por tanto vida alegre e contente sem cuidados e trabalhos.

No tempo de paz passam parte de sua vida na preguiça, e o resto dançando, *cauinando,* caçando e pescando mais por divertimento e para se alimentarem, do que para enriquecerem.

A dança é o primeiro, e o principal exercicio dos maranhenses, e a meu vêr são os maiores dançadores do mundo.

Não se passa um só dia sem que para isso se reunam em suas aldeias, porem as danças entre estes selvagens não são livres como entre os Christãos.

As mulheres e as meninas nunca dançam com os homens, e só algumas vezes nos *Cauins,* porem ainda assim é com certas reservas, sem liberdade, excitações e deshonestidades, tão communs nas danças francezas.

As mulheres não põem as mãos nos hombros de seus maridos, quando dançam.

Lá não se veem tantos escandalos e desgraças como aqui acontece nas danças e nos bailes, onde se encontram tanta lascivia e libertinagem.

Dançam sem tregeitos, folia, saltos, requebros e rodeios.

Fazem um circulo, juntos uns aos outros, sem se tocarem e nem mudar de lugar, pelo que não experimentam muito calor quando dançam ou saltam, menos no tempo do *Cauin*, porque então percorrem as aldeias dançando e saltando.

Quando dançam, trazem os braços pendentes, e as vezes a mão direita nas costas, e somente movem a perna e o pé direito.

As vezes aproximam-se uns dos outros, depois voltam para traz, sempre batendo com o pé no chão, e após de darem tres ou quatro voltas, com tal ou qual compasso, regressam a seo lugar.

O unico instrumento, que empregam para dançar, é a cantoria e a voz, desagradavel aos que não estão habituados a ouvil-a. Para marcar compasso, trazem na mão um chocalho, a que chamam *Maracá*, feito de uma fructa um pouco comprida, da forma de um melão pequeno, porem mui forte, e que ahi existe em abundancia, deitando dentro delle muito grãosinhos negros, duros, e atravessam-no com um pedaço de pau para servir de cabo, o qual cobrem de algodão e enfeitam nos dias de festa com bonitas pennas de diversas cores, trazendo tambem nas ligas das pernas chocalhos de conchas ou destas e outras fructas identicas.

Com o maracá acompanham seos canticos, á maneira de tambor de pelle de carneiro.

Nunca se lhes ouve uma cantiga torpe ou escandalosa, como se ouve por aqui algumas livres, e prejudiciaes á honra de Deos, á Igreja, ao proximo, e aos bons costumes, immundas, detractoras e blasphemas.

Suas cantigas são em louvor de uma arvore, passaro, peixe, ou outro qualquer animal ou coisa similhante, sem palavras escandalosas, e quasi sempre são louvores a seos combates, á suas victorias, triumphos, e outras coisas da guerra, que exaltam muito, especialmente o valor militar,

dando diversos tons conforme o compasso, e com estribilho, no fim de cada estancia.

Cantam muito baixo no principio de suas danças, e pouco à pouco levantam a voz a ponto de serem ouvidos muito longe, principalmente quando são muitos como de ordinario acontece.

São grandes dançadores e ainda maiores bebedores não sempre, e sim nos dias de festa, em suas alegres reuniões, quando matam para comer seos presioneiros, quando resolvem fazer qualquer guerra, ou mesmo quando se reunem por prazer ou para tratar de negocios graves, que não seriam bem succedidos si não bebessem vinho ou *Cauin,* e si não fizessem um *Cauin* á fartar.

Si fazem essas reuniões no tempo de *Caju* (que dura 4 a 5 mezes como já disse) elles lançam mão de muitos desses fructos esponjosos e cheios de sumo, e expremem-nos. A este liquido chamam *Caju-Cauiu,* parece-se com o vinho branco, e é muito bom, e tão forte como os bons vinhos brancos de França, e quanto mais se usa d'elle, melhor se acha.

Os Indios, que vivem sem cuidar no futuro, e sem guardar coisa alguma para o dia seguinte, quando tem muito vinho deste, visto se empregarem de ordinario neste fabrico, guardam-no em muito boas vasilhas de barro, que para esse fim fazem as mulheres, muito grandes e largas, porem estreitas na parte superior, os quaes podem conter pelo menos 30, 40, até 50 potes, e cheias que sejam essas vasilhas, bebem noite e dia até esvasial-as.

Algumas vezes, e particularmente fóra do tempo de *Cajus,* usam de uma especie de bebida, a que chamam *Cauinété,* feita por esta fórma.

Apanham as mulheres raizes de macacheira, de que já tratei, e fervem com agoa em grandes panellas de barro.

Quando molles e muito cosidas, tiram-nas do fogo, e deixam-nas esfriar por algum tempo. Reunem-se depois muitas mulheres em torno das panellas, mastigam essas raizes, deitam essa especie de bagaço n'outras panellas de barro, juntam agoa conforme a quantidade de bebida desejada, deitam um pouco de farinha de milho, põem-nas ao fogo, deixam ferver, e sempre mechendo até ficar tudo bem fervido. Tiram-nas do fogo, e derramam o liquido nas taes vasilhas, e depois de se lhe tirar a escuma, cobrem-nas, e assim conservam até que se reunam todos para *cauinarem*.

Fabricam tambem uma qualidade de vinho doce, a que chamam *Karacu*.

É tambem preparado com raizes de mandioca, e mastigado como o antecedente. Juntam-lhe farinha de milho e agoa, e deitam-no ao fogo, para ferver em grandes panellas de barro. Quando cosida esta bebida, é como caldo de leite ou de arroz. Lançam dentro milho de varias espigas, que assam, e mastigam, afim de clarifical-a, e tornal-a mais liquida, ficando com tudo com espessura bastante para não poder derramar-se e nem passar atravez dos poros das vazilhas.

Bem sei que muita gente se admirará de tal modo de fazer *Cauin*, e não deixará de chamar porcos estes Indios, preferindo morrer de sêde antes do que usar dessa bebida, cujos ingredientes foram mastigados pelos Indios.

Confesso porem ter dito o mesmo, mas achando-se um dia em *Juniparan* alguns francezes, trouxeram elles ao Sr. de Rasilly e a mim um liquido, dizendo não ser essa bebida e sim outra differente.

Bebeo um pouco o Sr. de Rasilly, e asseverando-me ser muito boa, pedio que a provasse, o que fiz e achei-a optima e saborosa e com um amargo agradavel. Se fosse coada, seria melhor.

Eis como os Indios preparam o *Cauin*, quando querem fazer alguma festa, ou matar algum prisioneiro, como já disse.

Preparam-no as mulheres alguns dias antes 15 ou 20 dessas vasilhas, e guardam-nas no meio de suas habitações.

Reunem-se todos no dia marcado, e na tarde do dia seguinte preparam-se com as melhores pennas de diversas cores, e com seu *Maracá* vão pelas casas cantando, dansando e pullando toda a noite, e sem descanço.

N'este interim deitam um pouco de fogo ao redor dessas vasilhas para aquecer o *cauin*, que bebem apenas está tepido, e assim por diante homens e mulheres. Os velhos estão sentados ou deitados em redes, com seu cachimbo, ou conversando. Uns dançam, saltam e pulam ao som do *maracá*, e as mulheres pondo as mãos no hombro dos seus maridos fasem incrivel matinada.

Nunca admirei-me tanto como quando entrei n'uma dessas casas de *cauins*, e vi essas grandes vasilhas de barro, cercadas de fogo, e cheias desse liquido, que fumegava como se estivesse em panellas bem quentes, e muitos selvagens, homens e mulheres, uns nùs, outros sem cabellos, e alguns enfeitados com pennas de diversas cores, estes deitados fumando e deitando fumaça pela boca e ventas, aquelles dançando e saltando, pulando e gritando, todos com a cabeça enfeitada, e a razão perturbada, e revirando os olhos para cima, como se estivessem vendo algum symbolo ou figura de um infernosinho.

Na verdade deleita-se o diabo, para sua maior confusão, na companhia de Bacho, e busca no meio das dançaas perder as almas, e por isso não duvido que elle sinta prazer na reunião deste povo desgraçado, sempre seu como selvagens, crueis, e bebados, que somente sente satisfação quando dan-

ça e *cauina*, as vezes dois e tres dias seguidos, sem descanço e sem dormir, de dia e de noite, até acabar todo o vinho.

Admira que só bebam e comam durante todo esse tempo, e por tanto são excessivos na bebida e sobrios na comida.

Não tem horas certas, como nós, para comer, é quando lhes apraz, comem de dia e de noite, e só quando tem fome e assim mesmo com sobriedade.

O seu sustento diario consiste, em vez de pão, em farinha de raiz de *mandióca* ou de *macacheira*, ou de *macacheira-étè*, que ralam n'uma especie de crivo, feito de madeira, e onde estão encaixadas muitas pedras e ossos de peixes agudissimos. Expremem todas essas raspagens com ambas as mãos em panellas de barro, e fazem d'esses bagaços grandes bollas, que deitam a seccar no sol, e depois esfarellam-nos, cosinham-nos em panella de barro, mechendo sempre até ficar em grumosinhos: quando ficam estes bem cosidos, parece ser miolo de pão; é muito bom, estomacal, nutritivo e de facil digestão.

A esta farinha dão o nome de *Uy*.

Depositado que seja por algum tempo o succo da mandioca na panella de barro, fica mais claro e se faz a bebida chamada *Manipoy*, muito boa. Dos residuos fazem uma especie de bollos, muito bons, a que chamam *Cassaue*.

Fabricam assim a farinha:

Deitam de molho por dois ou tres dias as raizes de mandioca inteiras, depois seccam-nas ao sol até ficarem brancas e tenras, e nesse estado dão-lhes o nome de *Cayman*. Pulverisam-nas depois em seus pilões, cosinham-nas em seguida, e como não são exprimidas, como as outras, conservam ainda algum succo, e ficam muito melhores e excellentes.

Si querem guardar esta farinha como provisão para guerra, cozinham-na muitas vezes, como se faz no fabrico do biscoito; e fica muito boa para viagens do mar.

O instrumento em que pisam essas raizes é apenas o tronco de uma arvore cavada em forma de pilão, a que chamam—*Ugud*. A mão deste pilão é um cacete de 5 a 6 pés de comprimento, e da grossura de uma perna. Tem o nome de *Uguã vd yare*.

Servem-se ordinariamente desta farinha misturada em caldo de carne ou de peixe, e a esta bebida chamam *Migan* (mingau).

Com o succo de outra raiz chamada *Mandioca Caue* fazem outra especie de bebida. Raspam as raizes, deitam dentro d'agua, porem os residuos não servem para alimento dos animaes.

Com o succo misturado com farinha de *milho*, ou com a *cacaue*, e alguns gommos de *Bacury* fazem uma boa bebida, chamada *Manipoy*, de que usam todos os dias ao almoço, e tambem dão aos seus filhos, ainda de peito, como si fosse papa.

Os maranhenses só tem estas bebidas.

As carnes, de que usam ordinariamente, são de *Uira Sapukay*, de *Patos*, de *Carneiros*, de *Jacus*, de *Nambus*, e *Uira-tui*, e de outras qualidades de passaros, ahi em grande abundancia, especialmente dos já notados.

Usam tambem da carne do *Suassonapar*, do *Tayassu*, das *Pacas*, das *Capivaras*, dos *Tatus* e de muitas outras, que se acham no Mundo, tão bons e innocentes como os sapos e lagartos.

Comem tambem *Cureman-açú*, *Paraty*, *Combury-açú*, *Pira-on*, *Pirapen*, *Uiry*, *Uiry-June* e outros muitos e excellentes peixes, e que facilmente pescam.

Usam tambem do *Commanda-miry, Commanda-açú, Girumuns, Batatas* e de todos os fructos ahi em abundancia.

Ordinariamente nada comem que não seja cozido, e especialmente assado. Á cada bocado, que comem, juntam sal e pimenta, tudo moído juntamente, e á este tempero trivial chamam *Iuquere.*

Por bebida usam as excellentes agoas, que por lá existem.

Quando fóra dos *cauins,* o seo maior exercicio é a caça, onde são tão destros, que não perdem a pontaria.

Não dizem como os nossos caçadores—«Vou vêr se apanho uma lebre»— porem como tem certesa de caçar o que desejam dizem—«Vou buscar uma paca, uma capivara, ou uma onça, ou outra qualquer coisa,»— e d'aqui eil-os trazendo o que desejam.

Servem-se dos arcos, das flechas, e dos *Tacuarts* para atirar nos viados, nas corças, nas onças, e nos outros animaes selvagens.

Tem cãesinhos como galgos para apanhar capivaras. Inventam armadilhas e laços, estendem pelos mattos, e assim pilham alguns animaes.

São tambem muito dextros na pesca, exercicio diario a que tambem se entregam com prazer igual ao da caça. Não lhes falta peixe, quando querem e muito bons. Para pilhalos, tem redes a que chamam *Puyssa,* que elles mesmos fazem.

Usam de anzóes a que chamam *Pinda,* para os peixes pequenos e medios, e de harpões para os peixes-bois e outros maiores.

Ha tambem muitas outras qualidades de pescarias, que fazem ou de pedras junto ás praias, ou de paus e varas

na entrada dos rios, como si fossem redes, onde entram os peixes de diversas especies com o fluxo do mar, e ahi ficam no refluxo sendo assim apanhados em grande quantidade.

Inventaram ainda outro meio de apanhar peixe, e é saltando e mergulhando em cima d'agua como elles fazem, e para isso mettem-se dentro d'agua até a cintura, e fazem inclinar de um lado suas canoasinhas ou cascos e com geito, que os peixes com seus pulos cahem dentro, e as vezes em quantidade.

Tambem costumam amarrar duas canôas por um lado só, e em quanto remam uns, batem outros n'agua, e os peixes assustados pulam e cahem dentro da canoa.

As vezes batem n'agua com os remos, o peixe vem acima do rio ou do mar, e então mergulhando joeiras de peneirar farinha, ou grandes cestos vasios, apanham por esta forma muito peixe.

Costumam tambem á noite andar pelas praias com pindobas ou folhas de palmeira accesas, e attrahindo assim os peixes com tal claridade, apanham-nos facilmente.

É agradavel o vêr-se meninos mergulhados n'agua até a cintura com seus arcos e flechas nas mãos, ferindo e trespassando peixes com tal destresa, que elles assim atravessados, embora todos os exforços, não podem ir para o fundo em razão da flecha, que lhe penetrou no corpo. Nadam então os meninos, ainda que tenham os arcos nas mãos, e vão buscal-os. É este o principal serviço dos meninos, e por longas horas, e assim apanham muito peixe.

Empregam-se os homens e os adolescentes, alem do que já dissemos, em cortar arvores e limpar o matto, todos os dias pela manhã, nas horas do calor, quando é tempo de roçar, especialmente no inverno, para plantar *mandioca*.

Gostam muito de fazer arcos e flechas, e tambem pequenos bancos, muito bonitos a que dão o nome de *Apuycaue*, e lindos paneiros de diversas qualidades, feitos de folhas de palmeira ou de caniço sem nós, os quaes por lá crescem.

As mulheres tem mais occupações do que os homens. Depois de limpo e queimado o matto para roças, cuidam ellas em tudo o mais.

Plantam batatas, ervilhas, favas, diversas raizes, legumes e ervas.

Plantam milho sem a menor difficuldade ou trabalho, pois basta apenas lançar no chão os grãos, e tambem ervilhas deitando-as apenas em buracos feitos com um pau.

Plantam tambem as quatro qualidades de mandioca ja ditas, sem a menor difficuldade, porque sendo mui tenras as hastes destas plantas, ellas apenas as quebram e enterram-nas no solo, sem o menor cultivo, e terão depois grossas raizes. No fim de quatro mezes, ou antes, é preciso colhel-as para fazer farinha, como ja dissemos.

São ellas que fazem o *Cauin*, que vão buscar agua e que cuidam em tudo quanto é necessario ao governo da casa, no que os homens não se occupam de forma alguma.

Fabricam ellas tambem o azeite de manoma, quem colhem o urucú, quem lavam e fabricam sua massa. Colhem e descaroçam, batem e fiam com muita industria o algodão, e com elle fazem redes, umas similhantes á malhas, e outras tambem tecidas e cheias de figuras como si fosse obra dos melhores tecelões, e tambem tangas, onde ao pescoço carregam seos filhos como ja disse.

Fabricam ainda panellas de barro, grandes e pequenas, redondas, ovaes e quadradas, de feitios de vasos, de pratos, de térrinas e etc., todos lisos, especialmente por dentro. Usam de gommas brancas e negras para vidral-as interiormente, fazendo diversas figuras conforme sua imaginação.

São estas as diversas occupações diarias e domesticas das maranhenses, que na verdade não são tão preguiçosas como elles, pois passam o tempo só em distracções.

CAPITULO LI

Do genio e do humor dos maranhenses.

Ensina a philosophia, e mostra-nos a experiencia, que a boa temperatura aproveita muito não só ao corpo como tambem á intelligencia, e emfim a toda a natureza do homem.

Como o ar muda e varia em diversos gráos, assim tambem acontece aos climas do mundo, e por isso notam-se genios e costumes differentes, devidos ao ar, que não é tambem o mesmo em toda a parte.

Por isso vemos os habitantes da Lydia differentes dos da Scitia.

Como o ar septentrional é frio e grosseiro assim tambem os homens são rusticos e tardios.

Sendo o ar meridional quente e subtil, forma tambem os homens delicados e engenhosos.

Eis a razão porque sendo os maranhenses, filhos de um clima tão temperado, são por natureza de bons genios e de alegre humor.

Não pretendo levantal-os acima dos espiritos cultivados e civilisados, e nem comparal-os aos homens polidos, virtuosos e sabios.

Não: fallo apenas do seu genio só e simplesmente, isto é, de entes, que sempre foram pagãos, barbaros e crueis para

com seus inimigos, sempre contrarios a Deos e filhos do diabo, escravos de suas paixões e nunca senhores, ignorantes, de tudo que é saber, sem nunca terem sido ensinados, e nem instruidos em virtude alguma, nem se quer no conhecimento de Deos.

Na verdade sempre pensei achar animaes ferozes, homens totalmente brutos, rusticos e selvagens, como já disse, porem illudi-me em meos calculos.

Nenhum povo, que eu saiba, os excede na perfeição de seus sentidos naturaes, interiores ou exteriores.

Quanto mais vivem e mais moderados, tanto mais apurados são os seus sentidos corporaes, especialmente os exteriores.

Simplesmente pelo olphato, tão vivo, conhecem, como si fossem cães, salva a humanidade, as pegadas de seus inimigos, e distinguem duas pessoas de diversas nações.

Durante a nossa viagem de regresso a França, distinguiam os seis Indios que vinham comnosco, qualquer navio no horisonte mais depressa do que os marinheiros. Tanta é a agudesa de sua vista!

Quando os marinheiros mais experimentados, julgavam ter descoberto terra, gritando lá do cesto da gavea *terra! terra! terra!* os nossos indios apenas no tombadilho, ou na tolda, ou na varanda do navio reconheciam só com a vista não ser terra, e sim qualquer illusão no horisonte, ou algumas nuvens obscuras e zombando dos marujos, diziam— *Caraybes Osapukay Teigué, terra, terra, Euae con Assupigne!*

Tradusidas estas palavras querem dizer—*Gritaram os Francezes terra, terra, e comtudo não é terra, e sim o ceo negro.*

Foram elles os primeiros, que descubriram a terra muito tempo antes de nós, embora houvessem marinheiros de muito bôa vista.

Assim tem elles mui bem desenvolvidos os sentidos do gosto e do tacto.

Quem quer que seja, embora douto, que passar longos annos em continua preguiça, como vagabundo e inutil, ou gastando a vida em deboches, afinal não sentirá embotado o seo espirito, e elle proprio rude, tardio, estupido, e bruto?

Ingenium longa rubigine lœsum.

Torpet et est multo quam fuit ante minus.

Embora sejam os maranhenses constantemente preguiçosos, sem aprenderem coisa alguma, tem o melhor espirito e juiso, que é possivel imaginar-se.

São em tudo muito discretos, entendem tudo quanto lhes quizerdes dizer, percebem o que se lhes ensina, desejam saber e aprender, e tem muita habilidade para imitar o que vêem.

Sem interrupção, antes com toda a attenção ouvem o que lhe quizerdes dizer por muito tempo.

Nunca interrompem a quem está fallando, e nem tomam a palavra de outro, que a tem.

Ouvem-se com reciproca attenção, sem confusão, e nem fallando todos á um tempo.

Gostam muito de fazer discursos, e os fazem por duas ou tres horas e as vezes mais, sem perturbação ou confusão, e tirando conclusões dos principios estabelecidos.

São razoaveis, e por isso deixam-se guiar pela rasão e não sem conhecimento da causa.

Reflectem no que vos dizem, e assim querem tambem ser convencidos por vós em qualquer controversia.

Muitos pensam que elles são teimosos, e outros inconstantes e levianos.

São na verdade muito inconstantes, si incontancia é obedecer á rasão.

São tão doceis que só pela rasão d'elles fareis o que quizerdes.

Obedecem e fazem o que fôr de vossa vontade.

Praticam tudo isto não por volubilidade, e sim guiados pela rasão e não por obstinação.

Si sustentam com firmeza suas ideias, é por convicção e constancia, e si seos pensamentos não são rasoaveis, elles darão os motivos, devidos uns á falta de não se comprehenderem reciprocámente, e outros á pouca fé, que elles depositam em quem não os conhecem.

Quantos christãos não vemos nós, que apezar de todas as prédicas e sermões, não deixam seos costumes velhos, e suas antigas tradicções, diabolicas e más, em prejuiso de suas almas?

É teima sem duvida.

Para provar, que os maranhenses não são nem crédulos e nem teimosos, basta dizer, que, apezar de ser costume velho entre elles furar os beiços, arrancar as barbas, pintar o corpo e fazer outras coisas identicas, obedeceram as justas reflexões, que lhes fizemos á tal respeito, e sem grande esforço.

Embora estes costumes não impedissem, que fossem baptisados, nem n'isso tratamos, e pelo contrario demos-lhe ampla liberdade para fazer o que quizessem.

Acrescentamos ainda,—podeis furar as faces e as ventas como fazeis aos labios, e com isso não nos molestaes, e si desejaes pintar o corpo mandaremos vir de França muito boas tintas, como aqui não tendes. Si quizerdes porem ouvir nosso conselho, fazei como nós.

Para que furaes o beiço? Si fosse necessario, Deos, vosso Creador, não teria furado tão bem como fez a vossa bocca,

ouvidos, narinas, e outras partes, que tendes furadas em beneficio e necessidade da natureza?

Si Deos não quizesse, que tivesseis cabellos na barba, porque permitte, que ella cresça como a nossa? Não teria elle impedido, que ahi nascesse como acontece em outros lugares?

Si Elle vos quizesse com o corpo pintado, como costumaes fazer, Elle não vos teria pintado? Si não o fez, não está claro que é por que não quiz? E porque fazeis tudo isto?

Assim fallando-se ã elles tão doce e amigavelmente, consegue-se com facilidade, que se convençam do que se lhes diz.

Attrahidos com docilidade, e convencidos pela razão, reconhecem immediatamente a verdade, e tiram em sua lingua esta conclusão—*Aié catu, Tupan remimognan iémognan motar ypotar eum mé noroyco chuéne sesè.* «Tu dizes a verdade, Deos o faria si fosse necessario, e já que elle não quer, não o faremos.»

De facto muitos agora deixam crescer a barba, e nem querem ouvir fallar em furar os beiços de seos filhos, e pintar seo corpo.

Um velho chamado *Acaiuy,* de quem fallarei para diante, vendo que seo filho não tinha ainda o beiço furado, nos afiançou que em tal não consentiria, já porque este costume, alem de não ter apparencia alguma de razão, não era approvado por nós.

Mostrou-me outro seo filho, que acabava de nascer, e disse-me, que como desejava vel-o baptisado, o levaria para fim tão solemne á nossa Capella de São Francisco.

Pegando neste menino, e admirando-me de o vêr tão alvo, como nunca vi menino algum, disse-me que todos eram assim brancos, mas que mudavam de côr á custa das

tintas, e dos oleos, que empregavam, e como não achavamos isso bonito, não o fariam mais.

Si fosse tal gente tão inconstante e levianna, não seriam perseverantes no bem, que se lhe ensina, e na promessa feita, e não seria necessaria tão pouca coisa para fazer abandonar tradicções antigas.

Si fossem teimosos, não deixariam de todo costumes e habitos quase naturaes, e sendo-lhes indifferentes furar ou não as orelhas, plena liberdade lhes concedemos.

Assim, tão facilmente, tambem deixaram suas impiedades, e diabolicas maldades, e se converteram á fé de Deos.

Quero que sejam teimosos e obstinados, será isto um desgosto? Que beneficio, e que virtude poderá haver n'um povo tão sem fé e endiabrado, quaes estes Canibaes Antropophagos, tão arruinados pelo diabo?

Nunca pensei encontrar nelles beneficio ou civilisação alguma.

Como porem cada selvagem tem uma alma a salvar-se, julguei-os tão dignos de compaixão quão grande são as suas imperfeições.

Na verdade é um povo, que não pode ser tratado com rigor, e sim com doçura e pela razão.

Tem habilidade para fazer tudo quanto precisam para a caça, pesca e guerra.

Enfeitam e embellesam de mil modos seos arcos, flechas, e ornatos de pennas, e fazem todos os seus instrumentos do uso diario.

Poucos entre elles desconhecem a maior parte dos Astros e das estrellas do seu hemispherio, e dão a cada uma d'ellas o nome que lhe fora dado pelos seus antepassados.

Chamam ao Ceo *Euuac*, ao Sol *Koarassuh*, á Lua *Yasseuh*, e as Estrellas *Yasseuh-tata*.

Entre as estrellas, que mais conhecem, ha uma chamada *Symbiare raieuboare* «queixada», por ser esta constellação muito parecida com o queixo de um cavallo ou de uma vacca; é annunciadora de chuva.

Notam ainda as seguintes:

Urubu.—Dizem elles, que tem a forma de um coração, e apparece no tempo de chuva.

Seychuiura. Constellação de 9 estrellas, em forma de grelha. Annuncia chuva.

Seichu. É a *Pleiades,* por elles muito conhecida. Somente apparece ahi no meiado de janeiro, e apenas a vêem elles esperam chuva, o que se realisa em pouco tempo.

Tingassu. A mensageira ou a annunciadora da dita *Pleiades,* pois apparece 15 dias antes d'ella.

Suanran. Apparece 15 dias antes das chuvas. É uma estrella multo volumosa, clara e brilhante.

Uégnonmoin. «Carangueijo». É o signo de Cancer. É formada por muitas estrellas, e tem tal figura. Apparece no fim das chuvas.

Iauare. «Cão.» É muito vermelha, acompanha muito de perto a lua, de forma que quando ella se recolhe, dizem elles, que esta estrella corre atraz como um cão, que deseja devoral-a.

Quando não se vê a lua por muito tempo, no inverno, na primeira occasião que apparece, quase sempre no fim das chuvas, é muito vermelha como sangue, e então dizem os Indios que essa estrella persegue a lua para devoral-a.

Nesta occasião todos os homens pegam em seus cacetes, e voltando-se para o lado d'onde tem de vir a lua batem com elles no chão, e dizem em altas vozes e repetidas vezes estas palavras:—*Eycobé chera moin goé, goé, goé; Eycobé chera moin goé, hau, hau, hau,*—«meu Pae grande estejas sempre bom, estejas sempre bom, meu Pae grande,

hau.» Choram as mulheres e os meninos, levantam aos Ceos grandes gritos e gemidos, deitam-se e rolam-se pelo chão, batendo com a cabeça e as mãos.

Desejando saber a razão desta loucura, e diabolica superstição, indaguei delles, e soûbe que se julgavam proximos da morte, quando a lua assim apparece vermelha como sangue, que os homens alegram-se por haver chegado o momento de irem ter com o seu Pae grande, a quem saúdam e desejam muito boa saude e por muito tempo, por meio destas palavras *Eycobé cheramoin goé, goé, goé: eycobé cheramoin goé, goé, goé, hau, hau, hau,* «meu Pae grande estejas sempre bom, estejas sempre bom, meu Pae grande, hau.» As mulheres choram e lamentam-se com receio da morte e ficam até desesperadas.

Ainda conhecem estas estrellas:

Yasseuhtata Uassu. «Estrella grande.» É a da manhã.

Pirapanem. Estrella da tarde, por elles chamada—piloto da Lua—por vir adiante d'ella.

Yapuy kan. «Estrella assentada em seu lugar.» Levanta-se antes do Sol.

Quando principiam as chuvas, desapparece esta estrella.

Cruseiro. Constellação de 4 estrellas, muito brilhantes, em forma de bonita Cruz. Dão-lhes o nome de *Crussa*, «Cruz.»

Yanday. Estrella que se levanta depois do sol posto. Como é muito vermelha dão-lhe esse nome, derivado de um passaro assim chamado.

Yassatin. Constellação de 7 estrellas, similhante á um passaro com esse nome.

Cay. Formada de muitas estrellas, e do feitio de um macaco.

Potin. «Carangueijo.» É composta por muitas estrellas, e com tal configuração.

Tuyavaé. «Homem.» Concorrem muitas estrellas para formal-a com a conflguração de um homem velho, pegando n'um cacete.

Conomy Manipoére Uaré. «Rapazinho que bebe Manipoy.» È muito redonda, volumosa e luzente.

Yandutin. «Abstruz branco.» É formada por muitas estrellas grandes e luzentes, e com um bico, e por isso fingem os maranhenses crer, que ella quer comer as outras estrellas, que lhe estão juntas, as quaes dão o nome de *Uyra apia* «dois ovos.»

Eyre apua. «Mel redondo» É grande e redonda, brilhante e bonita.

Pannacon. «Paneiro comprido.» Constellação com tal forma.

Yasseuh-tata uè. Estrella muito brilhante. Fizeram um cantico em louvor de sua belleza e giro.

Tapity. «Beiço.» È formada por muitas estrellas á similhança de um beiço, e por outras em forma de orelhas compridas.

Tucon. Muito parecida com o fructo do *Tucan-vue,* especie de palmeira.

Tata endeuh. «Fogo ardente.» Assim chamada por ser muito brilhante.

Gnaépuéou. «Frigldeira redonda.» Tem tal nome por sua similhança.

Ainda tem a *Carana-vue* e muitas outras, que deixo de mencionar para evitar prolixidade. Conhecem-nas, e distinguem-nas todas, e mostram os diversos Orientes e Occidentes, em que apparecem e se escondem no seu horisonte.

Não conhecem a Epacta, ou as idades da Lua, porem sabem, por longa pratica, a epocha do seu crescente e mingoante, do plenilunio, da lua nova e de muitas outras coisas a ella relativas.

Dão ao eclipse da Lua o nome de *Yaseuh puyton* «noite da lua». Attribuem á lua o fluxo e o refluxo do mar, e distinguem muito bem as duas marés grandes, que aparecem poucos dias depois do pleni e novilunio.

Marcam ainda, e muito bem o giro do Sol e o seu caminho entre os dois tropicos como limites, que não devem ultrapassar. Dizem, que traz ventos e brisas quando vem do nosso polo Arctico, e chuvas quando volta-se do outro lado, em sua ascenção para nós.

Contam muito bem os seos annos por dose mezes pelo giro do Sol indo e vindo de um Tropico a outro.

Tambem conhecem esses mezes pela estação das chuvas, das brisas e dos ventos, e da epocha dos cajús.

A estrella *Seychu*, apparece alguns dias antes da chuva, e desapparece no fim dellas, para só reapparecer no mesmo tempo, e em igual epocha, e assim reconhecem os Indios perfeitamente o intersticio, ou o tempo de um anno completo.

Conhecem muitos corpos elementares, fructos, raizes, gommas, oleos, pedras, mineraes com propriedades muito bonitas e raras, e tambem muitos remedios, que empregam em suas doenças.

Recordam-se os velhos de factos passados ha 600, 700, 800 e mais annos, e minuciosamente nos contáram as empresas, os estratagemas, e outras particularidades do passado, quer para animar aos seos á fazer a guerra contra seos inimigos, quer para entreter seos amigos.

Tem quasi todos memoria feliz, e quanto mais cultivados são, mais ambição tem de grandezas.

São mui corajosos especialmente para exterminar seos inimigos, levando-os a crueldade e a raiva até a comel-os.

Felizmente não são richosos e nem barulhentos com os seus similhantes, com seus amigos; pelo contrario são mo-

derados, pacatos e doceis, e só vingativos quando offendidos.

Não tem inveja de outra aldeia valente, brava e corajosa, porem cheios de emulação buscam imital-a ou excedel-a.

Não tem inveja de qualquer beneficio ou dadiva feita aos seus companheiros, porem querem que se lhes faça o mesmo, e no caso contrario são extraordinariamente invejosos.

Seja como fôr, são espiritos domesticados da região do Sol, muito bem organisados, com bom genio, e bonito humor, porem se acham tão longe do Sol da Justiça, que é o nosso Salvador, quanto até hoje tem sido infelizes, miseraveis, barbaros, selvagens, e pagãos, como melhor se verá no capitulo seguinte, onde tratarei das suas crenças e religião.

CAPITULO LII

Da crença dos Indios Tupinambás.

Embora sejam os Indios *Tupinambás* de bôa natureza, não ha comtudo no mundo povo algum mais rebelde do que elles ao serviço de Deos.

Qual é o povo, embora muito selvagem, que não tenha, senão a verdadeira religião, ao menos por sombra d'ella alguma superstição?

Os Egypcios, apezar de cegos no meio do paganismo, não adoram fervorosamente seos idolos? Não tem elles os seos sabios, e seos sacerdotes, guardas e interpretes de suas cartas hierogliphicas?

Os Chaldeos, embora mergulhados na infidelidade, não idolatram suas loucas invenções e especialmente o seo fogo?

Os Persas, os Gregos, e os Romanos não tinham tambem seos falsos deoses, como os Gaulezes e outros povos?

Cuido, que só os *Tupinambás* não tem especie alguma de religião, pois não adoram um Deos, celeste ou terrestre, nem o oiro e a prata, nem madeira e pedras preciosas ou outra qualquer coisa.

Até agora não tinham religião e nem sacrificio, e por tanto nem sacerdotes, ministros, altar, templo ou Igreja.

Nunca souberam o que foi promessa, supplica, officio, ou oração publica ou particular.

Contam bem as luas, porem não destinguem as semanas, os dias de festa, e nem os domingos.

Para elles são iguaes todos os dias e tão solemnes uns como outros, emfim não tem culto algum interno ou externo.

Parece com tudo haver entre elles algum conhecimento do verdadeiro Deos, como se percebe do discurso de *Japyaçú*, já referido no cap. 11, onde o leitor, si quizer, encontrará algumas particularidades das crenças destes Indios.

Chamam em sua linguagem a Deos—*Tupan*.

Quando apparece trovoada, dizem ser mandada por Deos, e por isto chamam ao trovão *Tupan remimognan* «foi Deos quem fez isto.»

Reconhecem o triste estado de sua vida desgraçada, e attribuem-no ao seo Pae-grande por ter escolhido a espada de madeira e despresado a de ferro, como já contamos, e como fôra esta recebida pelo nosso Pae-grande, d'ahi proveio a nossa felicidade, constituindo-nos herdeiros da verdadeira crença de Deos, das artes, das sciencias, de todas as industrias, e de outros bens, que temos, chegando de moços, que eramos, a velhos, como tanto elles desejavam.

Crêem, que suas almas, que julgam immortaes, quando se separam do corpo, vão para alem das montanhas, onde está o Pae-grande, n'um lugar chamado *Uaiupia*, que habitam eternamente, si no mundo fizeram beneficios, como lugar de repouso, dançando, saltando, e brincando constantemente.

A vida, que consideram bôa, não é por virtude e nem por beneficio, e sim por actos de barbaridade e de crueldade.

Quanto maior é o numero de inimigos, que tem matado e comido, mais felizes se julgam.

Consideram passar bôa vida quando são fortes, valentes e habituados a matar seos inimigos, e chamam covardes e afiminados os que não tem animo para isso: neste ultimo caso vão residir com *Jeropary*, afim de serem por elle perseguidos.

Crêem na existencia de espiritos malignos, a que chamamos Diabos, e elles *Jeropary,* e temem-nos muito.

Fallando d'elles dizem—*ypochu Jeropary* «*Jeropary* é mau, e nada vale.»

Contavam-nos, que este espirito infernal, mostrando-se visivelmente, lhes apparecia, atormentando-os e affligindo-os cruelmente, porem nunca o vimos.

Perguntamos aos principaes e aos velhos mais sabedores do que se tem passado entre elles, ainda que no Tropico de Capricornio, si eram atormentados e affligidos por *Jeropary,* ou se tinham noticia de ter apparecido a algum de seos similhantes, e elles nos responderam negativamente, e até affirmaram tal facto não se dar, embora temessem muito *Jeropary* por ser mau, apezar de nada valer.

Depois da destruição dos Indios pelos P*eros,* muitos d'elles foram maltratados pelo diabo, que lhes appareceu em figura de um dos seus antepassados, fallando de suas miserias, e dos meios de se livrarem d'ellas, como elle fez depois de as soffrer tambem, pois quando lhe pareceu, transformou-se em espirito, e que si quisessem crel-o e seguil-o, lhes aconteceria o mesmo indo todos para o Paraiso Terreste, onde moram os *Caraibas* ou Prophetas.

Dando credito ás sugestões do diabo, sob forma humana, seguio-o immediatamente este povo em numero superior a sessenta mil.

Como o diabo só desejava a perda deste povo, quando passava o primeiro rio morreo afogada grande parte delle, e o resto foi morto pelos seos inimigos, escapando apenas

poucos, que se refugiaram nos desertos dançando sempre em honra de *Jeropary*.

Por ahi semeiavam muito, e nada colhiam, e depois de muito tempo assim perdido, sem saberem ao menos onde estavam, acharam-se afinal nas proximidades do rio *Tury*, em distancia maior de 600 leguas de Pernambuco, d'onde haviam partido.

Desde a primeira viagem que o Sr. de la Ravardiere fez á aquelle paiz, foi descobrir esses Indios e trouxe-os para Maranhão, onde contam hoje esta historia, como mui veridica, e como verdadeiro testemunho de terem sido maltratados pelo diabo, realisando-se afinal a promessa de *Jeropary*, pois vieram para um logar onde estavam Caraibas e Padres por vontade de Deos para salval-os.

Não ha duvida alguma no poder do Diabo, e nas suas crueldades e tyrannias para com estes povos, tão barbaros, como crueis e deshumanos, e por isso com razão se lastimam, e lhe dão o nome de mau, mormente sabendo como maltratou seus curandeiros.

Estes curandeiros, convem saber, são embusteiros de que se serve o Diabo para ter os Indios sempre supersticiosos. São muito estimados pelos barbaros, que n'elles muito creem. Dão-lhes o nome de Pagé «Curandeiro ou Feiticeiro.»

Predizem a fertilidade e a seccura da terra, e promettem muitas chuvas e todos os bens, e fizeram persuadir ao povo que quando sopram n'um logar doente, desapparece a dor, e por isso quando adoecem os Indios são elles procurados, e conhecendo o lugar do soffrimento principiam os taes *Pagés* a soprar, e pondo a bocca no logar fingem chupar o mal, e depois escarram-no, e fica bom o doente.

Ás vezes escondem na mão alguns ossos, pedras e pedaços de pau ou de ferro, e depois de haverem chupado o lu-

gar, mostram estas coisas, e persuadem ao doente havel-as tirado d'ahi.

Assim se curam por imaginação, superstição ou arte diabolica.

Tudo quanto dizem ou mandam esses Pagés é logo cumprido pelo povo, e até pelos mais velhos, como tivemos muita occasião de vêr.

Quando estivemos em *Juniparan*, morreu um menino, filho do Principal de *Timbohu*. Ordenou o Pagé que se lavassem os moradores de todas as aldeias por onde passou o cadaver do menino, si quizessem evitar uma molestia cruel, que os ameaçava. Todos obedeceram a esta ordem, e todas as manhãs lavavam-se em agua fria.

O proprio *Japy-açú*, o mais notavel de toda a Ilha, era o primeiro á lavar-se, e perguntando-lhe a razão, referio-me o que ja disse, o que excitou o riso a todos os instruidos no Christianismo.

Tem tambem a superstição de fincar na entrada de suas aldeias um madeiro muito alto, com outro atravessado na sua extremidade superior, onde penduram muitos cofinhos pequenos, feitos de folhas de pindoba do tamanho de duas mãos, e nelles pintam de negro ou de vermelho a figura de um homem nù. Se lhes perguntardes a razão disto, dirão que o fazem por conselhos de seus Pagés para livrarem-se dos maus ares.

Quando o Sr. de Vaux esteve em *Ibuyapap*, ahi havia um *Pagé*, que fazia fallar uma arvore (apparentemente) por um buraco, e tão bem a ponto de todos a entenderem.

Fingiam outros tirar muitas agulhas do meio das coxas de certos individuos, só por distracção.

Bem póde acontecer, que entre tantos *Pagés*, que por lá existam se encontrem alguns magicos, como succedia nos

tempos passados; mas actualmente não ha um só, pelo menos não conhecemos algum em quanto lá estivemos.

A maior parte ou quase todos são velhos, principaes das aldeias, que se incumbem de soprar sobre os doentes, não com imprecação ou sortilegios (si é que alguns usam de taes meios) e sim com subtilesa e charlatanismo para que sejam estimados pelos seos, e adquirirem fama de bons *Pagés,* ou curandeiros, que sanam todas as enfermidades.

O póvo porem aprecia estes *Pagés,* e tratam-nos bem em toda e qualquer parte, que chegam. São honrosamente mencionados em seus canticos, e bem acolhidos nas danças e *cauinagens,* e em todas as ceremonias, de que podem partilhar.

Creem estes infelizes selvageus, que tudo-lhes pode acontecer á vontade destes *Pagés,* de quem são muito amigos.

Julgam-se desgraçados, si cahindo n'alguma desgraça ou infelicidade, são ameaçados pelos *Pagés,* e a elles attribuem d'ahi em diante todas as suas infelicidades.

Não valem nada estes *Pagés,* mormente depois que lá chegamos, e que ahi esteve um rapaz da nossa companhia, que fazia ligeirezas de mão e pelloticas.

Incumbio-o o Sr. de Rasilly de, com seus servos, levar sua bagagem durante a nossa visita pela Ilha do Maranhão, como já dissemos.

Logo que os Maranhenses viram algumas subtilezas d'elle, principiaram a admiral-o, e deram-lhe o nome de *Pagé-açú.* «Feiticeiro grande.»

Fazia-lhes depois conhecer o Sr. de Rasilly, que todos os seus actos eram devidos a sua subtileza e finura, e d'aqui seguia mostrando-lhes a sua tolice de se deixarem enganar pelos Pagés, que não passavam de pellotiqueiros e embusteiros.

Resultou disto muitos bens, porque muitos abandonaram esses prejuisos, e até as crianças zombavam das astucias dos Pagés, e entre outras citarei apenas o menino *João Cajú*, de quem ja tenho fallado por vezes, que pegando em ossosinhos e outras coisas iguaes, perguntava ao Sr. de Rasilly: *Buruuichaue de akan omano?* «Senhor, doe-vos a cabeça?» Depois fingindo soprar e esfregar, mostrava-lhe o que tinha na mão, dizendo ser a causa de sua molestia, fazendo assim rir a companhia, causando admiração aos velhos, e desmoralisando os *Pagés*, d'ahi em diante considerados mentirosos e embusteiros.

CAPITULO LIII

Das leis e da Policia dos Indios Tupinambás.

Antes de vir a fé, na linguagem dos Apostolos, viviamos sob o dominio da Lei ainda guardada á espera da Fé, que nos devia ser revelada.

A miseria porem dos pobres indios *Tupinambás* foi tão grande, que não tendo elles nem fé, e nem religião, não tinham lei e nem policia excepto alguma parcella da Lei da naturesa.

Disse *Justiniano*, que *Juris præcepta sust hæc: honeste vivere, alterum non lædere, suum cuique tribuere.*

Na verdade, são rigorosos em respeitar o alheio, e se apparece alguma injustiça, exigem a reparação conforme as leis de Talião.

Si um sujeito dá n'outro uma bofetada é obrigado a levar outra: si lhe quebra um braço ou outro qualquer membro, ha-de sujeitar-se a igual destruição ou mutilação e finalmente si mata, deve morrer.

Seria boa lei, se tivesse algumas modificações, com tudo o direito natural é immutavel.

Si alguma mulher commette o crime de adulterio, ou morre ou é vendida como escrava. Não praticam seos actos

de justiça com formalidade e authoridade publica, e sim de facto e mui em particular.

Tem um Chefe ou Principal em cada aldeia.

Ordinariamente occupa o lugar de Chefe o capitão mais valente, ou o velho mais experimentado, que mais proesas fez na guerra, destruindo e matando muitos inimigos, que tem maior numero de mulheres, e de escravos adqueridos por seo valor, e familia grande.

Occupam este lugar de Chefe ou de Principal, não por eleição publica, e sim somente pela fama adquerida, e confiança n'elle depositada.

Serve o Chefe somente para oriental-os com seo parecer, principalmente nas assembléas geraes, que fazem todas as noites no meio de suas habitações.

Depois de accenderem bom fogo, que lhes serve de candeia e para accender seo cachimbo, armam ahi suas redes de algodão, e deitados cada um com seo cachimbo na mão principiam a orar contando o que se passou n'aquelle dia, e lembrando do que deviam fazer no seguinte á favor da paz ou da guerra, ou para receber seos amigos, ou ir ao encontro de seos inimigos, ou para outro qualquer negocio urgente, conforme as ordens de seo chefe, observadas á risca.

Quando morre algum d'elles, reunem-se, choram, como já dissemos, e entoam-lhe louvores. Vestem-nos depois com todos os seos vestidos e ornatos, fazem uma cova de 4 a 5 pés de profundidade, curvam o corpo de fórma que os pés toquem na cabeça, e assim deitam-no na cova.

No meio de altos gritos e lamentações cobrem-no de terra, e ahi o deixam.

CAPITULO LIV

Do nosso embarque em Maranhão, e da nossa chegada á França.

Deos, que nunca abandona quem procura servil-o e fazer alguma coisa em augmento de sua gloria, favoreceo-nos em nossa empresa.

Vendo nós tão grande seara, e tão poucos trabalhadores, deliberamos todos, unanimemente, que regressasse á França o Sr. de Rasilly, como se vae ver no capitulo seguinte.

Como o temporal não é senão accessorio do espiritual, foi ordenado (com bem pesar meu) que eu o acompanharia para dizer á S. M. tudo quanto se havia feito, e aos nossos padres o bem que se nos offerecia ahi a favor da igreja para que decidissem como lhes aprouvessem.

Antes de embarcarmos reconhecendo o Sr. de la Ravardiere o inconveniente, que havia de muitos Chefes, combinou com o Sr. de Rasily de investil-o de todo o seu poder, e para isso passou-lhe o seguinte documento authentico.

Consentimento do Sr. de la Ravardiere de regressar á França, deixando nas Indias por unico Commandante o Sr. de Rasilly.

Eu abaixo assignado, Loco-tenente-general do Rei nas suas terras do Brazil, tenho reconhecido por experiencia e pratica o bom e prudente procedimento do Sr. de Rasilly, meu com-

panheiro, em todos os negocios quer relativos aos Francezes quer aos habitantes deste paiz, alem da sua coragem e constancia, para sustentar esta Colonia, e da sua fidelidade nunca desmentida para commigo, e tambem tenho certeza dos bons desejos dos ditos naturaes desta terra, que só querem ser governados por um unico Chefe.

Reconheço por outro lado, que a diversidade dos chefes traz confusão ao Estado, não só pelos Francezes, voluveis por genio, mas tambem pelos Indios, que podem dividir seus affectos por dois ou tres Chefes.

Por todas estas justas e importantes considerações tenho resolvido remover todos os obstaculos afim de florescer esta Colonia em paz e tranquilidade, por minha livre e expontanea vontade resolvi regressar á França, depois que voltar da viagem, que vae fazer o Sr. de Rasilly, meu companheiro, afim de receber o que me tocar, conforme o contracto lavrado nas notas de Pacqué, escrivão de Paris, aos 6 de outubro de 1610, e promessa solemnemente feita por palavras e por escripto, de me ser garantida á mim e aos meus legitimos successores.

Como está dito nesse contracto, que o terceiro sempre se sugeitará ao parecer de dois, quando combinarem no mesmo pensamento, sou de opinião, que o dito Sr. de Rasilly, pelas razões ja mencionadas, seja o unico Chefe, que deve ficar nas Indias, governando tanto a Colonia como a seos habitantes.

É esta a minha vontade e resolução, depois de haver me aconselhado com a Igreja e os Principaes da Companhia, que approvando tudo, instaram com o Sr. de Rasilly para aceitar esse cargo, no que concordou á vista da nossa confiança n'elle depositada, e das ponderosas razões em beneficio do Christianismo, do serviço do Rei, e da causa publica, promettendo-nos nunca abandonar esta Colonia, e conservar o

que pertence a mim e aos meus, conforme o meu direito, de que me passou uma declaração por escripto nesse mesmo dia, em presença dos abaixo assignados, a qual tambem tem a minha firma, como prova de meu assentimento.

Forte de S. Luis 30 de novembro de 1612.

Daniel de la Touche, Sr. de la Ravardiere.—Luiz de Pesieux—Cavalleiro de Rasilly—Claudio de Rasilly—Charon —David Migan—Abrahão.

Depois de lido pelo Sr. de Rasilly tudo quanto deixamos escripto pelo Sr. de la Ravardiere em exercicio continuo de seu cargo, attendendo ás importantes considerações ahi allegadas, e ás ardentes supplicas de todos, para que, com satisfação do Rei, elle acceite o governo, e nunca abandone esta Colonia, resolveo-se a isso cumprindo seo dever como homem de bem, como um fidalgo honrado deve proceder para com a Igreja Catholica, Apostolica Romana.

Protestaram os Francezes, agora e sempre, e os Indios não pouparem cuidados, nem bens, e nem a vida, quando fôr necessario, conforme a concordata feita em presença de todos.

Quando estavamos promptos a partir, deliberaram os principaes da Ilha do Maranhão mandar comnosco seis dos seus similhantes para prestar homenagem e offerecer seus serviços ao Christianissimo Rei de França, em nome de sua nação, como seus verdadeiros subditos, moradores na Nova França Equinoccial.

Despedimos-nos dos Francezes e dos Indios, especialmente dos Principaes do Maranhão, recebi a benção dos nossos Padres, embarcamos-nos muito compungidos, e banhamos-nos de lagrymas quando dissemos adeos para tal separação.

Partimos á meia noite de 1° de dezembro.

O Rv.° P.e Arsenio com o Sr. de la Ravardiere vieram n'um barco até a Ilha de Sant'Anna, onde chegamos a 4 do dito mez.

No dia 6, festa de S. Nicolau, celebramos missa, e resolvemos partir no dia seguinte, o que realisamos no navio *Regente,* e demandamos o Cabo das arvores seccas; ahi ancoramos para passar o dia da festa da Immaculada Conceição da Gloriosa Virgem, que foi sabbado 8 do então corrente mez.

No domingo pela manhã despediram-se de nós o Rvd.º Padre Arsenio e o Sr. de la Ravardiere, e com os olhos arrasados de lagrymas, regressaram á Ilha.

Como ultima despedida aos que ficaram na Ilha grande do Maranhão demos um tiro de peça, e procuramos a altura das Ilhas do Perú em procura de ventos favoraveis.

Favoreceo-nos Deos com bom vento e constante, e por isso em poucos dias atravessamos a linha.

Continuou esse vento até atravessarmos as Ilhas Bermudas e Açores: ahi porem apanhou-nos grande e furiosa tempestade, que nos quebrou o mastro da mesena, obrigando-nos a andar sem governo por tres dias sobre elemento tão revoltoso, com mastros e cordas somente á mercê do tempo.

Livrou-nos Deos de tão grande tempestade, e com bom vento nos levou até Inglaterra, onde encontrando máo tempo e ventos contrarios, vimos-nos obrigados a orçar e procurar abrigo no porto de Falmouth.

O espirito maligno, que no mar para nós criou tantos tormentos, em terra não se esqueceo de fazer o mesmo.

Em vez de socego e descanço deo-nos incommodos por suas artes e astucias, de forma que fomos obrigados a demorarmos-nos por espaço de seis semanas em Falmouth e Dartmouth, no meio de muitas angustias e tribulações, podendo em tal situação dizer como o Apostolo—*Supra modum gravati et supra virtutem, ita ut tœderet etiam nos vivere.*

CAPITULO LV

Da nossa chegada ao Havre de Graça.

Quando sahimos d'Inglaterra foi-nos favoravel o vento; porem não era correspondente aos nossos desejos, pois ardentemente desejavamos mostrar aos Francezes o fructo de nossa missão, e os primeiros rebentões da nossa nova Colonia, que traziamos para França afim de receberem ahi melhor a Religião e os costumes francezes.

Os nossos canhões noticiaram á cidade do Havre a nossa chegada no sabbado 16 de Março.

Saudamos assim a cidade em obediencia aos bons costumes dos portos do mar, instituidos para evitar surprezas dos estrangeiros.

Cantamos *Te-Deum Laudamus* em acção de graças á Aquelle, que por sua infinita misericordia nos livrou do vento, e nos deo forças para soffrer as suas inconstancias.

Causou muita admiração ahi a nossa chegada, e vimos-nos obrigados a satisfazer a curiosidade dos grandes e dos pequenos.

Embora muito tarde o Revd. Padre Theophilo de Peronne, Guardião do nosso Convento nessa cidade, mandou ter comnosco dois de nossos confrades, e si não fossem alguns ser-

viços que tinhamos entre mãos, e a pequenez do barco iriamos nessa mesma noite para o Convento.

Quiz Deos que ainda soffressemos os ultimos restos dessa tempestade, soprada pela raiva que o diabo tinha de nós.

Apenas se despediram de nós estes Religiosos, abriram-se as portas do Sul, do Su-sueste e do Sud-oeste, e deixaram correr os seos ventos, revolvendo de tal sorte as ondas do mar, que parecia ter Deos reservado o nosso naufragio para ser presenciado por nossos amigos.

Mal preparados estavamos para aguentar tal tempestade, nossas cordas, umas partidas outras gastas, não podiam conter a ancora, e perdida uma por se ter quebrado a amarra, e na força maior da tempestade reunimos-nos e tomamos a resolução de arribar á Honfleur para salvar-nos.

É este um dos expedientes empregados pelos homens do mar contra um elemento, que não pode ter uso de razão.

Não se evitaria de um lado o perigo eminente para ir naufragar n'outro?

Concordamos por ultimo, como unico remedio, dar segundo tiro, differente do primeiro, como um aviso á cidade. O primeiro foi signal de regosijo, e este de desespero.

Estavamos convencidos, que afinal nós morreriamos sem soccorros, e elles nos veriam morrer sem poder ajudar-nos, pois era impossivel a elles vir ter comnosco, e nós irmos ter com elles, tão furioso estava o mar!

Sem esperança de auxilio humano, resolveram-se os nossos pilotos á cortar os mastros ao nosso Navio, e deixal-o encalhar para ao menos salvarem-se as pessoas.

Houve alguma demora na execução deste plano, pouco seguro para salvar o que se desejava, de naufragio tão aterrador.

Em tal afflicção ajoelhamos-nos, levantamos os olhos para o Céo, imploramos o auxilio dessa bella estrella do mar, a Gloriosa Virgem Maria, luz no meio das angustias deste mundo, e cantamos suas ladainhas e outras orações.

Julgava o diabo zombar de nossos trabalhos sepultando nas ondas as esperanças de nossas conquistas, porque nos via com uma só amarra, e esta mesma muito estragada, pois sendo composta de quatro cabos, tres já estavam quebrados, restando apenas um, e d'elle, como de um fio, dependia a nossa vida.

Deos porem dignou-se mostrar, que eramos guiados por sua mão.

Ainda não tinhamos acabado de orar, e já *Fulgura in pluviam fecit,* escureceo o tempo de repente, cahio abundante chuva abatendo os ventos, aplacando as furias do mar, e afeando a esperança e a coragem de nossos marinheiros a fazer grandes e incriveis esforços.

Quando o nosso navio andava acossado pela tempestade, embora sabendo o estado da amarra pucharam com o cabrestante a ancora do mar, e só por milagre da Providencia Divina poude um cabo unico resistir á violencia e esforços, que empregavam 40 á 50 homens para virar o referido cabrestante.

Creio que naturalmente não se podia fazer isto, e só quem sustenta o globo da terra no ar por seos tres dedos, é que podia fazer parar nosso navio, e conservar esse cabo contra tantos esforços e a violencia de tão furiosa tempestade, quando tres não resistiram.

Não tinhamos tido tempo ainda de revistar nossos cabos, quando ergueo-se segunda tempestade ainda maior do que a primeira arrebentando a amarra do nosso bote, e levando para longe de nossas vistas no meio das ondas.

Como o diabo não poude perder-nos, vingou seu despeito no que poude.

Estava muito afflicto o governador da cidade o Sr. de Vilars, marquez de Graville, de não poder testemunhar á nossa Ordem sua affeição n'este caso tão afflictivo, á Igreja seo zelo, e á França sua coragem; mas apenas aplacou-se um pouco a tempestade e o mau tempo, mandou correr para nós durante a noite os pilotos da barra.

Foram elles, que nos conduziram ao Havre tanto para agradecer ao dito marquez, como para prevenil-o da vinda dos maranhenses, na qualidade de embaixadores, á presença de Sua Magestade, o Rei Christianissimo, e preparar a cidade para recebel-os com todas as honras, que lhe eram devidas.

O Sr. Cura da cidade deo programma da recepção, e mandou collocar diante da casa do Governador um tapete com alguns coxins.

Fomos ahi levados em procissão pelos nossos Padres, por outros Ecclesiasticos, e por muitas confrarias; adoramos a Cruz, e depois seguimos para a Igreja.

Na procissão nada foi esquecido que pudesse chamar o espirito dos Christãos á devoção.

Os sinos, os orgãos, os psalmos e outras ceremonias religiosas arrancaram á este povo muitas lagrymas e saudações geraes. Tiros de peça tornavam ainda mais solemnes este acto.

Apenas entramos na Igreja, repetimos o *Te Deum laudamus* em acção de graças.

Mostrando-se o povo desejoso de saber o adiantamento dos Indios na aprendizagem da fé, nós mandamos á estes, que em sua lingua, e em voz alta dissessem o *Pater Noster* e a *Ave Maria*.

Abraçaram-nos os nossos amigos e o dito marquez particularmente, e offereceo-nos a sua casa para nella descançarmos e esquecer os trabalhos de tão longa viagem.

Não posso deixar em silencio a piedade e bondade da nobilissima e virtuosissima Sra. de Vitry, Abbadeça de Montivilliers, pois além de nos honrar mandando visitar-nos, nos fez saber o seu contentamento por havermos vencido o diabo.

Tivemos por isso motivo de visitar sua Igreja, e procuramos, apezar da clausura que ahi se observa tão restrictamente, dar-lhe a consolação de ver essas plantinhas, que trouxemos comnosco para offerecel-as, pelo baptismo, á Jesus Christo, nosso Salvador, afim de perderem sua primitiva natureza selvagem, tornando-as boas, de más que eram.

Ahi fomos tambem recebidos com todas as solemnidades, accrescendo os canticos das Religiosas, dispostas por ordem sob a vigilancia de sua Abbadeça, mostrando assim a estes neophytos uma parte das ceremonias de nossa Igreja.

Depois de alguns dias sahimos do Havre e fomos para Ruão, onde nos receberam os nossos Padres, muitos nobres e outros habitantes da cidade com iguaes ceremonias e identicos testemunhos de devoção.

Si estas honrosas recepções alegravam-nos por ver a França tão catholica e civilisada, tambem faziam muita impressão no animo dos selvagens, que vendo com attenção, e admirando nossas ceremonias, visitas e reciprocas saudações notavam a differença que havia entre a sua Ilha e o nosso reino, e percebendo que era a Religião a causa unica de tudo isto, só desejavam ser Christãos, e comnosco partilhar da fé.

CAPITULO LVI

Da nossa chegada á cidade de Paris.

Desejavamos chegar o mais breve, que fosse possivel, á Pariz para darmos conta á Sua Magestade e aos nossos Padres do bom exito da nossa viagem.

Pouco nos demoramos em Ruão, e seguimos logo para essa grande cidade, capital da França, e quando estavamos perto, sahiram ao nosso encontro muitas pessoas de alta posição, que nos vieram receber com demonstrações de apreço.

Entramos em Paris no sabbado 12 de abril, e antes de chegarmos, encontramos fóra do arrebalde de Santo Honorato os Padres do nosso convento de Meudon, em numero de 100 a 120, capitulados pelo Revd. Padre Archangelo de Pembroch, então Commissario da Provincia de Pariz.

Depois de havermos adorado e beijado a Cruz, principiou o mesmo Revd. Commissario a entoar *Te-Deum laudamus*, e sendo respondido pelos outros Padres, assim chegamos á Igreja do nosso Convento, de cruz alçada á maneira de procissão, sendo acompanhada por muitas pessoas notaveis, todas contentes por causa da nossa santa e feliz conquista, e alegres vendo esses pobres selvagens vestidos com bonitas pennas, e trazendo na mão o seu *Maracá*, e ainda mais satisfeitos achando-os resolvidos a transformarem-se em homens

novos, e a receberem a candida veste, isto é, a innocencia dos filhos de Deos, por meio do Santo baptismo, que vinham procurar.

Chegando á porta da Igreja, offereceu-nos o Revd. Padre Commissario agua benta, e conduzio-nos até ao altar por entre as filas dos nossos Padres, e atravessando com difficuldade o caminho occupado por muitos fidalgos, senhoras, e outras pessoas de qualidade, que ahi estavam.

Depois de muitas orações repetidas em acção de graças diante do altar-mór, mandei que os Indios dissessem em voz alta o *Pater Noster* e a *Ave Maria* na sua lingua, como haviam aprendido.

Era tão grande a multidão, que nos vimos obrigados a recolhermos-nos com os Indios para dentro do Convento, facilitando assim aos nossos Padres o prazer de os ver, de os acariciar, e de os instruir.

Este remedio, longe de aplacar, mais excitou o desejo do povo para ver os Indios.

Foi tal o numero de visitas ao nosso Convento, que viose Sua Magestade na necessidade de collocar soldados na porta do Convento para conter o povo, ja imprudente e importuno.

Quem pensaria que o povo francez, tão habituado a ver coisas raras e novas, mostrasse tanta curiosidade pela vinda destes Indios?

Quantas vezes não vieram a esta Cidade muitas nações barbaras e estranhas, sem excitar tal curiosidade?

Com a chegada destes pobres Indios—*commota est universa civitas*—moveo-se toda a Cidade de Paris, mostrando-se todos contentes. Ninguem se podia conter e por isso iam ver de perto a causa de sua alegria.

Achavam-se todas as ruas cheias de povo para ver o que não podia crer.

O Convento não era nosso, e sim da Cidade inteira: ja não era convento, e sim um ponto de reunião para onde affluia gente distante 20 leguas em torno. Si intentavamos fechar as portas do Convento ouviamos murmurios e até injurias, não para nos offenderem e sim quase sem saberem o que diziam vendo-se contrariados em seus desejos.

Passamos pelo desgosto do porteiro, sem conhecer, recusar a entrada a muitos de nossos maiores amigos e bemfeitores, porem julgo que elles nos desculparão á vista de tanta confusão.

Que mais direi ?

As pessoas, que os viam, não se contentavam de examinal-os e de admiral-os.

Donde pensaes, que provem tão particular devoção deste povo de Paris, a não ser do seu amor, e da sua santa affeição á Igreja Catholica, Apostolica Romana ?

Não podiam exprimir a satisfação, que experimentavam, vendo o augmento da Religião pela acquisição destas infelizes almas indias.

Depois de nossa chegada o Rvd.º Padre Commissario, acompanhado pelo Sr. de Rasilly e por mim, conduzio os ditos indios ao Louvre, e conforme as antigas ceremonias de França, foram prestar homenagem ao nosso Christianissimo Rei, sugeitando suas terras e pessoas á seu sceptro e como que juntando mais uma nova perola á sua corôa, ou melhor offerecendo mais uma nova corôa á sua cabeça, reconhecendo-o assim por seu Rei e seu Soberano Monarcha.

Em nome dos maranhenses dirigio estas palavras ao Rei, na presença da Rainha Regente, sua mãe, o indio *Itapacu,* depois chamado Luiz Maria.

E Vbuyh iaré, bé angaturan eté erimahé apuyaue Burunichaue Kerembaue mondue chérétan apoupê Payoré sepiac

yanondé oré moé patar Tupan gnéen ary, oré poesurum apuyamemuá souy.

Oré oroycõ perercoar etéramo: Cuseignéum oroyco Jeropary raheire amo oroiu racaé. Cheputupaue nerebuirussu ressé nerepiac apoyaue opap catu nereminboé secoremé Eubuyh turussu vaé neiare secoremé. Aié mommoria ussu deruaké uytu nerépiac pota Tupan rapeire coap peiauegné cuseignéum Ieropary raheire oroyco. Dé angaturam eté erimahé apuyaue mandue cheretan a pupé Pay Tupan raheire eté oré sepiac yanondé: augé catu erimabé ycho oréretan apupé nosoy teigné euopo. Iecoapaue amo orérui-chaué oré bure ocar perétan ápupé déressé ierurai dereminboy ary toroycon.

Oroierurai vé de ressé toieméhen apuyaue angaturan oréretan por ary Pay iemoesaue Tupan ressé iecatu vaé oré moesar ahé toycò, Kerembaue aué oré poésuron iran toyco, opaccatu ché eubuypore deremimboy amosecon, apoyaue Carayhé atuasaue coroyco.

«Grande Monarcha, tu te dignaste mandar-nos grandes personagens em companhia de Prophetas para ensinar-nos a lei de Deos, e sustentar-nos contra os nossos inimigos. Sempre te seremos agradecidos, visto que até hoje temos arrastado uma vida miseravel, sem lei e sem fé.

Admiro tua grandesa como monarcha de tal nação, e de tão grande paiz.

Tenho vergonha de me appresentar diante de ti, reconhecèndo a differença, que existe entre os filhos de Deus, como vós, e os filhos de Jeropary como sempre fomos.

Tu te honraste mandando-nos taes Prophetas e cavalleiros tão valentes, e fizestes muito bem, pois não são pessoas inuteis.

Em reconhecimento mandaram-nos os Principaes de nossa terra prestar homenagem, em nome de nossa nação, á tua

grandeza, como é do nosso dever, e rogar-te, que nos mandeis mais Prophetas para nos fazer filhos de Deos, e mais guerreiros para nos defender e sustentar, jurando sermos sempre teus subditos, e servos mui humildes e muito fieis, e amigos fieis dos francezes.»

Ouvindo Suas Magestades estas palavras e parecendo entendel-as, manifestou o Rei a satisfação, que sentia pela feliz conquista destes Indios, e mandou dizer-lhes que os deffenderia, como seus subditos, contra todos os seus inimigos. Por outro lado a Rainha, ainda mais desejosa, sem comparação, da salvação destas pobres almas selvagens e barbaras, como se fossem pedras mais preciosas do mundo, declarou não ter sido vã sua esperança, e confirmando a benigna e generosa resposta do Rei, accrescentou que lhes mandaria Prophetas, como desejavam, para ensinal-os, e muitos Francezes valentes para mantel-os e deffendel-os.

Nunca realisou-se em nação alguma do Mundo, como aqui, o que o grande Apostolo São Paulo disse de si e de seus companheiros—*Christi bonus odor in omni loco.* O cheiro da conversão delles á fé christã encheo n'um momento toda a França, de grande satisfação, e impellida pelo sopro do vento passou os Alpes e perfumou toda a Italia, e com tal velocidade, que d'ahi vindo os nossos Padres, com o Rvd. Padre Honorato de Pariz, Provincial dessa nossa Provincia, caminhando para Roma, onde devia celebrar-se nosso Capitulo geral no dia de Pentecostes em 1613, ainda não tinham recebido as nossas cartas, e ja estavam as melhores cidades da Italia cheias de noticias nossas, e por isso quando chegavam a qualquer parte eram importunados pelos governadores e pelos cidadãos mais notaveis para que ministrassem informações nossas, dando muitos parabens á França, e fazendo mui zelosas exortações em honra de Deos e salvação

das almas afim de animar-nos a tão santa e gloriosa empresa.

Sobre todos, como nos contaram os Padres, o que mais alegre e consolado se mostrou foi o Pae commum de todos os Christãos, o nosso Santo Pae o Papa Paulo V, successor no nome e no zelo do glorioso Apostolo dos gentios, quando ouvio o que lhe referio o nosso Rvd. Padre Provincial em presença do Sr. de Breves, Embaixador do Rei, tambem muito satisfeito como o Padre do Evangelho por vêr regressar não um só filho prodigo e sim muitos, e com presteza, á Casa do seu Pae Celeste, que é sua Igreja, e por isso dirigindo-se ao dito Embaixador disse-lhe—*veramente la Regnia ha grand' occusione di rallegrarsi che nel tempo del suo governo un tanto felice successo sia occorso alla Francia.* «Na verdade a Rainha tem muita razão de alegrar-se vendo a França gosar tal felicidade durante a Regencia.» Depois voltando-se para o Revd. Padre Provincial lhe perguntou—*Non sequitarete demandare altri Religiosini cotesti paesi per continuare cosi sancta impresa?* «Não mandareis mais Religiosos á esse paiz para continuar tão sancta empresa?» Respondeu-lhe affirmativamente o Revd. Padre Provincial, dizendo ter para esse fim commissão especial do nosso Revm. Padre Geral e que para isso tinha vindo expressamente á presença de Sua Santidade pedir-lhe as necessarias faculdades. Retorquio-lhe Sua Santidade com muita benevolencia—*Faremo vedere tutte la facoltá che sono state concesse á gli altri Religiosi quali y stanno fra gli infideli et non restringeremo nienie.* «Mandaremos vêr as faculdades concedidas aos Religiosos entre os infieis, e d'ellas nada tiraremos.»

Se a naturesa grava no coração dos paes e das mães o amor dos filhos, e para conserval-os emprega todos os exforços possiveis, o que não fará o amor espiritual em todos

os corações christãos e catholicos dos Francezes para com estes selvagens, por elles tão docemente chamados e entregues a Jesus Christo ?

Que meios não deverão empregar para conservação e augmento de sua vida espiritual e christan ?

Tudo isto influio no animo de Sua Magestade a Regente para prodigalisar seus bens na expedição projectada para salvar os infelizes pagãos desta nação.

Foi este mesmo zelo que influio muitos fidalgos, soldados e artistas francezes á acompanhar, sem subsidio, soldo, ou recompensa alguma, os doze Padres, enviados por nossos Superiores n'essa expedição, sob a protecção do Filho de Deos e de seos doze Apostolos, para annunciar o Evangelho a este infeliz povo, ha tão longo tempo sepultado nas trevas da infelicidade.

Se estas regiões amadurecerem, e chegarem ao estado de serem colhidas, de todas as partes de França diariamente se appresentarão ceifadores devidamente inspirados para, em tão santa obra, servir á Magestade divina.

CAPITULO LVII

Da morte de tres Indios Tupinambás em França.

Consistem os fructos principaes da Philosophia Christã em desprezar a morte e conhecer a felicidade da outra vida, porque sahindo deste mundo desviámo-nos da terra para aproximarmo-nos do Ceo, trocando os homens por Deos e pelos Anjos; emfim, saber o que dizia Tertuliano aos Imperadores—*Nos genus et patriam et spem et dignitatem in Cœlus habere* «nossos parentes, patria, esperança e lugares de honra estão no Céo.»

Antes de terem esses Indios a felicidade de ornarem suas almas com tão lindos raios de fé, Deos annunciou-lhes ter chegado o ultimo dia, arremeçando-os na Theologia e n'um instante fazendo-os mais doutos do que não o faria por muitos annos a nossa Philosophia.

Por esta fórma deo-lhes a corôa antes de combaterem sob suas bandeiras, a humildade de sua sepultura e a gloria de sua resurreição, e a cruz para beijar não morta porem florescida.

Não seria fóra de proposito o perguntar-se, se gozariam no Paraizo por herança ou recompensa? Não se pode duvidar desse gozo á vista das bonitas circunstancias de sua morte.

É certo, que um menino, ainda sem uso de rasão, quando morre vae logo direito para a bemaventurança.

Embora não possa crêr nas palavras do impio, comtudo como diz Santo Augustinho—*Parvulis Mater Ecclesia aliorum pedes accommodat ut veniant: aliorum cor, ut credant: aliorum linguam, ut fateantur:* «a Igreja, nossa mãe, prepara os pés dos outros para que venham, o coração para crêr, e a lingua para confessar,» e por isso creem os meninos, porem como diz S. Thomaz—*Per fidem Ecclesiæ* «pela fé da Igreja,» cuja virtude destruio por meio do baptismo a macula do peccado, dando-lhes a innocencia, restituindo-lhes a justiça, infundindo-lhes a graça, imprimindo-lhes o caracter de Christão em suas almas, e fazendo-os assim dignos da vida eterna.

Dizer porem, que elles gozam o Ceo como recompensa, não é verdade, visto que sem uso de rasão nada podem fazer digno de merito, e a recompensa ou o louvor só pertence ao que trabalha, a argolinha ao que corre, e a corôa ao que tiver combatido com lealdade.

É só como herança, que estes meninos gozam do Ceo, graças á Paixão de Nosso Senhor Jesus-Christo, que lhes deo em ausencia de merecimento para gozarem da bemaventurança eterna, pois como diz o Angelico Doutor—*Per baptismum sunt Christi membra effecti* «pelo baptismo se fizeram membros de Jesus-Christo.»

Pode pois de alguma fórma dizer-se, que estes tres Indios estão gozando da felicidade dos bemaventurados, entregando suas almas a Deos em sua innocencia baptismal, e depois de baptisados.

Tanto para este fim cooperaram, que já na idade adulta voluntariamente deixaram sua patria por Deos, procurando a França não só para receberem o baptismo, que em sua terra poderiam ter, mais tambem para obterem meios de

salvar as infelizes almas de seos companheiros pedindo a Suas Magestades Christianissimas, que lhes dessem muitos Prophetas (assim chamam os Padres) para ir instruil-os, e aproveitando a occasião para aprenderem aqui as ceremonias da Igreja Catholica, Apostolica, Romana afim de regressarem á sua terra, e com sua vida e sangue ajudar os ditos Prophetas em converter os Barbaros, e guiar suas almas até á presença de Deos. Era este o seo maior desejo.

Para isto exposeram-se á mil e mil perigos, e trabalhos até perderem a vida.

Quem podorá negar, não sendo um temerario, que como recompensa gozem actualmente o Paraiso?

Da morte de Carypyra chamado Francisco.

O primeiro, que morreo, era da Nação dos *Tabaiares,* da aldeia *Rayry,* e tinha de 60 a 70 annos de idade.

Alem do nome de *Carypyra,* derivado de um passaro chamado *Thesoura,* que se lhe deo para destinguir-se dos outros, tinha adquirido em todas as batalhas contra os inimigos de sua Nação novos nomes e sobrenomes.

Mais afamado do que Scipião o Africano, e o Cezar da Germania, poderia encher de gloria a 24 nomes, como se fossem titulos de honra, e provas de 24 batalhas, onde se encontrou, e onde se houve muito bem.

N'isto o que mais se nota é serem seos nomes acompanhados de elogios, como epigrammas escriptos não em papel, arame, e casca de uma arvore, porem sim sobre sua propria carne.

Seo rosto, barriga e coxas foram os marmores ou o porphiro, onde se gravou sua vida por meio de caracteres e figuras desconhecidas, a ponto de tomardes o coiro de sua

carne por uma couraça adamascada, como se verá no retrato junto. [1]

Ao redor do seo pescoço viam-se os mesmos signaes, mais bonito collar para um soldado valente do que se fosse de pedras preciosas de todo o Mundo.

Finalmente foi feito prisioneiro de guerra pelos maranhenses, e residio entre elles por 18 annos praticando muitas e afamadas proezas.

Foi designado pela reunião geral de todos os Principaes e velhos de *Eussauap,* como se fosse o grande estado, para vir á França com outros cinco Indios prestar homenagem á Sua Magestade, com o que muito se alegrou.

Sentimos reciproco prazer, para dar-lhe maior apreço ainda, do que já gosava, fazendo-o filho de Deos, e elle por se fazer Christão entregando-se á nossa direcção.

Pallas e Minerva andam sempre juntas, os livros seguem ás armas, o entendimento á coragem, e Cezar assentado dentro do Capitolio sobre o globo do Mundo tem tanta gloria por seos *Commentarios* como por sua espada.

Tinha este guerreiro tanto talento como coragem, e seos discursos ordinarios, principalmente depois que chegamos á França e especialmente durante a sua molestia, eram para assim dizer—perguntas á respeito de nossa fé, por exemplo—si ficam filhos de Tupan, no caso de morrerem antes de baptisados—si o baptismo e o banho d'agoa Sacramental era, como diziamos, a unica porta da Igreja—si a vontade do grande *Tupan* poderia desvanecer seos desejos de ser baptisado, e outras coisas iguaes.

Adoeceo na segunda-feira 22 de abril, logo depois da nossa chegada a Pariz, e falleceo victima de uma deflucção, acompanhada por muita febre e inflamação de pulmões.

---

[1] Não o reproduzimos, por falta de gravadores.

A primeira molestia foi originada pelo frio de nosso clima, a segunda pela fraqueza de suas partes nobres occasionada por tantos combates e sangue derramado, que predispoz seo corpo a exhalar o ultimo sôpro da vida, e a ultima pela extraordinaria constancia deste Cathecumeno, e pela sua perseverança miraculosa em pedir o baptismo, ainda mais durante a sua molestia, dizendo sempre em sua lingua:

Maété tecatu Tupan rahiere asséreco: Chemoiassuch yépé Pay. «É muito bonito ser filho de Deos, baptisa-me meo Padre, baptisa-me meo Padre.»

O desejo que tinhamos de vêl-o bom nos fazia espaçar de dia para dia este acto.

Instados afinal pela doença e pelo enfermo, no domingo seguinte, reunimos os outros cinco Indios no quarto, em que se achava elle deitado, e na presença de todos fiz-lhes perceber esta passagem de S. Marcos—*Qui crediderit et baptisatus fuerit salvus erit*—predispondo-os a receberem o baptismo.

Este pobre homem gostava mais do que tudo de ouvir fallar de Deos, e por isso dizia constantemente—*Chemoiassuch Yépé Pay, Chemoiassuch Yépé Pay* «Meo Padre, baptisae-me, meo Padre, baptisae-me.»

O mais velho dos outros cinco Indios, chamado *Itapucu*, vendo-o a pedir o baptismo com tanto affecto, aproximou-se do seo leito, e tirando o chapeo, derigio-lhe estas perguntas com acento de profunda convicção.

Cherékebure, ereieruray yassuc ary, n'assendup catuy aypo yassuc ary depoiapore amo sereco eum, deieru peignote moan erereco. Namaé miry ruhan Tupan raheire auaiemognan. Ecoap conseignéum ressé deparatiti aguere.

Erécoap raco apuyaue etá iuca sagoire; ereporu été racaé oreanan ary, cuseigneum deangaypaue amo ereyco. Nerecoay pé cohu teon de ressé seco?

Erecocatu demaé asseucb cohu, aycoap catu Tupan cohu derereco catu.

«Meu irmão, pedes o baptimo, porem me parece que só o pedes com a boca. Não basta isto só, é necessario, que o peças com o coração, porque não é pouco seres feito filho de Deos.

«Pensa um pouco primeiro em tua má vida passada.

«Bem sabes que mataste e comeste muitos homens de tua Nação, e que fizestes muitos males em tua vida. (Aqui referio-lhe alguns actos tragicos, que sabia ter elle feito).

«Não te parece que mereces morrer.

«Soffre com paciencia e sê reconhecido ao bem, que Deos te faz.»

Estas palavras me fizeram estimar a nossa França, embora muito longe da perfeição, que este Indio apregoava apezar de pagão.

Em quanto durava a enfermidade, receiavamos fazer exhortações aos nossos doentes.

Nós os elogiavamos pela docilidade de seu genio, manifestavamos o nosso pezar pela sua morte, lembravamos a suas virtudes, e fugiamos, como coisa cruel, de lançar-lhes em rosto sua má vida passada. Era espirito muito forte para seu cerebro, e por isso reservamos esse manjar ordinario e inutilmente para depois da morte.

Em presença deste Indio ainda não baptisado, deveriamos mostrar a nossos amigos agonisantes dois quadros, um da sua maldade, outro da bondade de Deos, um para movel-o á contricção, outro para fazel-o esperar pela misericordia, um de penitencia outro de absolvição, um para nos humilhar, outro para nos erguer até ao nosso Deos, um a figura da terra, outro a do sol, a imitação dos Scythotaurus—*Qui ægrotanti sinistra monstrum, dextera solem ostentant*— mostrando aos seos doentes com uma das mãos um monstro

e com a outra um Sol: assim fez o referido selvagem, mostrando a seu irmão a malicia da sua vida e a bondade de Deos.

Longe dessas exprobações tirarem a coragem ao enfermo, ao contrario confessava suas faltas, e louvava a bondade de Deos por lhe reservar morte tão agradavel e feliz.

Pensará o leitor achar aqui talvez os pezares de um homem, que morre longe de sua patria, e de seus parentes, sem ter um amigo, para fechar-lhe os olhos e nem um filho para receber seu ultimo suspiro.

Longe está de tudo isto, porque este pobre homem sepultou nas ondas do mar vermelho todos os Egypcios.

No seu pensamento só havia ideia de Deos, e de submetter-se inteiramente aos seus decretos e vontade immutaveis, e por isso somente respondeo estas palavras.

Conseignéum chéparapiti aguere oar chérésapé cohu aue rameben iapiti areco, sesé aymohuron. Agné teon chéréssé yary aypotar. Noypotarpé Tupan chéréon eum cherétan ychueméué ahéménéché éuapo uychué chéanan mongetaue maéporan aguere sepiac royré cymonbeuaue apuyaue apé taue rupymo. Tupan ypotareum, naypotar, ahé chereon motarmé, aypotar catu, uahure cherecorémé yassuch rare voyné.

«Ah! tenho agora bem presente toda a minha vida passada, e todo o mal, que fiz, como se tudo fosse praticado agora, e por isso estou muito aterrado.

«Bem sei que mereci a morte, porem não seria melhor que Deos me permittisse regressar á minha terra antes de morrer para contar aos meus patricios as boas coisas que vi e aprendi dos Padres?

Si elle não quizer, eu tambem não quero, e si é de sua vontade que eu morra, estou contente com tanto que eu seja um de seus filhos e baptisado.»

Taes palavras de um Pagão são na verdade dignas de recompensa. O que mais se poderia esperar de um Christão, que tivesse aprehendido de cór o livro de Job ?

Finalmente depois de ter ouvido d'elle boas confissões de nossa fé, e admirado seos discursos em honra de *Tupan*, depois de o ter visto olhar para o Ceo, e soltar soluços, que abrasavam mais sua alma do que a molestia os seus pulmões, derramei sobre sua cabeça, sob a forma de um pouco d'agua, o sangue precioso de Jesus Christo, no domingo 28 de abril e dei-lhe o nome de Francisco, em homenagem ao Sr. Francisco de Rasilly.

Foi este o 25° nome, que elle teve, e tambem o titulo de honra que mais estimou.

Si até então se orgulhava com os seus 24 nomes, como titulos de honra demonstrativos de seus triumphos contra inimigos, não tinha elle motivo para preferir este bello nome de Francisco a todos os outros, regosijando-se e mostrando-se contente por essa nova honra, que acabava de adquirir, vencendo com a recepção do baptismo todos os diabos do Inferno, inimigos das nossas almas.

Então redobrou-se sua coragem, e como um novo Athleta do Theatro Romano—*Non lutêa unctione, vel pulverea volutatione, vel arida saginationé, sed sanguineo, Chrismate delibutus*—ungido com este precioso e divino balsamo fez invejosos de sua fortuna todos os expectadores destes ultimos combates.

Durante sua molestia sustentou grandes guerras, as ultimas e mais renhidas, porem as mais gloriosas de sua vida.

Não era combatente e nem tinha a quem combater, porem crueis visões lhe atormentavam o espirito.

Pouco antes de ser baptisado, vio um bando de passaros grandes e negros, como corvos, que lhe picavam o corpo,

e pareciam encarniçar-se sobre sua pessoa, como se fosse um animal morto e meio pôdre.

Tal visão causou-lhe mil aprehensões e inquietações em seu leito, e por signaes pedia a nossos Padres, constantemente juntos delle, que deitassem agua benta onde via esse bando de passaros, e isto o aliviava muito.

Outras vezes via uma boa Mãe, muito parecida com uma Rainha, bella o quanto é possivel, vir em seu auxilio e defendel-o destas aves importunas, que havia enchotado.

Depois de baptisado voltou o rosto para a parede e assim descançou por muito tempo, e depois como que despertado de profundo silencio, deo um grande suspiro e disse.

Maété tecatu Tupan raheire asséréco! Aycoap cohu jeropary raheire chéreco royré, supicatu seran uinbaue nyramémoa boure ocár yénondé chemoar chemomemoámé ouahure moãn cherecorémê. Uyassuch royré uyratin our chéué Tupan raheire ayconné.

«Oh! quanto é bello ser filho de Deos! Bem vejo, que até agora fui filho do Diabo, e por isso atormentou-me elle tanto com seus passaros negros, visto o poder que em mim tinha.

«Depois porem, que fui baptisado, appareceo-me um bonito passaro branco, e chegando junto de minha boca me asseverou que eu era filho de Deos.»

No dia seguinte disse-me ter lhe apparecido um passaro todo azul, que o acariciara com o bico e azas como que querendo leval-o para o Ceo, palavras suas.

Chegou a hora de auxiliar estas palavras, promessas e lagrymas e de mostrar satisfação, que eu experimentava vendo salva do Inferno esta alma.

Disse-lhe que tivesse coragem, e que Deos certamente o levaria para o Ceo para vel-o, e com elle morar eternamente na companhia dos bemaventurados.

Appareceo-lhe depois copioso suor e frio muito forte de maneira, que não poude pronunciar mais uma só palavra.

Recolheu-se este infeliz á um canto de seu leito, como se quizesse fugir, dando signal com a mão para lhe deitarem agoa benta, o que o socegou, e então me disse terem-lhe apparecido muitos meninos negros, que o haviam picado com facas, mas que veio em seu soccorro aquella boa mãe, e os havia expellido d'ahi.

É bem pssivel que esta boa mãe, de que fallava, fosse a Rainha dos Anjos, a Mãe d Deos, que viera em defesa dessa alma, que Seo amado Filho havia lavado com o seu sangue precioso no baptismo, que recebera, e que o destinara a gloria.

Muitos julgaram serem taes visões actos de imaginação deste pobre Indio, porem ignorando elle estes ultimos ataques do nosso inimigo sob a figura de um corvo, que a agoa benta podia expellil-o, e que a Mãe de Deos apparecia nessas horas para animar e proteger os enfermos, por força que seos olhos viriam essas visões.

Como o diabo não seria tão tolo para fingir tudo isto, trabalhando em seu prejuiso, necessariamente deve reconhecer-se a verdade e a providencia d'Aquelle, que nos quer ensinar a importancia deste combate.

Depois destas visões pedio-me a extrema-uncção, como lhe ensinei, e recebeo-a com tanta devoção como eu tinha de pezar por perdel-o, e de alegria por vel-o salvo.

Apoz o recebimento deste ultimo sacramento, ficou quieto, e mostrou-se ainda mais satisfeito.

Assim preparado passou a melhor vida, entregando nesse mesmo dia 29 de abril de 1613 seo espirito a seo Creador, e dando motivos para ainda mais admirar-se a profundidade dos juisós divinos.

Pouco tempo depois da sua morte, como nos participaram os nossos Padres, os Indios de sua nação, inimigos encarniçados dos maranhenses, vieram morar com elles para serem instruidos e baptisados pelos Padres, reconhecendo bem claramente, que todos os seus antecessores viveram até então, infelizmente, sob a tyrannia do diabo.

É bem provavel, que o defunto, que só anhelava o converter-se á fé, (não diminuida porem mais perfeita do que nunca, onde estava) implorasse no Ceo a graça de Deos, a favor dessa extrema necessidade, que elle bem conhecia.

Foi seu corpo enterrado em nosso Convento de Paris, onde descança em paz.

Da morte de Patua chamado Thiago.

Nesse mesmo dia adoeceo *Patua* «uma caixa,» e tambem morreo.

Era natural da Ilha do Maranhão, e descendente de bôa Familia.

Seo Pae chamava-se *Auatty Piran,* e era um dos Principaes da Ilha, e seo tio era de *Carnaupió.*

Tinha 15 a 16 annos, era bem feito de corpo, intelligente, grave o quanto pode ser-se n'essa idade, e sobre tudo docil e por isso muito estimado por nós, que mais do que elle sentiamos suas dores.

Sua molestia foi uma febre continùa, que durou 8 dias.

No primeiro accesso da molestia ouvindo de seo quarto exhortar-se seo companheiro, e fazer-lhe pronunciar o nome de Jesus, viram-no levantar-se da cama, ajoelhar-se, pôr as mãos, erguer os olhos para o Céo, e chorando gritar mais alto do que nós—*ô Tupan, ô Tupan,* Jesus, Jesus, Jesus, como que querendo tambem por sua parte contribuir para a salvação de sua alma.

Agravando-se a sua molestia pedio com instancia o baptismo, e repetio muitas vezes, que não descançava emquanto não fosse filho de Deos.

O Diabo, velho guerreiro, devia ter vergonha, de atacar esta plantasinha da Igreja, porem este desgraçado espirito despreza todas as confusões com tanto que d'ellas tire proveito; e por isso esforçou-se em atormentar este menino com espectros novos, que ora o faziam gritar, ora esconder-se debaixo dos lençóes, dizendo vêr muitos indiosinhos, que o ameaçavam com pancadas, si pedisse o baptismo.

O Sr. Bispo de Grace chegou felizmente a tempo de testemunhar a inquietação do doente, e servio-lhe de Medico.

A pedido do doente tirou do pescoço sua Cruz de oiro, e lançou-a no do menino, dando-lhe á um tempo o signal de sua salvação, o tropheo do seo inimigo, e o repouso de sua alma.

Causava admiração vêr este herdeirosinho de Jesus-Christo triumphar com esta Cruz na mão, e dizer em sua linguagem, Crussá chépopé secoremé, uyiemo crussaue tore jeropary oycue aermé, nassequeic chuéne ichuy.

«Em quanto sobre mim tiver esta Cruz e com ella me benzer, podem vir todos os diabos quando quizerem que eu não temerei.

«Suas artes não podem offender aos que descançam á sombra d'esta Palma.»

Com o augmento da febre crescia-lhe o desejo de ser baptisado para ser filho de Deos.

Tendo esperança de vel-o bom, desejei dar-lhe o baptismo com maior edificação, porem vendo-o com tal instancia, e em perigo tão eminente baptisei-o no sabbado 4 de Maio com o nome de Thiago a pedido do Sr. du Perron e em homenagem ao Illm. Sr. Cardeal.

Na segunda feira da seguinte semana, dei-lhe a extrema uncção, e pouco depois lhe perguntei si não desejava regressar a Maranhão, e si não tinha pena de morrer? Respondeu-me:

An an Paygoé, chéosso potar Enuacpé sepiac Tupan Tuue, Tupan Raheire, Tupan Saint'Esprit.

«Não, não, meu Padre, só desejo ir para o Ceo, e ver o Deos Pae, o Deos Filho, e o Deos Espirito Santo.»

Todas estas palavras eram tão devotas, que arrancavam lagrymas em abundancia dos olhos de nossos Padres e de todos os que o ouviam, sempre com seo juizo, e sempre fallando em Deos até deixar este Mundo antes de gosal-o.

Morreu nesse dia, 6 de Maio, entrando ao mesmo tempo, na Igreja Militante e na Triumphante.

Nossos Padres desejando honrar a pureza da alma deste indiosinho, e recompensar o amor, que sempre teve á nossa Ordem, em vez do vestido branco como outr'ora se davam aos recem-baptisados, lhe cobriram seu corpo com o habito do nosso Padre São Francisco.

Não duvido, que esta alma esteja agora no meio dos Anjos.

Não desejando penetrar temerariamente no segredo dos juizos occultos de Deos, contento-me em dizer aos curiosos, com Santo Agostinho—*Scrutare si potes profundum, sed cave præcipitium.*

Da morte de Manen chamado Antonio.

Deos não contente com estas duas hostias immolados á entrada da Igreja, que construio nestas Ilhas barbaras, quiz ainda que um Indio por nome *Manen* fizesse companhia áquelles na molestia e na morte, tornando completo o numero dos holocaustos.

Era natural da *terra dos cabellos compridos,* (visinha do Amazonas) que habitavam a Oeste, ao longo de um bonito rio chamado *Pará.*

Era natural de *Renary* e tinha 20 a 22 annos de idade.

Suas virtudes e molestias eram iguaes ás dos outros, porem sua conversação era branda, seo genio docil, tratavel e soffredor, pelo que durante a sua febre ardente nunca soltou uma só queixa.

Muitas vezes, tanto em saude como na molestia, foi encontrado de joelhos em seu quarto com as mãos postas, orando á Deos.

Foi baptisado com o nome de Antonio, em attenção ao Sr. de Beauvais Nangy, no sabbado 4 de Maio.

Depois disto unio-se á Deos espiritualmente, e creio que a sua morte foi apenas um meio para mais aperfeiçoar-se esta união, porque a sua occupação diaria era orar.

Quando a paralysia embaraçou-o de levantar as duas mãos erguia apenas uma para mostrar visivelmente a attenção e a força de sua alma.

Recebeo, como os outros, a extrema-uncção e assim preparado voou para o Ceo no mesmo dia e na mesma hora, que o precedente, e foram enterrados na mesma occasião com o habito do Nosso Padre São Francisco, junto a sepultura do primeiro.

A todos elles fizeram-se officios e funeraes solemnes, como si fossem nossos irmãos.

A oração funebre foi recitada pelo Rvd. Padre Seraphim de Chateau Thierry.

Vivem hoje estas tres almas muito felizes, e como primicias do rebanho que pretendemos collocar sob o baculo da Santa Cruz, si Deos nos ajudar.

Seo numero é mistico, sua morte miraculosa, seu sangue fatal ao diabo, e sua gloria arrhas da conversão de sua patria.

O primeiro, mais velho do que os outros apasiguará Deos, o Pae, justamente irritado contra este povo barbaro e pagão.

O segundo aplacará o Filho justamente encolerisado contra esta nação por haver despresado a voz de seus Apostolos, que como testemunho contra elles, deixaram impressas nas pedras ou rochas os vestigios de seus passos.

O terceiro impetrará a graça do Espirito Santo, que servirá de vento á nossos navios, de fogo á nossas palavras, e de balsamo sagrado ás almas ainda rudes deste povo.

Deos mostrará aos espiritos curiosos, que elle gosta do numero impar para proteger de alguma forma as tres potencias da nossa alma, com que deseja ser servido, e a Fé da sua Trindade, com que deseja ser adorado.

CAPITULO LVIII

Dos tres Indios Tupinambás, que ainda vivem.

Embora Deos, como senhor absoluto da nossa vida, podesse chamar a si todos os seis Indios Tupinambas, que trouxemos, apenas levou tres e deixou-nos outros tres.

Quem quizesse reflectir com curiosidade sobre isto diria, que os Anjos Custodios quizeram dividir comnosco a victoria deste povo.

Embora abominaveis sejam estes Indios o preço de suas almas é tão precioso como o das nossas e não ha um só, como acontece nas outras nações, que não tenha um Anjo da Guarda.

Bem fez Deos mandando que brilhasse seo Sol sobre os bons e sobre os maus, e assim não poderia elle deixar sem Anjos Custodios tanto os bons como os maus.

O magna dignitas animarum, disse S. Jeronymo, *ut habeat ab ortu nativitatis unaquœque in custodiam sui Angelum delegatum.*

Servem aos maus ao menos livrando-os de maior tyrannia do diabo, para que não commettam peccados mortaes, para que não caiam em muitos precipicios, e mesmo para cuidarem, por orações e santas inspirações, na sua conversão á

fé com muito mais ardor e vigilancia do que não teve o diabo para perdel-os.

Batalharam por muito tempo os Anjos Custodios d'estes pobres barbaros contra o diabo para salvar estes pobres Pagãos.

Parece-me que á Deos pediram metade destes Indios para collocal-os na sua Igreja triumphante, e deixaram-nos a outra metade afim de que, de commum accordo, tivessemos justos motivos para trabalhar utilmente nesta vinha.

Do primeiro Indio chamado Itapucu, e depois Luiz Maria.

O mais velho dos tres tinha 38 annos pouco mais ou menos. Era natural da grande montanha de *Ybuyapap*.

Seo Pae era Principal de *Cayeté*, e chamava-se *Uara-uaçú*, nome de um peixe, e sua Mãe *Uyra-iara* «passaró, que é apanhado.»

Antes do baptismo tinha o nome de *Itapucu* «barra de ferro» ou de *Itapuyssan* «ancora de navio», alem de mais outros dez, memoriaes e honorificos de batalhas, onde procedeo corajosamente contra seos inimigos.

Em seo andar e palavras revela-se o soldado, e mostra-se a firmesa de seo espirito.

Gosta muito de fazer discursos, e nunca se cança quando falla dos feitos de armas e dos pontos de fé.

É prompto e sincero em tudo quanto diz respeito a honra de Deos, e ao valor de um coração magnanimo.

Quando estava perto da Camara de Sua Magestade para lhe prestar homenagem, advertio-lhe um dos nossos guias, que visse bem o que ia dizer.

Replicou logo que descendia de muito boa familia, e por isso dispensava tal advertencia, e que bem sabia o que havia de dizer, e assim não precisava de instrucções.

Um dia, (antes do seu baptismo) estava com os nossos perto do altar para ouvir a predica, que o Rvd. Padre Seraphim de Chateau Thierry fazia por occasião dos funeraes do primeiro de seus companheiros, que havia fallecido.

Como acontecia a muitos senhores distintos, olhavam outros para esses Indios, e por isso elle chamou um interprete e disse:

«Dizei a esses senhores, que Deos lhes falla pelà boca do Propheta, que está na cadeira, e portanto devem olhar para elles, e não para nós.»

Por gosto é o censor de seus companheiros, quando os vê deixar de aprender o que precisa um verdadeiro Christão, tendo somente por fim o vel-os em estado de ser uteis ao seu paiz.

Nós o consideravamos como um dos nossos melhores instrumentos na conversão dos seus semelhantes.

Serviriam muito a Deos, mediante sua graça, seu juizo firme, seu discurso religioso, sua palavra feliz, seu zelo piedoso, e sua authoridade na provincia.

Será outro Centurião convertido, que juntando saber á coragem, e zelo á palavra, edificará em pouco tempo, como esperamos, uma bonita Igreja á Deos, não com pedras materiaes, e sim com almas convertidas.

Do segundo Indio chamado Uaroyio, depois Luiz Henriques.

Chamava-se o segundo *Uaroyio*.

Natural da aldeia de *Mocuru*, chamava-se seu Pae *Uirao Pinobonich* «passaro azul sem pennas na cabeça»; era o Principal da sua aldeia. Sua mãe tinha o nome de *Uayaeuro* «pennacho de pennas»: era do mesmo lugar.

Tinha 22 annos de idade, era muito alegre, de cor mais clara que os outros, de rosto bem feito, e mais parecido ao

de um francez do que ao de um selvagem estrangeiro. Com sua intelligencia clara principia a comprehender nossa lingua e escriptos.

É uma arvore que dará flores e fructos, e della esperamos o que ainda não vemos.

Do terceiro Indio chamado Iapuáy, depois Luiz de São João.

Chamava-se o terceiro *Iapuay*, natural da Ilha do Maranhão, filho de *Tangara*, «casca de ostra» e de sua mãe, *Congnau Uassuteigné* «grande mulher para nada.»

Tinha perto de 20 annos. Era mais sombrio do que os outros, porem excedia sempre a seus companheiros, pela docilidade de seu genio, e por sua particular devoção.

CAPITULO LIX

Do baptismo destes tres Indios.

Para seguir as sombras do velho Testamento, e fazer corresponder a graça á sua Lei, Jesus Christo instituio á entrada da sua Igreja a purificação d'agoa, pela qual troca o homem o exercito do diabo por outro estandarte novo, deixa o vestido velho de Adão para ornar-se com as vestes do Filho de Deos, como disse S. Jeronymo—*Sordes deponit, et novum Christi assumit vestimentum, ut mortus veteri homine, nascatur novus homo.*

Muitos accusariam, se á tanto se atrevessem, esta policia e instituição baptismal como tirada dos Pagãos, e o mesmo dirão de outros Sacramentos da Igreja. Com tudo isto não deixa de ser honrosa, santa e digna do seo autor.

Jacob não foi criminoso por juntar algumas pedras profanas, e collocal-as em fórma de altar, e nem Salomão por servir-se das arvores de Libano para edificar o Templo de Deos.

Porque pois Jesus Christo, sabedoria de Deos Pae, não poderia com mais rasão e santidade empregar a agoa, profanada pelos Pagãos, no baptismo de seos corpos para purificar e lavar as almas de seos filhos?

Poderia dizer, que foi esta ceremonia antes rehavida do que imitada dos Pagãos, seos injustos possuidores, e que

Jesus Christo nada mais fez do que collocar, em primeiro lugar e no serviço de seo Pae, esta agoa, que lhe fôra destinada quando seo Espirito, em fórma de Piloto, como diz *Philon*, aquecia sua humidade para fazel-a mais fecunda.

Zombaram os Pagãos desta agoa, não pela ceremonia, e sim pelo apreço que davamos a ella; porque não podiam comprehender estes espiritos philosophicos, sem outro horisonte alem da naturesa, os effeitos tão grandes de uma causa tão pequena.

Qual a relação, que ha entre uma gota d'agoa e o espirito? Entre um banho e a filiação de Deos? entre um simples elemento e a deiformidade e divinisação de uma Alma?

Queriam que a nossa Religião tivesse mais pompa que a d'elles, visto pregarmos a existencia de um Deos, mais poderoso do que essa multidão infame de seus Deoses, desejando assim ao poder o aparato exterior e não a simplicidade, assim recommendada por Tertuliano.

Nihil magis obdurat mentes quam simplicitas in actu et magnificentia in effectu.

A Igreja, mãe sabia e interprete do soliloquio de seo Deos, para de alguma sorte condescender com estes espiritos soberbos, instituio bellas ceremonias para acompanhar essa agoa e preparar com luxo real sua primeira porta, que é o baptismo—*Gustus salis, tactus narium, saliva, exorcismus, &.*

Não tenho intenção de mostrar-vos a origem, a causa e as vantagens, e nem as razões que teve a Igreja para mudal-as conforme o maior ou menor augmento da fé: basta só que a instrucção, o ornato, o respeito, e os symbolos misticos, que dão aos Christãos, os façam mais recommendaveis.

Tudo isto me serve somente para vos representar a ordem, que se guardou no baptismo solemne de nossos Indios.

Em primeiro lugar levanto ao Ceo triumphantes louvores á Maria de Medicis, dignissima rainha regente, e á Luiz 13°, seu filho, nosso Rei, verdadeira vergontea desse grande São Luiz, agora na presença de Deos, porque não se importaram descêr, ao que parece, de sua gerarchia, e inclinar o Ceo de sua grandeza para assistir a este baptismo, e assim honrar com sua presença este acto.

Quiz Deos, que estes peixinhos, filhos do grande *Yctis,* das antigas Sybillas, sahindo do mar do Christianismo tivessem por testemunhas os dois grandes luminares do nosso Reino, tanto para nos fazer conhecida a piedade de nossos Principes, como para dar o grito de alarma ao Diabo e obrigal-o a evacuar o paiz, visto que foram elles os Padrinhos, e como taes protectores dos que se armaram para expelil-o de sua Patria.

Baptisaram-se na Igreja de nosso Convento dos Padres Capuchinhos no arrebalde de Santo Honorato.

Estava ornada de cortinados de seda, bordados á oiro, onde se achava estampada a vida do glorioso Percursor de Jesus-Christo, São João Baptista, para corresponder ao dia de sua festa pois estavamos a 24 de junho.

Era pois conveniente, que nossa Igreja mudasse de condição visto mudar de natureza porque de pobre tornava-se rica, e de solitaria em Parochia.

O altar-mór estava ricamente preparado, e o sanctuario ornado de seda.

Do lado da nave levantou-se um tablado para sustentar as fontes baptismaes, que estavam cobertas por uma grande e bonita bacia de prata, pintada de vermelho, e dourada por todos os lados, e por cima d'ella havia uma colcha de tafetá branco achamalotado, tão grande que chegava até o chão.

Do tecto da Igreja pendia riquissimo docel.

Ao lado do tablado haviam dois pequenos altares, e tudo o mais, que era necessario em taes ceremonias, tambem da mesma seda, atrahindo as vistas e entretendo a conversação dos que esperavam pelo acto.

Ás 4 horas da tarde compareceo a Rainha, e logo em seguida o Rei.

Revistio-se de suas vestes pontificaes o Snr. Bispo de Paris, que por sua bondade quiz ser o celebrante.

Apresentaram-se immediatamente os tres Indios, que nos ficaram, preparados e cathequisados para o acto.

Traziam vestes de tafetá branco, abertas, e enriquecidas com botões de seda de cima até abaixo por diante e de cima até a cintura por detraz, para com mais facilidade se lhe applicarem os santos oleos.

Cada Indio era apresentado por dois de nosssos Padres, revestidos de alvas, com toda a ordem e devoção possiveis.

Principiou a interrogal-os o Snr. Bispo de Paris relativamente ao baptismo, eu lhe servia de interprete para transmittir aos Indios na lingua delles as suas perguntas, que respondiam. Recitaram afinal o *Pater Noster*, a *Ave Maria*, e o *Credo*.

Ficaram muito alegres os Parisienses, vendo Suas Magestades tão dedicadas por este santo exercicio.

Foram na verdade os Padrinhos responsaveis por todas as exigencias da Igreja.

Escolheo a Rainha para um o nome de Henrique Luiz e para o outro o de João.

Perguntou porem á Sua Magestade o Sr. Bispo de Paris se não era melhor, que tivessem todos tres o nome de Luiz, para que o nome do Padrinho fosse mais lembrado entre os Barbaros, e consentindo n'isto a Soberana, todos tres se chamaram Luiz.

O Rei mostrou no rosto muita satisfação.

Se tivesse tempo mostraria o respeito, que a Rainha prestava a este acto, e a profunda meditação que dedicava a todas as circumstancias.

As Princezas de sua comitiva mostravam-se satisfeitas, vendo estes novos seres do jardim de Jesus Christo.

Se os Anjos de Deos se alegram no Ceo por um peccador só, que se converta, e que faz penitencia, que satisfação e que doce harmonia não haveria no Ceo, e que melodia não reinaria entre os bemaventurados vendo estas bellas primicias de Antropophagos offerecidas a Deos ?

Que regosijo não sentiram vendo a conversão, não de um peccador somente e sim de uma Nação e de infinitas almas, como consequencias, não de peccadores somente, e sim de barbaros, de crueis, e de selvagens ?

Que alegria dos bemaventurados, e especialmente destes espiritos celestes ?

Não se pode dizer e nem se quer imaginar o que fizeram os Anjos Tutelares, e o que não fizeram depois de tantos e tantos annos para a conversão destes pobres pagãos e infieis principalmente por lhes haver Deos ordenado, que amassem a quem guardassem.

Junte-se a esta recommendação o odio que tem dos Diabos, seos inimigos, e por isso desejam reparar as ruinas do Ceo com tanto maior empenho quanta é a certesa, que tem de ser isto agradavel a seo Rei e ao nosso Redemptor, Jesus Christo.

Presenciando agora o fructo de seus trabalhos, ou melhor de suas vigilias, vendo a victoria e os tropheos de suas batalhas, os despojos e a destruição do Imperio do inimigo do genero humano, e estas pobres almas livres de sua mão cruel, e convertidas a Deos, que satisfação, que alegria, e que harmonia ouvia-se no Ceo ?

Durante esta santa ceremonia nunca deixaram de louvar a Deos as capellas e as musicas de Sua Magestade, com harmonia nunca vista de voz e de instrumentos.

Havia ainda porem outra harmonia não menos agradavel a Deos, e esta se desprendia dos corações não mais crueis e nem barbaros, e sim doceis e benignos, não mais de Lobos furiosos, de Antropophagos ou de Canibaes e sim dos novos convertidos—*Qui tanquam agni exultabant,* como diz o Sabio, *magnificantes te Domine qui liberasti illos.*

Regosijavam-se como cordeirinhos, louvando e exaltando o Senhor pela graça ineffavel, que lhes fizera livrando-os do cruel captiveiro do Diabo, onde estiveram até então.

Que consonancia de louvores intimos destas almasinhas, recentemente regeneradas e lavadas com o sangue precioso do Cordeiro immaculado?

Que votos não faziam elles em face da Igreja, da pureza de seus corações, do amor e da caridade, por Deos derramado, por intermedio do Espirito Santo, no santo sacramento do baptismo?

Era harmonia infinitamente mais doce e agradavel aos ouvidos de Sua Divina Magestade, do que todos os accentos de vozes mui doces e dos melhores instrumentos musicaes, que se podem encontrar no Mundo.

O que mais agradava no Ceo era a profunda humildade destas pobres almas vendo-se passar de pontos tão oppostos, isto é, de lobos a cordeiros, de cruéis a christãos, de filhos e de instrumentos da raiva e da crueldade do Diabo á filhos de Deos, aborrecendo sua vida passada, e chorando a cegueira e a perda de seus antepassados.

De tudo isto resultava tão grande modestia, e aspecto tão devoto durante todas as ceremonias de seu baptismo, que se não fossem conhecidos, facilmente se acreditaria terem

sempre vivido no Christianismo, e conhecerem as ceremonias da Igreja.

Levantavam muitas vezes os olhos ao Ceo, donde lhes vinha a graça, sempre porem prestando attenção ao que irão fazer.

Tão bom exemplo commoveo o coração dos assistentes com tal sentimento de piedade e de devoção, que muitos não poderam reter as lagrimas.

Que alegria e consolação não sentiram Suas Magestades Christianissimas vendo, que, por seo intermedio, no dia da festividade do grande Apostolo de Deos, a terra e o Ceo enchiam-se de satisfação por causa do renascimento e da geração espiritual de tres pessoas escolhidas por Deos?

Que offerenda mais agradavel a Deos poderiam fazer-lhe Suas Magestades, no santo dia do glorioso S. João Baptista, do que a destas tres bellas almas purificadas pelas agoas baptismaes? *Talibus enim hostiis*, como diz o Apostolo, *promeretur Deus*. «Deos sente prazer com taes sacrificios.»

São hostias espirituaes mui agradaveis a Deos: são holocaustos dedicados a Deos pelo baptismo: são sacrificios vivos e satisfactorios á Deos.

São cordeirinhos, são bonitas flores, são fructos delicados. *Isti sunt agni novelli*, como canta a Igreja, *qui annunciaverunt*. «São cordeirinhos, que nos trouxeram novas de incrivel fecundidade.»

Tambem são flores—*Flores nascentis aut renascentis Ecclesiæ*—«flores da Igreja nascente e renascente», regadas pelo sangue do Cordeiro immaculado, que principiam a desabrochar entre esta nação de barbaros, flores mensageiras, que noticiam bonita colheita, e grande abundancia de fructos na Igreja de Deos.

São flores e fructos tambem. *Et flores mei*, diz o Livro da Sabedoria, *fructus honoris et honestitatis* «minhas flores

são os fructos da honra e da honestidade,» são fructos da graça de Deos, fructos da incansavel vigilancia dos Anjos, fructos da singular piedade e da ardente devoção de Suas Magestades Christianissimas, inspirada pela ineffavel Providencia de Deos para procurar converter estas nações barbaras e crueis.

Modo venerunt ad fontes. Foi nessa hora e nesse tempo predestinado pela eternidade, que elles vieram ás fontes baptismaes.

Não são fontes naturaes que, segundo dizem, accendem fachos apagados, ennegrecem os cordeiros brancos, e dão a vida a certos animaes, que, como mortos, nellas são mergulhados.

São porem fontes espirituaes, fontes vivas, agoas regeneradoras, ondas purificantes, como canta a Igreja—*Fons vivus, aqua regenerans, unda purificans.*

Foi nestas aguas baptimaes, que estes Canibaes e Antropophagos, mortos pelo paganismo, recobraram a vida da graça.

Foi nellas, que esses cordeirinhos, ennegrecidos pelo peccado, ficaram alvissimos.

Foi nellas finalmente, que estes fachos apagados pelo sopro da infidelidade, se reaccenderam. *Accedite ad eum*, diz o Propheta, *et illuminamini.*

Aproximaram-se a Jesus Christo por meio de sua conversão, vieram a estas aguas regeneradoras e purificadoras, e foram illuminadas pela graça de Deos.

Et repleti sunt claritate «Encheram-se de claridade,» *in conspectu agni amicti stolis albis,* na presença do Cordeiro immaculado, o Filho de Deos, revestidos interiormente com o bonito manto da innocencia baptismal de suas almas, e exteriormente com um bonito vestido de tafetá branco, com um lindo cinto de setim branco, enriquecido com uma cruz de prata.

Et palmæ in manibus eorum: não era a palma que se traz na mão, e sim a palma da sanctificação, e a palma da victoria, e na verdade não sahiam elles do peccado e de uma vida tão má, triumphando do Diabo?

Depois de tudo acabado, *Itapacu,* (nome anterior ao baptismo) o mais velho dos tres, agradeceu humildemente a Sua Magestade a honra e o beneficio, que tinham recebido sendo feitos filhos de Deos, pedindo respeitosamente que prodigalisasse os mesmos favores aos seus compatriotas.

Respondeo-lhe a Rainha, que orassem a Deos pelo Rei, seu filho, e por ella, e que delles cuidaria especialmente promettendo-lhe todo o auxilio possivel.

Em seguida ajoelharam-se Suas Magestades, entuou-se em acção de graças *Te Deum laudamus,* e no fim deitou a benção o Sr. Bispo de Paris.

CAPITULO LX

Como depois do baptismo e da confirmação foram levados em procissão estes tres Indios.

Logo que se alistaram na Igreja estas almas tão bellicosas no Mundo, não era de rasão guiar e encaminhar ao serviço de Deos a generosa coragem, que elles tinham empregado no serviço do Diabo, principiando a demonstrar por actos exteriores a affeição e o desejo que nutriam interiormente de seguir a Cruz?

Por isso, logo depois do baptismo, sahimos em procissão, levando um dos nossos a Cruz adiante, e nós a seguimos cantando as ladainhas da Virgem.

O Eunuco da Ethiopia não seria baptisado por S. Felippe, si não fosse alegre pelo seo caminho. *Ibat per viam suam gaudens.*

O verdadeiro caminho destes novos regenerados não era seguir d'ora em diante Aquelle, que é o caminho, a verdade, e a vida? Assim seguiram elles alegres e contentes nesta procissão christã, com suas vestes de tafetá branco, com seo cinto de setim branco, com seos bonitos chapeos de diversas flores, empunhando um ramo de lyrio no meio de varias flores de differentes matizes, sendo cada um conduzido por um de nossos Padres, revestido de alva como quando foram para o baptismo.

Como as Religiosas da Paixão, da Ordem de Santa Clara, visinhas do nosso Convento, tinham com singular devoção, durante nossa viagem e nossos trabalhos, feito suas orações e promessas a Deos para favorecer-nos em tão santa empresa, qual a conversão destas nações tão crueis, julgamos acertado levar a procissão á sua Igreja, tanto por devoção ao lugar, como para mostrar os fructos das santas e fervorosas orações das Religiosas, e especialmente para offerecer a Deos, nesta Igreja de Santa Clara, as primicias desta nação em acção de graças, primicias e primeiras arrhas da fé, que aprouve a Deos dar-nos por meio do Santo Sacrificio da Missa, que lhe foi offerecido, no meio desses barbaros, pela primeira vez, no dia da festa desta gloriosa Virgem.

Apenas chegamos a esta Igreja principiaram as Religiosas a cantar o *Te-Deum Laudamus,* e outras orações no fim.

Abriram depois o locutorio, e chegando perto d'elle os Indios ficaram admirados e contentes vendo a devoção, a piedade e a mortificação das Religiosas, e estas tambem satisfeitas á vista destas almas em estado de innocencia baptismal, ainda ha pouco escravas obedientes á Satanaz.

Não se cançavam ellas de admirar a soberana vontade de Deos por descubrir meios efficazes de chamal-os á fé.

Regressamos na mesma ordem ao nosso Convento, todos dando graças a Deos por ter juntado estes tres barbaros ao numero de seos filhos.

Depois de oito dias para dar á estes neophitos á fé de seo Mestre, *non in occulto,* como os Judeos, e sim publicamente, o Sr. Bispo de Pariz por muito occupado com varios negocios rogou ao Sr. Bispo de Auxerre, para em seo lugar, administrar-lhes o Sacramento da Confirmação, o que foi julgado muito bom tanto para que elles os destinguissem um do outro, como para que levassem o nome da Rainha a ***Maranhão*** dando á todos tres novos nomes.

O primeiro foi chamado Luiz Maria, o segundo Luiz Henrique, e o terceiro Luiz de São João, em memoria do grande beneficio, por elles recebido no dia do glorioso Percursor.

Deos lhes permitta imitar seos Protectores, e vêr antes de sua morte a fé de Jesus Christo, felizmente plantada em sua patria para que não tenham mais, á maneira de vinhas selvagens, *Itapacu, Uaroyio,* e outros nomes barbaros, e sim *Luizes, Marias,* e outros nomes de Apostolos e Martyres de Jesus Christo.

CAPITULO LXI

Como Deos visitou estes tres Indios depois de baptisados.

A afflicção e o castigo são mui necessarios aos filhos de Deos, visto que se houver um em continua prosperidade e livre de toda a punição, é adultero (diz a Escriptura) e não filho de Deos.

Deos procede para com os seos nem mais nem menos como um bom Pae para com seos filhos.

Qual é o filho (diz o Apostolo) que seo Pae não castiga? Assim tambem Deos castiga a quem ama, e flagella a quem recebe—*Quem diligit Dominus castigat: flagellat autem omnem filium quem recipit.*

Querendo Deos mostrar o seo amor para com estes tres Indios, seos verdadeiros filhos, logo depois de receberem o Sacramento da Confirmação, deo-lhes molestias graves.

Como porem vivifica os que mortifica, e levanta os que humilha, bem depressa demonstrou o cuidado particular, que por elles tinha.

Entre outras provas citaremos esta.

Achava-se Luiz de São João tão enfermo á ponto de não terem mais esperanças de salval-o os Medicos então mais celebres.

Quando todos pensavam que morreria, curou-se milagrosamente por intercessão da gloriosa Virgem Maria.

Achando-se os dois já livres de seos males por graça de Deos, quiz ainda que passasse por outra prova Luiz Maria, o mais velho.

Ainda na cama, porem bem acordado, pelas 7 horas da manhã appareceo-lhe o diabo sob apparencia de um homem de boas maneiras, abrio a porta de seo quarto e entrou.

Trazia na mão uma garrafa cheia de certo liquido, que parecia negro: intitulou-se Deos, disse que tinha vindo para baptisal-o, e que se ajoelhasse.

Deos porem que não consente, que sejam os seos tentados alem de suas forças, inspirou a Luiz Maria para responder a este tentador (na incertesa de ser o diabo) que já tinha sido baptisado pelos Padres que lhe ensinavam não haver mais do que um só e unico baptismo, que a agoa, com que o baptisaram, era limpida e clara, e não suja e negra como a que estava na garrafa, pelo que não cria que elle fosse Deos, e sim um embusteiro, e persignando-se desappareceo o diabo immediatamente.

Pouco depois abrio outra vez a porta e appareceo na figura de outro homem trazendo certas drogas medicinaes para cural-o, segundo disse.

Respondeo immediatamente, que os Padres cuidavam delle, e de tudo quanto precisava, e que tinha por costume não tomar coisa alguma sem ordem d'elles, ou sem elles lhe darem.

Desappareceo este espectro, e pela terceira vez regressou o espirito maligno ao quarto e com grande furia, muito similhante a um Centauro com forma humana até a cintura, e da cintura para baixo á um cão, e com uma espada desembainhada na mão lhe disse—que tinha vindo para cural-o afim de regressar breve para a sua terra.

Com muito terror reconheceu então Luiz Maria que era o diabo, porem fortalecido e inanimado pela graça recebida de Deos no Sacramento da Confirmação, elle lhe disse que era muito temerario em entrar na casa dos Padres, e que assim se retirasse.

Então o diabo fingio agarral-o e feril-o com sua espada, pelo que principiou a gritar Luiz Maria, e inspirado por Deos, fez o signal da Cruz, e retirou-se o diabo com tanto barulho como se uma carróça rodasse pelo quarto.

Ouvindo seu companheiro Luiz Henrique, n'outro quarto, essas palavras e o barulho, correu aonde estava Luiz Maria para indagar o que era, e nos veio chamar a toda a pressa.

Correndo á presença de Luiz Maria elle nos contou tudo quanto ja disse, e a consolação que tivera vendo-se favorecido por Deos nesta tentação do espirito maligno.

CAPITULO LXII

De outro Indio chamado Pyrauaua, baptisado na nossa Igreja com o nome de Luiz Francisco.

O renascimento da Igreja é mui diverso do nascimento do Mundo.

Os que nascem no Mundo são differentes uns dos outros, quer em sexos, quer na paternidade.

Os que nascem na Igreja,—*Quos aut sexus in corpore, aut œtas discernit in tempore, omnes in unam parit gratia mater infantiam* «seja homem ou mulher, pobre ou rico, livre ou escravo (si não ha algum embaraço de sua parte) são todos salvados pela graça, e feitos da mesma maneira filhos de Deos.»

Ficou ainda um Indio por baptisar, chamado *Pyrąwua*, da nação *Tapuy*, com perto de 12 annos de idade, escravo na Ilha do Maranhão quando la chegamos, e por tanto não veio como os outros.

Com tudo isto, foi tal a devoção de Suas Magestades, que tomaram particular cuidado por este rapaz, mandando-o todos os dias á nossa presença afim de ser instruido para um dia achar-se, como os outros, em estado de receber as mesmas graças, e ser filho de Deos pelo baptismo.

Incumbiram Suas Magestades este encargo á Senhora de Suuré, na certeza de que o acceitaria como uma honra.

Na verdade esta nobilissima e interessantissima Senhora desejando corresponder aos piedosos desejos de Suas Magestades, convidou o Sr. Marquez de Courtenuault, seo filho, para Padrinho, sendo ella a Madrinha desse Indio, que baptisei publicamente em nossa Igreja, no domingo 15 de septembro, observando-se todas as ceremonias e solemnidades já descriptas, recebendo elle o nome de Luiz.

Admiraram todos os actos exteriores deste Indio, pelos quaes revelou qual o amor que em sua alma dedicava a Deos.

Durante a ceremonia esteve sempre olhando para o Santissimo Sacramento, especialmente quando recitou o *Pater Noster*, a *Ave Maria*, e o *Credo*, em voz alta e na sua linguagem.

Quando, no fim, se cantou o *Te-Deum laudamus*, elle levantou os olhos para o Ceo, e os conservou assim com tal firmesa, que admirou os nossos Padres por sua especial devoção.

Oito dias depois do seu baptismo o Bispo de Renes, lhe deo o Sacramento da Confirmação na nossa Igreja, onde dignou-se comparecer a Senhora de Suure, e dar-lhe o sobrenome de Francisco.

Com a graça que obteve de ser filho de Deos, tambem adquirio a de ficar d'ahi em diante empregado no serviço do Rei.

Eis teus fructos, ó Igreja de Deos, admiravelmente fecunda.

Tu és a unica Mãe verdadeira, a unica Mãe fecunda na criação de filhos espirituaes para Deos, favor universalmente negado á todas as Madrastas, e a todas as herezias, e pelas quaes não quiz Deos ser conhecido, e nem por meio de predicas, entre os infieis, como tambem não o quiz ser entre os Judeos pelo orgão do diabo, que desejando em alta voz

apregoal-o como Filho de Deos, elle não o consentio de maneira alguma.

Se te affligisse pela perda de alguns dos teus filhos desta antiga França, motivada pela heresia, que consolação não sentirias agora com a feliz noticia da conversão destes novos filhos, gerados na nova França equinoccial? *Exurge Hierusalem, et sta in excelso: et circumspice ad Orientem, et vide collectos filios tuos ab Oriente, sole usque ad Occidentem, in verbo sancti gaudentes Dei memoria.* «Levanta-te Jerusalem, põe-te em pé, e olha em roda de ti para o Oriente. Olha teus filhos reunidos desde o Oriente até o Occidente, chama-os, e sugeita-os ás tuas leis como filhos muito obedientes. Tu os verás alegres e satisfeitos do que lhes annunciardes pela santa palavra do Evangelho, e se lembrarem de Deos, seo Creador, ha tão longo tempo esquecido pelos seus Predecessores.

Outr'ora tres fieis mensageiros do Ceo predisseram e prometteram a Abrahão e Sara sua fecundidade futura e a sua multiplicação entre um povo grande e copioso.

Eis, ó cara Esposa de Jesus Christo, e vós ó Soberano Pastor da Igreja, que occupaes o lugar de São Pedro, e tendes o nome de São Paulo, eis o que nossa Religião vos offerece, e que eu vos offereço com a nosaa Religião, tres filhos da nação dos Canibaes e Antropophagos, não mais Canibaes e Antropophagos porem tres filhos do Ceo, tres mensageiros, ou antes tres arrhas e penhores, como segurança da innumeravel multiplicação de fieis n'estas regiões fecundas e ferosés.

Lembra-te pois, ó cara esposa de Deos, e vós tambem ó Soberano Pontifice de sua Igreja, de tão feliz exito, vós ó nobilissima França, que n'isto serviste de instrumento á Deos, regosija-te por teos eternos merecimentos, pelas honras perpetuas, e pelos proveitos temporaes, que disto resultam.

Tudo se deve, depois de Deos, á Suas Magestades Christianissimas.

Sobre tudo, ó Celeste Jerusalem, espiritos celestes, que viveis triumphantes lá em cima com o Rei dos Reis, que fazeis tão grande festa, e que tanto vos regosijaes pela conversão de um pobre peccador somente, que alegria sentis pela conversão de tantas almas ?

Tão alegre, como nunca pensei, tão alegre como estaes, representaste-me em espirito estas tres bellas almas, que depois de lavadas no sangue do Cordeiro immaculado pelo Sacramento do baptismo (como já referi) partiram felizmente deste Mundo para nos assegurar junto á vós o cumprimento das promessas do dito Propheta dizendo *Adduxit illos Dominus ad me portatos in honorem sicut filios regni*—Deos me os trouxe honrosa e triumphantemente como filhos de seu Reino.

O triumphante Jerusalem ! Creio o que dizeis, e creio com veras, que *Duxit eos Deus Israel in jucunditate, in lumine magestatis suæ cum misericordia et justitia, quæ est ex ipso*—Deos de Israel, vós os trouxestes com alegria, com a luz gloriosa de Sua Magestade á misericordia e justiça por graça e favor singular de sua divina bondade.

E que coração gelado não se aqueceria com tão santa e alegre emulação, com tão pungente e salutar temor, vendo estas pedras, estes corações barbaros, crueis e duros como rochêdos, estas almas rebeldes, peccadoras, cheias de toda a sorte de crueldade e de peccados, convertidas em filhos de Abrahão ?

Não vos parece, que Deos nos deixasse tres no Mundo, vivos na fé e na inteira submissão á Santa Igreja, e tenha levado outros tres para o Ceo, para que a antiga piedade da França gerando para Deos a piedade desta nova França, por

tão santa Antipelargia, venha por meio della ser renovada aquella ?

Óh ! Nós nos julgaremos felizes, e por bem empregadas nossas fadigas, se estas concepções do nosso entendimento, que tão ardentemente abrasam e inflamam nossos affectos, sejam um dia bem succedidas n'uma e n'outra França.

Laus Deo, Virgini Matri, et Seraphico
Patri nostro Francisco.

FIM DA HISTORIA.

AO LEITOR.

Depois do nosso regresso da Ilha do Maranhão, o Rvd. Padre Honorato de Pariz, Provincial da nossa Ordem nessa Provincia, e Commissario Geral da nossa Missão nas Indias Occidentaes, recebeo algumas cartas e noticias de nossos Padres, que lá tinham ficado, e achou bom que d'ellas se fizesse um extracto relativamente só aquillo, que se não soubesse.

Como ellas sejam dignas de ser lidas, aqui junto, como remate desta obra, e por sua ordem, o dito extracto com as copias de outras cartas para satisfação e edificação do Leitor.

Extracto das cartas do Revd. Padre Ivo, dirigidas ao Revd. padre Provincial da Provincia de Pariz.

Reverendo Padre em Nosso Senhor, Paz e salvação.— Aproveitando-me da occasião, que me offerecem dois navios de Dieppe, que desta Ilha do Maranhão regressam á França,

julguei de meo dever, para animar os Francezes e especialmente a Rainha pelo lado temporal, e os nossos Padres pelo espiritual, dizer-vos o que se passa por aqui como já fiz na carta, que escrevi á Sua Magestade, porem com brevidade para não vos causar tedio, referindo-me quanto ao mais ao que já vos escrevi.

Depois da partida do Padre Claudio as coisas vão indo sempre á melhor, como já vos informei.

Quanto ao temporal, todos os dias descobrem-se novas riquezas e mercadorias, que serão descriptas por quem tiver essa incumbencia.

O Fórte de São Luiz presentemente está inconquistavel, e não temeria uma armada real, si ella podesse cá vir.

Os selvagens cada vez tem mais affeição aos Francezes, e estes os fazem mais valentes do que nunca.

Quanto aos visinhos, que por aqui se podiam temer, isto é, os Portuguezes, os Hespanhoes, e Inglezes, elles os aborrecem de tal forma, que antes queriam ir de cabeça baixa para o inferno do que receber o Christianismo das mãos delles, embora o desejassem muito, como depois direi.

Este procedimento obriga muito a Sua Magestade e a toda a França á soccorrel-os, visto que depois de Deos depende d'ellas a sua salvação.

Deixando as coisas temporaes e os seos progressos, vamos tratar das espirituaes.

Vão muito bem, e si podessemos baptisar todos os que nos pedem com instancia o baptismo, já teriamos baptisado mais de trinta, ou de cem mil pessoas, e custa-nos muito fazer-lhes perceber a causa de nos recusarmos a isto.

Desculpo-me com o pequeno numero de Padres, que somos, e dou-lhes esperanças para a chegada dos nossos Padres, e entretanto procuro cathequisal-os, e fazel-os perceber e admirar os misterios do Christianismo.

Baptisamos porem os que estão em perigo de vida, e que pedem esse Sacramento, e os pequenos, que nos são apresentados por seos Paes, e são padrinhos os Francezes.

Temos baptisado tambem algumas pessoas de particular vocação, como seja, um dos Principaes de *Tapuytapera*, que achando-se n'um domingo na missa dos Cathecumenos (a elles permettida) quando eu deitava agoa benta cahio uma gota sobre elle, e penetrou-lhe de tal maneira a alma, que percebeo claramente ser necessario o Christianismo para salvar-se, e desejando ardentemente ser Christão, desde essa hora, de dia e de noite não pensou n'outra coisa, como depois disse.

Sem dizer palavra regressou da Ilha para a terra firme, adoeceo com grande diarrhea, e por muitas noites pareceo-lhe vêr o Ceo aberto, e os *Caraybas*, Padres ou Prophetas (assim chamam elles os Religiosos) lá entrando, e uma voz dizer-lhe—«Si queres salvar-te, é necessario que te laves com a agoa com que foste aspergido na missa.»

Mandou um homem á Ilha para levar esta agoa, e trouxe elle um pouco de algodão para tapar a vasilha afim de não perder-se pelo caminho.

Atravessou o portador duas ou tres legoas de mar, e nos contou o que deixamos dito.

Mandei visital-o por um de nossos Padres, que levou ordem de baptisal-o si o achasse em perigo de vida, e no caso contrario mandei prometter-lhe, que em breve lá iria baptisal-o.

Ficou tão contente, que nessa mesma hora embarcou-se n'uma canôa, atravessou o mar, e veio pedir-me o baptismo para me poupar o trabalho de ir lá.

Expuz-lhe as crenças christans, e elle com facilidade as percebeo.

Disse-lhe ser necessario, quando ficasse bom abandonar tantas mulheres como elle tinha, no que concordou, escolhendo uma, e despedindo as outras.

No dia da Santissima Trindade baptisei-o com o nome de Martinho Francisco.

Acha-se actualmente curado, e presta serviços de Evangelista, e cathequisou sua mulher e filhos para baptisal-os.

Um criminoso condemnado pelos Indios a ser amarrado na bocca de uma peça de artilharia, pedio com muita instancia o baptismo, foi baptisado, e com alegria caminhou para o supplicio, como se fosse para o Paraiso, dizendo em altas voses, que ia para onde estavam os Filhos de Deos.

Achando-se presente o Principal de Juniparão, antes de deitar fogo á peça, fez uma bonita falla relativamente á felicidade desse desgraçado, e da infelicidade dos que não eram baptisados ficando por isso filhos do diabo.

O que mais nos anima na conquista destas almas é que seus feiticeiros, entre elles tão grandes como os santos entre nós, e tão merecedores de fé pois quando elles adoecem os procuram para cural-os só com seu sopro, resultados imaginarios, pedem fervorosamente o baptismo, com especialidade dois dos mais notaveis, um em *Tapuytapera* e outro de *Commã,* que me vieram procurar para tal fim.

Procuro cathequisal-os esperando pelas ordens de França, porque se Sua Magestade não quer continuar esta Colonia pelo lado do temporal, não poderá a Missão pelo especial progredir por muitos motivos, que vos dirá o Padre Claudio: baptisal-os sem assegurar-lhes exercicios christãos, é pol-os em perigo de serem Apostatas em breve.

Na semana passada aconteceo outro facto maravilhoso.

A nação dos *Tabaiares,* muito inimiga dos Indios do Maranhão, e da qual ahi haviam alguns escravos, foi chamada pelo Sr. commandante Ravardiere para fazer pazes, e para

melhor conseguir este fim mandou seus companheiros, aqui escravos, com Francezes para informal-a da brandura do governo francez, e dar-lhes noticia da vinda dos Prophetas para fazel-os filhos de Deos, se quizessem renunciar o Diabo.

Mandou ella embaixadores para reconhecer bem a verdade, e vendo elles o que se passava entre nós no seu regresso taes coisas contaram, que pacificou-se essa nação, uniram-se aos Indios do Maranhão, abandonaram suas habitações, distantes d'aqui bem 150 leguas, só para virem morar com Francezes e serem christãos apezar da belleza de sua terra, uma das mais bonitas do Mundo, e no momento de o deixarem, ordenaram que não os seguissem os que não desejavam obedecer aos Prophetas.

Antes de partir plantaram a Cruz defronte de suas cabanas, como tinham visto os embaixadores na Ilha como testemunho dos seos desejos de serem filhos de Deos.

Deram tambem noticia de outra grande Nação na ribeira do rio Pinaré, não longe d'aqui, e por isso ha esperança de se ir em procura della.

O Sr. de la Ravardiere foi com alguns francezes e Indios vêr os Amazonas, longe d'aqui 80 leguas, para convidal-os a prestar homenagem á Suas Magestades.

Não vejo difficuldade alguma na conquista espiritual e temporal desta grande terra, que tem bem 1:200 legoas, poucas occupadas por Portuguezes e Hespanhoes, e sem a menor comparação com as que habitam os Francezes, unicos que tem mais meios de chamal-os ao conhecimento de Deos.

Á vós pertence, Rvd. Padre, empenhar-vos com Sua Magestades e com todas as pessoas em posição de ajudar tão bella empresa, para que envidem exforços nesse sentido, lembrando-lhes tão grande numero de almas, semelhantes á

criminosos condemnados á morte eterna, se não forem salvas por suas intervenções.

Esperamos com ardente anhelo a vinda dos que nos promettestes para ajudar-nos.

Recommendo-me as vossas santas orações, de que muito nós todos precisamos n'esta terra.

Ainda que não sejam necessarios martyres de sangue para aqui plantar-se a fé, comtudo são precisos martyres de paciencia.

Rogarei a Deos para encher-vos de suas graças, para bem desempenhardes este e outros deveres inherentes á vosso cargo.

Sou, Reverendo Padre,

Vosso humillissimo e obedientissimo servo
em Nosso Senhor,
Frei *Ivo d'Evreux*, Capuchinho.

Ilha do Maranhão 15 de julho de 1613.

Recebida em Paris á 17 de outubro de 1613.

Copia da Carta do Rvd. padre Arsenio, escripta ao Rvd. padre Arcangelo de Pembroc, pregador da Ordem dos padres Capuchinhos da Provincia de Pariz.

In vulneribus Christi salus humilis

Meo Reverendo e carissimo Padre.—Julgar-me-hia sempre criminoso, se perdesse uma occasião de dar noticias desta terra a vós, tão empenhado no bom exito desta santa missão.

Já que esboçastes a obra, continuaes a trabalhar na sua perfeição.

Graças á Deos a Colonia vae se fundando muito bem.

Nestes ultimos dias uma grande nação de *Tabaiares*, e sempre em guerra com outras tribus, e até mesmo com as da Ilha do Maranhão se pacificaram, e abandonaram suas residencias, d'aqui distantes 120 a 140 leguas, e vieram residir parte nesta Ilha com os Francezes e parte n'outra Ilha bem perto, pois lá se pode ir em duas horas, chamada *Tabucuru*.

Deseja muito receber instrucção, e dizem ja de ha muito tempo, que as almas dos seus antepassados vão para onde estão os Diabos, e que ja é tempo de irem elles para o paraiso.

Continua este povo firme na ideia de se fazer christão, e só faltam obreiros para isto.

Preparou-se muito bom tabaco n'esta Ilha, mas em pequena quantidade porque houve pouca chuva no tempo do inverno, o que admirou até os proprios selvagens. Espera-se porem grande colheita deste genero no anno vindouro, e se n'esta Ilha é tão bom—melhor será na terra firme, pois é muito boa e propria para tabaco, canna de assucar e tudo o mais que se queira cultivar.

Os que tem ido visitar os *Tabaiares* ficam admirados das boas terras por elles occupadas, e elogiam-nas o mais que podem.

Temos esperança que, no regresso do Sr. de Rasilly, poderemos dispensar, excepto o vinho, todos os viveres vindos de França por serem melhores os d'aqui.

Quanto ao vinho espero ainda que, visto o cultivo aqui do tabaco e ser tão bom como o da Ilha da Trindade, si os Hespanhoes desprezarem a plantação, que delle faziam na referida Ilha, todos os navios, que vão levar a Canarias vi-

nhos, farinhas de fermento e outros generos virão aqui fazer o mesmo negocio.

Temos, entre outras muitas cousas grande abundancia de peixes-bois, cuja carne muito se assimelha a de veado, pois um dia nos enganaram e nós pensavamos comer desta quando na realidade comiamos d'aquella carne.

Temos tambem excellentes melões por todo o anno e em qualquer estação—pepinos, rabanetes da grossura de um braço, beldroegas, e ainda podemos ter toda a qualidade de ervas e de legumes em todo o tempo, comtanto que de França nos mandem boas sementes, bem guardadas em garrafas e bem tapadas. É isto, meu estimadissimo Padre, o que vos posso mandar dizer nesta occasião.

Peço-vos com instancia a remessa de novos Padres, e recommendo-me mil vezes á vossas santas orações, e de todos os Frades da Provincia.

Serei sempre de

Vossa Reverendissima
humillissimo filho e dedicadissimo discipulo,
Frei *Arsenio de Pariz,* Capuchinho.

Da Nova França Equinoccial em Maranhão 15 de Junho de 1613.

Copia da carta do Sr. de Pezieu, dirigida ao Rvd. padre Archangelo, Definidor da Ordem dos Padres Capuchinhos da Provincia de Pariz.

Reverendo Padre.—Si, pelo cuidado, perseverança e solicitude na vossa Ordem, dirigistes com santo zelo a fundação desta Colonia, mais do que nunca tendes agora o dever

de fortalecer os seus alicerces, tanto pelo credito, que gozaes na provincia, como pela facilidade que tendes de ser ouvido pelas principaes pessoas de França, mormente tractando-se de uma causa justa, que por si mesma se recommenda, e anima não só os servos de Deos a abraçal-a com ardor, mais ainda todas as pessoas do Estado e do Mundo, que desejam vêr augmentadas a grandeza do Rei, o nome de sua patria, o bem e a honra particular.

Podeis informar-vos dos Padres, que d'aqui foram, si não são bem fundadas as esperanças, que se nutrem a respeito do seu futuro estado temporal e espiritual.

Seria injustiça minha si eu dissesse alguma cousa em continuação ao que já muito bem se informou sobre as necessidades da terra.

Contento-me apenas em dizer, que não perdem tempo e nem occasião os que trabalham para ter tudo prompto quando chegarem os padres.

Não pôde o Padre Ivo deixar o *Forte* já para não interromper as continuas exhortações, que nos faz, e já para satisfazer a curiosidade dos selvagens da Ilha e da terra firme, que ahi vão levados pela curiosidade de ouvil-o fallar de Deos e da nossa Religião, e afinal lhe pedem o baptismo.

Elle não pode cuidar n'outra coisa.

O Padre Arsenio está vivendo em companhia de todos, trabalha o que pode e com proveito.

Louvam muito o procedimento do Sr. de la Ravardiere, quér em relação as nossas crenças, quer no que diz respeito a elles em particular.

Sou disto fiel testemunha, para minha vergonha, receiando que um dia se não queixassem de mim por não ter cuidado de suas pequenas necessidades antes e durante sua ausencia.

Si isto acontecer, certo da sua caridade attribuirão elles antes á minha pobresa do que á minha má vontade, e nos ajudaremos reciprocamente, procurando, o quanto fôr possivel, melhorar esse estado afim de serem mais bem recebidos os que vierem na segunda viagem.

Esperamos, que os soccorros que ahi prestareis ao Sr. de Rasilly virão acompanhados de todos os meios proprios a aperfeiçoar tão generosa empresa, o que sem duvida será approvado pela autoridade e liberalidade de Suas Magestades, e a isto os obriga a escolha dos Tupinambás, isto é, de não receberem senão o dominio da nação francesa, preferindo antes morrer na sua primitiva brutalidade.

Quando outra coisa não fizessemos senão tirar-lhes a vingança de se comerem uns aos outros, esta só já não era pouca.

Praza a Deos dar-me a graça de conservar tudo em bom estado até chegarem as providencias dos ditos Srs., e permittir-me poder mostrar a todos os nossos Revd.^{s} Padres o quanto de coração desejo vêr florescente a nossa Ordem para o que estou resolvido a não poupar nem a minha vida.

Dae-me a honra de dizer a elles isto mesmo.

Confesso-me ser

Reverendo Padre

o mais humilde de vossos servos

Luiz de Pezieu.

Maranhão, no Forte de S. Luiz 2 de Julho de 1613.

Copia da carta do Sr. de Pezieu dirigida ao Revd. Padre Claudio de Abbeville, da Ordem dos Padres Capuchinhos da Provincia de Pariz.

Meo Padre.—Eu vos desejo todos os consolos na continuação de vosso negocio por lá.

Estou certo que sereis informado pelos nossos Padres, depois que d'aqui partistes, do nosso estado actual e das esperanças no futuro, e em tudo observareis o cuidado que tem o Senhor tanto do nosso pequeno rebanho, bom, pacifico, e intelligente, como no desejo de inspirar estes povos tão barbaros a instruirem-se quando aqui chegardes com grande numero de Padres.

Esta é tambem a particular vontade dos principaes Pagés de *Commã* e *Tapuytapera.*

O que actualmente podem fazer os Padres é nutril-os na esperança, e fazel-os conhecer a grandeza e bondade de Deos, o beneficio de serem christãos, a necessidade da instrucção para serem baptisados, de darem este sacramento a seos filhos, e aos que, homens e mulheres, pedem-no em artigo de morte, e aos moribundos ardendo em taes desejos.

São poucos Padres para tanto trabalho.

O padre Ivo não pode abandonar o *Forte,* hoje mais do que nunca, pois ahi se recolheram todos os Francezes depois da partida do Sr. de la Ravardiere.

Prega nos domingos e dias de festas, depois que recobrou sua saude, com grande satisfação nossa.

O padre Arsenio trabalha o qué pode em Juniparan e suas visinhanças, já aprendeo a lingua indigena, e para satisfazer pedidos vae a *Tapuytapera* contentar aquellas gentes, e animar os novos christãos. São os nossos melhores amigos, e que mais nos hão ajudado com farinhas, bons discursos entre os seus para nos dar mais força, e por isso bem merecem tal gratificação.

Só por isso avaliareis a occupação dos ditos Padres. Elles vos informarão do desejo dos *Tabaiares* de se fazerem christãos, e de uma grande nação moradora no Pinaré, que tem igual vontade.

A salvação de tantas almas enriquece o nome francez com despojos muito lindos, assim não sejam elles despresados!

Permitta Deos que Suas Magestades protejam o zelo de vossa Ordem para tão santa obra com liberalidade, pois sem ella nada se fará, como bem podeis prevêr sem estender-me mais.

Descançamos e esperamos muito no conhecimento, que tendes do que necessita este lugar, quer no temporal, quer no espiritual, da vossa dedicação á tão justa causa, que julgamos já ganha por estar em vossas mãos e na do Snr. de Rasilly.

Muitas vezes comparo os vossos e os nossos trabalhos, e vejo que a fadiga de edificar com madeira e barro não é tão pesada e penosa, como os cuidados de espirito, que tendes.

Temos nós a vantagem de soffrer só no corpo.

Depois da vossa partida tem havido boa união entre os Padres, o Sr. de la Ravardiere e nós outros: vivemos todos tranquillos e quasi com a mesma vontade, e por isso damos louvores ao dito Sr., pois si os Padres se tem exforçado em respeital-o e honral-o, elle tem de sua parte correspondido com igual attenção.

Todos tem imitado o seu procedimento, desde o grande até o pequeno, não se furtando ao trabalho necessario, e nem a continuar o serviço principiado, e tão bons desejos são dignos de futuras recompensas, e eu assim o creio, e commigo muitos de boa fé.

Assim passamos o tempo e tão rapidamente, que quando chega o fim do mez julgamos ainda estar no principio.

Os Snrs. que desejam ir para o Amazonas não o julgam tão rapido.

Estamos em vespera de libertal-os, e eu de prender-me, e julgar-me-hei feliz de dar conta da commissão, de que me incumbiram estes Srs.

Podem ao mesmo tempo ficar certos que empregarei para isso todos os meos cuidados, fadigas, vida, e tudo quanto puder, em Deos espero auxilio e inspiração do que devo fazer.

Creem muitos, apezar d'eu asseverar o contrario, que não voltareis mais.

Vossos Rvds. Padres devem a Deos, a nós, e ás suas consciencias o vosso regresso, e vós á estes pobres Indios, a quem já principiastes a dar tão grande thesouro, e a toda a nossa gente, que muito vos estima, cumprindo assim as promessas, que me fizestes de obedecer aos vossos Superiores.

Tudo isto me faz crer, que só a morte nos privará de regressardes bem disposto e preparado para destruir todo o poder de *Jeropary,* que por certo não terá forças para resistir á tão bella Hierarchia da Igreja, qual seja um bom esquadrão de nossos Padres e uma administração de bellas leis.

Estimo que se realise este meu presentimento, pois tudo aqui está preparado para receber taes beneficios.

Disse uma palavra ao Sr. de Rasilly, relativa a precipitação do seu embarque antes de soccorrer-nos, e disse-lhe que mais valia demoral-o por alguns mezes, si preciso fosse, do que deixar de fazer o que julgasse util em auxilio desta Colonia.

Estou certo, que o Sr. Cavalheiro vos escreverá mais largamente a este respeito; e crêde que elle tem feito tanto quanto nós outros fazemos quando é necessario trabalhar a

braços, ou para melhor dizer, si todos tivessem, como elle, trabalhado, mais adiantado estaria o nosso Forte.

Tivemos e ainda temos alguns enfermos, porem de molestias passageiras.

Si eu não soubesse, que tudo se vos informa do que por aqui passa, eu vos contaria o que por cá tem apparecido depois da vossa partida.

Desta vez somente escrevo ao Reverendo Padre Archangelo, á vós, e ao Sr. de Rasilly.

Recommendo-me a vossas boas orações, e eu guardarei inviolavelmente o nome e a honra de ser de

Meo Padre

Vosso humillissimo servo

Luiz de Pezieu.

Maranhão, no Forte de S. Luiz, 2 de julho de 1613.

ADVERTENCIA.

É bem provavel, que tenham escapado muitos erros, embora o cuidado que tivemos eu e um amigo, na revisão das provas typographicas.

Em vez de uma=*errata*=que ninguem consultaria, preferi pedir aos meos leitores, que fossem corrigindo os erros á proporção da leitura, e desculpando essas faltas, que são de todos os tempos e de todas as typographias, de todos os auctores, e de todos os revisores.

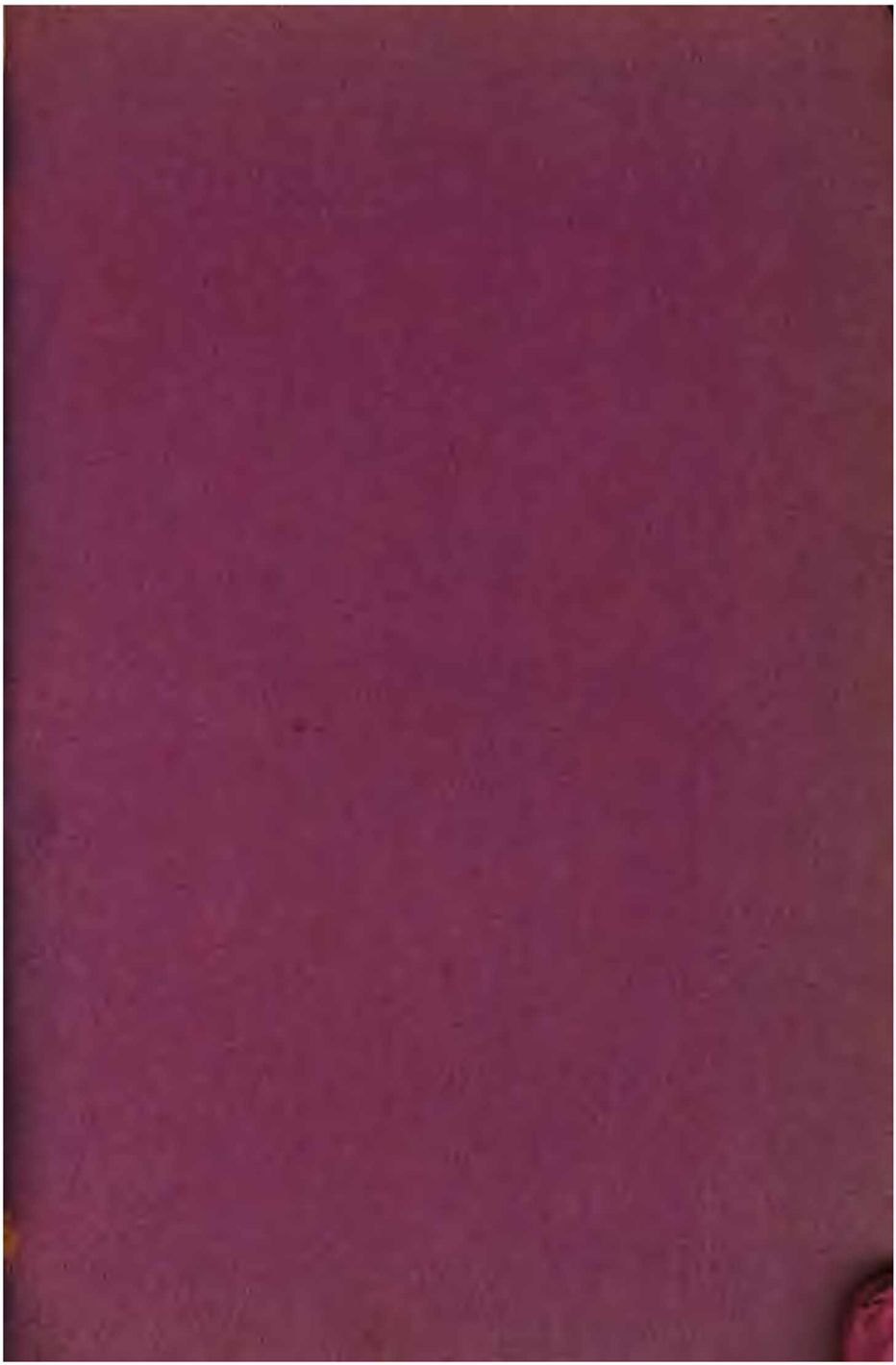
O TRADUCTOR.

INDICE.

Ao Leitor..... I
Prefacio..... I
Capitulo I—Da empreza da viagem ao Maranhão..... 1
Capitulo II—Do nosso embarque e dos tormentos, que soffremos até Inglaterra..... 11
Capitulo III—Como partimos de Inglaterra para continuar nossa viagem e o que nos aconteceo em caminho..... 15
Capitulo IV—Como chegamos sob a linha equinoccial..... 25
Capitulo V—Descripção do Globo, onde se trata da parte celeste, e principalmente da linha equinoccial..... 27
Capitulo VI—Parte elementar. Como o mar com a terra fórma um globo redondo, contido entre os limites por Deos marcados..... 35
Capitulo VII—Do movimento, fluxo o refluxo do mar, e da difficuldade de passar-se a linha equinoccial..... 43
Capitulo VIII—Descripção de Fernando de Noronha, e continuação da nossa viagem até a Ilhazinha..... 49
Capitulo IX—Da chegada a Ilha de Santa Anna, como foi benzida e plantada a Cruz..... 57
Capitulo X—Da nossa entrada na Ilha do Maranhão, e da disposição do Forte..... 61
Capitulo XI—Notavel discurso de Japy-açú, Principal da Ilha do Maranhão, e de algumas perguntas que nos fez.. 71
Capitulo XII—Historia de certo personagem, que se dizia ter descido do Ceo..... 83
Capitulo XIII—Como foi a Cruz plantada em Maranhão, e a terra abençoada..... 93
Capitulo XIV—Dos fructos que deo a Cruz depois de plantada..... 101
Capitulo XV—Da visita, que fizemos ás aldeias da Ilha do Maranhão..... 105
Capitulo XVI—Discurso feito pelo Sr. Des-Vaux aos Indios Tupinambás, na sua reunião geral, as suas respostas, e mais algumas coisas notaveis..... 113
Capitulo XVII—Primeiro ensino da doutrina christã, publicamente, na Ilha do Maranhão..... 119
Capitulo XVIII—Como os Indios edificaram uma capella e plantaram a Cruz em Juniparan, principal aldeia da Ilha do Maranhão..... 127
Capitulo XIX—Do que se passou na nossa visita á Carnaupio, Itapary e Tymbohu..... 133

Capitulo xx—Do nosso regresso a Juniparan, e o que houve de novo..... 139
Capitulo xxi—Morte do Rvd. Padre Ambrosio de Amiens.. 149
Capitulo xxii—Da nossa visita á Maioba e a Cayieup..... 155
Capitulo xxiii—De um Indio velho, baptisado em Cayieup e da sua morte..... 159
Capitulo xxiv—Do que se passou em Eussauap durante a nossa visita..... 169
Capitulo xxv—De um menino miraculosamente tractado pelo baptismo..... 179
Capitulo xxvi—Embaixadas a Tapuytapera e Commã..... 181
Capitulo xxvii—Como se levantaram na Ilha do Maranhão os Estandartes de França..... 185
Capitulo xxviii—Leis fundamentaes estabelecidas na Ilha do Maranhão..... 191
Capitulo xxix—Petição apresentada pelos Francezes ao Sr. de Rasilly..... 197
Capitulo xxx—De uma escrava de Japy-açu encontrada em adulterio..... 199
Capitulo xxxi—Descripção da Ilha do Maranhão..... 205
Capitulo xxxii—Das aldeias existentes na Ilha do Maranhão, e os nomes dos seus Principaes..... 211
Capitulo xxxiii—Aldeias principaes de Tapuytapera..... 217
Capitulo xxxiv—Aldeias principaes de Comma..... 219
Capitulo xxxv—Temperatura do Brazil, e particularmente do Maranhão..... 224
Capitulo xxxvi—Da fertilidade e bondade da Ilha do Maranhão, e outros lugares visinhos no Brazil..... 235
Capitulo xxxvii—Da bellesa da Ilha do Maranhão e da suas circumvisinhanças..... 245
Capitulo xxxviii—Das coisas que ordinariamente se encontram na Ilha do Maranhão, e suas circumvisinhanças, e em primeiro lugar das arvores fructiferas..... 251
Capitulo xxxix—Dos animaes que se encontram na Ilha do Maranhão, e suas circumvisinhanças, e em primeiro lugar dos passaros..... 267
Capitulo xl—Dos peixes que se encontram em Maranhão.. 281
Capitulo xli—Animaes terrestres, que se encontram em Maranhão..... 289
Capitulo xlii—Dos animaes imperfeitos, existentes no Maranhão..... 295
Capitulo xliii—Dos Indios Tupinambás da Ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças e como principiaram a habitar esses lugares..... 301

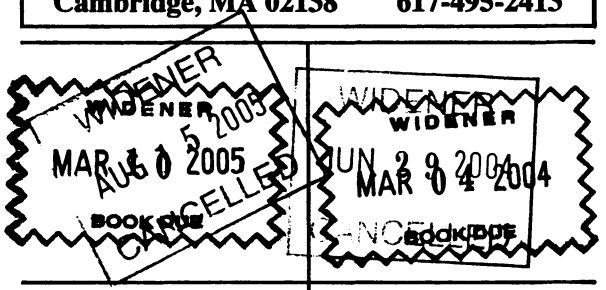
Capitulo XLIV—Da estatura e longevidade dos Indios Tupinambás em Maranhão 305
Capitulo XLV—Da pintura dos Indios, como trazem seus cabellos, e como furam os labios e as orelhas..« 311
Capitulo XLVI—Da nudez dos Indios Tupinambás e dos enfeites, que usam algumas vezes..... 315
Capitulo XLVII—Dos costumes dos Indios Tupinambás, e em primeiro lugar de suas casas e casamentos..... 323
Capitulo XLVIII—Da amisade reciproca dos Maranhenses, e da recepção, que fazem a seus amigos..... 331
Capitulo XLIX—Das vinganças e das guerras do Maranhenses, e das suas crueldades para com os prisioneiros.... 335
Capitulo L—Do modo de proceder e dos exercicios dos Maranhenses 345
Capitulo LI—Do genio e do humor dos Maranhenses..... 359
Capitulo LII—Da crença dos Indios Tupinambás..... 371
Capitulo LIII—Das leis e da Policia dos Indios Tupinambás. 379
Capitulo LIV—Do nosso embarque em Maranhão e da nossa chegada á França..... 381
Capitulo LV—Da nossa chegada ao Havre de Graça..... 385
Capitulo LVI—Da nossa chegada á cidade de Pariz..... 391
Capitulo LVII—Da morte de tres Indios Tupinambás em França..... 899
Capitulo LVIII—Dos tres Indios Tupinambás, que ainda vivem..... 415
Capitulo LIX—Do baptismo destes tres Indios..... 419
Capitulo LX—Como depois do baptismo e da confirmação foram levados em procissão estes tres Indios..... 429
Capitulo LXI—Como Deos visitou estes tres Indios depois de baptisados..... 433
Capitulo LXII—De outro Indio chamado Pyrauaua, baptisado na nossa Igreja com o nome de Luiz Francisco..... 437
Ao leitor..... 443
Extracto das cartas do Revd. Padre Ivo, dirigidas ao Revd. Padre Provincial da Provincia de Pariz..... 443
Copia da carta do Rvd. Padre Arsenio, escripta ao Rvd. Padre Archangelo de Pembroc, Prégador da Ordem dos Padres Capuchinhos da Provincia de Pariz..... 448
Idem da carta do Sr. de Pezieu, dirigida ao Revd. Padre Archangelo, Definidor da Ordem dos Padres Capuchinhos da Provincia de Pariz..... 450
Idem da carta do Sr. de Pazieu dirigida ao Revd. Padre Claudio de Abbeville, da Ordem dos Padres Capuchinhos da Provincia de Pariz..... 453
Advertencia..... 458

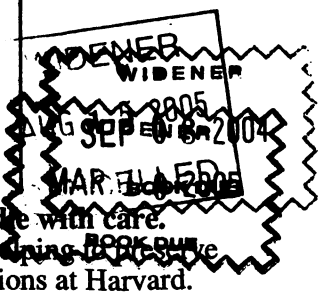


The borrower must return this item on or before the last date stamped below. If another user places a recall for this item, the borrower will be notified of the need for an earlier return.

Non-receipt of overdue notices does ***not*** *exempt the borrower from overdue fines.*

Harvard College Widener Library
Cambridge, MA 02138 617-495-2413





Please handle with care.
Thank you for helping to preserve
library collections at Harvard.